

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC – SP

Ítala Clay de Oliveira Freitas

Tramas Comunicativas da Cultura.
A Dança no Jornalismo Impresso em Manaus (1980-2000)

DOUTORADO EM COMUNICAÇÃO E SEMIÓTICA

SÃO PAULO – 2010

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC – SP

Ítala Clay de Oliveira Freitas

Tramas Comunicativas da Cultura.
A Dança no Jornalismo Impresso em Manaus (1980-2000)

DOUTORADO EM COMUNICAÇÃO E SEMIÓTICA

Tese apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Doutora em Comunicação e Semiótica sob a orientação da Profa. Dra. Christine Greiner

SÃO PAULO – 2010

BANCA EXAMINADORA

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por todos os dias vividos intensamente.

À minha mãe, Dona Ray, pelo carinho e o cuidado, e à minha irmã, Ilana Kayt, pelo incansável auxílio na coleta de dados e recuperação de imagens.

Ao meu querido companheiro, Dhian Frantêsko, por todo o amor compartilhado.

À minha orientadora, Profa. Dra. Christine Greiner, pelo olhar atento, e sua extrema generosidade e afeto.

Às queridas Raquel Marcos e Cleide Martins, vocês são pessoas preciosas e tenho muito orgulho de nossa amizade.

À Sônia Sobral, pela oportunidade de trabalhar com uma equipe de excelência, como a do Programa Rumos Dança.

À Juliana Santos, por sua disponibilidade para o tratamento de imagens.

Às professoras Rosa Hércoles e Helena Katz, por suas relevantes arguições na qualificação da tese.

Aos colegas do Centro de Estudos Orientais, da PUC-SP, pelos momentos de alegria e aprendizagem.

Aos colegas das aulas de Kung Fu da Peng Lai Brasil, por nossos encontros repletos de movimento.

À Dna. Glória, Djenyffer e Cátia, por todo o suporte durante as pesquisas na Biblioteca Pública do Estado do Amazonas.

À todos os professores, alunos, jornalistas, e artistas que colaboraram para a realização deste trabalho.

Ao CNPQ, pelo financiamento da pesquisa.

Mas, o que há, enfim, de tão perigoso no fato de as pessoas falarem e de seus discursos proliferarem indefinidamente ? Onde, afinal, está o perigo?

(A ordem do discurso, Michel Foucault)

RESUMO

Esta tese tem por objetivo apresentar, a partir de uma perspectiva crítica, as relações entre a dança e o jornalismo impresso em Manaus, no período entre 1980 e 2000. O corpus de análise fundamenta-se em uma hemerografia constituída por material proveniente dos jornais: *A Crítica*, *Jornal do Comércio*, *A Notícia* e *Amazonas em Tempo*. A definição do recorte temporal justifica-se pela relevância dos acontecimentos da época, que incluem a consolidação das academias particulares de balé e jazz, o crescimento das atividades de dança nas escolas e nos bairros e alterações significativas nas políticas públicas referentes ao setor artístico. A tese analisa a dança e o jornalismo cultural como elementos constitutivos de uma rede comunicativa complexa. A hipótese principal é a de que a inexistência de um jornalismo cultural reflexivo, investigativo e crítico auxiliou na criação de invisibilidades culturais potencializando os modelos estéticos e epistemológicos hegemônicos através da sua incapacidade de dar visibilidade a novas propostas sinalizadas pelos grupos em atividade. Este jornalismo ideológico isentou-se de um diálogo mais próximo com a dança e seus modos especializados de construção de conhecimento. Para desenvolver a hipótese, a tese trabalha com um conceito de comunicação com ênfase nos processos de mediação, e na construção sócio-cultural e política. Acredita-se que este seja um caminho que ative novos olhares para a cultura manauara. Neste sentido, o aporte teórico foi se construindo durante a leitura de diversos autores, dentre os quais destacam-se Boaventura Santos (2006,2007), Giorgio Agamben (2002,2009), e Jesús Martín-Barbero (2004), Helena Katz e Christine Greiner (2005,2010), além de estudiosos de antropologia e geografia humana da região amazônica, citados pontualmente durante a tese. O resultado esperado é a apresentação da análise de um círculo vicioso, confinado à invisibilidade dentro e fora de Manaus, devido ao trânsito ineficiente de mediações entre o jornalismo cultural manauara e a dança local, e que acabou sendo desdobrado de modo a impedir qualquer transformação social no setor.

Palavras-chave: corpomídia, jornalismo cultural, dança manauara

ABSTRACT

This thesis aims to present, from a critical perspective, the relationship between dance and printed journalism in Manaus, from 1980 to 2000. The corpus of analysis is based on the following newspapers: *A Crítica*, *Jornal do Comércio*, *A Notícia* and *Amazonas em Tempo*. The time lapse has been chosen and defined by the relevance of the events at that time, as they included the strengthening of private schools of ballet and jazz dance, the increase of dance activities at schools and neighborhoods and some significant changes on artistic public policies. The thesis analyses the dance and cultural journalism as constitutive elements of a complex communicative network. The main hypotheses states that the non existence of a reflective, researcher and critical cultural journalism helped to create cultural invisibilities, making the hegemonic aesthetic and epistemological models stronger through its lack of capacity to give visibility to new propositions showed by the actual dance groups. This ideological journalism exempted the creation of a more close conversation with dancing and their specialized ways of constructing knowledge. To develop the hypotheses, the thesis works with the communication concepts that emphasize the process of mediation and the social, cultural and political constructions. It is a belief that this might constitute a path that would activate new readings of manauara culture. In this sense, the contribution of theory has built itself through various readings such as Boaventura Santos (2006,2007), Giorgio Agamben (2002,2009) and Jesús Martín-Barbero (2004), Helena Katz and Christine Greiner (2005,2010), as well as thinkers from the amazonic region on anthropology and human geography, precisely quoted throughout the thesis. The expected result is to present an analysis of a vicious circle, confined to invisibility in and outside Manaus, due to an inefficient traffic of mediations between the manauara cultural journalism and the local dance, that ended up being unfolded, blocking any social transformation on that sector.

Key words: bodymedia, cultural journalism, manauara dance

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
CAPÍTULO 1	
Configurando Mosaicos sobre Cultura e Arte no Amazonas	
1.1 As memórias e suas narrativas.....	13
1.2 Em todas as madrugadas do mundo	19
CAPÍTULO 2	
A Dança em Manaus. Palimpsestos do Jornalismo Impresso.	
2.1 Configurações do jornalismo cultural	29
2.2 Palimpsestos 1: quando surgem os grupos	48
2.3 Palimpsestos 2: algumas leituras provocativas	62
CAPÍTULO 3	
Invisibilidades no Jornalismo Cultural Manauara: conexões entre arte e poder.	
3.1 Dança e jornalismo: trançados comunicativos.....	74
3.2 Visibilidades e invisibilidades no jornalismo cultural.....	80
CONSIDERAÇÕES FINAIS	85
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	88
ANEXO A – Documentação de imagens	96
ANEXO B – Hemerografia	111
ANEXO C – CD/Hemeroteca digital	158

INTRODUÇÃO

Nestes primeiros dez anos do século vinte e um vários acontecimentos marcaram a vida da capital amazonense no que se refere ao setor artístico: a criação de um curso universitário de artes e turismo, a consolidação de corpos estáveis do Teatro Amazonas e a realização de seminários de revisão crítica da cultura. No entanto, a despeito dos otimismo, paira no ar uma sensação de fragilidade cultural, que se corporifica e pode ser compartilhada no exame minucioso das matérias dos jornais locais e na fruição dos espetáculos de dança. Neste quadro pode-se constatar que a dança continua a ser negligenciada enquanto atividade de produção de conhecimento, e o jornalismo cultural continua a ser noticioso, destituindo-se de análises interpretativas e críticas. Esta situação possui referenciais que a precedem historicamente, e parece encontrar elementos explicativos de sua lógica interna em uma trilha de tempo tecida nas tramas comunicativas da cultura manauara, nas últimas décadas do século vinte. O que nos interessa é exatamente esta trilha.

Portanto, o objetivo desta tese é o acompanhamento e a análise dos registros encontrados nos jornais de Manaus no decorrer dos anos de 1980 a 2000, período em que se verifica a criação dos grupos Dançaviva, Nudac, Renascença e Corpo de Dança do Amazonas, a intensa atividade de danças folclóricas nos colégios e bairros, coexistindo com oficinas, cursos, mostras estudantis, espetáculos profissionais de dança moderna e contemporânea, e a consolidação das academias particulares de José Rezende (balé) e Arnaldo Peduto (jazz). Através desses eventos pode-se acompanhar tanto as mudanças referentes às políticas praticadas pelos órgãos públicos quanto as propostas estéticas e políticas dos artistas. É relevante enfatizarmos que, neste percurso, objetiva-se uma proposta diferenciada de abordagem, na qual a dança e o jornalismo impresso não estejam apenas justapostos em uma relação conteúdo/veículo, mas que sejam vistos enquanto elementos constituidores de uma rede comunicativa, que por sua vez também constrói cultura.

Nossa hipótese é a de que a dança em Manaus, no decorrer deste período, foi se auto-engendrando na adoção de modelos estéticos e epistemológicos de efeito paralisante, os quais foram potencializados na inexistência de um jornalismo cultural reflexivo, investigativo e crítico. Este jornalismo se isentou de um diálogo mais próximo com a própria dança e seus modos especializados de construção de conhecimento, propiciando assim o enredamento de um círculo

vicioso, de uma armadilha para qualquer transformação social em que se desejasse trazer à tona as falas silenciadas por ignorância ou argumentação ideológica.

A fim de comprovar esta hipótese, os procedimentos metodológicos consistiram na coleta, análise e interpretação das matérias veiculadas pelos jornais de maior circulação em Manaus, no período de 1980 a 2000, bem como na captação de informações por meio de entrevistas com os diretores, coreógrafos e intérpretes da dança e o acesso a seus arquivos pessoais, com material de registro e divulgação (fotos, programas, cartazes, etc), buscando assim a construção de um conjunto documental de apoio. A coleta de dados foi realizada na Biblioteca Pública do Estado do Amazonas. O rastreamento inicial foi feito no manuseio página a página das edições do jornal “A Crítica”, cobrindo o período de 01 de janeiro de 1980 a 31 de dezembro de 2000 (em todas as editorias). Isto permitiu a construção preliminar de um mapa de ocorrências, que serviu de guia no exame dos outros jornais, em relação a datas e períodos, configurando-se mais detalhadamente com o ingresso do material proveniente do acervo pessoal dos artistas. No que tange às entrevistas, estas foram realizadas e processadas a partir de um conjunto de instruções que se referenciaram em bibliografia especializada sobre documentação e história oral¹.

Neste percurso a fundamentação teórica foi se construindo durante a leitura de diversos autores, dentre os quais o cientista político Boaventura Santos - em seus estudos sobre as formas de produção de não-existência; Giorgio Agamben - em suas proposições acerca dos conceitos de dispositivo e contemporâneo; e Jesús Martín-Barbero - em suas cartografias da comunicação na cultura. Destacam-se ainda as pesquisadoras brasileiras Christine Greiner e Helena Katz - na construção da teoria do corpomídia, e Jussara Setenta - em seu diálogo com a teoria da linguagem do filósofo John Austin, além de estudiosos da região amazônica, e da socióloga Selda Vale, em suas investigações sobre o cinema e o teatro em Manaus.

Três capítulos constituem a tese. Em todos, optei pela investigação dos fatos mediante um conceito de comunicação com ênfase nos processos de mediação, na construção sócio-cultural e na produção de informação qualificada, na esperança de que a leitura das relações entre a dança teatral e a cidade de Manaus - a partir desse percurso - possa oferecer a visibilidade de novas paisagens e, posteriormente, o desdobramento de novos olhares para a cultura manauara. Desta

¹ Obras consultadas com o intuito de fundamentação técnica referente ao processamento da documentação: (ALBERTI, 1989); (SILVA, 1999); (MONTENEGRO, 2003).

forma, o primeiro capítulo busca oferecer uma revisão crítica e interpretativa acerca da produção cultural e artística do Amazonas no decorrer do século XX, ao apresentar pensamentos, sentimentos e movimentos artísticos importantes no exame da cultura manauara. No segundo tem-se o levantamento e a análise das matérias sobre a dança em Manaus, paralelamente à construção de uma proto-historiografia, em que se busca identificar paradigmas e procedimentos, na explicitação da cobertura de espetáculos nacionais e internacionais, nas referências às políticas públicas de ensino e apoio às artes e, na produção artística de dança dos grupos em atividade na época. No terceiro capítulo, busca-se um aprofundamento da discussão sobre esta produção em dança quando o enfoque é a identidade cultural, e o jornalismo impresso abdica de seu papel crítico, auxiliando desta forma na continuidade dos espaços hegemônicos de poder, e na construção de invisibilidades da cultura.

Por fim, é importante que o leitor saiba que existe um aspecto testemunhal nesta tese, na medida em que os questionamentos que motivaram sua feitura procedem de uma convivência que, embora repleta de alegrias, não deixou de ser conflituosa, gerando incômodos, insatisfações e dúvidas sobre a efetiva capacidade de transformação das condições sociais e políticas que nos reduzem muitas vezes a atores passivos da história. As aulas e as conversas nos corredores do curso de graduação em jornalismo, e de especialização em historiografia da Amazônia, na Universidade Federal do Amazonas, bem como as experiências vividas nos grupos Nudac e Renascença e o primeiro emprego na editoria de política no jornal A Crítica (1992), constituíram-se em forças potentes de orientação, assim como as mais recentes atividades de pesquisa desenvolvidas no Programa Rumos Dança Itaú Cultural (1999-2010) e a experiência administrativa da coordenação do curso de dança da Universidade do Estado do Amazonas (2001-2007).

CAPÍTULO 1

CONFIGURANDO MOSAICOS SOBRE CULTURA E ARTE NO AMAZONAS

1.1 As memórias e suas narrativas

Neste capítulo pretende-se colocar em evidência os escritos de jornalistas, artistas e intelectuais acerca da vida cultural em Manaus, no período entre o término do ciclo da borracha e o final do século XX. Busca-se, desta forma, a configuração de um mosaico de contextos e problemas a partir dos comentários críticos e discursos relevantes que se constroem em diferentes momentos econômicos, políticos e sociais. Retomar a fala destes autores, além de permitir a identificação do tipo de epistemologia adotada, torna-se um empreendimento na busca por um passado avesso à historiografia oficial. Trata-se de historiografia acostumada a marginalizar, desqualificar e silenciar o que não lhe convém, construída no âmbito dos meios hegemônicos de poder e plenamente difundida a partir de veículos institucionais de comunicação, educação e cultura.

O cientista político Boaventura de Souza Santos (2006: 51-135) propõe que se retire o passado de sua indisponibilidade, no intuito de reinventá-lo, virando as costas para um futuro predeterminado. E sugere, ao invés de um mero relato, produzir um recurso, uma alternativa para o presente. Isto ratifica e fortalece a necessidade de se concretizar uma leitura mais cuidadosa, buscando o cruzamento de informações, o cotejo de problemas apontados, e o possível impacto das percepções desses atores sociais, em suas formas de vivenciar e organizar experiências. Um procedimento eficaz para se pensar o que a cultura nos disponibiliza.

Para começar, a tese empreende a apresentação de diversas falas sobre a cultura amazônica e manauara, viabilizando, assim, a observação da reincidência dos discursos de versão infernística - que caracterizavam os relatos dos primeiros viajantes, naturalistas e exploradores da Amazônia. Relatos nos quais se acentua uma vida penosa, sofrida, sem perspectivas, sem auto-estima, e que apresentam uma visão derrotista, posto considerarem a região como um lugar predestinado à mimese dos modelos culturais mais civilizados. Uma sensação de esgotamento e abandono, um sentimento de conformismo e mediocridade, e a confirmação de impotência frente à realidade e a configuração de um cenário pouco otimista sobre a experiência do viver no Amazonas, o qual se reproduz por décadas, através dos lamentos, queixumes e críticas acerca da elaboração e visibilidade da produção cultural no Estado e sua conseqüente não participação no circuito intelectual e artístico brasileiro. Um descompasso anunciado entre os processos político e econômico por um lado, e os anseios e criações culturais e sociais, por outro.

Há inúmeros exemplos que atravessam os anos:

Não temos nem podemos ter, por força das condições do meio, uma literatura regional. (...) O Amazonas, dizia Tavares Bastos, em 1886, é uma esperança; deixando as vizinhanças do Pará penetra-se no deserto. A sensação de profunda melancolia que se apodera do espírito nos adverte de que estamos dentro das mais densas solidões do mundo.

(Anísio Jobim, *A Intellectualidade no Extremo Norte*, **1934**)

O amazonense carrega n'alma algo do russo, sob o aspecto do fatalismo. Quando estive em Manaus e Belém, pela primeira vez, contemplando a nudeza da miséria local, tive oportunidade de ouvir depoimentos das vítimas desse drama em violenta antítese com tudo quanto me estalava no peito. Não me podia subtrair à revolta do que observava e me ralava a sensibilidade. Inectivava, ao passo que o amazonense e o paraense se quedavam inertes, resignados diante do quadro de abandono em que o poder nacional os deixara, por tantos anos seguidos.

(Assis Chateaubriand, *O Mujik da Steppe*, **1943**)

Ainda é preciso falar no isolamento em que vivemos. Os livros nos chegam atrasados; as notícias que não interessam à publicidade escandalosa das agências telegráficas (e são por assim dizer as principais para os homens de cultura!), vêm sempre envelhecidas. Isto é: não participamos em realidade do que se faz e do que se pensa no mundo!

(Djalma Batista, *Letras da Amazônia*, **1955**)

É necessário olhar a condição provinciana, este exercício de massacre da inteligência que reduz a arte a uma convenção e a informação em crônica social inflacionada. Virando as páginas de uma história aparentemente sem importância, veremos pular uma nova espécie de amortecimento: o conformismo dos centros sem importância. E Manaus é o campo ideal para a investigação. Foi sempre uma cidade isolada, com grandes chances, florescendo numa das regiões mais fantásticas do planeta.

(Márcio Souza, *A Expressão Amazonense*, **1977**)

Essa talvez seja a principal característica da temporalidade e espacialidade amazônicas, a espera. O espaço-tempo na Amazônia na perspectiva da sociedade nacional e da elite local é sempre inacabado, é o nunca chegar ao ponto transitório. Aqui se está sempre à espera das migalhas que se possam vir dos de fora. Isso decorre do espaço-tempo da Amazônia caracterizar por um processo que não se conclui, ações que não chegam ao fim. “Não é uma história que se faz. É uma história sempre por se fazer.

(Martins, 1994:11 apud Oliveira, **2003**)

Para a socióloga Selda Costa a idéia vigente nas décadas posteriores à riqueza do ciclo da borracha era de que o presente mostrava-se “sempre lastimável, contraposto à ilusão de um passado e de um futuro gloriosos e luminosos”. Trata-se de uma visão da elite que “acaba sendo repassada ao imaginário popular e até aos mais argutos defensores de sua historicidade”, citando o caso de Márcio Souza que, em 1980, ainda fala de paisagens em ruínas, como Euclides da Cunha o fizera no início do século e, antes dele, outros visitantes. Para ela existe uma “deformação ideológica dos intérpretes da Amazônia”, na qual as transformações ocorridas na região parecem terminar sempre em períodos de decadência, derrota e declínio. Uma deformação que pode ocultar “uma visão particular das elites, ressentidas com as perdas sociais e políticas ganhas durante o apogeu econômico. No entanto, segundo a autora, para a população em geral, o período inspira um certo alívio, no qual a agricultura se diversifica com a liberação da mão-de-obra dos seringais e buscam-se as raízes e a identidade regional que os colonialismos culturais não permitem aflorar na intensidade dos ciclos econômicos.” (COSTA, 2001: 11-12)

Duas obras podem ser destacadas na literatura da década de 1930: “A intelectualidade no extremo norte” (1934), de Anísio Jobim, e “Letras da Amazônia” (1938), de Djalma Batista, ambos pertencentes à Academia Amazonense de Letras, criada em 1918. De modo geral apresentam uma lista de personalidades e suas contribuições. Enquanto Anísio Jobim² restringe os seus limites ao movimento literário, Djalma Batista³ aposta em um panorama de maior amplitude e, no intento de apresentar suas impressões acerca dos intelectuais e dos artistas da Amazônia, elenca um inventário de intérpretes, desde os relatos dos primeiros cronistas, as pesquisas dos exploradores e naturalistas, até os interesses específicos dos folcloristas e dos reveladores da Amazônia, e aqueles que viveram transitoriamente no extremo norte e deixaram alguma contribuição. Chama a atenção para a situação de bravura destes escritores mediante um ambiente inapropriado à criação. Os textos apontam as questões sobre o isolamento geográfico e o abandono da região pelo governo federal e suas conseqüências em termos de desenvolvimento das ciências, das letras e das artes. Contudo, o desenvolvimento dos problemas identificados ocorrerá somente em publicações posteriores.

² Manoel Anísio Jobim. Nasceu em Anadia-Alagoas, em 27/03/1877. Em Manaus foi Procurador Geral do Estado, Chefe de Polícia, desembargador do Tribunal de Apelação, e tornou-se sócio efetivo da Academia Amazonense de Letras desde 1932. Seus escritos permeiam a história e a geografia dos municípios amazonenses. Disponível em: <http://portalamazonia.globo.com/pscript/amazoniadeaaz/artigoAZ.php?idAz=397> Acesso em: 29/05/2010.

³ Djalma da Cunha Batista. Nasceu em Tarauacá-Acre, em 20/02/1916. Médico e membro destacado da Academia Amazonense de Letras. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Djalma_Batista Acesso em: 29/05/2010.

Nos jornais dos anos de 1930, apesar da depressão econômica, não faltam as festas nos salões elegantes da sociedade, tampouco as festas populares; e o cinema que se constitui em prática cultural intensa na primeira metade do século XX nas metrópoles brasileiras, não é diferente em Manaus, pois se apresentava enquanto elemento lúdico, empreendimento comercial e lugar privilegiado do encontro da população manauara, que tinha o intuito não apenas de assistir os filmes, mas de ouvir as orquestras e trocar gibis (OLIVEIRA, 2003:158). É constante o anúncio da projeção de filmes nos cinemas locais, inclusive os que possuem referências à dança, tais como o que foi encontrado no jornal “Diário da Tarde” (11/01/1938), sobre a apresentação no Cine Manãos dos “soberanos da dança Fred Astaire e Ginger Rogers”, ou o anúncio de sessão no Cinema Odéon sobre o primeiro filme estrelado pela dupla Robert Cumming e Eleonor Whitney, “aclamada a melhor sapateadora do mundo, com os mais recentes passos de dança de Hollywood”. Encontram-se ainda matérias sobre a chegada e a apresentação de profissionais de fora, como é o caso da bailarina e atriz Maria Caetana, no “Diário da Tarde” (29/07/1938), em que se relata sua homenagem ao então governador da cidade, Dr. Botelho Maia, com um bailado inédito ao final da apresentação da peça de Renato Vianna, “Divino Perfume”. O texto, além de apresentar elogios à artista como intérprete de teatro e dança, expõe como item relevante do seu currículo os estudos com Chinita Ulmann⁴ e Kitty Bodenheim⁵.

A historiografia aponta, de modo geral, os primeiros anos da década de 1930 como um período de acentuada instabilidade política, mediante a incapacidade de qualquer dos grupos dominantes em assumir o controle das funções políticas. É o período áureo de crise das ideologias liberais e da ascensão das idéias e valores autoritários. No entanto, a historiadora Marialva Barbosa (2007:104-107) chama a atenção para o fato de que não se trata de um fenômeno eminentemente brasileiro, mas de uma tendência da Europa, crescente desde a década de 1920, na qual se teve o êxito de movimentos de caráter totalitário de direita, levando à eliminação do sistema pluripartidário, da competição política, da liberdade de imprensa, ao mesmo tempo em que se edificava a supremacia do executivo. Para estas idéias, que surgem na década de 1920 e que tomam corpo na configuração institucional dos anos 1930, é fundamental traçar um programa que atinja a todos através da educação e da massificação das informações.

⁴ Nasceu em Porto Alegre e se formou na escola de Mary Wigman, em Dresden, na Alemanha. Após excursionar pela Europa, Estados Unidos e América Latina, retornou ao Brasil, em 1932, fixando residência em São Paulo. Chinita Ulmann esteve em Manaus. Sua apresentação, no Teatro Amazonas, foi noticiada pelo jornal “A Tarde” (19/02/1938).

⁵ Ex-aluna de Chinita Ulmann., tornou-se responsável pelas aulas de balé na escola implantada em São Paulo.

Isto orienta à criação de instituições fortes, porque baseadas nas tradições, nos valores, na disciplina, na autoridade e na hierarquia, as quais dariam, através de uma política nacional, direção ao povo brasileiro, agora classificado como massa. Todas essas concepções sintetizarão o projeto institucional implantado a partir da Revolução de 1930 e com mais intensidade a partir da instauração do período autoritário, em 1937.

No caso do estado do Amazonas, esta política nacional se posiciona com a intenção de intervir diretamente a fim de eliminar a crise econômica e retirar a região de seu atraso. Entretanto, apesar das transformações ocorridas com a Revolução de 30, pouco ou nada foi realizado com o intuito de reverter a situação. Isto se deve, em parte, ao fato de que a primeira metade da década foi assinalada por intensa instabilidade política, havendo mudanças constantes de governadores nomeados pelo poder central, pouco articulados com os problemas locais. Para o geógrafo José Aldemir de Oliveira (2003: 52-53), do ponto de vista econômico e político, nenhuma ação realmente significativa ocorreu para amainar a crise que atingia o estado do Amazonas desde os anos dez, pois, mesmo com o bloqueio dos seringais asiáticos devido à Segunda Guerra Mundial - trazendo uma certa euforia com a reativação da produção local e a expectativa de se reviver os tempos fastigosos do *boom* da borracha -, a situação foi passageira e pouco contribuiu para resolver a estagnação econômica.

O Teatro Amazonas, símbolo maior da expressão cultural e artística de Manaus, em seus tempos de prosperidade econômica e intensa importação de manifestações culturais européias, sendo até hoje um dos cartões postais da cidade, tornou-se durante este período o depósito de borracha e gasolina da *Rubber Development and Corporation (RDC)* e nos anos vindouros constante vítima de inúmeros saques institucionalizados pelos governos e autoridades. Situação denunciada em vários momentos e através de diversos veículos de comunicação.

Depois de 1910, a incúria de certos governos facilitou o paulatino desaparecimento de valiosos objetos pertencentes à grande casa de Arte: - espelhos de Vênêza, divãs, halabardas e espadins, cabeleiras e peças de vestuário, jarras de porcelana e até estátuas foram levadas sem que se apurasse a responsabilidade dos seus condutores... No começo da última guerra serviram suas galerias para escritórios e depósito de poderosa empresa estrangeira compradora de borracha...Uma grande estátua de Apolo pesando duas toneladas de bronze que deveria ser colocada no zimbório foi presenteada à municipalidade de Fortaleza. Atualmente os esforços conjugados da prefeitura municipal e dos componentes do teatro Escola, vêm reanimando o tradicional prestígio artístico e material do majestoso edifício, justificando o orgulho da terra amazonense. (CASTRO, 2ª edição, sem data: 40-43)

Em 1944, uma solicitação do alagoano Gebes Medeiros, ao então governador do estado, vem possibilitar a criação do Teatro Escola de Amadores, com o objetivo de formação artística de atores e atrizes, bem como a reativação do Teatro Amazonas em sua função artística de origem. Há que se destacar que Medeiros possuía relações de amizade com a elite política da época e, portanto, o grupo nasce vinculado ao DEIP – Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda – DEIP. Paradoxalmente, o órgão de censura e repressão cultural do Estado.

Estas relações com o poder acompanham certas tendências de época em nível nacional. Segundo Marialva Barbosa (2007: 103-124) ao analisar a imprensa do Rio de Janeiro na década de 1930, “ há mais proximidades, acordos e relações conjuntas entre os homens de governo e os homens de imprensa do que divergências.” Neste período o governo se encarregava de, através da criação de múltiplos aparelhos burocráticos, e com o concurso de intelectuais orgânicos dos grupos dirigentes, desempenhar funções cada vez mais complexas, inclusive a de dar orientação ao povo, considerado enquanto massa amorfa, anônima, uniforme e indiferenciada. Apresenta-se então, a necessidade de difundir conhecimentos e noções elementares, tornando fundamental o papel dos intelectuais e dos veículos de difusão, isto é, a imprensa.

É bom lembrar que no projeto político estadonovista há lugar tanto para a pedagogia como para o controle, cabendo ao Estado a responsabilidade de tutelar a população, pois a formação do Estado Nacional se materializaria por meio da homogeneização da cultura, dos costumes, da língua e da ideologia. A Nação se transformaria em uma entidade moral, política e econômica que só se realizaria via ação do Estado. Nação e Estado construindo a um só tempo a nacionalidade (SCHWARTZMAN, 1984:167 apud BARBOSA, 2007: 117) e a idéia de identidade com base nas raízes regionais. No Amazonas, esta orientação ideológica irá se configurar fortemente nos veículos impressos e radiofônicos.

Essa busca de identidade regional nos anos 40-50, é reivindicada através das emissoras de rádio, a Rádio Baré e Difusora, pela intelectualidade que se utiliza das colunas de jornais, para eclodir em grito de rebeldia e originalidade na criação do Clube da Madrugada, em 1954. Nas artes cênicas, o movimento também ressoa, mas estranhamente, com menos ousadia, com um certo acanhamento.” (COSTA, 2001: 12)

Na década de 1950, verifica-se a expressão de um pensamento crítico acerca de assuntos sobre a história e a cultura da cidade. Isto ocorre em diversas perspectivas, seja no ambiente formalizado da Academia Amazonense de Letras, seja nos espaços públicos (praça Heliodoro Balbi, cemitério São João Batista, praia da Ponta Negra) utilizados pelo Clube da Madrugada (ver

detalhes no subcapítulo 1.2). Um ano após a criação do Clube, Djalma Batista publica pela Revista da Academia Amazonense de Letras, o artigo “Cultura Amazônica”,⁶ no qual aponta uma deficiência geral dos meios intelectuais em Manaus, ao empreender uma nova tentativa de escrever sobre a produção intelectual e artística do Amazonas. Faz isso sob uma perspectiva abrangente de cultura, na qual relaciona juntamente à área das artes outros itens como economia, comércio, saúde e educação. Diferentemente da lista de figuras proeminentes, no texto de 1938, apresenta um ensaio analítico e crítico, a partir do ciclo econômico da borracha, externando sua decepção frente a um alvorecer cultural promissor, anunciado, porém não consolidado. Em seus escritos expõe, de modo didático, os propulsores deste “borbulhar intelectual e artístico” durante o surto gomífero, apresentando uma avaliação negativa sobre os reflexos deste para o desenvolvimento cultural da região, empreendendo análise de suas causas contemporâneas, bem como oferece o que ele denominará de um programa de reação. Em resumo, Djalma Batista levanta os mesmos problemas denunciados pelo Clube da Madrugada.

1.2 Em todas as madrugadas do mundo

O Clube da Madrugada consistiu em um movimento artístico, literário e cultural, criado no dia 22 de novembro de 1954. O Clube estabeleceu como ponto de partida repensar a Semana de Arte Moderna de 1922 e produziu um manifesto no qual os seus integrantes denunciavam as condições precárias de vida intelectual na cidade de Manaus. A repercussão foi enorme. O grupo provocou uma enxurrada de publicações na imprensa diária (assinadas por um número considerável de poetas e contistas), desenvolveu um intenso intercâmbio cultural com os Estados do Pará, Maranhão e Rio de Janeiro e, promoveu conferências célebres como a de Saul Benchimol, sobre “A Economia Financeira no Estado Moderno”, e a de Francisco Batista, sobre a “Conceituação do Modernismo no Amazonas”, ambas pronunciadas na Escola de Serviço Social.

Para Jorge Tufic (1984: 23-24), no princípio de suas atividades os Clubistas buscavam distanciar-se de qualquer formalismo institucional, a começar pelo nome, pois não queriam ser

⁶ “Letras da Amazônia”(citado anteriormente,) foi publicado originalmente pela Gráfica César e, “Cultura amazônica” pela Revista da Academia Amazonense de Letras, nº 2, maio, nº 3 setembro, nº 4 dezembro, de 1955. Em 2006, estes ensaios foram reunidos e publicados pela Editora Valer sob o título “Amazônia – cultura e sociedade”.

um grêmio, uma associação, ou uma academia. Bastava ser um Clube. As reuniões semanais eram realizadas ao ar livre no “banco dos patos”⁷ ou no cemitério.

Esta fase boêmia do Clube da Madrugada atingiu, efetivamente, o seu auge com as sessões literárias promovidas no cemitério São João Batista, depois de soar a meia-noite. Por um ferro quebrado das grades que davam para o Boulevard Amazonas, entravam os seresteiros levando consigo a garrafa de pinga, o violão e quase sempre livros que eram lidos e discutidos nos bares. Aproveitando esse clima favorável, conferiam-se títulos e honrarias a intelectuais de renomes e sagravam-se os novos de ‘Cavaleiros Iniciados em Todas as Madrugadas do Universo’.

Mas, após três anos de existência, o Clube da Madrugada é acometido por um certo desânimo em virtude do abandono por alguns de seus fundadores, deixando esvaziadas as sessões de sábado à noite. Sentia-se uma espécie de pânico, segundo Jorge Tufic (1984:24), um enorme receio de se repetir um fracasso. Para ele, coube a Benedito Nunes analisar esse fenômeno, em seu artigo no jornal “Para Todos”, em 1957, intitulado “Inventário e Planejamento”.

De quando em vez formam-se colônias de intelectuais que irrompem na tranqüilidade estéril da vida que nos circunda. Aguentam-se por algum tempo, graças ao poder de coesão do entusiasmo, mas não resistem ao primeiro contra-golpe. E se desaparecem as circunstâncias felizes e ocasionais que se fizeram surgir, desagregam-se rapidamente voltando tudo ao marasmo, à sesta constante e ao fundo melancólico das redes que é, na Amazônia, o abrigo maternal dos desencantados. As tentativas frustradas, a desesperança, a certeza prévia de que o esforço, as idéias, o talento e a coragem são sacrificados pela vida vegetativa, adormecem a sensibilidade e retardam a Inteligência. A desagregação não é aqui um acidente, mas quase um imperativo.

Lançaram um manifesto em novembro de 1955: a Revista Madrugada, que seria a base conceitual a servir de orientação para o grupo. Mas, apesar de projetos para novas edições, devido às dificuldades financeiras a revista não voltou a circular. Só em 1961 (ano em que foram publicados os estatutos), o Clube iria restaurar suas atividades jornalísticas mantendo uma página suplementar no “O Jornal” de domingo, que durou mais de dez anos, divulgando contos, poemas, eventos culturais e promovendo as artes plásticas através das Feiras de 1963 e 1966. Naquele momento, a tônica era a idéia de vanguarda, o que compreensivelmente ligava-se, antes de tudo, ao pioneirismo do grupo, em áreas tão diversificadas, contudo integradas na busca de soluções estéticas, sociais e econômicas.

⁷ Denominação alusiva aos patos que se encontravam no lago da Praça da Polícia (Heliodoro Balbi), à sombra de um mulateiro.

As feiras de arte nos deram uma prova inequívoca do interesse da grande massa pelo trabalho dos nossos artistas, atraindo milhares de pessoas que, de repente, se viam diante de uma ‘coisa estranha, a que de certo não estavam habituadas, mas capaz de produzir a satisfação de um intercâmbio de valores entre o gosto popular e a experiência criadora. (TUFIC, 1984: 31)

No mesmo ano da II Feira de Artes Plásticas (1966), realizada no Teatro Amazonas, ocorre a estréia do Teatro Universitário do Amazonas (TUA), com a peça “Toda Donzela Tem um Pai que é uma Fera”. A crítica é favorável no Jornal do Comércio, do mês de dezembro, com o jornalista João Roque reconhecendo o esforço dos jovens universitários como um “trabalho sério, honesto, responsável e, acima de tudo, participante”. No ano seguinte o TUA montaria “A Exceção e a Regra”, de Bertolt Brecht e se apresentaria em janeiro de 1968 no V Festival de Teatro de Estudantes, com a mesma peça, no Teatro Nacional de Comédias. Em seguida montaram “O Homem da Flor na Boca”, de Pirandello, e “O Diário de um Louco”, de Gogol. A última montagem foi “O Espião”, de Brecht, com a qual receberam o prêmio de melhor espetáculo do II Festival de Cultura, de 1968, promovido pela Fundação Cultural do Amazonas. (AZANCOTH, 2001).

Após o término do TUA, alguns de seus integrantes irão participar de outra história teatral, a história do Teatro Experimental do Sesc (TESC), que no dia primeiro de maio de 1969 estreava com a peça “Eles não Usam Black-tie”, de Gianfrancesco Guarnieri. A história do TESC é contada por Márcio Souza, em “O Palco Verde” (1984), no qual descreve sua experiência no grupo e as opções estéticas e políticas pelo regionalismo e pela crítica social no período de 1968 a 1982; e pelos pesquisadores Ednei Azancoth e Selda Costa (2009) unindo o tom memorialista do primeiro à experiência com a pesquisa social da segunda.

Eram tempos de integração, de perdas identitárias. A região amazônica e Manaus entram na marra, com a Zona Franca, na tal de globalização (...) O Tesc era assim, um espaço sério, que responde com muito humor ao sufoco geral. Que zomba de uma elite passadista e anuncia, denunciando, com agressiva alegria, uma nova consciência: ‘somos todos aculturados’, mas ainda é tempo de nos despirmos e confeccionarmos nova roupa. Ajuricaba, Jurupari, o canto livre dos Dessana aí estão para abrir os caminhos. (COSTA, 2009:10)

Além das experiências de Teatro Universitário e do TESC, Manaus terá o “Gruta, a flecha do Teatro Cabocão” que, segundo o diretor Marcos José (1993), apresentava anseios de um teatro fortemente popular completamente diferenciado dos princípios ideológicos e estéticos do TESC, optando por espaços públicos mais condizentes com sua proposta de tornar-se um diferencial na história da cidade.

Deixando de lado a nostalgia do cabaço, eu quero te dizer que os traços que deram ao GRUTA a sua identidade original que o diferenciaram dos outros grupos de teatro que existiram antes e depois dele aqui em Manaus, foram exatamente o método de interpretação, o despojamento da encenação e a relação estreita da experiência-cênica com o público. Em outras palavras: o GRUTA foi o primeiro – por isso a alusão à nostalgia do cabaço – grupo teatral de Manaus, a criar uma metodologia cênica organizada nas nuances da Comédia dell’Arte que lhe permitiu um estudo psico-social da gesticulação-natural da cabocada que o afastou da pretensão estúpida de imitar uma dramaturgia colonizadora. Ao fugir deste Demiurgo foi possível entender a nascente e o compromisso do Teatro Cabocão. (MARCOS JOSÉ, 1993: 22-23)

Nos anos 60 evidencia-se que a literatura, as artes plásticas, o teatro e o cinema, por meio de artistas e intelectuais construíam espaços de discussão e produção cultural apesar do olhar vigilante da ditadura e dos resíduos da política populista. As atividades relacionadas ao cinema, que haviam sido extintas no ciclo da borracha, retornam a partir dos anos 50 com um programa de crítica cinematográfica, o ‘Cinemascope no Ar’, da Rádio Rio Mar (1954), e a página de cinema no jornal “Diário da Tarde”, escrita por Joaquim Marinho. Em 1962, decorrente de um curso sobre cinema surge o Grupo de Estudos Cinematográficos (GEC). Eram cinéfilos e, em princípio queriam somente apreciar os filmes, e no processo começaram a estudar, pesquisar e promover debates. Assistiam tudo: René Clair, Eisenstein, filmes de bang-bang, cinema fantástico, Hitchcock. Os participantes do GEC, tal qual os integrantes do TESC também tiveram problemas com a censura e foram obrigados em 1967, a explicar um trecho do filme de Buñuel para os policiais de Manaus. Em 1967 ocorre o I Festival de Cinema Amador do Amazonas, apoiado pelo Clube da Madrugada e, em 1969 realizou-se o I Festival Norte de Cinema Brasileiro, promovido pelo Departamento de Propaganda e Turismo do Amazonas – DEPRO. Este Festival de Cinema, parece ter sido um divisor de águas, visto orientar alguns participantes para a realização cinematográfica local e outros para a pesquisa histórica. Contudo, apesar desse movimento, verifica-se que em 1974 só existia um cinema em Manaus e em 1975 não existia mais nenhum. (COSTA, 1987; LOBO, 1988; COSTA, 1996).

Para Jorge Tufic (1984), com o advento da Zona Franca de Manaus a noção de progresso misturava-se com a senha do lucro, e uma outra mentalidade instalava-se no meio provinciano, empolgado e cego às intenções do capital estrangeiro. Isto se refletiu no espaço cultural, na medida em que se via saturado pelos gráficos estatísticos de importação e exportação, deixando passar alguns anos de inércia, sem páginas ou suplementos literários para a imprensa manauara ou ações inócuas dos órgãos culturais.

A partir de 1970, a Fundação Cultural do Amazonas e o Conselho de Cultura absorviam uma boa parcela de valores do Clube, tendo-se iniciado a execução dos Planos de Política Cultural do Governo. Instituição de Concursos e apoio aos artistas plásticos, faziam parecer inócua a iniciativa particular. Pelo menos até onde a descontinuidade na política cultural do Governo chegara ao clímax de fechar a questão, tornando igualmente inócuos os órgãos culturais do Estado. (...) Esta pois, a situação que se enfrenta trinta anos depois, como se ainda estivéssemos há trinta anos antes. (TUFIC, 1984: 62)

Em relação à dança, embora não tenham sido encontrados estudos específicos, pode-se arriscar uma dedução preliminar de que a atuação dos artistas e professores realizava-se à parte dos questionamentos do Clube da Madrugada e do Grupo de Estudos Cinematográficos, ou mesmo, da movimentação teatral da época. Nas fontes consultadas é inexistente a referência a qualquer tipo de aproximação. Um exemplo disso pode-se considerar a realização do III Festival de Cultura do Estado (1969), no qual o único grupo de dança a concorrer foi eliminado pela comissão examinadora, que afirmou desconhecer a procedência folclórica da proposta, embora o Tesc tivesse declarado serem danças inspiradas no folclore dos Urais (AZANCOTH, 2009: 33). Mas, através dos jornais, verifica-se que neste mesmo ano ocorre o II Festival de Danças Clássicas e Danças Modernas, bem como são realizadas as atividades da Escola de Dança do Teatro Amazonas, mantida pela Fundação Cultural. Os nomes em voga nas décadas de 1950 e 1960 são de Beatriz d'Agostinho, Glória Velasquez, e Zenira Ferreira da Silva, enquanto professoras de balé⁸. Já no início da década de 1970, Adair de Palma⁹ abre uma escola de dança na Associação dos Sargentos da Amazônia (ASA), ministrando balé, danças folclóricas e jazz. No entanto a escola funcionará somente durante alguns anos. Em 1978, o professor se muda para a capital do estado de Rondônia e implanta a Escola Municipal de Dança.

Jeanne Chaves¹⁰, integrante da primeira turma, relembra o período:

⁸ No Anexo A desta tese reunimos fontes de jornais e da revista Manaus Magazine, em que se tem o registro das atividades destas professoras e dos eventos realizados neste período.

⁹ Adair de Castro Palma. Nasceu no Rio de Janeiro. Diplomou-se em música e balé, registrado na Secretaria de Educação do Estado da Guanabara. Atuou como bailarino do Teatro Municipal do Rio de Janeiro e integrou o corpo de ballet das TVs Tupi, Excelsior e Globo. Lecionou balé no Conservatório Brasileiro de Música no Rio de Janeiro. Em São Paulo, no Conservatório de Ciências e em Vassouras lecionou para as princesas da família real de Orleans e Bragança. Contratado pelo Governo do estado da Paraíba fundou o Ballet do Centenário e simultaneamente coreografou para a TV Borborema, das Associadas. Em 1965 a revista "Querida" lhe dedicou uma reportagem que lhe valeu convite para dançar no Ballet de Lisboa. Fonte: Programação de espetáculo do acervo pessoal de Jeanne Chaves.

¹⁰ Jeanne Chaves de Abreu. Proprietária da Academia Dance Hall, em Manaus. Foi aluna de Adair de Palma e de Arnaldo Peduto. Graduiu-se em Educação Física pela Universidade do Amazonas e exerceu o cargo de coordenação do Curso de Dança da Escola Superior de Artes e Turismo da Universidade do Estado do Amazonas (UEA), no período de outubro/2007 a janeiro/2009. Entrevista concedida em 18 de abril de 2009.

Já haviam passado outros professores que não se fixaram. Já tinha passado uma, no próprio Teatro Amazonas, eu não sei da época... uma portuguesa, se eu não me engano, outra no Ideal Clube. Mas eles passaram muito rapidamente por aqui e aí quem ficou mais tempo na realidade foi ele. E em relação à receptividade dele, foi muito grande, porque a cidade carecia disso, tanto que a maioria das alunas dele eram moças da sociedade. (...) Ele vinha do Rio de Janeiro, do Municipal do Rio de Janeiro. Ele falava que ele tinha sido aluno da Nina Verchinina e da Dona Eugenia Feodorova. Eu me lembro que ele falava muito nas duas, na Nina e na Eugenia. Falava bastante e com enorme respeito.

Em 1976, José Rezende implanta uma academia de ballet clássico em Manaus e será o responsável pela formação de diversos bailarinos. Sua rede de contatos propiciou a apresentação de espetáculos e cursos ministrados por bailarinos do Teatro Municipal do Rio de Janeiro. A trajetória de Rezende constitui-se em uma história à parte devido à intensa atividade de sua academia e às fortes influências exercidas na dança local. Um pouco depois, o carioca Arnaldo Peduto abrirá uma academia de Jazz e será o responsável pela propagação do gênero nesta cidade. No próximo capítulo estes professores, devido à sua relevância, serão retomados com mais detalhes.

Contudo, faz-se necessário um esclarecimento. O panorama aqui desenhado, ora entre a literatura crítica, ora entre os movimentos sociais e as matérias jornalísticas como fontes, só começou a adquirir visibilidade a partir dos anos de 1980 – pelo menos no meio universitário –, pois a falta de informações orientava-se, em termos de publicação, ao quadro esboçado em “A Expressão Amazonense” (1977), por Márcio Souza. Esta obra, embora tenha exercido papel fundamental para o contexto histórico da época, imprimiu um teor ácido e pouco otimista à interpretação das artes, do jornalismo e da vida cotidiana em Manaus. Somente a partir da década de 80, professores da Universidade do Amazonas, em suas dissertações e teses, e a produção de escritores-testemunhas-participantes dos grupos sociais citados anteriormente proporcionaram a possibilidade de uma outra leitura, da construção de um outro olhar para Manaus, no qual durante determinados períodos históricos, artistas e intelectuais de diversas áreas se reuniram para discutir a cultura e a arte no Amazonas e o contexto político que lhe permeava.

Para os artistas e intelectuais os anos 80 como expectativa seriam os anos libertadores. E de fato o foram. Transição política no mundo. Transição política no Brasil. Em Manaus, surgem a partir desta década (mesmo em número reduzido), publicações relacionadas ao viver cultural e artístico da cidade: histórias de teatro, cinema, aspectos urbanos, rebeliões, economia e ecologia.

Os escritos, em sua maioria, possuem como tema principal a historiografia oficial e os silenciamentos provenientes do poder e da falta de registros. Acompanham uma tendência à proliferação de estudos sobre a Amazônia, iniciada na década de 70. Trabalhos que decorrem tanto de pesquisas acadêmicas da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), quanto das iniciativas de artistas, de diversas áreas, em registrar suas experiências. Apresentam um tom denunciante de “já tivemos” e do abandono do poder público com relação ao patrimônio material e imaterial do Estado e do Município, com políticas de centralização e descontinuidade. E no final dos anos 80 (1989) paira no ar o discurso do desenvolvimento sustentável em artes, através de um sistema de fundos e conselhos. O que, segundo Mito (2004), é reforçado no II Seminário de Revisão Crítica da Cultura Amazonense (1992) e se consolida institucionalmente em audiência pública na Assembléia Legislativa do Estado, em 2003.

Verifica-se, no início desta década, que o surgimento dos grupos Dançaviva e Núcleo Universitário de Dança Contemporânea (Nudac) contribuem para uma nova configuração cultural e artística. As questões da cena, por um lado, seguem o rastro do regionalismo e da crítica social, e por outro, uma visão de corpo e de cena orientada para procedimentos de improvisação. No Dançaviva – e seus desdobramentos nos grupos Movimento, Grupo Experimental de Dança do Teatro Amazonas, Origem e Gedam -, as referências conceituais encontram-se, principalmente, no Ballet Stagium¹¹; enquanto o Nudac externa suas relações com o curso de graduação da Universidade Federal da Bahia (UFBA), onde a coreógrafa e diretora Lia Sampaio havia feito sua formação. No Teatro Amazonas a circulação de espetáculos de dança é incipiente, com passagens ligeiras tanto de companhias de balé clássico, quanto de grupos folclóricos de outros países, apresentações esporádicas de grupos nacionais e espetáculos de final de ano promovidos pelas academias.

O balanço histórico e social com as artes continua nos escritos dos anos de 1990. Surgem novas publicações sobre diversas linguagens - tais como o teatro, cinema, música, arquitetura – em períodos distintos, como a Amazônia colonial, o ciclo da borracha e a posterior depressão econômica. Na literatura, a publicação de Neide Gondim, em 1994, torna-se obra de referência, pois sua “A invenção da Amazônia”, será leitura obrigatória no programa de pós-graduação em Natureza e Cultura da Amazônia, na UFAM. Nela, a autora propõe demonstrar “de que maneira

¹¹ O Ballet Stagium foi criado no início da década de 1970, em São Paulo. Esta companhia de dança causou grande impacto na região norte do Brasil, principalmente, devido às suas viagens frequentes e por apresentar temas de interesse local. No subcapítulo 2.2 serão detalhadas suas relações com os grupos da capital amazonense.

e por quais artifícios a Amazônia é inventada pelos europeus”, oferecendo um passeio por filósofos como Montaigne, Hobbes e Locke, e prosadores como Jules Verne, Conan Doyle e Vicki Baum. Já em 1997 surge outra obra de referência, agora no campo da música erudita. Márcio Páscoa irá publicar “A vida musical em Manaus na época da borracha (1850-1920)”, e em seguida organizará uma Cronologia Lírica de Manaus, em 2000. Em 2001, o jornalista Adalto Xavier publicará “Dançando conforme a música”, obra na qual intenta apresentar a trajetória do movimento artístico de dança no Estado, abrangendo um recorte temporal de três décadas.

Além destes campos artísticos, os pesquisadores buscam investigar a cidade em suas diversas correlações sociais, econômicas e políticas, seja no estudo desenvolvido pela historiadora Edinea Dias, em “A ilusão do Fausto. Manaus: 1890-1920”, publicado em 1999, no qual a autora expõe o urbanismo enquanto modo de organização do espaço e estratégia política, seja no olhar do geógrafo José Aldemir de Oliveira, em “Manaus de 1920-1967. A cidade doce e dura em excesso”, publicado em 2003, buscando reescrever a imagem de Manaus no período da depressão econômica. Soma-se ainda a estes exemplos a pesquisa meticulosa do artista plástico e historiador, Otoni Mesquita, na escrita de “Manaus: História e Arquitetura – 1852-1910”, em 2006, e os movimentos de organização política instituídos por um coletivo artístico, na perspectiva de José Ribamar Mitoso, em “Os artistas de março. Um movimento artístico na Amazônia”, publicado em 2004.

Estas obras podem ser consideradas como modos de resistência às forças políticas e ideológicas, historicamente constituídas, posto que apresentam o exercício da denúncia das manobras do poder instituído, e a disponibilização de informações antes esquecidas, marginalizadas ou completamente censuradas. Tais publicações são de extrema relevância na medida em que seguem na contramão dos discursos de desqualificação da vida cultural local e que estimulam indagações acerca de outras aventuras epistemológicas, que possam incluir, por exemplo, as mestiçagens culturais.

Conforme Pinheiro, em *Comunicação & cultura: barroco e mestiçagem* (2006:10), os modos de abordagem das mestiçagens desconhecem o dilema entre identidade e oposição, e se apresentam na condição de tramas conectivas que festejam a tensão relacional nas quais

Os componentes já não podem ser vistos monadicamente, como dígitos sucessivos discretos, nem encaminham-se na direção de uma futura unidade sintética salvadora: persistem bravamente nessa trama de confluências, nesse vitral ou palimpsesto de séries e linguagens. O prazer do componente está na festa da composição para a qual contribui, não no narcisismo isolado da sua especial participação competitiva. Isto vale para os ingredientes de um bom prato de comida, para uma obra poética e para as grandes catedrais.

O viver amazônico e mais especificamente a vida cultural e artística em Manaus, ainda ressentem-se de abordagens de mestiçagens, as quais possam apresentar outras formas de articulação cultural, outros nexos de sentido, outras teias de significado. Teias nas quais a Amazônia colonial possa ser vista a partir de convivências e negociações de poder, o período do ciclo da borracha não seja apenas sinônimo de opulência e esbanjamento frívolos, e a depressão econômica não necessariamente tenha impossibilitado a vida cultural da cidade. Procedimentos que auxiliariam na transformação do passado, na mudança de perspectivas e, na ampliação dos questionamentos e, permitiriam o restabelecimento da função memória deste sistema, possibilitando otimizar a elaboração das informações do ambiente e a conseqüente produção de autonomia. Pode-se começar pelas relações da dança cênica e a circulação das idéias nas folhas dos jornais...

CAPÍTULO 2

A DANÇA EM MANAUS. PALIMPSESTOS DO JORNALISMO IMPRESSO.

2.1 Configurações do Jornalismo Cultural

Em Manaus, na década de 1980 circulavam os jornais “A Crítica”, “Jornal do Comércio”, “A Notícia”, “Diário do Amazonas” e “Amazonas em Tempo”. Os jornalistas que atuavam nestes veículos eram formados tanto na prática das redações quanto no ambiente universitário. Condição de convivência relativamente recente ao consideramos que a primeira turma de jornalismo da então Universidade do Amazonas (UA) tem início em 1970. Na edição comemorativa dos 20 anos do curso de comunicação social do Jornal Laboratório Nheengatu¹², encontram-se vários testemunhos dos alunos da época - posteriormente professores do curso -, nas quais se evidenciam tanto a dinâmica e as dificuldades institucionais da criação e consolidação do curso, bem como as desconfianças e desconfortos sentidos pelos profissionais atuantes nas redações.

A idéia de criação do curso foi desencadeada por um ofício enviado pelo presidente do Sindicato dos Jornalistas do Estado do Amazonas ao reitor Jauary Guimarães de Sousa Marinho. O reitor então solicitou ao Centro de Estudos e Pesquisas Sócio-Econômicas da UA um estudo quanto à demanda estudantil e do mercado de trabalho. O diretor do Centro, Edson de Aguiar Rosas, apresentou em resposta um documento que continha a opinião de pessoas e instituições ligadas ao setor, bem como a relação de entidades que utilizavam em seus quadros os profissionais de jornalismo, mencionando seis jornais, seis emissoras de rádio, três revistas, quatro televisões, cinco empresas de publicidade e seis setores do serviço público, além de outras instituições que editavam boletins ou mantinham elementos credenciados para a coordenação e redação de notícias.

A situação da imprensa na época era de precariedade e o curso objetivava atender a demanda de ensino específico e especializado referentes a um saber jornalístico e científico, não sem desconfianças e desconfortos frente à possibilidade de mudança de perfil das redações e à própria qualidade do ensino universitário. Nas múltiplas falas percebe-se a existência de pontos de tensão entre a matriz curricular do curso, suas reais condições de funcionamento, e os anseios de preparação para o mercado de trabalho. Para alguns alunos as disciplinas tinham um caráter

¹² NHEENGATU. Jornal Laboratório do Curso de Comunicação Social da Universidade do Amazonas. Edição Comemorativa dos 20 anos do curso. Dezembro/1990. 7º período de jornalismo.

geral, de humanidades, que não servia para nada, já para outros eram importantes na preparação cultural do jornalista. Rui Alencar, declara que houve uma tentativa de ridicularizar os novos profissionais e que só o tempo trouxe credibilidade. O que foi ratificado na fala de Antônio José Costa ao afirmar que a situação começa a mudar somente após a terceira e a quarta turmas, pois o entusiasmo e a criatividade dos recém graduados, aliada ao fato de que estes começavam a ocupar cargos de chefia nas redações, começa a operar transformações em termos de produção, inclusive em outras mídias, como a Televisão Educativa do Amazonas (TVE).

Conforme Walmir de Albuquerque¹³, o “Jornal do Comércio” obteve, na década de 70, a liderança em termos de bom jornalismo, com uma boa cobertura, diferenciando-se das práticas do jornalismo anterior, de um tipo bem acintoso. Uma imprensa marrom, de grupos políticos que defendiam idéias, que eram muito mais opinativas do que informativas. Mas nos anos 1980, em termos de grande circulação “A Crítica” toma a liderança e ao final da década surge o jornal “Amazonas em Tempo”, com a proposta de ser o porta-voz do Distrito Industrial, com a pretensão de ser uma espécie de “Gazeta Mercantil”, que pudesse influenciar a opinião pública em geral. Para tanto, contrataram novo quadro, em que figuravam o chargista Mário Adolfo e o poeta e escritor Aldísio Filgueiras. Pessoas que tinham uma visão diferente, ou pessoas qualificadas pra fazer, por exemplo, um debate econômico, como o próprio Marcílio Junqueira, que era economista. Lembra ainda que a divisão de assuntos em editorias foi implementada por Nelson Dimas, no começo dos anos 1970, que se tornou professor do curso. Jornalista, proveniente do Rio de Janeiro, que veio para implantar o off-set e organizar a redação, ou seja, fazer a reforma e a modernização do Jornal do Comércio, que pertencia aos Diários Associados.

Essa gente sempre teve um pé no jornalismo e outro na atividade cultural. Mas o que eu vejo em termos de desenvolvimento da cultura, é que o jornalismo chega a fazer o contraponto porque a gente passa a ter uma cobertura do movimento cultural. Eu não digo que ela chega a ser boa o suficiente, ou qualificada e etc, mas os jornais passam a ter uma página, que até então o que tinha na época era a página do Clube da Madrugada Era uma poesia aqui... a divulgação de um encontro ou palestra... Então os cadernos já vão aparecer. Então essas coisas começam dentro da redação. Em primeiro lugar começam a dividir as editorias. Separar da editoria de cidade uma editoria de cultura, de educação. Eu me lembro que isso o Dimas fez quando chegou e eu cobria as editorias de educação e saúde

¹³ Aluno da primeira turma do curso de jornalismo da Universidade do Amazonas (1970-1973). Trabalhou no Jornal do Comércio nas editorias de educação e saúde nos anos 1970. Professor do curso de comunicação social desde 1974, primeiro coordenador e chefe do departamento, em 1975. Nos anos 1990 foi diretor de pós-graduação e reitor da UFAM (1997-2001). Entrevista concedida no dia 30 de setembro de 2009.

no Jornal do Comércio. Ele é que fez essa divisão de Editorias. Então o caderno de Esporte, esse já existia, era até o forte de alguns jornais, como o Diário da Tarde. Mas os jornais vão ter... acho eu, no final dos anos 80, 90 a aparecer mesmo a editoria de Cultura, a cobrir o setor.

No entanto, embora com quase dez anos de implantação do sistema de classificação por editorias, a definição de um lugar específico para as artes ainda era precária, pois, com exceção dos suplementos culturais de final de semana, as notícias sobre dança disputavam a atenção do leitor com títulos de áreas de interesses diversos: cidades, esportes, geral, política, variedades, internacional. Uma espacialidade dilatada graficamente que poderia dificultar a feitura de conexões, de articulações de sentido, o desenvolver de uma leitura crítica, principalmente se a matéria não estivesse vinculada diretamente aos interesses do leitor. Esse tipo de espacialidade pode auxiliar no enfraquecimento da leitura das ocorrências, construindo um tipo de organização na qual as informações sobre cultura podem ser vistas na condição de meros eventos, soltos, dispersos, sem poder de coesão, desqualificados, diminuídos em seus ambientes artísticos, educacionais, sociais e políticos.

Nos anos 1990 o Brasil reaprende os caminhos da democracia e, com a explosão da internet, surge uma nova ordem nos processos de comunicação mundial. São criados vários cursos de graduação em jornalismo, no entanto, a Universidade Federal do Amazonas (UFAM) continua a ser a instituição de referência na formação dos profissionais de comunicação social. Para Walmir de Albuquerque, é necessário ver essas duas décadas (80 e 90) como o reino do instrumental, no qual todos (comunicação, arte, letras) buscavam a instrumentalização para o mercado de trabalho, conclamando que a universidade não preparava ou não correspondia aos anseios desse mercado. Conforme o professor, não se fazia boa teoria e tampouco se concretizava a parte prática porque não existiam laboratórios, “mas assim mesmo se imaginava - e era a razão pela qual os alunos não tinham amor pelo curso -, que na universidade tudo era teórico ou ultrapassado”. Pensamento que relegava à uma condição marginal qualquer iniciativa diferenciada, como foi o caso das atividades extra-curriculares do Programa Especial de Treinamento (PET)¹⁴.

¹⁴ Programa institucional financiado pela CAPES/MEC, em convênio com as universidades públicas brasileiras, para reforçar, através de um sistema de bolsas para alunos de graduação, visando a preparação intelectual e profissional dos estudantes. As atividades do PET-Comunicação começaram em 1988 e abarcavam seminários, leituras orientadas, produção de artigos e monografias. Fonte: Encontros de Grupos PET da Universidade do Amazonas (1.: 1993: Manaus)

Estes pontos de tensão relacionados à formação do jornalista não eram exclusivos do meio universitário amazonense, embora se agravassem diante das peculiaridades regionais. Diversos autores (MEDITSCH,1999; SCHUCH,2002; MACHADO,2006; GOLZIO,2009) expõem suas opiniões sobre as deficiências estruturais que perpassam o ensino do jornalismo no Brasil, e as dificuldades de elaboração de um programa pedagógico que propicie o equilíbrio entre a formação do profissional, como cidadão, agente político e as demandas técnicas e comerciais do mercado. Para Machado (2006: 104-118) uma avaliação das escolas brasileiras de formação de jornalistas, conduz à conclusão de que predomina o modelo de ensino atrelado ao repasse e acúmulo de conteúdos, sendo esta situação a menos recomendável numa sociedade fundada em relações marcadas pela troca constante de conhecimento. Diferentemente dos que pensam a reforma deste modelo de ensino, o epicentro das mudanças não ocorre nas alterações dos currículos dos cursos, mas nas condições de ensino, que devem incorporar a pesquisa enquanto princípio educativo, servindo como eixo constituinte do ambiente de formação do aluno. “No horizonte de um mercado competitivo, o futuro profissional necessita refletir sobre a própria prática, demonstrando habilidade para formular métodos, compreender processos e agir com autonomia”, afirma.

Foi relevante, neste sentido, a realização do “Encontro de Editores de Jornais”¹⁵, em Manaus, no ano de 1997, pela Associação Nacional dos Jornais (ANJ) com o intuito de apontar tendências do jornalismo, discutindo os temas “O resgate da reportagem” e “O jornalismo regional”. Neste evento, as falas se reiteravam entre o fortalecimento das dimensões éticas e de cidadania, e o aspecto de competitividade empresarial. No discurso de abertura do evento, a vice-presidente do jornal A Crítica, e membro do Conselho Administrativo da ANJ, Cristina Calderaro Corrêa, apresentou como objetivo do encontro, entre outros, a inserção da região no circuito de debates em torno de temas importantes. E no decorrer dos trabalhos, o diretor executivo do órgão, Deusdeth Aquino, chamou de “excessiva” pelos jornais regionais, a compra de matérias informativas e colunas de opinião do sul do país. Afirmou a necessidade de que os jornais regionais se diferenciassem, pois eram a garantia da pluralidade federativa de opiniões, e que tal número excessivo de colunas de opinião de outros centros era uma forma de ‘colonialismo’ interno.

¹⁵ Este evento foi realizado pela ANJ (que reunia à época 108 jornais de todos os estados brasileiros, representando 92% da circulação nacional) e promovido pelo Jornal A Crítica, reunindo cerca de setenta jornalistas de todo o país. Os dados aqui apresentados possuem como fonte o jornal A Crítica (08/07/1997).

É particularmente marcante a fala do diretor executivo da Associação Nacional dos Jornais, porque durante este período é possível verificar no campo do jornalismo cultural o surgimento dos cadernos de cultura em Manaus, acompanhando, embora com certo atraso e de modo peculiar, as tendências do Rio de Janeiro e São Paulo (SILVA, 1997; PIZA, 2003). Observa-se então o aparecimento de várias matérias de agências de notícias¹⁶, todas assinadas e com as mais variadas abordagens, mas há que se enfatizar que, neste contexto não se pode caracterizá-las como excessivas. De modo geral, a cobertura jornalística crescerá em termos de frequência de matérias sobre as artes, e as políticas públicas do estado sofrem transformações permitindo a criação de corpos estáveis no Teatro Amazonas. Nota-se que este é um período não apenas de denúncias (como na década de 80), mas de cobranças e solicitação de organização e planejamento, destacando-se o trabalho da jornalista Leila Leong, fundamental na cobertura das querelas entre políticos e artistas locais, que acionará com certa regularidade a posição do poder público frente aos artistas. No entanto, percebe-se apenas uma melhoria qualitativa em termos redacionais, dando continuidade a um baixo teor descritivo, bem como às imprecisões, equívocos de informação, falta de olhar apurado para a leitura social e política e, conseqüentemente, para a criação de pautas relevantes em termos de cobertura da dança.

Diante deste quadro, torna-se imprescindível a reunião e sistematização das matérias, com o intuito de permitir uma reorganização espacial e temporal na construção de um mapeamento da malha de circulação de informações referentes à dança, na qual se pode identificar espetáculos de grupos internacionais, nacionais, e locais; as mostras cênicas estudantis e os cursos organizados pela Secretaria de Educação e Cultura, coexistindo com as academias particulares de dança, o surgimento dos grupos independentes e a atuação da Superintendência de Teatro do Amazonas. Procedimentos que possibilitam uma reorientação de sentido para a interpretação da cultura da dança e do jornalismo cultural em Manaus, mesmo que seja apenas viabilizando uma reflexão preliminar.

¹⁶ Foram encontradas as seguintes matérias: “Brasil vira tema de bienal da dança”, por Ana Francisca Ponzio / Agência Folha (A Crítica, 23/02/1995); “Márcia Haydée se despede dos palcos com espetáculo”, por Rosângela Honôr / Agência Estado (A Crítica, 10/05/1995); “Livro revela a dança que revela o Brasil”, por Edmilson Silva / Agência Estado (A Crítica, 24/08/1995); “Stagium cria rede de referência para a dança”, por Marina Della Valle / Agência Estado (A Crítica, 25/06/1996); “Bela Adormecida estréia hoje no Rio”, por Beatriz Coelho Silva / Agência Estado (A Crítica, 10/12/1998); “Ana Botafogo vai viver Cacilda Becker no balé”, por Beatriz Coelho Silva / Agência Estado (A Crítica, 19-20/09/1998); “O corpo como objeto de arte”, por Ana Francisca Ponzio / Agência Folha (A Crítica, 05/08/1999); e “Petróleo banca a cultura”, por Beatriz Coelho Silva / Agência Estado (A Crítica, 20/01/2000).

Malha Informacional nos Impresses: os espetáculos, a formação e as políticas públicas

Nestes dez anos registra-se, em relação aos espetáculos internacionais, a apresentação do bailarino francês Dominique Petit (1984), bem como dos seguintes grupos: Ballet Nacional do Senegal (1980), Companhia Balé Clássico (Itália/1981), Jun Kono Dance Company (Japão/1981), Conjunto Kabardinka de Danças Folclóricas do Cáucaso (URSS/1983), Ballet Contemporâneo da Venezuela – Danzaluz (1987) e Cia. Shigayama (Japão/ 1988). Nos anos de 1982, 1986 e 1989 não foram encontrados registros de que alguma companhia de dança tenha se apresentado em Manaus.

Em termos redacionais a escrita apresenta-se com problemas de imprecisão, captação e apuração. Encontram-se erros estruturais de lide¹⁷, como por exemplo, a matéria sobre a Companhia Ballet Clássico (Jornal do Comércio, 20/05/1981), que acentua o currículo dos bailarinos, sem apresentar o programa, ou seja, não se fica sabendo o quê se vai assistir, apenas os itens quando e onde. O texto cita vários nomes famosos (os parceiros, o parentesco, os convites), e a interpretação de coreografias renomadas. Cita-se ainda o caso do Ballet Folclórico de Israel que somente após a apresentação, devido a uma nota do colunista Gil, descobre-se que é um grupo formado por estudantes paranaenses e que de Israel somente tem uma cantora e um instrumentista. De modo geral, as informações anteriores induziam ao pensamento de que era um balé folclórico proveniente de Israel.

Na década de 1980, a cobertura dos eventos é superficial, ancorada na mera reprodução dos *press-releases*¹⁸, na qual o que se destaca é o anúncio do acontecimento. Trata-se de uma cobertura apenas da ordem do “imediató”, em que se prioriza o tempo real, negligenciando o seu papel em um contexto mais ampliado. Pode-se apresentar como exemplo ilustrativo a realização do 1º Seminário de Artes Cênicas do Amazonas, cuja pauta de discussão fundamentava-se nas relações do Estado com a Cultura. Para este evento, apenas uma matéria (A Crítica, 29/04/1986) foi veiculada, priorizando os itens da programação. Não foram encontrados registros posteriores que apresentassem os resultados do seminário, o que seria de

¹⁷ Termo técnico do jornalismo, que se define como o resumo inicial de qualquer matéria, constituído pelos elementos fundamentais do relato a ser desenvolvido no texto. Em sua construção, o redator deve responder às questões básicas da informação: o quê, quem, quando, onde, como e por quê, embora não necessariamente a todas elas em conjunto. (BARBOSA; RABAÇA, 2010: 426)

¹⁸ Comunicados provenientes de assessorias de imprensa, grupos, ou pessoas, com o objetivo de informar, anunciar, contestar esclarecer ou responder à mídia sobre algum fato que lhe seja de interesse.

extrema utilidade pública considerando os seus objetivos de criar um plano de cultura para a região e esclarecer os projetos criados na área. Bailarinos não são entrevistados, diretores e coreógrafos também não são entrevistados. Informações complementares sobre o processo artístico ou os referenciais estéticos do grupo e suas implicações na produção do espetáculo, não adensam as matérias. Torna-se comum ver a colagem dos *releases* fornecidos pelos artistas, grupos, ou agências de informação. Talvez resquícios da prática do “tesoura/gilete press”¹⁹ que se fazia na década anterior. Pode-se citar como exemplo a Cia. Shigayama (A Crítica, 28/08/88), em que se tem no mesmo dia dois registros: um na editoria de Cidade e o outro em Colunismo Social. São as mesmas informações, organizadas textualmente com pouca diferença. Ou ainda, a matéria sobre o Conjunto Kabardinka, de Danças Folclóricas do Cáucaso (A Crítica, 01/05/1983), na qual se reproduz um trecho do texto do *Business Day-Filipinas*.

Constata-se como resultado dessa cultura do tesoura-press - em que não se busca acompanhar os desdobramentos -, a frequência irrisória de comentários dos espetáculos. Estes aparecem geralmente em matérias não assinadas ou nas notas dos colunistas sociais, que apresentam suas impressões pessoais, repletas de palavras acostumadas e de efeito. Não existe a figura do crítico, embora em alguns textos se encontre referências a eles, os quais, por não serem nominados, acabam por se configurar muito mais como um recurso lingüístico, uma entidade indeterminada que funciona como legitimadora das impressões de quem escreveu, como ilustrado na matéria sobre a Jun Kono Dance Company:

A colônia dos japoneses, embora não tenha comparecido maciçamente, no TA, como era esperado, contribuiu para o êxito das exibições, considerada de alto nível pelos críticos de arte, principalmente ‘O Guarani’. (Jornal do Comércio, 27/08/81)

O Ballet Nacional do Senegal constitui um outro exemplo, conjugando praticamente todos as questões relacionadas anteriormente. A matéria encontrada no jornal A Crítica (14/05/1980), parece ser reprodução de *release* e, mesmo não sendo assinada, termina com um tom autoral: “As histórias contadas são da mais pura simplicidade, baseadas em lendas negras dos povos negros da África e o espetáculo pode ser recomendado a todos os que gostam do balé coreográfico.” Após a estréia, surge uma nota com a opinião de Eça de Assis, generalizando sua experiência pessoal: “ (...) Quem foi à estréia gostou. Até que enfim viu-se um bom espetáculo

¹⁹ Recurso de cortar e colar as matérias tal qual vinham da fonte, sem alterar ou acrescentar nada ao texto.

no Teatro Amazonas.” (A Crítica, 16/05/1980) E por fim, outra nota, na qual o colunista Gil (A Crítica, 17/05/1980) afirmou ter gostado justificando o porquê, ao descrever a lotação do teatro e suas impressões de admiração com “a coreografia, as cores fortes, todo um ritual estranho.”

De modo geral, pode-se dizer que a relação dos espetáculos internacionais com a cidade parece sempre ser a de espanto. Manaus recebe poucas apresentações e a relação com outras culturas inscreve-se na ordem do exotismo quando diante dos balés folclóricos ou como legitimação da cultura clássica européia para os espetáculos do chamado balé acadêmico. Os colunistas reforçam constantemente este modo de pensar. Postura que não se diferencia na década seguinte, embora seja possível observar a melhora progressiva dos textos, em termos de técnicas de redação jornalística, na cobertura das passagens do Conjunto de Cantos e Danças de Etnias Menores da China (1991), Ballet de Kiev (1994), Balé do Teatro Stanislavsky (1995), Balé Antonio Gades (1995), o grupo de Kimiko Kawata (1995), Balé de Maly (1998), grupo La Tarima de Locombia (1999), e Balé Real da Dinamarca (2000). Nos anos de 1990, 1992, 1993, 1996 e 1997 não foram encontrados registros. As matérias assinadas surgem com mais frequência: Leila Leong, Mário Freire, Elaíse Farias, Betsy Bell etc. E, mesmo que ainda insuficiente, verifica-se uma outra atitude perante as fontes, pois agora encontram-se claramente identificadas as agências, as falas individuais e institucionais.

Entretanto, continua a ausência de críticos e ainda surgem - quando acaba o recurso descritivo das coreografias -, as palavras de passe e as frases de efeito, prontas para se deslocar de um fato a outro, de uma matéria a outra.

Apesar da tradição secular da música e dança chinesas, esse é um espetáculo que não se pode considerar erudito. O motivo para essas manifestações é retirado diretamente da vida do homem simples, normalmente ligado à terra. (...) A aura do espetáculo é a junção da beleza e da elegância, aliadas ao charme irresistível da China mística e misteriosa. (Conjunto de Cantos e Danças de Etnias Menores da China: A Crítica, 03/11/91)

Apesar do pouco público que compareceu à estréia do balé russo, no sábado passado, a performance dos bailarinos levou os espectadores ao delírio. Apostando na perfeição do rigor técnico, no domínio dos movimentos e no figurino luxuoso, os bailarinos demonstraram também extrema alegria ao dançar, sorrindo o tempo todo. (Balé de Maly: A Crítica, 15/04/98)

É possível verificar também um outro aspecto nos textos dos anos de 1990, o qual merece ser destacado: o recurso da entrevista. Antes negligenciada, e agora efetivamente

utilizada, as entrevistas com alguns membros dos grupos, tornam possível compreender as expectativas e os sentimentos dos profissionais estrangeiros em relação à cultura local.

Viver na Índia é como ser transportado a mil anos atrás, onde se come com as mãos e há uma profunda relação com a terra e a espiritualidade. É um choque, um contraste com a Manaus moderna, onde agora existe mais cimento que natureza, apesar de estar em plena Amazônia, fala Moreno. (grupo La Tarima de Locombia: A Crítica, 30/06/99)

Nessa turnê, temos nos apresentado em teatros modernos, com capacidade para um público maior. Mas eu sinto que este teatro tem um espírito especial, estamos ansiosos pelas apresentações aqui, declarou Rose Gad, primeira bailarina da companhia. Esse teatro tem sido o grande objetivo dessa turnê. O fato de ele existir aqui no meio da floresta o torna muito especial, concordou Peter Bendisem, o primeiro bailarino. (Balé Real da Dinamarca: A Crítica, 11/07/2000)

Semelhante à situação dos espetáculos internacionais identificam-se poucos espetáculos nacionais na década de 1980. Em boa parte das matérias, os acontecimentos são apenas anunciados. Os textos mais extensos, geralmente, apresentam os mesmos problemas de tratamento da informação e construção da notícia, os quais foram identificados anteriormente na análise das matérias sobre espetáculos internacionais, ou seja, a prática de copiar *press-releases*, as alusões à uma anônima “crítica especializada”, e os discursos pós-espetáculo na voz dos colunistas sociais em papel ambivalente, na medida em que incentivam o público a assistir os grupos locais, mas não conseguem articular outras justificativas para além de suas preferências pessoais.

Estiveram em Manaus durante este período, o Grupo Corpo (1980), o Ballet Stagium (1981; 1982; 1985), o Ballet do Teatro Castro Alves (1981), a Cia. de Dança Sílvio Dufrayer (1986), o Balé Popular do Recife (1986), Ciro Barcellos e Moacir Gomes (1989), Valério Césio e Rosito de Carmine (1989). Não foram encontrados registros de que alguma companhia nacional de dança tenha se apresentado em Manaus nos anos de 1983, 1984 e 1987. Conforme se pôde observar, tais grupos e profissionais apresentaram-se esporadicamente, com exceção do Ballet Stagium, que apresentou certa regularidade. Torna-se relevante considerar ainda, na visualização desta malha informacional, o fato de que alguns desses grupos e profissionais, aproveitavam sua passagem pela cidade e ofereciam cursos, oficinas ou palestras. Foi o caso do curso de dança Bahkti, por Ciro Barcellos e Moacir Gomes, que apresentaram o espetáculo “Dionísios”; e o

Curso de Revisão Técnica de Dança, por Rosito de Carmine e Valério Césio, com os espetáculos “Rastros” e “Ulisses”.

Já nos anos 1990, Manaus receberá o Balé de Dalal Achcar (1990), os retornos do espetáculo “Rastros”, de Rosito de Carmine (1991) e do Balé Stagium (1991; 1993; 1996), o grupo Corpo (1991; 1997), o grupo Levante (1992), a Cia. Mongho (1993), o Ballet Yuba (1994), a Cia. de Danças Clara Pinto (1994), a Cisne Negro (1994), a Cia. Márcia Milhazes (1997), a Cia. Goiana (1997), a Cia de Dança Carlota Portela, e o grupo de dança Primeiro Ato (2000). Não foram encontrados registros de apresentações referentes aos anos de 1995, 1998 e 1999. Interessante notar que em algumas matérias o leitor é induzido ao equívoco de tomar apresentações nacionais como se fossem internacionais. Tal fato se deve a um fenômeno cultural que se iniciara na década de 80 com o Festival Folclórico da Escola Marquês de Santa Cruz, na qual se fomentava a apresentação de vários grupos de dança representativos dos imigrantes. Dessa forma, surgiam grupos sírios, libaneses e de danças russas, em sua maioria patrocinados por empresários locais.

Na década de 1980, sobre os ambientes de ensino-aprendizagem, foram registrados, ainda dentro desta experiência de troca de informações, cursos e oficinas com professores de fora de Manaus. Em sua maioria foram cursos práticos de balé clássico, dança moderna, e jazz, ministrados em alguns dias ou meses, como os de Andreas Paul Basler (STA/1982), Gisele Santoro (Academia José Rezende /1982), Wilson Real (STA/1985), Omar Cláudio (Academia Export/19987), Luís Carlos Ventrice (SEDUC/1987) e Maíza Tempesta (SEDUC/1988). As matérias oferecem geralmente apenas a parte de serviços, com exceção do Curso de Dança Contemporânea (A Crítica, 07/06/1984), ministrado por Graziela Rodrigues, do Ballet Stagium, que expõe no último parágrafo o conteúdo a ser desenvolvido, e o Curso de Arte Integrada (A Crítica, 22/01/1986), ministrado por Edva Barreto, professora do Departamento de Dança da Escola de Música e Artes Cênicas da Universidade Federal da Bahia. Nos anos 90 os jornais continuam a noticiar os cursos livres de extensão oferecidos pelo Centro de Artes da Universidade do Amazonas (CAUA) e pelas academias particulares de balé e jazz, assim como as atividades nas escolas públicas e no Teatro Américo Alvarez, destacando as mostras estudantis e a realização da programação de férias com seus cursos preparatórios, através de sua Coordenadoria de Assuntos Culturais (CAC).

Sobre as academias - durante muito tempo as principais provedoras de um contato regular com treinamentos corporais - , é importante fazermos uma pequena digressão na busca de recuperar informações sobre as condições de formação referentes ao balé e ao jazz .

Em 1968, o bailarino José Rezende foi convidado pelo Departamento de Música da Universidade do Amazonas para ministrar um curso rápido de balé clássico e anos depois decide implantar sua escola de dança em Manaus. Criada em 1976, a “Academia de Ballet José Rezende” promoveu cerca de dois espetáculos anuais marcados pela presença de bailarinos de fora do estado do Amazonas. Espetáculos que resultavam em periodicidade na mídia, com o apelo das estrelas do balé, no palco ou fora dele, como no lançamento do “Dicionário de Ballet”, escrito por Madeleine Rosay, ou a presença de Helba Nogueira, na ocasião presidente do Conselho Brasileiro de Dança - CBDD²⁰, no espetáculo de 1983. Assim, Manaus conheceu Ana Botafogo, Alice Colino, Eliana Caminada, Nora Esteves, Carlos Louzada, Jair Moraes, Wandylson Montenegro etc. É relevante citar ainda que na academia predominavam uma estética e uma pedagogia fundamentadas em um ambiente hierarquizado, que atendia, principalmente as filhas das famílias tradicionais amazonenses.

José Rezende nasceu em Manaus e começou a dançar aos catorze anos. Aos dezessete tornou-se integrante da companhia do coreógrafo norte-americano William Dollar. No Teatro Municipal do Rio de Janeiro foi aluno de Maria Olenewa, Leda Iuqui e Arthur Ferreira, entre outros, ingressando posteriormente no Corpo de Baile. Participou na inauguração do Teatro Castro Alves, da Bahia, com a Companhia Nacional de Ballet, em 1967, e do Ballet Brasileiro da Bahia, com os bailarinos Márcia Haidée e Richard Cragun, sob a direção de Dalal Achcar. Participou também do Ballet de Nina Verchinina como solista interpretando a “Dança dos Negros”, de Frutuoso Viana. Estudou na Suíça, com Boris Kniassef, em Paris com Nora Kisse e Mme. Preobajenska e, em Londres com Rex Reed, com quem fez várias turnês pela Europa. Participou ainda do Ballet France et Spagne, sob a direção de José Torres e Marianne Ivanoff²¹ .

Observa-se que nos espetáculos da década de 1980 os convidados do Teatro Municipal do Rio de Janeiro, geralmente dançam trechos de balés de repertório, tais como Coppélia, Romeu e Julieta, Dom Quixote, Quebra-Nozes etc, enquanto as alunas dançam coreografias do próprio Rezende. Na segunda metade da década, ou, a partir de 1985 percebe-se que há uma adoção

²⁰ Órgão vinculado ao Conséil Internationalle de La Danse, da Unesco.

²¹ Informações compiladas a partir das seguintes fontes: Jornal do Comércio, 22/12/81; A Crítica, 24/09/90; A Crítica, 25/11/92.

temática regional e brasileira, pois Rezende fará os espetáculos “Sinfonia Amazônica” (1985) – uma homenagem aos músicos amazonenses e, “Coisas do Brasil” (1989).

Os espetáculos da Academia são frequentemente noticiados, destacando-se os comentários dos colunistas sociais Gil e Baby Rizzato, principalmente porque vinculadas às apresentações encontram-se atividades filantrópicas e coquetéis de comemoração. Nos jornais quase sempre os textos possuem a mesma estrutura, apresentando uma descrição da programação, e os resumos do currículo profissional de José Rezende e dos bailarinos convidados. Contudo as matérias apresentam baixa qualidade, permeadas de frases feitas e confusões designativas e conceituais, denotando negligência com a informação, como por exemplo a matéria de A Crítica (20/09/86), na qual além de errar a grafia do nome do coreógrafo, o trabalho é denominado de um “espetáculo de dança moderna”. Outro texto que, embora em seu início pareça destoar das abordagens comuns, continua na mesma linha de inconsistências é o encontrado no Jornal do Comércio (24/12/81), no qual se ensaia em alguns parágrafos uma resumidíssima história da dança, fazendo um salto temporal até o balé moderno, e a algo que o autor chama de dança expressiva (sem definir bem o seu significado). Mas, ao fim da leitura, revela-se apenas como um recurso textual para destacar a apresentação das alunas e dos convidados. Sobre o trabalho de Rezende, em rara matéria (A Crítica, 07/12/86) na qual se tem a fala de seus convidados, o bailarino Carlos Louzada, do Teatro Guaíra, expõe suas impressões: “ O importante é que José Rezende conseguiu formar um publico, educar um público para o ballet, merecendo um voto de louvor por seu trabalho.”

No que se refere ao Jazz, embora ministrado por Adair de Palma no começo dos anos 1970, somente com a chegada do carioca Arnaldo Peduto, em 1978, este gênero de dança tornou-se um fenômeno de maior consumo. A primeira referência encontrada no jornal A Crítica (07/04/80), foi uma notinha anunciando a parceria entre Peduto e Alane Braga na aquisição de um espaço que, entre saunas, massagens e ginástica, oferecia também, aulas de dança. Posteriormente, Peduto desfaz a sociedade e cria a academia “Arnaldo Peduto Jazz Center”, onde montará os espetáculos “Uma Academia Muito Louca”, “Cabaret”, “Hair”, “Branca de Neve e os Sete Anões”, e “Os Gatos”, entre outros. No final da década, seguindo a prática de participação nos festivais de Joinville, a academia obterá o quarto lugar na categoria a caráter, com “O Idílio de Ajuricaba” (1988) e o terceiro nas categorias dança contemporânea e jazz, com as coreografias “Memórias” e “Sangue de Pantera” (1989).

Contudo, há que se dizer que em termos de textos, as referências ao jazz apresentam qualidade bem inferior se comparadas com os outros gêneros. Isto se deve, provavelmente, à associação particular do *jazz dance* com o mero entretenimento comercial, conferindo-lhe uma reputação alienada das questões sociais e políticas do país. Encontram-se geralmente notinhas de coluna social, com poucas informações sobre a trajetória profissional de Arnaldo Peduto e uma descrição ligeira dos espetáculos. A fala dos colunistas é permeada de elogios e agradecimentos, conforme o exemplo da nota assinada por Baby Rizzato:

Um espetáculo dos mais bonitos a Academia de Danças ‘Jazz Center’ proporcionou a todos aqueles que freqüentaram o Teatro Amazonas, na sexta, no sábado e no domingo. Uma coreografia moderna, bem ensaiada e um guarda-roupa luxuosíssimo foi o que se viu e se aplaudiu durante hora e meia. Arnaldo Peduto e Alane, responsáveis pelo Jazz Center entregaram troféus a alguns jornalistas e daqui eu vou agradecendo a maneira carinhosa com que fui lembrada. (A Crítica, 22.12.1980)

Pode-se perceber que em Manaus, diferentemente das suas características originárias²², o *jazz dance* apresenta-se reduzido à réplica dos musicais veiculados pela indústria norte-americana, e às tendências dos programas da televisão brasileira. Portanto, qualquer análise mais aprofundada parece requerer uma incursão preliminar pelo universo da indústria cultural. Para Renato Ortiz (1988:149), no Brasil, as discussões sobre a cultura de mercado levam inicialmente ao problema do processo de integração dos membros da sociedade no capitalismo avançado e à idéia da despolitização das massas. Na capital do estado do Amazonas, esse processo de integração está relacionado às profundas alterações do perfil econômico e urbano, geradas através da implantação do modelo econômico da Zona Franca de Manaus, criado pelo Decreto-Lei 288, de 28 de fevereiro de 1967.

O primeiro impacto observado com a criação da ZFM foi o aumento do comércio na região, voltado para a comercialização de produtos importados, aproveitando as vantagens fiscais, especialmente a isenção do IPI (Imposto sobre produtos industrializados) e II (Imposto de importação). Durante essa fase, a primeira de três pelas quais passará a ZFM (SALAZAR, 2006, p. 254), caracterizou-se, além de pela predominância da atividade comercial, pelo crescimento do fluxo turístico (movido por consumidores brasileiros interessados nos produtos importados), também pelo início lento da atividade industrial. (BRANCO, 2009: 95).

²² No artigo de Éliane Seguin (2000) intitulado “La danse jazz française: l’homme invisible”, a autora explica que nos EUA o *jazz dance* refere-se à cultura africana e surge com a dança moderna, diferenciando-se da comédia musical hollywoodiana.

Nesse sentido, compreende-se a fala de Jeanne Chaves²³ quando questionada sobre as escolhas estéticas de Arnaldo Peduto e as críticas que recebiam dos outros grupos de dança da cidade:

Mas tu sabes o que aconteceu também aqui em Manaus? Por causa do advento da Zona Franca, tudo era importado. Tudo que tu usava... O chique era ser importado. Então o chique também era essa coisa hollywoodiana. Essa coisa Broadway, de copiar mesmo, né? Então se copiou *Cats*, se copiou *Hair*. Essas coisas... Então era assim... muito receptivo pra gente e pra sociedade, porque os espetáculos lotavam o Teatro Amazonas.

Arnaldo Peduto falece em 1994 e algumas de suas alunas montam academias na mesma linha. Mas, é importante lembrar que, nas décadas de 1980 e 1990, encontram-se também outras academias que trabalham com jazz e balé, tais como Academia Alane Braga, Centro de Danças Colúmbia, Studium Roziman e Academia Mônica Loureiro.

Ainda neste quadro em esboço, dedicado à formação, destaca-se o fato de que, no chamado tripé universitário (ensino-pesquisa-extensão), a dança ocupou formalmente o ensino, inserida no curso de Educação Artística, e a extensão, nas atividades do Setor de Artes. Em 1980, a criação do curso de Graduação e Licenciatura em Educação Artística (habilitações em música e desenho), na Universidade do Amazonas, leva o Conservatório de Música Joaquim Franco, então único setor artístico da instituição, a abrigar as novas atividades do curso, a fim de responder a nova demanda discente e solucionar a necessidade de espaço para as aulas²⁴. Desta forma, quando a professora Maria do Céu Sampaio (Lia Sampaio), formada em Dança pela Universidade Federal da Bahia, chegou em Manaus, em 1981, já existia um ambiente favorável a novos projetos no espaço institucional universitário. Lia Sampaio, juntamente com o maestro amazonense Nivaldo Santiago, apresentam então uma proposta de desenvolvimento de artes integradas para o reitor da Universidade do Amazonas, Octávio Mourão. Segundo a professora²⁵, o estranhamento de se ter disciplinas de dança em um conservatório de música só não foi maior por haver uma proposta de transformar o conservatório em centro de artes.

²³ Entrevista concedida em 18 de abril de 2009.

²⁴ Estas informações foram coligidas a partir do documento intitulado “Plano de Ação de 1988/1989”, do Setor de Artes da Universidade do Amazonas. Fonte: Arquivo do Setor de Artes da UA. É relevante citar que o Conservatório foi doado pelo Estado à Universidade do Amazonas, em 1967, e no decorrer do tempo assume outras denominações por abrigar não apenas o setor de música, mas as artes plásticas e a dança, tornando-se posteriormente o Setor de Artes e depois o Centro de Artes da Universidade do Amazonas (CAUA).

²⁵ Entrevista concedida em 21 de fevereiro de 2002.

No Conservatório de Música, a dança se desenvolvia em três níveis: classes de Música e Movimento, para crianças de sete a nove anos - uma forma de iniciação às artes integradas; classe de Dança Juventude - desenvolvimento gradativo da arte da dança para adolescentes; classes de Prática da Dança - disciplina oferecida aos alunos de Educação Artística e, o Núcleo Universitário de Dança Contemporânea (Nudac). Conforme o ofício número 001/84, do diretor do Conservatório de Música, maestro Nivaldo de Oliveira Santiago, ao Reitor Octávio Hamilton Botelho Mourão, cujo assunto era o encaminhamento do Relatório de 1983, o Nudac foi criado em outubro de 1982, e foi instalado em janeiro de 1983, constituindo-se em um dos grupos artísticos dedicados aos universitários, com o objetivo de oferecer aos estudantes a oportunidade de complementar a sua formação mediante a prática das artes.

A partir de 1985, com a criação do Departamento de Difusão Cultural da Sub-Reitoria para Extensão, iniciou-se um esforço no sentido de dinamizar as atividades culturais na Universidade. Imediatamente sentiu-se que a implantação do Setor de Artes, órgão suplementar previsto na estrutura da UA e mencionado em seu Estatuto, poderia ser um caminho alternativo aos problemas de quadro restrito de professores, falta de instalações e ausência de equipamentos mínimos, os quais se agravaram com o crescimento da Licenciatura em Educação Artística, e com o aumento da demanda da comunidade nos cursos e atividades do Conservatório.

Nos jornais encontram-se várias referências às atividades de ensino e extensão. No entanto, pode-se observar que as abordagens estão sempre vinculadas aos espetáculos de final de período letivo. Um procedimento semelhante ao tratamento dado às academias, ou seja, a imprensa não consegue perceber diferença entre estes setores e por isso não apresenta pautas em que se possam destacar as novas orientações educacionais para o campo da artes, que a Universidade do Amazonas estava propondo naquele período. Mas, pode-se chamar a atenção para dois pontos que aparecem constantemente: o caráter sempre integrado entre os gêneros artísticos (dança, música e artes plásticas), e uma preferência por temáticas regionais.

Paralelamente, encontra-se um número considerável de matérias sobre a promoção das artes cênicas pela Secretaria de Educação e Cultura do Governo do Estado do Amazonas, oferecendo cursos preparatórios e mostras estudantis no Teatro dos Artistas e dos Estudantes, e fomentando o desenvolvimento de atividades dentro das escolas. Isto pode ser explicado a partir das tendências políticas da época, as quais priorizavam qualquer publicidade em que se pudesse consolidar a imagem de um governo democrático e eficiente.

Aldenice Bezerra (2003), em seus estudos sobre a escola pública e as políticas no Amazonas, apresenta algumas informações que ajudem a compreender o contexto da época. A autora explicita as distorções e a prática da gestão referentes ao setor educacional do governo do estado, ao apontar que, de certa forma, havia uma espécie de afinação com a situação política nacional, em seu processo de restauração democrática, no sentido de trazer as palavras chaves democracia e eficiência, para os discursos políticos, mas efetivamente não realizá-los. Esta atitude encontra-se no governo de Amazonino Mendes (1987-1990) e se repete no quadriênio de Gilberto Mestrinho (1991-1994), posto que as promessas que se apresentam em documentos oficiais, não se operacionalizam nas decisões administrativas e nas responsabilidades institucionais. Para Bezerra, isto se relaciona às práticas conservadoras e autoritárias - de clientelismo e populismo -, que demarcaram a política amazonense durante este período e um pouco antes, considerando que no decorrer dos anos houve simplesmente uma alternância de poder no âmbito estadual, e poucas diferenças na lógica do governo. Estas diferenças ficaram apenas em alguns elementos de natureza mais idiossincrática.

Tal disparidade entre o discurso e sua efetiva atualização encontra-se no modo do estado lidar com a educação e a cultura. À primeira vista, pelo número de matérias e a sensação de muitos eventos acontecendo nas escolas e no Teatro dos Artistas e dos Estudantes (TAE), tem-se a impressão de que o governo acerta em suas políticas públicas para a arte, vinculando educação e cultura, nas intensas e regulares promoções da SEDUC/CAC, sob a coordenação de Sérgio Cardoso. Abundam matérias sobre a programação de Férias, chamada Feriarte, a criação do Centro de Estudos e Pesquisas Cênicas, em funcionamento no TAE, oferecendo cursos preparatórios, e as mostras estudantis de teatro e dança. No entanto, um olhar sobre o conteúdo dos textos permite que se encontre a fala permanente de que este trabalho educacional consegue se desenvolver somente porque algumas pessoas insistem em realizar os eventos, a despeito dos escassos recursos e da burocracia institucional.

No que se refere ao Teatro Amazonas, este, por seu porte e história, se constituía à parte das atividades escolares, visto possuir função específica enquanto casa de espetáculos e uma Superintendência própria. Isto tornou a deficiente atuação do governo ainda mais explícita em seu relacionamento com os artistas locais. Neste período os gestores pareceram sempre em descompasso com os anseios dos artistas, ou indiferentes às suas reivindicações. Os jornais não oferecem nenhum indicativo de que houvesse uma definição de política cultural, mas tão somente

uma programação de atividades e serviços, feitos de modo a incluir para excluir. Este tem sido um fenômeno recorrente em muitos setores da sociedade. Diante deste quadro, tornam-se pertinentes as palavras de Agamben (2002: 98) em suas análises sobre a figura jurídica do Estado de Exceção integrada ao Estado de Direito na modernidade:

Tem sido argutamente observado que o estado não se funda sobre um liame social, do qual seria expressão, mas sobre sua dissolução (*déliaison*), que veta (Badiou, 1988,p.125). Podemos agora dar um sentido ulterior a esta tese. A *déliaison* não deve ser entendida como a dissolução de um vínculo preexistente (que poderia ter a forma de um pacto ou contrato); sobretudo o vínculo tem ele mesmo originariamente a forma de uma dissolução ou de uma exceção, na qual o que é capturado é, ao mesmo tempo, excluído, e a vida humana se politiza somente através do abandono a um poder incondicionado de morte. Mais originário que o vínculo da norma positiva ou do pacto social é o vínculo soberano, que é, porém, na verdade somente uma dissolução; e aquilo que esta dissolução implica e produz – a vida nua, que habita a terra de ninguém entre a casa e a cidade – é, do ponto de vista da soberania, o elemento político originário.

No caso dos artistas de Manaus, estes foram estimulados e convidados a constituírem grupos, mas uma vez institucionalizados, deviam submeter-se às condições precárias de trabalho. Torna-se evidente, neste período, a ação ambivalente dos políticos - ou de suas assessorias e cargos em comando -, que acabaram por demonstrar uma aliança com a prática viciada de inércia e negligência, predominante no funcionalismo público. Este tipo de gestão sem um plano de governo definido e transparente para a área cultural reincide justificando-se através do apoio aos poucos eventos com apresentações de fora do estado, bem como nas programações locais referentes às datas comemorativas.

Em Manaus, a relação entre o poder público e os artistas consistiu em longa esperas, repletas de expectativas, frustrações e desilusões. Tais expectativas se formalizaram na tentativa de realização do I Seminário de Artes Cênicas do Amazonas (09 -11/05/1986), no qual os artistas propõem discutir, com representantes dos órgãos estatais e municipais, a relação do Estado com a Cultura, visando esclarecer os projetos criados e traçar planos em que a arte local pudesse encontrar espaço²⁶. As frustrações e desilusões podem ser verificadas em uma rápida cartografia

²⁶ Não houve possibilidade de comprovação da realização deste Seminário, tampouco de seus desdobramentos. O que se tem é somente a matéria (A Crítica, 29/04/1986) anunciando sua realização, tendo como objetivo a proposta de criar um espaço para debate sobre a questão cultural local e a partir daí criar um plano de cultura.

viabilizada pelos textos jornalísticos²⁷. Estes permitem a observação de que aconteceram várias tentativas de se criar corpos oficiais de dança, e com elas vários problemas de estrutura, de gestão administrativa, de direção e projetos artísticos, de escuta por parte das autoridades, referentes às propostas e necessidades dos artistas. Um registro significativo desta falta de diálogo encontra-se na matéria do jornal A Crítica (13/10/1988), em que se noticia as reivindicações enviadas em nota pelo Grupo Experimental de Dança do Teatro Amazonas ao Superintendente:

O grupo exige condições para o trabalho que executa, tais como alimentação, através do convênio com a Escola de Mineração, manutenção do figurino, transporte para apresentações fora do espaço de trabalho e aparelhagem de som que permita a realização de um trabalho decente e ainda com possibilidades de reciclagem. (...) O grupo faz questão de ressaltar ser dispensável qualquer tentativa de elucidação da atual situação econômica do País e acrescenta que a remuneração recebida não corresponde nem de longe à prestação de serviços, uma vez que esta só cobre os gastos com o transporte.

Como se pôde observar, as condições de sobrevivência, implementação e consolidação de ações no campo da dança foram pouco favoráveis ao seu desenvolvimento na Manaus dos anos 1980. No entanto, pode-se exercitar uma potencialização simbólica (Boaventura, 2007) e acentuar o fato de que, a despeito da circulação rarefeita de espetáculos e trocas de informação com grupos de fora de Manaus, de uma formação praticamente nucleada em torno do modo de operar de duas academias de dança, e das atividades de extensão universitária, bem como da negligência institucional dos governos municipal e estadual, torna-se impossível não visualizar uma ação de resistência aos jogos de poder, seja em sua denúncia, seja na insistência pura e simplesmente de existir e incomodar, mesmo que na precariedade das páginas dos jornais.

Diferentemente da década anterior, nos anos 1990, o poder público, na figura do Governo do Estado, se colocará em maior evidência. Inúmeras matérias destacam o movimento de debate e ampla difusão das relações entre os governos, as secretarias e os conselhos de cultura, e as reivindicações dos artistas, não mais como grupos específicos, mas como organização de classe.

É relevante considerarmos que, durante este período, aparecem matérias sobre questões de identidade cultural, espalhadas em seminários de cultura amazônica e a importância do folclore na região. Trata-se de algo que se relaciona às perspectivas do Estado para com as possibilidades

²⁷ “Teatro Amazonas apresentará aula inaugural de dança” (Jornal do Comércio, 08/12/81); “Teatro terá um grupo de dança” (A Crítica, 31/12/81); “Teatro fará curso para bailarinos” (A Crítica, 03/01/82); “Corpo de baile” (A Crítica, 12/02/84) “Teatro Amazonas vai formar grupo de balé” (A Crítica, 20/03/84); “Projeto de dança está presente na comunidade” (A Crítica, 24/09/85); “Bailarina ministra curso no Teatro” (A Crítica, 18/11/86); “Corpo de dança do TA sem apoio” (A Crítica, 13/10/88).

do mercado turístico²⁸. Alguns exemplos de título ilustram o cenário da época: Simpósio Universitário de Cultura (1990); Expressão Cênica Amazônida vai acontecer no TA (1991); Dificuldades à parte, 1991 foi um ano bom (1991); Cultura dá sinais de ânimo em ano confuso (1992); Arte sob o domínio do folclore (1993); Artistas dão salto triplo sem proteção (1994); Governo destitui conselhos de cultura (1995). Neste período o governador Amazonino Mendes, em 1994, estampa sua idéia de cultura em Manaus relacionada ao predomínio do folclore e em raro acontecimento, promovido pela jornalista Leila Leong, há uma resposta dos artistas negando as declarações do governador.

Há que se chamar a atenção para o fato de que este é um período em que o mercado cultural nacional e internacional passa a olhar para o Festival Folclórico de Parintins e torna-se evidente a ambivalência deste fenômeno, na medida em que ele possui sua legitimidade no costume popular, seduz e é seduzido pela indústria cultural. Percebe-se o encantamento da exposição, a conquista de se reconhecer um ritmo genuíno da região, assim declarado nas rádios e nas televisões, em propagação nacional. Esta forte propagação do folclore amazonense vem crescendo absurdamente, sempre relacionando-se com os poderes políticos e econômicos. Não se pode desconsiderar que atualmente no aniversário da cidade, a prefeitura comemora com a realização de um evento denominado “Boi Manaus”, e a Coca-Cola até mudou de cor, para garantir a relação com os seus consumidores²⁹.

No Festival de Parintins, a patrocinadora oficial do evento, a Coca-Cola percebeu um fato interessante: a torcida do Boi Caprichoso não comprava o refrigerante pela cor vermelha da latinha, que era associada à agremiação rival (Boi Garantido) e, optavam pela concorrente Pepsi, da latinha azul. Para ganhar esses consumidores, a Coca-Cola tomou uma decisão inédita em seus mais de 100 anos de existência: a adoção da cor azul como oficial, junto ao vermelho.

²⁸ Mesmo que em volume o número de turistas no Estado ainda seja incipiente, as avaliações que consideram como pré-requisito para o turismo ecológico o contato direto com a natureza e as condições para os esportes aquáticos, favorecem a intensificação dessa indústria no Amazonas. (Izane Barros, entrevista realizada em 19.08.94 apud FREITAS, 2000: 117)

²⁹ Para informações adicionais, consultar: “Regionalização, a chave”, por Douglas Ribeiro. Disponível em: <http://images.google.com.br>. Acesso em: 05/05/2010. “A importância do regionalismo: a lenda da coca-cola azul”, por República do Marketing. Disponível em: <http://republicadomarketing.wordpress.com/2010/01/25/a-importancia-do-regionalismo-a-lenda-da-coca-cola-azul/> Acesso em: 05/05/2010.

2.2 Palimpsestos 1: quando surgem os grupos

Nas décadas de 1980 e 1990 verifica-se o surgimento de vários grupos de dança em Manaus. O jornalista Adalto Xavier (2002) apresenta uma lista preliminar: Dançaviva, Grupo Movimento, Grupo Origem, Grupo de Teatro e Dança Jurupari, Ballet da Cidade, Grupo Experimental de Dança do Teatro Amazonas, Grupo Espaço de Dança do Amazonas, Cia. Renascença, Cia. Ballet da Barra, Cia. de Dança do Sesc, Gitanos del Fuego, Núcleo Universitário de Dança Contemporânea, Grupo de Dança Experimental de Dança da Educação Física, Grupo Dança Juventude, Cia. de Dança Allegro e Balé Habeas Corpus. Alguns existiram por um período menor que seis meses, outros encontram-se em atividade até os dias atuais. No entanto, optou-se por uma investigação focada (embora não exclusiva) nas atividades dos grupos Dançaviva, Nudac, Renascença, e Corpo de Dança do Amazonas. É importante ressaltar que esta escolha se justifica na detecção de propostas cênicas basilares para a compreensão contextual da dança que se produz em Manaus e se difunde por meio dos jornais.

O Dançaviva e o Núcleo Universitário de Dança Contemporânea – Nudac, enquanto ambientes de criação, constituem-se em peças fundamentais para a compreensão da dança no Amazonas. Estes grupos contribuíram para uma nova configuração cultural e artística e o esboço de outros caminhos para a dança teatral em Manaus. As questões da cena seguem a trilha do regionalismo e da crítica social, por um lado, e por outro, uma visão de corpo orientada a partir de procedimentos de improvisação. No Dançaviva as referências conceituais encontram-se no Ballet Stagium, da cidade de São Paulo, e o Nudac externa suas relações com o curso de graduação em dança, da Universidade Federal da Bahia - UFBA.

O Dançaviva, criado em 1981, parece ter instaurado um modo de pensar-fazer dança diferenciado das práticas ofertadas na época³⁰. Este novo modo singularizava-se não apenas pela produção de montagens coreográficas não vinculadas às apresentações de final de ano das academias de dança, mas no acontecimento de uma prática social diferenciada. Um trabalho de ação conjunta que, de certa forma, naquele momento, parecia envolver além dos componentes diretamente implicados no grupo (diretor, coreógrafos, bailarinos, equipe técnica), a Escola de Dança (professores, alunos), e atores sociais de profissões diferenciadas tais como o escritor

³⁰ Resultados parciais do projeto de iniciação científica “Cidade, memória e processos evolutivos da dança”, desenvolvido na Universidade do Estado do Amazonas (UEA), no período de 2003 a 2006. Foram mapeados registros de jornais nos períodos de 1862 a 1949; 1960 a 1969; 1980 a 1989.

Márcio Souza, o sociólogo e professor da Universidade do Amazonas, Renan Freitas Pinto, e os jornalistas Afonso Marcilio e João Américo Peret. Relações de interdependência que funcionavam como potencializadores de comunicação.

A História do Grupo é muito recente. Há dois meses quatro bailarinas – duas gaúchas, duas amazonenses – reuniram-se e sonharam iniciar um trabalho que ligasse a dança mais estreitamente a outros meios de expressão artística. Surgiu daí a idéia de formar, em Manaus, um grupo de dança teatral. Um trabalho que reunisse à fala do corpo, uma expressão mais abrangente, que sem ser ópera, utilizasse o canto, sem ser teatro, utilizasse a voz. E contasse uma história. Uma história nossa, brasileira, latino-americana. Uma história atual. Nossa inspiração primeira foram os trabalhos do grupo “Corpo” de Belo Horizonte e do Balé Stagium, de São Paulo. (Diretoria de Assuntos Culturais: Gestão Pé na Terra / Material de divulgação, 25/04/1981)

Em seu discurso original, no material de divulgação do que provavelmente foi a primeira apresentação pública, ocorrida no auditório da Faculdade de Administração da Universidade do Amazonas, o Dançaviva é apresentado como um grupo de balé, preocupado com a história brasileira e latino-americana. Em consonância com estas referências iniciais, a imprensa escrita local, nos anos de 1981 e 1982, irá apresentá-lo como um grupo que possuía uma mensagem: “expressar nossa terra e nosso povo”; uma linguagem própria: a expressão teatral vinculada a uma sólida formação clássica; e um parâmetro conceitual: a estética proposta pelo Ballet Stagium na abordagem de temas de interesse nacional.

O trabalho desenvolvido pelo Ballet Stagium espalhou-se amplamente pelo país e pela América Latina, em virtude das relações desenvolvidas com a mídia impressa e televisiva e sua recorrente itinerância (com potencial amplo de propagação), com roteiros que auxiliavam na difusão do trabalho em lugares distantes (e com dificuldades de acesso a informações artísticas presenciais). Em Manaus, apresentaram em setembro de 1982, as coreografias “Mundo em Chamas”, “Vida”, “Qualquer maneira de amor vale amar”, “Santa Maria de Iniquidade”; em setembro de 1985, “Missa dos Quilombos”, “Crimes”, e “Modinhas”; e em abril de 1988, “Quadrilhas” e “Que Saudade de Elis”. A receptividade e expectativas quanto à sua chegada ilustravam-se nos títulos dos jornais: “Bonito, alegre e latino: Stagium está de volta a Manaus”, “Vem aí o ballet Stagium. Viva!. E os espaços publicitários somavam-se a outras formas de repercussão, tais como as palestras, oficinas, conversas e cursos. Há que se considerar ainda os vários bailarinos amazonenses que passaram pelo Stagium, fazendo cursos ou sendo integrantes

do elenco, tais como Isa Kokay, Jofre Santos, Marcus Veniciu, e Yann Seabra. Isto significava para a cidade e os leitores de sua dança, prestígio social, legitimação do trabalho e da cultura pelo já instituído.

No livro *As Paixões da Dança*, Décio Otero declara que as experiências da Barca da Cultura e do Alto Xingu, em 1977, provocaram uma reorientação filosófica do grupo. Este redirecionamento trouxe à baila um tema caro à região amazônica: a questão indígena. E os espetáculos que se seguem reforçaram uma orientação de empatia, receptividade e reconhecimento de interesses, bem como todos os outros temas que insistiam na história local, e que Décio Otero resume (1999: 21):

Nossa militância artística abordou a opressão, o racismo, o genocídio indígena, a destruição ecológica, o desmatamento, os migrantes nordestinos, a problemática social e urbana, as gentes pobres, assim como as manipuladoras de poder.

Para uma região considerada atrasada culturalmente, inserida no imaginário social como um lugar paradisíaco e de preservação, estes eram os temas ideais. Conceição Souza³¹, diretora e coreógrafa, e Francisco Cardoso³², na época integrante do grupo, declaram que entendiam o Stagium como a dança contemporânea por excelência, na medida em que buscava despertar um caminho ainda não trilhado para a expressão das idéias, principalmente porque naquele momento a censura era muito forte e ninguém podia falar sobre os acontecimentos. O Stagium apresentava-se então como uma alternativa e mostrava a possibilidade de, através da dança, poder teatralizar a expressão, falando muito mais com o movimento do que os aparelhos repressivos podiam prever. Estas questões encontraram reflexos e desdobramentos nos dois espetáculos do grupo. O espetáculo de estréia foi intitulado “Raça”, mas o segundo espetáculo “Inampí, o caboclo que amou uma bôta”, parece ter definido a orientação estética do grupo em direção ao que denominavam de uma busca por uma linguagem amazônica:

Preocupados com nossas raízes culturais, o grupo partiu para a pesquisa de lendas e mitos de nossa gente e optou por um argumento fornecido por nosso companheiro J.A.Peret, intitulado “Inampí”. A peça é nada mais nada menos que uma narrativa dramática de um caboclo de origem Mura que vive às margens do rio Urubu, e que jurou que sua estória houveria sido vivida por ele mesmo. As soluções cênicas encontradas pelo grupo Dançaviva foram as mais felizes possíveis. Manejar um drama de maneira graciosa é algo difícilimo, e eles o conseguiram. Nas cenas em que são mostrados os botos em suas acrobáticas

³¹ Entrevista concedida em 29 de novembro de 2001.

³² Entrevista concedida em 22 de fevereiro de 2002.

práticas aquáticas, o público chegou a se “embalar” nas cadeiras, como se estivesse no parapeito de um barco recreio, partilhando da alegria dos “peixes assobiadores. (A Crítica, 26/12/82)

Nos jornais evidencia-se a intenção do grupo de efetivar transposições entre o regional e o nacional. O que deveria ocorrer como a busca de algo “completamente” amazônico, por um lado, e o que chamavam de linguagem universal, por outro. Aqui o encontro com um pensamento, disseminado na época, de que o treinamento no balé clássico garantiria esta linguagem universal, sendo a base de tudo, ficando as especificidades a cargo de uma dramaturgia teatral (a que eles tinham acesso). O que fica muito claro na fala de Francisco Cardoso, quando diz

(...) então um caminho alternativo para você expressar com o corpo, porque era uma dança mais gestualizada, não era a dança da sala de dança, que derivava de chassés, deboulés e outras, ainda que contemporâneo, mas com base clássica.

É fácil entender o porquê da permanência, continuidade, e proliferação da estética e do modo de pensamento que se instaura com o Dançaviva. As condições políticas e sociais da época, a história da cidade, marcada pelo descaso e desânimo de uma cultura esmagada em sua auto-estima pós-ciclo da borracha, esquecida pelo Brasil e lembrada pela ditadura em seus atos de censura, possibilitaram a criação de um terreno fértil para a exaltação de imagens do cotidiano amazônico. Estas imagens ofereciam a possibilidade de concretizar os anseios locais referentes ao desenvolvimento artístico-cultural, ou seja, a garantia de condições de trabalho e de reconhecimento do setor.

Em 1983 o Dançaviva se desfez. Contudo, apesar do exíguo período de existência, exerceu grande influência não apenas na criação de outros grupos, mas na disseminação de um pensamento de dança relacionado às questões políticas e propostas estéticas da época, com impactos cênicos percebidos até os dias atuais. No processo de cisão, os integrantes seguiram caminhos separadamente, embora em constante colaboração. O então bailarino Francisco Cardoso cria o grupo “Movimento” (1983), dirige o Grupo Experimental de Dança do Teatro Amazonas (1984), e funda o Grupo de Dança Origem (1984-1985), que posteriormente se tornará um grupo teatral. Todos exibindo trabalhos coreográficos que apresentavam questionamentos contundentes sobre as realidades locais e nacionais em termos sociais e políticos, bem como as escolhas estéticas feitas durante o período Dançaviva. Já a diretora do Dançaviva, Conceição

Souza, passa por uma breve experiência no Grupo Experimental de Dança do Teatro Amazonas e, posteriormente, cria o Grupo Espaço de Dança do Amazonas – Gedam (1986).

No mesmo ano em que o grupo Movimento foi criado, o país testemunha a primeira manifestação ampla a favor das eleições diretas e sofre com os altíssimos índices de inflação. O que provavelmente influenciou a escolha do que seria o seu único espetáculo: “Retratos do Brasil”. A estréia foi no dia 23 de novembro no Teatro Amazonas e dividia-se em duas partes: uma na qual apresentava a situação social e política brasileira, e outra, em que abordava a realidade regional, mais especificamente a dificuldade de sobrevivência do caboclo e sua migração para a capital em busca de melhores condições de vida, atraído pelos chamados da Zona Franca de Manaus.

As aulas e os ensaios eram no Centro de Danças Colúmbia e consistiam de aulas técnicas de balé e processos de criação coreográfica. No palco e no corpo essas idéias se apresentavam a partir do que Francisco Cardoso³³ considerava uma linguagem “meio cabocla”. Para ele, os dançarinos não se comportavam com uma postura de dança clássica ou contemporânea, pois desenvolviam um laboratório quase teatral da dança. Uma dança teatralizada como resultado da influência do Ballet Stagium, a qual teve no Dançaviva um primeiro balão de ensaio e no Movimento uma busca mais intensa direcionada para o regional.

Então a gente começou a perceber isso e trabalhar dentro dessa linguagem, dessa que busca o universo do homem amazônico. A gente começa a entrar no minimalismo, quer dizer, ser prolixo com o movimento, porque você com um gesto pode significar muito... Toda uma composição coreográfica. Então a gente começou a estudar células de coreografia. Por exemplo, o homem de coca na Amazônia é uma referência extraordinária e universal porque o homem primitivo sempre ficou de coca. Mas na Amazônia, o homem até hoje fica de coca, e aí a gente usava essa célula para ir transformando o gesto de acocar numa grande coreografia, numa grande expressão corporal. A outra célula que a gente trabalhou era a do arpoar peixe no rio. O gesto de você jogar a lança para dentro do rio, atrás do peixe, esse gesto era de uma magia corporal tão grande que a partir dele a gente começou a criar, elaborar outras coisas, e como a gente foi encontrar uma série de outras referências, a nossa dança foi ficando muito parecida com a de Martha Graham, entendeu? Porque usava uma gestualidade mais simétrica, mais em cima do que a gente havia descoberto em cima de desenhos geométricos na região, do homem primitivo da região.

³³ Entrevista concedida no dia 22 de fevereiro de 2002.

Além da opção pelo regionalismo o grupo caracteriza-se por uma contundente postura de crítica política, na qual se propõe à denúncia da falta de apoio dos órgãos de cultura, ao questionamento do papel das artes cênicas, à denúncia dos preconceitos (deboche e comentários maldosos) e ao questionamento aberto sobre a desvalorização do artista na cidade de Manaus. Um exemplo deste posicionamento encontra-se no texto de abertura da programação do espetáculo.

Ver surgir um ‘STUDIO DE DANÇA’ e sua instalação no Teatro Amazonas, e pasmar, quando de sua entrega a um bailarino Estrangeiro³⁴, tendo artistas nacionais próximos de nossa realidade, ou Maîtres de nosso Estado, como o Professor José Resende, que tem uma vida inteira dedicada a dança e um currículo fabuloso, ou ainda Conceição Souza que iniciou o bailado contemporâneo, falando do homem com linguagem universal. E fica a pergunta: Até quando suportaremos a nossa desvalorização.”

Esta perspectiva de crítica social encontra-se na coluna de Gerson Albano³⁵ (23/11/1983) sobre o espetáculo “Retratos do Brasil”, na qual Cardoso reforça o antagonismo às práticas consideradas elitistas e alienadas, do balé e do jazz, alertando para a possibilidade de um colonialismo cultural, afinando-se com o discurso político da esquerda, contra o imperialismo norte-americano. Cardoso reforça o argumento ao dizer:

(...) Logo, não temos disposição nenhuma de dançar ‘New York, New York’ com roupas brilhantes, seria dançar completamente fora de ritmo de realidade, ou muito menos montar “O LAGO DOS CISNES” quando nosso rio Amazonas não consegue mais adormecer tão silenciosamente no seu leito e nem despertar no seu curso natural.”

Em 1984, Francisco Cardoso deixa o Movimento para assumir o Grupo Experimental de Dança, como grupo oficial da Superintendência do Teatro Amazonas, e caracteriza o trabalho por uma linha regionalista, embora não pensasse em segui-la exclusivamente. Sobre “Promessas de Sol”, primeiro e também único espetáculo, encontra-se no jornal A Crítica (22/06/1984) a seguinte definição:

³⁴ O estrangeiro a que o texto se refere é o bailarino alemão Andréas Paul Basler, formado na Brookling School and General Education, em Londres, e membro da Imperial Society of Teacher of Dancing. Conforme Basler, em comunicação pessoal (Facebook, 13/08 2009), ele havia sido contratado apenas para ministrar um curso de balé e encontrou condições precárias para o desenvolvimento do trabalho.

³⁵ Não houve possibilidade de identificação do jornal, pois a matéria foi obtida no arquivo pessoal de Conceição Souza.

(...) é um trabalho voltado para realidade indígena, inspirado no ensaio do antropólogo Darcy Ribeiro “Uirá vai ao Encontro de Maíra”, retratando e (sic) cosmogonia dos povos Urubu-Kaapor. Esse trabalho, segundo Frassinetti Andrade busca os traços de uma cultura que vem se perdendo e apresenta a importância do levantamento dessas questões que não interessam apenas aos que sofrem diretamente com elas, mas a toda a população brasileira que vê destruídos o único elo de ligação com a sua identidade.

No entanto, com menos de um ano de existência, Francisco Cardoso resolve sair do grupo oficial do Teatro Amazonas, em decorrência do descaso da instituição com sua estrutura, e cria o grupo Origem, que se orientará por outros caminhos cênicos na dança e, mais tarde se tornará um grupo de teatro. Novamente, apenas um espetáculo: “Metalmadeira”. No jornal A Crítica (14/12/1984), tem-se informações sobre as coreografias:

Do repertório atual do grupo, “Formas” é a parte inédita e é também a mais ousada, onde o grupo “tenta estabelecer uma relação emocional com o público através do puro jogo dramático”, afirma Cardoso. “O trabalho é resultado de uma pesquisa de formas, captadas no cotidiano, fruto do exercício da observação diária nas ruas, lanchonetes, bancos etc., que o elenco realizou durante meses.

Conceição Souza assume o Grupo Experimental de Dança do Teatro Amazonas após a saída de Francisco Cardoso mas, conforme as matérias encontradas³⁶, continuam e se agravam as relações de estranhamento e insatisfação entre o grupo e a direção do Teatro. O jornalista Adalberto Xavier (2002:102), assim resume o período:

Por interferências políticas, após pouco mais de um ano de existência, o Grupo Experimental de Dança do Teatro Amazonas também encerrou suas atividades sem ter nenhum espetáculo em seu repertório, exceto as coreografias de curta duração Sonho e Fantasia, com música de Andreas Vollenweider, e Cambar, com música de Vangelis, as quais, juntas, não ultrapassavam o tempo de 15 minutos. Boa parte de seus bailarinos se transferiu para o recém criado Grupo Experimental de Dança do Amazonas (Gedam), transformado em seguida em Grupo Espaço de Dança (Gedan) e, finalmente, rebatizado de Grupo Espaço de Dança do Amazonas (Gedam).”

Os registros encontrados nos jornais, em relação aos espetáculos do grupo, não coincidem com as informações apresentadas por Xavier, pois ao traçarmos a trajetória das obras, constata-se que apresentaram “Fragmentos” (1987), no Teatro Álvaro Braga, e “Missa Luba” (1988), no Teatro da Escola de Mineração, bem como a participação do grupo em diversos eventos promovidos pela Superintendência do Teatro Amazonas, como o projeto “Palco sobre Rodas”,

³⁶ “ Servidora do T.A. agride bailarina” (A Crítica, 01/10/86); “Artistas denunciam direção do teatro” (A Crítica, 06/10/86); “Corpo de Dança do TA sem apoio” (A Crítica, 13/10/88)

“Semana da Criança”, “Manhã Cultural” etc. A quebra de vínculo do Gedam com a STA só aparecerá nos jornais no seu primeiro espetáculo, intitulado “Ensaio Cigano” (1989), com as coreografias “Falando de Amor” e “Cambar”. Segundo Conceição Souza³⁷, o grupo continuou na correlação entre teatro e dança contemporânea, mantendo sempre a base clássica. Sobre a preparação técnica do grupo, a diretora declara:

No Gedam a gente se revezava, eu dava aula, Ana dava aula. É assim, a gente se revezava, mas quem dava aula mesmo era eu, dava aula de clássico, de moderno, de contemporâneo. Eu tenho o meu trabalho. Nunca fui presa à escola. A própria aula de clássico, eu dou aula com a música que vier na cabeça, era a forma de botar esse povo em cena rapidinho. A idéia não era formar bailarinos. A nossa proposta era dançar, de uma forma limpa, de uma forma mais técnica, mas dançar. Então a gente sempre juntou teatro, a experiência de vida...

Nos anos 1990 os espetáculos do Gedam foram coreografados, além de Conceição Souza, por vários convidados, todos com alguma proximidade com o histórico do grupo. Registra-se nos jornais: “Ensaio cigano” (1990); Cambar (1991); Metáforas (1992); Caleidoscópio (1993); Revoadas (1994); 20 anos antes (1995); e Porto de Lenha (1996). Durante esta década o grupo consolida suas diretrizes estéticas tendo como referenciais a dança moderna e o balé. Neste sentido, a fala de Conceição Souza³⁸ sobre a produção de dança contemporânea de outros grupos e as atividades do Gedam, em 2001, é relevante para que se entenda o que fundamenta a direção artística do grupo:

“ (...) a gente dançava. Tinha umas quedas de dança moderna, mas eram umas quedas elaboradas, umas quedas... não essa coisa jogada, à toa, eu não vejo beleza, eu não vejo estética, é feio. Não gosto. Posso estar atrasada, mas, se eu passei a minha vida inteira sonhando em ser baliza, no máximo pra turista ... depois de tantos anos de dança, eu vou aceitar uma história dessa? Nunca!”.

De modo geral, pode-se resumir o panorama dos grupos independentes, que desenvolveram atividades artísticas em Manaus, dentro de uma situação de extrema precariedade, na qual predomina a falta de infra-estrutura, de investimento em informação especializada a médio e longo prazo, os encontros e desencontros com o poder público, com sérias dificuldades para a produção, circulação e difusão de suas obras. A exceção se constituía no Núcleo Universitário de Dança Contemporânea (Nudac), possuidor de uma estabilidade relativa, na medida em que, em decorrência de ser um projeto de extensão dentro de uma universidade

³⁷ Entrevista concedida em 29 de novembro de 2001.

³⁸ Entrevista concedida em 29 de novembro de 2001.

federal, poderia dispor do aparato institucional para assegurar recursos estruturais, como por exemplo, um local para aulas, montagens e ensaios.

O Nudac foi instalado em janeiro de 1983, vinculado ao Conservatório de Música da Universidade do Amazonas, com o objetivo de oferecer ao universitário uma formação complementar mediante a prática da dança. Foram quase duzentos alunos universitários inscritos, o que obrigou a uma seleção de sessenta pessoas. E no decorrer do processo natural de desenvolvimento do grupo chegaram ao primeiro espetáculo com vinte e cinco alunos. Devido ao fato de que o Conservatório dispunha somente de pequenas salas, estruturadas especificamente para estudos de música, o Nudac ocupou durante um certo tempo o espaço cedido pelo curso de Educação Física. Para Lia Sampaio³⁹, no início houve um pouco de resistência por parte dos outros grupos da cidade, visto que aparentemente não daria certo um grupo de pessoas que nunca tinham feito dança na vida e não tinham base de técnica clássica. Mas a dança proposta abarcava todas as técnicas que havia vivenciado em seus estudos na Bahia, tais como o clássico, o jazz, o afro. O que, para a professora, consistia em uma atitude da dança contemporânea, ou seja, reunir diversas referências técnicas. Declara ainda que o mais importante era que a dança que se buscava era uma dança libertadora, uma dança aberta para qualquer pessoa que quisesse vivenciar suas experiências:

Eu não ia trabalhar o dançarino, eu não ia fazer um grupo para dançarinos espetaculares, para mostrar técnicas virtuosas, eu ia trabalhar o indivíduo com a dança. Então era a partir da expressão corporal ao encontro com a sua expressão pessoal, ou chegar à sua expressão pessoal. Então na verdade era uma proposta diferente. Não interessava se ele sabia dançar ou não sabia dançar, importava que ele queria vivenciar a dança.

Dessa forma o Nudac passa a abrigar não apenas universitários de Educação Física ou Artística, mas de todos os setores da Universidade do Amazonas, visto que participavam alunos e/ou professores, de engenharia, agronomia, medicina, etc. Outra característica do Nudac, além dessa diversidade de componentes e técnicas, era sua atitude social e política, pois durante o período em que esteve em atividade o grupo participava intensamente de projetos, manifestações e movimentos de reivindicação da comunidade universitária, apresentando-se em ruas, praças e espaços alternativos. O grupo se caracteriza pelo objetivo de não formar dançarinos, mas sim

³⁹ Entrevista concedida em 21 de fevereiro de 2002

de oferecer instrumentos para uma tomada de consciência do próprio corpo e sua importância no desenvolvimento pessoal e na relação com o mundo, onde a meta principal não era o palco, mas o desenvolvimento das potencialidades a partir do auto-conhecimento dos componentes. Tal postura gerou desconforto para outros grupos locais, pois não reconheciam a seriedade do trabalho na medida em que o tipo de discurso, vinculado à educação e a um corpo mais democrático, soavam estranhos à época. Estranhos para a Universidade, para as instituições de governo (lê-se TA) e para os próprios artistas.

A estréia foi em novembro de 1983, no Teatro Amazonas, com o espetáculo "Corpo e Movimento", seguido por "Villa Lobos em Cantos do Brasil" (1984), "Horas de Estudos" (1985), "Auto de Natal" (1985), "Casa de Bambas" (1986), "Ensaio I" (1987), "Cantos e Passos da Paixão" (1988), "Festa de Brasil Mestiço" (1988), e "Vida, Amor e Arte" (1989). Conforme Lia Sampaio, embora no primeiro espetáculo a finalidade fosse apresentar a idéia da expressão pessoal, "do corpo dizer no espaço o que queria dançar", ela ainda se sentia muito responsável pela coreografia, porque os participantes não tinham "aquela soltura que se adquire com o tempo, com a experiência, com a vivência". Situação que foi se modificando no decorrer do trabalho. A matéria intitulada "Nas 'Horas de Estudo' a Transa do Corpo"⁴⁰, exemplifica o desenvolvimento citado pela professora, ao apresentar a estrutura do espetáculo. Dividido em três partes, na primeira apresentava o trabalho de dança-educação com as crianças, na segunda, a temática relacionada à cultura negra, e na terceira, a arte moderna e sua impossibilidade de revelar as complexidades da realidade atual. Em raro momento da imprensa escrita, encontra-se uma matéria (A Crítica, 05/07/85) sobre os resultados deste espetáculo:

A coreógrafa Lia Sampaio declarou-se gratificada com o resultado deste espetáculo, demonstrando que o grupo está crescendo, assim como o nível de trabalho cresceu tecnicamente por opção deles e resultou numa resposta de palco. O título 'Horas de Estudo' é a resposta do grupo, à participação em laboratórios, discussões e experimentações, o que acredito seja o amadurecimento do grupo.

Lia Sampaio destaca, no decorrer desta década, a montagem do espetáculo "Festa de Brasil Mestiço" (1988), como um momento de extrema relevância para o grupo:

⁴⁰ Texto do acervo pessoal de Lia Sampaio. Não foi possível identificar o jornal, somente o ano (1985) e a autoria do texto, sendo de Idelzuita Araújo.

Oh! Tem peso. Brasil Mestiço. De novo a gente traz o Coral, a gente traz o Dança Juventude, a gente traz a pesquisa do Maracatu, do Brasil, do mestiço, do negro. (...) Então tivemos os alunos de Educação Artística fazendo as pesquisas de indumentária. Enfim, essa relação Centro de Artes – Educação Artística – era fantástica.

Não muito diferente das outras notícias referentes à dança nos jornais manauaras, os textos sobre o Nudac apresentam dificuldades redacionais, repetições de releases, e reduzem-se à descrição dos programas dos espetáculos, com algumas pequenas diferenças. Observa-se, no entanto, que é comum a captação não apenas da fala da diretora e coreógrafa, mas a opinião dos universitários⁴¹ sobre suas experiências no grupo, enfatizando quase sempre a natureza de auto-reflexão e o discurso de que neste tipo específico de trabalho, corpo e mente se desenvolvem de modo simultâneo.

Na década seguinte, o Nudac continua a criar um espetáculo por ano e, comemorando seus dez anos de existência, passa a dedicar-se a temas regionais. No entanto, dificuldades com o aparato institucional da Universidade Federal do Amazonas, o fazem encerrar suas atividades em 1994. Para o poeta Elson Farias, a coreógrafa Lia Sampaio, em sua trajetória artística, envolveu elementos negros e indígenas, baianos e amazônicos nos movimentos da dança, nos ritmos e no conteúdo da coreografia⁴². Os espetáculos realizados foram: “Corpo e Alma” (1990); “Sankofa” (1991); “Jogos de Dados” (1992), “Planeta Amazonas” (1992); “Incorpora Sons” (1992) e “Viração” (1993). Com o término do grupo vários de seus integrantes migraram para a recém-criada Cia. Lia Sampaio que, além de criar espetáculos novos, reapresentou coreografias montadas pelo Nudac. Este foi o caso de “Planeta Amazonas”, que apresentava como temática elementos típicos da região, e foi selecionada para a abertura da XXIII Reunião Anual de Membros da Mastercard Internacional, em 1997. Na época, o enfoque das matérias privilegiaram a natureza empresarial do evento, e à idéia de dança enquanto um produto artístico-comercial, “tal qual aconteceu com o movimento musical dos bumbás parintinenses”, (Adalto Xavier, Amazonas em Tempo, 08/07/1997).

⁴¹ Dentre outras matérias é possível citar A Crítica, 05/07/1985; Jornal do Comércio, 11/05/1985; A Crítica, 05/11/1987.

⁴² FARIAS, Elson. “Nudac rompe o isolamento em exemplo de intercâmbio”. Especial para A Crítica, 08/07/1994.

A Cia. de Dança Renascença, criada em 1990, constituiu-se como resultado de uma oficina de dança e coreografia ministrada no Centro de Artes da Universidade do Amazonas, pelo coreógrafo Jorge Kennedy Pereira Campos. A proposta inicial do grupo apresentava a dança-teatro de Pina Bausch como base para a montagem de seus espetáculos. Uma proposta estética decorrente da formação do coreógrafo Jorge Kennedy, a partir da experiência vivenciada no curso de especialização em dança da Universidade Federal da Bahia, e das aulas com o bailarino alemão Heide Tegeder, em curso intensivo promovido pelo Instituto Goethe. Sobre estas informações adquiridas no curso e o processo de montagem do primeiro espetáculo, Kennedy⁴³ declara:

Eu fiquei sabendo na época (que eu desconhecia) que todos os bailarinos dela, que eram extremamente contemporâneos, tinham de ser bons bailarinos clássicos, e eu investi na preparação em balé, porque eu tinha vindo da Escola Maria Olenewa. E a gente trabalhava muito o laboratório de pesquisa de movimento. Trabalhávamos o tema seguindo o métodos de Pina Bausch, que é: através de uma imagem, ou tema X, você solicita do bailarino movimentos e você pega os movimentos que você acha que vai ficar interessante para a criação de uma cena. Você vai juntando isso, é uma colagem. E assim montamos o espetáculo, um novo investimento em criação.

No entanto, a proposta de dança-teatro foi se diluindo no decorrer da trajetória do Renascença, porque o coreógrafo passou a buscar outro tipo de movimentação, buscando afastar-se do que segundo ele era

(...) Uma movimentação mais pesada, ansiosa, conflituosa, como eram as coreografias de Pina Bausch, por estar em um outro contexto, um país pós-guerra... e isso tinha uma relação com o peso. E aí nos outros espetáculos a gente foi buscando uma outra relação, um outro direcionamento de movimento. A partir de “Boleros” a gente começou a trabalhar a comicidade, a diversão, a cor, e então as coisas ficaram mais leves eu fui vendo novos caminhos temáticos para desenvolver. Foi a partir daí que eu comecei a colocar minha assinatura como coreógrafo.

Posteriormente, o coreógrafo também irá trabalhar com a temática regional no espetáculo “Amazônia Nau” (2000) e o grupo será premiado pela Funarte.

Foi aí que eu comecei a trabalhar com o objeto e perceber o que ele poderia insinuar de movimentação pra criação. Comecei a trabalhar com

⁴³ Entrevista concedida no dia 17 de maio de 2009.

bacias, porque me passava a idéia de água, e com umas varas, que passam muito o gestual indígena, do guerreiro, mas de uma forma completamente abstrata, então a canoa (...)

Os espetáculos do grupo Renascença, durante este período, foram: Mulheres de Pequim (1991); Neanderthal (1991); Boleros y otras danzitas más (1992); Suite Renascença (1992); Transe (1993); Três olhares da dança (1996); Poema tribal II (1997) e Amazônia Nau (2000). A cobertura da imprensa, em relação ao trabalho do grupo, apresentou-se deficiente no sentido de não ter detectado uma nova proposta estética em curso que, embora posteriormente tenha se direcionado a outros caminhos, oferecia traços diferenciais no tratamento de temas culturais, como por exemplo, o espetáculo “Boleros y otras danzitas más” (1992), em que se explorava as soluções menos prováveis para situações cênicas das relações humanas de grupo ou casal.

No ano de 1997, no governo de Amazonino Armando Mendes, o Secretário de Estado da Cultura e Estudos Amazônicos, Robério dos Santos Pereira Braga, divulga nos jornais a intenção de criar uma companhia de dança oficial para o Teatro Amazonas. O Corpo de Dança do Amazonas – CDA, será criado então no ano seguinte, em 1998, através de um concurso público, com o objetivo institucional de concretizar o programa de Música Erudita e Artes.

Yara Costa⁴⁴, bailarina desta formação inicial do CDA, relata que no início as atividades eram intensas, e tinham como objetivo prioritário desenvolver a técnica dos bailarinos:

O formato do grupo era muito voltado para o balé clássico e uma dança moderna. A música era muito importante. Então, tinham uns códigos muito tradicionais na dança que eram muito fortes na direção do Joffre Santos⁴⁵, e do professor de balé Ivo Kargueorguiev

Monique Andrade⁴⁶, após ministrar um curso de férias para a Companhia, foi contratada, em 2001, pela Secretaria do Estado da Cultura, para trabalhar como *maitre* e assistente de

⁴⁴ Yara Santos Costa, após concluir a especialização em coreografia, pela Escola de Dança (UFBA), volta em 1996 para Manaus e monta o grupo CRYA. Participa em seguida do espetáculo 3 Olhares da Dança, com Jorge Kennedy e Cristina Moraes. Mas, após o concurso para o CDA, dedica-se exclusivamente à Companhia. Entrevista concedida em 12 de maio de 2009.

⁴⁵ Coreógrafo amazonense, com formação clássica e experiência em balé moderno e contemporâneo. Atuou como bailarino do Ballet Stagium, na Ópera Paulista e no Ballet Teatro Castro /Alves. Fonte: Secretaria de Estado da Cultura, Turismo e Desporto. Programação comemorativa de três anos de existência da Companhia, 2000.

⁴⁶ Amazonense, participou da formação inicial do grupo Renascença. Em 1991, muda-se para Curitiba, onde inicia o curso de graduação em dança, na PUC-PR, que será interrompido em 1993. Após seu retorno à Manaus, entra em

coreografia. Em sua opinião, a criação do CDA gerou mudanças significativas para a dança em Manaus:

Ví um crescimento muito grande do CDA, não só tecnicamente falando, mas artisticamente, como os intérpretes começavam a encarar essa vida profissional, o crescimento da Companhia em relação à formatação de novas platéias, a busca incessante da Secretaria de Cultura de estar mostrando ao público toda a formatação destes corpos artísticos. O balé sempre estava na rua, aos domingos, dançando, então, isso fazia com que a dança tomasse nova forma na cidade.

A proposta do Governo do Estado para a Companhia, pode ser sintetizada nas palavras do então diretor artístico, Joffre Santos⁴⁷, ao declarar, em 2000, que a CDA possuía como objetivo “traduzir os valores e o imaginário do homem amazônico, seu jeito de ser, suas raízes e suas influências culturais, sempre buscando oferecer ao público amazonense a magia de sonhar e questionar”. Neste sentido, observa-se que a Companhia nasce com a orientação para uma estética regionalista, embora tenha construído, até os dias atuais, um repertório contemplando outras temáticas. As coreografias levadas para a cena até o ano de 2000, foram: “Sagração da Primavera” e “Xamã” (1998); “Puracy” (1999); “Desejo” (1999); “Another time to breathe” (2000) e “Da cor azul” (2000).

O CDA criará enormes expectativas na cidade em relação a abertura de um mercado de trabalho (fórmula remunerado e com infra-estrutura para a realização de suas atividades) e será pauta constante dos jornais, embora sempre com abordagens descritivas. Em breve resumo da hemerografia levantada, pode-se destacar do período as seguintes matérias: “Audição define elenco do Corpo de Dança do Amazonas” (A Crítica, 28/03/1998), “Sagração da Primavera” e Xamã” (A Crítica, 25/06/1998), “Corpo de dança recebe técnica americana” (08/07/1998), “Corpo de Dança entra em cena” (15/11/1998), “Puracy é exaltação da dança” (27/08/1999), “Harmonia da plástica e da coreografia” (16/11/1999), “Corpo de Dança do Amazonas. A força do corpo em movimento” (A Crítica, 08/06/2000)”.

contato com a direção da Companhia para fazer aulas. Posteriormente, é contratada para ministrar balé clássico. Atualmente, é diretora artística do CDA. Entrevista concedida em 08 de maio de 2009.

⁴⁷ Fonte: Secretaria de Estado da Cultura, Turismo e Desporto. Programação comemorativa de três anos de existência da Companhia, 2000.

2.3 Palimpsestos 2: algumas leituras provocativas

No Amazonas o balé moderno, a dança moderna e o jazz, fundamentam a cultura da dança cênica que se constrói em sua capital no período de 1980 a 2000. Os temas com resíduos nacionalistas e regionalistas, embora não exclusivamente, encontram-se na trajetória destes vinte e um anos em estudo, como se pode observar no rol de espetáculos. Percebe-se que, em meio a diversos assuntos, a cultura brasileira e o autenticamente amazônico aparecem na produção local pelo menos uma vez como opção temática. E, mesmo que alguns artistas não se assumam comprometidos com o regionalismo - e se sintam reticentes quanto ao seu uso -, em algum momento optam por trazer para a cena estas referências. É óbvio que apenas a listagem de títulos não pode ser conclusiva, pois há que se pensar o modo de levar estes temas para a cena em seu contexto social, cultural e político. Precisamos então migrar do assunto expresso para a linguagem que o expressa. O que demanda um estudo específico de algumas produções, constituindo-se em primeiras leituras porque se constroem fundamentalmente, embora não exclusivamente, a partir dos vestígios encontrados nos jornais. Uma costura, um alinhavo de situações. Não se constituem em estudos de casos.

As coreografias escolhidas para observação se apresentam explicitamente como obras que expressam a identidade amazônica. São elas: Inampi (1982), Planeta Amazonas (1992), Porto de Lenha (1994) e Sagração da Primavera (1998). Foram elaboradas em momentos históricos e políticos bem distintos, no entanto, apresentam características similares de percepção de mundo e lógica de construção artística. Se pensarmos estas coreografias, não como eventos soltos, mas como elementos de um sistema, aparece-nos um efeito de esmagamento do presente, através da operação de uma expansão/eternização do passado. Explicando melhor: o tempo presente se configura neste conjunto de coreografias apenas como elemento para acertar as contas com o passado. Identifica-se um luto infindável, nostálgico pelo que considera sua origem e essência (os mitos e lendas, uma vida tribal paradisíaca); melancólico por suas perdas (o massacre indígena, o fausto da borracha, a colonização cultural com o advento da Zona Franca). Há uma ausência que se torna presença constante. Ou seja, aliada à idéia de identidade encontra-se uma referência contrativa do presente, na medida em que ele está comprometido apenas com o passado, e portanto não lhe cabem outros assuntos, outros corpos, outras cenas.

Inampi, um caboclo que amou uma bota (Dançaviva, 1982)

Inampi tratava do universo fantasioso do caboclo e sua tradução para um corpo de balé. Este trabalho tinha como ponto de partida um conto escrito pelo jornalista e sociólogo João Américo Peret⁴⁸. Um conto distinto da tradição local de associar o boto a uma figura masculina⁴⁹. Nele, tem-se uma figura feminina saindo do mundo das águas para seduzir um caboclo. A narrativa, embora com as variantes dos papéis, lembra a estrutura dos balés românticos, em sua predileção pelo mundo dos seres mágicos da natureza e a idéia de possuir um desejo inatingível. A obra incorporou na época um sentido político de partilha de um imaginário, de uma memória coletiva, no ato mesmo de representar - e por conseqüência difundir, tornar público -, desta forma potencializando e valorizando esse universo, conferindo-lhe relevância. Isso fez a diferença porque legitimou uma parte da fala, que era do cotidiano - mas não era um tema explorado até então para a dança em Manaus – referenciando a figura do caboclo, tão estigmatizada quanto a do indígena.

A coreografia obteve excelente recepção do público. Era uma narrativa familiar tanto para quem morava em Manaus quanto para o interiorano, posto que trazia as sensações do relacionamento com imagens próximas do amazonense (o balanço das águas, uma série de botos brincando). Algo que surgia como novo. E que se diferenciava de uma prática de encenação teatral muito forte na época, que eram as experimentações do Tesc, cujo mote era a denúncia social - por meio da sátira e do sarcasmo -, referente ao processo histórico de colonização dos indígenas, às mazelas sociais trazidas com a implantação da Zona Franca e ao populismo que marcou durante muito tempo a política pública amazonense. Tudo indica, a partir do cruzamento do material documental dos jornais e das entrevistas com os artistas da época, que a opção foi contar a história de modo linear utilizando a gramática do balé, o seu vocabulário de passos e posições, para a organização cênica. Peret chega a publicar um livro pequeno⁵⁰, similar ao formato de uma fotonovela, com fotos do espetáculo ilustrando as passagens do conto.

⁴⁸ Publicado em A Crítica (17/05/1981), no suplemento Vida (curiosidade), página 04.

⁴⁹ Therezinha J. P. Fraxe (2004:326), em estudo sobre a produção cultural dos caboclos-ribeirinhos, no município Careiro da Várzea, no Estado do Amazonas, assim define: “O boto é um encantado da metamorfose, por excelência, expansão de uma espécie de êxtase dionisíaco, que deixa as mulheres fora de si mesmas, fazendo-as esquecerem todas as normas para seguirem somente o impulso desse ser de puro gozo, de amor, sem ontem nem amanhã”

⁵⁰ PERET, João Américo. Inampi, o caboclo que amou uma Bôta. Manaus: edição independente, 1982.

Desta forma, as características locais, por meio do balé, incorporam-se a uma língua culta, universal, confiável, digna de crença, assegurando sua legitimação e graduação em status. As cores, os sabores, os trejeitos locais podem ser representados estilizadamente por meio de *arabesques*, *attitudes* e *grand-jetés*, garantindo o seu relacionamento com uma língua culta, universal, confiável, digna de crença. A cultura dos europeus, nos chega então como modo de representar os contos, as lendas, a exuberância de suas matas e rios, em relação com o homem. Um corpo estrangeiro na organização da coreografia e construção do espetáculo legitimando sua existência: o procedimento coreográfico de ordenação de passos e posições, provenientes do balé, levados como construção cênica.

Inegavelmente, a representação de um conteúdo local foi significativa. Mas não se pode deixar de perceber a armadilha que se constrói, no perigo de se recair em uma visão inaugural da Amazônia fabricada pelos relatos dos europeus, descrevendo suas primeiras incursões ao Novo Mundo. Um tema delicado, porque soma-se a adoção de um olhar estrangeiro (medieval) em sua perspectiva dualista de paraíso ou inferno, à realidade vivida do habitante amazônico (no século XX), com o seu entorno, e as sensações e sentimentos, experiências corpóreas e experimentos intelectuais daí derivados. Esta relação torna difícil a leitura (fora do tempo real) da obra porque se por um lado, há internamente um processo de reconhecimento e revalorização simbólica dos elementos da vida cotidiana (o caboclo, sua relação com a natureza, sua produção de linguagem e conhecimento), por outro lado, tal imagem parece inaugurar para a dança teatral - a partir da década de 1980 em Manaus -, um modo de construir representações especificamente reafirmando algumas narrativas de “Invenção da Amazônia”.

A utilização do termo ‘Invenção’ refere-se aqui diretamente ao estudo publicado por Neide Gondim (1994: 09-10), para quem a Amazônia não foi descoberta ou sequer construída, mas foi inventada a partir da construção da Índia, fabricada pela historiografia greco-romana, pelo relato dos peregrinos, missionários, viajantes e comerciantes, os quais, pressionados por adversidades comuns à época, sonhavam encontrar o paraíso e a fonte da eterna juventude pertencentes a uma tradição religiosa que dizia que um grande rio nascia naquele local aprazível, cujas águas encobriam riquezas, e não muito longe, uma fonte convidava para a total supressão dos males sociais.

Acontece que a Amazônia é uma metáfora do Novo Mundo, do outro mundo, do lugar dos deslumbramentos, exotismos, maravilhas. Mesmo quando a realidade é muito outra, quando se verifica que os fatos contradizem a imaginação, mesmo nesses casos, parece reiterar-se a busca do paraíso. Ocorre que a Amazônia tornou-se o emblema de algum lugar, onde se esconde uma utopia do Planeta Terra (Ianni apud Gondim: prefácio)

Planeta Amazonas (Nudac, 1992)

No espetáculo Planeta Amazonas novamente em foco a temática dos contos e lendas da região amazônica, exemplificados na lenda do rio Amazonas, no encontro das águas e nos elementos da floresta. O espetáculo teve sua estréia em 1992 como parte da comemoração de dez anos do Núcleo Universitário de Dança Contemporânea (Nudac). Em cena, conforme a matéria da jornalista Andréa Arruda (Amazonas em Tempo, 12/06/1992), os dezessete dançarinos - utilizando a técnica de dança contemporânea -, assumem a forma de animais e árvores, entrando e saindo da cena como se estivessem se deslocando na mata, sugerindo um relacionamento harmônico. Interessante notar que nos elementos textuais o espetáculo aparece vinculado à idéia de TRANSPORTE: "... transportar para o requinte do ambiente (Teatro Amazonas) o espaço das águas e das terras", e de TRADUÇÃO: "Um Planeta Amazonas", traduzido em música e movimentos contemporâneos...".

A matéria é finalizada com os auspícios ou votos de que o público assistirá um "Planeta colorido, curioso e navegado por espécies consideradas 'mágicas' – em forma e essência". O que justifica o próprio título: "Nudac apresenta o Misticismo da Floresta". Reforçam-se as idéias de uma natureza mística, misteriosa, sob o mesmo prisma de deslumbramento dos cronistas do século XIX, onde tudo converge para a harmonia em uma grande festa. Harmonia, magia e festa reaparecem. Aliás, a idéia de Brasil como uma grande festa de raças, já havia sido apontada em outro trabalho do grupo, datado de 1988, sob o título de "Festa de Brasil Mestiço".

Em 1997 Planeta Amazonas foi selecionado para participação na XXII Reunião anual do grupo Credicard-Mastercard, ocasião em que, desvinculado da universidade, o grupo tornara-se independente, agora sob o nome de Cia. Lia Sampaio. Na matéria de Achilles Barros (Jornal do Comércio, 09/07/1997) , tem-se a informação de que a Companhia abrirá o evento com a performance "Lenda do Amazonas": um trabalho inspirado na árvore Baobab, venerada pelas tribos das selvas africanas; e encerrará com "Viração das tartarugas", inspirada no livro

“Fundação de Manaus”, do historiador Mário Ypiranga Monteiro, sobre a exportação da banha das tartarugas. Eis como finaliza a matéria de Barros: “Mas no ritual da Viração das tartarugas, homens brancos e nativos digladiam-se. Vence a força das armas... Nesta performance a lenda é vivida pelos movimentos sinuosos dos bailarinos em uma coreografia das mais sublimes”.

Embora o Nudac/ a Cia Lia Sampaio ofereçam diferenciações no treinamento corporal e na concepção cênica - na prática da utilização da improvisação e da criação em grupo para a montagem dos espetáculos -, nota-se o reaparecimento de referências a utopias e distopias amazônicas, reforçando a impressão de que subsiste na cultura da dança e do jornalismo cultural que se produziu em Manaus durante o período em estudo, um pensamento antinômico e essencialista sobre natureza e cultura, bem como sobre as relações de alteridade forjadas sempre no exotismo e no antagonismo. Ou seja, há uma lógica de percepção de mundo que, inconscientemente, parece trair as intenções de desenvolvimento de um trabalho fora das esferas do folclore e dos estereótipos sobre a região, mesmo que o depoimento dos coreógrafos negue tais apropriações.

O grande problema é que esses lugares-comuns europeus sobre a América Latina são em parte verdadeiros. Apesar de todas as misérias os países latino-americanos têm, de fato, uma natureza exuberante, e seus habitantes, uma vitalidade, uma imaginação e um gosto pela festa que se devem a certos arcaísmos preservados, ao simples desejo de sobreviver ou a uma venturosa inconsciência. A questão não é nos desfazermos dessas características, que agradam aos outros, mas vivê-las com lucidez, e não como uma compensação do que falta ao outro. (Perrone-Moisés, 2007: 42)

A constância, a insistência neste assunto durante mais de 20 anos quer dizer alguma coisa, algo não resolvido, mal articulado, alguma falta. Pensar sobre a identidade cultural constitui-se, desta forma, em um ato legítimo histórico, social e principalmente político. No entanto, citar os elementos negros, indígenas e caboclos somente a partir deste ponto de vista podem ser armadilhas para o artista (principalmente se ele não estiver preparado, municiado de informações). Mesmo porque existe uma vasta bibliografia a esse respeito. A questão crucial apresenta-se então como o fixar-se em abordagens de superfície, em carimbos de identidade estável. É preciso concebê-la plural, sempre em trânsito, em estado de metamorfose. Percebe-se que, neste tipo de convivência, a relação com o outro cultural não consegue se estabelecer se não for por oposição, rememorada historicamente, desconfiada sempre, e ressabiada nas relações mais atuais. É o que nos orienta à observação da coreografia Porto de Lenha.

Porto de Lenha (Gedam, 1994)

Porto de lenha
Tu nunca serás Liverpool
Com uma cara sardenta e olhos azuis

Um quarto de flauta
Do alto Rio Negro
Pra cada sambista-paraquedista
Que sonha o sucesso
Sucesso sulista
Em cada navio, em cada cruzeiro
Em cada cruzeiro
Das quadrilhas de turistas⁵¹

O mote do espetáculo foi a apresentação das questões expostas na canção “Porto de Lenha” (em epígrafe), composta em 1978, por Aldísio Filgueiras⁵² e Torrinho⁵³, para a cena final da peça “Tem Piranha no Pirarucu”⁵⁴. Filgueiras tinha vivido intensamente o período da censura com a interdição de seu livro de poemas denominado “Estado de Sítio” (1968), bem como o engajamento político e as experimentações cênicas com o Grupo Decisão, o grupo musical “A Gente”, e o Teatro Experimental do Sesc (Tesc). É relevante lembrar os objetivos do Tesc, expostos na forma de um manifesto teatral, no texto do cartaz-programa da peça “O Elogio da Preguiça” (1980), os quais, de modo sintético, eram a defesa da liberdade de expressão no Brasil, a defesa da autêntica cultura amazonense, e a criação de uma linguagem teatral compatível com os objetivos anteriores (Azancoth, 2009: 281). O termo “defesa” torna-se fundamental como princípio de referenciação na relação de um Eu com o Outro e na criação de uma imagem de

⁵¹ PORTO DE LENHA LETRAS. Disponível em: <http://torrinho.musicas.mus.br/letras/345629/> Acesso em: 05/05/2010.

⁵² Compositor, poeta e jornalista. Nasceu em Manaus em 1947. Sua estréia literária aconteceu em 1968, com o livro de poemas *Estado de Sítio*, que teve circulação proibida pela censura. Membro da Academia Amazonense de Letras, compõem sua obra poética os livros *Malária e outras canções malignas* (1976); *A República muda* (1989); *Manaus – as muitas cidades: 1987-1993* (1994); *A dança dos fantasmas* (2001) e *Nova subúrbios* (2004). Disponível em: http://www.antoniomiranda.com.br/poesia_brasis/amazonas/aldisio_figueira.html Acesso em: 05/05/2010.

⁵³ José Evangelista Torres, nasceu em Belo Horizonte, e viveu sua infância no bairro da Tijuca (RJ), de onde trouxe as influências musicais da Bossa Nova, do movimento Tropicalista e dos antigos festivais de música da década de 60. Mudou-se para Manaus no ano de 1968 e começou a compor no início dos anos 70, quando participou de vários festivais. Torrinho, em suas obras individuais ou com parcerias, procura mesclar temas de cunho amazônico com a linguagem universal, sem se preocupar em ser aquilo que se convencionou chamar artista regional. Disponível em: <http://www.mpbn.net.com.br/musicos/torrinho/> Acesso em: 05/05/2010.

⁵⁴ Peça escrita por Márcio Souza, em 1968, com o título original de “Zona Franca, Meu Amor”. Somente obteve liberação da censura em 1978 quando foi encenada pelo Tesc sob o nome de “Tem Piranha no Pirarucu”.

auto-referenciação e de alo-referenciação. Entende-se, dessa forma, o fato de que nas três matérias referentes ao espetáculo, encontradas no jornal *A Crítica*, a música “Porto de Lenha” seja definida como uma versão não-oficial do hino de Manaus. A idéia de versão não-oficial se articula muito bem com a posição política dos compositores e o modo necessário de se colocar perante a repressão que ocorrera no período da ditadura. Mas isto serviria para a realidade de 1994? Como um espetáculo de dança faria estas atualizações?

A matéria de estréia, escrita pela jornalista Betsy Bell (*A Crítica*, 04/12/94) busca resumir “Porto de Lenha” dizendo que ele “dissecou o hino não-oficial do Amazonas” para montar um espetáculo – em três meses - de uma hora de dança contemporânea. Talvez o verbo dissecar esteja neste contexto se referindo ao fato de que a canção foi estudada em minúcias, mas também remete ao procedimento da medicina de dissecação de cadáveres, ou seja, a análise de um corpo morto. No parágrafo seguinte ela dá voz à diretora, Conceição Souza, que o define como “uma aula de história da colonização universal que parte da origem mitológica da criação do mundo indígena e se desenvolve pelo ciclo extrativista até o processo de automatização atual do homem amazônico”.

O texto de Leila Leong (*A Crítica*, 16/03/95) é muito mais apurado, no entanto, ela explora somente a voz do roteirista do espetáculo. Então, são apresentadas as intenções de Filgueiras e a referência de seu contato com o grupo no processo de montagem. Conforme o poeta, cada verso da música-tema foi analisado, e suas intenções enquanto compositor foram explicitadas, restando aos bailarinos tentar “responder ou levantar com o gestual e o ritmo aos questionamentos propostos pelo autor”. O espetáculo é dividido didaticamente em nove quadros: o parto, o homem, o ruído, a pólvora, o outro, a miscigenação, a usura, a náusea e o gato Félix. E o texto prossegue com as observações do poeta, resumindo-o como um espetáculo que pretende captar uma ação de conflitos entre o eu e outro em uma crítica sobre o processo civilizatório desde o primeiro contato da Europa com o Novo Mundo. Para o compositor, esta era uma denúncia artística feita com música e movimento. Filgueiras enfatiza que o espetáculo tenta resgatar a identidade do amazonense sem retroceder ao saudosismo, ou ceder a uma exaltação nostálgica de um passado perdido que não volta mais. Ressalte-se que ele já havia feito declaração semelhante em texto de temporada anterior (*A Crítica*, 17/05/95), no qual expõe sua preocupação em “evitar qualquer tipo de folclorização, pretendendo-se sim, uma concepção a

partir do universo da criação do mundo indígena e a absorção do homem pelo mesmo nos diversos níveis sociais”.

Contudo, lembremos que estas são as intenções de Filgueiras. Não foram encontrados detalhes sobre a construção cênica da obra. Não foram encontradas críticas, comentários posteriores. O que se pode tentar deduzir, pelo que foi oferecido das matérias é que a dança é proposta com o intuito de ilustrar o tema, assumindo um aspecto teatral e didático, remanescente dos ideais primeiros declarados pelo Dançaviva e o tipo de encenação feita pelo Tesc. Embora, apareça, por meio da fala de Filgueiras, que houve um período intenso de estudos, não se tem a voz dos bailarinos ou a voz do coreógrafo Francisco Cardoso; nem do colunismo social, tão presente nos anos 80. Portanto, não há como dizer que tipos de organização cênica e corporal foram trabalhadas para a cena e para a relação com um tema que perpassava condições históricas e contaminações psicológicas de assimilação e rejeição. O que se pode arriscar - e aqui estamos novamente no campo das ilações – é que, em coerência com as práticas estéticas do Gedam, o trabalho apresentava as mesmas características de um balé moderno, no qual a “técnica universal do clássico” juntava-se aos anseios temáticos e composições autorais da dança moderna.

Sagração da Primavera (CDA, 1998)

Nestas articulações de sentido definidas por uma lógica de oposição entre natureza e cultura (identificada em Inampi e Planeta Amazonas), e das relações entre o Eu e o Outro (em Porto de Lenha), encontra-se como exemplo síntese e amálgama aglutinador de várias questões, a coreografia “Sagração da Primavera”, de estréia do Corpo de Dança do Amazonas (CDA). Diferentemente das obras citadas anteriormente⁵⁵, esta foi elaborada em um clima de entusiasmo frente às políticas públicas para a arte no Amazonas. Afinal, após anos de expectativa e decepções, um corpo estável do Teatro Amazonas fora criado e teria sua estréia com as coreografias “Sagração da Primavera” e “Xamã”. Tal euforia orientou as pautas do jornalismo impresso para uma cobertura de evento, e o despreparo de alguns jornalistas propiciou o trivial de informações.

⁵⁵ Como vimos no segundo capítulo, as relações do Estado com os artistas sempre foi muito tensa.

A ação dramática da Sagração surgiu em sonhos para Stravinski. O balé é um ritual de fertilidade. Todos os anos, na primavera, uma tribo pagã escolhe uma virgem para ser sacrificada aos deuses para que a próxima colheita seja boa. A primeira apresentação da Sagração, em 1913, desagradou o público tanto pela música pouco convencional, de uma vanguarda agressiva e marcante, quanto pela coreografia de Nijinski para os Ballets Russes, que acabou quebrando os conceitos tradicionais do balé clássico, dando vez a uma nova estética para a dança. (Leyla Leong, *A Crítica*: 15/11/1998)

A “Sagração da primavera” foi escolhida pelo búlgaro Ivo Karagueorguiev⁵⁶. Há que se considerar que Karagueorguiev era recém chegado da europa, mal falava o português e o motivo de sua ida a Manaus era o de acompanhar a esposa, que havia sido contratada pela Amazonas Filarmônica. Provavelmente, sua experiência com a cultura local estava marcada por uma série de equívocos e de uma visão eurocêntrica de uma cultura privilegiada, de uma pedagogia soberana, reguladora e disciplinadora. Este olhar o fez associar a imagem da Amazônia indígena com as referências a tribos e aos rituais de fertilidade, escolhidos por Nijinsky⁵⁷ para a montagem original de “Sagração da Primavera”, no início do século XX.

A coreografia foi pauta de várias matérias e definida como uma montagem que transportava o ritual primitivo do balé original para a floresta amazônica (*A Crítica*, 21/11/1998), e a recriação da dramaticidade da obra original em transposição para a Amazônia (Leyla Leong, *A Crítica*, 15/11/1998). A palavra mais usada: TRANSPOSIÇÃO, acaba por definir de modo acurado o que foi realizado no palco: nada além de correlações primárias, tanto com a obra de Nijinsky, quanto com a cultura indígena do Amazonas, reforçada pelas tangas e cocares estilizados. O índio genérico em cena. Certamente o olhar estrangeiro, com o aval da Secretaria de Cultura e Estudos Amazônicos.

Por um longo tempo a questão indígena se manteve presa de um pensamento populista e romântico que identificou o índio com o mesmo, e este, por sua vez, com o primitivo. E convertido em pedra de toque da identidade, o índio passou a ser o único traço que nos resta de autenticidade: esse lugar secreto onde subsiste e se conserva a pureza de nossas raízes culturais. Todo o restante não passa de contaminação e perda de identidade. O índio foi assim convertido no que há de irreconciliável com a modernidade e hoje privado de existência positiva.” Martín-Barbero (2006: 263)

⁵⁶ Bailarino de várias companhias européias, professor consultor de dança em Sófia e solista da Ópera de Sófia e da *Komische Ópera* de Berlim.

⁵⁷ Coreografada por Nijinsky (1899-1950), a obra foi inicialmente montada para os “Ballets Russes”, companhia dirigida por Sergei Diaghilev (1872-1929). Conforme Rosana Langendonck (1998:23), “Nijinsky separou do movimento qualquer insinuação ou vislumbre de intenção narrativa, substituiu no movimentos os códigos que vinham sendo utilizados habitualmente, por metáforas físicas.”

Encontra-se nesta obra o mesmo modo de expressar a idéia de identidade cultural, adotada anteriormente pelo Dançaviva, e mais tarde pelo Gedam, através do recurso da estilização, legitimando-se pela tradição européia do balé e seu repertório artístico. Resultado: culturas tribais universalizadas e o reforço ao pensamento de uma “natureza natural” (PERRONE-MOISÉS, 2007), na região em que se tem o maior número de etnias e línguas indígenas com uma visão completamente diferenciada dos modelos hegemônicos de se pensar o mundo. Este modo de pensamento peculiar tem sido objeto de estudo do antropólogo Viveiros de Castro (2002:480-481), que o define como um perspectivismo ameríndio – uma concepção na qual o mundo é povoado de outros sujeitos ou pessoas, além dos seres humanos, e que percebem a realidade de um modo diferente dos seres humanos.

Era possível perceber também que o tema mitológico da separação entre humanos e não humanos, isto é, cultura e natureza, não significava a mesma coisa que em nossa mitologia evolucionista. A proposição presente nos mitos é: os animais eram humanos e deixaram de sê-lo, a humanidade é o fundo comum da humanidade e da animalidade. Em nossa mitologia é o contrário: nós humanos éramos animais e ‘deixamos’ de sê-lo, com a emergência da cultura etc. Para nós, a condição genérica é a animalidade: ‘todo mundo’ é animal, só que uns são mais animais que os outros, e nós somos os menos. Nas mitologias indígenas, todo mundo é humano, apenas uns são menos humanos que os outros. Vários animais são muito distantes dos humanos, mas são todos ou quase todos, na origem, humanos, o que vai ao encontro da idéia do animismo, a de que o fundo universal da realidade é o espírito.

Há que se considerar também na análise desta obra, ainda que não seja feito de forma direta, uma espécie de reforço no silenciamento sobre a convivência dos amazônidas com diversos imigrantes, os quais se encontram em desenvolvimento constante do exercício de mestiçagens culturais. Isto evidencia uma total falta de familiaridade com o corpo de uma cidadefloresta, com temporalidades e espacialidades distintas. Idéias de um corpo e uma cultura que não são afetados pelo tempo, que não se configuram em trânsito, como se isso fosse possível em qualquer campo de conhecimento. Neste sentido, torna-se pertinente citarmos a experiência de Stephen Nugent⁵⁸ e Renato Athias⁵⁹, em 2000, na realização de um etnodocumentário sobre as comunidades judaicas na Região do Baixo Amazonas:

⁵⁸ Professor de antropologia em Goldsmiths, Universidade de Londres.

⁵⁹ Professor da Universidade Federal de Pernambuco.

Ao ser exibido a europeus em um ambiente antropológico/acadêmico, no entanto, ficou evidente que o filme foi percebido como uma obra sobre judeus, e não sobre a Amazônia. De fato, era um filme sobre judeus, mas judeus da e na Amazônia (com exceção de duas pessoas entre as dúzias, todas foram criadas na região, sendo de terceira ou quarta geração). Para a platéia, isso contrariou as expectativas, pois todos sabem que a Amazônia é uma terra de índios, colonizadores predatórios, desmatadores, fazendas de pecuárias e degradação ambiental. O fato da Amazônia incluir judeus, japoneses, libaneses, holandeses, franceses, ingleses, ucranianos, etc., surpreendeu de maneira incômoda, destruindo certezas sobre os clichês que muitos prezavam.” (NUGENT, 2006:34)

Verifica-se então a configuração de um modo de operação comum à boa parte dos espetáculos de dança realizados em Manaus durante estas duas décadas. Esta forma de organização cênica, no intuito de ser representativa da cultura amazônica, ao falar da natureza e cultura, acabam por reduzi-la à ilustração dos ambientes das águas, das matas, dos animais e das tribos indígenas. Procedimentos refugiados sob o status de dança teatral em oposição às danças folclóricas e populares, mas arraigados em suas lógicas de representação do mundo, suavizados pelo status de uma dança para o palco. Na trajetória destes grupos, em suas abordagens temáticas de identidade cultural fica a impressão de que faltou o procedimento antropofágico oswaldiano e há a necessidade de se construir o Terceiro Espaço, citado por Homi Bhabha (2005: 69), o qual é capaz de “*abrir o caminho à uma conceitualização de uma cultura internacional, baseada não no exotismo do multiculturalismo ou na diversidade de culturas, mas na inscrição e articulação do hibridismo da cultura*”.

CAPÍTULO 3

INVISIBILIDADES NO JORNALISMO CULTURAL MANAURA: CONEXÕES ENTRE ARTE E PODER

3.1 Dança e Jornalismo: Trançados Comunicativos

Observa-se em primeiro lugar que as representações cênicas referentes à dança teatral em Manaus não são uniformes em suas proposições estéticas e políticas. É possível notar o Dançaviva e sua linhagem elegerem diversos assuntos, priorizando o balé e a dança moderna em sua organização cênica, ou o Nudac, trazendo a improvisação como princípio de construção das coreografias, ou ainda o Renascença, em seu período inicial, apontando para a dança-teatro. No entanto, é verificável neste quadro de diferentes caminhos percorridos que, em algum momento de suas trajetórias, em diferenciadas situações históricas e políticas, os grupos contemplados buscaram a apresentação de temáticas amazônicas e suas referências à afirmação da identidade cultural da região e do país. Proponho, neste sentido, o exercício de alguns desdobramentos.

Na América Latina, as discussões sobre identidade cultural foram constantes desde o século XIX. Para Irlemar Chiampi (apud LIMA, 1988: 17-18), o posicionamento crítico sobre a América, indagando acerca de sua diferença diante dos modelos constituídos de cultura, marcou a escrita dos mais diversos e destacados escritores hispano-americanos. As respostas a essas indagações variaram conforme as crises históricas, as pressões políticas ou as influências ideológicas, produzindo inúmeras interpretações em torno do problema da identidade cultural. No Brasil, de modo mais específico, historicamente há toda uma ensaística acerca da construção de uma identidade cultural nacional, cujo itinerário se desenvolve em pensamentos fundamentados nas assertivas de miscigenação de negros e índios com o branco (para melhoramento racial), na posterior mescla de práticas culturais diversas e, nas alterações operadas na idéia de identidade brasileira através do surgimento da indústria cultural no Brasil dos anos 80. (ORTIZ, 2006; 2001)

Torna-se pertinente retomar este quadro para se pensar a prática cênica da dança no Brasil, a partir do que Paulo Paixão (2009:12;58-60) denomina “poética da brasilidade”: uma operação de articular no corpo o pensamento do nacional, cuja maioria das questões se orienta em traduzir e ser traduzida como um jeito de ser particular aos brasileiros, e que se manifesta desde o início da profissionalização da atividade artística da dança no Brasil até os dias atuais. É relevante evidenciar neste tipo de operação a atualização do recurso da estilização. Este é um procedimento que pode ser aplicado para valorizar ou escamotear uma ligação com o passado, auxiliando no reforço a práticas de poder. Utilizado pelo romantismo europeu no século XIX, foi

incorporado pela prática dos estrangeiros que foram pioneiros da dança no Brasil e absorvido na prática de professores e artistas locais, como no caso de Eros Volúcia⁶⁰, que propunha uma estilização do popular, fundamentada em aporte etnográfico, com as referências do balé, ainda que minimizadas.

Esta poética da brasilidade apresenta-se como uma chave importante para o entendimento de determinada tendência da dança na região norte, na medida em que é possível observar que uma parte considerável da produção está comprometida com as temáticas amazônicas, no intuito de evidenciar a identidade cultural a partir de elementos autenticamente regionais, não apenas no âmbito das manifestações folclóricas e populares da região (materializadas principalmente em seus festivais juninos), mas também nas pretensões de profissionalização local da dança. Observa-se que alguns artistas apresentam como objetivo de suas obras o resgate (apresentação e valorização) da identidade regional, realizando-o por meio da representação dos contos e das lendas locais, da ênfase nos qualificativos de exuberância das matas e dos rios, da apresentação das cores e dos trejeitos da figura do caboclo, e da referência às culturas indígenas e aos discursos ecológicos.

Este parece ter sido o modo de operação corrente em boa parte dos espetáculos de dança, realizados com o objetivo de serem representativos da cultura local e do homem amazônico. No entanto, cabe aqui a ênfase na armadilha em que tal procedimento se constitui, ou seja, no perigo de se reduzi-los (a cultura e o homem) à ilustração dos ambientes de fauna e flora, e à inserção de gestualidades estereotipadas copiando as faceirices caboclas ou a dança indígena em círculos. Este é um discurso arriscado, no sentido de que ao agregar pacotes de informação (e com eles os estereótipos e o lugar comum) promove a ilusão de se colocar na cena uma identidade amazônica homogênea e universal, criando figuras de tal generalidade e vagueza que acabam esvaindo-se e esvaziando-se em esquematismos ornamentais.

Não se trata de um imperativo supressor de temas regionais. Inegavelmente, a representação de um conteúdo local constitui-se em algo significativo, principalmente quando é possível observar um processo de reconhecimento e revalorização simbólica dos elementos da

⁶⁰ Heros Volúcia Machado (1914-2004). Filha do poeta Rodolfo Machado e da poetisa Gilka Machado. Em palestra proferida no Rio de Janeiro no dia 20 de julho, no Teatro Ginástico, apresenta o frevo, o maracatu, os caboclinhos, a congada, o lundu, os bailados pastoris, o bumba meu boi, o samba, a capoeira e o maxixe, como objetos de sua pesquisa sobre danças brasileiras. Informações adicionais, consultar “Eros Volúcia”, por Roberto Pereira (2004) e Poemadançando: Gilka Machado e Eros Volúcia, por Soraia Maria Silva (2007).

vida cotidiana. No entanto, se a exposição de assuntos locais, neste corpo que dança, não consegue promover questionamentos e provocar deslocamentos de idéias, em tal exposição ele se comporta apenas enquanto um veículo replicador de pensamentos hegemônicos, distante do que se caracterizaria epistemologicamente como um corpomídia⁶¹ (solícito às impermanências e poroso às transitoriedades). Sobre este específico fazer-dizer, convém citar as palavras de Jussara Setenta (2008:48):

(...) No corpo que age sem interessar-se em inventar, é como se ele se entendesse como uma folha em branco onde fosse possível rabiscar e exhibir contornos e formas. São processadas falas onde o dizer enuncia algo que, mesmo quando é inédito, não produz modos de dizer também inéditos, mas organiza materiais já existentes de modo específico ao seu objetivo. É um dizer que não se inventa. Expõe-se um fazer-dizer que tende a apresentar movimentos já autenticados. Percebe-se que o agir permite a expressão de movimentos produzidos pelo treino-modelo, pelo uso dos materiais da aprendizagem das técnicas de dança, e é isso que fica exposto em primeiro plano na representação.

O fazer artístico da dança em Manaus tem seguido modelos que alternam entre categorias bem conhecidas da modernidade: o clássico e o popular, embora nas falas de coreógrafos e diretores este não seja o objetivo declarado. Observa-se que a produção local fica restrita a estas duas formas de se pensar a cultura (mesmo quando usam o adjetivo “contemporâneo”⁶² constantemente em suas declarações). A dança durante este período carrega consigo uma razão dualista em sua lógica interna de pensamento, fixando-se na maioria das vezes na composição dos pares natureza/cultura, indígenas/não-indígenas, rural/urbano, como categorias fixas, destituídas de ambivalências, buscando prioritariamente legitimar-se no resgate da identidade cultural ao tratar de questões regionais. A insistência na apresentação de uma noção vaga de um Homem Amazônico⁶³, (representado por imagens genéricas das figuras do caboclo e do indígena), ora estilizado no corpo do dançarino clássico (em seus *arabesques* e *jetés*) ora no

⁶¹ “A mídia a qual o corpomídia se refere diz respeito ao processo evolutivo de selecionar informações que vão constituindo o corpo. A informação se transmite em processo de contaminação.” (GREINER e KATZ,2005:131)

⁶² Referindo-se claramente a uma definição cronológica: a dança que se faz no agora. Posição semelhante encontrada anos mais tarde (2006) no relato daquilo que se encontra sob o nome de dança contemporânea nos festivais competitivos como um território de vale-tudo: “Passos de jazz com música experimental. Neoclássico ao som do diálogo com os bailarinos. Dança de rua com um toque de vanguarda”, por Airton Tomazzoni. “Esta tal de dança contemporânea” (17/04/2006). Disponível em: <http://idanca.net/lang/pt-br/2006/04/17/esta-tal-de-danca-contemporanea/2992>. Acesso em: 14/08/2010.

⁶³ Nos estudos de geografia humana o questionamento sobre a vagueza e indeterminação do conceito de Homem Amazônico pode ser ilustrado na fala do professor Saint Clair Cordeiro: “Trata-se de um homem genérico, abstrato, homogêneo. É um homem objeto que ocupa espaços vazios, sendo apenas um habitante e não um criador de espaços.” Disponível em: <http://nonatobouth.blogspot.com/2009/10/amazonia-e-dimensao-humana-de-sua.html>. Acesso em: 10/08/2010.

moderno (em suas contrações e pés flexionados), ora no jazz (com suas roupas brilhantes), demonstrando a falta de diálogo com outras áreas de conhecimento, enfraquece sua força, seu pertencimento na discussão sobre o lugar da Amazônia no Brasil, e o lugar de Manaus nessa Amazônia.

Já vem sendo questionada há algum tempo a imagem de uma região amazônica que se ressentida da condição de uma urbanidade atrasada em relação aos modelos de desenvolvimento da Europa e dos Estados Unidos, ou mesmo na versão de um Brasil analisado sempre a partir dos grandes centros da região Sudeste. Retransmiti-lo é incorrer em anacronismo e na negação das cidades-florestas⁶⁴ e dos exercícios constantes de mestiçagens culturais, o que leva a pensar sobre as características peculiares desta poética ao se configurar na Amazônia. Isso porque há variantes de pensamento a serem consideradas, que abalam ou desconfortam qualquer idéia de homogeneidade e apontam para a necessidade de outros caminhos de reflexão, como por exemplo, suas características transnacionais em sua relação ambiental com outros países, na qual os elementos que compõem o seu bioma encontram-se em livre trânsito, conforme explicitado na fala do diretor do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (Inpa), Alberto Luís Val (apud TRABBOLD, 2009):

As águas do Rio Amazonas vêm dos Andes, passam por vários países e desembocam no Oceano Atlântico, não raro carregando algum material biológico de grande porte, como uma árvore, por exemplo. E, em determinados períodos do ano, andorinhas do Canadá migram para a Amazônia brasileira, se alimentam aqui e voltam para seus países de origem carregando informações biológicas dela em seus estômagos.

Pode-se acrescentar a estas variantes de perspectiva as propostas de reconfiguração geopolítica elaboradas pela pesquisadora Bertha Becker:

O que tem passado despercebido, no meu entender, em todos os projetos e em todas as escalas, é justamente o fato de a Amazônia hoje ser uma região que possui uma dinâmica própria: tem vinte milhões de habitantes, há demandas específicas e resistências organizadas e uma estrutura produtiva própria, o que comprova a sua mudança de caráter, inclusive com uma nova geografia. Nela reconheço três macroregiões: a primeira é essa que chamam de "arco do fogo" e que denomino de *arco do povoamento consolidado*, porque é onde estão as

⁶⁴ No artigo "A cultura, a cidade e os rios na Amazônia", o professor do Depto de Geografia da Universidade Federal do Amazonas, José Aldemir de Oliveira, enfatiza a importância de se considerar as relações sociais provenientes das cidades que se localizam no meio da floresta e às margens dos rios. Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br/pdf/cic/v58n3/a13v58n3.pdf> Acesso em: 09/08/2010. Bertha Becker (2004), professora titular do Depto. de Geografia da Universidade do Brasil/UFRJ, também chama a atenção, desde a década de 1980, para o que ela denomina de "floresta urbanizada".

idades, as densidades demográficas maiores, as estradas e o cerne da economia; a outra macroregião, da *Amazônia central*, corresponde ao restante do estado do Pará, que é a porção mais vulnerável da Amazônia, porque cortada pelos eixos, pelas estradas e onde estão duas das frentes localizadas; a última é a *Amazônia ocidental*, que tem a maior área de fronteira política e é a mais preservada (porque não foi cortada por estradas e seu povoamento foi pontual, na Zona Franca de Manaus, enquanto o resto do estado ficou abandonado)⁶⁵.

Infelizmente, a memória e os espaços de encontro e consolidação dessas idéias, que seguem na contramão dos interesses econômicos e políticos sobre a região, foram abolidos ou não tem sido estimulados. Este fenômeno se reforça em ambientes específicos. Em Manaus, é possível verificá-lo na tessitura composta pela produção co-participativa entre a dança e o jornalismo, na qual se tem a predominância dos discursos próximos à enunciação do lugar-comum e dos estereótipos. A vigência de tais discursos excluiu das páginas impressas muita experiência artística elaborada pelos grupos de dança do período, auxiliando para que suas atividades fossem mal compreendidas, atrofiadas ou não reconhecidas. Ou seja, não se conseguiu potencializar o crescimento de novas idéias, mas apenas corroborar as antigas e aumentar seu poder de disseminação. Neste sentido, o jornalismo cultural praticado na capital do Amazonas auxiliou na construção de invisibilidades, na medida em que apenas reproduziu o que já estava em exposição, ou se tornou indiferente e cego ao potencial de formas criativas embrionárias, restringindo assim as possibilidades de ampliação e enriquecimento do debate cultural.

Historicamente, o jornalismo cultural encontra suas primeiras referências na atitude de promover o debate público. Na Inglaterra, Joseph Addison e Richard Steele publicam, em 1711, o periódico “The Spectator”⁶⁶, cuja finalidade declarada era ampliar os espaços de discussão de temas filosóficos, retirando-os de armários e bibliotecas, escolas e faculdades, e levando-os para as pessoas comuns que participavam de clubes, assembléias, mesas de chá e cafés. Tal atitude trouxe à tona uma questão importante: a participação social. Esta participação promoveu a visibilidade do que se apresentava obscuro ou oblíquo no entrelaçamento dos campos social, político e artístico. O título “O observador” buscava enfatizar sua liberdade em relação a partidos

⁶⁵ Artigo “Geopolítica da Amazônia”, por Bertha K. Becker. Estudos Avançados. Vol 19. nº 53 São Paulo jan/abr 2005. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142005000100005 Acesso em: 04/08/2010.

⁶⁶ Informações adicionais, consultar: “The Spectator, volumes 1, 2 e 3, por Joseph Addison e Richard Steele”. Disponível em: <http://www.fullbooks.com/The-Spectator-Volumes-1-2-and346.html>. Acesso em: 13/08/2010 ; “The Spectator: birth of the periodical press”, por Karen Purnell. Disponível em: <http://journalism.winchester.ac.uk/?page=349> Acesso em: 13/08/2010.

políticos e os editores incentivavam a participação dos leitores solicitando que enviassem cartas. O jornal obteve muito sucesso e se tornou um modelo para seus sucessores, embora no início tenha sido acusado de trazer à luz o que deveria ser mantido em segredo, ao tratar de questões de cunho moral e religioso, ou simplesmente por abordar trivialidades, na cobertura da última moda em luvas.

Para o historiador Peter Burke (2004:79-81) estes periódicos do século XVIII contribuíram para o aparecimento da noção de “opinião pública”. Termo que será posteriormente absorvido pelo conceito mais amplo de “esfera pública”, proposto pelo filósofo Jürgen Habermas no lançamento do livro “Mudança estrutural da esfera pública” (1962).

O estudo de Habermas é especialmente importante pela visão da mídia como um sistema (incluindo jornais, café, clubes e salões) no qual os elementos distintos trabalhavam em conjunto. O livro enfatiza a transformação estrutural dessa esfera, no final do século XVIII na Inglaterra e na França, sua não-instrumentabilidade (em outras palavras, a liberdade quanto a manipulações) e sua contribuição para o surgimento de atitudes racionais e críticas do que seria conhecido – depois da Revolução Francesa – como o “Velho Regime”.

Esta pequena retomada histórica sobre a democratização de conteúdos de âmbito cultural conduz à reflexão acerca do próprio conceito de comunicação. Para o pesquisador Muniz Sodré (2002:221-225) este termo abrange diversos campos semânticos. Não se trata apenas de uma distribuição de informações (como coisas), mas de um processo que envolve a criação de vínculos e o desenvolvimento de cognições. Neste contexto a vinculação significa algo mais do que um simples processo interativo, porque pressupõe desde a dimensão imaginária até as práticas de conduta e os valores. Quanto à cognição, inclui as tensões constitutivas do ser-em-comum, nas quais o “eu” e o “outro” não se apresentam enquanto entidades prontas, acabadas, à espera de uma conexão por um nexa atrativo.

O conceito de comunicação aponta para a movimentação concreta de toda comunidade. Evidencia que se trata de pôr em comum as diferenças práticas na dinâmica de realização do real. Isto está implícito desde a origem, na palavra *communicatio* (do latim clássico, ciceroniano), que inclui os mesmos *cum* e *munus* de *communitas* e significava propriamente *societas* ou sociedade abordada pelo ângulo comunitário da atração, comércio, ou vinculação entre humanos, deuses e humanos, vivos e mortos. A expressão *dies communicarius* prescrevia em Roma a ritualização desse laço. (SODRÉ, op.cit: 225)

3.2 Visibilidades e Invisibilidades no Jornalismo Cultural

Nas últimas décadas do século XX os profissionais atuantes nas redações dos jornais de Manaus, com raras exceções, praticaram um jornalismo cultural anêmico e de restrita utilidade sociopolítica, seja por motivos de formação inadequada, seja pela falta de visão ou compromisso social da empresa de comunicação a qual estavam filiados. Neste período observa-se que os cursos universitários não oferecem condições apropriadas para a formação de um jornalista cultural, no sentido de capacitar o estudante “a colocar um fato cultural numa perspectiva histórica (e crítica) do campo que está sendo tratado” (COELHO, 2007: 25). Verifica-se também uma atitude passiva dos jornalistas posto que raramente buscam promover um diálogo mais íntimo com os processos artísticos relacionados à dança que se produz na cidade, e menos ainda com os modos especializados de compreendê-la. Esta falta de familiaridade com a área da dança profissional, resulta em abordagens com soluções meramente retóricas, ineficientes para a produção de um discurso reflexivo sobre a realidade vivida, criando um contexto absolutamente empobrecido com sérias conseqüências sociais e políticas. Adiciona-se a este quadro a tendência do jornalismo cultural brasileiro em priorizar os roteiros de programação.

Embora na atualidade demandem estudos específicos sobre a história do jornalismo cultural, diversos autores (SILVA, 1997; MARTÍN-BARBERO, 2004; COELHO, 2007; PIRES, 2007; MEDINA, 2007; PIZA, 2003) em suas análises sobre os jornais latino-americanos e brasileiros declaram que é possível detectar neste período uma perda de vitalidade dos assuntos artísticos-culturais. Afirmam que, em função do mercado, foi adotada uma pragmática difusionista de agendas e guias de consumo, em detrimento do caráter analítico e crítico. Tal afirmação ilustra-se nas falas de Daniel Piza e Teixeira Coelho. Piza (2003:07), na introdução do livro que se tornou referência sobre jornalismo cultural nos cursos de graduação do ensino superior, declara que o jornalismo cultural vem sendo tratado pela grande imprensa brasileira, de modo a desempenhar papel secundário (quase decorativo), desconsiderando que “os segundos cadernos tem uma importância para a relação do jornal com o leitor – ou mais ainda, do leitor com o jornal - muito maior do que se supõe”. No que tange à crítica jornalística, para Teixeira Coelho (2007:27-28), é visível a diminuição do espaço para a reflexão sobre a cultura nos jornais brasileiros, demonstrando que “o processo de embrutecimento cultural no Brasil tem sido muito claro nos últimos vinte anos”.

Para Martín-Barbero (2006: 280-284) nestas práticas de difusão, em que a comunicação é tomada como veículo de conteúdos culturais ou como movimento de propagação e acercamento dos públicos às obras, apresenta-se também (em consequência lógica) uma redução dos receptores a meros consumidores da atividade e da criatividade desenvolvidas na obra. Desta forma, instaura-se um modelo de comunicação questionável, na medida em que se promove uma dissolução tecnocrática da esfera política, e com isso o asfixiamento do processo de incrementação da rede de mediações que constituem a luta pela construção do sentido da convivência social. Logo o político, em que se abriga a opacidade dos conflitos, as irresoluções e os incômodos sociais. Para o pesquisador, é de extrema relevância que a cultura se coloque no centro do cenário político e social, pois

Abre-se assim ao debate um novo horizonte de problemas, no qual estão redefinidos os sentidos tanto da cultura quanto da política, e do qual a problemática da comunicação não participa apenas a título temático e quantitativo – os enormes interesses econômicos que movem as empresas de comunicação – mas também qualitativo: na redefinição da cultura, é fundamental *a compreensão de sua natureza comunicativa*. Isto é, seu caráter produtor de significações e não de mera circulação de informações, no qual o receptor, portanto, não é um simples decodificador daquilo que o emissor depositou na mensagem, mas também um produtor. (MARTÍN-BARBERO,2006: 289)

Na capital do estado do Amazonas a fragilidade desta rede de mediações - em sua ocorrência interna aos jornais impressos - é perceptível na medida em que se pode verificar (dentre outros pontos) a ausência de regularidade de gêneros da escrita jornalística, que sejam marcados por uma tipicidade de natureza interpretativa. Na fala de Adalto Xavier⁶⁷, acerca de sua trajetória profissional escrevendo sobre cultura em Manaus, o jornalista expõe duas diferentes experiências, uma no Jornal do Norte, cuja linha editorial privilegiava os textos noticiosos, e outra, no Amazonas em Tempo, que devido ao editor Aldísio Filgueiras, orientava-se para textos críticos:

O Norte não trouxe só textualmente, mas de linha editorial, mudanças fortes (...) O setor de artes é muito fraco, empresários não investem, não tem lei nenhuma que ampare, embora tenha fundo disso, daquilo (até hoje o fundo municipal, criado em 2006, não tem um centavo). Ou seja criam-se coisas em papel, mas de fato mesmo, não tem. Por exemplo, o Minc tem aquela carta que você pode captar recurso, mas aqui a Suframa isenta as empresas então eles não tem porquê investir. Pensando nessas coisas

⁶⁷ Entrevista concedida em 09 de maio de 2009.

todas, a gente evitava o máximo possível as críticas (...) porque a arte é muito frágil aqui. Então, a gente levava em conta toda essa falta de infra, que esses grandes eixos tem e a gente não tem (...) e evitava opinar. Era uma coisa mais dando o fato mesmo. Depois eu retornei para o Amazonas em Tempo. Lá, não! Porque o Aldísio Filgueiras, como é meio pôrra loca, poeta, ele já queria uma coisa meio Folha Ilustrada. O que é muito difícil de ser feito aqui, porque você esbarra em várias coisas.

Portanto, são raros os momentos na imprensa amazonense em que houve um equilíbrio entre a notícia e a informação jornalística⁶⁸, nos quais foi possível viabilizar o testemunho de uma prestação de serviços que estivesse ladeada por artigos, resenhas, reportagens e críticas, corporificando-se em arena política, ou seja, em espaço e tempo criados para a negociação, disputa e construção de poderes, constituindo-se em partilha e fortalecimento de resistências na criação de outros dispositivos de orientação. Este fato nos remete às palavras de Giorgio Agamben (2009:40), em sua reelaboração do conceito de dispositivo.

Generalizando posteriormente a já bastante ampla classe dos dispositivos foucaultianos, **chamarei literalmente de dispositivo qualquer coisa que tenha de algum modo a capacidade de capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar e assegurar os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos dos seres viventes.**⁶⁹ Não somente, portanto, a prisões, os manicômios, o Panóptico, as escolas, a confissão, as fábricas, as disciplinas, as medidas jurídicas etc., cuja conexão com o poder é num certo sentido evidente, mas também a caneta, a escritura, a literatura, a filosofia, a agricultura, o cigarro, a navegação, os computadores, os telefones celulares e – por que não – a própria linguagem, que talvez é o mais antigo dos dispositivos, em que há milhares e milhares de anos um primata – provavelmente sem se dar conta das conseqüências que se seguiriam – teve a inconsciência de se deixar capturar.

A aplicação deste conceito se faz pertinente em nosso quadro de estudo na medida em que, a inexistência de uma crítica especializada em Manaus propicia a alimentação de discursos

⁶⁸ Para Lage (2003:114), notícia e informação jornalística se diferenciam. A notícia trata de um fato que contém elementos de ineditismo, intensidade, atualidade, proximidade e identificação correspondendo geralmente a uma disfunção do sistema, sendo independente das intenções dos jornalistas, sendo mais breve, sumária, pouco durável, presa à emergência do evento que a gerou, cuja tipicidade é de um fato novo, de sua descoberta ou revelação. Já a informação trata de um assunto determinado ou não por fato gerador de interesse, é decorrente de intenção, de uma “visão jornalística” dos fatos, é mais extensa, mais completa, mais rica na trama de relações entre os universos de dados, e sua tipicidade dá conta de um estado-de-arte, isto é, da situação momentânea em determinado campo de conhecimento.

⁶⁹ Grifo nosso

equivocados, nos quais a própria idéia de arte encontra-se vinculada, de modo estreito, a uma natureza emocional de expressão dos sentimentos, ou a uma visão elitista e colonizada de se ter que aprender a fazer arte com os locais mais desenvolvidos, em detrimento de uma postura colaborativa de intercâmbio de vivências. Uma crítica especializada possibilitaria questionamentos avessos aos enrijecidos hábitos culturais, que se legitimam em hierarquias sociais, poder econômico e político, bem como auxiliaria a promover a circulação de informações com real importância para a leitura de contextos históricos, sociais e políticos da cidade. A existência de uma crítica especializada possibilitaria, enfim, que vozes divergentes pudessem dialogar com o universo de embate artístico relacionados às políticas públicas da época, na solicitação de condições mínimas de sobrevivência, na necessidade de formação qualificada, no desejo de visibilidade e participação ativa no contexto artístico brasileiro, ou ainda, na própria revisão crítica das estéticas, dramaturgias e posições políticas dos grupos artísticos.

Torna-se claro na configuração do percurso apresentado que os ambientes da dança e do jornal alimentaram-se mutuamente de impropriedades criadas e difundiram essas confusões ou contribuíram para a regência de tempos, conceitos, hábitos, modos de viver a arte e a cultura. Não se trata apenas do que não apareceu nos jornais enquanto “notícia”, porque de fato encontram-se nas páginas impressas várias matérias sobre os grupos em atividade artística no período. Trata-se de uma certa debilidade de organização de sentidos, atrofiante do reconhecimento das possibilidades de diálogo com as obras artísticas e da ampliação da visibilidade das novas propostas que surgiam na época⁷⁰, como por exemplo o corpo não-virtuoso, de contornos cotidianos, e a improvisação enquanto recurso para a montagem coreográfica, proposto pelo Nudac, ou ainda as configurações cênicas referenciadas na dança-teatro de Pina Bausch, elaboradas no período inicial de composição do Renascença, na contramão de procedimentos dominantes. Enfim, questões que existiram, mas tornaram-se invisíveis desde

⁷⁰ Estas “novidades” referem-se a Manaus, posto que na história da dança européia e norte-americana (o corpo não-virtuoso, a improvisação e a dança-teatro) datam de tempos anteriores às décadas de 1980 e 1990. Contudo, é preciso tomar cuidado para não se reproduzir uma perspectiva colonizada (temporal linear) de se ter que chegar a estas propostas de treinamento corporal, modelos de corpo, ou estilos autorais, por pressuposto de um atraso de desenvolvimento cultural. Considera-se aqui o fato de que estar desconectado deste fluxo informativo (conhecimento histórico, práticas de debate e treinos corporais diferenciados), ou dele ter apenas estilhaços, além de provocar equívocos, cria um ambiente predisposto à repetição por costume (para ficar em um lugar, ou chegar à sua excelência) e não à repetição para um movimento adiante.

as etapas de elaboração de pauta e determinação do enfoque das matérias até uma escrita repleta de palavras prontas.

Estas palavras se expõem no texto jornalístico com o vício da repetição de imagens desgastadas, como “um atalho para quem quer chegar logo ao que interessa sem torrar tempo demasiado na construção de modos mais elaborados e novos de dizer” (LCPJ, 2010:48). Sua utilização excessiva não pode ser explicada apenas pela falta de repertório vocabular, pois estas palavras-de-passe⁷¹ devem ser interpretadas como significantes de algo mais profundo e perigoso no estabelecimento das relações sociais de poder, na medida em que os clichês, as frases feitas, as condutas convencionais, incorporam a função social de nos proteger da realidade e da obrigação de se ter um pensamento atento a todos os fatos e acontecimentos (ARENDETT, 2009: 18-19).

Neste itinerário de pensamento coletivo - por meio da rede comunicativa que se estabelece entre a dança e o jornalismo cultural - algumas idéias se fortaleceram e outras foram enfraquecidas, criando zonas de visibilidades e invisibilidades. Estas zonas serviram como dispositivo de controle, orientação e imposição da permanência/continuidade de determinada configuração político-cultural nas práticas artísticas da cidade de Manaus nos anos de 1980-2000. Elas trouxeram, como resultado, a redução da complexidade e do potencial da dança, ao tornar partilhável somente as falas institucionais (sujeitas ao rígido controle de quem diz e do que é dito) ou os seus aspectos de entretenimento e a sua utilização nos discursos de inclusão social. Desta forma, o discurso construído inviabilizou para a o campo artístico da dança, não apenas o olhar sobre seus processos e a consideração da necessidade de uma historiografia (por descredibilizá-la), mas principalmente (e o que é mais sério) provocou uma espécie de anestesia da sua capacidade de promover deslocamentos na cultura.

⁷¹ Este termo é utilizado por Cláudio Tognolli (2001:19) e se refere ao que o autor chama de “*terminus ad quem*”: palavras-peça que dão respostas imediatas a cada jogo, a cada interação, sem que a palavra passe, necessariamente, pelo processo do pensamento, isto é, a simbolização”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Mudar o estilo de pensar é a única coisa que conta naquilo que fazemos”.

Ludwig Wittgenstein

O cientista político Boaventura de Sousa Santos (2006: 51-135), propõe a construção de uma Epistemologia do Sul que se baseia na idéia central de que *“não há justiça social global sem justiça cognitiva global, ou seja, sem justiça entre os conhecimentos”*. Transformar o passado, ampliando os seus questionamentos e alterando suas perspectivas é retirá-lo de sua indisponibilidade. A idéia é recuperar experiências sociais desperdiçadas. O passado, neste sentido, ao invés de um mero relato, deve apresentar-se como um recurso, uma alternativa para o presente. Trata-se de um conhecimento novo, ou melhor, um novo modo de produzir conhecimento. Algo que se fundamenta a partir de uma sociologia das ausências e de uma sociologia das emergências, nas quais se objetiva, tanto a identificação de experiências sociais ausentes -erigidas por monoculturas que precisam ser substituídas por uma ecologia dos saberes-, quanto a busca de uma ampliação simbólica e da credibilização destas novas realidades encontradas.

No Brasil, em sua vasta extensão territorial, parece pertinente abrigarmos tais sociologias, visto que se pode testemunhar, de modo constante, a existência de inúmeros processos e objetos culturais que, exatamente por serem julgados e sentenciados, por sistemas dominantes, à condição de selvagens, atrasados, rurais, tribais etc. não são disponibilizados com freqüência, apuro de informação e potencial de articulação de sentidos. Tais vivências sociais cotidianas não se configuram nas narrativas dos meios oficiais de comunicação, de autoridades políticas e/ou do saber acadêmico mais tradicional. Nos anos de 1980 e 1990, por exemplo, era quase um milagre que a região amazônica aparecesse na mídia nacional (televisiva e impressa), com alguma notícia que não fossem as tragédias, os desastres da navegação e a devastação da floresta. Os grandes encontros de ciência e tecnologia passavam léguas de distância das capitais amazônicas, organizando agendas somente a partir de uma perspectiva externa e era comum a fala de que se iria encontrar o trânsito livre de onças e cobras pelas ruas de suas capitais. Fato que a população

respondia, ora com veemente indignação, ora com o bom humor das anedotas desconcertantes e carregadas de superlativos.

A arte, padecia do mesmo mal. Não tinha importância para os grandes centros urbanos brasileiros, interessados em panoramas com características mais modernas. Os artistas locais eram pouco ou nada reconhecidos, afinal não tinham projeção nacional e provavelmente, para o resto do país, sua capacidade de desenvolver processos artísticos vinculava-se somente às peculiaridades de seu regionalismo.

Sendo assim, pensar Manaus e sua cultura, seu jornalismo e sua dança, pode configurar-se em exercício destas sociologias transgressoras propostas por Boaventura, no sentido de propiciar a construção de uma realidade mais rica, não subsumida apenas às narrativas já existentes, moldadas por determinação ideológica de hegemonias. Narrativas com bases epistemológicas dualistas, operacionalizadas por uma razão metonímica, na qual se constroem a imagem do ignorante, do residual, do inferior e improdutivo. Narrativas que propiciaram uma série de conseqüências para o contexto local, tais como as práticas de exclusão e equívocos de informações (seja em revistas acadêmicas, livros de história da dança, ou matérias de jornais), a inexistência de acervos e espaços institucionais que possibilitassem o exercício da investigação e da pesquisa artística, e a revitalização de propostas estético-políticas dos grupos e artistas independentes ou subsidiados.

A substituição destas narrativas-discursos-pensamentos, certamente poderia ter gerado outros desdobramentos socioculturais ativando pontos intocados nos campos dos saberes, das temporalidades, dos reconhecimentos, das trans-escalas, e das produtividades. Tal procedimento tornaria realizável então não apenas a divulgação dos lugares silenciados ou a liberação de uso dos temas menos nobres, mas a possibilidade da construção de leituras alternativas as já existentes, abrindo caminho para o exercício de auto-reflexão e das transformações sociais.

É preciso pensar o passado senão com o intuito de pensar o presente. Talvez este seja o real motivo da feitura desta tese diante de um sentimento de impotência frente a uma realidade cultural desejada e não concretizada, posto se verificar que mesmo em 2010, apesar dos recursos tecnológicos ampliarem a circulação da informação (conectando Manaus ao mundo), assim como da criação de um curso superior em dança e do investimento do Estado em uma agenda cultural repleta de festivais (ópera, cinema, jazz, teatro, dança), poucas mudanças parecem ter ocorrido. Manaus, portanto, ainda hoje, precisa de novas práticas comunicativas para a dança e para o

jornalismo a fim de que se possa promover um novo modo de pensar a cultura, que se diferencie de um enfoque centrado na dinâmica da cultura-mercado, e da cultura-turismo.

No entanto, isso só poderá ser feito se assumirmos o fato de que o pensamento que se tem construído nestes dois ambientes tem controlado redutoramente o tipo de perguntas formuláveis, restringindo o universo de acesso aos problemas e o leque do que pode vir a ser investigado. É preciso um reconhecimento duplo, no qual a dança e jornalismo reconheçam-se como espaços comunicativos estratégicos, de criação e apropriação cultural, e de ativação de experiências criativas e instigadoras, promovendo recolocações culturais e políticas, como alternativas às realidades hegemônicas.

Discutir-inventar a dança e o jornalismo a partir de outras bases, pode constituir-se no diferencial em relação às posições habituais (queixosas e já cansadas). Nestes termos, serve para o presente o que serve também para o passado, pois qualquer intuito de gerar mudanças promovendo o engendramento de autonomia e de emancipação somente obterá êxito a partir de uma elaboração refinada desta rede de mediações em que ambos se constituem. É preciso fortalecer as falas, refinar as argumentações. É necessário considerar o pensamento (em sua expressão verbal e artística) como um tipo de ação que, ao trazer à tona o que ainda não foi examinado (destruindo valores, doutrinas, teorias e até mesmo convicções), provoca um efeito liberador sobre a faculdade do juízo, que nas palavras da filósofa Hannah Arendt (2010: 215) *“podemos chamar com alguma propriedade de a mais política das capacidades espirituais humanas”*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGAMBEN, Giorgio. Homo Sacer. **O poder soberano e a vida nua**. Tradução: Henrique Burigo. Belo Horizonte: UFMG, 2002.
- AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo? e outros ensaios**. Trad.: Vinícius de Nicastro Honesko. Chapecó, SC: Argos, 2009.
- ALBERTI, Verena. **História Oral – a experiência do CPDOC**. Rio de Janeiro: Centro de Documentação de História Contemporânea do Brasil, 1989.
- ALENCAR, Rui Souto de. **O papel da televisão educativa no Brasil. Estudo de caso da TVE- Amazonas**. Escola de Comunicações e Artes-USP, São Paulo, 1983. Dissertação de Mestrado sob orientação da Profª. Dra. Nelly de Camargo.
- ARENDDT, Hannah. **A vida do espírito: o pensar, o querer, o julgar**. RJ: Editora Civilização Brasileira, 2009
- AZANCOTH, Ediney e VALE, Selda. **TESC- Nos bastidores da lenda**. Manaus: Editora Valer/Sesc, 2009.
- AZANCOTH, Ediney e VALE, Selda. **Cenário de memórias – movimento teatral em Manaus (1944-1968)**. Manaus: Editora Valer/Governo do Estado do Amazonas, 2001.
- AZANCOTH, Ediney. **No palco nem tudo é verdade. Memórias de um ator amazonense**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1993.
- BARBOSA, Marialva. **História cultural da imprensa: Brasil, 1900-2000**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.
- BATISTA, Djalma. **Amazônia – cultura e sociedade**. 3^a edição. Organização de Tenório Telles.
- BECKER, Bertha K. **Amazônia: geopolítica na virada do III milênio**. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.
- BEZERRA, Aldenice Alves. **A Escola Pública no Amazonas: as políticas de 1987 a 1994**. Manaus: EDUA, 2003.
- BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Tradução: Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2005.

- BRANCO, Roderick Cabral Castello. **Pólo industrial ecológico de Manaus: uma proposta para o alcance da sustentabilidade**. Dissertação de mestrado em Administração, sob orientação do Prof. Dr. Antonio Vico Mañas. PUC-SP, 2009
- BRIGGS, Asa e BURKE, Peter. **Uma história social da mídia: de Gutenberg á internet**. Trad.: Maria Carmelita Pádua. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- BRITTO, Fabiana Dultra. **Mecanismos de comunicação entre corpo e dança: parâmetros para uma história contemporânea**. Tese de doutorado em Comunicação e Semiótica da PUC-SP, 2002.
- BRITTO, Fabiana Dultra (org.) **Cartografia da dança: criadores-intérpretes brasileiros**. São Paulo: Itaú Cultural, 2001.
- BURKE, Peter (org.) **A escrita da história: novas perspectivas**. Trad.: Magda Lopes. São Paulo: Editora UNESP, 1992.
- CASTRO, Mavignier de. **Síntese histórica da evolução de Manaus**. 2ª edição correta e atualizada. Editora Umberto Calderaro. Manaus – AM, sem data (A primeira edição é de 1948).
- CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da Modernidade**. Trad.: Heloíza Pezza Cintrão, Ana Regina Lessa. 3ª ed. SP: Editora da Universidade de São Paulo, 2000 (Ensaio Latino-americanos 1).
- CASTRO, Eduardo Viveiros. **A inconstância da alma selvagem – e outros ensaios de antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2002.
- CHALHUB, Samira. **Funções da linguagem**. SP: Editora Ática, 1997.
- CHAUÍ, Marilena de Souza. *Cidadania cultural: o direito à cultura*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2006.
- CLAY, Ítala. **“Cipoal de pressupostos da Amazônia”** In: CARTOGRAFIA DA DANÇA: Criadores-Intérpretes Brasileiros. Organização: Fabiana Dultra Britto. São Paulo: Itaú Cultural, 2001.
- CLAY, Ítala. **“Singularidades urbanas: éticas e estéticas em transição”** In: CARTOGRAFIA: Rumos Itaú Cultural 2006/2007. Organização: Núcleo de Artes Cênicas. São Paulo: Itaú Cultural, 2007.
- CLAY, Ítala. **“Narrativas de uma cidade: o jornal e a dança”** In: PEREIRA, Roberto; MEYER, Sandra; NORA, Sigrid. (orgs.) *Seminários de dança – Histórias em movimento: biografias e registros em dança*. Caxias do Sul, RS: Lorigraf, 2008.

- COELHO, Marcelo. **Crítica Cultural: teoria e prática**. São Paulo: Publifolha, 2006.
- COELHO, Teixeira. **Outros Olhares**. In: Rumos do Jornalismo Cultural. São Paulo: Summus: Itáu Cultural, 2007.
- COSTA, Selda Vale. **Eldorado das ilusões. Cinema & sociedade: Manaus (1897/1935)**, Manaus: Editora da Universidade do Amazonas, 1996.
- COSTA, Selda Vale da e Lobo, Narciso Júlio Freire. **No Rastro de Silvino Santos**. Manaus, SCA/ Edições Governo do Estado, 1987.
- COUTINHO, Carlos Augusto. **Manaus – aspectos históricos e culturais**. Manaus, 2006.
- DIAS, Edinea Mascarenhas. **A ilusão do fausto – Manaus 1890-1920**. Manaus: Editora Valer, 1999.
- EAGLETON, Terry. **A idéia de cultura**. Trad.: Sandra Castello Branco. São Paulo: Editora Unesp, 2005.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Trad.: Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 1999.
- FRAXE, Therezinha J. P. **Cultura cabocla-Ribeirinha: mitos, lendas e transculturalidade**. São Pauo: Annablume, 2004.
- FREIRE, José Ribamar Bessa (coordenador). **A Amazônia colonial (1616-1798)**. Manaus: Editora Metro Cúbico, 1994.
- FREITAS, Ítala Clay de Oliveira. **“Relações entre a cidade e a dança: o viver biopolítico”** In: NORA, Sigrid (org.) Húmus 3. Caxias do Sul: Lorigraf, 2007.
- GASPARI, Elio. HOLANDA, Heloísa Buarque de. VENTURA, Zuenir. **Cultura em Trânsito: 70/80: Da repressão à abertura**. Rio de Janeiro: Aeroplano Editora, 2000.
- GONDIM, Neide. **A invenção da Amazônia**. São Paulo: Marco Zero, 1994.
- GONÇALVES, Marcos Augusto (org.) **Pós-tudo: 50 anos de cultura na Ilustrada**. São Paulo: Publifolha, 2008.
- GREINER, Christine e KATZ, Helena. **“A natureza cultural do corpo”** In: PEREIRA, Roberto. Lições de dança 3. Rio de Janeiro: UniverCidade Editora, 2001.
- GREINER, Christine. **O corpo, pistas para estudos indisciplinados**. SP: Annablume, 2005.
- GREINER, Christine. **“Cinco questões para pensar nas danças contemporâneas brasileiras como anticorpos à categoria tradicional de corpo brasileiro”** In: NORA, Sigrid. (org.) Húmus 2. Caxias do Sul: Lorigraf, 2007.

- GREINER, Christine e KATZ, Helena. **“O meio é a mensagem: porque o corpo é objeto da comunicação”**. In: NORA, Sigrid. (org.) Húmus 1. Caxias do Sul: Lorigraf, 2004.
- GREINER, Christine. **O corpo em crise: novas pistas e o curto-circuito das representações. São Paulo: Annablume, 2010.**
- GRUZINSKI, Serge. **O pensamento mestiço**. São Paulo: Cia. das Letras, 2001.
- HOBSBAWM, Eric. **Era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991**. Trad. Marcos Santarrita.
- JOBIM, Anísio. **A intelectualidade no extremo norte** (contribuições para a História da Literatura no Amazonas). Manaus: Livraria Clássica; J.J da Camara, 1934.
- JOSÉ, Marcos. **Gruta, a flecha do teatro cabocão**. Manaus: UFAM, 1993.
- JÚNIOR, Luiz Costa Pereira. **A reinvenção do lugar-comum**. In: Revista Língua Portuguesa, ano 4, nº 54 abril, 2010.
- KATZ, Helena. **Um, dois, três: a Dança é o Pensamento do Corpo**. São Paulo: PUC, 1995 (Tese de doutorado).
- KATZ, Helena. **Vistos de entrada e controle de passaportes da dança brasileira**. In: CAVALCANTI, Lauro (org.) Tudo é Brasil. São Paulo: Itaú Cultural; RJ: Paço Imperial, 2004.
- LANGENDONCK, Rosana van. **A Sagração da Primavera: dança & gênese**. São Paulo: Ed. do autor, 1998.
- LIMA, Lezama. **A expressão americana**. Tradução, introdução e notas: Irlemar Chiampi. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- LINDOSO, Felipe. **Rumos do Jornalismo Cultural**. São Paulo: Summus: Itaú Cultural, 2007.
- LOBO, Narciso Júlio Freire. **Manaus, anos 60: a política através do cinema**. Dissertação de Mestrado, ECA-USP, São Paulo, 1988, sob orientação do Prof. Dr. Thomas Jorge Farkas.
- LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Cultura Amazônica: uma poética do imaginário**. Belém: Cejup, 1995.
- MACHADO, Elias. **O jornalismo digital em base de dados**. Florianópolis: Calandra, 2006.
- MAIA, Álvaro. **Na vanguarda da retaguarda**. Divulgação do D.E.I.P. Manaus – AM, 1943.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Ofício de Cartógrafo. Travessias latino-americanas da comunicação na cultura**. Tradução: Fidelina González. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

- MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Prefácio: Néstor García Canclini. Tradução: Ronald Polito e Sérgio Alcides. 4ª edição. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006.
- MARTINS, Ana Luíza. **Imprensa e cidade**. São Paulo: Editora UNESP, 2006.
- MESQUITA, Otoni Moreira de. **Manaus: história e arquitetura – 1852-1910**. 3ª edição. Manaus: Editora Valer, Prefeitura de Manaus e Uninorte, 2006.
- MITOSO, José Ribamar. **Os artistas de março. Um movimento artístico na Amazônia**. Manaus: Editora G, 2004.
- MONTENEGRO, Antonio Torres. **História oral e memória: a cultura popular revisitada**. 5ª edição. São Paulo: Contexto, 2003.
- NÚCLEO DE ARTES CÊNICAS (Org.) **Cartografia: Rumos Itaú Cultural Dança 2006/2007**. São Paulo: Itaú Cultural, 2007.
- NUGENT, Stephen. **Utopias e distopias na paisagem social amazônica**. In: ADAMS, Christina et alii. *Sociedades caboclas amazônicas: modernidade e invisibilidade*. São Paulo: Annablume, 2006.
- OLIVEIRA, Flávia Fontes. **A dança e a crítica – uma análise de suas relações na cidade de São Paulo**. Dissertação de Mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, sob orientação da profa. Dra. Leda Tenório da Motta, 2007.
- OLIVEIRA, José Aldemir. **Manaus de 1920-1967. A cidade doce e dura em excesso**. Manaus: Editora Valer/Governo do Estado do Amazonas/ Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2003.
- ORTIZ, Renato. **A moderna tradição brasileira**. São Paulo: editora brasiliense, 1998.
- ORTIZ, Renato. **Mundialização e cultura**. São Paulo: editora brasiliense, 2003.
- OTERO, Décio. **Stagium: as paixões da dança**. São Paulo: Hucitec, 1999.
- PAIXÃO, Paulo. **Por uma política cidadã do corpo: a função comunicativa do nacionalismo na dança no Brasil**. Tese de doutorado da PUC-SP, 2009.
- PÁSCOA, Márcio. **A vida musical em Manaus na época da borracha (1850-1910)**. Manaus, Imprensa Oficial do Estado do Amazonas, 1997.
- PÁSCOA, Márcio. **Cronologia Lírica de Manaus**. Manaus: Valer, 2000.

- PEREIRA, Roberto Wagner. **A formação do balé brasileiro e a crítica jornalística: nacionalismo e estilização.** Tese de doutorado de Comunicação e Semiótica, da PUC-SP, 2002.
- PEREIRA, Roberto; MEYER, Sandra; NORA, Sigrid. (orgs.) **Seminários de dança – Histórias em movimento: biografias e registros em dança.** Caxias do Sul, RS: Lorigraf, 2008.
- PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Vira e mexe, nacionalismo: paradoxos do nacionalismo literário.** São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- PINHEIRO, Amálio (org.) **Comunicação & Cultura: Barroco e Mestiçagem.** Campo Grande/MS: Ed. Uniderp, 2006.
- PINHEIRO, Maria Luíza Ugarte. **Folhas do Norte. Letramento e periodismo no Amazonas (1880-1920).** Doutorado em História na PUC – SP, 2001, sob orientação da profa. Dra. Heloísa de Faria Cruz.
- PIZA, Daniel. **Jornalismo Cultural.** São Paulo: Contexto, 2003.
- RIBEIRO, Ana Paula Goular; HERSCHMANN, Micael. (orgs.) **Comunicação e história: interfaces e novas abordagens.** Rio de Janeiro: Mauad X: Globo Universidade, 2008.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. **A gramática do tempo: para uma nova cultura política.** São Paulo: Cortez, 2006 (Coleção para um novo senso comum; v.4)
- SANTOS, Boaventura de Sousa. **Para um novo senso comum: a ciência, o direito e a política na transição paradigmática. A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência. Vol 1** São Paulo: Cortez, 2007.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. **Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social.** Tradução: Mouzar Benedito. São Paulo: Boitempo, 2007.
- SANTOS, Francisco Jorge et alii. (orgs.) **Cem anos de imprensa no Amazonas (1851-1950)** Catálogo de Jornais (2ª edição revisada). Manaus: Ed. Umberto Calderaro, 1990.
- SEGUIN, Éliane. **La danse jazz français: l’homme invisible.** In: L’histoire de la danse repères dans le cadre du diplôme d’État. Centre National de La Danse, 2000.
- SERVA, Leão. **Jornalismo e desinformação.** São Paulo: Editora Senac, 2001.
- SETENTA, Jussara Sobreira. **O fazer-dizer do corpo: dança e performatividade.** Salvador: EDUFBA, 2008.
- SILVA, Wilsa Carla Freire da. **Cultura em Pauta: um estudo sobre o jornalismo cultural.** Dissertação de mestrado em Ciências da Comunicação, sob orientação do Prof. Dr. Carlos Marcos Avighi. São Paulo, ECA-USP, 1997.

- SILVA, Zélia Lopes da (org.) **Arquivos, patrimônio e memória: trajetórias e perspectivas**. São Paulo: Editora UNESP: FAPESP, 1999. (Seminários & Debates).
- SODRÉ, Muniz. **Antropológica do espelho: uma teoria linear e em rede**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2002.
- SOUZA, Márcio. **A expressão amazonense: do colonialismo ao neocolonialismo**. São Paulo: Alfa-Ômega, 1977.
- SOUZA, Márcio. **O palco verde**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1984.
- SOUZA, Márcio. **Breve história da Amazônia: a incrível história de uma região ameaçada contada com o apaixonado conhecimento de causa de um nativo**. Rio de Janeiro: Agir, 2001.
- SOUZA, Márcio. **Silvino Santos – o cineasta do ciclo da borracha**. 2ª edição. Manaus: Edua, 2007.
- TAVEIRA, Eula Dantas. **A história do jornal de maior circulação do Amazonas** (PP.69-82) In: BARBOSA, Marialva (org.). **Estudos em Jornalismo I**. Campo Grande: INTERCOM, 2001. Edições do mestrado em Comunicação, Imagem e Informação da UFF.
- TOGNOLLI, Cláudio. **A sociedade dos chavões: presença e função do lugar-comum na comunicação**. São Paulo: Escrituras Editora, 2001.
- TUFIC, Jorge. **Clube da Madrugada: 30 anos**. Manaus: Imprensa Oficial, 1984.
- VIEIRA, Jorge de Albuquerque. **Teoria do conhecimento e arte: formas de conhecimento – arte e ciência uma visão a partir da complexidade**. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2006.
- XAVIER, Adalto. **Dançando conforme a música**. Manaus: Editora Valer e governo do Amazonas, 2002.

REFERÊNCIAS ELETRÔNICAS

- GOLZIO, Derval G. **A formação dos jornalistas diante dos novos suportes midiáticos e do fim da obrigatoriedade do diploma.** In: Cultura Midiática: Revista do programa de pós-graduação em comunicação da Universidade Federal da Paraíba. Ano II, nº 2 jul/dez/2009. Disponível em: <http://www.cchla.ufpb.br/ppgc/smartgc/uploads/arquivos/f8700d859720100404091520.pdf> Acesso em: 25 de junho de 2010.
- SCHUCH, Hélio Ademar. **Adequação do ensino na formação de jornalistas.** Texto apresentado n Fórum de professores de jornalismo, realizado em Porto Alegre entre 28 e 30 de abril de 2002, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Vol. XXV nº1 jan/jun 2002. Disponível em: <http://revcom2.portcom.intercom.org.br/index.php/rbcc/article/viewFile/817/600>
- MEDITSCH, Eduardo. **Crescer para os lados ou crescer para cima: o dilema histórico do campo acadêmico do jornalismo.** 1999. Disponível em: <http://www.bocc.uff.br/pag/meditsch-eduardo-dilema-historico-jornalismo.pdf>
- OLIVEIRA, José Aldemir de. **A cultura, as cidades e os rios na Amazônia.** Amazônia/artigos. Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br/pdf/cic/v58n3/a13v58n3.pdf> Acesso em: 09/08/2010.
- TRABBOLD, Ângela. **Transnacionalidade impõe desafios aos países amazônicos.** Portal EcoDebate. Cidadania e Meio Ambiente. 27/03/2009. Assessoria de imprensa da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (61ª Reunião anual, realizada no município de Tabatinga, extremo oeste amazonense, em divisa com o Peru e a Colômbia). Disponível em: <http://www.ecodebate.com.br/2009/03/27/transnacionalidade-impoe-desafios-aos-paises-amazonicos/> Acesso em: 03/08/2010.

ENTREVISTAS

- Conceição Souza – 29 de novembro de 2001; 10 de março de 2002
- Francisco Cardoso – 22 de fevereiro de 2002
- Lia Sampaio – 21 de fevereiro de 2002
- Francisco Rider – 16 de abril de 2009
- Jeanne Chaves – 18 de abril de 2009
- Monique Andrade – 08 de maio de 2009
- Adalto Xavier – 09 de maio de 2009
- Yara Costa – 12 de maio de 2009
- Isa Koaky – 22 de agosto de 2009
- Marta Marti – 31 de agosto de 2009
- Walmir de Albuquerque – 30 de setembro de 2009

ANEXO A – Documentação de Imagens



Jornal "A Tarde", 19 de fevereiro de 1938

“Bailarina CHINITA ULLMANN, que recebeu os applausos da platéa amazonense, em sua exibição no Theatro Amazonas. Veiu até nós em missão da Instrução Artistica Brasileira.”

O Jornal, 24 de dezembro de 1969

ESCOLA DE DANÇA DO TEATRO EM NÓVO ESPETÁCULO DIA 26



Dia 26, a Escola de Dança do Teatro Amazonas (foto) voltará à cena com novo e brilhante espetáculo, encantando nosso grande público com suas inconfundíveis evoluções, que têm a marca da maestria da professora Beatriz d'Agostinho. Cada vez mais aperfeiçoada, nossa Escola de Dança — que é também uma atividade do âmbito da Fundação Cultural do Amazonas — é formada por jovens de nossa melhor sociedade, futuras bailarinas clássicas de primeira plana.

BALLET NO TEATRO



HOJE à noite, no Teatro Amazonas, a professora Glória Velasquez e suas alunas, estarão apresentando o II Festival de Ballet Clássico e Danças Modernas, em homenagem ao Tricentenário da Cidade de Manaus. Na foto, Glória Velasquez e Carlos Santa Brigida (artista convidado).

O Jornal, 21 de dezembro de 1969

cantado sambas, bem brasileiros, e encerrado o espetáculo com o hino do Estado da Guanabara: "Cidade Maravilhosa".

De parabens a Secretaria de Educação, através a Fundação Cultural do Amazonas e os colaboradores que possibilitaram tal empreendimento e de parabens o público amazonense pelo modo como se comportou e pela excepcional oportunidade de assistir a um espetáculo de alta classe.

Glória Velasquez, artista internacional de méritos comprovados, organizou bonito festival de ballet, onde, no dia 17 de junho, no Teatro Amazonas, apresentou suas alunas, em homenagem aos 300 anos de Manaus. Na ocasião, foram apresentadas as lindas garotas: Arlene do Couto Ramos, Telma Castelo Branco, Mirtys Camelo, Neila Maria Lopes de Souza, Marilene Camelo, Francis de Oliveira Rodrigues. Soberbo espetáculo de arte, onde Glória Velasquez apresentou números de alto sentimento musical de refinada interpretação.

Acontecimento máximo do mês de julho, em se tratando de notícia social, foi o enlace matrimonial da linda boneca Maria Eleonora Matheus da Silva, meiga filha do casal Dr. e Dra. Matheus e Aury da Silva, expressão destacada de nossa sociedade, com o jovem professor e economista Luiz Antônio, de tradicional família guanabarina.

Acontecimento que teve tôdas as características de beleza e elegância, desde a originalidade do convite que abaixo transcrevemos, foi a requintada recepção nos salões dos espelhos do Atlético Rio Negro Clube.

O convite de Maria Eleonora e Luiz Antônio foi muito avançado, mostrando o bom gosto e o requinte atualizado do jovem casal — Feito em papel couchê, trazendo uma maçã meia comida, com

os seguintes dizeres: «maria eleonora e luiz carlos vão provar que, mesmo depois de terem mordido a maçã no dia 5 de julho às 19 horas na matriz de nossa senhora da conceição, vão continuar a viver no paraíso. seja testemunha». Acompanha um cartão convidando para a recepção no Rio Negro Clube, onde será servido um Cocktail — Buffet.

Do Instituto Cultural Brasil-Estados Unidos, recebemos um gentil convite, para a inauguração de sua sede própria, acontecido no dia 4 de julho, às 17 hs., na av. Joaquim Nabuco, 1286.

Agradecemos com acato e simpatia, e aqui registramos tão memorável acontecimento.

O jantar de despedida oferecido por Babysinha, aos colegas da crônica escrita, foi de muito requinte em iguarias e carinho. Participaram do mesmo os cronistas: nossa Diretora, representando Beldemônio — Ana Maria — Little Box e Epami. Muito destacada a elegância da cronista de «Sempre as Quintas».

E tem o caso daquele rapaz que fazendo um convite verbal, disse: Esse é um convite «bocal» — acho que confundiu-se... bocal só de lâmpada.

Dia 7 de julho entre nós outra vez, Nilce Cabral dos Anjos, nossa Secretária, que foi visitar o «Velho Mundo».

Por hoje é só, apenas que ainda tem uma notinha especial para finalizar esta coluna — soubemos que o espanador de uma determinada repartição, foi usado para a fantasia de índio do filho de uma alta funcionária. E assim se brinca São João...

BELDEMONIO

Junho - Julho - Agosto, 1961 p.42
Revista Manaus Magazine

BALLET NO TEATRO AMAZONAS

ILCIA CARDOSO

Dia 3 de julho, o nosso suntuoso Teatro Amazonas, mais uma vez abriu seu tradicional palco, para uma memorável apresentação artística. Dessa festa, foi o ballet da professora Glória Velasquez que resplandeceu essa linda noite de encantamento e arte.

Tendo estudado ballet quando jovem, com o professor Grandi Powilowisk, em Paris, posso fazer essa crônica com consciência e carinho, aplaudindo com entusiasmo a bonita noite de gala que Glória Velasquez ofereceu à sociedade baré. Vimos que a referida artista teve estudo profundo aliado a um gosto artístico distinto, onde aparece em primeiro plano um trabalho sem interesse material, onde vemos que Glória Velasquez vive dentro da arte pura da dança aristocrática. Precisamos ajudá-la em todos padrões, estimular o esforço e aplaudir a artista nata e a mulher dinâmica, pois é inegavelmente um elemento de real valor e destaque no nosso meio artístico. Se eu pudesse sacudir por minutos, a neve dos meus cabelos, iria juntamente com Velasquez, apresentar um número musical, no deslumbrante templo de arte que é o Teatro Amazonas.

Do meticuloso e lindíssimo programa apresentado, destacamos os seguintes números:

VALSA DO IMPERADOR — de Strauss — Fabiano de Andrade mostrou alma e magia na interpretação perfeita, assim com as seis elegantes senhorinhas que bailaram com leveza e encanto, mostrando um aprumo de cisne.

ROSAS DO SUL — de Strauss — pela graciosa ARLENE RAMOS, foi uma lindeza, onde se destacava o jôgo de corpo e a metrificação necessária ao ballet.

O sempre nôvo **DANÚBIO AZUL** — apresentado por dez novas bailarinas amadoras, tôdas vestidas de gaze azul foi algo extraordinariamente lindo, principalmente quando se movimentavam em conjunto, em harmonia perfeita, dando a impressão que o Danúbio estava mesmo quebrando suas ondas, com lentidão e ritmo.

TRISTEZA — de Sibelius — foi vivida por TELMA CASTELO BRANCO, numa deliciosa apresentação de porte e jôgo de mão deslumbrantes.

Logo após, a competente professora Gória Velasquez,

dançou com magia e suavidade, o belíssimo **SONHO DE AMOR** de Liszt. Sua interpretação foi soberba, mostrou real mérito de verdadeira profissional, onde a experiência se juntava ao talento. GLÓRIA viveu a interpretação e com languidez nos gestos, fez lembrar aos presentes, que todos nós temos ou tivemos na vida, o nosso lindo e mágico sonho de amor...

ENCONTRO MERCADO — outro número de realce, apresentando Glória Velasquez e Fabiano Andrade, numa dupla de alta qualidade artística, que dançando a Polka com absoluta perfeição, arrebatarem aplausos calorosos e elogiosas referências, pois estiveram impecáveis, desde os trajes típicos, até o bailado ligeiro e alegre.

Em **CRUEL DESTINO** e **TRISTEZA** — se destacava em primeiro plano, os gestos de leveza dos braços e mãos, das alunas de Glória Velasquez, onde a professora mostrou um jôgo de grande firmeza e méritos.

É algo extraordinário vemos que GLÓRIA VELASQUEZ ainda apresenta trabalhos perfeitos, interpretações divinas, onde se destaca a incômoda posição das pontas dos pés juntas. Inesquecível ficou para todos, a dança oriental, demonstrando um completo ballet, onde a bailarina parecia deslocar os quadris, com elegância e mudeza profissional.

Também o **RELICARIO** música salerosa de Padilha, mostrou o conjunto harmonioso da dupla Glória e Fabiano. Esse como toureiro, encantou a platéia, quando jogou ao chão, sua linda capa, satisfazendo a todos, pelo requinte apresentado. Ela foi uma diva perfeita, notável em todos os sentidos, foi a elegância de gestos ao tocar com ritmo as castanholas, lembrando a beleza misteriosa das mulheres espanholas.

Estamos todos de parabens. Bendigo tão memorável e encantada noite de arte pura e bela. Mando beijos para as debutantes de ballet que desenvolveram bailados com arte e espírito afinado. Parabenizo Fabiano de Andrade e para a grande Glória Velasquez, pelo talento, simpatia e esforço demonstrado, o meu abraço de irmã na arte, juntamente com o meu muito obrigado por tão inesquecível noiteada.

Junho - Julho - Agosto, 1961 p.30
Revista Manaus Magazine



Adair de Palma e Jeanne Chaves
Acervo pessoal de Jeanne Chaves



Arnaldo Peduto e Jeanne Chaves
Acervo pessoal de Jeanne Chaves

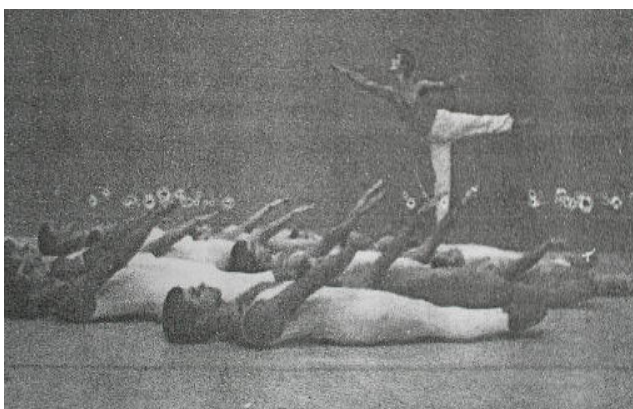
J. Américo Peres

INAMPI, O caboclo que amou
uma Bôta



Recuperado, Inampi vai se envolver ao num ritual excitante e
erótico até atingirem o êxtase.

Acervo pessoal de Conceição Souza



Fotografias do Espetáculo Inampi (1982)
Acervo pessoal de Conceição Souza





A música busca o seu espelho em Manaus

A Arte no Amazonas como resistência

O grupo Origem para este ano vem com roupa nova. Afasta-se do engajamento político como proposta de trabalho e busca o cotidiano. "O público não está querendo ver o artista levantar bandeiras para o PC, PT, PDS ou PMDB o que ele quer é captar o cotidiano. O importante é você fazer uma coisa aberta onde o público participe como criador também", explica Francisco Cardoso.

Para chegar ao atual estágio, o grupo Origem já tirou muita pedra do caminho. Durante seis meses do ano de 81, houve um projeto experimental de dança do Teatro Amazonas. Mas fracassou. A seguir formou-se a Dança-Viva que é núcleo inicial do hoje Grupo Origem.

Dança-Viva explorava uma nova proposta com linguagem que agradou o público amazonense, como explica Cardoso. "Nosso trabalho no Dança-Viva tinha temas sobre a Amazônia, com visão do contemporâneo e também do neoclassicismo que pin-

tava em 81. Essa linguagem vem se modificando a cada projeto passando por estágios que resulta no hoje Grupo Origem".

METALMADEIRA

A temporada de 1984 do Origem apresentou o espetáculo Metalmadeira com dois temas.

"Na primeira parte é mostrada a experiência coletiva do grupo com idéias e propostas. O trabalho foi feito basicamente em cima de laboratórios na rua; todos nós captávamos como bares, esquina, colégios, ônibus, praça. Tudo o que é cotidiano e que envolve a gente dando ênfase aos segmentos sociais", explica Cardoso.

"Na segunda parte tratou-se da colonização do índio em cima do ensaio de Darcy Ribeiro *Uirá sai à procura de Deus* que nós transformamos em balé. Narra a cosmogonia dos Uububu Kaapor, segundo ele, a criação do mundo".

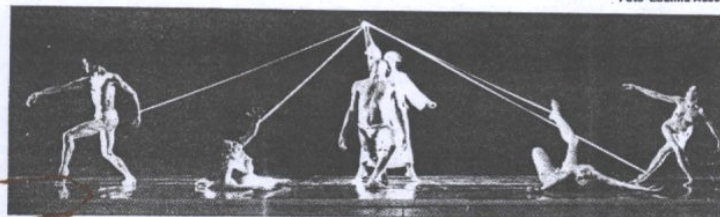
"Nosso trabalho é o de mostrar o choque cultural, colonização do índio, essa imposição da civilização em cima de uma cultura que é menos predominante e transformamos isso num trabalho universal. Não são somente os índios da Amazônia, do Brasil, do Peru, mas dos povos que passaram por esse processo de colonização".

RESISTÊNCIA

Como grupo independente, Origem pode se tornar em exemplo, enfatiza Francisco Cardoso, aos órgãos de cultura. Cita que hoje o grupo tem estrutura para se manter" se não dá certo é falta de competência mesmo".

"Estamos trabalhando muito este ano no aprimoramento técnico, quanto ao estilo, à origem da dança. Garante que o grupo vai sobreviver, ele já sobreviveu à tentativas de extermínio. Eu digo que os artistas amazonenses trabalham através de resistência...."

Foto Edunira Assaf



Grupo de dança quer levar música a todos os cantos da cidade.

A Crítica, 18 de março de 1985



Acervo pessoal Lia Sampaio



Amazonas em Tempo, 08/07/1997



Amazonas em Tempo, 08/07/1997



**“Porto de Lenha retorna em cartaz no TAA”
A Crítica, 16/03/1995**



**“Porto de Lenha volta ao palco do teatro hoje e amanhã”
A Crítica, 17/05/1995**



“Corpo de Dança entra em cena”
A Crítica,, 15/11/1998



“Corpo de Dança volta hoje e amanhã ao TA”
A Crítica, 21/11/1998

CHORO

O Pão Choro faz a sua estreia no Teatro Amazonas em 19 de agosto de 2013, às 20h30, com o espetáculo Choro, em homenagem ao compositor carioca.

a crítica

criação

O teatro Macca realiza no próximo dia 14, sábado, um espetáculo em homenagem ao Centro de Artes Chamusca, com vários artistas envolvidos.

MACCA

Arte sob o domínio do folclore



“Em Manaus, as pessoas se embriagam com um certo folclore existente aqui”

Milton Mahoun

“A nossa tônica é cantar e decantar os elementos da Amazônia”

Caetano Braga

“As pessoas têm preferência pelo chicle, tudo em função do mercado”

Orlando Mesquita

“Eu pinto unicamente para o público. Não posso me dar ao luxo de inovar”

Roland Stevenson

“O uso de temas sazonais, aqui, não ultrapassa os limites do particular”

Noelito Pereira

Seus artigos podem muito bem considerar-se, portanto, uma espécie de “história da arte”, escrito que provavelmente tenha sido escrito por alguém que viveu e atuou no meio artístico. Isso porque, ao contrário do que se imagina, não se trata de uma obra de arte, mas sim de uma obra de arte que se trata de uma obra de arte que se trata de uma obra de arte...

Em Manaus, as pessoas se embriagam com um certo folclore existente aqui. A nossa tônica é cantar e decantar os elementos da Amazônia. As pessoas têm preferência pelo chicle, tudo em função do mercado. Eu pinto unicamente para o público. Não posso me dar ao luxo de inovar. O uso de temas sazonais, aqui, não ultrapassa os limites do particular.

Novo circo terá aulas no picadeiro

Mário Freire

Os artistas circenses de Manaus estão se preparando para o início das aulas no novo circo que será montado no Picadeiro da Prefeitura Municipal. O novo circo terá aulas no picadeiro e será montado no Picadeiro da Prefeitura Municipal.

DAANÇA
a crítica
PERCUSSÃO

DAANÇA

O Centro de Artes da Colégio Bandeirantes vai realizar uma série de eventos de dança durante o mês de janeiro. As inscrições podem ser feitas em pagamento de taxa de R\$ 20.

CRIAÇÃO

O pernambucano Tiê entrou em cena no Sesc, com o espetáculo, a partir do dia 15 de janeiro. A taxa de inscrição custa R\$ 22 (comerciais) e R\$ 20 (públicas em geral).

Agenda

Artistas apostam no crescimento

Alguns artistas que se destacaram durante o ano passado renovam as esperanças de que 99 será um ano de amadurecimento e crescimento das artes locais

Elaine Fortes

A expectativa de um ano melhor se mantém entre os artistas locais que esperam para 1999 um crescimento tanto pessoal quanto profissional. Elaine Fortes, artista de dança, afirma que o ano de 1998 foi muito bom, com muitas oportunidades de trabalho. Ela participou de vários eventos, incluindo o Festival de Dança de São Paulo e o Festival de Dança de São Paulo. Ela também participou de vários eventos de dança em São Paulo e em outros estados. Ela espera que 1999 seja um ano de crescimento pessoal e profissional.

Cláudio Roberto

Cláudio Roberto, músico, afirma que o ano de 1998 foi muito bom, com muitas oportunidades de trabalho. Ele participou de vários eventos, incluindo o Festival de Música de São Paulo e o Festival de Música de São Paulo. Ele também participou de vários eventos de música em São Paulo e em outros estados. Ele espera que 1999 seja um ano de crescimento pessoal e profissional.

Artista desconhecido

Artista desconhecido, afirma que o ano de 1998 foi muito bom, com muitas oportunidades de trabalho. Ele participou de vários eventos, incluindo o Festival de Artes de São Paulo e o Festival de Artes de São Paulo. Ele também participou de vários eventos de artes em São Paulo e em outros estados. Ele espera que 1999 seja um ano de crescimento pessoal e profissional.



A bailarina Cláudio Roberto participando de uma colônia de dança.

Artista desconhecido

Artista desconhecido, afirma que o ano de 1998 foi muito bom, com muitas oportunidades de trabalho. Ele participou de vários eventos, incluindo o Festival de Artes de São Paulo e o Festival de Artes de São Paulo. Ele também participou de vários eventos de artes em São Paulo e em outros estados. Ele espera que 1999 seja um ano de crescimento pessoal e profissional.

Bailarinos do Corpo de Dança de Amazonas em ensaio da 'Sagração das Primícias'

Os bailarinos do Corpo de Dança de Amazonas estão em ensaio para a apresentação da obra 'Sagração das Primícias'. O ensaio é realizado no teatro de São Paulo. Os bailarinos estão vestidos com trajes tradicionais e estão realizando movimentos de dança. O espetáculo será apresentado em São Paulo e em outros estados.

Artista desconhecido

Artista desconhecido, afirma que o ano de 1998 foi muito bom, com muitas oportunidades de trabalho. Ele participou de vários eventos, incluindo o Festival de Artes de São Paulo e o Festival de Artes de São Paulo. Ele também participou de vários eventos de artes em São Paulo e em outros estados. Ele espera que 1999 seja um ano de crescimento pessoal e profissional.

Nossa aventura na tela e livro

Leyla Lessing

Leyla Lessing, autora do livro 'Nossa Aventura na Tela e Livro', afirma que o ano de 1998 foi muito bom, com muitas oportunidades de trabalho. Ela participou de vários eventos, incluindo o Festival de Literatura de São Paulo e o Festival de Literatura de São Paulo. Ela também participou de vários eventos de literatura em São Paulo e em outros estados. Ela espera que 1999 seja um ano de crescimento pessoal e profissional.

Trechos

Trechos de obras literárias, incluindo poemas e contos. Os trechos são apresentados em uma coluna lateral do jornal. Os autores são diversos e os temas são variados. Os trechos são apresentados em uma linguagem simples e acessível.

VOZ

Agenda

Comissão estadual, no Centro de Artes da Universidade de Aveiro, em curso de Trabalho Final a que participaram 25 de estudantes pelo professor Mário António Ferreira.

CRIAÇÃO

Realizações, na Casa Clara de Aveiro, as inscrições para o curso de Teatro e Ópera de Mafalda, que será ministrado durante 6 dias pela actriz Cecília Rocha. Informações pelo 352-4272.

PINTURA

Arte

Cultura e turismo em harmonia

Nomeado como secretário de estado da nova pasta de Cultura e Turismo, Róberio Braga anuncia que vai fazer o casamento entre as duas políticas, cultural e de turismo que, na sua opinião já contam com o cenário construído nos dois lados

Luís Louro

O secretário de Cultura e Turismo, Róberio Braga, teve a sua primeira reunião com o governador regional, Mário António Ferreira, na tarde de ontem. Braga reuniu-se com o governador regional, Mário António Ferreira, na tarde de ontem. Braga reuniu-se com o governador regional, Mário António Ferreira, na tarde de ontem.



O secretário Róberio Braga prometeu uma aproximação entre a Cultura e o Turismo.

que acabou não acontecendo. Agora, não volta a promover. O plano de Braga para o próximo ano prevê a realização de uma política cultural, que será ministrada durante 6 dias pela actriz Cecília Rocha. Informações pelo 352-4272.

deverá ser feita a escolha de um novo secretário de Cultura e Turismo. O plano de Braga para o próximo ano prevê a realização de uma política cultural, que será ministrada durante 6 dias pela actriz Cecília Rocha. Informações pelo 352-4272.

que acabou não acontecendo. Agora, não volta a promover. O plano de Braga para o próximo ano prevê a realização de uma política cultural, que será ministrada durante 6 dias pela actriz Cecília Rocha. Informações pelo 352-4272.

deverá ser feita a escolha de um novo secretário de Cultura e Turismo. O plano de Braga para o próximo ano prevê a realização de uma política cultural, que será ministrada durante 6 dias pela actriz Cecília Rocha. Informações pelo 352-4272.

deverá ser feita a escolha de um novo secretário de Cultura e Turismo. O plano de Braga para o próximo ano prevê a realização de uma política cultural, que será ministrada durante 6 dias pela actriz Cecília Rocha. Informações pelo 352-4272.

deverá ser feita a escolha de um novo secretário de Cultura e Turismo. O plano de Braga para o próximo ano prevê a realização de uma política cultural, que será ministrada durante 6 dias pela actriz Cecília Rocha. Informações pelo 352-4272.

deverá ser feita a escolha de um novo secretário de Cultura e Turismo. O plano de Braga para o próximo ano prevê a realização de uma política cultural, que será ministrada durante 6 dias pela actriz Cecília Rocha. Informações pelo 352-4272.

«A Cultura funciona como um instrumento de motivação para o Turismo, mas o Turismo não pode ferir a Cultura. Os padrões culturais têm que ser respetados pela política do turismo»



Maria Tudez, de Carlos Gomes está conferida no Festival de 50

Nova secretária terá 'projeto ambicioso'

Róberio Braga, o novo secretário de Cultura e Turismo, anunciou ontem o seu plano de trabalho para o próximo ano. O plano prevê a realização de uma política cultural, que será ministrada durante 6 dias pela actriz Cecília Rocha. Informações pelo 352-4272.

Deputado vê 'terceirização' na reforma do estado

Um deputado da oposição criticou a proposta de reforma do estado, defendendo a necessidade de manter a estrutura administrativa atual. O deputado afirmou que a reforma proposta pelo governo é apenas uma tentativa de terceirização das funções públicas.

A Crítica, 03 de Janeiro de 1999

ANEXO B – Hemerografia

1980

ID	CONTEÚDO OU TÍTULO	JORNAL	EDITORIA	PÁGINA	DATA
0001	Aniversário de José Resende	A Crítica	Colunismo Social: Eles e Elas (Marina Nunes)	10	18 /03/1980
0002	Arnaldo Peduto e nova Academia	A Crítica	Colunismo Social (Baby)	07	07/04/1980
0003	Bailarinos do Municipal no TA	A Crítica	Caderno II	01	18/04/1980
0004	Arnaldo Peduto e nova Academia	A Crítica	Colunismo Social: Gente Gil	07	27/04/1980
0005	Arnaldo Peduto e nova Academia	A Crítica	Colunismo Social Gente Gil	11	04/05/1980
0006	Ballet do Senegal	A Crítica	Caderno II: Gente Gil	01	13/05/1980
0007	Ballet do Senegal vai estrear amanhã no TA	A Crítica	Cidade	03	14/05/1980
0008	Ballet do Senegal	A Crítica	Caderno II: Gente Gil	01	15/05/1980
0009	Balé senegalês estréia com ótimos espetáculos	A Crítica	Cidade	03	15/05/1980
0010	Ballet do Senegal	A Crítica	Caderno II: Gente Gil	01	15/05/1980
0011	Arte Negra	A Crítica	Caderno II: Críticas na A Crítica (Eça de Assis)	01	16/05/1980
0012	Ballet Nacional do Senegal	A Crítica	Caderno II: Gente Gil	01	17/05/1980
0013	Manaus conhecerá danças de Israel	A Crítica	Cidade	05	17/05/1980
0014	Ballet Folclórico de Israel	A Crítica	Caderno II: Gente Gil	01	22 /05/1980
0015	Grupo de Ballet Kiweret no TA	A Crítica	Colunismo Social	10	27/05/1980
0016	Grupo de Ballet Kiweret no TA	A Crítica	Caderno II: Gente Gil	01	28/05/1980
0017	Grupo Corpo chega com “Último Trem” a Manaus	A Crítica	Cidade	03	04/06/1980
0018	“Corpo” se queixa das dificuldades	A Crítica	Cidade	05	05/06/1980
0019	Grupo Corpo	A Crítica	Caderno II: Gente Gil	01	05/06/1980

0020	“Último Trem” estréia hoje no T. Amazonas	A Crítica	Cidade	03	06/06/1980
0021	Festival Marquesiano valoriza o que é nosso	A Crítica	Cidade	03	06/06/1980
0022	Maria, Maria estréia hoje no Teatro	A Crítica	Cidade	03	11/06/1980
0023	Grupo Corpo	A Crítica	Caderno II: Gente Gil	03	11/06/1980
0024	“Corpo” vai encerrar a temporada	A Crítica	Cidade	03	13/06/1980
0025	Balé/Rezende	A Crítica	Gente Gil	01	11/12/1980
0026	Rezende e Peduto	A Crítica	Colunismo: Coisas do circuito (Baby)	07	15/12/1980
0027	Peduto	A Crítica	Gente Gil	01	20/12/1980
0028	Peduto	A Crítica	Colunismo: Coisas do circuito (Baby)	03	22/12/1980

1981

ID	CONTEÚDO OU TÍTULO	JORNAL	EDITORIA	PÁGINA	DATA
0029	Dançaviva inaugura novo ballet	A Crítica	Cidade	05	12/02/1981
0030	Cidade ganhou a escola de dança	A Crítica	Cidade	03	12/03/1981
0031	Inampi, o caboclo que amou uma bôta	A Crítica	Suplemento Vida (Curiosidade)	04	17/05/1981
0032	Ballet clássico da Itália vem para o TA	Jornal do Comércio	Geral	04	20/05/1981
0033	Ballete Stagium faz 4 exibições no T. Amazonas	Jornal do Comércio	Cidade	03	17/06/1981
0034	Público aplaude de pé o ballet do Japão no TA	Jornal do Comércio	Caderno 2 Geral	03	27/08/1981
0035	Ballet “Stagium” estréia dia três no T. Amazonas	Jornal do Comércio	Caderno 1 Cidade	03	28/08/1981
0036	Grupos de dança da Bahia, dia 11 no T. Amazonas	Jornal do Comércio	Geral	17	09/10/1981
0037	Balé baiano hoje no TA	Jornal do Comércio	Capa	01	10/10/1981

0038	Sapateado revive os musicais de Hollywood	A Crítica	Esporte	NI	27/11/1981
0039	Espetáculo de Arnaldo Peduto no TA	A Crítica	Suplemento Vida (Colunismo)	NI	29/11/1981
0040	Dançaviva no TA	A Notícia	Caderno 2 Colunismo Social (Carlos Aguiar)	06	04/12/1981
0041	TA realiza um curso de dança	A Crítica	Cidade	03	07/12/1981
0042	TA apresentará aula inaugural de dança	Jornal do Comércio	NI	20	08/12/1981
0043	Corpo de ballet	Jornal do Comércio	Opinião Colunismo Social: De frente De perfil	04	10/12/1981
0044	“TA” receberá DANÇAVIVA no fim de semana	Jornal do Comércio	Geral	13	11/12/1981
0045	“Dança Viva” apresentará espetáculo	A Crítica	Cidade	05	11/12/1981
0046	Inteligência e beleza de Patrícia nas belas- artes	Jornal do Comércio	NI	16	13/12/1981
0047	Andreas Paul Basler	A Notícia	2o Caderno Colunismo Social (Carlos Aguiar)	07	13/12/1981
0048	Reapresentação do Dançaviva	A Notícia	2o Caderno Colunismo Social (Carlos Aguiar)	06	15/12/1981
0049	Dança Viva repete o “Raça”	A Crítica	Cidade	03	15/12/1981
0050	Ana Botafogo dança no Teatro Amazonas	A Notícia	2o Caderno Colunismo Social (Carlos Aguiar)	06	16/12/1981
0051	Ana Botafogo vem dançar no Teatro Amazonas	Jornal do Comércio	Caderno Política	03	18/12/1981
0052	Elogio à iluminação do Dançaviva	A Notícia	2o Caderno Colunismo Social (Carlos Aguiar)	06	18/12/1981
0053	Ana Botafogo estréia amanhã no T. Amazonas	Jornal do Comércio	Cidade	03	19/12/1981
0054	Nesta noite, no Teatro Amazonas, ballet	A Crítica	Colunismo Social Gente Gil	07	19/12/1981

0055	Três noites de balé	Jornal do Comércio	Aqui Arte Colunismo Social	21	19/12/1981
0056	Dançaviva: gestos de esperança	A Crítica	Caderno Vida Arte	04	20/12/1981
0057	Ana Botafogo se apresenta no Teatro Amazonas	A Crítica	Caderno Vida Arte	04	20/12/1981
0058	Ballet José Rezende aplaudido no Teatro	Jornal do Comércio	Opinião	02	22/12/1981
0059	Espetáculo do Rezende	Jornal do Comércio	Aqui Arte	15	24/12/1981
0060	Rezende e Madeleine Rosay	Jornal do Comércio	Notas Soltas	15	24/12/1981
0059	Teatro terá um grupo de danças	A Crítica	Cidade	03	31/12/1981

1982

ID	CONTEÚDO OU TÍTULO	JORNAL	EDITORIA	PÁGINA	DATA
0060	Teatro fará curso para bailarinos	A Crítica	Cidade	03	03/01/1982
0061	Noite de artes no T. Amazonas	A Crítica	Cidade	03	07/03/1982
0062	Conjunto de danças foi maltratado	A Crítica	Cidade	03	19/04/1982
0063	Manaus terá um estúdio de arte	A Crítica	Cidade	05	01/07/1982
0064	“Xopingue Senter” estréia no dia 27	A Crítica	Cidade	05	10/07/1982
0065	Um marco na história da arte manaú: “Xopingue Senter ou Amor Amazonense”	A Crítica	Revista Nacional	05	24/07/1982
0066	Bailarinos passam baixo no hotel	A Crítica	Cidade	03	12/08/1982
0067	Tropical dá explicações sobre show	A Crítica	Cidade	03	13/08/1982
0068	Rezende: Gisele Santoro e Laura Proença	A Crítica	Colunismo Social Gente Gil	NI	09/09/1982

0068	Ballet Stagium volta à ZFM para quatro apresentações	A Crítica	Cidade	03	19/09/1982
0069	Bonito, alegre e latino: Stagium está de volta a Manaus	A Crítica	Revista Nacional	03	19/09/1982
0070	Bailarina do Municipal vem se apresentar no Amazonas	A Crítica	Cidade	03	03/12/1982
0071	Centro de Dança Colúmbia deu show e público vibrou	A Crítica	Esporte	02	07/12/1982
0072	Nesta noite, balé no Teatro Amazonas	A Crítica	Colunismo Social	05	10/12/1982
0073	Dançaviva Na oficina de arte	A Crítica	Revista Nacional	07	12 a 19/12/1982
0074	Dançaviva Dos altos do Rio ao fundo do chão	A Crítica	Revista Nacional	07	12 a 19/12/1982
0075	Dança viva estréia sexta o seu programa para 1983	A Crítica	Cidade	03	14/12/1982
0076	Dança viva estréia hoje espetáculo	Jornal do Comércio	Cidade	03	17/12/1982
0077	“Dançaviva” deu exemplos da grande arte amazonense	A Crítica	Cidade	03	19/12/1982
0078	Centro de Dança Colúmbia com nova estrutura em 83	A Crítica	Esporte	02	22/12/1982
0079	Inampi e Cortejo da Morte voltarão ao teatro amanhã	A Crítica	Cidade	03	26/12/1982
0080	Dançaviva encerra a pauta de 82 no Teatro Amazonas	A Crítica	Cidade	03	28/12/1982

1983

ID	CONTEÚDO OU TÍTULO	JORNAL	EDITORIA	PÁGINA	DATA
0081	Dançaviva na semana do Amazonas/RJ	A Crítica	Colunismo Social	07	16/01/1983
0082	Dançaviva na semana do Amazonas/RJ	A Crítica	Colunismo Social	05	24/01/1983

0083	Retorno Dançaviva/RJ	A Crítica	Revista Nacional. Fragmentos.	07	06/02/1983
0084	“Dançaviva não obtém passagens para o Anhembi”	A Crítica	Cidade	03	14/02/1983
0085	Aulas no Centro de Danças Colúmbia por integrante do Dançaviva	A Crítica	Revista Nacional. Fragmentos.	07	06/03/1983
0086	Centro de Dança Colúmbia promoverá curso de dança	A Crítica	Cidade	06	13/03/1983
0087	Centro de Danças Colúmbia treina grupo permanente	A Crítica	Cidade	03	10/04/1983
0088	Balé soviético faz apresentação na ZF	A Crítica	Cidade	05	01/05/1983
0089	Rezende: apresentação de Eliana Caminada e Jair Moraes	Jornal do Comércio	Geral Convivência Social (Nogar)	12	01/06/1983
0090	Rezende Eliana Caminada	Jornal do Comércio	Geral Colonismo Social Roda Viva	10	02/06/1983
0091	Ballet terá exibição no T. Amazonas	A Crítica	Cidade	03	03/06/1983
0092	Uma craque das sapatilhas (Eliana Caminada)	Jornal do Comércio	Variedades Colonismo Social (Carlos ?)	12	14/08/1983
0093	Movimento apresenta espetáculos no TA	A Crítica	Cidade	05	08/10/1983
0094	Alane Braga	A Crítica	Revista Nacional	10	30/10/1983
0095	Mônica Bomfim e Wandilson Montenegro dançam o pas de deux de “Iara” de Villa-Lobos	A Crítica	Variedades Gente Gil	07	05/11/1983
0096	Núcleo Universitário de Dança Contemporânea no “Corpo e Movimento”	A Crítica	Variedades Gente Gil	07	07/11/1983
0097	Grupo Movimento no	A Crítica	Cidade	08	12/11/1983

0098	Teatro Amazonas Noites de ballet no Teatro Amazonas	A Crítica	Variedades Gente Gil	07	18/11/1983
0099	Retrato do Brasil na estréia de grupo	A Crítica	Cidade	05	20/11/1983
0100	Movimento estréia dois espetáculos	A Crítica	Cidade	05	23/11/1983
0101	Rezende	A Crítica	Cidade	05	26/11/1983
0102	Balé, Jazz, e o comportamento do público	A Crítica	Variedades Baby	07	12/12/1983
0103	Rezende	A Crítica	Revista Nacional Badalações	10	27/12/1983
0104	Grupo Movimento	NI	Cena Aberta (Gerson Albano)	20	23/10/1983

1984

ID	CONTEÚDO OU TÍTULO	JORNAL	EDITORIA	PÁGINA	DATA
0105	Alane Braga e seu grupo de Jazz	A Crítica	Revista Nacional Coluna Stars Only Stars	10	08/01/1984
0106	Corpo de baile	A Crítica	Revista Nacional Calidoscópio Leyla Leong	02	12/02/1984
0107	Teatro Amazonas vai formar grupo de balé	A Crítica	Cidade	05	20/03/1984
0108	Seleção de dança transfere prazos	A Crítica	Cidade	05	04/04/1984
0109	Temporada de Ballet no Teatro Amazonas	A Crítica	Variedades Gente Gil	07	15/05/1984
0110	Grande noite de bailet no Teatro Amazonas	A Crítica	Cidade	06	18/05/1984
0111	“Promessas de Sol” recebeu aplausos	A Crítica	Cidade	03	02/06/1984
0112	Promessa de Sol volta hoje ao TA	A Crítica	Cidade	03	04/06/1984
0113	“Promessas de Sol” chega terça ao TA	A Crítica	Cidade	03	05/06/1984

0114	Graziela Rodrigues dará curso de dança	A Crítica	Cidade	03	07/06/1984
0115	Grupo Experimental com 2 espetáculos	A Crítica	Cidade	05	22/06/1984
0116	Curso de dança contemporânea	A Crítica	Cidade	05	30/06/1984
0117	Petit mostra "Igor Ustark" no teatro	A Crítica	Cidade	03	02/08/1984
0118	Alane Braga	A Crítica	Variedades Gente Gil	06	10/08/1984
0119	Nudac	A Crítica	Primeira página	01	19/10/1984
0120	Festival de música reúne 4 mil pessoas	A Crítica	Últimas	02	19/10/1984
0121	Apresentação da Academia do Rezende	A Crítica	Variedades Gente Gil	06	07/11/1984
0122	Do clássico ao moderno: beleza com certeza (Rezende e Peduto)	A Crítica	Variedades Baby	07	12/11/1984
0123	Villa-Lobos recebe homenagem da FUA	A Crítica	Cidade	03	17/11/1984
0124	Centro de dança vai apresentar duas peças	A Crítica	Cidade	06	18/11/1984
0125	Espectáculo "Manaus Jazz Show", do Arnaldo Peduto	A Crítica	Revista Nacional Stars Only Stars	05	02/12/1984
0126	Grupo de dança estréia hoje	A Crítica	Cidade Hoje no Teatro Amazonas	06	14/12/1984
0127	"Teatro Amazonas apresentou toda a arte de Villa-Lobos"	NI	NI	NI	1984

1985

ID	CONTEÚDO OU TÍTULO	JORNAL	EDITORIA	PÁGINA	DATA
0128	A arte no Amazonas como resistência	A Crítica	Caderno C	C3	18/03/1985
0129	Salão cidade de Manaus: um espaço que veio para ficar	A Crítica	Caderno C	04	31/03/1985

0130	Sem palco os movimentos ficam no azul do ar	Jornal do Comércio	Caderno 3		21/04/1985
0131	Stuttgart estreia em São Paulo	Jornal do Comércio	Artes	04	28/04/1985
0132	Nudac e a dança libertadora	Jornal do Comércio	Caderno 3 (Eleonora de Paula Dias)	11	11/05/1985
0133	Rezende	A Crítica	Esporte (publicidade)		16/05/1985
0134	Teatro apresentará Ana Maria Botafogo	A Crítica	Cidade	06	17/05/1985
0135	Amazonense aprende ginástica nos EUA	A Crítica	Caderno C5	NI	20/05/1985
0136	Espectáculo de dança no Teatro Amazonas	A Crítica	Cidade	13	23/06/1985
0137	Isa Kokay Uma energia rara nas pessoas	A Crítica	Caderno C3	NI	24/06/1985
0138	Cultura dos pés descalços	A Crítica	Caderno C3	NI	24/06/1985
0139	Espectáculo de dança continua no Teatro	A Crítica	Cidade	06	04/07/1985
0140	Núcleo de dança brilha com "Horas de estudo"	A Crítica	Cidade	07	05/07/1985
0141	Nas "Horas de estudo", a transa do corpo"	A Notícia	NI	23	07/07/1985
0142	Balé faz a festa dos pais a ACUCA	A Crítica	Cidade	06	10/08/1985
0143	Teatro Amazonas vai estrear peça infantil	A Crítica	Cidade	07	17/08/1985
0144	Ballet Stagium volta ao Teatro Amazonas	A Crítica	Cidade	08	06/09/1985
0145	Vem aí o ballet Stagium. Viva!	A Crítica	Caderno C	05	09/09/1985
0146	Ballet Stagium começa apresentações amanhã	A Crítica	Cidade	06	12/09/1985
0147	Stagium / espetáculo	A Crítica	Internacional	06	13/09/1985
0148	Estreou com aplausos o "Ballet Stagium"	A Crítica	Cidade	08	14/09/1985
0149	Stagium/encontros com a cultura	A Crítica	Internacional (publicidade)	13	15/09/1985
0150	Projeto de dança está presente na comunidade	A Crítica	Cidade	07	24/09/1985
0151	Grupo simetria no Teatro Amazonas	A Crítica	Cidade	11	29/09/1985

0152	Escola de dança mostra “Fantasy”	A Crítica	Cidade	08	18/10/1985
0153	Teatro vai lançar projeto vem dançar	A Crítica	Cidade	06	24/10/1985
0154	Teatro Amazonas vai apresentar “Fantasy”	A Crítica	Cidade	09	27/10/1985
0155	Oficina encerra inscrições	A Crítica	Cidade	07	31/10/1985
0156	Balé homenageia nossos músicos no T. Amazonas	A Crítica	Cidade	06	13/12/1985
0157	‘Sinfonia Amazônica’ no T. Amazonas	A Crítica	Variedades	06	13/12/1985
0158	Grupo de dança estréia hoje	A Crítica	Cidade	06	14/12/1985
0159	Dança e maquilagem no “Álvaro Braga”	A Crítica	Cidade	11	15/12/1985

1986

ID	CONTEÚDO OU TÍTULO	JORNAL	EDITORIA	PÁGINA	DATA
0160	Começa Feriart no Benjamin Constant	A Crítica	Cidade	10	12/01/1986
0161	Márika, do Stagium inspira a Feriarte	A Crítica	Cidade	10	18/01/1986
0162	UA dá curso prático sobre Arte Integrada	A Crítica	Cidade	11	22/01/1986
0163	Show a homenagem da U.A. à imprensa	A Crítica	Cidade	07	31/01/1986
0164	Artistas da dança e teatro debatem	A Crítica	Cidade	10	29/04/1986
0165	Um clássico momento de ballet	A Crítica	Colunismo Social (Baby)	04	26/05/1986
0166	Ballet de Dufrayer estréia nesta sexta	A Crítica	Cidade	11	13/06/1986
0167	Teatro Amazonas apresenta Dufrayer	A Crítica	Cidade	12	14/06/1986
0168	Dançar estudantil no Teatro Amazonas	A Crítica	Cidade	03	20/07/1986
0169	Circuito de Arte está chegando nas escolas	A Crítica	Cidade	05	15/08/1986

0170	Academia de Balé vai fazer dois espetáculos	A Crítica	Cidade	08	14/09/1986
0171	Academia de balé faz espetáculos no Teatro	A Crítica	Internacional	12	16/09/1986
0172	Ballet clássico no Teatro Amazonas	A Crítica	Cidade	03	20/09/1986
0173	Servidora do T.A agride bailarina	A Crítica	Nacional	12	01/10/1986
0174	Artistas denunciam direção do teatro	A Crítica	Cidade	05	06/10/1986
0175	Manaus começa a viver hoje as emoções do Festival Universitário	A Crítica	FUM	06	23/10/1986
0176	Balé Popular do Recife apresenta-se no Teatro	A Crítica	Nacional	12	31/10/1986
0177	Cidade tem nova opção com teatro do artista	A Crítica	Cidade	08	02/11/1986
0178	Principiante aprende da dançar música moderna	A Crítica	Cidade	03	12/11/1986
0179	Bailarino ministra curso no Teatro	A Crítica	Cidade	12	18/11/1986
0180	Tupinambá de dança no T. dos Artistas	A Crítica	Cidade	12	29/11/1986
0181	Cinema no Palco nº 2 será espetáculo no TA	A Crítica	NI	08	06/12/1986
0182	Consolidado movimento de arte da juventude	A Crítica	Cidade	06	07/12/1986
0183	T.A. recebe balé da Escola Rezende	A Crítica	Cidade	06	07/12/1986
0184	Teatro dos Artistas apresenta Comédia	A Crítica	Cidade	03	20/12/1986

1987

ID	CONTEÚDO OU TÍTULO	JORNAL	EDITORIA	PÁGINA	DATA
0185	“Férias de arte” opção livre e inteligente	A Crítica	Variedades	05	05/01/1987
0186	Abertura da mostra foi deprimente	A Crítica	Cidade	10	10/01/1987

0187	Arte e memória no museu Tiradentes	A Crítica	Cidade	12	15/02/1987
0188	Teatro dos Artistas está de palco novo	NI	NI		20/04/1987
0189	Trajatória de um artista	Jornal do Comércio	Suplemento	04-05	10/05/1987
0190	Curso de Jazz será em Manaus	A Crítica	Cidade	06	16/05/1987
0191	Apresentações de dança no interior	A Crítica	Cidade	05	06/06/1987
0192	Núcleo de Dança faz apresentação no ICHL	A Crítica	Cidade	10	11/06/1987
0193	Danças regionais no Teatro dos Artistas	A Crítica	Cidade	03	29/06/1987
0194	“Fragmentos será atração no A. Braga	A Crítica	Cidade	05	17/07/1987
0195	“Danzaluz” a arte Venezuela	A Crítica	Variedades	05	27/08/1987
0196	Festivais culturais na “Semana da Pátria”	A Crítica	Cidade	05	27/08/1987
0197	Ballet da Venezuela em benefício da APAE	A Crítica	Cidade	05	29/08/1987
0198	Mostra de Dança no Teatro dos Artistas	A Crítica	Variedades (Gente)	05	17/09/1987
0199	Arte em educação para aprimorar nossa música	A Crítica	Seduc presente	Última página	04/10/1987
0200	Grupo de dança da UA faz nova apresentação	A Crítica	Cidade	05	05/11/1987
0201	Curso da UA para “arte de lazer”	A Crítica	Cidade	05	16/11/1987
0201	Ballet e Jazz	A Crítica	Colunismo Social	08	21/11/1987
0203	Show de dança	A Crítica	Variedades Colunismo Social	09	22/11/1987
0204	Um grupo de dança contemporânea em ritmo diferente	A Crítica	Cidade	07	28/11/1987
0205	Grupos estudantis farão amostra de arte cênica dia 5	A Crítica	Cidade	06	01/12/1987
0206	Arnaldo Peduto	A Crítica	Colunismo Social	NI	04/12/1987
0207	Arnaldo Peduto faz a festa	A Crítica	Variedades Colunismo Social	07	04/12/1987
0208	Mostra estudantil de arte cênica segue no Teatro do Estudante	A Crítica	Cidade	05	13/12/1987
0209	Grupos de danças mostrarão a MPB	A Crítica	Cidade	05	15/12/1987

0210	Grupo Massa leva peça para o TAE	A Crítica	Cidade	06	18/12/1987
------	----------------------------------	-----------	--------	----	------------

1988

ID	CONTEÚDO OU TÍTULO	JORNAL	EDITORIA	PÁGINA	DATA
0211	Feriarte faz sucesso no Teatro dos Artistas	A Crítica	Cidade	03	17/01/1988
0212	Setor de Artes da UA inscreve para cursos	A Crítica	Cidade	03	17/01/1988
0213	Seduc promoverá curso e dança	A Crítica	Cidade	03	10/02/1988
0214	Dança	A Crítica	Variedades Colunismo Social	07	24/02/1988
0215	Cursos preparatórios do TAE	A Crítica	Colunismo Social (Gente)	07	04/03/1988
0216	Apresentação no Teatro de Mineração	A Crítica	Colunismo Social (Gil)	03	17/03/1988
0217	Campeonato amazonense de dança moderna	A Crítica	Variedades	06	17/03/1988
0218	Teatro da Escola de Mineração inaugurado	A Crítica	Cidade	03	18/03/1988
0219	Madrigal Santiago apresenta "Cantos e passos da paixão"	A Notícia	Cidade	06	20/03/1988
0220	Secretaria da Cultura agendo Dia do Teatro	A Crítica	Cidade	03	25/03/1988
0221	Dança é alternativa contra tóxicos e tem apoio da Seduc	A Crítica	Cidade	05	04/04/1988
0222	Ballet Stagium	A Crítica	Colunismo Social (Gil)	09	07/04/1988
0223	Stagium	A Crítica	Variedades Colunismo Social	07	09/04/1988
0224	Arte em Maiúsculas (Stagium)	A Crítica	Colunismo Social (Baby)	07	11/04/1988
0225	Escola de mineração apresenta o Stagium	A Crítica	Cidade	05	11/04/1988
0226	Grupo Carbono estréia no Projeto Expressão	A Crítica	Cidade	06	22/04/1988

0227	Dança Amazonense faz 8 anos de fundação	A Crítica	Cidade	06	26/04/1988
0228	Palco sobre rodas no Compensa	Jornal do Comércio	Momento	19	06/05/1988
0229	Grupo de Dança Steel Band	A Crítica	Colunismo Social		08/05/1988
0230	Prêmio de coreografia de Lausane (Suíça)	A Crítica	Colunismo Social	05	10/05/1988
0231	Espaço Cultural promove cursos	A Crítica	Cidade	05	10/05/1988
0232	“Missa Luba” será apresentado hoje	Jornal do Comércio	Momento	17	12/05/1988
0233	“Missa Luba” é arte	Amazonas em Tempo	Caderno 2 Cidade	03	12/05/1988
0234	Encenação de “Missa Luba”	A Notícia	Cidade	06	12/05/1988
0235	“Missa Luba”	A Notícia	Sociedade (Carlos Aguiar)	08	12/05/1988
0236	“Missa Luba” lembra 100 anos da abolição	A Crítica	Cidade	06	12/05/1988
0237	Projeto Palco sobre Rodas	Jornal do Comércio	Momento Acontece	19	18/05/1988
0238	Música popular no Teatro Oficina	A Crítica	Cidade	05	18/05/1988
0239	Zaratustra volta ao palco (grupo origem)	Jornal do Comércio	Momento	17	20/05/1988
0240	Coral Madrigal encerra musical hoje e amanhã	A Crítica	Cidade	06	27/05/1988
0241	Curso de Arte Cênica no Espaço Cultural	A Crítica	Cultura	09	30/05/1988
0242	No palco a irreverência de Wagner Mello	A Crítica	Cultura	09	27/06/1988
0243	Praça Movimentada com 1ª Feirafró	A Crítica	Cidade	03	09/07/1988
0244	Dança: Informações e reciclagem	A Crítica	Colunismo Social	07	22/07/1988
0245	Manhã cultural na Praça da Polícia	A Crítica	Cidade	03	30/07/1988
0246	Fause Saliba	A Crítica	Colunismo Social	09	31/07/1988
0247	Espetáculo de dança: Shigayama	A Crítica	Colunismo Social (Gil)	09	28/08/1988
0248	Teatro de Mineração apresenta a dança japonesa Shigayma	A Crítica	Cidade	05	28/08/1988
0249	Cultura artística na programação do Teatro	A Crítica	Cidade	03	09/10/1988

0250	Circo, música e dança na praça	A Crítica	Cidade	03	09/10/1988
0251	Corpo de dança do TA sem apoio	A Crítica	Cidade	03	13/10/1988
0252	Fause Saliba	A Crítica		04	17/10/1988
0253	Grupo de Parintins é atração para Manaus	A Crítica	Cidade	05	12/11/1988
0254	Mostra de arte encerra o curso	A Crítica	Cidade	03	03/12/1988
0255	Mostra de artes cênicas continua	A Crítica	Cidade	11	13/12/1988
0256	Coral da UA com "Festa do Brasil"	A Crítica	Cidade	03	14/12/1988
0257	Nudac	A Crítica	Colunismo Social	05	14/12/1988
0258	Encerramento da Sexta Mostra Estudantil	Cidade	Cidade	03	19/12/1988

1989

ID	CONTEÚDO OU TÍTULO	JORNAL	EDITORIA	PÁGINA	DATA
0259	Seduc realiza no TAE cursos de teatro e dança	A Crítica	Cidade	05	01/02/1989
0260	Cursos no TAE	A Crítica	Colunismo Social	07	02/03/1989
0261	A Amazônia na ponta dos pés	A Crítica	Colunismo Social	07	22/03/1989
0262	Grupos de danças no Teatro dos Artistas	A Crítica	Cidade	06	07/05/1989
0263	Dança Bahkti: Ciro Barcellos e Moacir Gomes	A Crítica	Colunismo Social	05	20/05/1989
0264	Jornada de arte e cultura na escola	A Crítica	Especial	07	22/05/1989
0265	Para Ciro, "Bhakti" é um serviço devocional	A Crítica	Cidade	06	23/05/1989
0266	Espetáculo "Repiquete" volta à cena em junho	A Crítica	Cidade	06	23/05/1989
0267	Seduc promove jornada de cultura na escola	A Crítica	Cidade	05	25/05/1989
0268	Bandas e dança no festival	A Crítica	Cidade	06	06/06/1989
0269	Mostra de vídeos no programa do festival	A Crítica	Cidade	05	07/06/1989

0270	Cursos no TAE	A Crítica	Colunismo Social	07	13/06/1989
0271	Festa cigana no TAE	A Crítica	Colunismo Social	07	17/06/1989
0272	Grupo de dança da UA em Leticia	A Crítica	Cidade	03	30/07/1989
0273	Mais um dia de cultura na pracinha	A Crítica	Cidade	06	02/08/1989
0274	Vamos todos dançar (cursos no TAE)	A Crítica	Variedades	10	10/08/1989
0275	Reapresentação do Núcleo de Dança	A Crítica	Cidade	05	17/08/1989
0276	Destaques (Nudac)	A Crítica	Colunismo Social	07	18/08/1989
0277	“Grupo Massa” no Teatro dos Artistas	A Crítica	Cidade	05	15/09/1989
0278	Rezende (14º ano da academia)	A Crítica	Colunismo Social	07	27/09/1989
0279	“Rastros” e “Ulisses” no teatro de mineração	A Crítica	Colunismo Social	05	10/10/1989
0280	Curso Valério César	A Crítica	Colunismo Social	07	11/10/1989
0281	Mineração apresenta “Rastros” e “Ulisses”	A Crítica	Cidade	05	12/10/1989
0282	Coral da UA faz a Feira Cultural	A Crítica	Cidade	03	05/11/1989
0283	Dança (Rezende)	A Crítica	Colunismo Social	07	22/11/1989
0284	No palco (Rezende)	A Crítica	Colunismo Social	07	24/11/1989
0285	Medicina promove noite cultural	A Crítica	Cidade	03	11/12/1989
0286	Mostra de Arte Cênica é sucesso na abertura	A Crítica	Cidade	03	11/12/1989
0287	O show continua no Cine Guarany	A Crítica	Cidade	06	12/12/1989
0288	Arnaldo Peduto	A Crítica	Colunismo Social (Gil)	05	13/12/1989
0289	Arnaldo Peduto	A Crítica	Colunismo Social (Gil)	05	13/12/1989
0290	Coisa do Céu na Mostra Estudantil	A Crítica	Cidade	03	15/12/1989
0291	Domingo cultural envolve desde a criança ao adulto	A Crítica	Cidade	05	17/12/1989
0292	Coisa do Céu da 7ª Mostra Estudantil	Amazonas em Tempo	Cultura 3º Caderno	04	19/12/1989
0293	Mostra Estudantil é sucesso garantido	A Crítica	Cidade	05	20/12/1989
0294	“Jazz Dance” abre série de espetáculo de estudantes	Amazonas em Tempo	Cidade 2º Caderno	03	20/12/1989

0295	Manhã cultural ficou para o próximo sábado	A Crítica	Cidade	03	21/12/1989
0296	Nudac faz encerramento apoteótico	A Notícia	Cidade	06	21/12/1989
0297	Mostra de Artes Cênicas vai encerrar	A Notícia	Cidade	06	21/12/1989
0298	Manhã Cultural encerra	A Notícia	Geral	08	21/12/1989
0299	Amostra de Arte encerra programação	A Crítica	Cidade	06	22/12/1989
0300	Espetáculos grátis para a população	A Notícia	Cidade	07	22/12/1989
0301	Penúltimo dia da Mostra Estudantil	A Crítica	Cidade	11	22/12/1989
0302	Penúltimo dia da mostra estudantil	A Notícia	Cultura Teatro	02	22/12/1989
0302	7ª Mostra Estudantil	Amazonas em Tempo	Cultura em dia 3º Caderno (George Cúrcio)	01	
0304	7ª Amostra de Artes no Teatro dos Artistas	A Crítica	Cidade	06	23/12/1989
0305	Mostra Estudantil chega ao final hoje com danças	Amazonas em Tempo	Cidade	02	23/12/1989
0306	Apagar das Luzes	Amazonas em Tempo	Cultura 3º Caderno	04	23/12/1989
0307	Encerrada a 7ª Mostra Estudantil de Artes Cênicas	A Notícia	Cultura	02	27/12/1989

1990

ID	CONTEÚDO OU TÍTULO	JORNAL	EDITORIA	PÁGINA	DATA
0308	A arte de Jofre Santos	A Crítica	Variedade	07	07/01/1990
0309	Bailarino (Stagium) ensina a dançar	A Crítica	Cidade	06	07/01/1990
0310	Curso de dança no TAE	A Crítica	Cidade	05	08/01/1990
0311	Seduc faz inscrição no Feriarte	A Crítica	Cidade	05	24/01/1990
0312	Sensibilização em dança na Feriarte	A Crítica	Cidade	06	26/01/1990

0313	Ópera de Carlos Gomes na Reabertura do TA	A Crítica	Cidade	06	08/03/1990
0314	Curso de dança vai ao interior	A Crítica	Cidade	06	14/03/1990
0315	A Floresta Amazônica	A Crítica	Cidade	06	16/03/1990
0316	Doe um livro e assista A Floresta Amazônica	A Crítica	Cidade	05	22/03/1990
0317	Caravana cultural via amanhã à Vila da Prata	A Crítica	Cidade	05	23/03/1990
0318	Oficinas de abril começam com teatro, canto e dança	A Crítica	Cidade	06	19/04/1990
0319	Oficinas de abril com com teatro, canto e dança	A Crítica	Cidade	06	21/04/1990
0320	“Musicamazonas” no camuflagem	A Crítica	Cidade	05	21/04/1990
0321	“Dessana, Dessana” em sessão especial no Teatro Amazonas	A Crítica	Cidade	06	28/04/1990
0322	Simpósio universitário de cultura abre dia 9	A Crítica	Cidade	03	07/05/1990
0323	Curso de leitura de corpo abre inscrições	A Crítica	Cidade	05	22/05/1990
0324	Casa da luz faz oficinas para ensinar	A Crítica	Cidade	08	01/07/1990
0325	Bausch inspira grupo de dança “Renascença”	A Crítica	Cidade	06	01/07/1990
0326	Oficinas de julho abrem inscrições: Casa de Luz	A Crítica	Cidade	09	01/07/1990
0327	Raízes caboclas abrirá concerto	A Crítica	Cidade	03	02/07/1990
0328	Feriarte oferece curso de teatro	A Crítica	Cidade	03	04/07/1990
0329	“Tarde alegre” volta ao teatro	A Crítica	Cidade	05	07/07/1990
0330	Uakti, “Shows” de qualidade	A Crítica	Cidade	06	08/07/1990
0331	Renascença encenará Mulheres de Pequim	A Crítica	Cidade	03	09/07/1990
0332	Feriarte mobiliza juventude ao Teatro	A Crítica	Cidade	05	14/07/1990
0333	Grupo de dança: Mulheres de Pequim	A Crítica	Cidade	04	18/07/1990

0334	Grupo Renascença e as “Mulheres de Pequim”	A Crítica	Variedades	07	19/07/1990
0335	Nudac representa Brasil em Leticia	A Crítica	Cidade	05	20/07/1990
0336	Mulheres de Pequim pelo Renascença	A Crítica	Cidade	06	21/07/1990
0337	Uakti – grande espaço do artista amazonense	A Crítica	Cidade	06	22/07/1990
0338	Mulheres de Pequim no TA	A Crítica	Variedades	07	27/07/1990
0339	Sexta ecológica hoje na Assinpa	A Crítica	Variedades	07	27/07/1990
0340	Teatro Amazonas cria o seu Corpo de Baile	A Crítica	Cidade	06	29/07/1990
0341	Rock and Roll, dança e arte plástica no Uakti	A Crítica	Cidade	05	07/08/1990
0342	“Mulheres de Pequim” do Renascença no TAE	A Crítica	Cidade	06	08/08/1990
0343	As Mulheres no TAE	A Crítica	Variedades	07	09/08/1990
0344	Final do Karaokê no TAE	A Crítica	Cidade	06	11/08/1990
0345	Renascença mostra Mulheres de Pequim	A Crítica	Cidade	03	12/08/1990
0346	Meu Querido Mentiroso abre temporada no TAE	A Crítica	Cidade	05	14/08/1990
0347	Teatro faz teste com bailarinos	A Crítica	Variedades	07	20/08/1990
0348	Emancipação, festa vai começar no TAE	A Crítica	Cidade	05	22/08/1990
0349	Academia José Rezende comemora seus 15 anos	A Crítica	Cidade	05	24/09/1990
0350	Festival Universitário inicia hoje no Cecomiz	A Crítica	Cidade	05	16/10/1990
0351	Núcleo de Dança da UA dá um show no 3º FUC	A Crítica	Cidade	05	18/10/1990
0352	Coral e balé amanhã no Teatro Amazonas	A Crítica	Cidade	05	02/11/1990
0353	TA mostra “coisas” do Jazz Center de Peduto	A Crítica	Cidade	06	15/11/1990
0354	Mostra Estudantil de Artes Cênicas no TAE	A Crítica	Cidade	05	27/11/1990
0355	Curso de dança tem inscrições abertas	A Crítica	Cidade	06	27/11/1990

0356	Renascença faz 'show' para ajudar produção	A Crítica	Cidade	06	30/11/1990
0357	Amazonense é primeira bailarina do Municipal	A Crítica	Cidade	NI	06/12/1990
0358	A Cabanagem fica no TA até domingo	A Crítica	Cidade		07/12/1990
0359	8ª Mostra estudantil de teatro e dança	A Crítica	Últimas Notícias	10	16/12/1990
0360	Foto-legenda de Corpo e Alma	A Crítica	Cidade		17/12/1990
0361	"Corpo e Alma"	A Crítica	Cidade		17/12/1990
0362	Dança Contemporânea na Mostra de Artes	A Crítica	Cidade		21/12/1990
0363	Grupo de Dança Contemporânea do Teatro dos Artistas	A Crítica	Cidade		30/12/1990

1991

ID	CONTEÚDO OU TÍTULO	JORNAL	EDITORIA	PÁGINA	DATA
0364	Argentino dirigirá oficinas de dança	A Crítica	Cidade	06	09/03/1991
0365	Oficinas de dança	A Crítica	Colunismo Social	NI	10/03/1991
0366	O Teatro André Araújo	A Crítica	Colunismo Social	NI	10/03/1991
0367	Teatro André Araújo inicia seus espetáculos	A Crítica	Cidade	06	10/03/1991
0368	André Araújo, o mais novo teatro da cidade	A Crítica	Cidade	03	11/03/1991
0369	Rastros no teatro	A Crítica	Colunismo Social	NI	17/03/1991
0370	Ballet no teatro	A Crítica	Colunismo Social	NI	21/03/1991
0371	Corpo e Movimento no Studio de Artes	A Crítica	Cidade	06	27/03/1991
0372	Escola do SESC é mais um espaço de cultura	A Crítica	Cidade	06	10/04/1991
0373	Teatro & Cia	A Crítica	Variedades	07	19/04/1991
0374	Studio de Artes Corpo e Movimento	A Crítica	Variedades	07	05/05/1991
0375	Centro Nheengatu de Artes no Sesc	A Crítica	Cidade	06	14/05/1991
0376	Sesc abre inscrições para o Mundo Verde	A Crítica	Variedades	07	14/05/1991

0377	Inicia hoje semana de esporte em movimento	A Crítica	Esporte		20/05/1991
0378	Escola de Arte do Sesc promove curso de dança	A Crítica	Variedades	07	29/05/1991
0379	Expressão Cênica Amazônida vai acontecer no TA	A Crítica	NI	03	29/06/1991
0380	Teatro mostra prata da casa na Semana Cênica	A Crítica	Variedades	07	04/07/1991
0381	Ajuri cultural e Teatro	A Crítica	Variedades	07	05/07/1991
0382	“Revoada” marca presença hoje no Teatro Amazonas	A Crítica	Variedades	07	12/07/1991
0383	Gen Festa no Teatro Amazonas	A Crítica	Variedades	07	07/07/1991
0384	Stagium no Teatro Amazonas	A Crítica	Variedades	11	11/07/1991
0385	Bailarinos e atores	A Crítica	Variedades	07	19/07/1991
0386	“A Cabanagem” o palco do TA		Variedades	07	20/07/1991
0387	Ballet	A Crítica	Variedades	11	21/07/1991
0388	Gen Festa no Teatro Amazonas	A Crítica	Variedades	07	24/07/1991
0389	Marcelo Misailidis e Eliana Caminada	A Crítica	Variedades	NI	31/07/1991
0390	A Morte do Cisne no Teatro	A Crítica	Variedades	NI	12/08/1991
0391	Renascença	A Crítica	Variedades	07	16/08/1991
0392	No ritmo do mês de agosto bons espetáculos de dança	A Crítica	Variedades	11	18/08/1991
0393	Ballet Stagium apresenta no TA “A Floresta do Amazonas”	A Crítica	Variedades	07	20/08/1991
0394	Stagium reencontra Manaus	A Crítica	Colunismo Social	08	21/08/1991
0395	Renascença apresenta espetáculo no Teatro	A Crítica	Variedades	07	22/08/1991
0396	Dançando o Brasil (Stagium)	A Crítica	Variedades	07	23/08/1991
0397	Ballet Stagium	A Crítica	Variedades	07	23/08/1991
0398	“Renascença” exhibe um belo espetáculo no TA	A Crítica	Variedades	08	26/08/1991

0399	Ballet Stagium dança para valer no Teatro	A Crítica	Variedades	04	29/08/1991
0400	Stagium e a contemporaneidade eterna	A Crítica	Variedades	06	30/08/1991
0401	Ballet Stagium realiza espetáculo em Manaus	A Crítica	Cidade	03	01/09/1991
0402	Renascença apresenta “outras danzitas” no Teatro Amazonas	A Crítica	Variedades	11	22/09/1991
0403	Massa faz da vida uma arte	A Crítica	Variedades	06	11
0404	Gedan faz 20 anos antes no TA	A Crítica	Caderno Criação	04	13/10/1991
0405	Leve e solto Corpo dança em Manaus	A Crítica	A Crítica	04	15/10/1991
0406	Arte no Amazonas é catequese	A Crítica	Caderno Criação	01	16/10/1991
0407	Festival promete agitar público hoje, no Campus	A Crítica	Caderno Criação	04	17/10/1991
0408	Grupo Corpo	A Crítica	Caderno Criação	05	22/10/1991
0409	Evoluções do Corpo brilham em Manaus	A Crítica	Caderno Criação	01	25/10/1991
0410	Grupo Corpo	A Crítica	Caderno Criação	01	25/10/1991
0411	Grupo Corpo	A Crítica	Caderno Criação	05	26/10/1991
0412	Variações do Corpo no Teatro	A Crítica	Caderno Criação	05	27/10/1991
0413	Grupo Corpo	A Crítica	Caderno Criação	05	27/10/1991
0414	A Magia da China no TA	A Crítica	Caderno Criação	01	07/11/1991
0415	Sesc promove X Zonarte	A Crítica	Caderno Criação	02	10/11/1991
0416	Academia de Ballet encerra o ano com trecho de “Giselle”	A Crítica	Caderno Criação	04	20/11/1991
0417	Oficinas em Itacoatiara	A Crítica	Caderno Criação	05	03/12/1991
0418	Televisão inspira espetáculo de dança no Teatro	A Crítica	Caderno Criação	05	05/12/1991
0419	Alunos de dança do Sesc	A Crítica	Caderno Criação	06	10/12/1991
0420	Suíte traz Renascença de volta	A Crítica	Caderno Criação	01	27/12/1991
0421	Suíte Renascença hoje e amanhã no TA	A Crítica	Caderno Criação	05	28/12/1991

0422	Propaganda de Suíte Renascença	A Crítica	Caderno Criação	04	28/12/1991
0423	Dificuldades à parte, 1991 foi um ano bom	A Crítica	Caderno Criação	01	31/12/1991
0424	Bailarino norte-americano revê a dança afro no Brasil	Amazonas em Tempo	Cultura em Dia	NI	30/08/1991

1992

ID	CONTEÚDO OU TÍTULO	JORNAL	EDITORIA	PÁGINA	DATA
0425	Apenas boas intenções motivam balanço cultural	A Crítica	Caderno Criação	02	05/01/1992
0426	Nova lei implementa incentivos culturais	A Crítica	Caderno Criação	01	09/01/1992
0427	UA retoma Campus de Arte	A Crítica	Caderno Criação	D5	30/01/1992
0428					
0429	Fundação diz que não discrimina artistas	A Crítica	Caderno Criação	NI	Jan/1992
0430	A lei e a cultura	A Crítica	Caderno Criação	NI	Jan/1992
0431	Duas visões sobre a Amazônia	A Crítica	Caderno Criação	01	14/02/1992
0432	Ritual poético na Ponta Negra	A Crítica	Caderno Criação	04	19/02/1992
0433	Nika Uiiicana, da mesma casa, da mesma cara	A Crítica	Caderno Criação	01	22/02/1992
0434	O pé do Peduto	A Crítica	Caderno Criação	02	25/02/1992
0435	Cultura em revisão	A Crítica	Caderno Criação	01	09/04/1992
0436	Tudo pronto para a revisão cultural	A Crítica	Caderno Criação	01	11/04/1992
0437	Os passos de uma Paixão	Amazonas em Tempo	Domingo livre	NI	12/04/1992
0438	Plano de cultura entra em discussão	A Crítica	Caderno Criação	NI	14/04/1992
0439	Seminário define calendário prévio	A Crítica	Caderno Criação	NI	15/04/1992
0440	Nudac volta ao teatro com Jogo de Dados	Amazonas em Tempo	NI	04	24/04/1992
0441	Renascença dança no TA	A Crítica	Caderno Criação	03	25/04/1992

0442	Seminário de revisão da cultura começa amanhã	A Crítica	Caderno Criação	NI	26/04/1992
0443	Seminário encerra com reflexão	A Crítica	Caderno Criação	NI	06/05/1992
0444	Fórum vai discutir resistência cultural	A Crítica	Caderno Criação	NI	02/06/1992
0445	Nudac apresenta Misticismo da Floresta (Andréa Arruda)	Amazonas em Tempo	Cultura em Dia	05	12/06/1992
0446	Planeta Amazonas em festa com Nudas	A Crítica	Caderno Criação	04	13/06/1992
0447	Sangue novo não tira Conselho do lugar-comum	A Crítica	Caderno Criação	01	16/06/1992
0448	Os caminhos da arte em evento cultural	A Crítica	Caderno Criação	NI	24/06/1992
0449	Arte sem fronteiras	Amazonas em Tempo	Cultura em Dia	NI	28/07/1992
0450	Expressão Cênica em dois palcos	A Crítica	Caderno Criação	NI	16/08/1992
0451	Semana Cênica tem abertura a caráter	A Crítica	Caderno Criação	01	18/08/1992
0452	Artes Cênicas ainda pulsam e têm cura	A Crítica	Caderno Criação	01	19/08/1992
0453	Massa faz público cair na real	A Crítica	Caderno Criação	01	19/08/1992
0454	Gedan faz O Eterno Feminino no TA	A Crítica	Caderno Criação	01	21/08/1992
0455	Lei da Cultura sem previsão	A Crítica	Caderno Criação	01	21/08/1992
0456	Coligir em cartaz hoje no Américo Alvarez	A Crítica	Caderno Criação	02	22/08/1992
0457	Índios e estrelas no palco do TA	A Crítica	Caderno Criação	04	05/09/1992
0458	Renan traz novo alento para o Setor de Artes	A Crítica	Caderno Criação	01	15/09/1992
0459	Congresso terá abertura festiva para atrair professores	A Crítica	Caderno Criação	04	20/09/1992
0460	Lindoso assume Fórum de Cultura	A Crítica	Caderno Criação	01	23/09/1992
0461	A vibração da dança flamenca no palco do TA	A Crítica	Caderno Criação	04	11/10/1992
0462	Começa ensaio geral do 10º FUM	A Crítica	Caderno Criação	04	18/10/1992

0463	Olodum do massa vai abrir o 10 ^o FUM	A Crítica	Caderno Criação	03	20/10/1992
0464	Veia Cigana dá o tom ao flamenco	A Crítica	Caderno Criação	01	18/10/1992
0465	O feminino dançante no palco do TA	A Crítica	Caderno Criação	04	18/10/1992
0466	Sesc dá a largada para a XI Zonarte	A Crítica	Caderno Criação	01	12/11/1992
0467	TA: Como nos velhos tempos?	A Crítica	Caderno Criação	03	21/11/1992
0468	Mérito artístico para um homem de dança (Rezende)	A Crítica	Caderno Criação	01	25/11/1992
0469	Academia de Peduto faz espetáculo 2 em 1 no TA	A Crítica	Caderno Criação	04	05/12/1992
0470	Gedan encerra mostra de dança no Sesc	A Crítica	Caderno Criação	04	10/12/1992
0471	Sesc abre exposição hoje no shopping (Renascença)	A Crítica	Caderno Criação	04	13/12/1992
0472	Nudac dança a cultura negra	A Crítica	Caderno Criação	04	19/12/1992
0473	Incorporações do ritmo e da cultura negra	Amazonas em Tempo	Domingo livre	NI	20/12/1992
0474	Cultura dá sinais de ânimo em ano confuso	A Crítica	Caderno Criação	01	31/12/1992

1993

ID	CONTEÚDO OU TÍTULO	JORNAL	EDITORIA	PÁGINA	DATA
0475	Delegado assume a Cultura	A Crítica	Caderno Criação	01	07/01/1993
0476	Novos aprendizes de Ginger e Fred	A Crítica	Caderno Criação	01	16/01/1993
0477	Um berimbau no Mar Azul para os destaques de 92	A Crítica	Caderno Criação	01	21/01/1993
0478	Reforma do Teatro pode deixar inativo balé Bolshoi	A Crítica	Caderno Criação	02	06/02/1993

0479	Um ano sob o ritmo do Kalisso	A Crítica	Caderno Criação	01	06/02/1993
0480	A Guerra de Tróia para crianças	A Crítica	Caderno Criação	01	13/02/1993
0481	Conselho de Cultura faz homenagem ao Sesc	A Crítica	Caderno Criação	04	14/02/1993
0482	Houaiss passa por Manaus sem ver os artistas. Recado dos artistas para o ministro	A Crítica	Caderno Criação	01	06/03/1993
0483	Artistas fazem o Encontro	A Crítica	Caderno Criação	04	23/03/1993
0484	Dia do teatro é festejado com mostra fotográfica	A Crítica	Caderno Criação	01	27/03/1993
0485	Nudac une o erudito e o contemporâneo, revivendo a Paixão de Cristo	Amazonas em Tempo	Cultura em Dia	NI	08/04/1993
0486	Exposição dá ênfase à ineditismo	A Crítica	Caderno Criação	04	10/04/1993
0487	Artistas mostram obra em Universidade Texana	A Crítica	Caderno Criação	01	04/05/1993
0488	Ballet José Rezende	A Crítica	Caderno Criação	03	06/05/1993
0489	Academia de Ballet homenageia as mães	A Crítica	Caderno Criação	04	12/05/1993
0490	Viagem de Lagnsdorff em coreografia futurista	A Crítica	Caderno Criação	01	18/06/1993
0491	Coletâneas traz história dos 7 anos do Gedam	A Crítica	Caderno Criação	01	30/06/1993
0492	Stagium traz seus cristais em agosto	A Crítica	Caderno Criação	04	16/07/1993
0493	TAA inicia hoje oficina de dança	A Crítica	Caderno Criação	01	21/07/1993
0494	Semana Cênica abre inscrições	A Crítica	Caderno Criação	01	04/08/1993
0495	Arte sob o domínio do folclore	A Crítica	Caderno Criação	01	10/08/1993
0496	Noite cabocla apresenta encontro de arte no Sesc	A Crítica	Caderno Criação	04	25/08/1993
0497	Artistas definem hoje realização da Semana de Expressão Cênica	A Crítica	Caderno Criação	04	21/09/1993

0498	Lindoso é reeleito no Fórum de Cultura	A Crítica	Caderno Criação	01	25/09/1993
0499	Dois mestres em concerto (Jerusa e Rezende)	A Crítica	Caderno Criação	01	26/09/1993
0500	Sala tem espaço exclusivo para todas as danças	A Crítica	Caderno Criação	01	30/09/1993
0501	Espaço de dança inaugura cursos de especialização	A Crítica	Caderno Criação	04	10/10/1993
0502	Grupos de dança fazem reabertura da III Semana Cênica	A Crítica	Caderno Criação	04	20/10/1993
0503	O clássico do Rezende volta ao TA	A Crítica	Caderno Criação	01	19/11/1993
0504	Academia faz dança em fim de tarde hoje no TA	A Crítica	Caderno Criação	01	21/11/1993
0505	Festival do La Salle põe alunas na dança	A Crítica	Caderno Criação	04	22/11/1993
0506	Dança no natal reúne sete grupos	A Crítica	Caderno Criação	01	04/12/1993
0507	Diretor do TA nega desmandos, em carta	A Crítica	Caderno Criação	04	11/12/1993
0508	Artlivre exhibe hoje balé Quebra Nozes	A Crítica	Caderno Criação	04	11/12/1993
0509	Dança do Sesc faz dois espetáculos	A Crítica	Caderno Criação	04	17/12/1993
0510	UA não sabe o que quer do Nudac, diz Lia	A Crítica	Caderno Criação	01	18/12/1993
0511	Curso dá novo ânimo à dança na cidade	A Crítica	Caderno Criação	01	26/12/1993
0512	Grupos tentam mudar astral da dança	A Crítica	Caderno Criação	04	29/12/1993
0513	Feriarte abre inscrição no TAA	A Crítica	Caderno Criação	04	30/12/1993
0514	Teatro passa por poucas e boas	A Crítica	Caderno Criação	01	30/12/1993
0515	Cultura fecha o ano com saldo positivo, atesta Lindoso	A Crítica	Caderno Criação	01	30/12/1993

1994

ID	CONTEÚDO OU TÍTULO	JORNAL	EDITORIA	PÁGINA	DATA
0516	Reciclagem na dança conta com 3 cursos	A Crítica	Caderno Criação	01	09/01/1994
0517	UA realiza oficina de dança moderna	A Crítica	Caderno Criação	01	13/01/1994
0518	Cultura perde espaço no shopping	A Crítica	Caderno Criação	04	16/01/1994
0519	Bailarino dá curso de aprimoramento no TAA	A Crítica	Caderno Criação	01	25/01/1994
0520	Ministro dá apoio a novo centro cultural	A Crítica	Caderno Criação	04	25/01/1994
0521	TA abre portas com programa morno	A Crítica	Caderno Criação	D1	01/02/1994
0522	Autocrítica do Estado	A Crítica	Caderno Criação	D1	02/02/1994
0523	Bailarinos fazem recital com pequenos retalhos	A Crítica	Caderno Criação	D1	03/02/1994
0524	Ballet Yuba faz espetáculo no TA	A Crítica	Caderno Criação	D4	05/02/1994
0525	Ballet de Kiev traz solistas a Manaus	A Crítica	Caderno Criação	D4	05/02/1994
0526	Ballet de Kiev traz clássico ao TA	A Crítica	Caderno Criação	D1	06/02/1994
0527	Artes tem programa especial na ETFAM	A Crítica	Caderno Criação	D4	15/02/1994
0528	Sesc abre inscrições para oficina de artes	A Crítica	Caderno Criação	D4	17/02/1994
0529	Sesc mostra dança no bar do Chaminé	A Crítica	Caderno Criação	D1	03/03/1994
0530	Conselho de Cultura traz nova leva de notáveis	A Crítica	Caderno Criação	D1	03/03/1994
0531	TAA vive seus dias como auditório de luxo	A Crítica	Caderno Criação	D1	13/03/1994
0532	Sesc define programação até abril	A Crítica	Caderno Criação	D4	15/03/1994
0533	Secretário diz que lei cultural é draconiana	A Crítica	Caderno Criação	D1	16/03/1994

0534	Missa-corpo encerra curso de férias TAA	A Crítica	Caderno Criação	D4	17/03/1994
0535	A paixão de Cristo por Evangelista	A Crítica	Caderno Criação	D1	20/03/1994
0536	Passos da Paixão	Amazonas em Tempo	Arte Final	04	30/03/1994
0537	Gedam vai a Iranduba	A Crítica	Caderno Criação	D4	09/04/1994
0538	Gedam apresenta O Eterno Feminino, no Campus da UA	A Crítica	Caderno Criação	D4	12/04/1994
0539	Chaminé comemora dia do índio com dança e vídeo	A Crítica	Caderno Criação	D1	19/04/1994
0540	Projeto de Cultura é aberto à sociedade	A Crítica	Caderno Criação	D4	01/05/1994
0541	Dança entra em transe hoje no Sesc (Kennedy)	A Crítica	Caderno Criação	D4	07/05/1994
0542	Academia dedica balé às mães no TA	A Crítica	Caderno Criação	D4	08/05/1994
0543	Artistas mobilizam para plano cultural	A Crítica	Caderno Criação	D1	22/05/1994
0544	Sesc abre hoje festival de música na Ponta Negra	A Crítica	Caderno Criação	D4	26/05/1994
0545	Vivenciando a dança faz mistura de ritmos no TA	A Crítica	Caderno Criação	D1	02/06/1994
0546	Artistas de teatro se reúnem	A Crítica	Caderno Criação	D1	03/06/1994
0547	O trabalho de Leyla	A Crítica	Caderno Criação	D1	03/06/1994
0548	TA tem espetáculo com danças folclóricas russas	A Crítica	Caderno Criação	D4	05/06/1994
0549	Chaminé da Cultura	A Crítica	Caderno Criação	D4	05/06/1994
0550	Les ballet faz sua despedida hoje	A Crítica	Caderno Criação	D1	07/06/1994
0551	Projetos culturais ficam mais viáveis	A Crítica	Caderno Criação	D1	19/06/1994
0552	Tango e sapateado ganham curso de férias na Ifilt	A Crítica	Caderno Criação	D4	28/06/1994
0553	Eterno Feminino hoje no Chaminé	A Crítica	Caderno Criação	D4	29/06/1994
0554	Conselho revela o espírito da coisa	A Crítica	Caderno Criação	D1	02/07/1994

0555	Nudac dança em quermesse para custear viagem	A Crítica	Caderno Criação	D3	03/07/1994
0556	Nudac rompe o isolamento em exemplo de intercâmbio	A Crítica	Caderno Criação	D1	08/07/1994
0557	Artistas dão salto triplo sem proteção	A Crítica	Caderno Criação	D1	23/07/1994
0558	Cisne Negro vem a Manaus com futebol e videogame	A Crítica	Caderno Criação	D1	24/07/1994
0559	Peduto morre, aos 48, no Rio	A Crítica	Caderno Criação	D1	27/07/1994
0560	A cultura institucional mostra a cara em novo jornal	A Crítica	Caderno Criação	D1	04/08/1994
0561	Cisne Negro	A Crítica	Caderno Criação	D1	05/08/1994
0562	E a dança, como vai?	A Crítica	Caderno Criação	D2	07/08/1994
0563	O artista e seu duplo papel na vida	A Crítica	Caderno Criação	D1	07/08/1994
0564	Visita Cultura (bailarina Jânia Batista)	A Crítica	Caderno Criação	D1	17/08/1994
0565	O movimento teatral está fora de órbita	A Crítica	Caderno Criação	D1	17/08/1994
0567	Para Çai por aí traz teatro e dança de Belém	A Crítica	Caderno Criação	D1	26/08/1994
0568	18 anos da Academia de dança do prof. Rezende	A Crítica	Caderno Criação	D2	10/09/1994
0569	ICHL 10 anos Nudac	A Crítica	Caderno Criação	D3	22/09/1994
0570	Bailarina abre oficina no Chaminé	A Crítica	Caderno Criação	D1	27/09/1994
0571	Cisne Negro estréia Dom Quixote	A Crítica	Caderno Criação	D1	05/10/1994
0572	Cultura olha para o próprio umbigo	A Crítica	Caderno Criação	D1	06/10/1994
0573	Syntesis quer reunir talentos	A Crítica	Caderno Criação	D1	19/10/1994
0574	Centro de Artes abre duas oficinas	A Crítica	Caderno Criação	D1	23/10/1994
0575	Seminário tem próximo governo como meta	A Crítica	Caderno Criação	D1	25/10/1994

0576	Oficinas preenchem vazio	A Crítica	Caderno Criação	D1	03/11/1994
0577	Fuarte agita semana no ICHL	A Crítica	Caderno Criação	D4	06/11/1994
0578	Setor cultural ferve com a sucessão	A Crítica	Caderno Criação	D1	06/11/1994
0579	Workshop faz todo mundo dançar	A Crítica	Caderno Criação	D1	12/11/1994
0580	Carta de Manaus traz propostas	A Crítica	Caderno Criação	D1	13/11/1994
0581	Dança Festival	A Crítica	Caderno Criação	D4	16/11/1994
0582	I Festival Sesc de Dança	A Crítica	Caderno Criação	D2	17/11/1994
0583	Conselho de Cultura ganha novos membros	A Crítica	Caderno Criação	D4	18/11/1994
0584	Gedam encerra evento com Missa-Corpo	A Crítica	Caderno Criação	D4	19/11/1994
0585	Dança rompe com tradição cênica no Chaminé (Nudac)	A Crítica	Caderno Criação	D1	24/11/1994
0586	A dança no masculino sem preconceito	A Crítica	Caderno Criação	D1	26/11/1994
0587	Cultura Nacional vai se reunir	A Crítica	Caderno Criação	D4	02/12/1994
0588	Cagin faz mostra de dança no TA	A Crítica	Caderno Criação	D4	03/12/1994
0589	Porto de Lenha dá aula de história (Betsy Bell)	A Crítica	Caderno Criação	D4	04/12/1994
0590	Dança juventude faz Coletâneas	A Crítica	Caderno Criação	D4	18/12/1994
0591	Clássico e Moderno no palco	A Crítica	Caderno Criação	D4	21/12/1994
0592	Feirarte abre para oficinas de dança	A Crítica	Caderno Criação	D1	22/12/1994
0593	Ministro assina convênios	A Crítica	Caderno Criação	D4	28/12/1994
0594	Cultura gastou R\$ 10 milhões em 94	A Crítica	Caderno Criação	D1	30/12/1994
0595	Nudac – o ano de 94	A Crítica	Caderno Criação	D1	31/12/1994

1995

ID	CONTEÚDO OU TÍTULO	JORNAL	EDITORIA	PÁGINA	DATA
0596	Governo ainda não definiu destinos da área cultural	A Crítica	Caderno Criação	D1	01/01/1995
0597	Oficina de dança terão um toque cinematográfico	A Crítica	Caderno Criação	D4	05/01/1995
0598	Feriarte inscreve até dia 13 para oficina de dança (Joffre)	A Crítica	Caderno Criação	D4	10/01/1995
0599	Artistas puxam brasa	A Crítica	Caderno Criação	D1	15/01/1995
0600	Dança nas férias oferece mais vagas	A Crítica	Caderno Criação	D4	18/01/1995
0601	Sonhos reúne dança e canto lírico no TAA	A Crítica	Caderno Criação	D4	20/01/1995
0602	Governo destituiu Conselheiros de Cultura	A Crítica	Caderno Criação	D1	25/01/1995
0603	TA recebe com programação	A Crítica	Caderno Criação	D4	07/02/1995
0604	Bailarino faz oficina com técnica orgânica	A Crítica	Caderno Criação	D4	09/02/1995
0605	Balé Russo faz temporada de 3 dias no TA	A Crítica	Caderno Criação	D4	14/02/1995
0606	Cartaz Balé Stanislavsky	A Crítica	Geral	A2	17/02/1995
0607	Balé Russo	A Crítica	Caderno Criação	D1	17/02/1995
0608	Balé Russo inicia temporada casual no TA	A Crítica	Caderno Criação	D4	17/02/1995
0609	Nova política cultural se volta aos 70	A Crítica	Caderno Criação	D1	22/02/1995
0610	Brasil vira tema de Bienal de Dança	A Crítica	Caderno Criação	D1	23/02/1995
0611	Américo Alvarez abre vagas para cursos permanentes	A Crítica	Caderno Criação	D4	07/03/1994
0612	Academia abre vagas para tango, sapateado e rock	A Crítica	Caderno Criação	D4	08/03/1994

0613	Livro conta trajetória do Ballet Stagium	A Crítica	Caderno Criação	D1	12/03/1995
0614	Curso e encerramento da carreira (Roziman)	A Crítica	Caderno Criação	D4	14/03/1995
0615	Porto de Lenha retorna em cartaz no TAA (Leila Leong)	A Crítica	Caderno Criação	D1	16/03/1995
0616	Sampaio vive dilema entre deixar ou permanecer no Nudac	A Crítica	Caderno Criação	D1	22/03/1995
0617	Cursos do Sesc vão formar profissionais de dança	A Crítica	Caderno Criação	D1	23/03/1995
0618	Levante apresenta os ritmos vibrantes da dança flamenca	A Crítica	Caderno Criação	D1	01/04/1995
0619	Nudac faz versão moderna da Paixão	A Crítica	Caderno Criação	D4	15/04/1995
0620	Cultura local só se for a da banana	A Crítica	Caderno Criação	D2	20/04/1995
0621	Produção esbarra no descaso cultural	A Crítica	Caderno Criação	D1	07/05/1995
0622	Márcia Haydée se despede dos palcos	A Crítica	Caderno Criação	D1	10/05/1995
0623	Porto de Lenha volta ao palco do TA hoje e amanhã (Gedam)	A Crítica	Caderno Criação	D1	17/05/1995
0624	Cisne Negro renova elenco em nova temporada	A Crítica	Caderno Criação	D1	17/05/1995
0625	Cristina Hoyos dança no Brasil	A Crítica	Caderno Criação	D1	17/05/1995
0626	Reforma prevê novo quadro na área cultural	A Crítica	Caderno Criação	D1	24/05/1995
0627	Bailarina faz oficina sobre técnica de solo	A Crítica	Caderno Criação	D4	14/06/1995
0628	Marinho assume a Cultura do Estado	A Crítica	Caderno Criação	D1	27/06/1995
0629	Márcio garante parceria entre Funarte e Estado	A Crítica	Caderno Criação	D1	29/06/1995
0630	Bento em dança tem inscrições abertas	A Crítica	Caderno Criação	D4	02/07/1995
0631	Lia dança	A Crítica	Caderno Criação	D4	05/07/1995
0632	Inês assume TA disposta a mudar a imagem da Casa	A Crítica	Caderno Criação	D1	06/07/1995

0633	Lia Sampaio monta quermesse	A Crítica	Caderno Criação	D1	08/07/1995
0634	Conceição Souza deixa direção do TAA	A Crítica	Caderno Criação	D1	20/07/1995
0635	Dança encerra cursos de férias	A Crítica	Caderno Criação	D1	20/07/1995
0636	Governo cria grupo seletor de Conselheiros	A Crítica	Caderno Criação	D1	04/08/1995
0637	Jetons criam ciúmes no meio cultural	A Crítica	Caderno Criação	D1	20/08/1995
0638	Livro revela a dança que revela o Brasil	A Crítica	Caderno Criação	D1	24/08/1995
0639	Festival	A Crítica	Caderno Criação	D4	05/09/1995
0640	Fecani tem o Massa e primeira eliminatória	A Crítica	Caderno Criação	D4	06/09/1995
0641	Conselho quer deixar de ser ornamental	A Crítica	Caderno Criação	D1	10/09/1995
0642	Sesc Zonarte	A Crítica	Caderno Criação	D1	13/09/1995
0643	Sem patrocínio	A Crítica	Caderno Criação	D1	23/09/1995
0644	Dança do Sesc	A Crítica	Caderno Criação	D1	23/09/1995
0645	XII Zonarte	A Crítica	Caderno Criação	D1	24/09/1995
0646	Transe encerra	A Crítica	Caderno Criação	D1	01/10/1995
0647	Parcerias garantem projeto cultural	A Crítica	Caderno Criação	D1	05/10/1995
0648	Começa corrida para ver Carmem no TA	A Crítica	Caderno Criação	D1	08/10/1995
0649	Oficina parte do improviso	A Crítica	Caderno Criação	D4	17/10/1995
0650	Folia no Chaminé	A Crítica	Caderno Criação	D3	20/10/1995
0651	Falta projeto cultural para os palcos	A Crítica	Caderno Criação	D1	22/10/1995
0652	Lia Sampaio	A Crítica	Caderno Criação	D4	25/10/1995
0653	Brasil dança Brasil estréia na quinta	Amazonas em Tempo	Arte Final	05	25/10/1995
0654	Gedan é classificado	A Crítica	Caderno Criação	D1	02/11/1995
0655	O mundo do tambor	A Crítica	Caderno Criação	D1	12/11/1995
0656	Dança ao som dos tambores no TA	A Crítica	Caderno Criação	D4	16/11/1995
0657	Gedam – Noite cabocla agita Usina Cultural	A Crítica	Caderno Criação	D4	23/11/1995
0658	Dança: Transe	A Crítica	Caderno Criação	D4	24/11/1995
0659	Bailarino de Curitiba dividem palco do TA com alunas do Rezende	A Crítica	Caderno Criação	D1	25/11/1995

0660	Txequerawara	A Crítica	Caderno Criação	D4	30/11/1995
0661	Usina Cultural	A Crítica	Caderno Criação	D4	13/12/1995
0662	Mostra – Espetáculo vai do clássico ao jazz	A Crítica	Caderno Criação	D1	15/12/1995
0663	Dança em ritmo de despedida (Lia Sampaio)	A Crítica	Caderno Criação	D1	17/12/1995
0664	Espaço Versátil inicia cursos	A Crítica	Caderno Criação	D1	23/12/1995
0665	Artes Ceênicas/Oficinas	A Crítica	Caderno Criação	D4	27/12/1995
0666	Centenário do TA vai reunir estrelas	A Crítica	Caderno Criação	D1	29/12/1995
0667	Saldo Cultural é negativo	A Crítica	Caderno Criação	D1	31/12/1995

1996

ID	CONTEÚDO OU TÍTULO	JORNAL	EDITORIA	PÁGINA	DATA
0668	Janeiro é mês de cursos e oficinas	A Crítica	Caderno Criação	D4	02/01/1996
0669	Oficinas funcionam como tiros no escuro	A Crítica	Caderno Criação	D1	18/01/1996
0670	Oficina encerra atividades com Mostra no Chaminé	A Crítica	Caderno Criação	D4	19/01/1996
0671	Dançarinos ensinam	A Crítica	Caderno Criação	D4	05/02/1996
0672	O clássico de José Rezende	A Crítica	Caderno Criação	D1	11/02/1996
0673	Isa Kokay	A Crítica	Caderno Criação	D3	14/02/1996
0674	TA 100 anos	A Crítica	Caderno Criação	D3	27/02/1996
0675	Conselho sente descaso com a Cultura	A Crítica	Caderno Criação	D1	08/08/1996
0676	TAA ainda tem vagas	A Crítica	Caderno Criação	D4	19/08/1996
0677	Festival	A Crítica	Caderno Criação	D4	25/08/1996
0678	Stagium	A Crítica	Caderno Criação	D4	03/04/1996
0679	Stagium	A Crítica	Caderno Criação	D1	07/04/1996
0680	Stagium	A Crítica	Caderno Criação	D1	10/04/1996
0681	A maratona do Stagium em Manaus	A Crítica	Caderno Criação	D1	13/04/1996
0682	Stagium desafia	A Crítica	Caderno Criação	D1	15/04/1996

0683	Bailarino encerra curso no Chaminé	A Crítica	Caderno Criação	D4	19/04/1996
0684	Mostra de dança tem inscrições	A Crítica	Caderno Criação	D1	20/04/1996
0685	Dança/Manaus	A Crítica	Caderno Criação	D4	12/05/1996
0686	Allegria Cigana volta ao TA	A Crítica	Caderno Criação	D4	19/05/1996
0687	Cia. Lia Sampaio	A Crítica	Caderno Criação	D1	24/05/1996
0688	Semana vira vitrine das artes cênicas de Manaus	A Crítica	Caderno Criação	D1	25/05/1996
0689	Allegria Cigana em sessão única	NI	NI	NI	26/05/1996
0690	Allegria Cigana no Teatro Amazonas	Amazonas em Tempo	NI	D8	26/05/1996
0691	Na levada mágica dos rituais ciganos	Amazonas em Tempo	NI	E8	28/05/1996
0692	Artistas superam a vocação regional	A Crítica	Caderno Criação	D1	02/06/1996
0693	CEF chama para ver Fragmentos da Ópera hoje	A Crítica	Caderno Criação	D4	14/06/1996
0697	A cultura se enrique pelo confronto	A Crítica	Caderno Criação	D1	17/06/1996
0698	Lia realiza quermesse cultural	A Crítica	Caderno Criação	D4	19/06/1996
0699	Quermesse cigana no Chaminé	Amazonas em Tempo	Arte Final	D1	19/06/1996
0700	Linguagens da dança ganham mostra no TAA	A Crítica	Caderno Criação	D4	22/06/1996
0701	Stagium cria rede de referência para a dança	A Crítica	Caderno Criação	D1	25/06/1996
0702	Academia do Bosque tem férias com arte	A Crítica	Caderno Criação	D4	29/06/1996
0703	Movimento Hip Hop procura bambas de Street Dance	A Crítica	Caderno Criação	D1	05/07/1996
0704	Artistas discutem política cultural para o município	A Crítica	Caderno Criação	D1	11/07/1996
0705	Educação Artística discute artes cênicas em mesa retangular	A Crítica	Caderno Criação	D1	11/07/1996
0706	Centro de Artes vai discutir a volta do Projeto UARTE	A Crítica	Caderno Criação	D4	14/07/1996

0707	Artistas tem plano cultural	A Crítica	Caderno Criação	D4	14/07/1996
0708	Grupos brilham em Joinville	A Crítica	Caderno Criação	D1	16/07/1996
0709	Programação do centenário do TA sai no improviso	A Crítica	Caderno Criação	D1	30/07/1996
0710	Balé Clássico – Kirov dança	A Crítica	Caderno Criação	D1	05/08/1996
0711	Companhia mostra dança dos fabulosos ucranianos	A Crítica	Caderno Criação	D4	08/08/1996
0712	Artistas discutem política cultural	A Crítica	Caderno Criação	D1	28/08/1996
0713	Parque do Mindu abre para feira cultural do Sesi	A Crítica	Caderno Criação	D4	04/09/1996
0714	Índigenas lutam para manter sua cultura	A Crítica	Caderno Criação	D1	06/09/1996
0715	Allegria Cigana está de volta no TA (Nudac)	A Crítica	Caderno Criação	D4	08/09/1996
0716	Allegria Cigana	A Crítica	Caderno Criação	D2	10/09/1996
0717	Fotografia e Dança estão em projeto da UA	A Crítica	Caderno Criação	D4	26/09/1996
0718	Sesi reinaugura seu projeto cultural	A Crítica	Caderno Criação	D1	09/10/1996
0719	Dança Bento Gonçalves	A Crítica	Caderno Criação	D1	09/10/1996
0720	Suíte narra saga da humanidade	A Crítica	Caderno Criação	D4	19/10/1996
0721	Lei Cultural	A Crítica	Caderno Criação	D1	01/12/1996
0722	Encontro de estilos no palco do TA	A Crítica	Caderno Criação	D4	03/12/1996
0723	Conselho de Cultura perde o seu poder de ação	A Crítica	Caderno Criação	D1	07/12/1996
0724	Suíte Amazônica volta no TA	A Crítica	Caderno Criação	D4	08/12/1996
0725	Coisas do coração ao som do jazz no TA	A Crítica	Caderno Criação	D4	14/12/1996
0726	Quebra Nozes	A Crítica	Caderno Criação	D2	15/12/1996
0727	Chaminé oferece curso sobre pas de deux	A Crítica	Caderno Criação	D4	11/12/1996
0728	Espectáculo de dança reúne 100 no TA	A Crítica	Caderno Criação	D1	19/12/1996

1997

ID	CONTEÚDO OU TÍTULO	JORNAL	EDITORIA	PÁGINA	DATA
0729	Intensivos de clássico e moderno	A Crítica	Caderno Criação	D1	03/01/1997
0730	Espetáculo une clássico e moderno	A Crítica	Caderno Criação	D1	25/01/1997
0731	Robério faz esboço do seu plano cultural	A Crítica	Caderno Criação	D1	26/01/1997
0732	Oficinas: Cepaca desenvolve cursos permanentes	A Crítica	Caderno Criação	D1	01/02/1997
0733	O reinado dos técnicos na área cultural	A Crítica	Caderno Criação	D1	20/02/1997
0734	Chaminé vai ter dança o ano inteiro	A Crítica	Caderno Criação	D1	22/02/1997
0735	Rezende mantém curso	A Crítica	Caderno Criação	D1	22/02/1997
0736	Programação cultural sai do jejum a partir de março	A Crítica	Caderno Criação	D1	25/02/1997
0737	Conselho vai ter função redefinida	A Crítica	Caderno Criação	D1	08/03/1997
0738	Corpo de baile	A Crítica	Caderno Criação	D1	09/03/1997
0739	Américo Alvarez	A Crítica	Caderno Criação	D4	14/03/1997
0740	Renascença busca identidade pelos movimentos	A Crítica	Caderno Criação	D4	21/03/1997
0741	A Crítica	A Crítica	Caderno Criação	D4	23/03/1997
0742	Versátil de dança tem novas turmas	A Crítica	Caderno Criação	D2	30/03/1997
0743	Calendário dá transparência	A Crítica	Caderno Criação	D1	08/05/1997
0744	Segunda edição do Modama encerra hoje	A Crítica	Caderno Criação	D1	10/05/1997
0745	Corpo mostra Bach e 21	A Crítica	Caderno Criação	D1	11/05/1997
0746	Ritual Sateré abre programa de danças	A Crítica	Caderno Criação	D4	13/05/1997
0747	Modama põe 27 grupos na praça	A Crítica	Caderno Criação	D4	16/05/1997
0748	Grupo Corpo	A Crítica	Caderno Criação	D1	17/05/1997

0749	Dança étnica encerra Modama	A Crítica	Caderno Criação	D2	18/05/1997
0750	Série apresenta dança e teatro	A Crítica	Caderno Criação	D4	20/05/1997
0751	Grupo livre de dança encena expressões e folguedos	A Crítica	Caderno Criação	D4	23/05/1997
0752	Núcleo de Dança	A Crítica	Caderno Criação	D4	31/05/1997
0753	Professora Goiana dá aulas na UA	A Crítica	Caderno Criação	D4	03/06/1997
0754	Gedan volta com Passagem das Horas	A Crítica	Caderno Criação	D1	07/06/1997
0755	Oficina: Teatro-Físico é usado para sustentar a dança	A Crítica	Caderno Criação	D1	08/06/1997
0756	Dança	A Crítica	Caderno Criação	D1	14/06/1997
0757	TA prepara formação do Corpo de Baile	A Crítica	Caderno Criação	D1	26/06/1997
0758	Palácio	A Crítica	Caderno Criação	D1	29/06/1997
0759	Encontro aponta tendências do jornalismo	A Crítica	Caderno Criação	A5	08/07/1997
0760	Um mergulho nas raízes amazônicas Cia. de Dança Lia Sampaio	Amazonas em Tempo	Arte Final	D1	08/07/1997
0761	Performance artística no encontro da Mastercard	Jornal do Comércio	Sociedade	NI	09/07/1997
0762	Cia. Lia Sampaio	A Crítica	Caderno Criação	D4	11/06/1997
0763	Dança “Habeas Corpus”	A Crítica	Caderno Criação	D4	24/06/1997
0764	José Rezende faz despedida	A Crítica	Caderno Criação	D4	31/07/1997
0765	Secretaria lança calendário	A Crítica	Caderno Criação	D4	01/08/1997
0766	Rezende se despede	A Crítica	Caderno Criação	D1	09/08/1997
0767	Cia. Goiana mostra Versus no TA	A Crítica	Caderno Criação	D1	03/09/1997
0768	Comunicação e Arte	A Crítica	Caderno Criação	D1	04/09/1997
0769	Festival chega ao seu ponto alto	A Crítica	Caderno Criação	D1	06/09/1997
0770	Teatro Amazonas abre	A Crítica	Caderno Criação	D4	07/09/1997
0771	Bailarino dança o Bolero	A Crítica	Caderno Criação	D1	13/09/1997
0772	Balé da Barra Academia faz curso	A Crítica	Caderno Criação	D1	13/09/1997
		A Crítica	Caderno Criação	D2	28/09/1997

0773	Teatro e Dança	A Crítica	Caderno Criação	D4	03/10/1997
0774	Gedam volta com prêmios	A Crítica	Caderno Criação	D1	25/10/1997
0775	Escola de Artes abre cursos	A Crítica	Caderno Criação	D2	26/10/1997
0776	Aldeia inaugura com dança, teatro e música	A Crítica	Caderno Criação	D4	26/10/1997
0777	Balé (Marcelo Gomes)	A Crítica	Caderno Criação	D1	09/11/1997
0778	Secretaria muda administração	A Crítica	Caderno Criação	D1	19/11/1997
0779	Ingressos para ver Marcelo	A Crítica	Caderno Criação	D4	19/11/1997
0780	Marcelo Gomes	A Crítica	Caderno Criação	D1	20/11/1997
0781	Política cultural	A Crítica	Caderno Criação	D4	05/12/1997
0782	Política cultural	A Crítica	Caderno Criação	D1	07/12/1997
0783	Fuarte/97	A Crítica	Caderno Criação	D4	07/12/1997
0784	Semana de Arte Cênica	A Crítica	Caderno Criação	D1	14/12/1997
0785	Aldeia SOS tem curso de dança	A Crítica	Caderno Criação	D1	14/12/1997
0786	Meio cultural também viveu de promessas	A Crítica	Caderno Criação	D1	31/12/1997

1998

ID	CONTEÚDO OU TÍTULO	JORNAL	EDITORIA	PÁGINA	DATA
0787	Projetos	A Crítica	Caderno Criação	D1	02/01/1998
0788	Artistas fazem seus planos	A Crítica	Caderno Criação	D1	04/01/1998
0789	Dança - Workshops	A Crítica	Caderno Criação	D4	04/01/1998
0790	Cursos “alongamento e ponta clássica”	A Crítica	Caderno Criação	D4	23/01/1998
0791	Bailarino búlgaro dá aulas no Sesc	A Crítica	Caderno Criação	D4	28/01/1998
0792	Secretaria inicia fase de seleção	A Crítica	Caderno Criação	D4	04/02/1998
0793	Secretaria de Cultura	A Crítica	Caderno Criação	D1	06/02/1998
0794	Renascença	A Crítica	Caderno Criação	D1	08/02/1998
0795	Secretaria reforçará projetos locais	A Crítica	Caderno Criação	D1	13/02/1998

0796	Edital oficializa Corpo de Dança	A Crítica	Caderno Criação	D1	17/02/1998
0797	Quasar obtém reconhecimento	A Crítica	Caderno Criação	D1	19/02/1998
0798	O que certos cachês escondem	A Crítica	Caderno Criação	D1	20/02/1998
0799	CCPRN oferece 10 oficinas de arte	A Crítica	Caderno Criação	D4	26/02/1998
0780	Rezende inicia ano letivo	A Crítica	Caderno Criação	D2	01/03/1998
0781	Quasar é vencedor	A Crítica	Caderno Criação	D1	12/03/1998
0782	Dança/Bailarinos	A Crítica	Caderno Criação	D1	14/03/1998
0783	Festival de Óperas abre Programação Cultural do ano	A Crítica	Caderno Criação	D4	22/03/1998
0784	Diretora diz que edital é praxe nos grandes teatros	A Crítica	Caderno Criação	D4	26/03/1998
0785	Audição define elenco do Corpo de Dança do Amazonas	A Crítica	Caderno Criação	D1	28/03/1998
0786	Governo cria programa	A Crítica	Caderno Criação	D1	01/04/1998
0787	Balé de Maly	A Crítica	Caderno Criação	D1	11/04/1998
0788	Hoje a Viúva Alegre	A Crítica	Caderno Criação	D1	12/04/1998
0789	Feira Cultural	A Crítica	Caderno Criação	D1	16/04/1998
0790	Política Cultural	A Crítica	Caderno Criação	D1	30/04/1998
0791	Modama	A Crítica	Caderno Criação	D4	30/04/1998
0792	Renascença	A Crítica	Caderno Criação	D2	01/05/1998
0793	Renascença	A Crítica	Caderno Criação	D2	02/05/1998
0794	Modama reunirá grupos de dança	A Crítica	Caderno Criação	D2	03/05/1998
0795	Sagração da Primavera com Xamã	A Crítica	Caderno Criação	D1	25/06/1998
0796	Cursos de férias: dança	A Crítica	Caderno Criação	D4	02/07/1998
0797	Corpo de Dança recebe técnica americana	A Crítica	Caderno Criação	D1	08/07/1998
0798	Nova edição de seminário	A Crítica	Caderno Criação	D1	09/07/1998
0799	Seminário Unesco	A Crítica	Caderno Criação	D1	10/07/1998
0800	Festival	A Crítica	Caderno Criação	D1	15/07/1998
0801	Política Cultural	A Crítica	Caderno Criação	D1	02/08/1998
0802	Bento em Dança	A Crítica	Caderno Criação	D1	06/08/1998
0803	Grupo Uapés mostra o Dabacuri	A Crítica	Caderno Criação	D4	20/08/1998

0804	Gedam forma mão-de-obra para a dança	A Crítica	Caderno Criação	D1	30/08/1998
0805	Corpo de Dança mostra Sagração	A Crítica	Caderno Criação	D1	30/08/1998
0806	Fecani (Gedam)	A Crítica	Caderno Criação	D1	18/09/1998
0807	Cidade gaúcha abre inscrições para encontro	A Crítica	Caderno Criação	D4	07/10/1998
0808	Escola cria turmas em dança e ginástica	A Crítica	Caderno Criação	D4	15/10/1998
0809	Balé Habeas Corpus	A Crítica	Caderno Criação	D1	17/08/1998
0810	Em busca de parceiros culturais	A Crítica	Caderno Criação	D1	18/08/1998
0811	Dança - Curso	A Crítica	Caderno Criação	D4	28/08/1998
0812	A um passo da Sagração	A Crítica	Caderno Criação	D1	06/11/1998
0813	Corpo de Dança entra em cena	A Crítica	Caderno Criação	D1	15/11/1998
0814	Corpo de Dança volta hoje e amanhã ao TA	A Crítica	Caderno Criação	D1	21/11/1998
0815	Gedam	A Crítica	Caderno Criação	D1	22/11/1998
0816	Pane elétrica / TA suspende a programação	A Crítica	Caderno Criação	D1	02/12/1998
0817	Lia escreve música e movimento	A Crítica	Caderno Criação	D1	10/12/1998
0818	Ballet Bela Adormecida	A Crítica	Caderno Criação	D3	10/12/1998
0819	Dança - Curso	A Crítica	Caderno Criação	D4	10/12/1998
0820	Márika Gidáli	A Crítica	Caderno Criação	D4	12/12/1998
0821	Reminiscência tem nova data	A Crítica	Caderno Criação	D2	13/12/1998
0822	Reminiscências	A Crítica	Caderno Criação	D1	16/12/1998
0823	Verba Grupos de Teatro e Dança dividem R\$ 50 mil	A Crítica	Caderno Criação	D4	18/12/1998
0824	Grupo Allegro mostra Suíte dos Brinquedos	A Crítica	Caderno Criação	D4	19/12/1998
0825	Arte nas Férias	A Crítica	Caderno Criação	D1	27/12/1998
0826	98 deu salto positivo	A Crítica	Caderno Criação	D1	31/12/1998

1999

ID	CONTEÚDO OU TÍTULO	JORNAL	EDITORIA	PÁGINA	DATA
0827	Artistas apostam no crescimento	A Crítica	Caderno Criação	D1	02/01/1999
0828	Cultura e Turismo em crescimento	A Crítica	Caderno Criação	D1	03/01/1999
0829	Bailarino dá aula de clássico	A Crítica	Caderno Criação	D4	06/01/1999
0830	Organização vira lema das artes este ano	A Crítica	Caderno Criação	D1	13/01/1999
0831	Cultura exhibe Baryshnikov, uma vida na dança	A Crítica	Caderno Criação	D4	14/01/1999
0832	Educação Artística busca novas saídas	A Crítica	Caderno Criação	D1	03/02/1999
0833	Projeto	A Crítica	Caderno Criação	D4	07/02/1999
0834	Sesc/Balé Clássico	A Crítica	Caderno Criação	D4	09/02/1999
0835	Funarte	A Crítica	Caderno Criação	D1	09/02/1999
0836	Funarte/Polêmica	A Crítica	Caderno Criação	D1	18/02/1999
0837	Márcio conclui	A Crítica	Caderno Criação	D1	21/02/1999
0838	Mais espaço facilita vida do artista	A Crítica	Caderno Criação	D1	02/03/1999
0839	Academia Rezende oferece vários cursos de dança	A Crítica	Caderno Criação	D4	03/03/1999
0840	Clássicos (CDA na Ópera)	A Crítica	Caderno Criação	D3	21/03/1999
0841	Marcelo Gomes volta ao coração da Amazônia	A Crítica	Caderno Bem Viver	B5	28/03/1999
0842	Lei da cultura entra em discussão	A Crítica	Caderno Bem Viver	B7	01/04/1999
0843	Cursos no Sesc	A Crítica	Caderno Bem Viver	B3	08/04/1999
0844	Centro cultural oferece cursos gratuitos	A Crítica	Caderno Bem Viver	B7	08/04/1999
0845	Balé Clássico (Marcelo Gomes)	A Crítica	Caderno Bem Viver	B6	17/05/1999
0846	Modama	A Crítica	Caderno Bem Viver	B2	27/05/1999
0847	TA oferece programa cultural	A Crítica	Caderno Bem Viver	B4	01/06/1999
0848	Dança Clássica da Índia em Manaus	A Crítica	Caderno Bem Viver	B2	30/06/1999

0849	Dança Clássica Indiana é atração no teatro do Sesc	A Crítica	Caderno Bem Viver	B12	02/07/1999
0850	O filho pródigo retorna (Marcelo Mourão)	A Crítica	Caderno Bem Viver	B1	04/07/1999
0851	Dança no Palácio Rio Negro	A Crítica	Caderno Bem Viver	B2	18/07/1999
0852	Dança-espetáculo no CCPRN	A Crítica	Caderno Bem Viver	B4	25/07/1999
0853	CAUA discute caminhos das artes	A Crítica	Caderno Bem Viver	B4	27/07/1999
0854	Festival para ballet e folclore	A Crítica	Caderno Bem Viver	B4	28/07/1999
0855	Solo comove platéia	A Crítica	Caderno Bem Viver	B2	03/08/1999
0856	A necessidade da dança	A Crítica	Caderno Bem Viver	B8	20/08/1999
0857	Puracy é exaltação da dança	A Crítica	Caderno Bem Viver	B7	27/08/1999
0858	Sesc alarga o corredor	A Crítica	Caderno Bem Viver	B1	31/08/1999
0859	As artes de um povo chamado Brasil	A Crítica	Caderno Bem Viver	B1	12/09/1999
0860	Botafogo vai viver Cacilda Becker no Balé	A Crítica	Caderno Bem Viver	B3	19/09/1999
0861	Ballet Stagium	A Crítica	Caderno Bem Viver	B1	02/10/1999
0862	Funarte na Cidade	A Crítica	Caderno Bem Viver	B3	16/10/1999
0863	Cultura pode ganhar mais apoio	A Crítica	Caderno Bem Viver	B3	06/11/1999
0864	O contemporâneo Puracy	A Crítica	Caderno Bem Viver	B5	11/11/1999
0865	Crítica - Harmonia da plástica e da coreografia	A Crítica	Caderno Bem Viver	B1	16/11/1999
0866	Nosso dançante	A Crítica	Caderno Bem Viver	B14	26/11/1999
0867	Biodança por Lia Sampaio	A Crítica	Caderno Bem Viver	B4	01/12/1999
0868	Sons e danças da Amazônia (CDA)	A Crítica	Caderno Bem Viver	B5	01/12/1999
0869	Um balé além do verde (Rezende)	A Crítica	Caderno Bem Viver	B1	02/12/1999
0870	Dança faz sua estréia no CCPRN	A Crítica	Caderno Bem Viver	B1	05/12/1999
0871	Secretários clamam por nova cultura	A Crítica	Caderno Bem Viver	B3	19/12/1999
0872	CAUA abre inscrições	A Crítica	Caderno Bem Viver	B2	19/12/1999
0873	Secretaria faz planos para 2000	A Crítica	Caderno Bem Viver	B3	26/12/1999

2000

ID	CONTEÚDO OU TÍTULO	JORNAL	EDITORIA	PÁGINA	DATA
0874	Política Cultural 2000	A Crítica	Caderno Bem Viver	B1	02/01/2000
0875	Cursos de dança em janeiro	A Crítica	Caderno Bem Viver	B5	04/01/2000
0876	Sesi oferece oficinas	A Crítica	Caderno Bem Viver	B4	09/01/2000
0877	Solte o corpo nestas férias	A Crítica	Caderno Bem Viver	B4	19/01/2000
0878	Aberta a temporada cultural	A Crítica	Caderno Bem Viver	B1	08/02/2000
0879	Programação cultural 2000	A Crítica	Caderno Bem Viver	B1	22/02/2000
0880	Cursos Cláudio Santoro	A Crítica	Caderno Bem Viver	B5	29/02/2000
0881	Ballet Bolshoi	A Crítica	Caderno Bem Viver	B4	16/03/2000
0882	Cursos do CAUA	A Crítica	Caderno Bem Viver	B5	19/03/2000
0883	A língua e a dança	A Crítica	Caderno Bem Viver	B4	24/03/2000
0884	Ritmos de dança / dança livre	A Crítica	Caderno Bem Viver	B5	30/03/2000
0885	Dançando no Mindu	A Crítica	Caderno Bem Viver	B4	16/04/2000
0886	A dança dos véus	A Crítica	Caderno Bem Viver	B7	21/04/2000
0887	Festival de Ópera	A Crítica	Caderno Bem Viver	B1	23/04/2000
0888	Detalhes de uma grande arte	A Crítica	Caderno Bem Viver	B1	03/05/2000
0889	Ballet da Dinamarca	A Crítica	Caderno Bem Viver	B1	13/05/2000
0890	Cia 1º Ato	A Crítica	Caderno Bem Viver	B1	03/06/2000
0891	CDA	A Crítica	Caderno Bem Viver	B4	04/06/2000
0892	Corpo de Dança do Amazonas, a força do corpo em movimento	A Crítica	Caderno Bem Viver	B1	08/06/2000
0893	Marcelo Mourão	A Crítica	Caderno Bem Viver	B1	27/06/2000
0894	Cursos do CAUA	A Crítica	Caderno Bem Viver	B3	28/06/2000
0895	Balé da Dinamarca	A Crítica	Caderno Bem Viver	B1	11/07/2000
0896	Dança egípcia e árabe	A Crítica	Caderno Bem Viver	B7	21/07/2000
0897	Solos, duos e trios do Gedam	A Crítica	Caderno Bem Viver	B2	22/07/2000
0898	Cursos Cláudio Santoro	A Crítica	Caderno Bem Viver	B4	23/07/2000
0899	CAUA convida para dançar	A Crítica	Caderno Bem Viver	B4	05/08/2000

0890	Produção e marketing cultural no CAUA	A Crítica	Caderno Bem Viver	B4	16/08/2000
0891	Cenacidade CDA	A Crítica	Caderno Bem Viver	B3	03/09/2000
0892	Fecani	A Crítica	Caderno Bem Viver	B1	07/09/2000
0893	Espaço para novos bailarinos	A Crítica	Caderno Bem Viver	B5	14/09/2000
0894	Projeto Cenacidade	A Crítica	Caderno Bem Viver	B11	20/10/2000
0895	Festival Folclórico	A Crítica	Caderno Bem Viver	B12	20/10/2000
0896	Ballet da Barra	A Crítica	Caderno Bem Viver	B7	27/10/2000
0897	Para Cultura e Turismo	A Crítica	Caderno Bem Viver	B1	07/11/2000
0898	O embalo de um amor (folclore)	A Crítica	Caderno Bem Viver	B2	14/11/2000
0899	Mostra Nilton Lins	A Crítica	Caderno Bem Viver	B2	12/11/2000
0900	Cenacidade	A Crítica	Caderno Bem Viver		
0901	Prefeito quer a cultura popular	A Crítica	Caderno Bem Viver	B3	26/11/2000
0902	O Secretário antenado	A Crítica	Caderno Bem Viver	B1	03/12/2000
0903	Viva Chiquinha! (Rezende)	A Crítica	Caderno Bem Viver	B3	03/12/2000
0904	Raça: o fruto do trabalho de Arnaldo Peduto	A Crítica	Caderno Bem Viver	B2	09/12/2000
0905	Projetos Culturais	A Crítica	Caderno Bem Viver	B3	10/12/2000
0906	Mistura de artes no CAUA	A Crítica	Caderno Bem Viver	B2	14/12/2000
0907	V Festival Amazonas de Ópera	A Crítica	Caderno Bem Viver	B2	19/12/2000

ANEXO C – CD/Hemeroteca digital

1980

Veículo: Jornal "A Crítica"

Data: 18/03/1980

Página: 10

Caderno/Seção: Colunismo Social: Eles e Elas (Marina Nunes)

★ No templo de São Sebastião aconteceu o sim nupcial de Carlos Mauricio de Miranda Correa x Siomara Maia. Foi o acontecimento elegante das primeiras horas da noite de sexta-feira. Ela, noivinha mignão, envolvia robe nupcial com detalhes de nervurinhas que caía bem na sua simplicidade. Ele super boa pinta usou terno cinza e fora escollado até ao altar pela elegante mãe Ruth Conduru Correa, que optou por um bege com bordados em alto relevo à altura do busto. Após as bênçãos nupciais o novo casal recebeu cumprimentos de seus convivas, onde se via os anfitriões Hélcio Maia e sra., e Ruth Conduru Correa, pais dos noivos. Por lá presenças que já se tornaram cativas nos encontros "in" de Manaus. Vimos: Roberto Caminha e sra., (fizeram parte da galeria de padrinhos), João Batista de Noronha e sua Ana Lúcia, (casal que se destaca sempre pela dose enorme de carinho e simpatia), Kim Marinho e sra. (ele em força total para reabrir seu cinema nos primeiros dias de abril, já confirmada a presença artística de Fábio Jr.), Carlinhos Monteiro e sra., a elegante e bonita Celeste Souza Lima, usava brilhantes que ofuscavam longe, com ela a filha bonita Dayse num elegante vestido em musseline lilás que sobressaía mais com a beleza de seus olhos), Verinha Miranda Correia e os cabelos esvoaçando, Higino Silva com sua elegante Marlene e o filho Marcelo que já está de volta depois da temporada no país de Tio Sam, Daniel Feder, Amaury Velga, Otávio Augusto Miranda Correia e sra., Nelson Duque e sua Judyth, Zely Alves Bezerra, Paulo Miranda Correia, Fernando Jacaúna, Gilberto Barbosa, Gandur Dacacche, Arlindo Frota e sra., Lindolfo Nogueira, Roger Abraham, Lauro Miranda Correia Paulo Monteiro e sra. Os novos casados seguiram para Santarém em viagem de lua-de-mel.

★ Um jantar categórico marcou na quinta-feira a data nova do amigão Zeca Nascimento Filho (lê-se ATA), que recebeu inúmeros abraços desde as primeiras horas do dia. Assessorado pelos pais Lacy e José, o homenageado funcionou como anfitrião perfeito e recebia Mário Guerreiro e sra., Amim Said e sra., Gilberto Juca e sra., Deoclécio Correia e sra., Maria Tereza e Sebastião Guerreiro, Cristina Campos, Dora Carvalho.

★ O bailarino José Resende também reuniu suas amizades e alunas para os drinks que marcou mais uma soma de idade. O acontecimento foi no sábado que passou quando este dinâmico professor fora homenageado pelos amigos que já conquistou nessa Manaus. Quando falo de José Resende lembro o humanismo deste bailarino que no dia 21 e 22 de abril fará no Teatro Amazonas um espetáculo de ballet clássico, cuja renda, será revertida

para a compra de um plano para Jerusa Mustafa. Rezendetrará bailarinos do Rio de Janeiro para este grande espetáculo.

★ STARSHIP viveu mais uma vez sua noite de grande badalação. Foi na sexta-feira quando esta discoteque comemorou seu primeiro aniversário. Amaldo Alves e toda sua simpatia se destacou como grande anfitrião, sorria demais em ver sua casa lotadíssima de amigos que permaneceram nas promoções de Starship durante os 365 dias. Músicas bem escolhidas pelo Áttila Rayol deram o maior brilho. Todos se agitavam, davam seus REALCES de acordo com o figurino. Não houve nenhuma anormalidade, só deu alegria, os convidados permaneceram por lá até quase o amanhecer. Conseguimos ver Antonio Gavinho e sra., Benedito Lira e sra., Amim Said e sra. (casal que sempre prestigiou as realizações com aquela dose de carinho), João Batista Noronha e sra., Sílvia Holleben, Taner Verçosa e a noivinha Vitoria Dantas da Silva (hoje, ela botou o pé no jato, vai para o RJ onde cursa a Faculdade Gama Filho), Toninho Potyguara Meilo, Socorro Leite, Lúcia e Mônica Medina, Nicinha Xavier (cotadíssima para o "Miss Amazonas 80 e, observada por um certo bachelor de uma multinacional, estava ofuscando toda em pretinho), Célia Gomes em papos com Lindolfo Nogueira, Antonio Carlos Glola, Ismael e Mansour Bichara, Rômulo Mene com a namorada Dayse Souza Lima (ontem ela decolou para a Cidade Maravilhosa, onde cursa arquitetura na Santa Ursula, agora só as saudades dos amigos), Lourdinha Archer Pinto, Vitor de Angelis (já merecendo festival de despedidas, vai ser homenageada semana próxima pelo Frank Abraham Lima), Siomara e Selene Lins (dupla simpatiosíssima), Rose Farias, Willard Vieira (agora dedicado a sua loja de esporte no Cidade de Manaus), Silvinha Brasil.

E ainda mais: Kim Marinho e sra., Carla Rafael (charmosa demais usava vestido nas cores da bolte), Verinha Miranda Correia, Paulo Tadros, Andreia Teixeira, Glauria Said com o noivo Maury Guerreiro, João Braga Neto com sua amizade Zélia Dantas, Renatinho Simões (bem comportado), Ricardo Pio de Souza, Kardec Abraham, Antonio José Areosa (o mais elegante da noite, lançou a moda Cowboy), Cláudio Batista (será o aniversariante da próxima sexta-feira), Sérgio Bregna, Marcos Lacerda, Zely Alves, Tony Pi, Circe-José Carlos Batista, Mônica Cruz e Silva, Ana Maria Silva, Valério Neto e muita gente mais que fugiu da nossa observação. Foi realmente uma noite inesquecível. Bola branca par: Amaldinho.

Veículo: Jornal "A Crítica"

Data: 07/04/1980

Página: 07

Caderno/Seção: Colunismo: Baby

★ Arnaldo Pedutto e sua patner preferida, a Elane, são agora os arrendatarios da Academia de Estética da Ocirema Fonsêca. Gazela de quem falo, queria parar um pouco mas não achava justo interromper um trabalho de muito tempo, já identificado com a nata deste torrão. Arnaldo e Elane então, tocarão o barco em frente e a partir de hoje, saunas, massagens, ginásticas e aulas de dança, já estarão correndo por conta dos dois bailarinos, que prometem patrocinar cocktail para apresentação oficial do troca-troca.

Veículo: Jornal "A Crítica"

Data: 18/04/1980

Página: 01

Caderno/Seção: Caderno II

Bailarinos do Municipal no T.A.

o O ministro do Supremo Tribunal, Francisco Manoel Xavier de Albuquerque, marca estada a partir de hoje entre nós. Vem para assistir, amanhã, o **marriage** de sua sobrinha Carlota Regina, filha do casal Enéas-Valderez Cabral. Que irá ao altar amanhã da Igreja N.S. de Nazaré para o sim a Jorge Luiz, filho de Euclides-Maria Sanches de Lima. Cerimônia marcada para às 18 horas.

o Alice Colino e Paulo Arguello, bailarinos do Teatro Municipal-Rio, apresentam-se em Manaus durante dois dias, 25 e 26 da semana que vem, no Teatro Amazonas, numa promoção do Governo do Estado, Varig, Emamtur e Novotel.

— A presença destes bailarinos clássicos tem como finalidade maior, reverter a renda obtida na aquisição de **um plano para Jerusa**. Tem o apoio, também da Academia de Danças do prof. José Resende.

o Marieta Coutinho decolou ontem até o Rio. Foi participar da eleição nacional para a escolha da nova presidência da Sociedade Eunice Weaver.

o Amanhã o Acapulco Clube festeja devidamente com um cocktail mais um ano de atividades. Estará de **host** o sempre atencioso Mário Oliveira. Os cumprimentos antecipados da coluna.

Veículo: Jornal "A Crítica"

Data: 27/04/1980

Página: 07

Caderno/Seção: Colunismo: Gente (Gil)

o Arnaldo Peduto, um coreógrafo da pesada atuando agora em sua nova academia. Arnaldo além de estar ministrando a parte de Dance Jazz, toma conta da parte completa de estética assessorado por Alane Braga.

Veículo: Jornal "A Crítica"

Data: 04/05/1980

Página: 11

Caderno/Seção: Colunismo: Gente (Gil)

★ Arnaldo Peduto inaugurou sua nova academia lá no Joaquim Nabuco. Ele além de aulas de ginástica, ministra curso de jazz dos mais incríveis. Alane Braga fica com a parte estética. E ainda na academia, nossas colunáveis encontram aparelhos completos para colocar a beaté em dias.

Veículo: Jornal "A Crítica"

Data: 13/05/1980

Página: 01

Caderno/Seção: Caderno II: Gente (Gil)

Ballet Nacional do Senegal

Tem apresentação única dia 15 desta semana no Teatro Amazonas o Ballet Nacional do Senegal. Chega até nós com as benesses da Prefeitura Municipal e da Secretaria da Educação e Cultura.

• Considerado dos mais famosos conjuntos coreográficos do mundo, vem o Ballet do Senegal de uma toumêe pelos brasis. Composto aproximadamente de 80 figurantes, em sua noite única na Verdecap o citado

corpo de baile folclórico africano fará dois espetáculos às 20:30 e 22 horas. O programa se dividindo em duas partes apresentando "A volta do filho pródigo" e "A gazela negra".

— Histórias de amor, contadas através de mimica e dança, os bailarinos africanos desenvolvem os temas com performances e têm arrebatado as platéias da aldeia global. Coreografia rica de expressões são tidos esses bailarinos senegaleses como os melhores do continente negro.

Veículo: Jornal "A Crítica"

Data: 14/05/1980

Página: 03

Caderno/Seção: Cidade

BALLET DO SENEGAL VAI ESTREAR AMANHÃ NO TA

Um dos mais famosos espetáculos coreográficos do mundo, o Ballet Nacional do Senegal, estará se apresentando no Teatro Amazonas amanhã quinta-feira, segundo confirmou ontem o diretor daquela casa de espetáculos, Josetito Lindoso. O corpo de balé senegalês fará duas apresentações, uma 20.30 horas e às 22 horas, numa promoção do Governo do Estado, através da Secretaria de Educação e Cultura e Prefeitura Municipal de Manaus.

O Ballet Nacional do Senegal está realizando uma tournée pelo Brasil e desta vez, tem apresentação prevista para Manaus, onde se espera que o espetáculo seja assistido por considerável platéia. O programa se divide em duas partes, apresentado na primeira "A volta do filho Pródigo" e posteriormente, "A gazela Negra" uma lenda africana.

HISTÓRIA COREOGRÁFICA

"A volta do Filho Pródigo" conta a história do jovem Keba que deixou seu vilarejo natal, atraído pela cidade grande. Passado alguns anos, Keba sentiu saudades e retornou, após receber a notícia da morte de um parente próximo. Terminada a cerimônia fúnebre, Keba decide se reintegrar na comunidade, mas, antes deve se submeter ao ritual que vai purificá-lo da contaminação que contraiu na cidade grande.

A vila se prepara para receber a volta do filho pródigo, reunindo num baile jovens moços e moças e nas danças, Keba se apaixona por uma moça formosa e a pede em casamento, mas, em primeiro lugar tem que se conformar com a remessa do dote aos pais da noiva. Semanas depois o casamento é celebrado com grande pompa, danças tradicionais ao som de tam-tams.

SEGUNDA PARTE

A segunda parte do espetáculo mostra outra lenda africana, "A Gazela Negra", contando a história de um rei que tivera duas esposas e uma filha com cada uma. Da primeira mulher, a moça era de uma beleza rara e se chamava Gbessa. Da segunda mulher nasceu uma moça sem graça nem beleza, cujo nome era Kedju.



Uma das bailarinas senegalesas que tomam parte no espetáculo

Esta, invejando a irmã, induziu o pai a odiar Gbessa ao ponto dele consentir numa tentativa de assassinato contra a filha bonita. Mas Gbessa não morreu, se transformando numa árvore, que depois foi queimada, e as cinzas levadas pelo vento se transformaram num rebanho de inúmeras gazelas, uma das quais era negra como uma estrela branca e na cabeça. Era a mais bonita.

O rebanho era tão grande que em pouco tempo as gazelas saquearam as plantações do rei. Os habitantes apavorados não quiseram persegui-las e se acostumaram com a presença dos animais. O noivo de Gbessa

ficou apaixonado pela linda gazela negra e o amor venceu o feitiço. A gazela voltou a ser a formosa moça e os dois se casaram.

LENDAS NEGRAS

O espetáculo reúne os maiores bailarinos senegaleses e a coreografia tem sido admirada e aplaudida em todos os lugares onde o grupo se apresenta. As histórias contadas são de mais pura simplicidade, baseadas em lendas negras dos povos negros da África e o espetáculo pode ser recomendado a todos os que gostam do balé coreográfico.

Veículo: Jornal "A Crítica"

Data: 15/05/1980

Página: 01

Caderno/Seção: Caderno II: Gente (Gil)

o Minha amizade Francisco Rodrigues Filho, contando-me que o grupo empresarial ao qual pertence (hoteleiro, com o "Aquarius" e o "Regente") está interessado na compra de terreno à Eduardo Ribeiro, onde fará erguer, em edifício próprio hotel propriamente dito ou um apart-hotel.

— O projeto está em elaboração, estando a transa para a aquisição da esquina valorizadíssima, na principal artéria da city, quase completada. Enquanto isso, surgirá na cobertura do "Aquarius" não somente um restaurante alinhadíssimo, mas um piano-bar anexo. Tudo obedecendo um decor tropical e de muito bom gosto.

o Apresenta-se hoje no Teatro Amazonas, sua **open night**, um dos mais famosos conjuntos folclóricos ocidentais, o Ballet Nacional do Senegal.

— Vindo de uma **tournee** pelas principais capitais brasileiras com um sucesso marcante, aqui completa o

giro fazendo **se mostrâncias** com três récitas (duas hoje e uma amanhã). Composto de 43 figurantes, o corpo de baile africano despertará entre nós não somente o interesse, mas repetirá o sucesso a que já se habituou em suas andanças mundo afora.

o Hoje na capital paraense, a Coca-Cola estará inaugurando vários melhoramentos em sua fábrica de Belém.

— O empresário Antonio Simões (recebeu concessão para fabricar tantos em Manaus quanto em Belém a linha de refrigerantes da mundialmente famosa multinacional norte-americana) irá prestar homenagem a personalidades notoriamente importantes das duas cidades nortistas brasileiras. Entre elas estão incluídas o ex-presidente do BASA, Francisco de Jesus Penha e o ex-diretor deste banco de desenvolvimento na região amazônica e atualmente da indústria joalheira na Free Zone, a Beta, Yomar Desterro e Silva.

Veículo: Jornal "A Crítica"

Data: 15/05/1980

Página: 03

Caderno/Seção: Cidade

BALÉ SENEGALÊS ESTRÉIA COM ÓTIMOS ESPETÁCULOS



Ontem, o Ballet do Senegal treinou no Teatro Amazonas.

Nesta quinta-feira, o Ballet Nacional do Senegal estará fazendo a sua estréia no Teatro Amazonas, com "Féerie Africaine", espetáculo em duas partes. A Volta do Filho Pródigo — primeira parte, e A Gazela Negra, após o intervalo de 15 minutos.

Hoje haverá duas apresentações do ballet, iniciando a primeira às 20h30min e a segunda às 22 horas. Amanhã haverá apresentação única às 21 horas, quando o público terá oportunidade de assistir ao espetáculo integrado por 43 pessoas, entre as quais 11 mulheres.

A direção geral é de Maurice Sonar, que

também participa do espetáculo, cuja realização conta com a colaboração de Mamadou M'Baye e Abdu Diouf. Os figurinos são de Line Câmara.

A promoção do espetáculo em Manaus é da Secretaria da Educação e Cultura, Teatro Amazonas e Prefeitura Municipal de Manaus. De nossa capital o Ballet Nacional do Senegal segue para Belém, depois para Fortaleza, Recife, Bahia, Brasília e Vitória, roteiro este que será cumprido no período de 25 dias. Os ingressos podem ser adquiridos na bilheteria do teatro, no preço único de 400 cruzeiros.

Veículo: Jornal "A Crítica"

Data: 15/05/1980

Página: 01

Caderno/Seção: Caderno II: Gente (Gil)



*** Nesta noite no Teatro Amazonas um dos melhores e mais famosos conjuntos folclóricos africanos, o Ballet Nacional do Senegal.**

Anexo A – ID 0011

Veículo: Jornal "A Crítica"

Data: 16/05/1980

Página: 01

Caderno/Seção: Caderno II – Críticas na A Crítica (Eça de Assis)

Arte negra



Uma das t allarinas

Estrelou, ontem à noite, no Teatrc Amazonas, o Ballet Nacional do Senegal, com " "Frerie Africane". O espetáculo foi dividido em duas partes: a volta do filho pródigo e a gazela negra. O balé é uma das maiores expressões da cultura senegalesca, com renome internacional, pois tem se exibido no mundo inteiro. Quem foi a estrela gostou. Até que enfim viu-se um bom espetáculo no Teatro Amazonas.

Veículo: Jornal "A Crítica"

Data: 17/05/1980

Página: 01

Caderno/Seção: Caderno II: Gente (Gil)

★ Teatro Amazonas lotadíssimo em ambas as sessões, quinta-feira passada. Apresentava-se o Ballet Nacional do Senegal. Que nos proporcionou espetáculos de beleza pura. Há muito não viamos nada comparável nestas bandas. Instrumentos de percussão e outros tais como a kora e o balafone, provocam um sentimento pelo que transmitem de melancolia. A coreografia, as cores fortes, todo um ritual estranho aos nossos costumes, despertam, juntos, um efeito plástico impressionante de intensa mobilidade visual. Os figurantes estão esplendidamente integrados às danças apresentadas. Através de gestos e passos repletos de cadências, contam temas de sedutora estória de amor selvagem. Espectáculos de impressionante nível, daí que esse conjunto africano é considerado entre os melhores no gênero em todo o mundo.

Veículo: Jornal "A Crítica"

Data: 17/05/1980

Página: 05

Caderno/Seção: Cidade

MANAUS CONHECERÁ DANÇAS DE ISRAEL

Nos próximos dias 26 e 27 deste mês, o Grupo Folclórico de Danças Israelense Kiweret estará se apresentando no Teatro Amazonas, numa promoção da Hebraica Sociedade Cultural Recreativa, constituída pelos israelenses radicados no Amazonas, Seduc e Teatro Amazonas.

O espetáculo do Kiweret (significa em português violino) será no Teatro Amazonas nos dias 26 e 27, às 21 horas. O Grupo Folclórico de Danças está fazendo uma tournée em todo o país, iniciando suas apresentações em São Paulo, Rio de Janeiro e Salvador, devendo ainda se exibir em Minas Gerais, Belém e finalmente Manaus.

Segundo José Mário Assayag, o grupo israelense é composto por 32 figuras, sendo 17 homens, 14 mulheres e uma cantora de músicas folclóricas daquele país. Tem uma coreografia e estilo próprio do povo de Israel, com um guarda-roupa riquíssimo. No entanto, acrescentou que a sonorização será toda ela da Gradiente, que irá colaborar com o grupo.

Veículo: Jornal "A Crítica"

Data: 22/05/1980

Página: 01

Caderno/Seção: Caderno II: Gente (Gil)

Ballet Folclórico de Israel

★ Tem se mostrância durante dois dias, 26 e 27 da semana que vem, no Teatro Amazonas, o Ballet Folclórico de Israel, — músicas e danças desse país do Oriente Médio. — Aqui chega com a chancela da Hebraica Sociedade Cultural e Recreativa de Manaus.

★ O grupo "Kineret" é composto de 25 figurantes, constituído principalmente de estudantes universitários israelitas. Integrando essa trupe a cantora profissional Cilly Litwak.

★ A par da montagem de slides, trilha sonora com arranjos musicais para a tournée que o Ballet Folclórico de Israel empreende por estes brasis, um trio — piano, bateria e contrabaixo estará participando desses espetáculos, garantindo o suporte exigível à cantora Cilly Litwak.

★ A curta temporada desse grupo folclórico israelita terá o apoio da Secretaria da Educação e Cultura e do próprio Teatro Amazonas.

Anexo A – ID 0015

Veículo: Jornal "A Crítica"

Data: 27/05/1980

Página: 10

Caderno/Seção: Eles e Elas (Marina Nunes)

★ HEBRAICA — Sociedade Cultural Recreativa com a colaboração de **SEDUC e TEATRO AMAZONAS** trouxe a Manaus o grupo de ballet **KIWERET** para duas apresentações, uma acontecida à noite de ontem e a última logo mais. De anfitriões **Mary-Samuel Benzecry** que muito se desdobraram para trazer este maravilhoso espetáculo que mereceu grandes aplausos pela família israelita e convidados especiais.

Anexo A – ID 0016

Veículo: Jornal “A Crítica”

Data: 28/05/1980

Página: 01

Caderno/Seção: Caderno II: Gente (Gil)

o O Teatro Amazonas esteve apresentando durante os dois últimos dias o Ballet Folclórico de Israel pelo grupo "Kíneret". Não vieram desse país no Oriente Médio, mas são estudantes (entre eles alguns católicos) universitários paranaenses, residentes em Curitiba. Somente a cantora Cilly Litwat e um instrumentista habitam na capital israelense.

— Tudo muito certinho, coreografia bonita. Como Israel foi quase populacionada por judeus russos, a música e a dança trazem em demasia desse país europeu. Não é um corpo de baile dos mais entusiasmantes, mas não compromete.

Anexo A – ID 0017

Veículo: Jornal "A Crítica"

Data: 04/06/1980

Página: 03

Caderno/Seção: Cidade

GRUPO CORPO CHEGA COM "ÚLTIMO TREM" A MANAUS



Uma cena de "Último Trem"

Depois do show musical, genuinamente amazônico, de Pedrinho Sampaio, de alerta contra a devastação da floresta e protesto contra a falta de apoio ao artista amazonense, o Teatro Amazonas se prepara para receber os espetáculos do "Último Trem", de Minas Gerais.

O grupo de 12 bailarinos chegou ontem ao meio-dia. Amanhã e sábado será apresentado o show de "Último Trem", e nos dias 11 e 13, "Maria, Maria". A direção e coreografia, no caso do show "Maria, Maria", são de Oscar Arraiz e música de Milton Nascimento e Fernando Brandt. Destaca-se que, este espetá-

culo, "Maria, Maria", participou, no ano passado do 22º festival de Los Mundos, em Spoleto, na Itália, representando a América Latina.

ELOGIOS

O jornal "La Nación", de San José da Costa Rica, disse sobre o espetáculo: "Foi uma surpresa, talvez porque ninguém o disse previamente com suficiente clareza, encontrar em "Maria, Maria" uma obra de profundo significado humano. Interpretada por um elenco de 12 autênticos bailarinos".

Dividido em mais de 20 qua-

dros que retratam a desativação de uma estrada de ferro no interior de Minas. "Último Trem" mostra ainda muita beleza plástica a partir de uma coreografia simples, cheia de poesia, tendo como fundo uma povoação que vive em função de uma linha férrea.

A abertura é com a música "Ponta de Areia", de Milton Nascimento e Fernando Brandt, onde os versos, fazendo uma elogio à "Maria Fumaça", assumem na voz cortante de Milton Nascimento uma chamada memória de Minas, denunciando poeticamente o que certas resoluções do governo ferem no cotidiano do povo.

Anexo A – ID 0018

Veículo: Jornal "A Crítica"

Data: 05/06/1980

Página: 05

Caderno/Seção: Cidade

“Corpo” se queixa das dificuldades

Em entrevista coletiva, no comitê de imprensa instalado junto ao gabinete de governo do Estado, o Grupo Corpo, representado por quatro dos 12 membros, confessou que ainda é difícil se fazer teatro no Brasil, por falta de apoio e uma melhor remuneração salarial para os artistas.

“A gente tenta fazer um teatro, a estilo brasileiro, dentro das nossas condições. O mesmo acontece com o balé, procuramos fazê-lo um espetáculo simples e que possa ser facilmente entendido, mesmo sem texto de roteiro”, essa a opinião dos quatro membros do Grupo Corpo.

Anexo A – ID 0019

Veículo: Jornal “A Crítica”

Data: 05/06/1980

Página: 01

Caderno/Seção: Caderno II: Gente (Gil)



★ Cena da peça "Último Trem Vai Parar Aqui", de Milton Nascimento, Fernando Brant, Oscar Araiz, que o grupo Corpo apresentará a partir de amanhã, durante três dias, no Teatro Amazonas.

Anexo A – ID 0020

Veículo: Jornal "A Crítica"

Data: 06/06/1980

“ÚLTIMO TREM” ESTRÉIA HOJE NO T. AMAZONAS



Malas vazias na cena de Brandt.

Não existe estação sem gente esperando, diz Fernando Brandt, no roteiro de "Último Trem", espetáculo que escreveu para a música de Milton Nascimento e que o público de Manaus assistirá neste final de semana no Teatro Amazonas, com apresentação do Grupo Corpo, a partir desta sexta-feira até domingo.

O Grupo Corpo de danças já é conhecido da platéia amazonense, com o espetáculo "Maria-Maria", também de Fernando Brandt e Milton Nascimento, mostrado em Manaus, há cerca de dois anos. É um grupo que garante a qualidade do espetáculo, embora a força e a beleza de "Maria-Maria" tenha marcado o Corpo e algumas preferiram afirmar que este último espetáculo continua superior a "Último Trem".

"Último Trem" conta histórias humanas ao longo do leito da antiga estrada de ferro Bahia-Minas e seu roteiro é inspirado numa reportagem que, em 1972, Brandt escreveu para a revista O Cruzeiro. A direção musical é de Milton Nascimento e a coreografia, de Oscar Araiz (o mesmo de Maria-Maria).

Todo o elenco já está em Manaus; onde chegou terça-feira. Nos últimos dias, os artistas estão ensalando no Teatro Amazonas, uma vez que é necessário um trabalho de reconhecimento do palco onde se apresentarão. Os espetáculos são esperados com expectativa, tanto por quem já os conhece como pelos que ainda não tiveram oportunidade de assisti-los.

Veículo: Jornal "A Crítica"

Data: 06/06/1980

Página: 03

Caderno/Seção: Cidade

FESTIVAL MARQUESIANO VALORIZA O QUE É NOSSO

A Unidade Educacional de São Raimundo (ex-Marquês de Santa Cruz) estará realizando nos dias 13, 14 e 15 de junho no Campo da Amizade (atrás da Igreja) o VIII Festival Folclórico Marquesiano com a participação de danças folclóricas regionais, nacionais e internacionais, numa promoção que envolve todos os alunos, professores e moradores da comunidade visando despertar no povo o valor cultural do folclore como elemento de integração.

A promoção daquela comunidade estudantil vem a cada ano se tornando uma das maiores realizações folclóricas do Norte e Nordeste do País em nível estudantil, tendo sido levado em documentário para várias partes do Brasil e de alguns países que mantêm consulados em Manaus. Ultimamente com o apoio de entidades governamentais, comerciais e industriais o Festival Marquesiano ganhou proporções elevadas tornando aquele

O valor educativo do Festival Folclórico Marquesiano não se limita as apresentações coreográficas ensaiadas pelos alunos mas a um conjunto de atividades que levam, os estudantes e professores da Unidade a uma grande pesquisa sobre a cultura da nossa região, de outras partes do Brasil e dos países representados. Esse trabalho de pesquisa torna a promoção uma grande fonte de desenvolvimento intelectual para os alunos que passam a vivenciar costumes, tradições, culturas de povos que determinaram a civilização atual.

Outros colégios de Manaus vêm nos últimos anos, a exemplo do Marquês, promovendo seus festivais folclóricos, tendo-se notado nos estudantes e professores grande entusiasmo pela experiência que passa a ser algo prático na escola. O festival folclórico dentro das escolas é o tipo da atividade em que há uma revalorização das nossas coisas. Um momento em que o

trabalham pelo mesmo objetivo, vivem uma experiência de grande desempenho intelectual.

VALORIZAR O QUE É NOSSO

"Ultimamente vem se desencadeando uma verdadeira guerra contra o estrangeiro no Brasil. De repente o povo começa a perceber que está perdendo suas características, seus costumes, suas tradições, sua cultura. Um fato que se verifica na alimentação, no vestuário, na linguagem, no lazer e em quase todos os setores da vida", considerou um professor daquela unidade.

"Difícilmente um jovem prefere a pupunha que a maçã ou o vinho de buriti que uma Coca-Cola ou mesmo o nosso guaraná que o importado. Se falarmos em dança, o disparate é horrendo. O que se consome de música estrangeira é algo fabuloso. As discotecas conseguem alienar o jovem de todo o

Anexo A – ID 0022

Veículo: Jornal "A Crítica"

Data: 11/06/1980

Página: 03

Caderno/Seção: Cidade

Maria, Maria estréia hoje no Teatro

"A saudade começa um minuto após o encerramento do espetáculo". Esse é o comentário das milhares de pessoas que no Brasil e no Mundo já assistiram o balé "Maria Maria".

A partir de hoje até sexta-feira o Grupo Corpo, de Belo Horizonte, apresentará o espetáculo no Teatro Amazonas, às 21 horas.

Da autoria de Fernando Brandt, Oscar Arraiz e Milton Nascimento, "Maria Maria", já foi apresentada em Manaus, em 1977. O amplo sucesso alcançado pela temporada motivou sua reapresentação.

O Grupo Corpo, que semana passada apresentou no Teatro Amazonas "O Último Trem", continua recebendo, por onde se apresenta, os maiores elogios. Sua recente atuação mostrou que continua em ascensão artística, numa perfeita sincronia de seus dançarinos, aliados a correta expressão corporal.

Hoje, a partir das 21 horas, "Maria Maria" estará de volta, com toda a beleza do Grupo Corpo de Minas Gerais. Os ingressos podem ser adquiridos com antecedência no Teatro Amazonas.

Anexo A – ID 0023

Veículo: Jornal "A Crítica"

Data: 11/06/1980

Página: 03

Caderno/Seção: Caderno II: Gente (Gil)



Hoje, no Teatro Amazonas, premiêre do "Maria Maria", pelo grupo Corpo. Repetira nesta temporada o sucesso conquistado da outra vez.

Veículo: Jornal “A Crítica”

Data: 13/06/1980

Página: 03

Caderno/Seção: Cidade

“Corpo” vai encerrar a temporada

O Grupo de Teatro Corpo, de Belo Horizonte, encerra hoje sua temporada em Manaus, com a apresentação de “Marla Maria”, balé de autoria de Milton Nascimento, Fernando Brandt e Oscar Arralz.

O balé que já foi apresentado em Manaus em 1977, voltou a fazer sucesso nos espetáculos de quarta e ontem à noite, quando bom público compareceu ao TA.

A última apresentação do Grupo Corpo, tem início marcado para às 21 horas. As entradas, ao preço de Cr\$ 300 cruzeiros, podem ser compradas com antecedência no próprio TA.

Veículo: Jornal "A Crítica"

Data: 11/12/1980

Página: 01

Caderno/Seção: Gente (Gil)

GENTE

GIL

★ Com o patrocínio do Governo do Estado, da Suframa, Fundação Cultural, tem **première** dia 12, no Teatro Amazonas os bailarinos Eliana Caminada e Renato Magalhães bem como Suzana Braga (também crítica de arte do "Jornal do Brasil"), dançando com o corpo de baile do prof. José Rezende, o 2º. ato do Ballet **Coppélia**.

★ Na noite de 13, Eliana Caminada e Renato Magalhães, primeiros bailarinos do Teatro Municipal do Rio de Janeiro, e Suzana Braga, dançam no Teatro Amazonas o 2º. ato de **Coppélia**, numa promoção do Lions Clube-Vitória Régia. Encontro benemerente, revertendo para as obras sociais mantidas por este clube de serviços.

★ Hoje, em início de noite, no foyer do Teatro Amazonas, o prof. José Rezende reúne em torno de Suzana Braga os muitos convidados, num cocktail em honra dessa bailarina carioca que mantém coluna das melhores no "Jornal do Brasil", comentando sobre arte em toda a sua gama.

Rui Lins e José Lindoso recebem honrarias

• O superintendente da Zona Franca de Manaus Sr. Rui Alberto Costa Lins, o governador do Amazonas José Lindoso, o Capitão dos Portos para a Amazônia Ocidental comte. Gauthier José Pereira Filho, re-
... do M. ...



★ Eliana Caminada e Renato Magalhães vão dançar no Teatro Amazonas o 2º ato do Ballet **Coppélia**. Vamos prestigiar e aplaudir?

Anexo A – ID 0026

Veículo: Jornal "A Crítica"

Data: 15/12/1980

Página: 07

Caderno/Seção: Colunismo: Coisas do circuito (Baby)

• Eliana Caminada e Renato Magalhães vedetaram pelo torrão durante toda a semana passada. Foram as estrelas maiores do espetáculo de ballet promovido pelo professor José Rezende, no Teatro Amazonas.

• Eliana (se apresentando em nosso teatro pela terceira vez) foi sensacional dançando Coppélia e arrecadou calorosos aplausos de quase 700 pessoas, que lotavam as dependências do T.A. As alunas de Rezende, bem ensaiadas e com um guarda-roupa luxuoso merecem também os maiores elogios. Sem esquecer, é claro, o piano gabaritado de Jerusa Mustafa, que serviu de solo para a maioria dos números apresentados. Enfim, um espetáculo bonito e bem elaborado.

• Os senões acontecidos, principalmente com o áudio, podem ser explicados perfeitamente. Seguinte; a fita gravada que serviria como tema de todas as danças, foi "misteriosamente" "surrupada" do Teatro Amazonas, durante o ensaio geral que o Rezende fez com suas pupilas. Daí, até que outra fita fosse devidamente musicada e ficasse perfeita para a hora H, muito trabalho rolou muito prejuízo causou. Mas, nem o professor e nem as alunas esmoreceram. O espetáculo continua...

• Falando de ballet, no próximo dia 17 será a vez de Arnaldo Peduto mostrar o seu trabalho de 365 dias, junto a suas alunas. Será o encerramento do ano letivo da Academia de Danças e o ballet moderno vai ser exibido com todas as suas nuances. Arnaldo, na ocasião, prestará homenagem a alguns elementos da crônica social e a gente daqui, vai logo agradecendo a ele pela distinção. O palco será o do Teatro Amazonas. Daí que o meu considerado vai ter que tomar um cuidado extremo, uma vez que os "ratos" circulam livremente pelos bastidores. São "ratos" (ou seriam ratas?) "adoradores" de fitas cassete.

Anexo A – ID 0027

Veículo: Jornal “A Crítica”

Data: 20/12/1980

Página: 01

Caderno/Seção: Gente (Gil)

★ Logo mais no Teatro Amazonas a academia de balé do professor Arnaldo Peduto faz sua primeira apresentação em público. Ariene Braga tem sob sua orientação as bailarinas Andréa Vianez de Castro, Patrícia Marques Andrade, Taika Nakagima, Rosária Neves e outras. A apresentação se estenderá amanhã e depois.

Anexo A – ID 0028

Veículo: Jornal "A Crítica"

Data: 22/12/1980

Página: 03

Caderno/Seção: Colunismo: Coisas do circuito (Baby)

★ Um espetáculo dos mais bonitos a Academia de Danças "Jazz Center" proporcionou a todos aqueles que frequentaram o Teatro Amazonas, na sexta, no sábado e no domingo. Uma coreografia moderna, bem ensalada e um guarda-roupa luxuosíssimo foi o que se viu e se aplaudiu durante hora e meia. Arnaldo Pedutto e Alane, responsáveis pelo "Jazz Center" entregaram troféus a alguns jornalistas e daqui eu vou agradecendo a manelra carinhosa com. que fui lembrada.

1981

Anexo A – ID 0029

Veículo: A Crítica

Data: 12/02/1981

Página: 05

Caderno/Seção: Cidade



**Dançaviva
inaugura novo
balet**

A partir de segunda-feira, 16, a cidade contará com mais um grupo de dança: o DANÇAVIVA, com professores especializados no Ballet Stagium, de São Paulo.

O grupo funcionará na Rua Monsenhor Coutinho, 941, das 7 da manhã às 8:30 da noite com balé para crianças e adultos, jazz, dança contemporânea e ginástica estética. O departamento de ginástica funcionará com método dimensionado para problemas específicos: coluna, flacidez, celulite, com massagens e aparelhos apropriados.

As informações podem ser detalhadas pelo telefone 232-6539.

Anexo A – ID 0030

Veículo: A Crítica

Data: 12/03/1981

Página: 03

Caderno/Seção: Cidade

CIDADE GANHOU A ESCOLA DE DANÇA

Usar uma linguagem estreitamente ligada à expressão teatral. Através de uma sólida formação clássica lançar em Manaus um grupo de dança que expresse vivamente nossa terra e nosso povo, do Olapoque ao Chul. — Esta é a mensagem e proposta do Grupo Dançaviva, que inaugurou ontem sua escola de ballet-jazz-ginástica.

Com um coquetel realizado às 17 horas de terça-feira, dia 10, o Grupo Dançaviva inaugurou suas instalações, à Rua Monsenhor Coutinho. A escola estará aberta diariamente, das 7 às 20 horas, com seus professores especializados para atender os amantes da dança clás-

sica e contemporânea.

“A dança é uma arte que dispensa a palavra escrita, tal o seu poder de expressão”. Este princípio o Grupo Dançaviva promete seguir em seus ensinamentos de dança. As professoras do grupo, Ida, Conceição, Marta e Ana, usarão os métodos de dois grandes balets, o Ballet Stagium e o Ismael Guiser.

A proposta do Grupo Dançaviva se assemelha ao trabalho do Stagium, na medida em que se propõe a criar, em cima da Música Popular Brasileira, temas de interesse, estritamente nacional. O Stagium, o mais expressivo grupo de dança brasileira, tem procurado resgatar a literatura e a problemática social do país.

Veículo: A Crítica

Data: 17/05/1981

Página: 04

Caderno/Seção: Suplemento Vida (Curiosidade)

PÁGINA 4 **Vida** MANAUS, DOMINGO, 17 DE MAIO DE 1981 **CURIOSIDADE**

Inampi, o caboclo que amou uma bôta

Por J. Americo Paret



Neste lago, o caboclo viveu sua aventura.

Essa história com sabor de lenda amazônica nos foi narrada por Inampi, um caboclo Mura que vive nas barrancas do rio Urubu, município de Itacoatiara, Amazonas.

Inampi não tem "idade" porque não sabe quando nasceu. Ele, como a maioria dos caboclos amazônicos é de "pouca fala", porque o seu linguajar é mais interior; ele é introspectivo e sua mente está impregnada de fantasias do sobrenatural, provocadas pela fantástica e misteriosa natureza.

Inampi acredita que viveu a história que raramente conta a alguém, com receio de não ser levado a sério. Nós a conseguimos com muito custo e vamos reportá-la com o máximo de detalhes que ele nos deu:

— "Eu estava esquentando o sol (tomando banho de sol) para criar coragem de mergulhar no lago. Este, só não estava totalmente espelhado porque uns botos brincavam soprando para o ar e "banzeirando" as águas.

Criei coragem e mergulhei os olhos abertos, vendo os factos de sol varando as águas transparentes até o fundo do lago. Quando eu estava lá em baixo, surgiu, também mergulhando, uma cabocla totalmente nua. Ela aproximou-se de mansinho e segurou em meus braços suavemente e juntou seu corpo moreno ao meu. Ficamos assim por um instante. Mas, este pareceu longo. Quando comecei a subir para respirar, ela soltou-me e sumiu como uma boia de ar plott!...

Cheguei à superfície e fiquei boiando, e esperando que ela também subisse. Ela não apareceu, apenas os botos continuavam a brincar. Desconfiado, nadei para a beira e fiquei na praia com uma esperançazinha que ela chegasse. Ela não apareceu...

Fiquei desconfiado e pensando nas histórias que contavam de que boto virava gente e encantava as pessoas. Voltei pra casa meio cismado e não contei nada a ninguém, com medo que não me acreditassem.

A noite senti-me à rede e fiquei pensando, pensando no caso... Depois, quando o sono queria me pegar, escutei uns assobios lá fora:

Fuiu, fuiu...

Curioso, abri a janela para espiar... lá fora, no meio do terreiro, estava "Ela", todinha nua, banhada pela luz. "Ela" acenou me chamando.

Um pensamento atravessou minha cabeça: "Ela é Tutuxi", bôta não pode ser outra pessoa... mesmo assim, fui ao seu encontro. Quando cheguei, "Ela" me sorriu, deu a mão e caminhamos juntos até a praia. A princípio, fiquei assustado, mas, depois comeci a corresponder aos seus carinhos e esqueci a história de encantamento... "boto virá gente" pra me entregar ao amor.

Depois de algum tempo, "Ela" me perguntou: — "Você quer conhecer minha gente?"

Confesso que senti um sobressalto. Mas "Ela" conteve meu receio, acariciando-me e falando meigamente: — "Não tenha medo, eu garanto que nada de mau acontecerá..." — Sendo assim, concordei.

Ela falou: — "Acompanhe-me e feche os olhos por um instante". Fechei e então senti como se um cortinado estivesse sendo colocado sobre minha cabeça, enquanto caminhávamos em direção ao lago. Mas, a água não me molhava. "Ela" falou: "pode abrir os olhos".

Quando abri os olhos, fiquei espantado e surpreso; já havíamos atravessado as águas sem nos molhar e a superfície do lago estava por cima de nós, como se fora de plástico, transparente, deixando ver as estrelas e a lua. Chegando ao fundo do vale, submerso encontramos uma verdadeira cidade, como as nossas: cheia de ruas e casas as pessoas e os animais também eram iguázinhos como aqui. Chegamos à sua casa e "Ela" me apresentou a duas irmãs e a mãe. Todos agiam com muita naturalidade. E isso era incrível para qualquer um... Depois, fomos para um jardim e ficamos namorando. Haviam outros casais.

Diante da visão do mundo exterior da superfície que também podíamos contemplar lá de baixo, quase esqueci que estávamos sob as águas. Quanto tempo passamos assim, eu não sei. Depois, eu pedi que ela me levasse de volta à superfície. "Ela" fez um sussuro de quem não queria voltar logo e sussurou-me: — "Fica mais um pouquinho. Será que você não está gostando de mim?..."

Argumentei que estava precisando descansar e que outro dia voltaria, se ela fosse à superfície me buscar. "Ela" concordou e voltamos, subindo as encostas do barranco e quando já estávamos próximo a superfície do lago, ela me mandou fechar os olhos e finalmente chegamos à praia.

Ficamos sentos ainda um pouquinho e "Ela" me levou até próximo à minha casa, esperou que eu entrasse e saiu cantarolando uma canção, em direção à praia. Depois escutei um baque de alguém se atirando no lago e novamente o barulho dos botos arfando e batendo água.

Deitei-me e fiquei "cismando" muito tempo antes de dormir. No dia seguinte não tive coragem de contar o fato a ninguém, porque não iriam me acreditar...

A história se repetiu durante várias noites e eu já estava conhecendo muita gente lá de baixo, da "cidade submersa". Então "Ela" me fez essa pergunta:

— "Você quer morar comigo aqui em nosso mundo?..."

— "Ainda não estou certo, gosto muito de viver lá fora na superfície com minha gente..." Respondi.

Aquela foi o momento da decisão, porque a mãe dela escutou nossa conversa e interrompeu: — "Acho melhor você deixar esse namorado de lado, ele não gosta de você!" Falou a velha.

Depois que "Ela" me trouxe de volta, nunca mais veio me procurar. E foi uma pena, porque se "Ela" voltar à me procurar, eu irei definitivamente para a "Cidade Submersa" no fundo desse lago do rio Urubu.

Assim, Inampi revelou seu segredo, que embora seja como lenda, ele afirma: — "Pode acreditar bnhim por intim, nessa história porque é a mais pura verdade. Eu amei uma bôta".

Anexo A – ID 0032

Veículo: Jornal do Comércio

Data: 20/05/1981

Página: 04

Caderno/Seção: Geral



Ballet Clássico da Itália vem para o Teatro Amazonas

Marinel Stefanescu é sobrinho do famoso primeiro bailarino Gabriel Popescu. Aperfeiçoou-se também no Balé Bolshoi, de Moscou, com Messerer e Ermolov. Em 1965 entra para o Corpo de Baile do Teatro da Ópera de Bucarest, onde, três meses depois, é nomeado primeiro bailarino, posição que conserva até hoje. Como "partenários" durante numerosas turmas, tem as maiores estrelas internacionais, entre elas, na Itália, Natalia Makarova, Alicia Alonso e Liliana Costi.

Nos próximos dias 25 e 26, estará apresentando-se no Teatro Amazonas a Companhia Ballet Clássico (Itália), com os bailarinos Liliana Costi, primeira bailarina do Scala de Milão, e Marinel Stefanescu, primeiro bailarino da Ópera de Bucarest.

Liliana Costi completou seus estudos de dança na Escola de Balé Bolshoi, da União Soviética, para onde voltou várias vezes estudando com professores como Messerer, Semiova, Ulanova e outros. No Bolshoi, foi protagonista do "Lago dos Cisnes", "Giselle" e "A Bela Adormecida". Em 1971 fez uma turnê com Rudolf Nureiev pelas principais cidades europeias e foi hóspede do London Festival Ballet. Em 1973 foi chamada por Maurice Bejart a Bruxelas, onde interpretou a IX Sinfonia de Beethoven. Em 1977 funda com Marinel Stefanescu a Companhia de Balé Clássico.

ESTADO DO AMAZONAS

Anexo A – ID 0033

Veículo: Jornal do Comércio

Data: 17/061981

Página: 03

Caderno/Seção: Cad. 1 Cidade



Ballete Stagium faz 4 exibições no T. Amazonas

O Ballet Stagium estará se apresentando em Manaus nos dias 03, 04 e 05 de julho próximo, às 21.00hs. no Teatro Amazonas. Nessa pequena temporada o grupo de dança mais conhecido do Brasil apresentará peças consagradas como "Maracatu", "Diadorim", "Coisas do Brasil", "Kuarup" e "Qualquer Maneira de Amar Vale a Pena" (que estreou em Maio), com mús-

cas de Ivan Lins, Egberto Gismonti, Victor Jara, Villa Lobos, Quinteto Violado, Gustav Mahler, Milton Nascimento, Chico Buarque, Wagner Tiso, Lô Borges, dentre outros, nas vozes de Elis Regina, Mercedes Sosa e outros nomes famosos. A coreografia é de Décio Otter e Mária Gidall.

O espetáculo "Diadorim" é inspirado na obra de Guimarães Rosa, "Grandes Sertões — Veredas"

Anexo A – ID 0034

Veículo: Jornal do Comércio

Data: 27/08/1981

Página: 03

Caderno/Seção: Cad. 2 Geral



Público aplaude de pé o ballet do Japão no TA

Com a casa completamente lotada, o Teatro Amazonas apresentou anteontem e ontem, a noite espetáculos do magnífico grupo de ballet japonês "Jun Kono Dance Company". Segundo algumas pessoas que assistiram as exibições, a melhor apresentação foi a do "Guarani" (espetáculo de estréia), que apresentou uma coreografia muito bonita além de uma extraordinária indumentária.

Nos dois espetáculos, o público teve a oportunidade de assistir uma verdadeira mostra de ballet laudado o artista Jun Kono, apresentado muita técnica e segurança.

A indumentária das índias, foi alvo de muito elogio por parte das pessoas e da imprensa que prestigiou os eventos. A sonoridade e a iluminação também foram um conjunto harmonioso.

A colônia dos japoneses, embora não tenha comparecido maciçamente no TA, como era esperado, contribuiu para o êxito das exibições, consideradas de alto nível pelos críticos de arte, principalmente "O Guarani".

No final do espetáculo, os japoneses homenagearam os brasileiros dançando um samba mais "oriental", que foi muito aplaudido e contagiou o público presente ao TA.

Por outro lado, segundo informações do jornalista Gerson, dentro em breve, a Superintendência do Teatro Amazonas, deverá trazer novos grupos de ballet famosos nacional e internacionalmente a fim de que o público amazonense possa ter boas opções culturais.

Veículo: Jornal do Comércio

Data: 28/08/1981

Página: 03

Caderno/Seção: Caderno 1 Cidade

Ballet "Stagium" estréia dia três no T. Amazonas

Aplaudido em todo o Brasil e bastante elogiado pela crítica nacional e internacional, o Ballet Stagium de São Paulo dará também a público manauara, a oportunidade de confirmá-lo como sendo, atualmente, uma das mais importantes companhias de Ballet do Brasil.

Num contexto onde a dança era quase que unicamente importada e destinada a uma elite cultural, nasceu o Stagium, que tomou para si a tarefa de divulgar e popularizar essa arte, buscando uma comunicação maior entre o artista e o público, combinando tendências universais e aspectos tipicamente brasileiros.

Nesse processo de desmistificação da dança, este grupo tem suas apresentações efetuadas nos mais diferentes locais, que vão desde os principais teatros das grandes cidades, passando por cinemas, praças públicas, igrejas, universidades e chegando com a mesma dignidade artística até os índios do Xingú.

O grupo é composto de 16 bailarinos e 3 estagiários, tendo à frente, como diretores Décio Otero e Marika Gidali.

Dentre as tantas críticas feitas ao Ballet, algumas em especial traduzem bem o seu perfil.

"alimentando-se da selva inconfundível da gente, Stagium conseguiu vir a ser e continuar sendo um autêntico grupo brasileiro. A identificação é fácil de se conhecer. Transmite confortável

bem-estar de nos sentirmos envolvidos no abraço das nossas raízes" (Sérgio Viotti-Jornal da Tarde).

O Stagium conjuga formação clássica com liberdade contemporânea. Seu movimento está a serviço da Cultura brasileira, voltado para temas atuais. Foge conscientemente do puro formalismo calistênico. É uma dança preocupada em valorizar e refletir sobre coisas brasileiras" (Claudio Hegmann).

"Se há balés abaixo da crítica, o Stagium está acima da mesma e por isso temos em vista simplesmente apontar o singular repertório que nos trouxe, numa esplêndida renovação".

SERESTAS E VALSAS BRASILEIRAS, com músicas de Chico Buarque, Vinícius de Moraes, Newton Teixeira, Cândido das Neves, e Patápio da Silva, Ferreira Júnior, Galati, Pixinguinha e outros.

COISAS DO BRASIL, com músicas de Hermeto Pascoal, Pe. José Maurício, Naná Vasconcelos, Luiz Gonzaga e outros. "(Aldo Obino - Correio do Povo)."

Diante de tal quadro, nada mais certo do que confirmá-lo. E isto se tornará possível nos dias 3, 4 e 5 de julho, dias em que o Ballet Stagium tem seu espetáculo garantido no Teatro Amazonas. Sendo que no dia 5 haverá duas apresentações, uma às 16:00hs e outra às 21:00hs. Já nos dias 3 e 4 haverá apenas uma apresentação, ambas às 21:00hs.



Formas avançadas de representar a realidade brasileira: Stagium

Anexo A – ID 0036

Veículo: Jornal do Comércio

Data: 09/10/1981

Página: 17

Caderno/Seção: Geral



Grupos de dança da Bahia, dia 11 no T. Amazonas

Depois do sucesso de crítica e público na estréia em Salvador, a mais nova companhia de dança do país, o Bolé Teatro Castro Aíves chega a Manaus para fazer duas apresentações nos dias, 10 e 11 do corrente (sábado e domingo) no Teatro Amazonas, no horário das 21 horas.

"Ilhas" de Victor Navarro", "Contacto" de Lia Robatto e "Maria Quitéria" de Antonio Carlos Cardoso, integram o programa calorosamente aplaudido na Bahia, e que os amazonenses terão a oportunidade de assistir.

A companhia que é dirigida pelo coreógrafo Antonio Carlos Cardoso, segundo alguns críticos de arte, é uma verdadeira representante da comunidade da Bahia "com todas as suas cores e contradições".

O ponto culminante do espetáculo, para muitas pessoas que já assistiram a apresentação do TCA, é a coreografia "Maria Quitéria". Justificando a atenção, o Diretor do grupo, diz que "tentamos mostrar um pouco da realidade sobre a existência de Maria Quitéria. Seu lado humano é para mim, o mais importante. É a parte escondida que não está na imagem fotográfica dos livros escolares".

Proseguindo ele diz que, "Maria Quitéria não foi soldadinho de chumbo, de discurso de festa cívica. Sua história é a da decadência decorrente do esquecimento a que foi submetida pela classe dominante". Ela representa para mim — diz ele — o herói popular, quase sempre ingênuo e manipulado. E o que restou? poucas linhas nos livros, quatro, estátuas. Ela acabou sendo uma exilada dentro do seu próprio país. Memória popular? Resposta simplista: "Maria Quitéria foi sapateiro" (a frase que mais ouvi durante minhas pesquisas).

Finalizando, o coreógrafo afirma que "espero passar todo o amor e admiração que aprendi a sentir por sua figura humana. Para mim ela continua viva nos noticiários atuais, mas com outros nomes".

Os espetáculos serão realizados sempre às 21 horas, aos preços de Cr\$ 800 e 300 cruzeiros.

Veículo: **Jornal do Comércio**

Data: 10/10/1981

Página: 01

Caderno/Seção: Capa

BALÉ BAIANO HOJE NO TA

“Miriti” apaixona mineira

A mineira Suzana Nogueira da Gama Oresstein, estudante do 3º ano de Medicina da ULRJ e estagiária do Projeto Rondon, decidiu abandonar os estudos e fixar residência na comunidade de “Miriti”, localizada a 40 quilômetros da cidade de Parintins, no Médio Amazonas. Numa entrevista publicada no semanário “Médio Amazonas”, daquela cidade, Suzana disse que “isso é uma demonstração do meu amor pelo homem da Amazônia, com o qual há muito tempo vinha tentando manter um contato mais aproximado”. Suzana pretende lecionar e também trabalhar na terra, a fim de que ela tenha a sua real função social, principalmente como fonte geradora da produção de alimentos. (Página 11)



O Balé Teatro Castro Alves, de Salvador, um bonito espetáculo

Um público bastante expressivo é esperado hoje, às 21 horas, no Teatro Amazonas, para assistir à estréia do Balé Teatro Castro Alves, a mais nova companhia de ballet do País. “Ilhas de Victor Navarro”, “Contactos”, de Lia Robatto e “Maria Quitéria” integram o programa do grupo. A companhia é dirigida pelo coreógrafo Antonio Carlos Cardoso. Segundo muitos críticos, o BTCA é um verdadeiro representante

da comunidade baiana, com todas as suas cores e contradições. Os ingressos para o espetáculo poderão ser adquiridos na bilheteria do TA aos preços de 300 e 600 cruzeiros. O ponto culminante do espetáculo é a apresentação do “Maria Quitéria”, personagem bastante discutida na Bahia. A companhia se apresentará apenas hoje e amanhã.

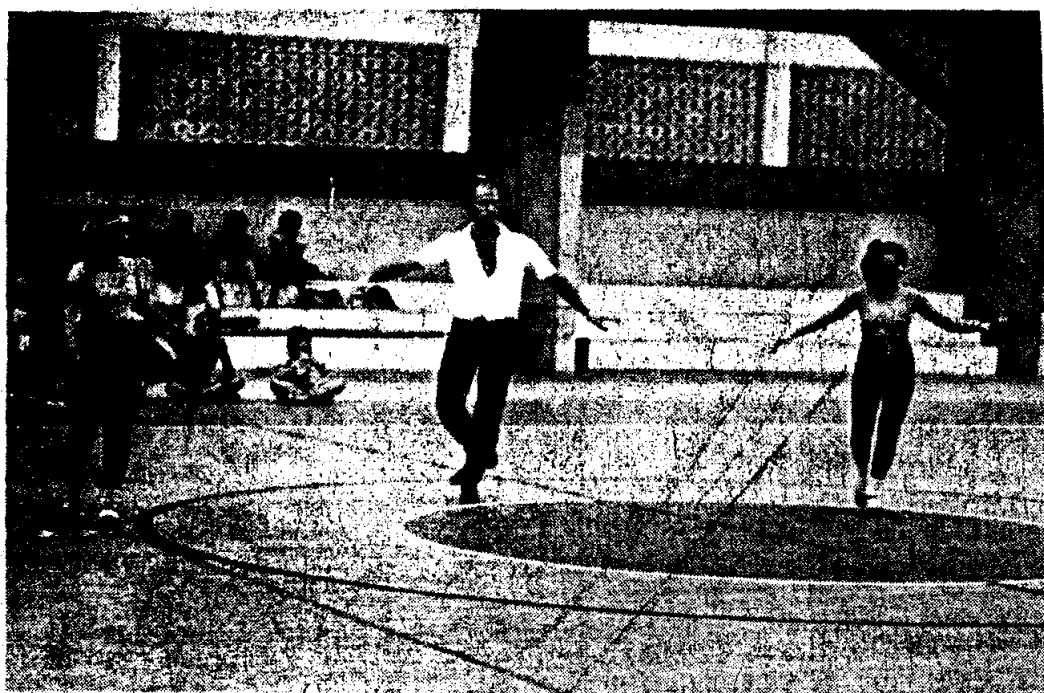
Veículo: A Crítica

Data: 27/11/1981

Página:

Caderno/Seção: Esporte

SAPATEADO REVIVE OS MUSICAIS DE HOLLYWOOD



Símbolo marcante dos famosos musicais hollywoodianos, o sapateado volta à moda e será apresentado pela primeira vez aos amazonenses num "show" especial com as alunas do professor Arnaldo Peduto, amanhã, no Clube do Trabalhador.

Para a prática do sapateado é necessária uma preparação técnica da mais alta habilidade, pois é fundamental que se coordene calcanhar e ponta dos pés simultaneamente com o resto do corpo.

O professor Arnaldo Peduto foi a primeira pessoa a apresentar em Manaus um curso especial de sapateado. Em sua academia o número de praticantes, é grande.

Segundo Arnaldo Peduto, o "sapateado" é a arte de se fazer música com os pés". Amanhã, no Clube do Trabalhador, levará várias alunas para uma demonstração especial, a primeira ao público amazonense.

Veículo: A Crítica

Data: 29/11/1981

Página:

Caderno/Seção: Suplemento Vida (Colunismo)



ANA PAULA MONTENEGRO, mostrada pra vocês através da lente mágica de Rubens Brito. Um realce...

BADALAÇÕES

*** Fátima Litali rasgou folhinha no meio da semana e resolveu comemorar a data somente entre as amigas mais chegadas, com jantar dos mais deliciosos. E entre o jantar e a sobremesa apresentação do filme "Pretty Baby". O encontro se prolongou até as primeiras horas da madrugada, numa descontração genial.

*** Também nessa de comemorar data, duas figuras estimadíssimas: Valério Neto e Liege Aurora Cruz. Estes reuniram suas amigas numa única festa onde a alegria era a tônica maior. Comidinha das mais gostosas foi servida aos presentes. Dizer quem esteve por lá não é muito recomendável já que quase todos os nomes badalados desta cidade responderam presente ao convite dos aniversariantes.

*** Arnaldo Peduto desde sexta, apresenta no Teatro Amazonas, o seu espetáculo anual com as alunas de sua academia. As dependências do nosso templo de artes, completamente lotadas. Dizer qualquer coisa do show é muito arriscado já que tudo apresentado no palco é da melhor qualidade possível. Hoje é o último dia da tem-

porada-relâmpago. Vamos agendar?

*** Também aconteceu neste final de semana, no Cheik Clube festa de encerramento de curso de manecos, ministrado por Gilmar Monteiro (que esta semana retorna à paulicéia), e assessorado por Cibele Johnson. Na passarela armada no salão principal do clube gatões e gatinhas mostraram o que aprenderam durante as aulas. Muita gente parte agora para este lado, (o das passarelas), com charme, graça e malícia. Foram as stars da grande noite: Silvinha Brasil, Karín Bajbi, Kátia Brasil, Luz Marina, Fernando Pinto, Werner Botelho, Rodolfo Jr., etc., etc., etc. Para os alunos ficou a experiência adquirida e para os professores, a certeza de missão cumprida.

*** Clubes, boates e pessoas já esquematizaram seus revelelions. Muita coisa boa vai pintar para aqueles que usarão ou não black-tie. Uma coisa se pode afirmar: a entrada de ano vai ser curtidura com muita intensidade por todos. Na próxima semana darei para vocês dicas das festas que movimentarão a moçada.



FERNANDO PINTO, uma figura maravilhosa (Maristela Shitini).



ARNALDO PEDUTO, o ás do Jazz, fotografado por Maristela Shitini

NEWS

*** Letícia Barbosa, nova-visual gratificante e um tanto quanto injuriada com faísca aprontada para ela por uma pessoa que ela considerava acima de qualquer suspeita. Liga não garota: dá a volta por cima...

*** Tânia Brito circulando com o visual transadafasmo, machucando um coração. A gatinha não quer entrar nessa de compromisso sério por enquanto. Viva sua liberdade!

*** Pedro Wilson Leitão, após as badalações de final de ano, tira assim tipo quarenta dias em tempo de relax total, e sai por este Brasil afora. Marca seu retorno para quando o carnaval chegar.

*** Enoth Barbosa e Zely Alves continuam cada vez mais curtindo o grande amor que existe entre eles, longe das línguas e mentes ferinas, que conseguem perturbar aqueles que vivem nas suas.

*** Lauro Rosas, gatão boa pinta dos autês sendo bastante paquerado. Detalhe é que ele ainda não notou o lance, e a menininha não sabe mais o que fazer para chamar sua atenção.

*** Lívia Valério numa resposta sem tamanho: é recepcionista do Congresso dos Engenheiros que acontece cá na nossa cidade. Os congressistas encantados com a simpatia da gatinha.

*** Flávia Espírito Santo, empolgadíssima com as novas indicações de seu curso de inglês para crianças e adultos, lá pelas bandas da Constantino Nery. Professores gabaritados sendo escolhidos pela garota, para ministrarem as aulas.

*** Waisser Botelho, já na terra novamente, depois de li-geiros dias carlocas em tempo de férias. Voto com mil idéias

para agitar as noites manauaras, coisa que por sinal ele sabe fazer como ninguém.

*** Suzetinha Pires incli-nadíssima a ser um dos principais destaques da Vitória-Régia, para o próximo carnaval. Ela quer mostrar no asfalto, as suas qualidades de sambista.

*** Marcos Lacerda encarando pra valer, sua vida de atleta. Os dias do garoto estão sendo quase todos dedicados ao seu esporte preferido, que é a natação.

*** E por hoje a gente vai colocando ponto final, lembrando sempre que na próxima semana cá do pedaço, informações, fatos e fotos para vocês. Bye...

FÁBIO MARQUES

Anexo A – ID 0040

Veículo: A Notícia

Data: 04/12/1981

Página: 06

Caderno/Seção: Caderno 2. Colunismo Social (Carlos Aguiar)

com a ida
ser sempre
00 anos.

Carlos Aguiar

04/12/81
São as f
bem escutar,
outras pesso
dar parentes



Dias 12 e 13 do mês em curso, às 21 horas no Teatro Arapari, será a apresentação do DANÇAVIVA com o espetáculo de dança contemporânea "Encontros com a América Latina." A primeira parte será uma homenagem à dança em todos os tempos, com números de jazz, clássico e dança experimental. O DANÇAVIVA, fundado em março deste ano, tem como proposta ligar a linguagem teatral à dança. Nesta sua primeira apresentação em Manaus, o grupo apresentará a linguagem em danças como "Promessas de Sol", de Milton Nascimento e "Duerme Negrito", de Atahualpa Yupanqui. A Direção e Coreografia será de Conceição Perreira de Souza e Ida Vicência de Aguiar.

Veículo: A Crítica

Data: 07/12/1981

Página: 03

Caderno/Seção: Cidade

TA realiza um curso de dança

A Superintendência do Teatro Amazonas irá promover oficialmente, no dia dois de janeiro do próximo ano, a aula inaugural do Estúdio de Dança. Durante a inauguração haverá a apresentação aos inscitos no curso e aos convidados presentes, do bailarino Andreas Paul Basler. Ele será o responsável pelo corpo de danças do TA.

Andreas Paul Basler, nasceu em Stuttgart, Alemanha Ocidental, onde fez o curso profissionalizante de ballet clássico na Brooking School and General Education. É membro efetivo da "Imperial Society of Teacher of Dancing", sociedade das mais conceituadas na Europa.

No curso que manterá no Teatro Amazonas, o bailarino alemão vai procurar valorizar os padrões regionais, buscando a aprimoração dos que já praticam dança e preparar os iniciantes a arte.

As inscrições para pessoas interessadas no curso, estão sendo feitas no setor de produção artística do Teatro Amazonas, de segunda a sexta-feira, no horário das 14 às 18 horas.

Veículo: Jornal do Comércio

Data: 08/12/1981

Página: 20

Caderno/Seção:

TA apresentará aula inaugural de dança

A Superintendência do Teatro Amazonas promoverá, oficialmente, no dia 02 de janeiro do próximo ano, a aula inaugural do estúdio de dança. Durante a abertura, haverá a apresentação, aos inscitos no curso bem como aos convidados presentes, do bailarino Andréas Paul Basles. Ele será o responsável pelo corpo de Dança do Teatro Amazonas.

Andréas Paul Basles, nasceu em Stuttgart, Alemanha Ocidental, onde fez o curso profissionalizante de Ballet Clássico na Brooking School and General Education. É membro efetivo de "Imperial Society of Teacher of Dancyng", Sociedade das mais conceituadas na Europa.

No curso que manterá, no TA, o bailarino alemão vai procurar valorizar os padrões regionais buscando a aprimoração, dos que já praticam dança e preparar os iniciantes à arte.

As inscrições para as pessoas interessadas estão sendo efetuadas no setor de produção artística do Teatro Amazonas, de 2^a. a 6^a feira, no horário das 14hs às 18hs.

Veículo: Jornal do Comércio

Data: 10/12/1981

Página: 04

Caderno/Seção: Opinião Colunismo Social: De frente De perfil

CORPO DE BALLET

O estúdio de danças do Teatro Amazonas iniciará as suas atividades no dia 2 de janeiro com a apresentação do bailarino Andreas Paul Basler, que será o responsável pelo corpo de ballet; Formado em danças clássicas pela Brooking And General Education of London, Andreas integra ainda como membro efetivo, a Imperial Society of Teacher of Dancing, uma sociedade de profissionais bastante conceituada em toda a Europa. Os interessados no curso de danças, poderão procurar a Superintendencia do Teatro Amazonas, que já abriu as inscrições.

Anexo A – ID 0044

Veículo: Jornal do Comércio

Data: 11/12/1981

Página: 13

Caderno/Seção: Geral

"TA" receberá DANÇA VIVA no fim de semana

Sob a direção de Conceição Souza e Ida Vicência, o grupo "DANÇA VIVA" se apresentará nos dias 12 e 13 deste mês no Teatro Amazonas, destacando o trabalho "Encontro com a América Latina". Apesar dos seus poucos meses de existência, o grupo "DANÇA VIVA", dada a larga experiência de Ida e Conceição, vem recebendo os mais positivos elogios da crítica especializada local.

O grupo, segundo Ida e Conceição, tem procurado criar uma linguagem estreitamente ligada à expressão teatral, utilizando uma formação clássica e sólida, para expressar de maneira viva os valores da nossa terra e do nosso povo. "Trago comigo a sensibilidade e a dedicação à dança, motivo que justifica o empenhamento com Conceição, também defensora do mesmo ideal", disse Ida.

"Encontros com a América Latina" segundo Ida e Conceição, se constitui basicamente na experiência que o grupo adquiriu, desde sua formação, apresentando de maneira bastante clara, o que vem fazendo dentro da academia, em relação à dança. Justificam, ainda que "Encontros com a América Latina" ainda não é o trabalho que irá definir a linha de ação do grupo, que continuará buscando uma linguagem própria, voltada para a nossa região.

Na encenação de seu primeiro trabalho o grupo DANÇA VIVA pretende abordar, na segunda e terceira parte, o encontro de todas as raças, principalmente as que maior influência tiveram na formação do povo brasileiro, como o negro, o índio e o branco, aliando a tudo isso, o canto puramente latino, através das vozes de Vitor Jara, Mercedes Sosa, Milton Nascimento e Silvio Rodrigues.

Já na primeira parte, o grupo apresentará os seus trabalhos realizados na academia, revelando todos os estilos oferecidos aos seus alunos, como o Jazz clássico, moderno e contemporâneo.

Anexo A – ID 0045

Veículo: A Crítica

Data: 11/12/1981

Página: 05

Caderno/Seção: Cidade

“Dança Viva” apresentará espetáculo

A Academia Dança Viva estréia no próximo sábado, no Teatro Amazonas, às 21 horas, com o espetáculo “Raça”, resultado de um sério trabalho que vem desenvolvendo desde sua criação e que pode ser comparado, sem maiores reservas, com o mesmo estilo do Ballet Stagium de S. Paulo.

Se o Stagium pesquisa as raízes brasileiras, o Grupo Dança Viva, sem divorciar-se da realidade nacional, tem o seu trabalho voltado principalmente para nossa região em busca de uma linguagem própria. Foge do condicionamento estético e parte decisivamente para uma forma mais direta de comunicação. O grupo tem procurado uma estreita ligação com a expressão teatral para demonstrar através de suas coreografias os valores de nossa terra e de nosso povo.

“Raça” é um espetáculo com músicas de Mercedes Sosa, Vitor Jara, Milton Nascimento e Sérgio Rodrigues. A coreografia é de Conceição Souza, sonoplastia de Mauri Nunes, figurino de Théo Correa e fotografia Edunira Asséf. Os Ingressos podem ser adquiridos na bilheteria do Teatro Amazonas.

Veículo: Jornal do Comércio

Data: 13/12/1981

Página: 16

Caderno/Seção: Édson Almeida (assinada)

Inteligência e beleza de Patrícia nas belas-artes

Edson Almeida



Estamos em pleno apogeu do século XX. As artes comandam o progresso, este propriamente cheio de virtudes no campo visual e no interior do espírito, permitindo-nos afirmar que a Arte é, indiscutivelmente, inabalável e indestrutível. Por este conjunto de avaliações é que ela se torna um orgulho da Perfeição, por intermédio da inteligência e do saber, aliada à vontade da execução do homem, nos seus mais variados espaços de atividades.

Manaus, que outrora vibrou sob fascínio do luxo e riqueza de atividades artísticas, nos primórdios deste século, volta a reencontrar-se com a ARTE, no seu lato sentido indeformável, sério e fervoroso, até, pois esta afirmativa está expressa na frequência que regurgitou, semana passada, no vetusto Teatro Amazonas, por ocasião da exibição do momentoso Festival de Ballet apresentado pela Escola, aqui em Manaus, do ilustre, benquisto e exímio mestre dessa representação cênica, prof^o Arnaldo Peduto, fato

ocorrido entre 5 e 8 deste mês.

Tudo foi sucesso absoluto. O guarda-roupa, impecável. Uma forte emoção invadia os espectadores. Era, novamente, o triunfo que a Arte experimentava em nossa capital, com um palco banhado de luz, como quem sente que algo despertava do adormecido, do passado longínquo naqueles que já conheceram um "Ballet", em Paris, em Roma, em Moscou em Londres, no Rio de Janeiro, em Porto Alegre, em Curitiba e, agora, em Manaus, ponto convergente da cultura universal - mesmo tão distante como se encontra, geograficamente - justamente aqui na terra **Índia-cabóca**, onde há mescla de raças que conosco reside, proveio daquelas regiões que têm os seus dias de trabalho normal, e, na hora do deleite, sabe cultivar a arte e o bom tom.

Cedo ouviram-se os murmúrios de admirações. Todas as participantes daquela noite de gala, para os olhos, para as emoções e para os ouvidos cheios de música e de imagens de interpretações, estavam maravilhosas, sem dúvida alguma. Porém, a unanimidade dos assistentes fixou e concentrou atenção nos passos de uma das primeiras bailarinas, por causa de sua beleza pessoal e de seu alto "requisito técnico" que exige "unidade dramática", como ensinam os mestres do "Ballet", tanto na Escola Francesa, como na Italiana e Russa, propriamente dito.

Tratava-se da bailarina, genuinamente amazonense, menina-moça PATRÍCIA MARQUES DE ANDRADE, filha de outra portentosa discipula de Charles Louis Beauchamp, de emérito saber da arte, autor das cinco posições dos pés, ainda hoje consagradas - senhora LUIZA MARQUES DE ANDRADE, ambas com Curso de Ballet, realizado em Nova York, há pouco tempo.

PATRÍCIA, é, sem favor nenhum, uma revelação incontestê, possuindo vocação para o bailado coreográfico que exige muito talento, nele se impoz desde os cinco (5) anos de idade, ocorrência graciosa e querida, quando sua mãe lhe ensinou os primeiros passos, corrigiu-lhe os primeiros ensaios na forma e nas posições dos movimentos convencionais. Patrícia aprendeu tudo depressa. Amou a arte como quem ama a vida, tornou-se escrava dos sons das notas e da linguagem da dança, dos volteios, do equilíbrio e das corridas suaves como um colibri.

PATRÍCIA, agora com 14 (catorze) anos, é a figura da esperança e das vitórias que a envolverão nos êxitos que a esperam num futuro não muito remoto, para que sua beleza e sua inteligência reflitam o valor intelectual que vibra e emoldura o "status" de sua tradicional família, tal qual vimos nas culturas de seu pranteado avô o emérito desembargador ARTHUR VIRGÍLIO DO CARMO RIBEIRO, de seus primos e tios, e particularmente, de seus pais o nobre e distinto casal doutores MILTON NOGUEIRA MARQUES - OLGA DO CARMO RIBEIRO MARQUES, hoje todos de parabens e, bem assim, a Sociedade amazonense.

PATRÍCIA, no calor de sua infância foi aluna do grande prof^o Adair Di Palma, no início de sua carreira artística, ainda aos cinco anos de idade, quanto, também era acessorado por sua mãe Maria Luiza Marques.

Para melhor ilustrar este modesto trabalho, devemos informar que PATRÍCIA guarda em seu arquivo, com muito orgulho, seu primeiro pergaminho que revela sua capacidade artística aos 14 anos, apenas. Trata-se de um honroso Certificado que atesta sua passagem e diplomação no "JOFFREY BALLET SCHOLL DE NEW YORK".

13/12

Veículo: A Notícia

Data: 13/12/1981

Página: 07

Caderno/Seção: 2º Caderno Colunismo Social (Carlos Aguiar)

★ ANDREAS PAUL BASLER, será apresentado à toda Manaus no próximo dia 2 de janeiro, no Teatro Amazonas. Ele foi contratado pela Superintendência de Teatro do Amazonas para criar o Corpo de Baile daquela casa de espetáculos. As inscrições para todos aqueles que quiserem fazer parte da Escola de Dança do TA, estão sendo realizadas de segunda a sexta-feira, das 14 às 18 horas, no Teatro Amazonas. Habilitem-se.

Anexo A – ID 0048

Veículo: A Notícia

Data: 15/12/1981

Página: 06

Caderno/Seção: 2º Caderno Colunismo Social (Carlos Aguiar)



★ SE VOCÊ AINDA NÃO VIU, NÃO PERCA TEMPO, POIS LOGO MAIS ÀS 21 HORAS O TEATRO AMAZONAS ESTARÁ APRESENTANDO EM GRANDE ESTILO, MAIS UM SENSACIONAL ESPETÁCULO DO GRUPO "DANÇA VIVA". VALE A PENA AGENDAR, POIS REALMENTE É UMA BELEZA. MARCAREI PRESENÇA NOVAMENTE.

Veículo: A Crítica

Data: 15/12/1981

Página: 03

Caderno/Seção: Cidade

Dança Viva repete o “Raça”

Vinte e uma bailarinas, participam hoje à noite, às 21 horas, no Teatro Amazonas, do espetáculo Raça, a ser apresentado pelo grupo “Dança Viva”.

Do show consta músicas de autores latino americanos, famosos pelas suas propostas de trabalho, como Milton Nascimento, Victor Jara, e Mercedes Sosa.

O espetáculo já foi apresentado semana passada no Teatro Amazonas com grande sucesso, o que motivou a sua reapresentação à noite de hoje.

Com a participação exclusiva de artistas locais o show consegue aliar a música latina a dança, num perfeito entrosamento. Os ingressos para o show poderão ser adquiridos no próprio Teatro Amazonas, a partir das 19 horas de hoje.

Veículo: A Notícia

Data: 16/12/1981

Página: 06

Caderno/Seção: 2º Caderno Colunismo Social (Carlos Aguiar)

Ana Botafogo dança no Teatro Amazonas



★ A Academia de Ballet Clássico José Rezende estará trazendo a Manaus para apresentações no Teatro Amazonas nos dias 18, 20 e 21 de dezembro os famosos bailarinos do Teatro Municipal do Rio de Janeiro: ANA MARIA BOTAFOGO (1ª bailarina), FERNANDO MENDES, CLELIA SERRANO e CARLOS LOUZADA.

★ Ana Botafogo e Fernando Mendes dançarão as seguintes peças: "Grand Pas de Deux" de Roméo e Julieta, música de Prokofiev, coreografia de John Crank e Pas de Deux de "A Fada Açucurada" de Cassi Nosete, música de Tchaikovski, coreografia de Dalal / Jchar, Clelia Serrano e Fernando Mendes dançarão o Pas de Deux do "Hom Quixote", música de Minkus e o Pas de Deux de "Bodas de Aurora", música de Tchaikovski, ambas coreografias de Pepita.

★ Os alunos da Academia apresentarão os seguintes números, cujas co-

reografias foram criadas pelo professor José Rezende: "Vida de Artista", música de Strauss; "Pas de Quatre", música de Chopin; "Morédo Cane", música de Saint Saëns e "Dança Campestre", música de Borel Clero.

★ Vê também a Manaus, a convite do Professor José Rezende, a bailarina Madeline Rosay que fará o lançamento do seu livro "Dicionário de Ballet", no Hall do Teatro Amazonas, no dia 19 de dezembro.

★ Uma curiosidade: Ana Botafogo é descendente do amazonense. Sua bisavó era D. Germina Paes, casada com Francisco Marques de Lima Bastos, oficial da Marinha Mercante que, segundo consta, foi Capitão dos Portos de Manaus na primeira década do século.

★ Sua avó residiu em Manaus até os 17 anos, quando seus pais se transferiram para Belém.

Anexo A – ID 0051

Veículo: Jornal do Comércio

Data: 18/12/1981

Página: 03

Caderno/Seção: Caderno Política



Ana dança no Teatro Amazonas

Ana Botafogo vem dançar no Teatro Amazonas

No período de 19 a 21 deste mês, a primeira-ballerina do Teatro Municipal do Rio de Janeiro, Ana Botafogo, juntamente com mais três bailarinos do Corpo de Baile daquele teatro, se apresentarão no Teatro Amazonas, atendendo a um convite formulado pelo Professor José Rezende.

Ana Botafogo, vêm despontando no cenário artístico brasileiro, como a grande dama do ballet nacional. Contracenará com Fernando Mendes, interpretando o Grand Pas de Deux de "Romeu e Julieta", música de Prokofiev, coreografia de John Cranko, e o Pas de Deux de "A Fada Açucarada", música de Tchaikovski, coreografia de Dalal Achcar.

Os outros bailarinos, Clélia Serrano e Carlos Louzada dançarão o Pas de Deux de "Dom Quixote" e o Pas de Deux de "Bodas de Aurora" em coreografia de Petipa.

Os alunos da Academia de Ballet Clássico José Rezende, participarão do espetáculo dançando, entre outras peças, "La Vie et La Mort", de Villa Lobos; "Casa de Bonecas", de L. Steaborg; "Bataque", de Alberto Nepomuceno; "Morte do Cisne" de Saint Saenz, todas elas com coreografias criadas pelo professor Rezende, que mantém sua Academia de Ballet clássico em Manaus, desde 1976. Rezende iniciou seus estudos de dança no Teatro Municipal do Rio de Janeiro, ingressando logo no Corpo de Baile, tendo sido aluno de Maria Oleneva, Leda Tuqui e Arthur Ferreira, entre outros. Fez várias tournées pela Europa nas Companhias de Rex Reed, coreógrafo do "Australian Ballet", onde trabalhou nos maiores centros da Europa na Riviera Francesa, e Italiana, Cassino de Veneza e Cassino de Maiorca ao lado do bailarino Pedro de Córdoba, que foi considerado o Picasso da dança espanhola.

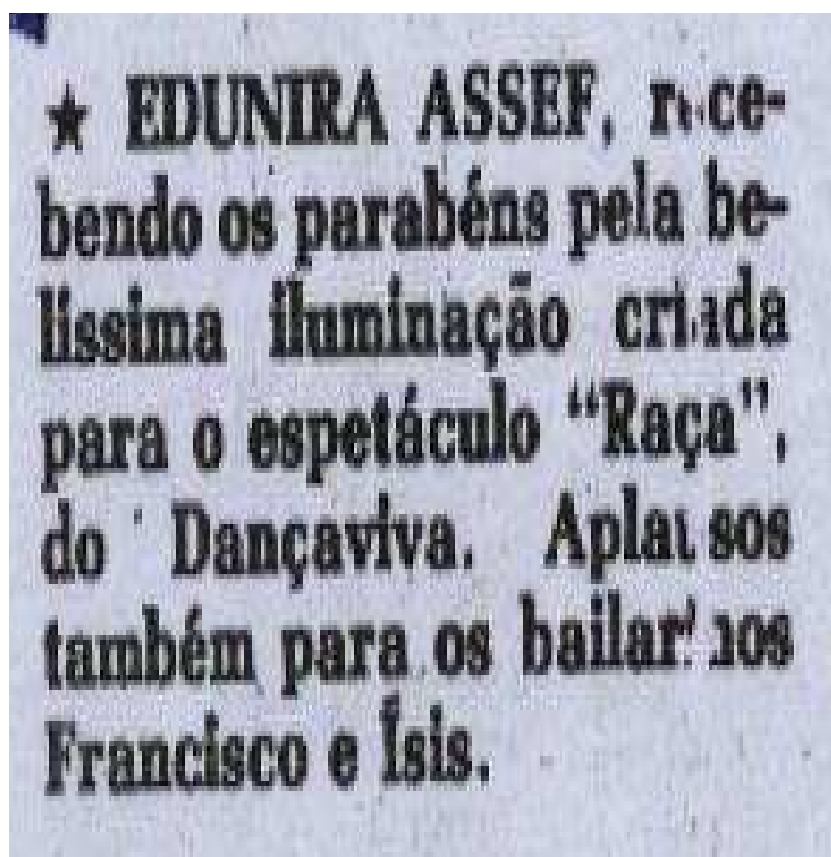
Anexo A – ID 0052

Veículo: A Notícia

Data: 18/12/1981

Página: 06

Caderno/Seção: 2º Caderno Colunismo Social (Carlos Aguiar)



★ EDUNIRA ASSEF, re-
bendo os parabéns pela be-
líssima iluminação criada
para o espetáculo "Raça",
do Dançaviva. Aplausos
também para os bailarinos
Francisco e Isis.

Anexo A – ID 0053

Veículo: Jornal do Comércio

Data: 19/12/1981

Página: 03

Caderno/Seção: Cidade

ANA BOTAFOGO estréia amanhã no T. Amazonas

A primeira-bailarina do Teatro Municipal do Rio de Janeiro, ANA BOTAFOGO, e mais três bailarinos do Corpo de Baile daquele teatro se apresentarão no Teatro Amazonas nos dias 19, 20 e 21 deste mês atendendo a um convite formulado pelo Professor José Rezende.

Ana Botafogo, que vem despontando no cenário artístico brasileiro como a grande dama do ballet nacional, contracenará com Fernando Mendes interpretando o Grad Pas de Deux de "Romeu e Julieta", música de Prokofiev, cenografia de John Cranko, e o Pas de Deux de "A Fada Açucarada", música de Tchaikovski, coreografia de Dalal Achcar.

Os outros bailarinos, C'élia Serrano e Carlos Louzada dançarão o Pas de Deux de "Dom Quixote" e o Pas de Deux de "Bodas de Aurora", ambas coreografias de Petipa.

Os alunos da Academia de Ballet Clássico José Rezende participarão do espetáculo dançando, entre outras peças, "La Vie et La Mort", de Villalobos; "Casa de Bonecas", de L. Stresborg; "Batuque", de Alberto Nepomuceno, "Morte do Cisne" de Saint Saenz, todas elas com coreografias criadas pelo Professor Rezende.

O Professor José Rezende, que mantém a sua Academia de Ballet Clássico em Manaus, desde 1976, iniciou seus estudos de dança no Teatro Municipal do Rio de Janeiro; ingressando logo no Corpo de Baile, tendo sido aluno de Maria Oleneva, Leda Luqui e Arthur Ferreira, entre outros.

Aperfeiçoou seus conhecimentos no exterior onde, na Suíça, estudou com Boris Kniassef, em Paris, com Nora Kisse e Mme. Preobajenska e em Londres com Rex Reed.

Em seu vasto currículo consta a sua participação na inauguração do Teatro Castro Alves da Bahia com a Companhia Nacional de Ballet, em 1967. Participou do Ballet Brasileiro da Bahia com os bailarinos Márcia Haydée e Richard Cragun, sob a direção de Dalal Achcar.

Participou também do Ballet de Nina Verchinina como solista, interpretando a "Dança dos Negros" de Frutuoso Viana, peça esta que foi criada especialmente para ele.

Fez várias tournées pela Europa nas companhias de Rex Reed, coreógrafo do "Australian Ballet" onde trabalhou nos maiores centros da Europa na Riviera Francesa e Italiana, Cassino de Veneza, Cassino de Majorca ao lado do bailarino Pedro de Córdoba que foi considerado o Píccasso da dança espanhola.

Veículo: A Crítica

Data: 19/12/1981

Página: 07

Caderno/Seção: Colunismo Social Gente Gil

Nesta noite, no Teatro Amazonas, ballet

★ O Teatro Amazonas abre suas portas, neste sábado, para uma **openning** de ballet com um espetáculo que contará com alguns dos melhores bailarinos destes brasis: Ana Botafogo, Fernando Mendes, Clélia Serrano e Carlos Louzada.

— Vem estes bailarinos do Teatro Municipal-Rio, a convite da Academia de Dança "José Rezende". Que terão **performance** inesquecível.

★ Apresentarão os **pas de deux** de "D. Quixote", "O Pássaro Azul", "O lago dos Cisnes" e "Sylphides".

★ Ana Botafogo realizou com o Ballet de Marseille uma **tournee** pela Europa e foi **sollista** em temporadas em Paris, dançando no Teatro Gabriel do Palácio de Versailles, inclusive, com o patrocínio do ex-presidente Giscard d'Estaing, num **gala** em homenagem à Legião de Honra francesa. Esteve participando do Festival Internacional de Dança de Lausanne (Suíça) e no Encontro Internacional de Dança de Veneza (Itália). Integrou o International Ballet de Londres a convite de Stevenson e Larry Long. Em 77, levada por Dalal Aschar, foi **partnaira** do primeiro bailarino do American Theater Ballet, Fernando Bujones, dançando nos espetáculos "Gála de Ballet".

— Ana Botafogo é descendente de amazonenses de Manaus. Sua bisavó, d. Gemina Paes, casada com Francisco Marques de Lemos Bastos, oficial da Marinha Mercante, foi Capitão dos Portos nesta capital, na primeira década deste século. Sua avó residiu na Verdecap até os 17 anos, quando seus pais se transferiram para Belém.

★ A apresentação do espetáculo desta noite será feita por Madeleine Rosay que, em seguida, estará autografando o seu livro "Dicionário de Ballet", no hall desse Teatro.

★ Antes de **pendurar as sapatilhas**, Madeleine (Magdalena Rosenzweig) Rosay foi a **prima ballerina** do Teatro Municipal-Rio.

★ E Clélia Serrano tem curso da Royal Academy of Dance e foi o ponto máximo no concurso Internacional de Ballet de Moscou, no Teatro Bolshoi.

Veículo: Jornal do Comércio

Data: 19/12/1981

Página: 21

Caderno/Seção: Aqui Arte

AQUI ARTE

em 22 de dezembro de 1808, na sua primeira "Academie" com obras de sua autoria.

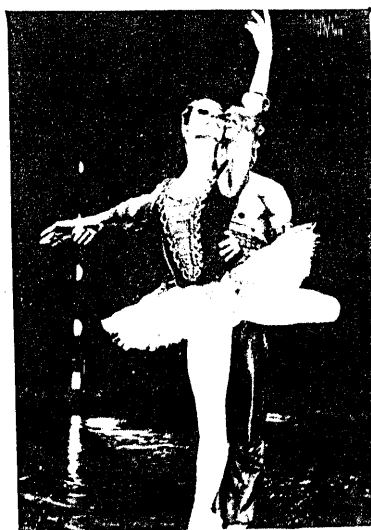
TRES NOITES DE BALÉ

A CADEMIA DE BALLET "JOSÉ REZENDE" programou para ontem, dia 19, ainda nos dias 20 e 21, três noites de apresentações com os grandes artistas atuais do balé brasileiro. Destaca-se ANA BOTAFOGO que é carioca de nascimento mas descendente de amazense daqui de Manaus. Sua bisavó era D. Gemina Paes casada com Francisco Marques Lemos Bastos, oficial de Marinha Mercante e que, segundo consta, foi

Capitão dos Portos de Manaus na primeira década do século. Outros grandes nomes: FERNANDO MENDES, CLÉLIA SERRANO e CARLOS LOUZADA. Da "prata da casa" destacam-se MONICA BONFIM e WALDENIZE BARRADA.

Ontem houve ainda a incomparável MADELEINE ROSAY (que tivemos a satisfação de ver dançar durante muito tempo no Teatro Municipal do Rio de Janeiro, onde despontava com "prima-ballerina") autografando seu livro DICIONÁRIO DO BALLET, no hall do Teatro.

Estivemos na festa e vamos comentá-la com detalhes na próxima Coluna. A foto que ilustra esta notícia é de ANA BOTAFOGO.



Veículo: A Crítica

Data: 20/12/1981

Página: 04

Caderno/Seção: Caderno Vida Arte

DANÇAVIVA: GESTOS DE ESPERANÇA



Por entre as concepções do "balo-extraordinário" enfocadas pelos inúmeros grupos de dança deste país, que confundem e formulam conceitos coreográficos e os definem, equivocadamente, através de seus espetáculos de fim de ano, ratificando entre nós os padrões "hollywoodianos" ou mesmo imbuídos da qualidade da "fidelia global", eis que nos deparamos com o resultado, de apenas nove meses de trabalho, do grupo Dançaviva. Digo nove meses, portanto, felizmente, resultado de um "parto" feliz... em meio de tantas adoções.

Com uma proposta de trabalho próxima à nossa realidade, transbordando em latinidade nas músicas e nos gestos, o Dançaviva vem se delineando a partir da própria prática do grupo, tentando, sobremaneira, sobrepor essa proposta aos interesses individuais de cada um de seus componentes. Busca-se, embora que para muitos pareça impossível, a participação coletiva e o total entendimento desses primeiros passos do grupo, não somente no que diz respeito à dança enquanto arte, mas também suas implicações e seus entrelaços econômicos e socioculturais.

O Dançaviva, sob a coordenação de Conceição Souza, planeja levar o resultado do seu trabalho até os locais mais diversos, tais como: comunidades de bairros, associações, sindicatos, clubes, expandindo assim o seu campo de ação, numa troca de experiência e aprendizado que, com certeza, ocorrerá no contato com esse novo público.

Mas não é só por isso que o grupo Dançaviva surpreende a muitos neste final de temporada. O espetáculo "Raça", apresentado nos dias 12, 13 e 15 passado, no Teatro Amazonas, traz em seu bojo o grito de vitória das gargantas oprimidas da nossa América — longe de parearmodismo — além da feliz escolha do repertório musical e da beleza de suas coreografias, por sobre um cenário leve e criativo, de enorme impacto visual, assinado por Théo Correa.

Da agressividade de "Raça", música de Milton Nascimento que dá nome ao espetáculo à "Há uma criança na Rua", poema de Armando Tezeda, belssimamente explorado pelo conjunto, o Dan-

çaviva leva-nos ao envolvimento emocional em "Duerna Negro", de A. Yupanqui; "Negrita Martina", de Daniel Viglietti; "Te Recuerdo Amanda", de Vitor Jara; "Promessas de Sol" e "Bela Bela", ambas de M. Nascimento, tendo as três últimas sido coreografadas por todo o grupo.

"Suono com Serpentes", de Silvio Rodrigues, peça que compõe a terceira parte do programa, bem como as demais, contg com a participação de Ida Viôncina ao lado de Conceição Souza na coreografia, partindo dessas duas mulheres, há tempo já ligadas à dança, a iniciativa da formação do Dançaviva. Na primeira parte do programa, assiste-se o conjunto em Valsa, de Strauss; "Luzes da Ribalta", de C. Chaplin; esta com o solo de Ana Lúcia Araújo; "Jazz", de P. Henry e "Rock", de Bernstein.

O Dançaviva de hoje se apresenta com o corpo de dança formado por Ana Lúcia Araújo, Clauda Batista, Claudia Rocha, Claudio Silva, Djalmá Cosmos, Fátima Tribuzi, Francisco Cardoso, Frassinetti, Andréia, Isa Kokav, Jayme Tribuzi, José Montenegro, Kleber Monteiro, Maria Marti, Meire Vieira, Mary Teixeira, Paulo Saraua e Socorro Teixeira, coordenação de Conceição Souza; assistente de direção, Francisco Cardoso; iluminação de Edunys Assaf; sonoroplastia de Mauri Nunes; figurinos, maquiagem e cenários de Théo Correa.

A ESCOLA

A idéia de formação da criação de um núcleo de dança contemporânea, partiu das discussões iniciais entre Conceição Souza e Ida Viôncina, que apegadas ao campo cultural autocrônico, não mediram esforços para a concretização do plano. Ai, aparece a Academia Dançaviva, em março de 81, à Rua Monsenhor Coutinho, 341.

Atualmente a escola Dançaviva conta com sessenta alunos, entre adultos e crianças e funciona à Av. Sete de Setembro, 1458, embora nem todos os componentes da escola sejam os que dão forma ao corpo de dança.

Conceição Souza inicia-se no "ballet" aqui mesmo em Manaus, através do bailarino Adair e posteriormente com o professor

Resende, quando após algum tempo de prática vai a São Paulo passando pelo Ballet Stagium e exercitando-se com: Ismael Quizer.

Ida Viôncina inicia-se no Rio Grande do Sul, sua terra natal, indo até São Paulo e por fim, o, que é muito bom para nós, fixando-se em Manaus.

Já em maio de 81, dois meses após sua fundação, o Dançaviva já trazia a público o resultado de seus exercícios e experiências, durante a III Mostra de Teatro Infantil, no mesmo Teatro Amazonas, deixando patente a todos que o assistiram a clareza e o compromisso de uma proposta assumida, assim, como se fosse explicado antes ou após o espetáculo: olha, gente... é isso aí que nos vamos tentar.

Tentaram e ousaram e bem souberam fazer. Hoje, após as apresentações de 12 e 13 deste mês que linda, levados pela receptividade do público e pela insistência de pedidos para uma terceira apresentação, o grupo fez no dia 15 seu último espetáculo do ano no Teatro Amazonas.

Fielis a linha de trabalho geradora da escola e posteriormente ao corpo de dança, o grupo parece que vai continuar ousando. Segundo sua coordenadora, Conceição Souza, alguns dos componentes do Dançaviva seguem para São Paulo em cursos de férias e pretende-se, num próximo trabalho, a pesquisa aprofundada sobre lendas e histórias amazônicas ao lado do trabalho de compositores amazônenses como: Arnaldo Rebello, Claudio Santoro e outros.

Ainda segundo Conceição Souza, estão nos planos do grupo, a partir de 82, a participação deste na IV Mostra de Teatro Infantil.

Aos que ainda não tiveram a oportunidade de conferir, hoje, às 10 horas, na sede social do Bancoveia (Av. Getúlio Vargas) na festa do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Amazonas, o Dançaviva faz parte de seu espetáculo "Raça", como, talvez, despedida deste ano que linda.

Se é imprescindível que os homens trabalhem a vida toda para que se altere o curso do rio, conforme disse Bertold Brecht, é necessário que o Dançaviva experimentalmente e dance a vida toda.

BIBLIOTECA
M. A. S. -
MANAUS

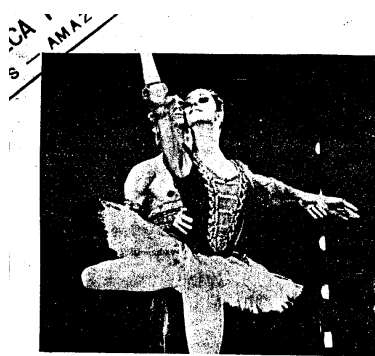
Anexo A – ID 0057

Veículo: A Crítica

Data: 20/12/1981

Página: 04

Caderno/Seção: Caderno Vida Arte



ANA BOTAFOGO SE APRESENTA NO TEATRO AMAZONAS

A Academia de Ballet Clássico José Rezende promove no Teatro Amazonas, hoje e amanhã, a apresentação dos bailarinos do Teatro Municipal do Rio de Janeiro, Ana Botafogo (primeira bailarina), Fernando Mendes, Clelia Serrano e Carlos Louzada, que interpretarão as peças Grand Pas de Deux de "Robeu e Julieta", música de Prokofiev, com coreografia de John Cranko; Pas de Deux de "Dom Quixote", música de Minkus com coreografia de Petipa; Pas de Deux de "A Fada Aquariana" de Cassi Nosete, música de Tchaikovski, com coreografia de Dalal Achcar e Pas de Deux de "Bodas de Aurora", música de Tchaikovski, coreografia de Petipa.

Os alunos da Academia também se apresentarão nesses mesmos dias dançando "Vida de Artista", música de Strauss; "Pas de Qua tre", música de Chopin; "A Morte do Cisne", música de Saint Saens; e "Dança Campestre de Borel Clero, entre outras, todas elas coreografadas pelo bailarino José Rezende.

Ana Botafogo, a grande presença desta temporada de ballet que vem se desenvolvendo no Teatro Amazonas, como de hábito no mês de dezembro, está despontando no cenário nacional como a Primeira-Dama do ballet clássico brasileiro.

A criatura pequena, de corpo frágil, Ana Botafogo, (23 anos), foi aplaudidíssima pela sua interpretação da salitante Swanilda de Coppélia", contrastando com o consagrado Fernando Bujones no Teatro Municipal do Rio de Janeiro em

Junho deste ano, com quem voltaria a dançar no Teatro Nacional de Brasília, em setembro, quando um punhado dos seis famosos nomes do balé mundial se reuniu num espetáculo de gala para arrecadar fundos para o Mangrial JK.

Ana Maria Botafogo estudou com Leda Luqui aqui no Brasil, transferindo-se em 1974 para Paris onde aperfeiçoou seus conhecimentos na Academia de Paul Goubbé, dançou com Roland Petit e há um ano está no Corpo de Balé do Teatro Municipal do Rio de Janeiro.

Atualmente, Ana Botafogo, viu-se transformada em mito pela imprensa do país, arrancando entusiásticos comentários como o de Suzana Braga — crítica de dança do Jornal do Brasil — que, ao referir-se à sua interpretação de Swanilda, disse o seguinte: "Ana Botafogo, enloqueceu o público com seus fantásticos equilíbrios".

DICIONÁRIO DE BALLE

Antes de começar o espetáculo, a bailarina Madeline Rosay (que também virá a Manaus, a convite do Professor José Rezende), estará lançando o seu livro "Diccionario de Ballet", no Hall do Teatro Amazonas. Madeline Rosay, que começou a dançar aos 8 anos, de idade, estudou com Maria Olenewa e Vasilav Velichok, e em 1949 foi diretora da Escola de Dança do Teatro Municipal. Apreteçou a sua técnica em vários cursos feitos no exterior, entre eles no Royal School of Ballet de Londres e no American Ballet Theatre de Nova Iorque.

Anexo A – ID 0058

Veículo: Jornal do Comércio

Data: 22/12/1981

Página: 02

Caderno/Seção: Opinião



BALLET JOSÉ REZENDE APLAUDIDO NO TEATRO

Com grande sucesso, o corpo de baile do professor José Rezende encerrou sua temporada de dança no Teatro Amazonas, ontem, quando a platéia aplaudiu fortemente as alunas da Academia de Balé Clássico de Manaus.

O professor José Rezende, que mantém sua Academia de Ballet Clássico desde 1976, iniciou seus estudos de dança no Teatro Municipal do Rio de Janeiro, ingressando logo no Corpo de Baile, tendo sido aluno de Maria Oleneva, Leda Izquier e Arthur Ferreira, entre outros.

Aperfeiçoou seus conhecimentos no exterior onde, na Suíça, estudou com Boriskniassef, em Paris com Nora Kisse e Mme. Preobajenska e em Londres com Rex Reed. Em seu vasto currículo consta a

sua participação na inauguração do Teatro Castro Alves, da Bahia com a Companhia Nacional de Ballet, em 1967. Participou do Ballet Brasileiro da Bahia com os bailarinos Márcia Haidée e Richard Cragun, sob a direção de Dalal Achcar.

Participou também do Ballet de Nina Verchinina como solista, interpretando a "Dança dos Negros" de Frutuoso Viana, peça esta que foi criada especialmente para ele.

Fez várias tournées pela Europa nas companhias de Rex Reed, coreógrafo do "Australian Ballet", onde trabalhou nos maiores centros da Europa na Riviera Francesa e Italiana, Cassino de Veneza, Cassino de Maiorca ao lado do bailarino Pedro de Córdoba que foi considerado o Picasso da dança espanhola.

Veículo: Jornal do Comércio

Data: 24/12/1981

Página: 15

Caderno/Seção: Aqui Arte



Numa história da dança desde sua origem, passamos inicialmente por uma fase que alguns autores consideram-na como simples ritual. Daí passou-se à dança de salão, como recreação, em seguida à dança folclórica e, no século XVI à dança da corte que veio dar origem ao balé clássico, acadêmico e romântico. É geralmente aceita a data de 1581 como do surgimento do que se considera o primeiro balé conhecido: "Balé comique de La Royné" dado em Paris naquela época. A dança era então muito formal: gavotas, minuets, chacons etc. e as vestes pesadas, com muitos babados e rendas. Somente no século XVIII, com a grande bailarina Camargo (1710-1770) introduziram-se grandes inovações, principalmente no vestuário e surgia o chamado "balé de ação" em que as roupas também faziam parte da representação. No início do século XIX grandes mestres do balé tornaram-se conhecidos: Dauberval, Caetano Vestris e Pierre Gardel. A dança nas pontas dos pés, hoje tão comum, surgiu em 1814 e uma das bailarinas mais fofas que se especializou nisto foi Marie Taglioni (que dançou de 1822 a 1847). Um movimento romântico começou a tomar conta do balé; os trajes foram se tornando mais leves e mais curtos até a criação do "maillot" inventado por um parisiense deste nome. E no século XIX surgiram os grandes autores de música de balé: "Giselle" de Adam (1841) é até hoje um clássico do balé e em 1870 apareceu "Coppélia" de Delibes que marcou época.

Nas óperas começou-se a exigir a dança em qualquer de seus atos. Os compositores tinham que se curvar às exigências e é sabido o caso da estréia da ópera da Wagner "Tannhauser" em Paris, que foi pateada até que o mestre introduziu um balé no seu drama, para aplacar a fúria dos espectadores. E assim o balé foi se desenvolvendo tornando-se logo um balé moderno, e hoje, falta-se não mais em balé, mas em "dança expressiva".

A dança hoje é uma verdadeira arte e a grande diferença entre o balé clássico e a dança expressiva está na espontaneidade dos movimentos e gestos.

E nas noites de 19, 20 e 21 passados, tivemos em nosso Teatro Amazonas tanto demonstração de balé clássico como de dança expressiva: a Academia do professor José Rezende brindou-nos com espetáculos inesque-

cíveis, todas as três noites com pontos de destaque. Destacamos entre as alunas de José Rezende MONICA BONFIM que deu-nos uma "Morte do Cisne" com uma expressividade notável, especialmente nos movimentos dos braços. Já VALDENIZE BARRADAS mostrou a dança expressiva em "La vie et la mort" com coreografia de José Rezende, de uma maneira categórica e também de grande sentimento.

Entre os artistas visitantes não há dúvidas que ANA BOTAFOGO foi a expressão máxima. Com grande versatilidade a grande artista interpretou os "pas-de-deux" da suite "Quebra Nozes" de Tchaikowsky e de "Romeu e Julieta" de Prokofieff; seu "partner" foi Fernando Mendes. Os dois demonstraram um entrosamento perfeito e, repetimos Ana Botafogo justificou plenamente o prestígio que atualmente tem no balé brasileiro. Também outros dois grandes bailarinos: CLELIA SERRANO e CARLOS LOUZADA prenderam a atenção de todos que compareceram ao nosso T.A. Para alegria dos jovens presentes, José Rezende não esqueceu-se de incluir no programa algumas danças infantis que serviram precisamente para o começo, talvez, de grandes carreiras na difícil arte que é o BALÉ.

Outro ponto alto da programação da Academia José Rezende, foi a hora de autógrafos de MADELEINE ROSAY em seu livro "Dicionário de Ballet", já em sua terceira edição. E aproveitamos as palavras de Pascoal Carlos Magno: "Madeleine Rosay pertence à história da nossa dança... depois de haver sido uma das nossas primeiras bailarinas - de muita sensibilidade e técnica perfeita - tornou-se uma de nossas mestres mais importantes... escreveu este "Dicionário de Ballet" que será extremamente útil aos que se devotam ao balé, profissionais ou amadores, residentes nos grandes centros urbanos ou em rincões longínquos".

Parabéns ao professor JOSÉ REZENDE e toda sua equipe pelos belos momentos que nos proporcionou neste deserto de manifestações verdadeiramente artísticas, que infelizmente ainda é nossa Manaus. E só lamentamos que o som do Teatro Amazonas - que deveria ser de primeira qualidade pois vivemos na Zona Franca de Manaus com indústrias especializadas - ainda seja aquilo que se viu, mas que foi, graças a Deus superado pelos artistas.

Anexo A – ID 0060

Veículo: Jornal do Comércio

Data: 24/12/1981

Página: 15

Caderno/Seção: Notas Soltas

NOTAS SOLTAS



- Madeleine Rosay em companhia de José Rezende na noite de 19 passado quando a grande bailarina apresentou seu livro "Dicionário de Ballet". (Foto Vicente)



Madeleine Rosay autografando seu livro no hall do Teatro Amazonas.

Veículo: A Crítica

Data: 31/12/1981

Página: 03

Caderno/Seção: Cidade

Teatro terá um grupo de danças

Ocorrerá no próximo dia 04 de janeiro, às 9 horas (manhã), a aula inaugural do estúdio de danças do Teatro Amazonas que terá como professor o bailarino Andreas Paul Basler, formado na Brookling School and General Education, em Londres, e membro efetivo da "Imperial Society of Teachers of Dancing".

A Superintendência de Teatro do Amazonas pretende com o estúdio criar o corpo de ballet daquela casa de arte e deverá proporcionar também o surgimento e a continuidade de talentos artísticos.

Segundo o superintendente José Lindoso, trata-se de um empreendimento destinado à comunidade no sentido da arte cada vez mais voltada para o social.

Mais de cento e cinquenta inscrições já foram feitas, uma vez que foram criadas várias turmas nos horários diurnos e noturnos. Os interessados podem procurar o setor de produção artísticas do Teatro Amazonas.

1982

Veículo: A Crítica

Data: 03/01/1982

Página: 03

Caderno/Seção: Cidade

Teatro fará curso para bailarinos

A Superintendência de Teatro do Amazonas estará promovendo no próximo dia 04 às 9 horas da manhã, a aula inaugural do estúdio de danças do Teatro Amazonas, que terá como professor o bailarino Andreas Paul Basler, responsável pelo futuro corpo de ballet daquele teatro.

Andreas fez o curso profissionalizante de dança clássica na "Brooking School and General Education", em Londres, onde também é membro efetivo da Imperial Society of Teachers of Dancing, uma sociedade somente para profissionais, bastante conceituada em toda Europa.

Segundo o superintendente, Joselito Lindoso, o estúdio deverá proporcionar o surgimento e a continuidade de talentos artísticos dentro de tal modalidade de arte.

Segundo o superintendente, Joselito Lindoso, o estúdio deverá proporcionar o surgimento e a continuidade de talentos artísticos dentro de tal modalidade de arte. "É um empreendimento destinado à comunidade no sentido de uma produção cada vez mais voltada para o social". Concluiu.

Anexo A – ID 0061

Veículo: A Crítica

Data: 07/03/1982

Página: 03

Caderno/Seção: Cidade

NOITE DE ARTES NO T. AMAZONAS



Coral da UA também participou da noite.

Inúmeras autoridades estiveram presentes, na noite de ontem, no Teatro Amazonas prestigiando a "Noite de Arte Amazonense" oferecida pela SUFRAMA como parte dos eventos comemorativos dos 15 anos da Zona Franca de Manaus.

A Noite de Arte Amazonense contou com a participação do Coral do Teatro Amazonas regido pelo Maestro Dirson Costa; do Balet da Academia de Jazz de Arnaldo Peduto que apresentou no estilo Jazz moderno as músicas "No tabuleiro da baiana", "New York, New York", e "Begin the Begin", além de uma apresentação de um número especial de Jerusa Mustafa, ao piano. Na segunda parte do espetáculo houve a apresentação do poeta Thiago de Mello, que declamou inúmeras de suas poesias e no encerramento da noite, a apresentação do artista Armando Souza Lima, que desde há muito não se apresentava em nossa cidade,, e é conhecido nos meios nacionais como o "Rei do Solovox", instrumento que o projetou.

Anexo A – ID 0062

Veículo: A Crítica

Data: 19/04/1982

Página: 03

Caderno/Seção: Cidade

Conjunto de danças foi maltratado

Após fazer uma apresentação semana passada em Boa Vista, Roraima, durante a escolha de Miss Roraima 82, o grupo Dança Viva, de Manaus, teve seu número encerrado por ordem do governador do território, Otomar de Souza Pinto, que alegou "monotonia" da apresentação.

Integrantes do grupo, ao informar sobre o incidente, disseram que a intenção do "Dançaviva" era expandir seu campo de trabalho "levando seu produto artístico à todas as camadas sociais e em todo lugar. Foi assim que, com a ajuda de algumas pessoas de bom senso daquele território, o grupo conseguiu chegar, atravessando rios em canoas e se atolando nos lamaçais da sofrível BR-174", explicaram.

Alegaram também que um grande número de pessoas lotavam o Ginásio Hélio Campos, onde haveria além da apresentação do grupo de dança, o concurso para escolha da Miss Roraima 82. "Ainda não havia sido apresentado a último e mais importante coreografia — justificaram — quando o sr. Otomar Pinto mandou encerrar o espetáculo".

Os integrantes do "Dançaviva" lamentaram o acontecimento, "pois o público, por mais que estivesse apitado pela escolha da miss, assistia atento o trabalho do grupo" e levantam a dúvida de que "o Sr. Otomar Pinto talvez nunca tenha assistido um espetáculo de dança, por isso achou-o monótono".

Veículo: A Crítica

Data: 01/07/1982

Página: 05

Caderno/Seção: Cidade

MANAUS TERÁ UM ESTÚDIO DE ARTE

educar através da arte. Este é o principal objetivo do Staam Estúdio de Artes do Amazonas, a ser inaugurado no próximo dia 24, no Jardim Europa, estrada da Ponta Negra.

A coordenadora do estúdio, Maria do Céu Sampalo, justifica a criação do local como uma necessidade de um espaço alternativo, onde as pessoas possam praticar natação, jogar voleibol, aprender dança, fazer sauna e ginástica.

Autora do livro "Música e Movimento", dançarina profissional pela Universidade Federal da Bahia em 1973 e licenciada em dança pela mesma universidade, em 1977,

com cursos de acordeon, bateria, flauta block e vários de dança, Maria do Céu Sampalo, justifica a instalação do estúdio na estrada da Ponta Negra "como uma necessidade de se retirar esse pessoal do centro".

Segundo afirma, o estúdio oferecerá ainda "estacionamento" — local para os pais deixarem seus filhos — um bar drink, além de quadra para voleibol e tênis.

As aulas tanto de dança, quanto de natação, voleibol, e ginástica, serão ministradas através de professores especialistas, muitos dos quais, segundo Maria do Céu, da Universidade do Amazonas.

Veículo: A Crítica

Data: 10/07/1982

Página: 05

Caderno/Seção: Cidade

“XOPINGUE SENTER” ESTRÉIA NO DIA 27

O espetáculo “Xopingue Senter” (shopping center) de autoria de Gerson Albano, músicas de Torrinho e coreografias de Conceição Souza, estará fazendo sua estreia nacional no próximo dia 27 de julho no Teatro Amazonas, às 21 horas, em apresentação única uma vez que fora convidado para participar, especialmente, do Festival de Inverno de Campina Grande — Paraíba, evento cultural este que reúne os mais expressivos grupos do teatro amador de todo país.

Nesta montagem o grupo partiu de uma proposta do autor (o texto) para um trabalho de ousada criatividade, quanto a concepção cênica, que plenamente transmite a

reforça todo o clima encontrado em sua forma literária e daí repassado para palco, efetivando todo um processo de comunicação com o público.

“Xopingue Senter” fala do processo de colonização cultural que sofre a região, sem contudo deslizar e conter-se dentro dos limites do regionalismo, mas sim buscando, e bem agressivamente, uma universalidade na sua forma e conteúdo.

No elenco estão: Francisco Cardoso, Beckinha, Paulo Barauna, Mário Freire, Ozi Cordeiro, Luz Marina Lóris, Théo Correa, David Almeida e a atriz especialmente convidada, Ednelza Sardo.

Veículo: A Crítica

Data: 24/07/1982

Página: 05

Caderno/Seção: Revista Nacional

Página 5

“XOPINGUE SENTER ou AMOR AMAZONENSE”

“MARCO NA HISTÓRIA DA ARTE MANAÚ:”

Teatro AFONSO MARCHLIO
Fones: CARLOS DALL

A estréia nacional de "Xopingue Senter", de Sérgio Vieira Cardoso — autor amazonense que além de desenvolver o talento artístico através das artes plásticas e no teatro, é um homem de grande envergadura no atual panorama das ciências sociais, onde, com seus 28 anos de idade, conquistou um admirável respeito através da advocacia — que se realizará no Teatro Amazonas no dia 27 (terça-feira seguinte à primeira), além de "Xopingue", a promoção ao âmbito da arte local, constitui um importante marco na história do Teatro Amazonas.

EM BUSCA DA AUTENTICIDADE

Por que Xopingue Senter? Porque no Shopping Center tem tudo, e o Shopping Center dá a "sua assistente" — com essa dinâmica, portanto, nas primeiras horas, toda uma gama de questionamentos que transcorrem até o final do espetáculo, aliás, até os momentos que encerram a função, pois, por sua própria proposta, o espetáculo não tem "tomado" e "não tem" — desenvolvendo, nestas, de uma forma teatral, nossas (amazonenses) e por ser este um compromisso de profunda reflexão e responsabilidade, conciliar e limitar no tempo uma de suas primeiras manifestações artísticas. O importante é "responder", mesmo, as características do que se possa dizer Teatro Amazonas. "Por exemplo" quando se vê um trabalho noturno, está na cara. Suas (amazonenses) já estão desenhadas. — Dinara Edineza Sahado, atriz convidada e que é uma das peças-chaves neste trabalho de busca e definição do "nosso teatro", já que sua personagem sequer existe no texto original. Ela é uma personagem "bionica", que permanece desde a primeira cena até o encerramento da função no "balcão", entremando com um "desempenho" "aut-genera" o argumento do autor, projetando a todo instante a "tábua" no panorama da peça.

DEPOIMENTOS

"Pra mim Xopingue Senter é uma obra experiente, uma busca de inovações do teatro contemporâneo, levando-o do convencional até cenas mais ousadas, quando temos que saborear a dança, para um resultado amadurecido de arte que engloba as atividades do homem no seu dia-a-dia. Assim, creio que se compõe a montagem do texto,



A magia estanca em um momento...
... não é político-cultural e artístico...
Gerson Albano, o incansável diretor do espetáculo, orienta a atriz Edineza Sahado e Dal Cordeiro em uma seqüência "cinematográfica".

... onde persiste, interagindo-se, o drama antropológico.

também, o pensamento de visitar Roraima, Rondônia e Acre, fazendo apresentações e também pesquisas que reforçariam a definição cênica do que Sérgio Vieira denomina "a alma cultural amazônica".

CRIAÇÃO

Importando em 80 dias de ensaios "torreados" até a data de estreia, e com um grupo de artistas de várias áreas (bailarinos, artistas plásticos, músicos, "orquestrais" e folcloristas), passou por vários estgios. O diretor Gerson Albano, considerando um dos melhores da região e que conta com uma vasta experiência, não praticamente 20 anos de trabalho que começou

na periferia, passou pelo T.A. nos idos de 60 (já com o teatro do Aburdo, com ingressos "livres" do saudoso TESC — desde a época de Nelson Manon — e vários trabalhos com elenco miscigenado por grupos diversos, vide SEM RAIZES, de Plínio Valério, apresentada em 1981), é um homem de grande talento e grande envergadura — um incansável, diz de sua assistente, Edineza Sahado, que também participou da evolução do trabalho, sem "descuidar-se" do elenco que ensala "intermittentemente". — É incrível, trabalha-se com bailarinos como "trinta" de espetáculo, dando-lhes partes consideráveis no diálogo, al-pensa-se em exigir mais dos atores em termos coreográficos,

surgem problemas, parte-se para outras soluções... existem limitações ao lado de vertiginosas e surpreendentes "virtudes". O elenco vive constantes surpresas, é necessário "alfiar" tudo constantemente, mesmo que porcas-se o trabalho de uma ou duas noites, que encubra cenas inteiras, ou modifique por completo... Mas mesmo assim, é necessário trabalhar nestas cenas que serão cortadas, para que mature-se as que as substituirão".

PRODUÇÃO/ELENCO

Tendo sido incentivados pela Superintendência de Teatro do Amazonas, que pôs à disposição do grupo, por tempo indeterminado, o Teatro Amazonas para que efetuasse seus ensaios, e apoiado pela SEDUC e pela COE de Amazônia Limitada, na parte de produção do espetáculo (quarta-roupa, adereços cênicos, etc.) o Teatro Independente conseguiu as passagens até o Nordeste através do Governo do Estado. A Empresa Amazonense de Turismo EMAM-TUR, está entregando o apoio logístico em todas as cidades por qual o grupo passará.

São dois integrantes do grupo entre atores, técnicos e assessores. São eles: Gerson Albano — diretor; Francisco Cardoso — dramaturgo; Luciano Lages — Ruy; Bráulio — Lygia; Paulo Barona — Léo; Mário Freire — C. J. Lúcia — Joana; Dal Cordeiro — Dely; Téo Correa — Pablo e pai de D. J.; — David Almeida — Pai de Joana; Edineza Sahado — Atriz bionica convidada; Edúnia Assel — Iluminadora e Augusto — Sonoplasta.

CINTA TÉRMICA AGAESSE®

A ÚNICA REGISTRADA NO SISTEMA DE SAÚDE - SEUS FOLHOS SÃO EM 30/10/78



Usando apenas 15 minutos, por dia, você terá o corpo que deseja à Diga: Eliminando as gordurinhas localizadas e a celulite, através do calor. Alivia dores lombares, dores na coluna e cólicas menstruais. Excelente relaxante e alivia a circulação. Única - Tamanho único. Garantia de Funcionamento. Assistência técnica permanente. Velocidade de 110 cm por minuto. **CR\$ 2.990,00**

Democratização e Venda: Av. 13 de Maio, 23 - 4º andar, Tel. 240-8888 - Rio de Janeiro - CAIXA POSTAL 15.190 CEP 20091 - Ou pelo remédio Postal

Preenchido com o endereço e nome completo e envie para a Casa Farmacêutica do Rio de Janeiro. O pagamento será feito quando estiver mercadorias em mãos.

Nome: _____
End: _____
Cidade: _____ Estado: _____

Veículo: A Crítica

Data: 12/08/1982

Página: 03

Caderno/Seção: Cidade



Veículo: A Crítica

Data: 13/08/1982

Página: 03

Caderno/Seção: Cidade

Tropical dá explicações sobre show

Representantes do Tropical Hotel de Manaus estiveram ontem em A Crítica para justificar a falta de transporte para o grupo de balé "Dança Viva", que sexta-feira passada se apresentou em show naquele hotel. Segundo eles, o espetáculo não estava sob a responsabilidade do Hotel e sim, do promotor da festa, portanto, não cabia ao hotel providenciar transporte para os dançarinos.

O assunto foi comentado ontem em A Crítica, mas os representantes disseram que o promotor do espetáculo alugou o salão do hotel para apresentar uma festa com apresentação de alguns números, tendo merecido maior destaque a apresentação do "Dança Viva" e seus números regionais, que foram muito aplaudidos pelos convidados.

"Cabia ao promotor da festa providenciar transporte, mesas e serviço para os dançarinos", disseram os hoteleiros. "Como não nos cabia responsabilidade sobre o assunto, quem deveria ter atendido os dançarinos da melhor maneira era o promotor da festa e do espetáculo", disseram.

Veículo: A Crítica

Data: 09/09/1982

Página: Não identificada

Caderno/Seção: Colunismo Social Gente Gil

★ Gisele Santoro, que pertenceu ao corpo de baile do Municipal-Rio, durante a curta permanência na Verdecap esteve lecionando dança clássica na academia do prof. José Resende.

★ Ela é casada com o maestro e compositor amazonense Cláudio Santoro. Que à noite de ontem fez lançamento nacional de sua mais recente gravação editada pela UnB, **Música de Câmara — I volume**, no "Ponto".

— Encontro de autógrafos dos mais concorridos.

★ Laura Proença possivelmente se apresentando em Manaus, no Teatro Amazonas, dançando trechos de "Leda", "D. Quixote", etc.

★ Ela esteve atuando recentemente com Bujones, mas integra o grupo de Jacques Béjard, o "Balé do Século XX", como primeira bailarina.

★ Aqui, terá como partner José Resende, que dançou com Laura no Municipal-Rio há alguns anos, antes dela se transferir para a Europa e ele se fixar nestas contrastantes paragens.

Anexo A – ID 0068

Veículo: A Crítica

Data: 19/09/1982

Página: 03

Caderno/Seção: Cidade

Balé Stagium volta à ZFM para quatro apresentações

Espectáculos dias 24 e 25 às 21 horas, e dia 26 às 18 e 21 horas, marcam o retorno a Manaus do Balé Stagium, que costumadamente enche o Teatro Amazonas, pela excelente qualidade do espetáculo cênico, e a grande performance de seus bailarinos, entre os melhores do mundo.

O Ballet Stagium tem como filosofia básica a divulgação e popularização da dança em nosso país, sendo hoje, uma das mais importantes companhias de ballet do Brasil.

Num contexto onde a dança no Brasil era quase que unicamente importada e destinada a uma elite cultural, nasceu o Stagium, que tomou para si a tarefa de divulgar e popularizar essa arte, buscando uma comunicação maior entre artista e público, combinando tendências universais com aspectos tipicamente brasileiros.

Dentro desse princípio, o Stagium, além de já ter dançado em todos os principais teatros das grandes cidades, tem adaptado suas produções aos mais diferentes tipos de

palco, dançando em cinemas, praças públicas, parques, igrejas, ginásios, universidades, palcos armados em lagos e praias, para os índios do alto Xingú, e até mesmo em um tablado montado sobre uma barca no rio São Francisco.

Seus diretores, Décio Otero e Mária Cidali, trabalham com um grupo de 16 bailarinos e 3 estagiários no estúdio da Rua Augusta, em São Paulo, verdadeiro laboratório de pesquisas, onde se estudam novas tendências da técnica do ballet acadêmico, combinada com elementos teatrais, temas da literatura, teatro e folclore brasileiro, empregando cada vez mais músicas de compositores nacionais, clássicos e populares, além da utilização de várias técnicas modernas de dança. Com isso conseguem trazer à companhia uma homogeneidade e qualidade de trabalho, que já foi comparada, pelo jornal "Clarim" de Buenos Aires, à da orquestra italiana "I Musici".



O famoso espetáculo num de seus momentos.

Veículo: A Crítica

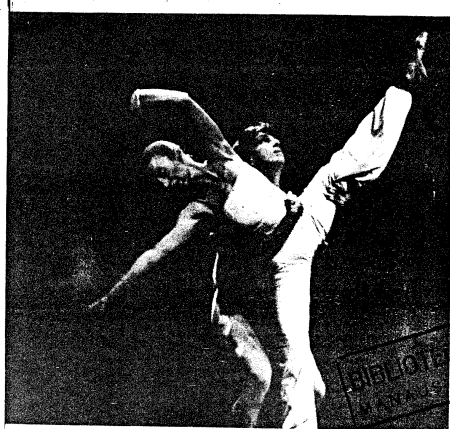
Data: 19/09/1982

Página: 03

Caderno/Seção: Revista Nacional

revisão

Revista NACIONAL



Ballet Stagium: um grupo em busca de expressão própria.

BONITO, ALEGRE E LATINO: STAGIUM ESTA DE VOLTA A MANAUS

A Superintendência de Teatro do Amazonas, estará apresentando neste domingo às 21:00, mais um espetáculo do Ballet Stagium de São Paulo, o grupo de dança mais conhecido de todo Brasil que durante onze anos vem realizando um trabalho experimental, buscando uma linguagem própria e uma forma diferente de dizer a realidade social da América Latina e sua luta pela sobrevivência nestes tempos difíceis.

Dirigido pelos bailarinos coreógrafos Décio Otero e Marika Gidali, o ballet Stagium tem como filosofia básica a divulgação e a popularização da dança em nosso país. Num contexto onde a dança era quase e unicamente importada e destinada a uma platéia elitista, nasceu este grupo que tomou para si a tarefa de efetuar sérias mudanças no que diz respeito a dança brasileira, buscando em sua arte uma comunicação maior entre artista e público, combinando tendências universais com aspectos tipicamente brasileiros.

Dentro deste princípio o Stagium, além de já ter dançado em todos os principais teatros do país, tem adaptado suas produções aos mais diferentes tipos de palcos, dançando em cinemas, praças públicas, igrejas, universidades e também em terra bruta em uma apresentação feita pelo grupo para os índios do Alto Xingú.

Nesta temporada em Manaus o Ballet Stagium apresenta quatro coreografias assinadas por Décio Otero e Marika Gidali. Apresentadas alternadamente as coreografias têm os seguintes temas: 1 — MUNDO EM CHAMAS — é baseado na missa dos escravos, escrita pelo músico Hermeto Paschoal, é um ballet que trata do comportamento do homem na sociedade em que vivemos. O espetáculo é uma espécie de humor negro e provoca desde crises de risos desenfreados até choros desesperados. 2 — VIDA — é uma espécie de retrospectiva das andanças do Stagium nesses onze anos. Traz depol-

mento dos bailarinos com músicas de Chopin, Egberto Gismonti, Naná Vasconcelos e outros. 3 — QUALQUER MANEIRA DE AMOR VALE AMAR — coreografia feita em cima da música de Milton Nascimento, o enredo mostra as várias formas de amar sem preconceitos. É um espetáculo criado de uma forma muito lírica. 4 — SANTA MARIA DE INQUIQUE — é baseada na obra de Luiz Advís, sobre a tragédia chilena ocorrida com os salnitros na cidade de Inquique. Esta coreografia demonstra através de formas a essência da comunidade que foi chacinada no princípio deste século. 5 — A MIAMÉRICA, várias coreografias, feitas sobre colagens de músicas suí-americanas, com movimentos que exprimem o dilaceramento e a ambigüidade em que vivemos, movimentos estes que podem significar a necessidade de dedicar-se sempre, apesar de tudo, ao trabalho, em que se acredita, à luta que tem que ser enfrentada, mais também representando uma vontade de amar, de ser feliz, de criar beleza e recusar a brutalidade.

Além da presença de Marika Gidali e Décio Otero, o grupo apresenta o seguinte elenco de bailarinos: Ademar Dornellas, Edgard Duprat, Eduardo Fraga, José Luiz Sultán, Ricardo Gomes, Welisson Minucci, e as bailarinas: Maria Vidal, Helena Bastos, Ismenia Roglich, Luciana Farah, Maria Helena Alemany, Simone Coelho, Tatiana Cobbet e Xica Timbó e as estagiárias: Sílvia Athine, Tânia Tonazzo, Benot Sanchez, Dino de Oliveira e Manoel Silva.

Os ingressos podem ser adquiridos na bilheteria do teatro, ao preço de Cr\$ 1.000,00, estudantes e bailarinos Cr\$ 500,00. Os responsáveis pelo espetáculo avisam que só poderão adquirir ingressos pela metade do preço, bailarinos devidamente credenciados por suas acadêmias.

Veículo: A Crítica

Data: 03/12/1982

Página: 03

Caderno/Seção: Revista Nacional

Bailarina do Municipal vem se apresentar no Amazonas

A primeira bailarina do Teatro Municipal do Rio de Janeiro, Cristina Martinelli, estará se apresentando no Teatro Amazonas nos próximos dias: 10, 11 e 12, no pas-de-deux "Belong", de Norbert Vesak, com seu "partner" Graham Bart. Cristina vem ao Amazonas a convite de José Rezende, que pertenceu ao corpo de baile do Teatro Municipal, estudou na Suíça, em Paris e em Londres, fez diversas "tournées" no exterior e hoje mantém uma escola de dança em Manaus.

Cristina Martinelli, após permanecer quatro anos na Europa, retornou ao Brasil há oito meses, marcando sua "rentrée" exatamente com o pas-de-deux "Belong", recebendo na ocasião uma ovação de 10 minutos. Pouco tempo depois, ainda no Municipal do Rio de Janeiro, a bailarina se apresentou em "Giselle", impressionando o público e a crítica sobretudo pela dramaticidade que deu à cena de loucura, uma das mais fortes da peça.

A bailarina representou o Brasil no Concurso Internacional de Ballet em Moscou, no Festival das Artes do Alabama (EUA) e, em sua carreira internacional, já dançou também na França, Argentina, Itália, Chile, além de ter permanecido na Suíça por dois anos. Cristina fala cinco idiomas, toca piano,

pinta e acaba de escrever um livro, "A Montanhas", onde conta suas experiências artísticas e pessoais. No Teatro Amazonas, ela se apresenta após uma exibição de alunos da escola de José Rezende.

Quanto a José Rezende, que trará a bailarina a Manaus, ele iniciou seus estudos na Escola de Dança do Teatro Municipal do Rio de Janeiro, aprendeu com Maria Oleuneva, Sandra Diecken, Eric Valdo, Eros Volusia e Nina Verchinina. Dançou na sala Pleyel de Paris, com Mariene Adamo, 1956, em homenagem a Salvador de Madriarca, participou da inauguração do Teatro Castro Alves, na Bahia, com a Companhia Nacional de Ballet, do ballet Nina Verchinina, como solista, o "pas-de-deux", Dança de Negros, de Frutuoso Viana, criado especialmente para ele e a bailarina Maria José da Cruz.

Ainda entre outros trabalhos, José Rezende fez "tournées" por toda a Europa com o Ballet France e Espagne, sob a direção de José Torres e Marianne Ivanoff. Em 79, foi premiado com a melhor coreografia do ano com o Ballet "A Missa", pelos sindicatos dos radialistas e dos jornalistas do Amazonas e também pelos Diários Associados.

Veículo: A Crítica

Data: 07/12/1982

Página: 02

Caderno/Seção: Esporte

Centro de Dança Colúmbia deu show e público vibrou



Com o público vibrando intensamente, o Centro de Dança Colúmbia realizou brilhante apresentação, quando da efetivação da 3ª eliminatória do Concurso Rainha do Peladão, evento este que aconteceu sábado passado na sede da União Esportiva Portuguesa. Comandadas pelas professoras Margareth Soares e Rósima Monteverde, as alunas da academia e o bailarino Silvio Nemer estiveram brilhantes e demonstraram o alto grau técnico dos integrantes do Centro de Dança Colúmbia.

Como primeira atração foi executada a coreografia "Os Três Marinheiros", com participação de Maria Socorro, Zezé Lima, Silvio Nemer e a participação especial da professora Margareth. O segundo número, a coreografia "Mambo" teve como integrantes as seguintes alunas: Keltt Jane Praia, Aline Helen Praia, Aldaiza Lima Barbosa, Scyla Benchimol, Maria do Perpetuo, Maria das Graças, Aria Aparecida, Maria Pimentel, Marilene Rodrigues, Auxiliadora Rodrigues, Eliane Leite, Diane Novaes, Iane Leite, Helleiza Costa de Lima, Tânia Cristina, Zezé Lima, Sandra Maria e José Cirino.

A dublagem "O que é que a Balana Tem?" teve como participantes, o bailarino Silvio Nemer e a professora Margareth, posteriormente na co-

reografia "Tuti Fruti" participaram, Eliane Leite, Iane Leão Leite e Diane Novaes. A apresentação final coube a professora Reima, que dançou uma sequência de jazz, realizando uma belíssima apresentação, empolgando os espectadores.

Foi sem sombra de dúvidas um espetáculo marcante, e a coordenação do Peladão, que teve iniciativa de convidar o Centro de Dança Colúmbia, recebeu dos presentes muitas manifestações de apoio com todos procurando agradecer a presença das alunas e professoras, deixando patenteado que este tipo de iniciativa dá uma grande contribuição para que todas as camadas tomem conhecimento da beleza desta arte.

VÁRIOS RITMOS

Funcionando na sede da Associação dos Sargentos da Amazônia, na Avenida Epaminondas, o Centro de Dança Colúmbia oferece aos alunos a oportunidade de aprenderem vários tipos de dança e todos os que desejarem participar podem fazer suas matrículas naquele local. Samba, Frevo, Mambo, Baião, Twist, Jazz, Discoteque, Xaxado, Rock, Tango, Rumba, Boieto e Ginástica Estética, são alguns dos ritmos ensinados pelas professoras profissionais Margareth Soares e Rósima Assis Monteverde.

Veículo: A Crítica

Data: 10/12/1982

Página: 05

Caderno/Seção: Colunismo Social

Nesta noite, balé no Teatro Amazonas

• Nesta noite no Teatro Amazonas, com a participação da prima bailarina do Municipal carioca Cristina Martinelli mais Helena Lobato e Carlos Mezlat, espetáculo de encerramento do ano letivo da Academia de Balet José Rezende.

Veículo: A Crítica

Data: 12 a 19/12/1982

Página: 07

Caderno/Seção: Revista Nacional

DANÇA VIVA

NA OFICINA DE ARTE

JAMÉRICO PERET



Subimos a sombria escadaria do prédio 114 da rua de Instalação e escutamos uns maldos. Terminamos de chegar à vitoca que não se tratava de nenhuma gelatina, e sim, de uma turma jovem ensaiando uma peça infantil. Estávamos no salão do OFICINA DE ARTE, estúdio, ginásio e escola de arte. No local da copa, havia uma bancada, onde outros jovens modelavam

a bolsa amarrada à cintura, lembrando mais uma patinha do que um clemex real.

Os jovens de ambos os sexos, vestindo malhas, exercitam-se com movimentos de flexões de fazer inveja.

O contr-regra coloca o som apropriado no ritmo de carimbó, valsa, tango, e outros arranjos.

A professora demonstra com seus movimentos ágeis, o que

DOS ALTOS DO RIO AO FUNDO DO CHÃO

APOBON MARCILIO

INAMPI e CORTEJO DA MORTE são as duas obras — fruto do trabalho de todo um ano — que compõem o espetáculo do grupo de ballet DANÇA VIVA, a ser apresentado no Teatro Amazonas nos dias 17, 18 e 19 deste dezembro.

O grupo, que teve suas origens na Academia de Conceição Souza (que o dirige até hoje), tem praticamente dois anos de existência. Durante este curto período, merecendo os melhores elogios das autoridades na matéria, o jovem elenco tem desenvolvido um trabalho de conceitualização e definição de temário, partindo sempre das intuições de corpo e alma em nossa realidade. A proposta de abordagem e argumentos regionais (lendas, mitos, histórias, etc) é algo que merece atenção especial de todos os componentes da Companhia, que porém acham "que não devem ficar comprometidos tão somente com isso". Uma outra opção agendada por eles é a de uma linguagem universal, não apenas em termos de dança mas também como mensagem, daí a escolha de INAMPI e O CORTEJO DA MORTE para o espetáculo deste final de ano.

OUTRA VERSÃO DA LENDA DO BÔTO

bro de sua família, e onde a raparora faz a proposta de seu casamento com Inampí. Desestimulada por sua mãe, a jovem desiste de tal intento, fato que a deixa muito triste e firma no propósito de jamais se casar outro dia qualquer, mantendo-se cativa deste compromisso onírico até o final de seus dias. Inampí retornou à superfície e volta a viver com seus semelhantes, porém não consegue manter, até hoje, um ritmo de vida normal, conforme os parâmetros de sua tribo.

O interessante desta obra é que os personagens retratados são todos baseados em uma narrativa obtida por J. Américo Peret às margens do rio Urubú junto ao homem que, jurando, contou-lhe a história que teria sido vivida por ele mesmo. — "INAMPI é uma pessoa, e igual a Inampí existem inúmeros indivíduos que vivem vagando a carregar em seus bojeos a solidão, o sonho, a tristeza, incerteza, ansias desconhecidas da natureza, segredos — declara Conceição Souza".

POR DENTRO E POR FORA DAS GRADES...

Após ler um artigo sobre evasão de prisioneiros em uma penitenciária mineira, Conceição Souza

construindo um panorama onde muitas vezes o carcereiro é o prisioneiro são o mesmo ser, em nossa "cela comum" na escuridão.

Sobre esta parte do espetáculo colíamos algumas declarações dos artistas do grupo: "Eu vejo o teatro como um trabalhador marginalizado. É um homem que luta por necessidade. É uma pessoa emotiva que sacia a fome de todo um grupo de criaturas. É uma pessoa emotiva que sacia a fome de todo um grupo de criaturas. E neste espetáculo ele é visto até como um herói". — (Paulo Barzina) — "O pífeto é um cara muito alegre, não é o contrário, é sim um ente divino. Por não ter ainda a maturidade de um adulto toma-se às vezes ingênuo e inconsequente, tudo isso situa-o, na peça, em um plano de imensa profundidade". (Zezinho Montenegro) — "A negra representa o racismo, não só de cor mas também das classes sociais. Ela não tem dinheiro, classe social, e é negra, por isso está presa e por isso sente-se revoltada". (Martha) — "Prá completar o ambiente do submundo, o espetáculo traz mais um personagem: o homossexual. Não limitamo-lo a estereótipo — ele não é um desmunhado — é uma pessoa madura, vivida e assumida". (Laila) — "Existe também a

Veículo: A Crítica

Data: 12 a 19/12/1982

Página: 07

Caderno/Seção: Revista Nacional

DANÇA VIVA

NA OFICINA DE ARTE

J AMÉRICO PERET



Subimos a sombria escadaria do prédio 114 da rua da Inatelação e escutam os sons mudo. Terminamos de chegar e vimos que não se tratava de nenhuma galinha, e sim, de uma turma jovem ensaiando uma peça infantil. Estávamos no salão do OFICINA DE ARTE, estúdio, ginásio e escola de arte. No local da copa, havia uma bancada, onde outros jovens modelavam

a bola amarrada à cintura, lembrando mais uma patinha do que um cinema real.

Os jovens de ambos os sexos, vestindo malhas, exercitam-se com movimentos de flexões de fazer inveja.

O contra-regra coloca o som apropriado no ritmo de carimbó, valsa, tango, e outros arranjos.

A professora demonstra com seus movimentos ágeis, o que

DOS ALTOS DO RIO AO FUNDO DO CHÃO

AFONSO MARCLIO

INAMPI e CORTEJO DA MORTE são as duas obras — fruto do trabalho de todo um ano — que compõem o espetáculo do grupo de ballet DANÇA VIVA, a ser apresentado no Teatro Amazonas nos dias 17, 18 e 19 deste dezembro.

O grupo, que teve suas origens na Academia de Conceição Souza (que o dirige até hoje), tem praticamente dois anos de existência. Durante este curto período, merecendo as melhores elogios das autoridades no assunto, o jovem elenco tem desenvolvido um trabalho de conceitualização e definição do tema, partindo sempre das intuições de corpo e alma em nossa realidade. A proposta de abordagem — a argumentação regionalista (lendas, mitos, histórias, etc) é algo que merece atenção especial de todos os componentes da Companhia, que porém acham "que não devem ficar comprometidos tão somente com isso". Uma outra opção sugerida por eles é a de uma linguagem universal, não apenas em termos de dança mas também como mensagem, daí a escolha de INAMPI e O CORTEJO DA MORTE para o espetáculo deste final de ano.

OUTRA VERSÃO DA LENDA DO BÔTO

Após ler um artigo sobre esse tipo de prisão em uma penitenciaría carioca, Conde de Souza

bro de sua família, e onde a capitora faz a proposta de seu casamento com Inampi. Desestimulada por sua mãe, a jovem desiste de tal intento, isto que a deixa muito triste e firma no propósito de jamais se casar outro antes de qualquer, mantendo-se casta deste compromisso onírico até o final de seus dias. Inampi retorna a superfície e volta a viver com seus semelhantes, porém não consegue manter, até hoje, um ritmo de vida normal, conforme os parâmetros de sua tribo.

O interessante desta obra é que os personagens envolvidos são todos baseados em uma narrativa obtida por J. Américo Peret às margens do rio Urubú junto ao homem que jurando, contou-lhe a história que teria sido vivida por ele mesmo. — INAMPI é uma pessoa, e qual é Inampi existem inúmeros indivíduos que vivem vagando a carregar em seus bojeos a solidão, o sono, a tristeza, a incerteza, a ansiedade, desconhecidas da natureza, segredos — declarou Conceição Souza.

POR DENTRO E POR FORA DAS GRADES...

construindo um panorama onde muitas vezes o carcereiro e o prisioneiro são o mesmo ser, em nossa "casa comum" na existência.

Sobre esta parte do espetáculo colhemos algumas declarações dos artistas do grupo: "Eu vejo o teatro como um trabalhador marginalizado. É um homem que luta por necessidade. É uma pessoa emotiva que aceita a fome de todo um grupo de criaturas. É uma pessoa emotiva que aceita a fome de todo um grupo de criaturas. E, neste espetáculo ele é visto até como um herói". — (Paulo Barão) — "O pivete é um cara muito alegre, não é oitário, é sim um ente divino. Por não ter ainda a maturidade de um adulto toma-se às vezes ingênuo e inconsequente, tudo isso situa-o, na peça, em um plano de imensa profundidade". (Zacarias Montenegro) — "A negra representa o racismo, não só de cor mas também das classes sociais. Ela não tem dinheiro, classe social, e é negra, por isso está presa e por isso sente-se revoltada". (Martha) — "Prá completar o ambiente do submundo, o espetáculo traz mais um personagem: o homossexual. Não limitamo-lo a estereótipos — ele não é um desmunhecado — é uma pessoa madura, vivida e assumida". (Laila) — "Fizete também a

Anexo A – ID 0074

Veículo: A Crítica

Data: 14/12/1982

Página: 03

Caderno/Seção: Cidade

Dança Viva estréia sexta o seu programa para 1983

Com o apoio da Superintendência de Teatro do Amazonas e da Seduc, através da Coordenação para Assuntos Culturais, o grupo Dança Viva estará realizando nos próximos dias 17 do corrente mês (sexta-feira), às 21 horas no Teatro Amazonas, a estréia de sua programação para a temporada do ano de 83. O programa está dividido em duas partes: "Inampi" e "O Cortejo da Morte".

A primeira parte conta a fantástica história de um caboclo que um dia, quando banhava-se nas águas do rio, foi atraído pela beleza de uma mulher que vivia numa cidade no fundo do rio Amazonas e com ela conheceu todos os encantos que jamais serão experimentados por qualquer outro ser humano. "Inampi" é baseado no conto de J. Américo Peret que afirma a existência do personagem, um índio remanescente da tribo Muraque preferiu afastar-se de todos e servir

de gozações aos incrédulos de sua incrível aventura de amor. Ou talvez, justamente por essa solidão, tenha imaginado e passado a crer que um dia amou uma "bota".

"O Cortejo da Morte" surgiu como concepção cênica a partir de uma matéria publicada em uma edição da "Veja" que abordava sobre a violência e preconceitos que dominam os povos atualmente. É um espetáculo que traz para o palco o desespero das classes marginalizadas, como se fora realmente um grande cortejo no qual o morto seria a própria sociedade.

As músicas são de Egberto Gismont, Naná Vasconcelos, Oswaldinho, Chico Buarque, Milton Nascimento, Violeta Parra, Djaima Correa e etc. A coreografia está assinada por Conceição Souza, iluminação de Edunira Assel e técnica de som de Fábio Tomazelli.

Anexo A – ID 0076

Veículo: Jornal do Comércio

Data: 17/12/1982

Página: 03

Caderno/Seção: Cidade

**Dança Viva
estréia hoje
espetáculo**

Com o apoio da Superintendência de Teatro do Amazonas e Seduc, através da Coordenação para Assuntos Culturais, o Grupo Dançaviva estará fazendo hoje, às 21 horas no Teatro Amazonas, a estreia de sua programação para a temporada do ano de 83. O programa está dividido em duas partes; "Inampi" baseado no conto de J. Américo Peret e "O Cortejo da Morte" baseado numa matéria publicada na revista "Veja".

"Inampi" segundo o autor, realmente existe e afirma a veracidade de sua aventura. É ele um índio remanescente da tribo Mura que preferiu isolar-se de todos a servir de gozações dos incrédulos de sua fantástica estória de amor com uma bela mulher (uma bôta, como ele diz) que vivia no fundo do Rio Amazonas.

O fato é que lenda ou não, fantasia ou realidade, o Grupo Dançaviva a partir daí ratifica sua linha de trabalho, voltado à nossa cultura, sem contudo limitar-se ao folclore simplesmente. É um espetáculo no qual a linguagem dos gestos coreográficos ultrapassa os limites do regionalismo levando a coreografia a uma dimensão universal.

"O Cortejo da Morte", a segunda parte do programa, traz para o palco, sem fugir da qualidade artística, todo o desespero das classes marginalizadas (a prostituição, os pivetes, os homossexuais e etc.) como se realmente fôra um grande cortejo no qual o morto seria a própria sociedade.

As músicas são de Egberto Gismonti, Nana Vasconcelos, Oswaldinho, Djalma Correa, Chico Buarque, Violeta Parra, Milton Nascimento e etc.

Veículo: A Crítica

Data: 19/12/1982

Página: 03

Caderno/Seção: Cidade

“Dança Viva” deu exemplos da grande arte amazonense



Uma das melhores cenas do espetáculo regional.

O grupo de ballet “Dança Viva” estreou anteontem, às 21:30 horas, no Teatro Amazonas, a sua temporada de fim de ano, apresentando um programa em duas partes. Na primeira, o grupo apresentou “Inampí — o caboclo que amou uma bôta”, de J. Américo Peret, e na segunda parte “O cortejo da morte”, coreografia baseada numa reportagem sobre o problema de marginalidade entre as minorias sociais.

A estrêla da temporada do grupo “Dança Viva” lotou o Teatro Amazonas e mereceu aplausos constantes do público; ao final, a platêia aplaudiu ininterruptamente por cerca de cinco minutos. Depois, praticamente todo o público que estava no teatro se dirigiu aos bastidores para cumprimentar os artistas e entre os mais entusiasmados estava o escritor Márcio Souza.

O início do espetáculo estava previsto para às 21 horas, mas, um incidente do lado de fora, na área das bilheterias, retardou-o até às 21:30 horas. É que uma turma de formandos de um colégio resolveu aproveitar a iluminação externa do Teatro Amazonas para fazer fotografias, impedindo assim o acesso do público às bilheterias.

Foi necessário que se apagassem as luzes externas, por alguns momentos, para que os estudantes se afastassem. Pouco depois, às 21:30 horas, começava a apresentação de “Inampí — o caboclo que amou uma bôta” e posteriormente “O cortejo da morte”, dois espetáculos que iniciaram bem a que promete ser a estréia deste final de ano para os amantes do teatro.

ESPETÁCULO

“Inampí”, é a história de um índio da tribo Mura, que antigamente ocupava a

área de terra onde hoje ficam localizados os municípios de Itacoatiara e Silves.

Neste quadro, o grupo “Dança Viva” procura o questionamento dos “por quês” da geração destes fatores dentro da sociedade moderna, e aponta a própria sociedade, através de suas estruturas discriminatórias, como culpada pelos descaminhos das minorias do povo.

A coreografia e direção são assinadas por Conceição Souza e no corpo de ballet se encontram bailarinos locais bastante conhecidos do público e a própria Conceição, que depois de estar afastada dos palcos durante 4 anos, reaparece brilhantemente num dos momentos mais difíceis do espetáculo.

As músicas são de Egeberto Glemonti, Chico Suarque, Milton Nascimento, Davalzinho e Violata Parra; a iluminação é de Edunyra Assaf e o som de Fábio Tomazelli. Na direção teatral do espetáculo está Gerson Albano e os destaques são Francisco Cardoso (Inampí) e Isa Kokoy (bôta encantada).

Este índio, segundo a lenda, viveu um romance com uma bela mulher encantada, que morava no fundo do rio. O conto é de J. Américo Peret, jornalista e pesquisador amazônico.

O conto de Peret, publicado no suplemento “VIDA”, de A CRÍTICA, despertou a atenção do grupo “Dança Viva”, uma vez que o tema se acasalava à proposta do grupo, preocupado em divulgar através da arte da dança aspectos das nossas raízes culturais e antropológicas. Desta modo, “Inampí” passou a ser trabalhado para o teatro.

A segunda parte do espetáculo, estrêla do grupo “Dança Viva”, consistiu da peça coreográfica “O cortejo da morte”.

Veículo: A Crítica

Data: 22/12/1982

Página: 02

Caderno/Seção: Esporte

Centro de Dança Colúmbia com nova estrutura em 83

No sentido de proporcionar aos seus alunos, um ambiente dos melhores, o Centro de Dança Colúmbia está sofrendo em seu espaço físico, profundas alterações, para que os frequentadores possam contar além dos serviços profissionais de sua diretora proprietária professora Margareth Soares Martins, com um perfeito serviço de atendimento, já estando nos planos de sua direção a contratação de manicure que ficará a disposição das alunas.

Novos carpetes, espelhos e ventiladores foram adquiridos e os frequentadores poderão desfrutar de muito conforto, tendo a atendê-los a prestimiosidade da professora Margareth. Diariamente no horário matinal um grupo de crianças é atendido e haverá aulas para adultos nos horários vespertino e noturno. Nosso companheiro Emanuel Silva, foi convidado para ser o relação pública e de pronto aceitou, já estando em campo visando levar os alunos e alunas para apresentações na TV Baré, Programa "Esporte é Saúde", apresentado as segundas, quartas e sextas-feiras, pelo radialista Lino Marinho.

CURSOS ESPECIALIZADOS

Contando com a supervisão da professora Margareth Soares Martins, que possui inúmeros cursos de dança, o Centro de Dança Colúmbia, oferece vários tipos de aprimoramento, destacando-se: Ginástica



Professora Margareth, diretora do Centro de Dança Colúmbia.

Ritmica, Discoteca, Estética, e tipos de dança desde o tango ao mambo. Todos aqueles que desejarem fazer suas inscrições podem comparecer a sede da Associação dos Sargentos da Amazônia, onde serão recepcionados pela proprietária do centro.

NOVA ESTRUTURA

Com a nova dinâmica que está sendo imposta, o Centro de Dança Colúmbia inicia vida nova esperando contar com o apoio dos

aficionados desta arte, temos a certeza que os alunos com o tratamento que lhes será prestado pela sua direção maior, saberá dar o devido valor, a nova estrutura que está sendo montada, toda ela visando dar aos alunos e alunas, o melhor, contanto para isto com professores gabaritados. Egresso do sul do País, o professor Luiz já está apalavrado e deverá ser um dos mestres do Centro de Dança Colúmbia.

Veículo: A Crítica

Data: 26/12/1982

Página: 03

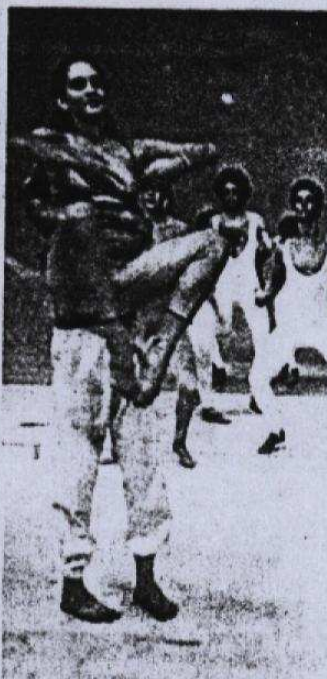
Caderno/Seção: Cidade

Inampi e Cortejo da Morte voltarão ao teatro amanhã

Mostrando cenas da mitologia amazônica, a peça Inampi o caboclo que amou uma bôta" (J.A. Peret), é a primeira parte do espetáculo anual do grupo de ballet Dança Viva". "O Cortejo da Morte", de Conceição Souza, é apresentado na segunda parte. O grupo, que tem apenas dois anos de existência surpreendeu incrivelmente o público, pela "virtuosa" interpretação nos dois argumentos, que voltarão a ser apresentados na segunda-feira, no Teatro Amazonas às 21 hs).

Preocupados com nossas raízes culturais, o grupo partiu para a pesquisa de lendas e mitos de nossa gente e optou por um argumento fornecido por nosso companheiro J.A. Peret, intitulado "Inampi". A peça é nada mais nada menos que uma narrativa dramática de um caboclo de origem Mura que vive as margens do rio Urubú, e que jurou que sua estória houvia sido vivida por ele mesmo. As soluções cênicas encontradas pelo grupo Dança Viva foram as mais felizes possíveis. Manejar um drama de maneira graciosa é algo difícil, e eles o conseguiram. Nas cenas em que são mostrados os botos em suas acrobáticas práticas aquáticas, o público chegou a se "embalar" nas cadeiras, como se estivesse no parapeto de um barco recreio, partilhando da alegria dos "peixes-assobiadores".

Na segunda parte, não abandonando o temário regional, mas expandindo-o em dimensões universais, tanto coreográfica quanto literalmente, é mostrado "O Cortejo da Morte", de Conceição Souza, que narra a fuga de presidiários de uma casa de detenção. Esta peça nasceu a partir de uma reportagem lida por Conceição na revista "Veja". Com a inclusão de alguns personagens chaves o assunto tomou um aspecto mais profundo e definiu-se a obra. O clima de tensão existente nos personagens,



Uma cena de Inampi, o caboclo que amou uma bôta.

oprimidos e opressores, é algo que se evidencia do início ao término da peça, que excede a representação de uma fuga de presidiários de uma casa de detenção, assumindo situações vividas pela massa em nossa cela comum.

Com a sobrecarga de compromissos da pauta no Teatro Amazonas, a peça possivelmente só voltará a ser apresentada em 1983, após a função anunciada para o dia 27 próximo.

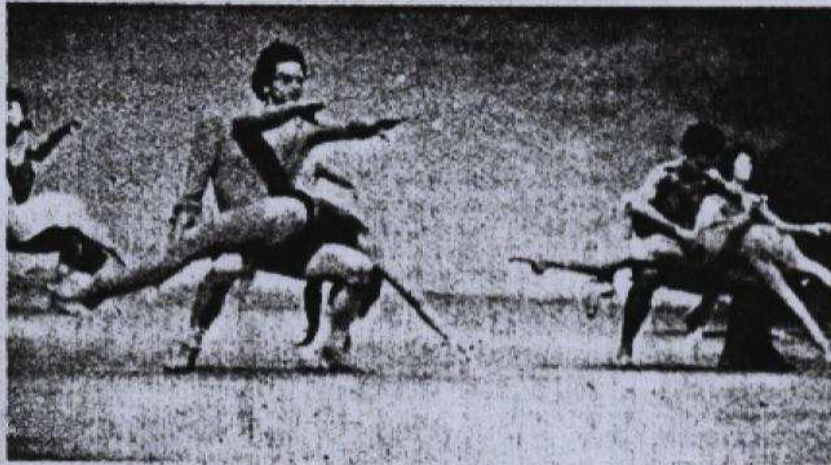
Veículo: A Crítica

Data: 28/12/1982

Página: 03

Caderno/Seção: Cidade

Dança viva encerra a pauta de 82 no Teatro Amazonas



Uma cena da dança dos bôtos.

Com o apoio da Superintendência de Teatro do Amazonas o Grupo Dança Viva estará fazendo hoje, às 21 horas no Teatro Amazonas, a última apresentação de sua programação para o ano de 83. O espetáculo está dividido em duas partes: "Inampi" e "O Cortejo da Morte".

"Inampi" é baseado num conto de J. Américo Peret que relata a incrível história de um índio, remanescente da tribo Mura, que um dia, ao banhar-se no rio, foi atraído por uma bela mulher que o amou e o levou a conhecer as maravilhas de um mundo até então jamais visto por qualquer outro ser humano. Segundo o autor, o personagem realmente existe e afirma a veracidade de sua fantástica aventura de amor com

uma bôta. O fato é que realidade ou fantasia, folclore ou não, o trabalho resulta em um dos mais belos espetáculos já apresentados naquele teatro.

"O Cortejo da Morte", a segunda parte do programa, enfoca as violências dos grandes centros urbanos e também o desespero das classes marginalizadas tais como o negro, o homossexual, os pivetes, a prostituição etc.

Tendo o Grupo Dança Viva apenas dois anos de existência, a crítica especializada, concorda que sua evolução aconteceu de maneira notável como que por um passe de mágica. Ou melhor, em passos mágicos.

1983

Veículo: A Crítica

Data: 16/01/1983

Página: 07

Caderno/Seção: Colunismo Social. Fragmentos

FRAGMENTOS

A abertura do carnaval de rua, na Avenida Djeima Batista, será feito pelo Bloco da Imprensa, a exemplo do ano passado, quando os profissionais da comunicação deram seu recado com um samba-enredo de Aldilso Figueiras. Neste ano, dizem, a composição do tema ficará ao cargo de Chico da Silva, que aliás encontra-se na região desde outubro de 82, efetivando pesquisas para seu novo bloco, onde predomina a temática amazônica. *** RAY

DJOEL Silva Reis é um pernambucano que envereda nas artes da costura moderna, seus modelos buscam sempre unir a elegância com o conforto. DJOEL é, acima de tudo, um revolucionário que procura explorar a moda no contexto cotidiano. Sua proposta é, exatamente, criar roupas que possam ser usadas diariamente, e não fiquem na guarda-roupa, mofando, aliás, seus modelos conseguem ficar mesmo trancados em guardas-roupas. Seu endereço é o seguinte: Rua Severiano, 9 — Aleixo. *** O Gallery Antiquarius está mudando de endereço para



Coneição, diretora do DANÇAVIVA

espetáculos do Dançaviva, pois a intenção é de apresentar acme obras de temática amazônica, e a peça "Cortejo da Morte" foge deste gênero, porém, de certeza será mostrado o espetáculo "Inampi, o caboclo que amou uma bota", de autoria do nosso companheiro J.A. Peret. Esta é uma iniciativa brilhante, que poderia ocorrer com mais frequência, expandindo nossa cultura. *** O vestibular-83, que oferece 1.836 vagas a 17.010 inscritos, está "esquentando a cabeça" de muita gente. *** Josetito Lindoso que atua na direção do Teatro Amazonas há oito anos, declarou que já está quase pronto seu relatório sobre as atividades desta casa durante este período. Josetito vestiu-se para a programação do Teatro Amazonas de maneira a agradar gregos e troianos, possivelmente partirá para outro posto. Aqui registramos nosso afeto e admiração por esse caudilho. *** Em visita a cidade um fabuloso halterofilista e fã de futebol colombiano, o Sansão, fez algumas propostas de apresentações de seus valorosos números. Após um mês inteiro de permanência entre nós (pagando hotel, etc), tal criatura não recebeu sequer de membros da proposta ou visita sequer de membros da Federação de Esportes local. É uma lástima que nosso esporte encontre-se neste estágio. Bugeriflamos até a criação, pelo novo governo, de uma secretaria que tratasse de tais assuntos, a fim de não perdermos mais as oportunidades desta origem. Sansão chegou a mostrar-nos material divulgado pela imprensa internacional e, em uma delas ele aparece ao lado de Charles Bronson, com quem contracenou no cinema hollywoodiano.



DJOEL, revolucionário da moda

melhor stander sua clientela, acontece que o endereço antigo, na Rua 24 de Maio (alto) começou a apresentar algumas inconveniências com o crescimento do empreendimento, peças de maior porte são impossibilitadas na remoção. Em breve anunciaremos seu novo endereço. *** Após o sucesso com as apresentações de fim-de-ano, o Grupo de Ballet Dançaviva irá ao Rio de Janeiro onde participará da Semana do Amazonas, promovida pela Embratur, no Rio Sheraton Hotel, de 28 a 30 deste mês. Para isso a Ematur já providenciou as passagens dos bailarinos, que deverão seguir juntos com o grupo de dança regional Terlanos da Escola Técnica Federal do Amazonas. Ainda não confirmado, por parte da Embratur, se serão apresentados os dois

Anexo A – ID 0082

Veículo: A Crítica

Data: 24/01/1983

Página: 05

Caderno/Seção: Colunismo Social. Coisa dos circuitos. (Baby)

LOURDES BUZAGLO

FRANCISCO MARQUES

Coisas dos circuitos

Lulz Carlos Fogaca, que no passado 82 curtiu tudo que teve direito nas passerelas manausas, segundo no próximo 28, a fim de curtir temporada de férias no Rio de Janeiro, Joinville e Rio Grande do Sul, este último seu torrão natal.

Francisco Marques, à coté de esposa Yêda e da filha Fabiane regressaram da cidade do Pão de Açúcar, onde fizeram necessário relax durante dez dias; afinal Francisco candidatou-se a uma das vagas de nossa Câmara, fato que logicamente em muito desgastou os Marques.

Graca Ferraz, empolgadíssima com a sereia com que comparecerá ao baile de segunda-feira gorda do Atlético Rio Negro Clube. Segundo a Graca, sua fantasia de sereia — criação do costureiro Scolari — supera tudo até então feito enfocando o mito da bela mulher metade ser humano, metade peixe.

Falando ainda em fantasia de reconhecido bom gosto, a todos deslumbrará o destaque a ser arrematado por Lourdes Buzaglo, quando a Escola de Samba Sem Compromisso descer a Djelma Bailata terça-feira de carnaval. A fantasia de Lourdes é uma boleção de sua própria autoria e de Alcira Verdade.

Lembro que a luminosa Lourdes, no momento hospeda sua sogra Isaura Buzaglo, procedente de São Paulo onde reside. Daí que estão sendo feitos os conhecidos quilutes com os quais conhecidos e todos que não conhecem este seu lado. Tudo para agradecer aquela que trouxe ao mundo o seu estado Demoiêthens.

A Dra. Inês de Vasconcelos Dias, delegada em manaus da Liga de Defesa Nacional, agraciou com medalha e diploma de sócio benemerito, as seguintes figuras: Governador Paulo Pinto Nery, Dr. Aderson Dutra, Jorge de Souza Baird, Dr. Otávio Hamilton Mourão, ministro Henoch da Silva Reis, (que se fez representar pelo Dr. Afrânio Sá), Dr. Júlio César de Souza, Dr. Sebastião de Vasconcelos Dias, Cel. Alípio de Carvalho, Dra. Lourdes Motta e Cel. João Walter de Andrade.

Júlio César Seixas, seguiu ontem rumo ao Rio de Janeiro, onde escutará a decoração para a promoção denominada NOITE DO AMAZONAS, agendada para o Hotel Sheraton, de 26 a 30 do corrente mês. Segundo contou-me o César, sua boleção será à base de folhagens tropicais (cortada de sôco, dracenas, palmeiras, etc.), entremeadas por frutas regionais, peças do nosso artesanato (remos decorados, abanos, chapéus de palha, canoas, etc.).

Dia data da abertura da NOITE DO AMAZONAS, coquetel será servido a oito mil convidados (este foi o número de convites espalhados no Rio de Janeiro e adjacências), oportunidade em que o Governador Paulo Nery fará discurso de abertura, e quando pessoas tipo Zózimo Barroso do Amaral e Iratim Sued (este acompanhado de 12 dos mais categorizados gourmets desta brasuca) darão por certo o devido toque IN a ambiência.

Como atrações da noite de abertura (prossiguindo com apresentações nas demais), dirão presente a Dança do Caostinho e o Grupo Dança Viva, que hospedeiros no próprio Sheraton para lá foram levados a fim de mostrarem nosso regionalismo. Stands estrategicamente colocados estarão ven-

dendo livros de escritores amazonenses, assim como em outros peças do nosso artesanato poderão ser adquiridas por todos que comparecerem a NOITE DO AMAZONAS durante seus cinco dias de duração.

Dois restaurantes ficarão à disposição dos visitantes, oferecendo somente pratos típicos desta pedaço do Brasil, sob a batuta de Mestre Julimar, que coadjuvado por uma equipe ocupará uma das cozinhas do Sheraton a fim de preparar nossos quilutes. Quilutes estes, que também poderão ser observados "ao vivo", isto porque aquários comportarão as famosas e saborosas espécimes do Rio Amazonas e seus afluentes.

Carla Braga, juntamente com sua mãe Dotothêa e a irmã Ana Maria mais o filho Lula Carlos, retornam das férias cariocas na próxima sexta-feira. Quem está sorrindo com a paredes é o Renato Oliveira Alves, noivo da Carla.

Promete sucesso superlativo, o Baile Oficial da Cidade, a realizar-se terça-feira de carnaval nos salões do Rio Negro e Solimões, no Tropical Hotel. Não apenas pelos categorizados nomes de Evandro Castro Lima, Mariana Paiva e Mauro Rosas, dentre outros que fizeram fama nas passerelas brasileiras, mas também pela excelente orquestra do maestro Cipó e ainda pelo televisivos astros globais Tony Ramos, Fabíá Fregança e Silvia Bandeira, ambas mulheres belíssimas que entretêm qualquer promoção.

Não somente por tudo isso que acima relato, mas e, principalmente, pela parte da renda arrecadada que será revertida para a Sociedade Pestalozzi do Amazonas. Fato que merece todo o apoio do folião amazonense, pois está antão observava em uma certa montade para com esta entidade de amparo e conseqüente proteção ao excepcional. Nota mil para tal realização. Tenho a mais absoluta certeza que Nádia Aucar saberá utilizar o arrecadado no Baile Oficial da Cidade da maneira mais proveitosa possível.

Alberto de Souza Martins, presidente do Bancrêvea Clube, enviando a coluna a programa do clube que preside, evidentemente para o período momeco que já iniciou-se de Norte a Sul do Brasil. Daí que no próximo sábado, o Bancrêvea faz a festa denominada Baile do Atleta, quando no salão da sede da Getúlio Vargas, acontecerá uma perfeita integração de todas as agremiações daqui, dali e aliures, afinal tudo é carnaval. Tal uma promoção que valerá a pena.

Para o Baile do Atleta, o Bancrêvea contratou o maravilhoso órgão de Carlinho, que acrescido dos devidos metais, está transformado numa perfeita banda carnavalesca. Aíla, é bom lembrar que a maioria quase absoluta dos clubes locais, não está dando a mínima para a qualidade das bandas que contrata para tocar em suas promoções carnavalescas. Daí e desanimação e o desagrado do folião que submete-se a tantos e tantos sacrifícios, simplesmente para ter algumas horas de fuzerça nestes tempos de FMI.

Mais cuidado na escolha das bandas, precisam ter os dirigentes clubísticos. Afinal, é mesmo o folião quem faz o sucesso das festas programadas para a quadra carnavalesca. E dançar ao som de verdadeiro acompanhamento de latas velhas desafinadas, contenhemos, é dose pra mamute.

Anexo A – ID 0083

Veículo: A Crítica

Data: 06/02/1983

Página: 07

Caderno/Seção: Revista Nacional. Fragmentos

★ ★ ★ ★ Retomou
na quinta-feira passada de
GR o grupo de ballet
DANÇA VIVA, que esteve se
apresentando no Rio
Sheraton Hotel, por
ocasião da Semana do
Amazonas, promovida pela
Embratur. A esse respeito
chegamos a ouvir a opi-
nião do próprio Sr. Gover-
nador do Estado: "O grupo
DANÇA VIVA foi um
dos pontos altos da mos-
tragem" ★ ★ ★ ★

Veículo: A Crítica

Data: 14/02/1983

Página: 03

Caderno/Seção: Cidade

“Dançaviva” não obtém passagens para o Anhembi

O grupo de balet “Dançaviva” foi um dos pontos altos na amostragem do Amazonas no Rio de Janeiro. E agora que foi convidado a representar o nosso Estado na Feira de Amostras no Anhembi — S. Paulo, que tem repercussão Internacional, os cinco componentes do grupo que precisa se deslocar para São Paulo onde já se encontram os outros companheiros, não conseguem passagens. “Será que o folclore e a arte apresentada pelo grupo, não merece respeito nem apoio apenas das autoridades de nosso Estado?”

Esta indagação vem sendo feita pelos integrantes do Dançaviva, que têm andado de porta-em-porta em busca das passagens, com todos dizendo que não têm recursos para ajudá-los. “No entanto, a gente sabe que eles, os donos do governo, têm dinheiro para tudo, menos para apoiar as atividades culturais genuinamente amazonenses”.

Anexo A – ID 0085

Veículo: A Crítica

Data: 06/03/1983

Página: 07

Caderno/Seção: Revista Nacional. Fragmentos

FRAGMENTOS

• Aconteceu dia 26 de fevereiro, em São Paulo, a abertura da Feira Brasileira de Cultura, que contou com a participação de vários artistas amazonenses. Ficando aberta à visitação pública até quinta-feira (03), a mostragem, que reuniu aproximadamente setecentos artistas de todo o território nacional, constituiu um marco único na história de nossa arte telúrica. Representando o Amazonas estavam: Van Pereira, Ely Bacelar, Sebastião Rodrigues (detentor do Prêmio Suframp/82), Otoni Mesquita, Roberto Evangelista, Ademar Brito e Fernando Júnior, dentre outros. Fernando Júnior, na ocasião manteve contato com a classe artística paulista no sentido de efetuar uma mostra individual naquela capital, o que conseguiu para o final do ano. *** Genial os enfoques dados por Aquiles Barros no seu programa Imagens e Sons, às quinta-feiras, 20:00 hs na TV Amazonas. Mereceu reverências especiais a reportagem sobre o Circo Pirotécnico, projeto do teatrólogo Francisco Carlos. *** O Centro de Dança Columbia, localizado na Av. Epaminondas, 479 (onde funcionava o Diretório Universitário), já totalmente equipado, está oferecendo cursos de ginástica e dança para crianças e adultos, em vários horários. *** O Recanto da Beleza, sito a Rua Henrique Martins, 97-A, inaugurou na segunda-feira uma seção especializada em materiais para ballet. Toda a linha da famosa etiqueta Ballet do Centro está presente em sua exposição: maiôs, meias, sapatilhas em geral, tornozeloiras, saiotos de jazz, e clássico, blusas, sacolas, malhas inteiras de lã, blusões de lã, etc. e material completo para maquiagem. É uma medida genial esta, pois nossos artistas muitas vezes necessitavam fazer pedidos à outras praças de quando em montagem de espetáculos e mesmo para estudar. Fazendo atendimento na exposição a bailarina Cláudia, que compõe o Grupo Dançaviva, e que é uma expert no assunto. *** A EMAMTUR, Empresa Amazonense de Turismo, tendo a frente o dinâmico Robério Braga, continua desenvolvendo programações no âmbito artístico, aliás com muita

Veículo: A Crítica

Data: 13/03/1983

Página: 06

Caderno/Seção: Cidade

Centro de Dança Columbia promoverá curso de dança



O Centro de Dança Columbia promoverá a partir do dia 20 de março, um curso de iniciação ao clássico, ministrado por Francisco Cardoso. O curso constará de técnicas que dão início a base de todas as danças, o clássico. Os interessados poderão procurar a

secretaria no horário das 14 às 18 horas, diariamente na Avenida Epaminondas 497 centro. O curso obedecerá o seguinte horário, terça e quinta-feira das 20:00 às 21:30 e aos sábados das 14:00 às 15:30 horas. O curso terá duração de dois meses.

Anexo A – ID 0087

Veículo: A Crítica

Data: 10/04/1983

Página: 03

Caderno/Seção: Cidade

Centro de Danças Columbia treina grupo permanente



Professora Margareth Soares Martins.

O Centro Dança Colúmbia vem desenvolvendo um trabalho voltado para o reconhecimento de corpo com as alunas, visando um grupo de dança infantil, ministrado pela professora Margareth Soares Martins, que já levou o grupo a apresentações em diversos locais, como televisão, clubes e escolas.

O Centro também prossegue com o curso de clássico, ministrado por Francisco Cardoso, que garante ter um resultado satisfatório para o centro e as alunas. Este trabalho está sendo feito em conjunto com a Professora Margareth num estudo profundo da montagem de um grupo adulto permanente do Centro de Dança Colúmbia.

Veículo: A Crítica

Data: 01/05/1983

Página: 05

Caderno/Seção: Cidade

Balé soviético faz apresentação na ZF



Uma cena do espetáculo internacional.

A Superintendência de Teatro do Amazonas estará promovendo nos próximos dias 6, 7 e 8, às 21 horas no Teatro Amazonas, as apresentações do Conjunto Kabardinka de Danças Folclóricas, do Cáucaso (URSS), que aqui iniciará sua "tourné" pelas principais metrópoles brasileiras.

Baseado nas lendas e tradições de seu povo o Kabardinka reúne os mais exímios bailarinos do gênero, tendo todos eles recebido os títulos de "Artistas Eméritos da URSS" e medalhas de ouro no "Concurso Internacional Para a Juventude de Moscou". O Conjunto foi fundado em 1934 e no decorrer desses anos vem se apresentando nos mais famosos teatros do mundo, merecendo de todas as platéias os aplausos reconhecimento e respeito que, por sua arte, ultrapassa qualquer

tipo de barreira político e ou social.

As críticas que precedem a estréia do Kabardinka em Manaus, enviadas dos lugares onde tem se apresentado (Marrocos, Grécia, Austrália, Filipinas e etc.) referem-se ao espetáculo como algo de extrema beleza artística que se impõe por sua originalidade profunda, apresentando o popular em grau de quase total pureza, sem quaisquer tipos de sofisticções.

O programa a ser apresentado em Manaus será composto de duas partes, num total de dezito números diferentes, todos "sustentados" por músicos que "... através dos tambores, acordeões e flautas transmitem sentimentos, estados d'alma que o espectador recebe traduzidos pela destreza coreográfica dos bailarinos..." (Business Day-Filipinas).

Anexo A – ID 0089

Veículo: Jornal do Comércio

Data: 01/06/1983

Página: 12

Caderno/Seção: Geral

PAGINA - 12

JORNAL DO COMERCIO, 01 de junho de 1983

GERAL -

HORÓSCOPO
- de JEAN PERRIER

BOI

CARNEIRO
de 21/1 a 20/4

TOURO
de 21/4 a 20/5

GÊMEOS
de 21/5 a 20/6

CÂNCER
de 21/6 a 21/7

LEÃO
de 21/7 a 22/8

VIRGEM
de 23/8 a 22/9

BALANÇA
de 23/9 a 22/10





nossa sociedade. O presidente Aton Furtado tem sido muito cumprimentado nesta hebdômada festiva. O colunista sempre vai bater um papinho com os muitos amigos que possui no Clube da Eduardo Ribeiro.

...

★ O Cardeal Dom Eugênio de Araújo Sales, Arcebispo do Rio de Janeiro, esteve recentemente em Roma, onde tomou parte na Conferência sobre a Encíclica "Laborem Exercens", promovida pela Fundação Konrad Adenauer. Foi ele o único bispo católico convidado, entre os 44 participantes. Declarou na Sala Vip do aeroporto do Galeão que o Papa João Paulo II está muito preocupado com a chamada "Igreja Popular", espécie de catolicismo que desloca o centro da religião, de Deus para o homem, dando mais ênfase aos seus interesses materiais e sociais, que aos valores espirituais de sua salvação eterna. O purgado brasileiro entregou ao Papa um exemplar do livro "Igreja Popular", da autoria de Dom Boaventura Kloppenburg, Bispo Auxiliar de Salvador, editado pela Livraria AGIR. O Santo Padre prometeu lê-lo com brevidade e atenção.

...

★ Como saiu incorreto, ontem, o nome do poeta, reproduzimos hoje: GARCIA LORCA. Quanto à netinha do empresário João Braga Júnior, usamos a expressão "beijo de Xuxa".

★ A Livraria MAIRA está com ótima frequência de estudante, artistas, intelectuais e pessoas amantes do bom livro. Possui um grande estoque de obras didáticas, literárias, artísticas, científicas e de superior cultura. Apreciei o sortimento de livros. Recomendando uma visitinha. Nossa coluna sempre fez timbre em promover e in-

...

★ Um pensamento seletto: "A torrente de tuas injúrias jamais alcançará a altura do meu desdém!" (Descartes).

...

★ A Academia de Ballet Clássico Professor José Rezende, vai apresentar nos dias 3 e 6 de junho, às 21 horas, no Teatro Amazonas, a Grande Noite do Ballet, com a presença Eliana Guimarães e Jair Moraes, Primeiros Bailarinos do Teatro Municipal de Rio de Janeiro.

Grato pela gentileza do convite que me foi enviado.

...

★ A VARIG/GRUZEIRO, convidando o colunista para o coquetel que acontecerá hoje, às 20 horas, no Salão Nobre do Tropical Hotel, que marcará o lançamento do voo 886 ligando Manaus a Porto Of Spain e Barbados.

Agradeço a gentileza. Marcel presença.

...

★ Federação das Indústrias do Estado do Amazonas e a Associação dos Exportadores da Zona Franca de Manaus, convidaram o colunista para o coquetel que marcou o transcurso da Semana da Indústria, oportunidade em que foi entregue o diploma de "O MERITO Industrial-83, e o diploma de "O Exportador do Ano" versão 83, à Empresa Gillete da Amazônia. Agradeço a gentileza. Deixei de comparecer pelo fato de somente ter recebido o convite após à realização dessa bonita promoção.

...

★ Em requintado jantar que acontecerá dia 14 de julho próximo, nos salões do Ideal Clube, a Sociedade Brasileira de Estudos Municipalistas estará agraciando várias personalidades do mundo empresarial do nosso Estado, com a comenda da Ordem do Mérito Municipalista. Este colunista também vai ser agraciado com essa importante comenda.

...

★ Jacqueline Pinho, Maria Lucinete Motta de Souza, Rosevone Andrade,

★ A grande bailarina Eliane Caninda, que estará se apresentando no Teatro Amazonas nos dias 3 e 6 de junho que hoje inicia.

Veículo: Jornal do Comércio

Data: 02/06/1983

Página: 10

Caderno/Seção: Geral

*** BEBÊ A VISTA: Segundo Zum, Zum circulantes a Princesa Lady Diana está na espera de um novo bebê. Será?

*** TITTO DE VOLTA A MANAUS: O cantor amazonense Titto Santos após 8 anos ausente de Manaus, retorna trazendo à tiracolo seu novo disco onde se destaca a faixa "Cadê o Verde", que fala de ecologia.

*** FEIRA DA BOLA: A partir da próxima semana, terá início as atividades da FEIRA DA BOLA. Localizada na área do restaurante Tucunaré lá na Bola da Suframa, esta feira vem prestar um grande serviço a coletividade, uma vez que ela será super farta, vendendo os mais variados produtos, desde os alimentícios aos

um encontro beneficente reunindo amigos de nossa sociedade que por certo marcarão presença maciça. Entre os muitos objetos que serão sorteados: Relógio de pulso ofertado pela senhora Carmem Pantoja; liquidificador oferta de Polly Abrahão; secador de escova doado pelas ex-alunas salesianas Ana Simões, Odanilza Carvalho, Heloisa Hamma; peça de cristal, doado pelo casal Mário (Rosenilda) Haddad; 1 álbum de fotografia, Lúcia Clara Brito.

*** NOITE FLASH BACK: Será dia 10 de Junho na Boite dos Ingleses. Mesa ao preço de 2.000,00 e ingressos 500,00, e o gatinho Fernando Salinac é o organizador desta festa que já é sucesso garantido.

*** BALLET: Terá início amanhã no Teatro Amazonas, com esticada até o dia 05 a partir das 21:00H o espetáculo da Academia de Dança do prof. José Rezende. Agradeço o convite enviado pelo amigo Rezende, que contará com bailarinos locais que fazem parte da sua escola como: Cristina Cruz e Monica Bonfim. Colaborando com esta promoção o Hotel Imperial, Manoel Muniz, Radio Difusora e Teatro Amazonas.

*** FILOSOFANDO...
"Somente ao olharmos para o passado, somos capazes, de entender o que estamos vivendo".

ELIANA CAMINADA

Formada pela Escola de Danças Clássicas do Teatro Municipal e pertencendo hoje ao seu Corpo Docente, Caminada iniciou muito cedo suas atividades artísticas profissionais.

Através de concurso, com banca internacional, entrou aos dezesseis anos para o Corpo de Baile do Teatro Municipal, classificada em 1º lugar.

Além de oportunidade de dançar desde papéis de conjuntos solos, até primeiros papéis e trabalhar com importantes coreógrafos nacionais e internacionais e grandes maitres de ballet.

Como solista ou 1ª bailarina atuou no Teatro Municipal do Rio de Janeiro, na Fundação Teatro Guairá e nos conjuntos Ballet Concerto da Rádio M. E. C., D'Aldeia, Brasileiro da Bahia, do Ginásio Lemos Cunha, no Teatro D'Arte e do Movimento, no Conjunto Coreográfico do Rio de Janeiro e na Fundação Brasileira de Ballet.

Atuou ainda na Companhia Brasileira de Ballet e foi contratada em 1975 como solista pela Ópera Estatal de Munique. (Alemanha).

Entre os coreógrafos famosos e maitres de ballet com quem trabalhou destacam-se: William Dollar, Arthur Mitchell, Richard Cragun, Oscar Araiz, Jorge Garcia e Outros, particularizando: Tatiana Leskova, sua mestra por muitos anos e Eric Valdo, seu marido e orientador e talvez seu maior incentivador.

Atuou entre outros bailarinos, com Eduardo Ramirez, James de Bolt, Aldo Lotufo e recentemente Gregory Ismailov em Coppelia ballet completo em 3 atos com o Ballet Studio D, sob a orientação de Hugo Delavalle que na época mostrou um inesquecível Dr. Coppélius.

Dos ballets principais em que atuou, destaca: Les Silphides, Raymonda, Aguas Primaveris, Romeu e Julieta (cena do calção), Sinfonia Amazônica Homenagem a Pattapio Silva, Paqueta (pas de trois) e os grandes pas de deux de D. Quixote, Corsário e Quebra Nozes e inúmeros outros.

Esta é a terceira vez que se apresenta no Teatro Amazonas, onde tem obtido sempre êxito e maravilhosas recordações.



Veículo: A Crítica

Data: 03/06/1983

Página: 03

Caderno/Seção: Cidade

Ballet terá exibição no T. Amazonas

Com o apolo da Superintendência de Teatro do Amazonas, a academia de Dança José Rezende estará apresentando a partir de hoje até o dia 5 (de sexta a domingo), às 21 horas no Teatro Amazonas, a Internacional Eliana Caminada acompanhada das primeiras bailarinas do Corpo de Dança do Teatro Municipal do Rio de Janeiro.

José Rezende, que já trabalhou ao lado de grandes estrelas do ballet clássico, tais como Márcia Haydée e Mariana Ivanova, da Ópera de Paris, há muito vem desenvolvendo um grande trabalho em prol do movimento artístico do Estado voltado especificamente para a dança clássica. Periodicamente traz para o público de Manaus os mais expressivos nomes do ballet nacional alternando essas apresentações com coreografias interpretadas com os alunos de sua academia. Além de Eliana Caminada também estarão se apresentando nesta curta temporada as bailarinas Alice Arja, Cláudia Gomes, Andréa Mafra e ainda o também internacional Fernando Mendes. As coreografias de José Rezende serão apresentadas por Cristina Cruz, Kleber Monteiro e Mônica Bonfim.

Anexo A – ID 0092

Veículo: Jornal do Comércio

Data: 14/08/1983

Página: 12

Caderno/Seção: Variedades

JORNAL DO COMÉRCIO, 14 de Agosto de 1983

Uma Craque das Sapatilhas

Ellana Caminada, é uma bailarina que praticamente todos os manauaras de bom gosto já tiveram a oportunidade de vê-la dançar no Teatro Amazonas, trazida, graças a Deus pelo brilhante bailarino e professor José de Rezende. Ellana, naquele Rio lindo de viver e curtir a vida, não para um só minuto, e todas as horas são dedicadas à dança em sua Academia, onde dezenas de moças e rapazes se dedicam à difícil arte do ballet. Ela é uma mulher incrível e com personalidade marcante. Enfim, ela é uma artista de talento. Muito breve, ela pisará novamente no palco do Teatro Amazonas.



★ ★

Veículo: A Crítica

Data: 08/10/1983

Página: 05

Caderno/Seção: Cidade

Movimento apresenta espetáculos no TA

O público amazonense terá oportunidade de assistir, no período de 23 a 27 deste mês, a partir das 21 horas, os espetáculos "Retrato do Brasil" e "Furo do Meio"; montado pelo professor Francisco Cardoso e pelos integrantes do Grupo Movimento contando com a produção do Centro de Danças Colúmbia.

O grupo está constituído de 20 pessoas que apesar de iniciantes começam a ganhar um posicionamento muito próprio que certamente agradará a todos.

Os espetáculos "Retrato do Brasil" e "Furo do Meio" fazem parte de um só espetáculo, dividido em dois atos, que mostrarão muito movimento e harmonia entre os integrantes do grupo.

"Retrato do Brasil" são tomadas da atual situação do Brasil no tocante à parte econômica, social, política, etc., enfocando o homem atual tecnocratizado que atua como "máquina" e segue em direção à origem quando na era primitiva. Apesar do tempo pouca coisa mudou pois a fome e a corrupção continuam como antes deixado, desde do início, quando Cabral descobriu o Brasil.

"A única mudança que se percebeu durante esse período foram as edificações, uma vez que ninguém faz nada para mudar, não pedem nada para melhorar, durante o espetáculo os integrantes dissimulam o carnaval brasileiro.

O grupo retrata também a nossa juventude que está sendo violentada, o operário marginalizado e termina com uma mensagem de saudade de liberdade para que todos possam fazer uma reflexão da mensagem que é deixado pelo grupo.

Já o ato nº. 2, que é "Furo do Meio", mostra um trabalho que, em cima de um trabalho musical regido por Natacha Andrade e Regina Melo, foi desenvolvido pelo grupo Tariri e que ouvindo a música começou o movimento e surgiu o balé "Furo do Meio".

Ressaltou o professor Francisco Cardoso, que o trabalho é todo regionalizado falando bastante do nosso caboclo, de nossas coisas. Com isso o grupo está criando um estilo próprio que não se prende no Jazz, clássico, contemporâneo, etc.

O Grupo Movimento fará suas apresentações contando com a participação de Ana Loris, Carlos Mateus, Ribeiro, Eduardo, Francisco Jofre, Etelvina, Virginia, Marilak, Meire, Margareth, Cláudia, Sandra, Erica, Francinete, Lucilene, Charles, Thiago, Mônica e Socorro, tendo na coreografia Francisco Cardoso, assistente Paula Francinete, iluminação Ednelza Sahdo e participação especial da atriz Lena de Sá.

Os ingressos para a apresentação do grupo Movimento no Teatro Amazonas, poderão ser obtidos na Academia de Danças Colúmbia ou na loja Mundo dos Esportes.

Veículo: A Crítica

Data: 30/10/1983

Página: 10

Caderno/Seção: Revista Nacional

★ ★ ★ **ROBERTO CARREIRA**, sábado que passou, no **TEATRO AMAZONAS**, fez entrega do seu **GOLDEN STAR**, versão 83, aos melhores da cidade, em diversas áreas. Festa bonita aonde mil coisas aconteceram. Balês (aqui destaque maior para **ALANE BRAGA** e seu elenco. Muito bem montado o número apresentado por ela e seus bonitos alunos), desfiles da moda local com participação de várias boutiques da terra, coreografias variadas, enfim, mil números dos mais diversos apresentados por numerosíssima **TROUPE**. O ponto alto da noite ficou com **NEY GALVÃO** e **EUGÊNIA FLEURY**. Ney é figura humana das melhores: simples, comunicativo, sem nada de estrelismos. Para quem chegava até ele, sorrisos e carinhos. Sua coleção simplesmente linda e luxuosa. Suas manecas totalmente perfeitas. Destaque aí para **SANDRA RICCO**, o melhor desfile da noite. Esta jovem bonita não anda sobre passarela; simplesmente flutua... Aula de bem pisar **Sandrinha** proporcionou aos presentes. Da terra apenas dois jovens participaram dos quadros de Ney: **TELMO DIAS** e **SILVIA BARROS**. Esta garota ganhou aplausos, experiência e o entusiasmo de **Paulinho Girardi**. **EUGÊNIA FLEURY** mostrou também roupas de primeiríssima qualidade, totalmente sofisticadas e de um tremendo bom gosto, mas nem de longe com a simpatia do astro global. Se houver uma estrela na noite, foi ele. Mercidamente. **CARLA POMPEU** e **MARY QUEIROZ** participaram como convidadas especiais. Valeu a presença das duas beldades vindas de Brasília. Da terra vários nomes brilharam. **ALESSANDRA PERETTI** recebeu faixa de Miss Golden Star-83 e era beleza só. **GUILHERME BUZAGLO** eleito o melhor manequim amazonense. Aplaudos. **MÔNICA ANTONY QUEIROZ** (linda demais em vermelho e



NEY GALVÃO, LOURDES BUZAGLO e ROBERTO CARREIRA gente realce do Golden Star 83. (CHIKÓ).



NECY RAPHAEL a mais elegante da noite. (CHIKÓ).



A talentosa **ALANE BRAGA** e sua troupe. (CHIKÓ).

Veículo: A Crítica

Data: 05/11/1983

Página: 07

Caderno/Seção: Variedades. Gente Gil

Mônica Bomfim e Wandilson Montenegro dançam o pas de deux de "Iara" de Villa-Lobos

★ Alice Colino e Cêlio Trigo vêm dançar no Teatro Amazonas nos dias 2, 3 e 4 de dezembro vindouro.

— Estiveram integrando o corpo de baile do Teatro Municipal-Rio; hoje fazem parte do Centro de Ballet do Rio de Janeiro, dirigido por Dalal Aschar.

★ Na noite de 3, a bonitíssima Mônica Bomfim (está inclinadíssima, a partir do ano que vem, em prosseguir os seus estudos de dança clássica no Rio) terá como **partner** na coreografia de "Iara" de Villa-Lobos, Wandilson Montenegro, pertencente ao Centro de Ballet do Rio de Janeiro.

— Vão interpretar o **pas de deux** dessa obra do genial compositor brasileiro.

★ Em tempo: o espetáculo do dia 3 terá sentido filantrópico. Revertendo a renda para a creche "Marília Barbosa".

★ Os convites já estão à venda, custando Cr\$ 2.000.

Veículo: A Crítica

Data: 07/11/1983

Página: 07

Caderno/Seção: Variedades. Gente Gil

Núcleo Universitário de Dança Contemporânea no "Corpo e Movimento"

★ Quarta-feira desta semana no Teatro Amazonas a estréia do Núcleo Universitário de Dança Contemporânea — NUDAC.

— Criado no ano passado, tem como coreógrafa Lia Sampalo.

★ O espetáculo se intitula "Corpo e Movimento".

★ Na mesma se mostrância, apresentando-se as classes de dança do Conservatório de Música da Universidade do Amazonas.

Anexo A – ID 0097

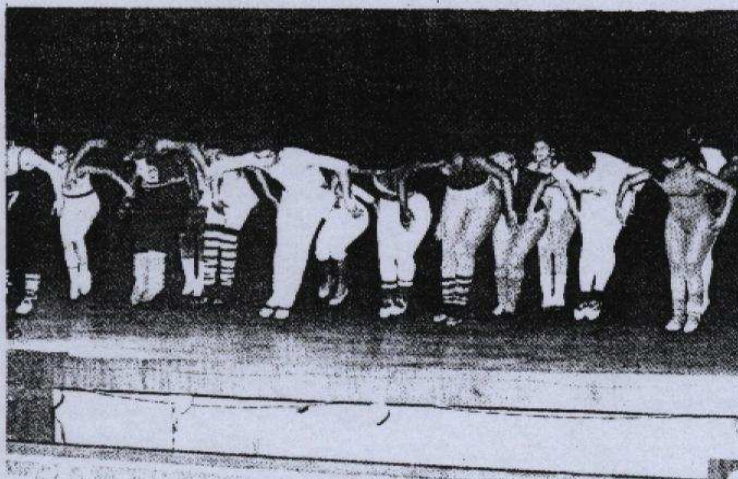
Veículo: A Crítica

Data: 12/11/1983

Página: 08

Caderno/Seção: Cidade

Grupo Movimento no Teatro Amazonas



O Grupo Movimento apresentará no Teatro Amazonas, de 23 a 27 de novembro, às 21 horas, os espetáculos de dança "Retrato do Brasil" e "Furo do Meio". Acreditando que seja impossível parar" e que a luta se faz em escala gradativa de **movimento** o Grupo decidiu:

— Nunca cruzar os braços diante dessa poderosa máquina que produziu o **Retrato do Brasil**, onde se vê legivelmente o nosso povo **dançando** nesse terrível espetáculo de fome e miséria.

Coreografados por Francisco Cardoso, os espetáculos transmitem-se "contra esse estranho poder, que tem a força de fazer com que as pessoas esqueçam a sua própria História". "Quando o nosso rio Amazonas", explicou o Grupo, "não consegue mais adormecer

tão silenciosamente no seu leito e nem despertar no seu curso natural, não ter os interesse em enganar toda uma população ocultando o nosso flagelamento na busca de arrancarmos aplausos".

Os ingressos — Cr\$ 1.000,00 — podem ser adquiridos no Centro de Dança Colúmbia (Av. Epaminondas, 497), e no Mundo dos Esportes (Rua Saldanha Marinho, 335). Aos interessados, o Grupo deixa uma última mensagem: "Se nosso trabalho transcórrer em silêncio, não esqueçam, é o nosso grito abafado. O nosso desafio expressaremos no **movimento**: dançando e cantando aquilo que também em **Furo do Meio** expressa através do seu soluço. Porque acreditamos profundamente nesse grito de esperança".

Anexo A – ID 0098

Veículo: A Crítica

Data: 18/11/1983

Página: 07

Caderno/Seção: Variedades Gente Gil

Noites de ballet no Teatro Amazonas

★ Alice Collno e o primeiro bailarino do Municipal-Rio, Carlos Louzada, mais Kella Castro e Wandylson Montenegro, apresentaram-se no Teatro Amazonas nas noites de 2,3 e 4 do mês que vem.

★ Vêm a convite da Academia de Dança do prof. Resende.

★ As apresentações dos dias 3 e 4 terão sentido filantrópico. A primeira, revertendo a renda para a Fundação Dr. Thomaz, e a segunda, para a creche "Marília Barbosa".

— Wandylson Montenegro terá como **partenaire** Mônica Bomfim, no **pas de deux** de "Poema de Amor", de Baby de Oliveira. A música é tocada pelo pianista Arnaldo Rebelo (em gravação, naturalmente).

★ Para essas noites de **ballet**, estará aqui a sra. Elba Nogueira, ex-diretora do Municipal-Rio e presentemente integra o Conselho de Dança da UNESCO.

★ Em tempo: tais espetáculos serão uma preparação para o Festival de Ballet Clássico que se dará no próximo ano, nesta capital, com a presença dos mais destacados e solfejados bailarinos brasileiros e estrangeiros.

★ Kella Castro e Wandylson Montenegro pertencem ao corpo de baile do Municipal de Niterói.

Anexo A – ID 009

Veículo: A Crítica

Data: 20/11/1983

Página: 05

Caderno/Seção: Cidade

Retrato do Brasil na estréia de grupo



Integrantes do Grupo Movimento.

Após cinco meses de constantes ensaios, estréia dia 23 no Teatro Amazonas o grupo "Movimento" com os espetáculos "Retrato do Brasil" e "Furo do melo" sempre a partir das 21 horas, uma vez que o espetáculo se prolongará até o dia 27 de novembro.

O grupo é constituído de 12 bailarinos e uma equipe de oito pessoas voltados para a problemática nacional, o grupo "Movimento" se propõe a fazer um trabalho que visa despertar a atenção das pessoas para a sua própria participação no que diz respeito ao momento pelo qual atravessamos, e entendendo que a atual situação do País, é de extrema dificuldade nos setores econômico, social e político, motivo pelo qual o grupo assume o compromisso com o povo e a arte local mostrando um "Retrato do Brasil".

O maior desafio do grupo, segundo revelou o coreógrafo e diretor de espetáculo, Francisco Cardoso, foi aceitar

recriar cenicamente a nossa região, para tanto, o grupo solicitou o trabalho musical de Regina Mello e Natacha Andrade, "Furo do Melo" que vem sendo apresentado pelo grupo Tariri, e que graças a cumplicidade do fazer arte foi cedido e enfim coreografado. O grupo desenvolve seus trabalhos no Centro de Danças Columbia, o qual é o produtor do espetáculo, e sentindo a urgência de desabafar, se coloca em movimento.

O grupo "Movimento" é constituído de: Ana Lôres, Débora Medeiros (solista), Eduardo Brandão, Érika Magalhães, Fransinetti Andrade, Francisco Cardoso, Jofre Santos, Etelvina Suriadakis, Margareth Soares, Mary Souza, Sandra Karen e Virginia Almeida. Iluminação e maquiagem: Ednelza Sardo, sonoplastia: Marco Pereira, chefe técnico: Djalma Cosmos, participação da atriz: Lena di Sã, coreografia: Francisco Cardoso, assistente: Fransinetti Andrade e administração: Azevedo e Margareth Soares.

Veículo: A Crítica

Data: 23/11/1983

Página: 05

Caderno/Seção: Cidade

entrega passaram a verificar as condições

Movimento estreia dois espetáculos

Em pleno jorro coreográfico, o Grupo Movimento estreia no Teatro Amazonas, hoje, seus primeiros trabalhos, "Retrato do Brasil" e "Furo do Meio" focalizando dois assuntos diferentes em cada um deles.

Em "Furo do Meio", peça que compõe a primeira parte do programa, é um trabalho em cima do resultado musical de Regina Mello e Natacha Andrade, interpretado pelo Grupo Tariri, que recebeu um tratamento coreográfico, com movimentos simples, mas significativos.

Sob a direção do coreógrafo Francisco Cardoso, o grupo viaja numa canoa imaginária pelos rios do Amazonas, em busca de melhorias, numa fuga da rotineira vida do beiradão aportando em vários Furos do Meio.

A segunda parte do programa nos trás "Retrato do Brasil" onde acontece uma exposição da vida brasileira, de sua origem ao seu mecanismo, que ao ser transformada em dança, a nossa história poderia ter sido apenas descritiva, o que provocaria um verdadeiro desastre coreográfico, mas o grupo não se deixou conduzir pelo panfletarismo, usa-o para atestar a coerência que existe em seu trabalho.

Formalmente esse é um balé muito simples visualmente, mas a economia de adereços resulta na criação de climas muito fortes. E a soma destes sintomas pode indicar uma mudança estrutural na escrita da dança amazonense.

Quanto a esta expectativa, há que aguardar novas criações para avaliar o rumo destes embriões. Os espetáculos se misturam e por isso vale conferir, quais os espetáculos de cada grupo de dança que se inicia este final de ano no Teatro Amazonas. No entanto, uma certeza, o Grupo Movimento trás seu próprio ritmo, ou seja, a coerência.

Ana Lores, Deborah Medeiros, Eduardo Brandão, Erika Magalhães, Francisco Cardoso, Frassinetti Andrade, Jofre Santos, Itelvina Surtadakis, Margaret Soares, Mary Souza, Sandra Karen, Virginia Almeida, Ednelza Sahdo, Djalma Coasmós, Marco Pereira, Lena Di Sá e Ataides Azevedo é o quadro técnico desse grupo, que até o dia 27 deste mês nos traz um bellissimo espetáculo de fim de ano.

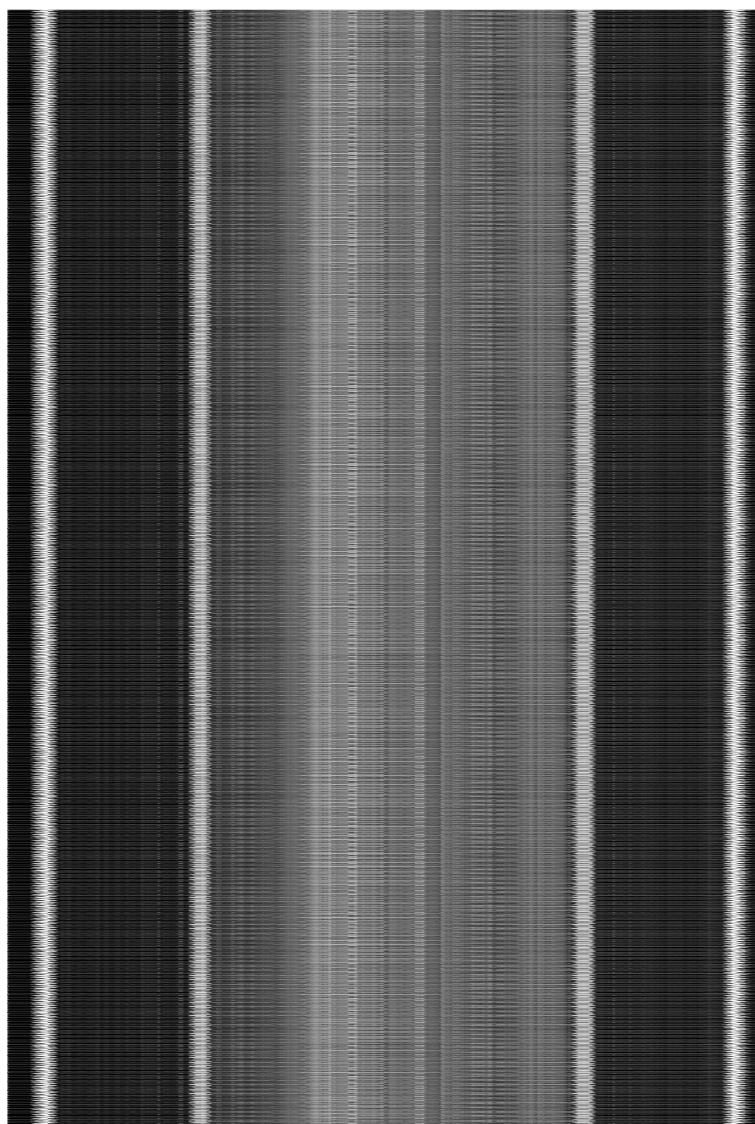
Anexo A – ID 0101

Veículo: A Crítica

Data: 26/11/1983

Página: 05

Caderno/Seção: Cidade



Veículo: A Crítica

Data: 12/12/1983

Página: 07

Caderno/Seção: Variedades Baby

De cor, de luz, de talento, de beleza

• Uma, vieram de fora. Outros são do torrão de nascidouro mesmo e de especialização em plagas outras. Todos entretanto, numa atitude de desprezando ao total, fazendo com que a alegria, o talento, a beleza e a inteligência do nosso povo ativas de 360 graus de um trabalho que deve ser respeitado. O palco do Teatro Amazonas tem sido ocupado diariamente por jovens que em passos clássicos ou em requiebras de jazz mostram que a dança ainda é a mais rica expressão da arte. E a mostra foi um trabalho artesanal de altíssima qualidade e em diversas acenamentos de ballet.

• Professor Rêzando abriu o ciclo de maneira maliciosa, ventou a distábe e fez show de roubar até o mais insensível espectador. E as performances não vão parar aí. As acadêmias das professoras Alaine e Mônica já tem suas peças marcadas para os próximos dias e ontem, domingo, Arnaldo Pedutto e suas pupilas fizeram o encerramento de parte que lhe cabe.

• E como foi bonito ver a mocada cheia de vida, emvando fantasias caras e de extremo bom gosto, sapatilhar o palco com profissões e docagens, homenagens de frescurinha e talento. Da fábula da Branca de Neve até o controverso e eglatíssimo "Hail", um passeio metódico de glamour. Casa lotada, aplauso garantido, força suficiente para continuar a caminhada. Professora e primeiras todas já podem e devem ser consideradas como GENTE NOSSA, uma vez que fazem um trabalho de banificação aos nossos jovens. Pra que benefício maior do que o despertar e o despertar da sensibilidade?

• E a plateia continua a ser realizada de elementos cuja a existência não chega a atingir um grau pelo menos considerável. As platinhas jogadas em momentos de brilho trazem dano do show, como a nota dissonante e jamais prevista. Acho que esse tipo de comportamento ainda vai permanecer por algum tempo. Até que o hábito de ir ao teatro seja uma coisa encadeada com normalidade.

Coisas dos circuitos

• Na quadra de vôlei, Cynthia e Ivo vão caminhar rumo ao título. Com o apoio de seus jovens, vão as únicas famílias de Francisco (Petrolina) Cortes e Fernando (Luzinha) Albuquerque. Cerimônia religiosa terá como cenário a Igreja de São Sebastião, o horário será das 20 horas e a ação o trocar de alianças, recepção das mais católicas nos salões do Ideal Clube.

• Vão se despedir a coimadas: Arlinda e Lucinha Frota, Thomário e Dulce Costa, Mário e Dolores Moraes, Asselmo e Wladimir Garcia, João Batista e Brígida Queiroz Moura, Walverde e Nilde Barcos de Araújo e Wallace e Socorro Coimbra.

• A festa receberá decoração idealizada e elaborada por Nelson Buoro e Raul Cachello, enquanto os arranjos em flores que enfeitam o Ideal Clube, montado no tratamento de equipe de César Salinas e Esmeralda Flores. Na semana vindoura os comitês desse encontro, que promete ser dos mais bem frequentados de uma temporada. Já agenda, claro.

• E a Federação das Indústrias do Estado, na pessoa do meu muito considerado João de Mendonça Furtado uma vez mais convocou a imprensa da taba para o tradicional almoço de final de ano, uma espécie de conagraimento entre as classes.

• Impossibilidade de comparecer, viarei de longe com o entusiasmo do Arnaldo, como profissional e como pessoa humana. Trabalhamos juntos durante algum tempo e embora nossos caminhos tenham traçado paralelo, continuamos a nutrir um pelo outro, uma estima sem tamanho, justíssima homenagem.

• Governador Gilberto Meistrinho fez presença ao encontro desse ano, saboreando democraticamente a fatiada orelhada e servida à americana. Depois dos discursos de praxe (poucas brincadeiras nesse 83) o sorteio da cotizada passagem aérea. Foi ele, patrocinado pelo Cláudio Barboza, da equipe aqui de A Crítica.

• Sempre que partiu dessa consciência oferecida pela FIEM ou membro do Amaury Valério, que vibrou e curtiu a páo. E sempre um momento bom, quando a gente pode ter um companheiro de batente que por motivo de afazeres diários ficam distante de nossas oitias. Esse dia serve ainda para unir espíritos.

• Paulo e Célia Azevê estão ostentando sorrisos desse tamanho. E que o filho Paulo Júnior recebe canudo em homenagem, distinguindo-se em notas e sendo portanto, o orador oficial da turma. Incorporo-me a alegria do casal, que vê como missão cumprida, e primeira etapa vencida pelo primogênito.

• E a embaixatriz da Noruega, senhora Proitz, que salmou plagas nossas acompanhando o senhor embaixador que aqui esteve em visita oficial, saiu às compras, lojas de cristais, não economizou elogios ao Teatro Chimali.

• Fica resolvido assim: O Ideal Clube não dará o seu tradicional reveillon esse ano. Muito triste envolvendo toda uma estória e na grande realidade quem está perdendo será mesmo o associado que no fringir dos ovos, acaba levando a pior, para variar. Não entro no mérito da questão, não procuro analisar situações mas lamento profundamente que uma tradição seja quebrada com prejuízo de toda uma sociedade.

• Tenho a impressão de que já está na hora de unir esforços e nunca dividir gastos provocando grupos em trabalhos paralelos. Tal caminho não leva a qualquer lugar onde haja luz, disto eu tenho certeza.

Livro raro para o governador

• Governador Gilberto Meistrinho desde a sexta-feira última, possui em sua biblioteca uma peça rara. Foi ele apresentado com o livro de mais alta categoria artística, da autora Margaret Mee, uma inglesa radicada no Brasil e que, sendo amante da flora amazônica dedicou-se a tal trabalho através de pesquisa e capas altíssimas de amor. O livro tem somente 100 (mii) exemplares a serem distribuídos por todo o mundo e foi editado pela Record do Rio de Janeiro e impresso em gráfica especializada, na Holanda.

• O presente foi entregue com todas as honras, no Palácio Rio Negro, pelo Heriberto Arroyo o mais novo livreiro e editor do Estado do Amazonas que pretende, em janeiro vindouro, a instalação da primeira livraria exclusiva em ensino agropecuário.

Amanhã: Momento 84

• O palco do Teatro Amazonas vai abrigar na noite de amanhã, um show destilado diferente que marcará o final desse 83, já com vistas a 84 bem badalado.

• Manecos e manecos mostrando moda descontraída ou de alto luxo, num vaivém teatralizado e numa coreografia digna dos maiores elogios. A promoção vai ter a participação de manequins altamente gabaritados e a noite é passará de outros tantos modelos que regressam ao tapetito famoso, após alguns anos de ausência, como é o caso da Helen Litafif.

• Os lugares do teatro serão numerados e as vendas estão sendo feitas, bem como as reservas, pelo telefone da clínica a ser beneficiada ou com os promotores da acontência.



Um raro momento durante o show de Arnaldo Pedutto (Chikô)

de um momento de teatro e cultura do ator contra mim.

• Sem um tico de medo ou consciência me pesando, v dizer que, em momento algum duvidel do talento de Marcos do sucesso da peça. Se ass tivesse agido, estaria indo se encontro ao meu próprio EU que procura valorizar o que de bom e proveitoso existe no ser humano. Admiraço, admiro e continuarei a admirar o astro de telanovelas de ribaltas, um profissional respeitado e aplaudido. Mas o meu comentário anterior (e que serviu de instrumento a uma foloquinha barata) vai permanecer e volto a declarar: jornalista não precisa vender ingresso que lhe é ofertado, para com tão poucos cruzetinhos, aumentar a sua receita mensal. E era desta forma que pensava e dizia em altos brados a empresário do Nanini. Tenho testemunhas para do fato.

• Agora, tem uma coisa: não coloquem palavras na minha boca, não cobrem de mim altitudes que o meu interior rejeita simplesmente para ficar com a maioria. Não venham me sugerir comportamentos mais ou menos simpáticos e não me façam sentir manecinhas, mas que não se ofendam, isto está, valendo também para o companheiro que usando o fio me faz cobranças e na tentativa de me fazer jogar lama contra meus amigos do peito, me exige a tal da CONSCIÊNCIA JORNALÍSTICA. Quero apenas lembrar que antes de profissional sou uma adepta ferrenha das pessoas que amo. Nelas confio porque assim manda a minha cabeça, governa o meu coração e não preciso duvidar filiaris se sou sabedora da existência de uma verdade que a todo todo custo procuro esconder. Jamais pretendi agradar a um número muito grande de pessoas. Quero mais é estar em paz comigo mesma e com a vida. Necessito, isto sim, ficar ombro a ombro com a verdade, que pode até nem a da maioria mas é essencialmente. A MINHA VERDADE. Com esta matéria, matei dois coelhos com um só cajado. Estou tranquila.

• P. S. Qualquer reclamação sobre o tema, favor dirigi-la e mim.

Veículo: A Crítica

Data: 27/12/1983

Página: 10

Caderno/Seção: Revista Nacional. Badalações

Badalações

*** A Academia de Ballet clássico "JOSÉ REZENDE" proporcionou à sociedade amazonense uma grande noite de **ballet** com a participação dos bailarinos Alice Colino, Wandylson Montenegro, Kella Castro, Carlos Louzada e tendo como convidada de honra, Helba Nogueira, presidente do C.B.D.D., órgão vinculado ao "Conséil Internationalle de la Danse". O lance foi no Teatro Amazonas, na noite do dia 2.

Veículo: NI

Data: 23/10/1983

Página: 20

Caderno/Seção: Cena Aberta (Gerson Albano)

23-domingo, 23 de outubro de 1983

CENA ABERTA

Gerson Albano



Cena de Retrato do Brasil com Z

BRAZIL COM Z
Era um "papo" que completava (embora não precisasse) a cena que ocorre no palco durante mais um ensaio do Grupo Movimento. É Francisco Cardoso, o diretor do grupo, comentava e propunha ao trabalho:
"Não achamos que o artista não tem nenhuma função se não agir como um elemento das reivindicações políticas; ele deve saber decodificar e cristalizar, através de sua arte, os anseios da coletividade e superar alternativas, soluções e outras soluções, e essas reivindicações. Se não se enquadra, se é um outro departamento, entretanto até que não não se verifica exatamente não no palco e na sua função de social".
Sem, depois de uma declaração desse o "papo" estará altamente motivado, não é? E fomos mais fundo:
- Francisco, por que "Retrato do Brasil" (A) ele insiste que seja com "Z" seja feita a sua vontade, toma, BRAZIL!
- "Qual é a diferença que o artista abstracionista entre esse... aquela região? Veja bem, se não nos referir a nós ou aos seus valores culturais repetitivos de cada região, mas sim se suas condições sociais e econômicas, o seu poder aquisitivo, a questão de educação, o desemprego e todas essas "chagas" no solo da sociedade brasileira. Então "Retrato do Brasil" é isso, é um diálogo e nada concreto passado por esta realidade e seus oportunos momentos de escape.

- Que movimentos são esses?
- Pôco falar?
- Onde e porquê (já aconteceu uma cena bem forte a nudoção humana).
- Ah! Tem razão, já está ficando feio?
- É!
Continuamos com o "papo", mas aqui não vemos falar mais nada e esperar que a sessão se dê e o teatro, corajosamente, ficou lá.
UMA CHAMADA: Este grupo terá hoje na Praça Lima da Arte da Praça da Gloriosa, uma pequena mostra de trabalho. Hoje, praça pra tanta gente!
EM FUNÇÃO DAS ARTES E DOS ARTISTAS
Em nosso primeiro contato com o público, através desta coluna, nesta terça, dizemos nós que este lugar estaria sempre em função do artista amazense, do Movimento Artístico-Cultural do Estado e consequentemente toda criatividade. E assim passamos a nos conduzir, atribuindo a cada enfoque o respeito e a verdade necessária: (e o artista amazense realmente merece o nosso respeito. Fazer arte nesta terra é um negócio que ultrapassa a racionalidade).
Hoje se não ocorreria um pouquinho de verdade e uma plena gratificação quando alguns procurados por vários artistas, vários grupos e órgãos oficiais em busca deste espaço para veiculação de informações sobre suas práticas, é foi assim que recebemos, em comissão, o diretor e mais alguns coordenadores da Divisão Cultural da Secretaria Municipal de

Educação e Cultura - Bem, que nos falasse do trabalho que era está desenvolvendo não só para crianças daquela Secretaria (Professores e alunos) mas também para a coletividade, é uma espécie de múltiplo que está fazendo com as mais diversas manifestações artístico-culturais, sem a vejamos:
- Temos duas inscrições, no Centro Municipal de Criatividade, para curso de teatro doces e ser aplicado pelo professor Sidney Sampaio. Inicio das aulas no próximo dia 7 de novembro.
- Bem, inicia um curso de gravura no Ateneu dirigido por Patrícia Leite. As inscrições já estão abertas na própria Secretaria (Ramos Ferreira c/ Fátima Paula).
- Bem, encerra curso de modelagem no grupo e oficina de teatro de bonecos, a aprendizagem desses cursos podem ser contactados na exposição dos trabalhos feitos pelos alunos. Daí é que nos sentimos gratificados com este início de divulgar (não escondendo suas artífices) as manifestações artísticas de nossa gente.
- G-2

1984

Anexo A – ID 0105

Veículo: A Crítica

Data: 08/01/1984

Página: 10

Caderno/Seção: Revista Nacional. Coluna Stars Only Stars.



... programa começou perfeito e está mantendo o nível, a cada semana. Nossas parabenizações. ★★★ CARLOS CARVALHO e JOSÉ TRIGUEIRO NETTO inauguraram casa de lanches com comidinhas das mais apetitosas no menu. SIMEÃO CUNHA o mais assíduo frequentador da lanchonete ★★★ KARIN BALBI recebendo insistentes convites para mostrar seu bom desfilhar em outras paragens. Ela antes de qualquer decisão estuda vantagens e desvantagens da proposta. Esta garota sabe o que quer... ★★★ No Próximo domingo aqui estaremos com os brotos do mês. Já escolhidos, eles (os brotos) são figuras bastante identificadas na ala jovem da cidade. Aguardem...

• • • Na foto 1, as brilhantes presenças de: VERINHA SEIXAS (que é um luxo de pessoa), PAULINHO JACOB, SETULIO CETRARO, GUILHERME BUZZAGLO, NEILA MICHILES e ILIZETH CARVALHO, fotografados por VALDO COSTA para o nosso espaço.

• • • Foto 2 ALANE BRAGA e sua talentosa troupe. Elas garantem espetáculos primorosos, também este ano. Gente que gosta de dançar, daí a razão do brilho que passam em suas apresentações. (CRISTINA ROCHA).

• • • Foto 3 LYDINHA GOMES e seu charme moreño, aqui em Stars Only Stars fotografada por RUBENS BRITTO. Ela inclusive pensando seriamente em transar a de modelo fotográfico...

Veículo: A Crítica

Data: 12/02/1984

Página: 02

Caderno/Seção: Revista Nacional. Calidoscópico. Corpo de baile. (Leyla Leong)

LEYLA LEONG



Os bailarinos Francisco Cardoso e Paola Frassinetti.

CORPO DE BAILE

Quem quiser fazer parte do Corpo de Baile do Teatro Amazonas ainda tem tempo de fazer a sua inscrição amanhã, no setor de Instrução e Projetos do Teatro Amazonas, pagando uma taxa de Cr\$ 3.000,00. O curso para a formação do corpo de baile será dado em três turnos e oferece aulas de clássico iniciante, clássico intermediário, clássico moderno (incluindo jazz) e expressão corporal. Os mestres-bailarinos são Francisco Cardoso e Paola Frassinetti, saídos do DANÇAVIVA, e com passagens por cursos com o Ballet Stagium e o Grupo Corpo, de Minas Gerais.

GARCEZ

Amazonas já há alguns dias. São silos, linóleogravuras e litografias de uma fase muito interessante do pintor. A mostra fica ainda mais uns dias em cartaz.

A CARMEM QUE QUERIA SER MIRANDA

Esse é o nome de um dos textos que já começam a ser pensados pelos diversos grupos que vão se formando no decorrer do curso de Teatro de Bonecos que se desenrola no Teatro de Bonecos lá da Rua Ramos Ferreira com a Tapajós. Tem tanta gente nesse curso que já se abriu mais uma turma à noite, com pessoas de olho aberto e atento para não perder nenhum lance.

Veículo: A Crítica

Data: 20/03/1984

Página: 05

Caderno/Seção: Cidade

Teatro Amazonas vai formar grupo de balé

A Superintendência de Teatro do Amazonas — STA, através do Setor de Dança, abriu inscrições, do dia 19 a 31 de março, para a audição seletiva que tem como objetivo a composição do grupo de Ballet do Teatro Amazonas.

A necessidade da organização de um grupo de ballet para o Teatro Amazonas, vem sendo sentida desde quando a atual diretoria consumiu a Superintendência de Teatro do Amazonas. "É inadmissível que um teatro do porte do nosso não possua um ballet e foi com essa finalidade de dotarmos o Teatro Amazonas das mínimas condições de atuação que criamos, primeiramente, o Coral Pró-Música do Teatro Amazonas e agora partimos para o grupo de ballet" — disse o Superintendente Nilo Bivar.

A coordenadora do Setor de Dança da STA, Lena D'Sá, informa ainda que as inscrições estão abertas para ambas modalidades de dança, no caso clássico e moderno e que são grátis.

DA AUDIÇÃO E SELETIVA

Esta audição seletiva, que será realizada nos dias 16 e 17 de abril,

constará de testes para os candidatos que poderão ser de academias, grupos de danças ou mesmo bailarinos individuais. Os candidatos, a uma das 17 vagas do corpo de ballet, serão selecionados por uma comissão ainda a ser composta.

As inscrições poderão ser feitas gratuitamente no setor de Dança do Teatro Amazonas, de segunda a sexta-feira, com a instrutora Lena D'Sá que dará maiores esclarecimentos sobre a audição.

BALCÃO

Estão abertas as inscrições gratuitamente para qualquer grupo ou artista individual que queira participar do "Balcão Poético" que se realizará no período de 29 a 31 de março no Teatro Álvaro Braga. "O Balcão Poético" irá reunir monólogos, músicas, dança, sketches, poesias, peças de teatro, teatro de boneco e qualquer outra manifestação artística. Se você ou seu grupo tem alguma produção em qualquer área artística procure o Setor de Instrução do Teatro Amazonas, no turno vespertino, e se inscreva.

Veículo: A Crítica

Data: 04/04/1984

Página: 05

Caderno/Seção: Cidade

Seleção de dança transfere prazos

A Superintendência de Teatro do Amazonas — STA, através do Setor de Dança prorrogou o prazo das inscrições para a Audição Seletiva de Ballet, que visa a formação do Grupo de Dança do Teatro Amazonas, até o dia 13 de abril e que podem ser feitas gratuitamente. Esta prorrogação do período de inscrição, se deu devido a constatação de uma grande procura por parte de pessoas interessadas em participar da audição.

A audição seletiva se dará nos próximos dias 16 e 17 de abril no Teatro Amazonas. O resultado será conhecido após duas etapas: a primeira consistirá da Audição de Ballet Clássico onde o candidato se apresentará em forma de aula eliminatória, onde deverão ser selecionados 30 bailarinos. Caso seja aprovado, o bailarino irá para audição de Ballet Moderno onde se apresentará com exposição individual de criação coreográfica.

No ato da inscrição o bailarino recebe o regulamento para audição onde são encontrados detalhes com relação ao

horário a ser obedecido, formas de apresentação, tempo de duração de cada apresentação, vestes a serem usadas pelos bailarinos, recursos técnicos que podem ser utilizados e como se processará o resultado das audições.

Os candidatos, a uma das vagas do corpo de dança do Teatro Amazonas, serão selecionados por uma comissão composta de dois diretores de teatro que julgarão o item expressão; um maestro que julgará a musicalidade dos concorrentes, três maître de dança que serão responsáveis pelo julgamento da técnica; um artista plástico que julgará a plasticidade e dois expectadores convidados.

As inscrições continuarão abertas até o dia 13 de abril e poderão ser feitas gratuitamente no Setor de Dança da Superintendência de Teatro do Amazonas, localizado no próprio Teatro Amazonas, com a coordenadora Lena D'Sá, a partir das 14:00 horas, diariamente.

Veículo: A Crítica

Data: 15/05/1984

Página: 07

Caderno/Seção: Variedades. Gente Gil.

Temporada de Ballet no Teatro Amazonas

- Dias 18, 19 e 20, no Teatro Amazonas, temporada de ballet-84, com a presença de Nora Esteves, primeira bailarina do Teatro Municipal-Rio, que interpretará aqui, em **priview** mundial, o "pas de deux" de **Manon**, criado especialmente para ela.

— Terá como **partner** Irineu Marcovechio, primeiro bailarino do Municipal de São Paulo.

- A música de **Massenet** deu vazão à imaginação do coreógrafo de renome internacional, Renato Magalhães.

- Promove esta temporada a Academia de Dança do prof. Resende.

- Participando os bailarinos Carlos Louzada, Tereza Cristina Ubirajara e Keila Castro.

- O espetáculo do dia 20 terá sentido filantrópico, com renda para a Central de Voluntários.

- **En passant**, Nora Esteves fez parte do City Center Joffrey Ballet, do Théâtre Populaire de Reims (sob a direção de George Skibine), Les Ballets de Marseille (de Roland Petit), Ballet Théâtre Contemporain (dirigido por Françoise Adret), Ballet Théâtre Français de Nancy (de Hélène Trilline). Residiu na França de 75 a 79, voltando ao Brasil e hoje a **prima bailarina** do Teatro Municipal do Rio de Janeiro.

Veículo: A Crítica

Data: 18/05/1984

Página: 06

Caderno/Seção: Cidade

**"GRANDE NOITE DE BAILET NO
TEATRO AMAZONAS"**

A Academia de "BAILLET CLÁSSICO" José Rezende

APRESENTA



NORA ESTEVES — Uma das Maiores Bailarinas do Brasil e Internacional, primeira Bailarina do Teatro Municipal do Rio de Janeiro: Pela primeira vez Dançará no "MAJESTOSO TEATRO AMAZONAS" em homenagem à Academia e ao Público Amazonense.

Dançará o "PAS DE DEUX" de "MANON" criado Especialmente e com Estreia Mundial em nossa Capital.

MÚSICA — MASSENET

COREOGRAFIA do Grande Coreógrafo Brasileiro e Internacional **RENATO MAGALHÃES**

INTERPRETAÇÃO — NORA ESTEVES e seu **PARTNER**, primeiro Bailarino do Teatro Municipal de São Paulo — **IRINEU MARCOVECHIO**.

SYKPHIDES — Música — **F. CHOPIN**

COREOGRAFIA — FOKINE.

MONTAGEM da Grande Bailarina e Coreógrafa **VANDA GARCIA**

INTERPRETAÇÃO — TEREZA CRISTINA UBIRAJARA e **CARLOS LOUZADA.**

IARA — Música — **VILLA LOBOS**

Coreografia — **JOSÉ REZENDE**

INTERPRETAÇÃO — CRISTINA MARINHA CRUZ, jovem Bailarina da Academia, seu Partner o Grande Bailarino conhecido do Nosso Público **CARLOS LOUZADA.**

Dias 18 e 19 às 21:00 hs
e Dia 20 (Domingo) às 17:00hs.

Apoio: SEDUC — SUFRAMA

PINOCHIO — A CRÍTICA

VASP.

Anexo A – ID 0111

Veículo: A Crítica

Data: 02/06/1984

Página: 03

Caderno/Seção: Cidade

"Promessas de Sol" recebeu aplausos

O que para alguns constitui-se num desafio superado pela vontade e a necessidade de mostrar a capacidade e o talento que era escondido e para outros é a revelação de uma vitória do movimento artístico local que necessita ser consolidada, na verdade foi uma autêntica demonstração de arte, beleza e poesia que deixou encantados os espectadores, arrancando aplausos durante sua apresentação. É o que se deduz da apresentação do espetáculo "Promessas de Sol", feita pelo Grupo Experimental de Dança do Teatro Amazonas.

Com duração de hora e meia e dividido em 2 partes "Promessas de Sol" pôs no palco do Teatro Amazonas cerca de vinte bailarinos em sua maioria vindos de outros grupos e que sob a coordenação de Francisco Cardoso, Frassinetti Andrade e Isa Kokay compõem o Grupo Experimental de Dança do Teatro Amazonas, além de técnicos da Superintendência de Teatro.

Veículo: A Crítica

Data: 04/06/1984

Página: 03

Caderno/Seção: Cidade

Promessa de Sol volta hoje ao TA

O Grupo Experimental de Dança do Teatro Amazonas apresenta-se ainda hoje e amanhã, às 21 horas, no próprio teatro, trazendo como parte do trabalho que vem realizando desde o início do ano, duas coreografias com temas diversificados: a primeira, "Promessas de Sol", com enfoque na problemática indígena e a segunda, "Sinal Fechado", a respeito do dia-a-dia do homem contemporâneo.

Formado por 21 bailarinos, na maioria vindos de outros grupos de dança locais, o Grupo Experimental do TA tem uma equipe de coreógrafos, trabalhando em conjunto, integrada por Francisco Cardoso, Isa Kokay e Frassinetti Andrade, responsáveis, além do trabalho apresentado, pela formação mais rígida dos bailarinos em 4 meses de trabalhos intensivos, os quais deram origem ao atual corpo de baile.

"Promessas de Sol", a primeira parte do programa, teve a sua origem no ensaio de Darcy Ribeiro, "Uira' vai ao encontro de Maira", dividido em cinco quadros, indo da "Criação dos Homens", segundo os Urubu-Kaspor, até a "Aculturação" trazendo músicas como "Uakti", "Cio da Terra" e "Taquerá". A segunda parte do programa tem músicas de Milton Nascimento e Chico Buarque e trata do tema do desequilíbrio da sociedade contemporânea com ironia e doses de humor.

Para Francisco Cardoso, um dos coreógrafos e líder do grupo, com experiências em outros grupos como o Dançaviva e o Movimento, o presente trabalho encontra-se bem mais estruturado, devido principalmente ao esquema traçado anteriormente à formação do grupo, que deu base inclusive para a realização de estudos não só ligados à técnica mas também de formação a nível intelectual. Dos bailarinos, a maioria está ligada a grupos de Teatro Amador e isso, segundo Eleusa de Quevedo, atriz e bailarina, exige uma dose de sacrifício, mas que feitas em conjunto, as duas atividades se beneficiam mutuamente. O difícil, segundo Eleusa, é a divisão dos horários sem que um prejudique o outro.

Devido principalmente à grande identificação com os temas abordados, ambos de grande força de expressão, o grupo de bailarinos encontra-se plenamente satisfeito com o trabalho que vem realizando, porém como lembra Francisco Cardoso, ainda assim não há uma preocupação em fechar em torno de uma proposta puramente regionalista.

Apesar disso, já estão no prelo coreográfico alguns temas de grande interesse principalmente à cultura local, como o movimento da Cabanagem e a saga de Ajuicaba, o herói maior de nossa história.

Veículo: A Crítica

Data: 05/06/1984

Página: 03

Caderno/Seção: Cidade

“Promessas de Sol” chega terça ao TA

O Grupo Experimental de Dança do Teatro Amazonas volta a apresentar na próxima terça e quarta-feira, às 21 horas, no Teatro Amazonas, o espetáculo “Promessas de Sol”. Este grupo, criado há dois meses pela Superintendência de Teatro do Amazonas conseguiu enfrentar todos obstáculos que surgiram no início e hoje, em tempo recorde, apresenta o produto do trabalho destes dois meses em busca de uma linguagem que resgate, com a dança, a identidade cultural do homem da região.

“Promessas de Sol” estreou no dia 29 de maio passado no Teatro Amazonas, quando ainda havia algumas pessoas que não acreditavam no trabalho. Apesar do curto espaço de tempo, “Promessas de Sol” foi um grande sucesso que veio gratificar os 21 bailarinos que compõem o grupo e incentivá-los a continuar em

busca de melhores dias para a dança na cidade.

“Promessas de Sol” é dividido em duas partes. A primeira tem origem no ensaio: “Uirá val ao encontro de Mairá”, de Darci Ribeiro, que mergulha na cosmoogonia Urubu-Kaspor. Já a segunda parte transmite, pelos movimentos soltos dos bailarinos, o processo de decadência da sociedade sem que a cultura, posta à margem, se dê conta.

A primeira parte é dividida em cinco quadros que vão desde a criação dos homens, segundo os Urubus-Kaspor, à esculturação e o impacto da expansão civilizadora que teve como consequência a chacina de 2/3 da sua população. O final é o comovente depoimento de uma Índia.

O espetáculo “Promessas de Sol” fica no Teatro Amazonas na terça e na quarta-feira, sempre às 21 horas.

Anexo A – ID 0114

Veículo: A Crítica

Data: 07/06/1984

Página: 03

Caderno/Seção: Cidade

Graziela Rodrigues dará curso de dança

No período de 1º a 15 de julho, será realizado pela SEDUC/Coordenadoria de Assuntos Culturais, Departamento de Recursos Humanos e Instituto Nacional de Artes Cênicas — INACEN/Serviço Brasileiro de Dança, o curso de Dança Contemporânea, ministrado pela professora, bailarina e coreógrafa Graziela Rodrigues, do Ballet Stagium de São Paulo.

O curso destina-se a atender uma clientela específica de professores de Educação Artística, Ginástica Rítmica e Instrutores de Dança, e em especial aos bailarinos do Grupo Experimental de Dança do Teatro Amazonas, assim como bailarinos indicados pelas demais academias e estúdios de dança, sendo oferecida uma vaga para cada uma delas.

Graziela Rodrigues é atriz e bailarina tendo participado recentemente do espetáculo "Caminhadas", dirigido por Ilia Krugli. Esse espetáculo foi classificado como um dos cinco finalistas para o prêmio da APETESP de teatro na categoria de melhor coreografia e autoria. Sobre este espetáculo, Helena Katz, crítica da Folha Ilustrada, diz "Caminhadas é a essência do desencontro contada pelo movimento de dois corpos que em si mesmo representam os universos que os produziram. Graziela Rodrigues é o treinamento polido de uma educação planejada e Tião do Maranhão é o adestramento que a necessidade de sobrevivência provoca". "A pesquisa é tão rica e tão bem resolvida que resulta em pura poesia. É todo um espetáculo que se define através do movimento". "Trata-se de um roteiro que explode em soluções novas, onde os problemas são resolvidos sempre dentro da carpintaria teatral". "Graziela Rodrigues faz uma esperança, impecável e corajosa. Ela constrói seu personagem, com todo o seu corpo, numa integração entre máscara facial e postura cênica rara de ser encontrada".

A proposta do curso de Graziela Rodrigues envolve os seguintes aspectos: 1) O espaço do corpo, por fora e por dentro, preparação; 2) O corpo no espaço, a dinâmica do movimento; 3) A emoção do corpo, a emoção gerando o movimento e o movimento gerando a emoção; 4) A criação, a descoberta da linguagem própria; dos resultados até esta etapa num espaço público. Baseia-se esta proposta a partir da experiência de Graziela, como atriz-bailarina dentro de processos de pesquisas e linguagem que resultaram em espetáculos como "Caminhadas", "Graça Bailarina de Jesus", paralelos à sua atuação como professora e criadora.

Anexo A – ID 0115

Veículo: A Crítica

Data: 22/06/1984

Página: 05

Caderno/Seção: Cidade

Grupo Experimental com 2 espetáculos

O Grupo Experimental de Dança, formado há seis meses, reunindo um grande elenco de bailarinos e atores, estará se apresentando a partir de hoje até domingo, em sessão única, às 21 horas, no Teatro Amazonas, mostrando duas das coreografias criadas nos últimos meses. "Promessas de Sol" e "Sinal Fechado".

Criado pela Superintendência de Teatro do Amazonas, através de um curso ministrado pelos bailarinos Francisco Cardoso, Frassinetti, Andrade e Iza Kokay, o grupo reúne um grande número de bailarinos com experiência em dança clássica e moderna, sendo que a maioria vem dos trabalhos realizados no Grupo Dançaviva e Movimento, que podem ser considerados os grupos que esboçaram a primeira tentativa no sentido de criar no Amazonas uma base de movimento em dança, segundo os bailarinos que passaram por eles e hoje coordenam os trabalhos recentes. Para Iza Kokay, por exemplo, que já possui 6 anos de trabalho aqui em Manaus reforçados por temporadas de estudos fora daqui, as pessoas que hoje compõem o Grupo Experimental estão bem mais amadurecidas tanto tecnicamente quanto em termos de comportamento em relação à dança. O que se vê, segundo Iza é que as próprias propostas dessas pessoas, sejam elas coordenadoras ou somente bailarinos, estão hoje bem mais claras e objetivas, e isso segundo ela é facilmente visível na realização do trabalho.

"Promessas de Sol" é um trabalho voltado para realidade indígena, inspirado no ensaio do antropólogo Darcy Ribeiro "Uirá vai ao Encontro de Maira", retratando a cosmogonia dos povos Urubu-Kaapor. Esse trabalho, segundo Frassinetti Andrade busca os traços de uma cultura que vem se perdendo e apresenta a importância do levantamento dessas questões que não interessam apenas aos que sofrem diretamente com elas, mas a toda a população brasileira que vê destruídos o único elo de ligação com a sua identidade.

Na segunda parte do trabalho "Sinal Fechado", o grupo mostra as variações de alguns trabalhos já apresentados anteriormente, como um solo criado especialmente para Iza Kokay pelo coreógrafo Caca do balé de Recife, com música de Milton Nascimento. Além disso, faz parte dessa coreografia o balé criado para o espetáculo do dia 1º de maio passado e apresentado para os metalúrgicos no Teatro Amazonas, em cima da música Buarque "Construção".

As duas coreografias apresentadas em conjunto em sessão única diária, serão mostradas pelo Grupo Experimental de Dança, hoje, amanhã e finalizará no domingo, sempre no horário das 21 horas.

Anexo A – ID 0116

Veículo: A Crítica

Data: 30/06/1984

Página: 05

Caderno/Seção: Cidade

Curso de dança contemporânea

Com o patrocínio da SEDUC/Coordenadoria de Assuntos Culturais e Departamento de Capacitação de Recursos Humanos, juntamente com o INACEN/Serviço Brasileiro de Dança, terá início na Academia do Mestre José Rezende, o curso de Dança Contemporânea, ministrado por Graziela Rodrigues, bailarina, atriz, coreógrafa e professora do Ballet Stagium e Casa Ventoforte, de São Paulo.

Graziela Rodrigues apresenta como proposta de curso o espaço no corpo por fora e por dentro; o corpo no espaço, a emoção do corpo, a criação individual e coletiva.

Destina-se este curso aos Professores de Educação Artística, com atuação na área, Ginástica Rítmica e instrutores de dança no horário das 10:00 às 12:00 horas, e aos bailarinos do Teatro Amazonas, dos Studios e Academias.

O curso é realizado com o apoio da Academia José Rezende, que cede o seu espaço para atender à comunidade; da Superintendência de Desporto do Amazonas/SED-AM e Superintendência de Teatro Amazonas, que mobilizaram seus recursos humanos para freqüência ao curso.

Anexo A – ID 0117

Veículo: A Crítica

Data: 02/08/1984

Página: 03

Caderno/Seção: Cidade

Petit mostra “Igor Urstark” no teatro



O bailarino francês mostra sua fase atual em “Igor Urstark”.

“IGOR URSTARK nasceu da união de três peças que no início não tinham nada em comum. Hoje seria difícil dançá-las separadas, devido a harmonia da dança com a música que as une”, é como define o bailarino francês, Dominique Petit, este espetáculo que estará sendo apresentado hoje, às 21:00 horas, no Teatro Amazonas, promoção da Associação de Cultura Franco Brasileira juntamente com a Superintendência de Teatro do Amazonas — STA.

De autoria do coreógrafo e bailarino francês Dominique Petit, “IGOR URSTARK”, é composto de três solos que foram criados para o Festival de Avignon em 1981. “Apesar de terem sido criados separadamente, estes três solos criam entre si uma ordem sensível de tal forma que agora me seriam difícil apresentá-los em partes isoladas” — es-

clareceu Petit. No caso de “IGOR URSTARK”, — continuou Petit, utilizamos o trabalho musical de Barre Phillips que para mim, que tenho a música como a única fonte de inspiração, serviu como um campo de exploração inesgotável.

Como coreógrafo, Dominique Petit se orienta através de uma pesquisa ligada à música de jazz.

“IGOR URSTARK” estará sendo apresentado em diversas capitais brasileiras começando por Manaus. E, como finaliza Dominique Petit — “em IGOR URSTARK” existem dois salobancos, um músico e um dançarino que nos contam suas histórias, misturando as mais tristes às mais cômicas tudo em alternâncias, vagabundos, postas, filósofos e equilibristas, que fazem surgir o trajeto de evolução de um personagem: “IGOR URSTARK”.

Anexo A – ID 0118

Veículo: A Crítica

Data: 10/08/1984

Página: 06

Caderno/Seção: Variedades. Gente Gil.



Alane Braga (zarpa rumo aos States para curso de 12 meses, a fim de aperfeiçoar-se, deixando sua Academia sob o comando de Gláucia Nunes), levou o seu elenco para um espetáculo em dependências do hotel Da Vinci. (Rubens Brito)

Anexo A – ID 0119

Veículo: A Crítica

Data: 19/10/1984

Página: 01

Caderno/Seção: Primeira página



A apresentação dos grupos agradou o grande público.

Veículo: A Crítica

Data: 19/10/1984

Página: 02

Caderno/Seção: Últimas



Anexo A – ID 0121

Veículo: A Crítica

Data: 07/11/1984

Página: 06

Caderno/Seção: Variedades. Gente Gil.

* Só a referência. Apresentação da Academia do Rezende

Anexo A – ID 0122

Veículo: A Crítica

Data: 12/11/1984

Página: 07

Caderno/Seção: Variedades. Baby

Do clássico ao moderno: beleza com certeza

- Dois experts em dança, duas figuras que respiram música e coreografia, entregam-nos de bandeja, espetáculos memoráveis. José Rezende fez promover, dentro do seu campo de ação, uma temporada de ballet clássico, trazendo do Teatro Municipal do Rio de Janeiro, os bailarinos Rosane Soneghetti, Beatriz Melucci, Carlos Louzada e Aida Marques, que em pontas e plié fizeram levantar a platéia do nosso teatro, que os aplaudiu em cena aberta, mostrando que, quando a coisa é boa, feita com profissionalismo e seriedade, o amazonense entende e prestigia. Foi lindo e ficou marcado.
- Arnaldo Pedutto prepara suas pupilas para o costumeiro show do final do ano. Pela quantidade de paetês, de plumas e brilhos assim iguais, já dá para perceber que o jazz a ser exibido será absolutamente cintilante. Embora guarde como segredo de 7 chaves aquilo que irá a palco, uma coisa não deixa qualquer dúvida: a música New York, New York, já está sendo marcada em passos, cujo sincronismo não deixará a desejar. Quase mestras as alunas do Arnaldo.
- Apenas um pedido ao professor: que faça os ingressos obedecerem a uma numeração previamente marcada (e obedecida) evitando os dissabores acontecidos no ano anterior, quando a lotação foi vendida além do esperado e muita gente foi obrigada a ficar de fora.

Veículo: A Crítica

Data: 17/11/1984

Página: 03

Caderno/Seção: Cidade

Villa-Lobos recebe homenagem da FUA

O setor de Artes da Universidade do Amazonas vai prestar uma homenagem ao músico brasileiro Heitor Villa-Lobos, no próximo dia 22, quando completa 25 anos de morte do artista, promovendo o espetáculo "Villa-Lobos em Cantos do Brasil", às 21 horas, no Teatro Amazonas.

O espetáculo envolve as classes de música e movimento e de dança juventude, do Conservatório de Música, além do coral universitário e núcleo de dança contemporânea, que conta com a participação dos alunos da Licenciatura em Educação Artística.

O programa a ser apresentado no dia 22 consta de partes bem distintas, entre as quais, uma que se denomina "Viajando de Trem", trabalho elaborado em seminários de integração artística do curso de Licenciatura em Educação Artística e que posteriormente recebeu tratamento para ser apresentado no palco. Conta com texto de Manoel Bandeira e a música "Trenzinho do Caipira", das Bachianas Brasileiras n.º. 2 de Villa-Lobos.

O coral universitário apresentará peças de Heitor Villa-Lobos e o público terá ainda a participação das "Cirandas", uma série de peças infantis arranjadas por Villa-Lobos com coreografia de Lia Sampalo. Encerrando o espetáculo, "Fantasia Amazônica", composição sobre as "Festas de Cairé", do baixo Amazonas, baseado em informações recolhidas das obras "Poranduba Amazonense", de Barbosa Rodrigues, e "Estudos Amazônicos", de José Veríssimo, com músicas de Villa-Lobos.

Veículo: A Crítica

Data: 18/11/1984

Página: 06

Caderno/Seção: Cidade

Centro de dança vai apresentar duas peças

O Centro de Dança Columbia apresentará às 18 horas de hoje, e depois, no Teatro Amazonas, as peças "A Primavera do Ursinho Pimpão" e a "Necessidade do Besouro", que fazem parte do espetáculo o Mundo Mágico da Criança.

"A Primavera do Ursinho" é a história de um urso, que não gosta de brincar com neve. Ele adora a primavera e é apaixonado pela lua além de ser um urso muito romântico que faz o espetáculo parecer muito divertido.

A "Necessidade do Besouro" se desenvolve num besouro que rouba mel para a família não morrer de fome. É como a necessidade de hoje. Ainda tem muito pai de família que rouba, outros matam, tudo isso para não ver a família morrer de fome.

Mas, também, o espetáculo não é muito trágico assim. Durante o desenrolar da peça haverá muita alegria com músicas diversas para a garotada.

Anexo A – ID 0125

Veículo: A Crítica

Data: 02/12/1984

Página: 05

Caderno/Seção: Revista Nacional. Stars Only Stars



***** ARNALDO PEDUTO, desde terça está no Teatro Amazonas com o belíssimo espetáculo "Manaus Jazz Show" e aplaudido de pé por tudo. Na primeira parte nada mais, nada menos do que o Bolero, de Ravel. Após o intervalo, no segundo ato, as atrações maiores são: Ballet do Apocalipse e Casanova. Pedida imperdível para quem curte lazer qualidade. Hoje é o último dia. Quem vai querer perder?**

Veículo: A Crítica

Data: 14/12/1984

Página: 06

Caderno/Seção: Cidade

Manaus, sexta-feira, 14 de dezembro de 1984

HOJE NO TEATRO AMAZONAS

Grupo de dança estréia hoje

Estreou na última quinta-feira, às 18 horas, no Teatro Amazonas, o grupo de Dança Origem, apresentando somente para convidados, o espetáculo "Metalmadeira", composto de duas partes: "Formas" e "Promessas de Sol". A estréia para o grande público, de fato, se dará hoje às 21 horas, permanecendo em cartaz no TA, até domingo.

Pra quem não conhece o Origem, é bastante que se esclareça tratar-se do grupo de bailarinos que compunha há cinco anos o Dançaviva, e que depois de sucessivas mudanças de nome, passando por Grupo Movimento (há três anos) e Grupo Experimental da Superintendência de Teatro do Amazonas (até o fim deste ano), agora firmado, como um grupo independente, volta, tira as saquitas, e mostra que seu único objetivo não é mais apenas danças e sim criar e mais que isso, ousar na dança.

Segundo Francisco Cardoso, que dirige o grupo, o "Metalmadeira" foi um trabalho elaborado com todos os requintes possíveis, onde cada detalhe, desde a produção executiva do espetáculo até os últimos retoques nas coreografias foi minuciosamente bem cuidado. E isso é resultado, segundo ele, de uma infra-estrutura conseguida a troco de não poucos sacrifícios, é claro.

Além do mais, na criação desse trabalho, principalmente a primeira parte que é "Formas", podemos trabalhar em condições ideais e isso é o mínimo de que um artista deve dispor".

Do repertório atual do grupo, "Formas" é a parte inédita e é também a mais ousada, onde o grupo "tenta estabelecer uma relação emocional com o público através do puro jogo dramático", afirma Cardoso. "O trabalho é resultante de uma pesquisa de formas captadas no cotidiano, fruto do exercício de observação diária nas ruas, lanchonetes, bancos etc., que o elenco realizou durante meses".

Isso fica claro, quando ao ver o trabalho em cena, percebe-se que não há uma estória sequenciada com começo, meio e fim. É como o próprio nome da coreografia diz, são formas que utilizam estruturas dramáticas, buscando uma "troca de energias, da tensão ao relaxamento".

Numa cena de chuva, por exemplo, onde fica claro o convite ao amor, vê-se em seguida num pas-des-deus, por Eleusa de Quevedo e Jofre Santos, os elementos são todos de uma simplicidade que toca a poesia. Ainda mais numa participação curta mas marcante da atriz bailarina Socorro Andrade, criando uma versão chaplinesca para um pierrô que passa pela cena divertindo-se sob um guarda-chuva, ou procurando meticulosamente livrar-se das poças de lama.

Acompanhando o pique do trabalho, aparecem as criações de Théo Correa nos figurinos e maquiagem, Diógenes (Batata) nas iluminações e Mauri Marques que criou e executa a trilha sonora, composta com o trabalho do músico Marcos Bosco.

Os ingressos para esses três últimos espetáculos podem ser adquiridos na bilheteria do Teatro Amazonas a um preço bastante convidativo: 3 mil cruzeiros.



Ensaio do Grupo de Dança Origem

Veículo:

Data: 1984

Página:

Caderno/Seção:

Teatro Amazonas apresentou toda a arte de Villa-Lobos

Com a participação de mais de 100 artistas, o Teatro Amazonas apresentou toda a obra de Villa-Lobos, em uma série de apresentações que se estenderam por vários dias. O espetáculo foi considerado um sucesso, tanto pelo público quanto pela crítica.

As obras apresentadas incluem "O Guarani", "A Noiva do Rio Negro", "A Folia de Ipanema", "A Noiva do Rio Negro", "A Folia de Ipanema", "A Noiva do Rio Negro", "A Folia de Ipanema".

Os artistas envolvidos foram: [List of names]

O diretor de arte foi [Name].

As apresentações ocorreram no Teatro Amazonas, em Manaus, Amazonas.

As imagens mostram cenas de diferentes peças, com atores em trajes tradicionais e modernos, em cenários elaborados.

1985

Veículo: A Crítica

Data: 18/03/1985

Página: C3

Caderno/Seção: Caderno C

Manaus, segunda-feira, 18 de março de 1985



A música brasa o seu espelho em Manaus

A Arte no Amazonas como resistência

O grupo Origem para este ano vem com roupa nova. Afasta-se do engajamento político como proposta de trabalho e busca o cotidiano. "O público não está querendo ver o artista levantar bandeiras para o PC, PT, PDS ou PMDB o que ele quer é captar o cotidiano. O importante é você fazer uma coisa aberta onde o público participe como criador também" explica Francisco Cardoso.

Para chegar ao atual estágio, o grupo Origem já tirou muita pedra do caminho. Durante seis meses do ano de 81, houve um projeto experimental de dança do Teatro Amazonas. Mas fracassou. A seguir formou-se a Dança-Viva que é núcleo inicial do hoje Grupo Origem.

Dança-Viva explorava uma nova proposta com linguagem que agradou o público amazonense, como explica Cardoso. "Nosso trabalho no Dança-Viva tinha temas sobre a Amazônia, com visão do contemporâneo e também do neoclassicismo que pin-

tava em 81. Essa linguagem vem se modificando a cada projeto passando por estágios que resulta no hoje Grupo Origem?"

METALMADEIRA

A temporada de 1984 do Origem apresentou o espetáculo Metalmadeira com dois temas.

"Na primeira parte é mostrada a experiência coletiva do grupo com idéias e propostas. O trabalho foi feito basicamente em cima de laboratórios na rua; todos nós captávamos como bares, esquina, colégios, ônibus, praça. Tudo o que é cotidiano e que envolve a gente dando ênfase aos segmentos sociais", explica Cardoso.

"Na segunda parte tratou-se da colonização do índio em cima do ensaio de Darcy Ribeiro *Uirú sui à procura de Deus* que nós transformamos em balé. Narra a cosmogonia dos Uububu Kaapor, segundo ele, a criação do mundo".

"Nosso trabalho é o de mostrar o choque cultural, colonização do índio, essa imposição da civilização em cima de uma cultura que é menos predominante e transformamos isso num trabalho universal. Não são somente os índios da Amazônia, do Brasil, do Peru, mas dos povos que passaram por esse processo de colonização".

RESISTÊNCIA

Como grupo independente, Origem pode se tornar em exemplo, enfatiza Francisco Cardoso, aos órgãos de cultura. Cita que hoje o grupo tem estrutura para se manter "se não dá certo é falta de competência mesmo".

"Estamos trabalhando muito este ano no aprimoramento técnico, quanto ao estilo, à origem da dança. Garante que o grupo vai sobreviver, ele já sobreviveu à tentativas de extermínio. Eu digo que os artistas amazonenses trabalham através de resistência...."

Foto Edunira Assaf



Grupo de dança quer levar música a todos os cantos da cidade.

Veículo: A Crítica

Data: 31/03/1985

Página: 04

Caderno/Seção: Caderno C

4 CADERNO C **a crítica**

Salão Cidade de Manaus: Um espaço que veio para ficar



Se esse filme fosse americano, seria o melhor de todos (como "O Vento Levou"), mas como é francês...

Comentário de um espectador saído do Cine Chaplin após assistir o filme "Os Miseráveis".

Não sei se sei do filme, do autor ou da obra que culminou no filme, o poeta Victor Hugo, ou da minha vida, ou de nossa vida em geral. Já central, cuja sucessão de conflitos torna o enredo e caminhos sempre em perspectivas de ordem crescente.

De conflitos giram em torno destes três personagens: Um homem que rouba um pão para se alimentar e é condenado, passando 19 anos (na realidade me enganei) no prisão. É sócio, uma fábrica inglesa época em que o fascismo cedia lugar à Revolução Industrial, quando o operário deixa de ser dono de suas ferramentas e, trabalho e aluga-se ao patrão, dono de fábrica. Nele interm, surge o nosso segundo personagem, um chefe de polícia, que reconhece Valjean passando a comandar a prisão.

dia, desempregado, rouba um pão e perseguido ferozmente pela polícia. Uma polícia que protege os poderosos e persegue os oprimidos e por fim, um charlatão, que furtivamente, vive a atorquizar até o estaleiro e a alma, a existência daqueles que vivem em viver com dignidade pagando salários gordos e, por a ver, mostrando salários magros.

Pode-se dizer, que "Os Miseráveis" é a epopéia dos deserdados dos desvalidos, na qual intertúdo: dos desvalidos, na qual intertúdo: do mais puro lirismo se misturam do mais puro lirismo se misturam.

Sobre a obra, Van Tighem dá este veredicto consagrado: "Grande livro, iluminado pelo romantismo mas nobre, repleto de símbolos e de grandes imagens poéticas, é também uma obra-prima de verdade, tanto pela evocação das coisas materiais como pela representação moral das personagens, animadas pela presença constante da personalidade do autor, com as suas lembranças e com o seu coração" Portanto, uma poesia.

Victor Hugo (1802-1885), foi poeta na acepção do termo. Faz tudo o que um poeta linha direito. Foi parlamentar combativo e, como não poderia deixar de ser, perseguido até ser expulso, bastando de sua pátria. Sobre política o poeta disse o seguinte: "Porque tanto a estúpidez de possuir uma consciência, dizais que não sou um político... Político: um estranho espécime, sem uma consciência. Um patife que ergue uma oposição ou defesa sistemática, e que diz branco quando seu líder diz branco, ou preto quando seu amo diz preto".

Os Miseráveis

Mayakóvitch

NOVO ESPAÇO

Com este lançamento, o Salão Cidade de Manaus passa a ser um novo espaço aberto aos artistas locais, que há muito tempo enfrentam sérios problemas com a falta de áreas adequadas para suas apresentações.

O Salão Cidade de Manaus foi construído dentro de uma dinâmica moderna, podendo o espaço servir tanto como auditório para palestras, quanto para lançamento de livros ou mesmo apresentações de peças e danças.

Localizado no centro da cidade, à Rua Joaquim Sarmiento, 251 no próprio prédio de A. Crítica, o Salão Cidade de Manaus vai desenvolver durante todo este ano uma série de atividades, desde apresentações artísticas, a debates, palestras e seminários sobre diversos assuntos do interesse do Estado.

* Mayakóvitch é poeta e diácono.

"Cuidado com o que você quer... porque você pode conseguir" este é o leito que surge o filme A dama de remalho, já em exibição no Cine Chaplin. O filme ganhou o Oscar pela música I Just called to say I love you com Steve Wonder.

A dama de remalho, direção de Gene Wilder mostra que Toddy (Wilder) era um marido exemplar para Didi (Julith Ivey) até perder completamente a cabeça pela "Dama de remalho Charlotte Kelly La Brock).

A partir de então tudo faz para ir para a cama com a mulher mais linda do mundo, que no caso é A Dama. Por quanto tempo esse homem comum conseguirá partilhar a cama de mulher mais linda do mundo? Nessa comédia romântica, por muito, muito tempo.

O filme vive somente uma indicação no festival deste ano e por sorte e compaixão de Steve Wonder, ganhou um Oscar. A música é realmente linda, como prova as palavras de sucesso de todo o mundo.

A sorte fica para os amazonenses que podem ver de imediato a apresentação do filme que já está em cartaz no Cine Chaplin.



QUEM ANUNCIA NÃO TEM CRISE

Veículo: Jornal do Comércio

4. ARTES

DOMINGO 28/04/1985

JORNAL DO COMÉRCIO

Stuttgart estreia em São Paulo

São Paulo — O Stuttgart Ballet, essa célebre companhia fundada pelo coreógrafo John Cranko que possui a brasileira Mônica Hevler, na direção e no seu corpo de baile, estreia amanhã no Palácio das Convenções do Anhembi, abrindo a temporada de atrações internacionais do Mozarteum. O programa de três peças, com variações nas duas noites seguintes, inclui todos os dias, "Holero", uma inesquecível coreografia de Maurice Bejart, apresentada em estreia mundial em 1960, que está no repertório do grupo há menos de um ano.

A temporada do Stuttgart, que também se apresentará no Festival de Dança no Rio de Janeiro, marca o início do quinto ano de atividades do Mozarteum Brasileiro. Trata-se de um grupo empresarial que, premiado em 1981, pela Associação Paulista de Críticos de Artes (APCA) — Grande Prêmio da Música Erudita — desde então destaca-se pelo número e nível das atrações internacionais que traz para os palcos brasileiros. Com atividades restritas a capital paulista, o Mozarteum passará a atuar também no mercado carioca.

Em setembro, levará nas duas capitais a Orquestra Filarmônica de Viena, prevista para o final da primeira quinzena e a Orquestra Concertgebouwe de Amsterdã a partir do dia 19. Oscar Peterson, que estará no dia 10 de outubro somente em São Paulo



(Anhembi), é o mais conhecido nome que a empresa contratará este ano.

Associação Cultural sem fins lucrativos, que trabalha com o patrocínio de empresas privadas — o Stuttgart por exemplo, conta com a colaboração das empresas Votorantim, Nivea, IBM, Mercedes-Benz, Bosch e Volkswagen — o Mozarteum Brasileiro atua em dois setores ligados à música além da temporada de concertos internacionais, que, entre outras estrelas já mostrou os pequenos cantores e a Orquestra de Câmara de Viena, Horácio Gutierrez, em 1981, ano da fundação do grupo; Ensemble Orchestra de Paris, com o trompetista Maurice André; como solista, o solista italiano e a Orquestra Filarmônica de Nova Iorque, sob a regência de Zubin Mehta, em 82; Rudolf Nureyev, solando na companhia do Ballet Theatre Français de Nancy, a Filarmônica de Hamburgo, regida por Aldo Caccato, em 83; e o Ballet Du Grand Theatre de Geneve e a National Symphony Orchestra, diante da batuta de Mstislav Rostropovich; o grupo desenvolve série "concertos do meio-dia".

Esse trabalho realizado de forma didática, com a participação exclusiva de músicos brasileiros, desenvolve-se no auditório do Museu de Arte de São Paulo (MASP), com entrada franca, destinada aos estudantes de música e empregados dos espigões da Avenida Paulista e imediações. É uma experiência inédita nesse campo, que visa facilitar o acesso de um público pouco acostumado a espetáculos do gênero erudito. Nesse projeto, apresentado quinzenalmente, já foram exibidos os

temas "varias formações musicais", em que se exploram como se formam as orquestras, quartetos, trios, coros, etc., "História da Música do Ocidente" — painel que aborda produções da idade média à atualidade; "As Grandes Formas da Música Ocidental" e "55 Música das Nações". O tema atual é "A Vida dos Instrumentos", que enumera desde as criações da era tecnológica as mais primitivas.

Apoiado por várias personalidades do mundo empresarial e artístico, o Mozarteum, seguindo as mesmas diretrizes de um similar argentino, nascido da iniciativa de Yomi Sanguzko e Sabine Lova Telli, esperando continuar recebendo o apoio da iniciativa privada — um dos planos, que mantem o grupo de pé — Sabine tem planos de, num futuro breve, ampliar as atividades e os benefícios que proporciona à sociedade ligada e interessada em música.

— Temos intenções de criar bolsas de estudo para jovens músicos, concertos para crianças, editar livros e partituras, gravar e produzir discos das atrações que apresentamos. Para que isso se concretize, a iniciativa privada precisa investir mais nesse campo promocional que é bastante novo, muito receptivo e de grande retorno em se tratando de uma imagem pública favorável para as empresas.

Veículo: Jornal do Comércio

Data: 11/05/1985

Página: N1

Caderno/Seção: Caderno 3 (Eleonora de Paula Dias)

JORNAL DO COMÉRCIO Caderno 3
Sábado 11/05/1985

Nudac e a dança libertadora

Eleonora de Paula Dias
(Da equipe de reportagem do JC)

Subordinado ao Conservatório Musical, o Núcleo Universitário de Dança Contemporânea - Nudac vem desenvolvendo há 2 anos um trabalho onde a meta principal não é o palco, mas sim o desenvolvimento das potencialidades a partir do auto-conhecimento dos componentes, que se realiza mediante conhecimento e a entrega à música.

Maria de Ceu Szampiao, 30 anos, baiana, formada em Dança pela Universidade Federal da Bahia e responsável por esse trabalho: "O nosso trabalho não é só corpo, mas corpo e mente, é uma dança livre espontânea, onde o respeito pela individualidade e potencialidade de cada um, é o objetivo principal".

A dança passa então a contribuir para o aprimoramento da sociedade pois, que a descoberta pelo indivíduo de sua potencialidade e o reconhecimento e aceitação de suas limitações resultam numa nova postura perante a sociedade.

E essa postura é positiva conforme depoimentos dos participantes. Albertino Souza Carvalho, 28 anos geólogo e professor da Universidade do Amazonas, confessa que a partir de sua entrada no Nudac houve uma identificação mais consigo, sem conhecimento mais real do seu corpo, e de



Lia com o grupo Dança Juventude

sua cabeça, reconhecendo que houve uma mudança interior, que contribuiu muito na forma de transmitir conhecimentos e até outro tipo de ensinamento.

“vência que se tem deste trabalho a partir da análise destas improvisações”.

O FUTURO MÉDICO

Francisco de Assis de Souza Almeida, 22 anos, aluno do 8º período do Curso de Medicina, começou a dançar com a boca, como ele diz — o meu primeiro contato com a arte foi através da música, foi parte do Coral da Universidade, vale ressaltar que nunca tinha dançado, era totalmente entusiasmado. Um dia o pessoal do coral partiu para expressões corporais, para dar mais vida às músicas, identifiquei-me logo com a dança e passei a sentir efeito transformador dos sentimentos.

Para Assis a dança subdivide-se em 3 pontos: o primeiro trata o plano pessoal, onde a entrega é a busca de si mesmo acontece, pois a dança é a forma mais natural de se externar o interior.

O segundo ponto é o fator social em que ele faz ver a necessidade de se expandir a dança para todos os segmentos da sociedade, e assim, possa ser entendida e sirva de instrumento ao desenvolvimento e avaliação dos indivíduos.

O terceiro plano é o profissional onde o contato com a arte permitiu uma maior aprendizagem e um desempenho mais qualitativo. Assis faz questão de dizer que tanto a sua família como os amigos, lhe dão o maior apoio comparando as apresentações em palco do grupo.

hito para Lia representa, o respeito que a comunidade universitária tem pelo Nudac.

SIMPLESMENTE PESSOAIS

As aulas de Nudac são todas as segundas, quartas e sextas às 18 horas, no antigo Instituto de Ciências Humanas e Letras do Edifício Moreira. Os participantes, em total de 13 vão chegando um a um, são pessoas comuns, nenhum ar de artista, sem postura de bailarinos. De gravador um som aflu ou de carabideiro, realmente não costuram distíngui-los. A frente Lia vai orientando o grupo nos movimentos que daí a pouco seguem com improvisações, o ritmo vai aumentando que dá vontade de sair dançando. Então dá pra entender toda a emoção com que os componentes do grupo descrevem a experiência de participarem do Nudac.

“Nesses 2 anos de trabalho com este grupo, posso dizer que conheço um a um”, diz Lia, e isso só através dos movimentos — posso até dizer quem está chateado, e quem está numa boa. Muitas vezes, extrapolamos o horário e quando desligo o gravador sempre apuroco alguém dizendo — não desligue hoje essa a fim de dançar e dançar!”

Fotos de Cleberio Castro



A Fabiana Lia responsável pelo Nudac



Fátima Hortêncio conseguiu vencer a timidez

Anexo A – ID 00133

Veículo: A Crítica

Data: 16/05/1985

Página: 11

Caderno/Seção: Esporte

ACADEMIA DE BALLET CLÁSSICO
JOSÉ REZENDE

APRESENTA:

ANA MARIA BOTAFOGO

Primeira bailarina do Teatro Municipal do Rio de Janeiro

OTHON ROCHA NETO

ALICE ARJA E SERGIO LOBATO



Dias: 17 e 18 às 21:00 horas

Dia: 19 às 17:00 horas — Vespéral

PATROCÍNIO:

GOVERNO DO ESTADO DO AMAZONAS
E PREFEITURA MUNICIPAL DE MANAUS

APOIO:

SEDUC, A CRÍTICA, ASSOCIAÇÃO DAS SECRETARIAS
DO ESTADO DO AMAZONAS E RÁDIO DIFUSORA FM.

Anexo A – ID 0134

Veículo: A Crítica

Data: 17/05/1985

Página: 06

Caderno/Seção: Cidade

Teatro apresentará Ana Maria Botafogo



Eliana Caminada dança pela quarta vez em Manaus

Como faz a cada seis meses, o professor José Rezende, que dirige há mais de dez anos a única Academia de Balé Clássico do Amazonas, traz para o público apreciador das artes, os mais expressivos nomes do mundo da dança brasileira, para três espetáculos a preços populares no Teatro Amazonas, marcados para os próximos sexta, sábado e domingo.

Ana Maria Botafogo, no momento ligada ao Royal Ballet de Londres, abre uma exceção e atende ao convite do seu amigo bailarino José Rezende e aproveita a sua presença no Brasil, onde participa do Festival Internacional de Dança que se realiza no Rio de Janeiro, e vem a Manaus, especialmente para dançar a "Floresta Amazônica", de Heltor Villa-Lobos, coreografada por Rezende.

Além de Botafogo, dançarão também Eliana Caminada, formada pela Escola de Danças Clássicas do Teatro Municipal do Rio de Janeiro (agora pertence ao seu corpo docente). Caminada vem pela quarta vez a Manaus onde sempre obteve êxito e da qual guarda agradáveis recordações. Virão também Otton Rocha Neto, primeiro-bailarino da Companhia de Balé Centro-Rio, Alice Arijá e Sérgio Lobato, estes últimos jovens bailarinos que vêm sendo apontados pela crítica especializada

como revelações do balé brasileiro. O programa inclui, além da Floresta Amazônica, que será dançada em dias alternados por Ana Botafogo, Eliana Caminada e a amazonense Cristina Cruz, todas tendo como partner Sérgio Lobato, "Spartacus" de Katchaturlian, coreografada de Grigorovitch, "Homenagem a Petrápio Silva", coreografia de Eric Valdo, "Águas Primaveris" de Tachmaninoff, coreografia de Assaf Messerer e "Grand Pas", de Minkus, coreografada por Eric Valdo.

José Rezende completa o programa com a apresentação de suas alunas em números que vão da "Casa de Brinquedos" de Vinícius de Moraes, à "Ave Maria" de Schubert! pondo, em cena 450 estudantes da Academia de Balé Clássico, muitas das quais representam grandes promessas para a dança amazônica, como Cristina Cruz e Cláudia Sampaio.

Com figurinos, cenários e coreografia de José Rezende, os espetáculos estão programados para o Teatro Amazonas nos dias 17 e 18 às 21 horas, e no dia 19 às 17 horas, ao preço de Cr\$ 7 mil.

Os ingressos podem ser adquiridos no Teatro Amazonas, na Academia José Rezende, Rua Dez de Julho, e na loja Mundo dos Esportes.

Veículo: A Crítica

Data: 20/05/1985

Página: C5

Caderno/Seção: Caderno C5



Alane é a que está no centro da foto

Amazonense aprende ginástica nos EUA

Uma professora de dança está estudando na Academia Dance-Theater Workshop, em Chattanooga, Estados Unidos, através de bolsa de estudos, sendo a segunda brasileira a participar de um estágio nessa academia, financiado pelo Comitê dos Companheiros das Américas-Tennessee.

Alane Braga, amazonense, formada em dança em Manaus com participação em várias competições de ginástica rítmica em algumas competições nacionais, desenvolve agora nos Estados Unidos técnica mais apurada

para melhor competir no Brasil e outros países.

Através da bolsa de estudos, Alane Braga desenvolve estudos em diversas modalidades como jazz, mímica, canto e alguns estilos de músicas, e segundo seus estrutores, vem se desempenhando bem.

Já se apresentou no espetáculo "Grease", e em Chattanooga tem participado em programas variados desde em serviços de enfermagem, como escolas e também no Scottish-American Ballet, Quebra Nozes, junto com outros bailarinos da aca-

demia. Alane participou da Conferência da Associação de Danças de Nashville e a Conferência de Teatro do Tennessee, em Murfreesboro.

Alane conta que a dança não tem sido a coisa mais difícil que encontrou nos Estados Unidos, mas a dependência na comunicação para se expressar em inglês. "Apesar de ter-me preparado por um longo tempo para ir para os Estados Unidos, tenho encontrado dificuldades para me expressar o que me causa dificuldades para aproveitar as chances que tenho encontrado", explica Alane.

Anexo A – ID 00136

Veículo: A Crítica

Data: 23/06/1985

Página: 13

Caderno/Seção: Cidade

Espetáculo de dança no Teatro Amazonas

O Conservatório de Música da Universidade do Amazonas estará apresentando, dia 3 de julho, no Teatro Amazonas, o espetáculo de dança "Horas de Estudo", marcado para às 21 horas.

Com início em 1982, no Conservatório de Música, por inspiração do maestro Nivaldo Santiago, a dança vem se desenvolvendo em três níveis: classes de Música e Movimento, para crianças de sete a nove anos, uma forma de iniciação as artes integradas; classes de Dança Juventude, desenvolvimento gradativo da arte da dança, para adolescentes, e a nível de 3º grau, Prática da Dança, disciplina oferecida aos alunos de Educação Artística e o Núcleo de Universitário de Dança Contemporânea - NUDAC, grupo artístico constituído de estudantes e professores de vários cursos de graduação, que tem por objetivo oferecer ao universitário oportunidade de complementar a sua formação mediante a prática das artes.

Instalado em janeiro de 1983, este grupo tem se apresentado, sempre, com muito sucesso, ao público amazonense, bem como tem participado de momentos expressivos da vida da Universidade do Amazonas como a XXXVIII Reunião Plenária do Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras e do III Festival Universitário de Música Popular, sob a responsabilidade da dançarina, coreógrafa e educadora de arte, Lia Sampaio e do Conservatório de Música.

O programa que apresentarão, como informa a coordenação, é produto de experiências realizadas pelos grupos, tendo em vista o preparo técnico de cada um e a investigação da essência da dança.

Veículo: A Crítica

Data: 24/06/1985

Página:

Caderno/Seção: Caderno C 3

Manaus, segunda-feira, 24 de junho de 1985

BIBLIOTECA PÚBLICA MANAUS - AMAZONAS

Oficina CADERNO C 3

Dança



Isa Kokay

Uma energia rara nas pessoas

Isa Kokay é toda emoção no palco, na vida em Manaus, diz-se que prefere se expressar com o corpo, uma a dança.

"Se estivesse uma lei soberana que criasse uma, somente uma, moeda de troca, a dança estaria em primeiro plano. Isso, de certa forma, está refletido em toda a minha vida".

No início, fazia ginástica olímpica, após inclusive, se destacou como a atleta brasileira, em 80, nos jogos estaduais. De lá, foi convidada pelo professor Celso Antonio Sampa para fazer parte do grupo Dança-Viva.

O trabalho de Dança-Viva, Isa Kokay descreve como inovador, vanguardista no Amazonas.

Fora de um trabalho de dança descreve todo um jogo de emoção: "Não se pode separar movimento pelo movimento, do sentimento para o público e este com o grupo — é muito mais, tem que envolver todos os sentimentos".

Como não poderia ser diferente, o bailarino tem que se dedicar muitas horas de ensaio para alcançar seus vícios e sonhos e faz isso, em primeiro plano do grupo ensaiando e apresentando espetáculos. Quando acontece o grupo há de ser divertido. O que falta para seguir em frente?

"Estrutura, estímulo...".

SONHO NÃO ACABOU

Com 17 na estrada, Isa Kokay seguiu viagem até São Paulo para fazer curso de especialização e depois a volta ao ritmo. Nesse encontro, e com o intuito de integrar o recém-criado Grupo Experimental de Dança do Teatro Amazonas.

O grupo estava formado por 21 dançarinos e está destinado para promover e superar a "falta de estrutura". "Falta de dinheiro mesmo, porque habilitamos sem nenhuma remuneração e sorriso".

O sonho na pedra do caminho fez esquecer o rancor do artista contra a "falta de estrutura" dos lugares que prooveva a "cultura" no Amazonas. Oito anos (passo de dança?) "Não. Melhor ser feliz, que mal acompanhada".

Entre morar e trabalhar na luta pela cidade, restaram 12 bailarinos que formaram o Grupo Origin. O sonho não acabou para a dança em Manaus. Menos, mas, o melhor espetáculo já apresentado por grupos amazonenses, recebeu enorme público e reconhecimento de talento.

Um minuto para respirar e Isa Kokay já anuncia novamente a extinção do grupo. "Não se acabou mas os nossos companheiros estão dispersos". Uma longa conversa para explicar esta fase d'Origem. Falta de espaço físico, material humano, aprimoramento de direção...

Com a dispersão dos bailarinos para o teatro e outras artes, o grupo não realiza espetáculos há meses e com tendências a não voltar a se reunir. Por que essa separação do Grupo Origin?

"Tem pessoas que substituíram a capacidade de outros companheiros e, estes, ficam no convencimento de que são incapazes e daí, inseguros".

As voltar a falar do grupo lembra que um dos valores principais do Origin estava na garra com que se dedicavam à dança. "Falta de aprimoramento de direção artística, sobram as noções técnicas e menos conhecimentos que são primordiais para montar um espetáculo", enfatiza.

Veículo: A Crítica

Data: 24/06/1985

Página:

Caderno/Seção: Caderno C 3

Cultura dos pés descalços

Nos próximos dias 28, 29 e 30 de junho, a partir das 17 horas, na Praça da Saudade, ocorrerá a 2ª Mostra Estudantil de Danças Folclóricas do Amazonas, realizada pelos alunos da rede estadual de ensino, numa promoção da SEDUC, através de sua Coordenadoria de Assuntos Culturais.

E pela segunda vez que é mostrado ao público, o trabalho de pesquisa aprimorada e profunda de professores e alunos, em danças populares amazônicas e nacionais, produzidas no âmbito da escola, com o incentivo direto da CACI/SEDUC, para que a juventude tenha interesse e valorize as expressões regionais características do Amazonas e do país. As pesquisas são realizadas em livros especializados, vídeo-cassetes, informações orais, e na tradição das comunidades que se adiam as escolas. Durante vários meses este trabalho é desenvolvido por iniciativa espontânea dos alunos e dos docentes que com seus próprios recursos materiais concretizam as danças.

Enquanto as artes consagradas pelas elites vivem um de seus momentos de maior conflito de improdutividade organizada, as artes ditas populares, no âmbito das

escolas, vivem o seu momento de liberação e afirmação independente de sectarismos variados. A juventude busca suas formas de expressão nas modalidades artísticas, que lhes são acessíveis, ofereceu à comunidade, duas mostras de Artes Cênicas, e a atuação constante de nove grupos de cursos permanentes através do Teatro Escola, orientado pelo Biecher em Teatro, Wagner Mello, e Dança Escola, por Ana Lúcia Mendes e Maria Mari. Estes cursos são experiências pioneiras na área de arte-educação, funcionando de forma permanente com distribuição de conteúdos curriculares específicos. Para as artes plásticas, foi criada a Galeria do Estudante, que é o espaço cultural dentro do tradicional Colégio Amazonense D. Pedro II, onde ocorrem exposições de alunos e artistas imigrantes, estando em exibição até 31 de junho, a Mostra de Fotografias de Afrânio Ribeiro. Também são realizados cursos para capacitação de docentes nas áreas artísticas, sendo que foram realizados quatro de Pedagogia Teatral, com Wagner Mello; dois de Pintura e Desenho, com Otton Mesquita e Ademir

Guerra; e dois de Música, com Leyla Leong e Museologia, com Maurício Galdas. Objetivam a melhoria da qualidade do ensino e a regionalização da educação artística. Estes cursos muito contribuem para o aprimoramento das danças populares. No ano passado, esteve entre nós a consagrada bailarina da Casa Ventoforte, de São Paulo, Graziela Rodrigues, que na oportunidade ficou maravilhada com aquilo que chamou de "balet popular", a dança dos pés descalços.

É sadia e reconhecida a atitude de subestimação das elites intelectuais, contra a produção vinda das comunidades, onde a escola é o grande centro de produção; declarada alienada por estes setores, que apenas percebem na juventude, a possibilidade de massa segmentos desatentos à questão humana da cultura amazônica e voltados para a possibilidade de autopromoção política.

A juventude estudantil é ávida de informações e da necessidade de auto-expressão, naquilo que tem maior tendência para produzir. Quer cobrar, impor, criticar e instalar fórmulas prontas ditas "da cultura universal das elites", será a

extirpação final da alma do nosso povo. Nosso balet é a Ciranda ou a Serafina, Passaro Garça, as Tribos e muito mais. Eles adoram dançar. Adoram descobrir que "podem", na técnica, da "antitécnica", de suas maravilhosas buscas e intuições.

O Festival Folclórico Marquessiano, por exemplo, do alunado e comunidade de São Raimundo, concretizado pelo coreógrafo e pesquisador popular, José Gomes Nogueira, é um dos respaldos práticos, de que a comunidade do bairro, do jeito mais simples, atima seus caminhos de expressão sócio-cultural, através das danças regionais, nacionais e internacionais, que representam a tendência universalizadora de que as danças folclóricas de outros povos, são meios de comunicação de vidas, buscas, enfim, todo um processo cultural altamente enriquecedor.

Madrugadas adentro, alunos ansiam. José Nogueira pesquisa e ensina, professores espíam e o povo são-ramundense atento às necessidades diversas, participa na grande expectativa, daquela força que brilha sempre em junho. Não é um festival de cores. É o show da natureza e espontânea criação coletiva. A arte socializada, acontecida naturalmente, sem que

cartilhas digam como. O povo daquele lugar participa, discute, avalia, critica, disputa, aprimora, cria novas e interessantes relações. O que se pode dizer depois disto tudo, é que o nosso surrealismo primitivo, ingênuo, lírico e puro dá resultados surpreendentes. Que voltem da porta os acadêmicos ansiosos: Viva a invenção da arte daqui! Ou vocês clamaram pelo Bolshoi ou New York Ballet?

Voltemos a 2ª Mostra de Danças Regionais, que deverá afirmar-se cada vez mais, dentro de seu sentido participativo, onde a competição não conta, e sim, o sentido de um contato com o povo na praça.

Na periferia estão as artes, fora das galerias, das salas delimitadas, estão as praças, as escolas, a simplicidade, e força da bondade de nosso gente mais simples. Ainda na periferia, aprende-se diariamente, o que não consta dos "módulos de dança sévica. Mandá-los "mil vezes anti-arte", onde as conversas sobre o assunto, são abulções em pequenos baldes de mesquinhas, diante desse rio que passa diante por nós, mudando o nosso ser a cada segundo. Deus como a natureza é farta de criatividade aos corações destes artistas, neste momento de luta, com razão de ser,

no meio do mato. O veio que nos cerca não tem fim, é só pegar um fio de paraíso e mostrar ao mundo.

A Mostra começa no dia 28, sexta-feira, com as quadrilhas: Murupiaras de Petrópolis, Festa na Roca; o Bol "Mauháinho", seguida da quadrilha leonês na Roca e a dança inédita do Jacaré. No sábado apresentaram-se a Dança do Caté, o Xaxado Getulista, a Quadrilha Casamento na Roca, a Ciranda, a Dança Camaleão e a Dança da Serafina. No domingo, dia 30, a dança do Caté, a Ciranda de Educandos, o Garrote "Flor de Campo", e a sensacional quadrilha teatralizada Petrópoleana na Roca e a dança do Passaro Tonderé, a consagrada "Ciranda" (da Cachoeirinha), a coreografia "Afro-encardido" de José Riquiera e o Show Especial do Ballet Popular de São Raimundo, que apresentará a dança da Sibéria, um belíssimo trabalho de pesquisa de dança universal de José Nogueira.

A Mostra tem ainda o apoio da EMAMTUR/Diretoria de Operações e Secretaria de Comunicação Social, e o seu objetivo principal é mostrar a experiência da arte-educação e as danças folclóricas do Amazonas.

Veículo: A Crítica

Data: 04/07/1985

Página: 06

Caderno/Seção: Cidade

Espetáculo de dança continua no Teatro

Por apenas cinco mil cruzeiros, qualquer cidadão amazonense pode ir assistir o trabalho que vem sendo realizado pelo grupo de Dança Moderna Contemporânea da Universidade do Amazonas hoje e amanhã no Teatro Amazonas o que na opinião da professora Lia Sampaio, significa também o resultado de quatro anos de atividades junto à dança e, afirma Lia, "tenho certeza que iremos fazer um lindo espetáculo, pois os 40 jovens que hoje compõem o grupo Horas de Dança, estão bem sintonizados com a metodologia que adotamos".

Lia Sampaio de origem baiana, professora formada pela Universidade da Bahia, está muito gratificada com o trabalho que vem realizando, pois conforme observa Lia, o nosso maior objetivo não visa unicamente o palco, mas, o resultado pode levar qualquer aluno a vir a fazer apresentações nos palcos da vida. No entanto, acrescenta Sampaio, a nossa grande meta é abrir espaços para os jovens universitários de qualquer área do conhecimento.

Veículo: A Crítica

Data: 05/07/1985

Página: 07

Caderno/Seção: Cidade

Núcleo de dança brilha com “horas de estudo”

Cerca de 300 pessoas lotaram o Teatro Amazonas, antecedente à noite na estreia do espetáculo “Horas de Estudo”, apresentado pelo Núcleo Universitário de Dança Contemporânea—NUDAC, com a participação de crianças do grupo “Música e Movimento” e universitários do “Dança e Juventude”, sob a coordenação da dançarina e coreógrafa Lia Sampaio.

Professores, alunos e funcionários da Universidade compõem o NUDAC. O espetáculo deu mais ênfase à técnica de movimentação, sem uma preocupação temática e as músicas foram selecionadas de acordo com as técnicas adaptadas à coreografia.

Segundo Francisco Assis de Almeida, estudante de Medicina e dançarino do NUDAC, “a influência do grupo melhorou minha pessoa com um trabalho que não ficou apenas nos movimentos de dança, nos rodopios, mas justamente num trabalho sistematizado, onde começamos antes de dançar, a trabalhar somente as formas e os segmentos do corpo, a fim de sentir o que tínhamos interiormente a oferecer em termos de movimentos, formas, sensibilidade, criatividade e inspiração”.

A técnica utilizada por Lia Sampaio, inicialmente foi trabalhar na penumbra, onde não se enxergasse claramente as pessoas, apenas vultos, liberando os dançarinos de suas limitações, do medo de externar os seus movimentos. Assis acredita que o NUDAC já ultrapassou sua fase inicial, tentando agora se superar numa busca constante do sempre advir, deixando os movimentos fluírem.

Para o professor de Geologia, Albertino Souza Carvalho, a participação no grupo significa toda uma liberação onde passou a curtir seu corpo, o que não foi fácil no início pela falta de adaptação e questionamentos de colegas de trabalho e

alunos diante de sua atuação como dançarino, preconceito que confessa ter superado após ter entrado no grupo e entende que isso deriva do desconhecimento da dança em si.

O mais importante para Albertino é que “criamos um clima de confiança e interação no grupo, onde tudo foi discutido, do figurino e cenário até a coreografia.

Todo o guarda-roupa foi confeccionado pelo grupo que cuidou de todos os detalhes, desde pintar as crianças até pentear a juba.

O dançarino Elson Johnson tem seis meses de participação no grupo, mas considera muito boa a sua proposta de trabalho, sem muitas pretensões de espetáculo perfeito, mas os resultados, na sua opinião, estão sendo muito produtivos.

MÚSICA E MOVIMENTO

As crianças tiveram participação importante no espetáculo e trabalharam com seriedade, tanto nos ensaios como no seu desempenho no palco, dançando com harmonia com o grupo e vivendo o seu papel com muita segurança.

Silvia Cristina, 10 anos, do grupo “Música e Movimento”, está dançando desde 83 e pretende seguir carreira de dançarina futuramente; tem levado a sério os ensaios cobrando da mãe a sua participação, aperfeiçoando os seus movimentos.

A coreógrafa Lia Sampaio declarou-se gratificada com o resultado deste espetáculo, demonstrando que o grupo está crescendo, assim como o nível de trabalho cresceu tecnicamente por opção deles e resultou numa resposta de palco. “O título “Horas de Estudo” é a resposta do grupo, à participação em laboratórios, discussões e experimentações, o que acredito seja o amadurecimento do grupo”.

Anexo A – ID 0141

Veículo:

Data:

Página:

Caderno/Seção:

* Somente a referência. Nas “Horas de Estudo”, a transa do corpo

Veículo: A Crítica

Data: 10/08/1985

Página: 06

Caderno/Seção: Cidade

Balé faz a festa dos pais na ACUCA

A Rede Calderaro de Comunicação, através da Associação dos seus funcionários — ACUCA, estará prestando homenagem aos pais, neste domingo (amanhã). A festa será realizada, no sítio do "Piancó", cedido gentilmente pela família Rodrigues.

Haverá ônibus, saindo às 8 horas, em frente à redação do jornal A Crítica, à Rua Joaquim Sarmiento. Como o balneário "Piancó" fica na Darcy Vargas (quase defronte da Utam), há necessidade de que, quem tiver transporte próprio, colabore com a associação.

Está previsto sorteio de brindes entre os pais das empresas que compõem a Rede Calderaro de Comunicação, TV, rádio, jornal e editora. Também vamos homenagear o funcionário mais antigo da rede.

A festa será animada pelo conjunto "Gota D'Água", com a apresentação especial do balé do Centro de Danças Columbia, cujo espetáculo será dirigido pela professora Diana dos Santos Novaes, tendo como integrantes Eneida, Socorro, Auxiliadora, Creuzinha, Iara, Ruth, Vitória e Albacristina.

Veículo: A Crítica

Data: 17/08/1985

Página: 07

Caderno/Seção: Cidade

Teatro Amazonas vai estrear peça infantil

Estréia na próxima semana, numa temporada de três dias, no Teatro Amazonas, a peça infantil "Lágrimas e Gargalhadas de um Palhaço", texto de Dilermano Nascimento, montada pelo Grupo Evolução. O espetáculo fica em cartaz somente nos dias 21, 22 e 23, no horário das 17 horas.

O texto tem como tema central o questionamento sobre a falta de espaço tanto para o artista como para a própria criança na sua convivência diária. Para o artista, simbolizado na peça por um palhaço, essa falta de espaço fica caracterizada como o desemprego e a falta de perspectiva de sobrevivência através da arte. Quanto à criança, essa questão toca na carência de veículos de desenvolvimento de suas potencialidades, num mundo que nega a natureza em favor do progresso.

Carlos Matheus, componente do elenco de "Lágrimas e Gargalhadas de um

Palhaço", onde representa o próprio, explica a trama central do texto: "tudo começa quando um palhaço, despedido do circo onde trabalhava, sai em busca de refúgio desse mundo concreto, na floresta distante e lá encontra novos amigos que passam para ele uma nova maneira de encarar esses problemas. Esses amigos são colocados na peça como dois animais, um macaco e um coelho e através deles se chega à criança".

Fundado em 1979, o Grupo Evolução já realizou sete montagens, entre infanto-juvenis e infantis e segundo Carlos Matheus, dessa vez, o grupo traz uma nova mentalidade de trabalho, propondo-se a realizar um espetáculo solto, dando mais espaço à imaginação da criança. No elenco, além de Matheus, constam os nomes de Hélio Marques, Tânia Souza e Jofre Santos, que também assina a parte coreografada da peça.

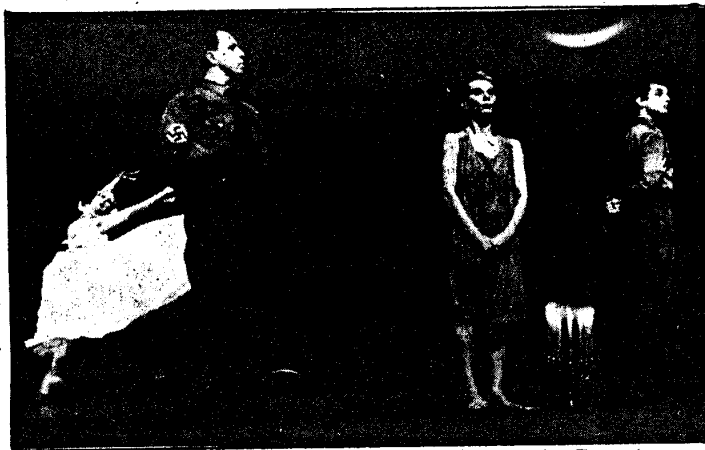
Veículo: A Crítica

Data: 06/09/1985

Página: 08

Caderno/Seção: Cidade

Ballet Stagium volta ao Teatro Amazonas



Cenas do Balé Stagium em "Holocausto" que estará no Teatro Amazonas

O Ballet Stagium, grupo de dança popularizado pela força da integração entre o universal e o tipicamente brasileiro, estréia, no próximo dia 13, no Teatro Amazonas, com o espetáculo "Missa dos Quilombos", um trabalho inspirado nas músicas de Milton Nascimento e Fernando Brandt, em respeito aos povos negros.

O missionário Pedro Casaldáliga já disse a propósito: "Como toda verdadeira missa, a "Missa dos Quilombos" é Pascal: celebra a morte e a ressurreição do povo negro, na morte e ressurreição do Cristo".

Fernando Brandt revelou que "após um ano de muita pesquisa, chegou-nos o texto dos Pedros: Um grito revoltado, triste e consciente contra a violência sofrida pelos negros em nosso país, ao longo da história e nos nossos dias, e um canto de esperança, uma convocação à luta pela mudança". Por isso, vale a pena ver o espetáculo.

O Stagium permanece em Manaus até o dia 15. Antes, no dia 14, faz a estréia de "Crimes", uma série de três danças: "O crime da Mala" — inspirado no roteiro de Ademar Guerra e músicas de Saint Saens, J. Straus Filho, Salzburg e Machaut; "Helena de Freitas" — inspirado no roteiro de Ademar Guerra e músicas de Tchaikovsky, Samuel Barber, Walter Carlos, Luciano Perroni, e Hinos Soms; e "Holocausto" — com roteiro de Décio Otero e músicas de Panderecki, John

Sebastian Bach, Beethoven, Wagner, Verdi, e trechos originais da documentação do III Reich.

No dia 15, "Modinhas", um balé dedicado a Marcus Pereira, completa o ciclo noturno. A propósito, Marcus Pereira explica que "modinha é um diminutivo de **moda**, tipo mais antigo de moda portuguesa. Modinha é canção. Canção é a música produzida pelo mais perfeito instrumento musical jamais inventado que é a voz humana. A modinha refugiou-se e resistiu em Minas Gerais. Ela é tão mineira quanto o queijo e o silêncio".

O Ballet Stagium buscou inspiração para suas coreografias em Guimarães Rosa, rituais indígenas e contos de folclore. Igualmente em Cecília Meireles, Plínio Marcos, Guilherme de Almeida, Thiago de Melo, e como fontes musicais usou Carlos Gomes, Marlos Nobre, Edu Lobo, Vandré, Villa-Lobos, Jobim, Chico Buarque, Milton Nascimento, Aylton Escobar e Egberto Gismonti.

Popularizado no Brasil, atravessou fronteiras realizando tournées pela América Latina, Estados Unidos e Europa. Apresentou-se em festivais internacionais no México, Estados Unidos e França. Com uma companhia composta de novos elementos, o Stagium, é hoje um dos mais importantes ballets do Brasil e do mundo.

Veículo: A Crítica

Data: 09/09/1985

Página: 05

Caderno/Seção: Caderno C

Vem aí o ballet Stagium. Viva!

Depois de um ano inteiro de kids, abelhas e seus jermuns, babacas, assessorados por marinhas e outras cortes do som de surdo e mudo, Manaus merece (bem que não merecia) a visita devastadora de uma das raras expressões realmente dignas deste País: Stagium, o bale que já nos visitou várias vezes. E está chegando no dia 12 para três apresentações no Teatro Amazonas, no peito e na raça. Du seja: sem patrocínio, sem grana de Governo, graças ao Deus e ao Diabo desta terra de sol escaldante. Eu quase diria: este País deveria ser dirigido por artistas, mas... tem um poeta chato na Presidência da República.

Acontece que o Stagium, que vocês já estão vendo, aí ao lado (aquela outra foto na coluna do Marinho me foi elegantemente surrupiada) vai mostrar três espetáculos: Missa dos Quilombos, Modinhas e Crime. A música vai de Milton Nascimento a Salzburg e Machaut. A beleza cênica está a cargo dessas duas figuras maravilhosas, que, apesar dos apesares, ainda apostam na inteligência do povo: Mária Gidali e Décio Otero.

Márcio Souza diz sobre este fenômeno: "Se alguém procurar — no atribulado panorama cultural de nossa terra — aquele trabalho que sintetiza nos dias de hoje o momento mais elevado da arte brasileira, fatalmente, será obrigado a apontar o exemplo do Ballet Stagium. Neste extraordinário grupo — fruto da criação de Mária Gidali e Décio Otero — estão presentes as melhores manifestações do gênio nacional, isto é, a nossa estragem, a nossa juventude, a nossa tradição, mas, especialmente, a nossa esperança". E a mesma raça de Lia e Nivaldo Santiago, aqui em Manaus, na Universidade do Amazonas, ensinando o povo a cantar e a dançar. Pode conferir. (Aldiso Filgueiras)



O Ballet Stagium vem combater a mediocridade

Veículo: A Crítica

Data: 12/09/1985

Página: 06

Caderno/Seção: Cidade

Balet Stagium começa apresentações amanhã

Nos próximos dias 13, 14 e 15, às 21, no Teatro Amazonas, estará se apresentando em Manaus a conhecida companhia de dança "Ballet Stagium" que aqui iniciará a sua 14ª. tournê nacional e que alcançará várias capitais e cidades importantes do Brasil.

O Stagium é possuidor de uma coleção de prêmios e troféus que comemoram as suas apresentações no Brasil e no exterior e já existe há mais de quinze anos, tendo como preocupação principal a valorização da cultura nacional e popular, através da dança.

Para esta excursão o grupo preparou o seguinte repertório de coreografias: : "Missa dos Quilombos", "Modinhas" e "Crimes" que sintetizam a visão coreo-

gráfica contemporânea da companhia. "Missa dos Quilombos" tem música de Milton Nascimento e D. Pedro Casaldáliga e coreografia de Décio Otero, coreógrafo oficial do Stagium. Já, "Modinhas" traz aos palcos uma velha tradição musical do folclore mineiro que é a modinha (gênero musical do século XVIII). Enquanto que "Crimes" enfoca três situações diferentes, uma é o famoso "Crime da Mala", outra trata da morte do ex-jogador "Heleno de Freitas", que morreu dizendo "Eu ainda sou o maior artilheiro do Brasil", e a última intitula-se "Holocausto" que tem como técnica principal a pesseguição aos judeus durante a II Grande Guerra Mundial.

Veículo: A Crítica

Data: 13/09/1985

Página: 06

Caderno/Seção: Internacional

Salão Cidade de Manaus
 Rede Calderaro de Comunicação
APRESENTA

ballet
STAGIUM



PROGRAMAÇÃO
TEATRO AMAZONAS, 21:00 HORAS
DIA 13, sexta feira - MISSA DOS QUILOMBOS/MODINHAS
DIA 14, sábado - CRIMES
DIA 15, domingo - MISSA DOS QUILOMBOS/MODINHAS

APOIO:  **a crítica**

Veículo: A Crítica

Data: 14/09/1985

Página: 08

Caderno/Seção: Cidade

Estreou com aplausos o “Ballet Stagium”

Começou ontem, às 21 horas, no Teatro Amazonas, a temporada do Ballet Stagium. São três espetáculos que discutem a realidade do homem, no seu tempo.

O elenco de Máríka Gidali e Décio Otero apresentará Modinhas e a Missa dos Quilombos. O primeiro espetáculo, segundo Máríka foi “Resgate de uma época, simples e simplesmente uma representação do Brasil”, e foi criado a partir de uma experiência, há dois anos, em Manaus. Em seguida, apresentou-se a Missa dos Quilombos, em cima da música

de Milton Nascimento, em que o Stagium, ainda segundo Máríka, emprestou, pede licença à raça negra para falar de todas as raças e a utopia do não-preconceito”.

Hoje, também às 21 horas, é a apresentação de Crimes e é a primeira vez que se mostra fora de São Paulo, onde o grupo de dança: a violência do dia-a-dia urbano até a explosão da loucura humana nos campos de concentração da Segunda Guerra Mundial ou dos nossos dias.

Amanhã, volta a Missa dos Quilombos. Os ingressos já estão sendo vendidos na bilheteria do teatro aos preços de Cr\$ 30 mil, Cr\$ 20 mil e Cr\$ 15 mil.

Veículo: A Crítica

Data: 15/09/1985

Página: 13

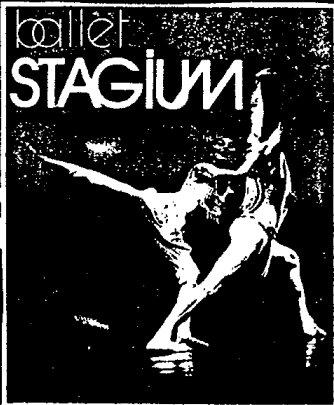
Caderno/Seção: Internacional

Salão Cidade de Manaus
Rede Calderaro de Comunicação

APRESENTA

ENCONTROS COM A CULTURA AMAZONENSE

ballet
STAGIUM



PALESTRA
DÉCIO OTERO & MARIKA GIDALI

A DANÇA NO BRASIL.
A EXPERIÊNCIA DO BALLETT STAGIUM

DIA 16 DE SETEMBRO, 19 horas
ENTRADA FRANCA.

Veículo: A Crítica

Data: 24/09/1985

Página: 07

Caderno/Seção: Cidade

Projeto de dança está presente na comunidade

“Vem Dançar” é o nome que apropriadamente a Superintendência de Teatro do Amazonas batizou o projeto de dança que vem sendo desenvolvido junto a algumas comunidades de Manaus, há alguns meses, sob a sua tutela. O objetivo do projeto é “proporcionar às pessoas oportunidade de desenvolver suas potencialidades de corpo e mente através do verbo “dançar”, diz o instrutor do curso, o dançarino Wilson Real, que nesses três meses tem estado em contato quase que direto com os moradores dos bairros de São José Operário, Educandos e, agora, no Morro da Liberdade, onde o curso tem início no próximo dia 30.

O esquema traçado pela STA para este curso obedece inicialmente ao fato de que hoje em dia todo mundo dança, apesar de poucos freqüentarem uma academia para

isso. Portanto, ao contrário do que vinha fazendo anteriormente, a STA deixou de lado a idéia de partir da dança clássica com o objetivo de formar um grupo, para dar bases de dança livre. Segundo o instrutor Wilson Real, essa concepção faz com que as pessoas percam o receio de se matricular e freqüentar as aulas, já sabendo que o curso visa muito mais trabalhar em cima de movimentos soltos, buscando uma maior percepção do espaço físico aliado ao gestual.

Para o Morro da Liberdade, onde a oficina “Vem Dançar” vai se realizar a partir do dia 30 próximo as inscrições já estão abertas diariamente na sede do Libermorro Futebol Clube, sem taxas de inscrição ou mensalidade. O horário do curso no Morro da Liberdade será das 15 às 16:30 h, às segundas, quartas e quintas-feiras.

Anexo A – ID 0151

Veículo: A Crítica

Data: 29/09/1985

Página: 11

Caderno/Seção: Cidade

Grupo Simetria no Teatro Amazonas

Hoje, às 21:00 no Teatro Amazonas, o Grupo Simetria Norte estará apresentando o espetáculo Amazonas, Apoteose da Natureza contando com a participação de 16 bailarinos e 04 músicos. O show terá duração de uma hora e mostra através da dança e da música, 04 decisivos momentos do processo histórico do Amazonas.

Com um guarda-roupa bastante luxuoso e uma iluminação bem elaborada, o espetáculo, segundo a ótica do grupo, mostra os rituais indígenas, suas lendas e folguedos, antes da influência do colonizador, para logo a seguir descrever o período áureo da borracha, o fastígio de toda uma sociedade à modelo do comportamento europeu, o poder econômico do Estado e etc.

Com fidelidade narra também o declínio do período áureo da borracha e as agruras que vieram a seguir. Finalmente o espetáculo chega aos dias de hoje com o advento da Zona Franca, finalizando com o Festival Folclórico de Parintins.

Amazonas, Apoteose da Natureza dias

Local – Teatro Amazonas

Horário – 21:00 horas

Ingresso – Cr\$ 7.000 (sete mil cruzeiros)

Veículo: A Crítica

Data: 18/10/1985

Página: 08

Caderno/Seção: Cidade

Escola de dança mostra “Fantasy”

“Fantasy”, é o show de cores e ritmos que a professora de dança Mônica Loureiro apresentará no Teatro Amazonas nos dias 1.º, 2 e 3 de novembro, às 20 horas, com cerca de 200 alunas de sua escola de balé e ginástica, que fica na 7 de Setembro. Mônica é responsável por toda a criação do espetáculo, inclusive roupas e coreografia.

O nome do show está estritamente ligado à realidade atual do mundo da arte, na opinião de Mônica, a fantasia, que hoje buscam os jovens na prática diária do artista, seja através da dança, da música, da poesia. Será um espetáculo de muita cor e objetividade, rico em natureza, como explicou a professora.

Esse é o terceiro espetáculo de dança que Mônica realiza, para informar tudo o que

se aprendeu durante o ano na escola, e incentivar a arte da dança como profissão às suas alunas, que soltas no palco podem interpretar mais ainda a poesia desses passos que revelam toda criatividade da linguagem corporal.

E a professora espera êxito, como resultado de sua dedicação e amor à dança. Para ela, dançar é vivenciar a realidade através do mundo colorido da expectativa do ser humano como criador de suas próprias experiências artísticas. “É voar na música e nos passos, ao som do seu próprio corpo”.

Todo esse espetáculo, garante, é fruto, também, do esforço e da aprendizagem das alunas. São elas, na verdade, acrescentou Mônica, “as verdadeiras responsáveis pelo sucesso que sempre têm nossos shows e tem a nossa escola”.

Veículo: A Crítica

Data: 24/10/1985

Página: 06

Caderno/Seção: Cidade

Teatro vai lançar projeto "Vem Dançar"

A Superintendência de Teatro do Amazonas vai promover mais uma Oficina de Dança Livre e Experimental, como parte do projeto "Vem Dançar". O curso será ministrado pelo coreógrafo Wilson Real e será realizado no período de 4 de novembro a 20 de dezembro, com aulas às segundas, quartas e sextas-feiras, sempre das 9 às 12 horas, no Teatro Álvaro Braga, Praça Chile, no bairro de Adrianópolis.

As inscrições já estão abertas e vão até 1º de novembro e devem ser feitas no setor de dança do Teatro Amazonas das 7 às 13 hs. O curso é misto e gratuito e o número de vagas é limitado. Segundo Wilson Real, é uma oficina de nível intermediário e será dada preferência às pessoas que já possuam alguma noção de dança.

Wilson esclarece que a oficina engloba técnicas de jazz, moderno e contemporâneo, e é voltada para as raízes do povo brasileiro afro e ameríndia.

O método utilizado pelo coreógrafo é o "Primitive Dance", "desenvolvemos este método através de experiências com o "American Harlem Dance" e com Mercedes Batista, no Teatro Municipal do Rio de Janeiro". Qualquer informação adicional pode ser obtida junto à Superintendência de Teatro do Amazonas pelo telefone 234.3525.

Veículo: A Crítica

Data: 27/10/1985

Página: 09

Caderno/Seção: Cidade

Teatro Amazonas vai apresentar “Fantasy”



“Fantasy”: um espetáculo da Academia Mônica

Um espetáculo de muitas cores e ritmos. Assim será o show “Fantasy”, que a Academia Mônica estará apresentando no Teatro Amazonas nos dias 1º, 2 e 3 de novembro, reunindo cerca de 200 alunas. A professora Mônica Loureiro é a responsável por toda a criação do espetáculo, inclusive a parte da coreografia e roupas.

Esse será o terceiro espetáculo de dança que Mônica realiza, com a finalidade de informar tudo o que suas alunas aprendem durante o ano na escola, procurando incentivá-las a arte da dança como profissão.

“Fantasy” é o nome do espetáculo. Segundo Mônica Loureiro, a fantasia está muito ligada a realidade atual do mundo da arte, seja

através da dança, da música e da poesia. Trata-se de um espetáculo de muitas cores, objetividade e rico em natureza.

Mônica, que já promoveu dois espetáculos anteriores com bastante sucesso, revelou que o show deste ano tem tudo para agradar ao público, haja vista o desempenho das alunas que vão apresentar mais de 20 números diferentes de danças, com muita criatividade de passos e expressão corporal.

Todo esse espetáculo — disse a professora — é produto também do esforço e da aprendizagem das alunas, cujas idades variam de 5 a 16 anos. Elas, mais uma vez, serão as verdadeiras responsáveis pelo sucesso da nossa escola de balé e ginástica.

Veículo: A Crítica

Data: 31/10/1985

Página: 07

Caderno/Seção: Cidade

Oficina encerra inscrições



Termina amanhã o prazo de inscrições para a Oficina de Dança Livre e Experimental, promovida pela Superintendência de Teatro do Amazonas. Os interessados devem procurar o setor de Dança do Teatro Amazonas, no horário das 7 às 13 horas.

O curso será ministrado pelo coreógrafo Wilson Real e será realizado no período de 4 de novembro a 20 de dezembro, com aulas às segundas, quartas e sextas-feiras, sempre das 9 às 12 horas, no Teatro Álvaro Braga, Praça Chile, no Bairro de Adrianópolis.

Trata-se de uma oficina de nível intermediário e como o número de vagas é limitado, será dada preferência às pessoas que já possuam alguma noção de dança. O professor Wilson Real informa que o curso engloba técnicas de jazz, jazz moderno e contemporâneo e é acima de tudo voltado às raízes do povo brasileiro, afro e ameríndia.

Veículo: A Crítica

Data: 13/12/1985

Página: 06

Caderno/Seção: Cidade

Balé homenageia nossos músicos no T. Amazonas

O espetáculo de fim de ano da Academia de Balé Clássico José Resende apresenta hoje, sábado e domingo, no Teatro Amazonas, uma homenagem aos músicos amazonenses, através daquilo que o bailarino e coreógrafo denominou "Sinfonia Amazônica", que será dançada pelas 46 alunas que compõem o elenco permanente da escola.

Como faz todos os anos, José Rezende trouxe bailarinos do Corpo de Baile do Teatro Municipal do Rio de Janeiro para contracenarem com as suas alunas e ministrarem aulas rápidas durante a passagem por Manaus. Desta vez retorna ao palco amazonense o já consagrado Carlos Louzada que abre a sua apresentação com as quatro últimas canções escritas por Strauss, contracenando com Helena Lobato; um pas-de-deux de Ernesto Nazaré e a "Sinfonia Amazônica", com Cristina Cruz. Louzada inclui em seu currículo fatos relevantes como o seu trabalho no Teatro Maggio Musicale Fiorentino, em Florença, Itália, além também de seus trabalhos junto a Nureyev, Carla Fracci e Goudunov, entre outros. Helena Lobato, por sua vez, durante o seu trabalho no Teatro Graslin, na França, atingiu a posição de "étoile" (estrela), dançando os principais papéis das temporadas de 1968 a 1972, com grande sucesso de crítica e de público.

Além desses dois artistas se apresentarão

Wandylson Montenegro e Lige Villanova, ambos do Teatro Municipal do Rio de Janeiro.

AS ESTRELAS LOCAIS

A cada novo espetáculo — e José Rezende se lembra de pelo menos 12 grandes galas — apresentado no Teatro Amazonas, as alunas vão apurando a técnica e adquirindo maior domínio de palco

Para este espetáculo o bailarino criou uma coreografia para 8 crianças de 4 anos de idade, que dançarão "O Vendedor de Passaros" de L. Streabbog.

Lourcley Silvestre — filha do saudoso professor Pedrinho Silvestre — surge como a "Revelação do Ano", interpretando "Kurdistan", uma dança oriental de A. Malouf.

As solistas Cláudia Sampaio e Cristina Cruz farão os solos da "Sinfonia Amazônica", "Valsa das Flores" de Tchaikovski e as Czardas de Monti.

Os cenários, figurinos e coreografias do espetáculo foram criados por José Rezende e os arranjos musicais pela pianista Jerusa Musafa.

O espetáculo de estréia está marcado para as 21 horas de hoje, com sessões sábado no mesmo horário, e domingo às 17 horas. Os ingressos, ao preço de Cr\$ 15.000, podem ser adquiridos na bilheteria do Teatro Amazonas.

Veículo: A Crítica

Data: 13/12/1985

Página: 06

Caderno/Seção: Variedades

'Sinfonia Amazônica' no T. Amazonas

• As três récitas da escola de dança do prof. Rezende, no Teatro Amazonas — inicia hoje e finaliza no domingo — encerrarão o ano letivo na mencionada escola. Como ponto alto a homenagem aos compositores amazonenses Cuetano Brionis (a valsa "Rio Negro"), Arnaldo Rebelo ("A Correnteza"), e Pedro Amorim ("Iara").
— O corpo de ballet apresenta-se nessa "Sinfonia Amazônica".
• Crianças de 4 a 8 anos de idade dançarão, de L. Strebog, "O Vendedor de Pássaros". A revelação do ano na arte de dança é Lourcley Silvestre, fazendo evoluções em "Kurdistan", de A. Malouf.
• Quatro bailarinos do Municipal-Rio estarão na mesma oportunidade no palco do TA: Carlos Louzada, Wandylson Montenegro, Helena Lobato e Liège Villanova.
— Os ingressos estão na bilheteria do Teatro Amazonas, ao preço de Cr\$ 15 mil. Domingo haverá sessão às 17 h.



• Nelson Buoro, com a planta de rosas em Pacaraima, exportará o produto até para o Nordeste. Numa competitividade com as exportadoras paulistas. Guerra perfumada!



• Os bailarinos do Municipal-Rio vão estar no palco do Teatro Amazonas, de hoje até domingo, no programa do prof. Rezende.

Veículo: A Crítica

Data: 15/12/1985

Página: 11

Caderno/Seção: Cidade

Dança e Maquiagem no "Álvaro Braga"

Será apresentada hoje, às 19:30 horas, no teatro Álvaro Braga, uma "performance" da Dança e Maquiagem pelos artistas Jofre Santos e Théo Corrêa, que se constitui num espetáculo que vai mostrar, através da dança, uma seqüência de caracterizações a partir de maquiagens diversas.

"É um espetáculo de forte impacto visual, que alia música ao gestual dramático, que o teatro e a dança proporcionam" adianta o ator, cenógrafo, figurinista e maquiador Théo Corrêa, que estará dividindo o palco do teatro com o bailarino e ator Jofre Santos.

Esse show marca também o encerramento de uma exposição, elaborada pelos mesmos artistas, que está instalada no "hall" do teatro Álvaro Braga desde a última quinta-feira. Essa exposição intitulada "Maquiagem no Teatro" reúne fotografias, matérias de jornais, desenhos, etc., e pode ser visitada hoje a partir das 14 horas. O teatro Álvaro Braga fica na Praça Chile, bairro Adrianópolis.

DANÇA NO TEATRO

"Sinfonia Amazônica" é o nome do espetáculo de dança a ser apresentado hoje, às 17 horas, no Teatro Amazonas, pelo balé da academia do professor José Rezende, encerrando a programação que anualmente é mostrada pelos bailarinos e com a presença de convidados, vindos de grandes corpos de balés nacionais.

1986

Anexo A – ID 0160

Veículo: A Crítica

Data: 12/01/1986

Página: 10

Caderno/Seção: Cidade

Começa Feriart no Benjamin Constant

Começa amanhã no Estúdio do Estudante, na Escola Benjamin Constant, a programação artística de férias da Secretaria da Educação e Cultura desenvolvida através da CAC/Coordenadoria de Assuntos Culturais.

A FERIARTE, como está sendo chamada pelos alunos, consiste na realização de duas oficinas, gratuitas e abertas para 20 vagas, por turmas inscritas. A Oficina Livre de Dança, terá três turmas durante a tarde e será ministrada conjuntamente pelas bailarinas Ana Mendes, coordenadora do Projeto Dança Escola e Conceição Souza.

O programa a ser desenvolvido objetiva propiciar ao alunado os rudimentos iniciais de sensibilização para o desenvolvimento da criatividade através da dança, apresentando partes teóricas e práticas de informação sobre a dança, origens históricas, a dança no Brasil, e no Amazonas, e a parte das descobertas do dançar de cada, expressão corporal e alongamento. No final da oficina será apresentada uma pequena mostra do trabalho desenvolvido pelos jovens. O detalhe importante é que alunos que fazem teatro estudantil também participarão da Oficina de

Dança, como aprimoramento, enquanto aguardam o início da Oficina de Interpretação Teatral, que terá início na próxima quinta-feira.

Cerca de 80 estudantes já estão inscritos nesta experiência de arte educação, num período caracterizado pela falta de opções para quem passa o ano inteiro estudando, a SEDUC/CAC objetivam assim manter acesa a chama do interesse pelo difícil fazer artístico na dança e teatro, que ficou bem concreto para a comunidade na 3ª MOSTRA ESTUDANTIL DE ARTES CÊNICAS.

Anexo A – ID 0161

Veículo: A Crítica

Data: 18/01/1986

Página: 10

Caderno/Seção: Cidade

Márka, do Stágium, inspira a Feriarte

Com 74 alunos inscritos, quando deveriam participar apenas 30, a Secretaria de Educação e Cultura, através da Coordenadoria de Assuntos Culturais — CAC — iniciou a primeira Feriarte, visando a criação do futuro balé da cidade, numa inspiração da professora de dança Márka, do balet Stágium, quando de sua última apresentação em Manaus, ao ver as danças folclóricas do grupo marquesiano.

Segundo Conceição Souza, professora de Educação Física e Dança, o curso “já deu certo” e visa atender a toda a rede estudantil do Estado” principalmente aos rapazes e moças pertencentes à classe média que não têm condições de ingressar numa das muitas academias particulares existentes na cidade”.

O Feriarte, como diz o nome, é férias com arte. Ele foi criado pela Seduc para que os estudantes, que estão de férias possam ter outras opções além dos cinemas e discotecas. O curso que teve o início no dia 13 de janeiro deverá se estender até o dia 5 de fevereiro atendendo a estudantes em sua maioria do 1º grau de todas as escolas da rede de ensino da capital.

Segundo Conceição Souza, o objetivo maior do Feriarte (outro já está sendo programado para o mês de julho) é a seleção de um grupo de bons dançarinos para a futura composição do balé da cidade, que deverão ser selecionados a partir do dia 5 de fevereiro, dando início assim à formação de um trabalho de base.

O Feriarte tem, como outra opção de lazer aos estudantes, oficina livre de dança e de teatro, que tem a responsabilidade do professor Vital Melo. A dança está sob a coordenação de Conceição Souza e da professora Ana Mendes.

A idéia da criação do balé da cidade surgiu em decorrência de uma visita feita pela professora e bailarina Márka, do balet Stágium ao Festival Marquesiano que ficou entusiasmado com a espontaneidade e a graça dos dançarinos. “Dai — explica Conceição — isso fica muito limitado, muito comum para a nossa região, mas, em termos turísticos é uma grande novidade, daí nós estarmos querendo montar o balé da cidade em cima desse trabalho bonito que é feito pelo grupo marquesiano, transformando as danças folclóricas em balé”.

Veículo: A Crítica

Data: 22/01/1986

Página: 11

Caderno/Seção: Cidade

UA dá curso prático sobre Arte Integrada

No Conservatório de Música da UA, na Rua Emílio Moreira, 601, antigo ICHL, estão abertas as inscrições para um curso de Arte Integrada, que a Universidade do Amazonas vai promover de 27 a 31 deste mês, das 15 às 18 horas, no salão nobre do Instituto de Educação do Amazonas.

O programa será desenvolvido sob a orientação das professoras Edva Barreto, do Departamento de Dança da Escola de Música e Artes Cênicas da Universidade Federal da Bahia, e Chang Yen Yin, do Departamento de Educação Física da UA, ambas pós-graduadas em Composição Coreográfica pela Universidade da Bahia.

Destinado a professores de 1º e 2º graus, psicólogos e pessoas ligadas a manifestações artísticas, o curso constará de aulas teóricas e práticas, leitura, pesquisa, debates e sugestões sobre Arte Educação. Como livro-texto será adotado o "Manual de Criatividade", de Paulo Dourado, atual diretor da Escola de Música e Artes Cênicas da UFBA, e Eugênia Millet, atriz, professora e psicóloga. O livro poderá ser obtido durante o curso com a professora Edva Barreto.

O curso de Arte Integrada é o segundo a ser dado pelas professoras Edva e Chang, que iniciaram na última segunda-feira, 20, no Instituto de Educação, um curso de Dança e Coreografia para professores, coreógrafos e dançarinos. O programa é teórico e prático, e terá a duração de duas semanas, com dois dias de apresentação para o público. As aulas estão sendo dadas pela manhã, versando sobre pesquisa e experimentação de processos coreográficos, técnicas de dança moderna, improvi-

sação, composição coreográfica e montagem de um espetáculo denominado "Casa de Bambas".

Edva Barreto, que veio a Manaus para dar os dois cursos juntamente com Chang Yen Yin da UA, é professora de Prática de Dança, Expressão Corporal e de Cursos de Extensão em Dança para crianças e adolescentes. Atualmente, desenvolve atividades de Arte Educação e Coreografia para grupos de teatro e dança, através da Fundação Cultural da Bahia.

Premiada em 1º lugar em Dança Moderna, "Prêmio Margarida Horta" (1979), e como Melhor Coreógrafa de Teatro, "Prêmio Martins Gonçalves (1982), ela fez várias excursões pelas principais capitais do país e alguns países da América Latina, Europa e África. Em sua composição de pós-graduação em Coreografia, ela abordou o tema "Casa de Bambas", em que retrata os costumes dos "bambas" de 1927, utilizando ritmos brasileiros, sambas e choros em linguagem contemporânea.

Chang Yen Yin, formada pela Universidade do Amazonas, é integrante do Departamento de Educação Física e do Núcleo Universitário de Dança Contemporânea da UA, dirigido pela professora Lia Sampaio. Chang já participou dos espetáculos "Corpo e Movimento" (1983) e "Villa Lobos em Cantos do Brasil (1984). Em Salvador, onde prestou exame de seleção e recentemente concluiu o Curso de Especialização em Coreografia, ela apresentou como projeto de tese para conclusão do curso a composição "Vitória Régia, Estrela d'Água", abordando aspectos da lenda amazônica.

Veículo: A Crítica

Data: 31/01/1986

Página: 07

Caderno/Seção: Cidade

Show a homenagem da U.A. à imprensa

Com uma apresentação, dedicada à imprensa amazonense do espetáculo “Casa de Bambas”, começa hoje, às 21 horas, no Teatro Amazonas, e termina amanhã no mesmo local e horário, o programa de encerramento dos Cursos de Dança e Coreografia e Arte Integrada, da Universidade do Amazonas.

O curso foi ministrado pela dançarina e coreógrafa Edva Barreto, professora da Escola de Música e Artes Cênicas da Universidade federal da Bahia.

Ela se inspirou em desenhos do artista Alfredo Herculano, para criar a “Casa de Bambas”, onde procura retratar, através da linguagem corporal, elementos vários que, reunidos, sintetizam todo o jeito de ser do povo brasileiro, em especial os costumes, a música e as danças, que por volta dos anos 20 e 30 eram a marca do lazer popular nos salões, nas ruas e nas praças e que acabou desembocando nas popularíssimas rodas-de-samba.

“É uma saudosa reflexão do passado”, como explica a coreógrafa, apoiada em canções de Cartola e Carlos Cachça, entre outros compositores.

Veículo: A Crítica

Data: 29/04/1986

Página: 10

Caderno/Seção: Cidade

Artistas da dança e teatro debatem

Com a proposta de criar espaço para o debate sobre a questão cultural e a partir daí criar um plano de cultura para a região, vários artistas de teatro, dança e outras categorias estarão realizando em Manaus no período de 9 a 11 de maio, o 1º Seminário de Artes Cênicas do Amazonas.

A promoção é da Comissão Promissória da Federação dos Artistas e da Confederação Nacional de Teatro Amador — CONFENATA/Regional Norte, com o apoio da Superintendência de Teatro do Amazonas — STA.

Aberto oficialmente às 20 horas do dia 9, com uma "performance" dos artistas no Teatro Amazonas, o Seminário seguirá nos dois dias seguintes, em local ainda a ser determinado, discutindo sobre a produção cênica local e através da participação de órgãos estaduais e municipais convidados, abordará o tema da relação do Estado com a cultura. Além disso, serão aprovados no encontro, os Estatutos da Federação de Artes Cênicas do Amazonas, criada recentemente em lugar da FETTEAM, Federação de Teatro Amador do Amazonas.

O Seminário é definido pela Comissão Provisória como uma tomada de posição dos artistas não só diante do Estado, mas também diante dos próprios caminhos da produção em artes cênicas local.

A participação dos órgãos de cultura do Estado e da Prefeitura, como Semec, Seduc, SCA e STA, principalmente, vai poder esclarecer os projetos criados na área e servirá para traçar planos onde a arte local encontre o seu espaço nesse contexto.

Veículo: A Crítica

Data: 26/05/1986

Página: 04

Caderno/Seção: Colunismo Social (Baby)

Um clássico momento de ballet

- Em pontas e pliês, no mais puro estilo clássico, o palco do Teatro Amazonas abrigou um dos mais bonitos espetáculos de uma temporada. Sob a chancela da academia do professor José Resende, a “Sinfonia Amazônica” foi exibida, com talento indiscutível, na quinta, sexta e sábado últimos.
- Graduated alunas e bailarinos convidados, como Vanda Garcia, Carlos Louzada, Alice Arja e Robson Simões fizeram das composições de amazonenses (Arnaldo Rebelo Pedro Amorim e Caetano Briones) u’a mostragem das mais sérias e refinadas.
- Como sempre acontece com espetáculos desse nível, a frequência da casa foi satisfatória sem alcançar entretanto o terreno de cheio, lotado. Se perguntarem como explicaria a escritora essa ausência das pessoas em shows de tão alta qualidade, vou quedar-me, também eu, em interrogações. Não dá para entender e o que não se entende, não se explica.
- Dias atrás, o mesmo T.A. teve uma clientela que saía pelo ladrão, todos e todas pagando para ver e ouvir Juca Chaves chamar palavras e cantar suas repetidas modinhas. Menos de uma hora em palco, o Juquinha em francos deboches ditos, garantiu o seu caviar de pelo menos 60 dias.
- Pão e circo continua querendo o povo? Por ser assim nada consegue crescer em termos de arte, nesse torção nosso. Peças seríssimas têm sido trazidas até aqui e os empresários não retornam, simplesmente porque não obtiveram resposta em termos de fluência de público.
- Sei de fonte segura do interesse de Fernanda Montenegro a aportar por cá com sua “Fedra” e do receio que armazenam seus contactos, quando a máquina fica emperrada no desinteresse, no descaso. Mas, juntem-se os “trapalhões” e a receita de bilheteria já estará garantida. Cada povo tem a atração que merece? Estarei sendo muito severa? Parem e analisem então...

Veículo: A Crítica

Data: 13/06/1986

Página: 11

Caderno/Seção: Cidade

Balé de Dufrayer estréia nesta sexta

Encontra-se em Manaus para uma curta temporada de três dias a Companhia de Dança Sylvio Dufrayer. No Teatro Amazonas eles apresentam, a "Carioca-Kê", que fazem parte do repertório que a companhia carioca vem apresentando há quase dois anos, no Sul e agora em turnê por todo o país.

A estréia da Companhia em Manaus será feita com o espetáculo "Relações", em apresentação única às 21 horas. Esse trabalho teve estréia nacional a 2 de janeiro do ano passado. Daí em diante a coreografia foi apresentada em 21 cidades, apresentando-se inclusive no Festival de Inverno de Campina Grande, na Paraíba, no Festival do Cabo, em Pernambuco e no Ciclo de Danças no Recife. No sábado e domingo consta no programa as coreografias "Doce Lar" e "Carioca-Kê", estreadas em março deste ano.

Todas as coreografias foram criadas por Sylvio Dufrayer que também assina a direção em parceria com Ângela Loureiro. No elenco da Companhia contam os nomes de Doriania Mendes Reis, Eduardo Silva, Walter Limatorres e Gilda Rebello, além do próprio Sylvio Dufrayer.

A ação de "Relações" se passa num salão de baile, através de casais que se formam e se desfazem, sucedem-se, relatando suas histórias através da dança. "Doce Lar" é baseado em fato verídico ocorrido no bairro de Belford Roxo, no Rio de Janeiro e "Carioca-Kê" é inspirado na maneira "carioca" de viver.

Anexo A – ID 0167

Veículo: A Crítica

Data: 14/06/1986

Página: 12

Caderno/Seção: Cidade

Teatro Amazonas apresenta Drufayer

A Companhia de Dança Sylvio Drufayer apresentará hoje e amanhã, no Teatro Amazonas, os espetáculos "Doce Lar" e "Carioca-Kê", às 21hs. Os ingressos estão sendo vendidos na bilheteria do teatro, ao preço de Cz\$ 50.

Sylvio Drufayer foi considerado o melhor coreógrafo na 1ª. mostra de novos coreógrafos do Rio de Janeiro, em 1984, tendo trabalhado em diversas companhias como o Ballet Stagium; Ballet Municipal do Rio de Janeiro; Ballet Cisne Negro de São Paulo entre outras. Atualmente é o responsável pela coreografia da ópera "O Guarani", de Carlos Gomes, com estréia prevista para março deste ano, no Teatro Municipal do Rio de Janeiro.

A Cia. Drufayer já percorreu 21 cidades brasileiras, participando com convidados do X Festival de Inverno de Campina Grande (Paraíba), Festival do Cabo (Pernambuco), Ciclo de Dança do Recife etc.

"Doce Lar" e "Carioca-Kê" são os espetáculos que se apresentam neste sábado e domingo. A primeira parte aborda os conflitos familiares, inspirada na peça "Álbum de Família", de Nelson Rodrigues, e no fato verídico de relações incestuosas entre pai e filha ocorridas ano passado, no Rio de Janeiro, que Sylvio leu nos jornais — o caso de uma menina de 8 anos forçada a manter relações sexuais com o pai durante o período de 4 anos. A trilha sonora homenageia Carlos Gomes e Villa Lobos pelos seus 150 e 100 anos respectivamente.

Anexo A – ID 0168

Veículo: A Crítica

Data: 20/07/1986

Página: 03

Caderno/Seção: Cidade

Dançar Estudantil no Teatro Amazonas

A partir de amanhã, segunda-feira, no Teatro Amazonas, será exibida a programação "Dançar Estudantil", produzida pela Secretaria da Educação e Cultura, ação de sua Coordenadoria de Assuntos Culturais, e que apresentará treze danças regionais, que pela primeira vez, terão a apresentação com a finalidade de acentuar o caráter essencialmente cênico e plástico destas expressões da força e do movimento dos bailes populares amazonenses, que não precisam ficar restritos ao circuito junino, pois são a festa de todos os dias de uma comunidade, que nas escolas da rede estadual, lutam para manter acesas suas tradições.

A partir das 17:00 horas, o dançar, tem início apresentando a Dança do Peixe Jaçundá, a Contradança de Urucurituba, num trabalho de José Nogueira, pela Escola Marquês de Santa Cruz; segue-se a Dança do Café, do Colégio Benjamin Constant, e a Quadrilha Dramática "Petroportelanos", do Colégio Petrônio Portela, segue-se o show especial com os folclóricos dançares da Índia, do Melo e Póvoas e Debak do Colégio Antonio Bittencourt. O encerramento ocorrerá no dia 22, no mesmo horário com a apresentação da concentração maior dos bailados regionais com a apresentação da belíssima "Ciranda de Tefé", pesquisa do professor José Silvestre, que o professor José Nogueira coreografou com os alunos do Marquês de Santa Cruz. Segue-se o Pássaro Tangará, pesquisa de Mário Ipiranga Monteiro, com os alunos do Djalma Batista, do Japiim, na direção de Rosa Eunice e Léa Natividade; a Dança da Serafina, direção de Rosa Cabral, do Benjamin Constant, a Dança do Camaleão, direção de Lucy Omena, pela U.E. Parque Dez.

A Secretaria da Educação e Cultura, vem buscando ampliar as atividades da CAC, junto ao alunado, procurando os canais de interação das escolas para com a grande comunidade, restituindo-lhe o papel de produtoras e mantenedoras do conhecimento cultural. Estimulando a criatividade, mesmo diante das mais adversas condições materiais levantando e aplicando ações que vão além das retóricas do vitrinismo ideológico. Trata-se de um trabalho de base, executado há três anos, a partir da compreensão e intercâmbio de idéias e informações na periferia, e do aproveitamento dos recursos humanos existentes. O trabalho apenas está sendo iniciado, através desta prática social, que não subutiliza o homem diante da sua capacidade de interferir e modificar a sociedade.

Estas danças constituem-se como os bailados da nossa gente mais simples, com intensas potencialidades plásticas e cênicas.

Veículo: A Crítica

Data: 15/08/1986

Página: 05

Caderno/Seção: Cidade

Circuito de Arte está chegando nas escolas

Nesta sexta-feira começa, na Escola Antonio Lucena Bittencourt, o Circuito Estudantil de Arte na Periferia, um programa da Secretaria de Educação e Cultura, numa ação de sua Coordenadoria de Assuntos Culturais, junto à Unidade Educacional da Betânia.

O circuito objetiva propiciar às Unidades Educacionais, um dia inteiro de atividade de cultura artística na escola, com exposições, palestras, mostras, filmes e debates, para alunos e professores de Educação Artística e Comunicação e Expressão em Língua Portuguesa.

A programação a ser levada dentro do Circuito de Arte apresenta, a partir das 9 horas da manhã, abertura da Mostra de Artes Plásticas, com trabalhos de Mário de Paulo, o mural de poesia dos alunos; e mostra de livros de autores amazonenses, pela UBE/AM. Seguem as palestras de Jorge Tufic, poeta e escritor, presidente do Conselho Estadual de Cultura e de Jaime Pereira, presidente da União Brasileira de Escritores do Amazonas e do teatrólogo Wagner Melo, sobre a questão do Teatro na Educação. Participam do encontro, alunos e professores de Educação Artística.

À tarde, os trabalhos se reiniciam com os professores de Educação Artística, onde se discutirão os problemas e metas para a melhoria desta prática na escola; apresentação de teatro, pelo grupo Preto e Branco, da Escola Antonio Lucena Bittencourt, enquanto o grupo Ação do Djalma Batista/U.E. do Japiim, apresentará espetáculos de teatro de bonecos; números de dança e animação do Grupo Jurupari, da Alvorada, e a sessão declamatória de poesias, segue-se o show musical

dos alunos do artista popular Pepê Fonã. Encerrando o dia da arte na escola, o cine clube do estudante apresentará o filme "A Feiticeira".

O circuito é uma proposta de participação mais intensa nas escolas, da professora Francisca Matos, Secretária de Educação e Cultura, através dos programas de arte-educação.

Vale ressaltar o trabalho que vem sendo realizado pela Seduc/Cac junto às escolas, pelo estímulo à formação e desenvolvimento da Arte como processo e prática na Educação. Na área de dança contemporânea, o curso permanente de iniciação, o Dança Escola, dirigido por Ana Mendes, na periferia. Este projeto é desempenhado por Marta Marti, no Educandos e Chang Yeng Yin no Japiim, e na parte do Folclore por Wilson Reis, em São Raimundo. A música tem como trabalho importante de Roberto Bopp, com os Violões Estudantis, do Benjamin Constant, o Coral Marquesiano de José Nogueira; a oficina de Pintura em vidro e cerâmica por Cleupe Pimenta, no Benjamin Constant, a Oficina de Desenho de Anísio Melo, na Galeria Estudante, a grande vocação da juventude, e grupos que já atuam junto à comunidade, como grupo Jurupari do Petrônio Portela; Amarelo e Preto do Djalma Batista; Águas Negras do Pedro Silvestre, o Jaguaratê do Benjamin Constant, o Preto e Branco do Antonio Lucena Bittencourt; o Desperta Amazonas do Castelo Branco; Nós, do Ruy, da Cachoeirinha; o Teatrinho do São Francisco; o Tupinambá de Educandos e muito mais, com o interior atingindo Parintins, Itacoatiara e Manacapuru.

Veículo: A Crítica

Data: 14/09/1986

Página: 08

Caderno/Seção: Cidade

Academia de Balé vai fazer dois espetáculos



As bailarinas da academia de Balé Clássico

Quinze coreografias serão apresentadas no Teatro Amazonas por um grupo de 80 alunas da Academia de Ballet Clássico no dia 19, às 21 h e no dia 21, em apresentação especial, uma matinê, às 17 h.

Segundo declarações da professora de piano da Academia, Jerusa Mustafa, o espetáculo será apresentado com vários solos, destacando-se entre eles O Cisne Negro, Dança Oriental, Luzes da Ribalta e Tarantela de Rossini.

«A coreografia fica por conta do professor José Resende, cujo tema principal corre em torno da Sinfonia Amazônica de autoria de vários compositores amazo-

nenses tais como Pedro Amorim e, Caetano Veloso e Arnaldo Rebelo, já falecidos.

O ponto alto do espetáculo será a apresentação da ex-aluna Conceição Souza, atual professora de dança moderna e de várias alunas pioneiras do grupo como Cristina Cruz, Cristiane Marie, Lucilei Silvestre, Cláudia Padilha, Carla Patrícia, Aline Benzecry, Sandra Melo, Priscila Matoso, Mônica Albuquerque e muitas outras.

Aos amantes da arte, a apresentação do grupo da Academia José Resende que é genuinamente amazonense, é um espetáculo que deve ser assistido por todos, confessa a professora Mustafa.

Veículo: A Crítica

Data: 16/09/1986

Página: 12

Caderno/Seção: Internacional

Academia de balé faz espetáculos no Teatro

A Academia de Ballet Clássico José Rezende, nos próximos dias 19 às 21:00 horas e, 21 às 17:00 horas apresentará no Teatro Amazonas, suas alunas interpretando o ballet intitulado "Sinfonia Amazônica", com músicas de autores amazonenses, em homenagem ao nosso querido Teatro Amazonas na pessoa de seu ilustre diretor dr. Mariolino, pelo seu nonagésimo aniversário.

Nessa apresentação suas alunas, Cristina Cruz, Christiane Marie da Costa, Cláudia

Padilha, Lourcley Silvestre, Carla Patrícia Pinheiro e Andréia Dangelo Afonso farão solos de famosos autores brasileiros e estrangeiros.

Prof. e coreógrafo José Rezende, também apresentará algumas de suas ex-alunas convidadas, que, em épocas passadas estudaram em sua academia, e que hoje se destacam no gênero contemporâneo nos quais se integram. São suas ex-alunas, Conceição Souza, Cláudia Lúcia Rocha, Jaime Tribuzi e Jorge Kenedy.



Uma coreografia das alunas da Academia

Veículo: A Crítica

Data: 20/09/1986

Página: 03

Caderno/Seção: Cidade

Ballet Clássico no Teatro Amazonas

Com o apoio do governo do Estado do Amazonas, Secretaria de Educação e Cultura e Coordenadoria de Assuntos Culturais, TV Amazonas e A Crítica, a Academia de Ballet Clássico, José Resende apresentará no dia 21, domingo, no Teatro Amazonas um espetáculo de dança moderna.

Com início para às 17 horas, a apresentação da Sinfonia Amazônica de autoria de diversos amazonenses, como Arnaldo Ribeiro e Pedro Amorim, tem como coreógrafo o professor José Resende e será apresentado vários solos destacando-se como principais o Cisne Negro, Dança Oriental, Luzes da Ribalta e Tarantela de Rossini.

A atração do espetáculo é a apresentação da professora de dança moderna Conceição Souza, ex-aluna da Academia.

A apresentação do grupo, segundo a professora de piano Jerusa Mustafa que é genuinamente amazonense conta com um elenco de alto nível de mais de oitenta alunas da academia.

Veículo: A Crítica

Data: 01/10/1986

Página: 12

Caderno/Seção: Nacional

Servidora do T.A. agride bailarina

Os 14 integrantes do Grupo de Dança do Teatro Amazonas que, na sexta-feira, 26, viajarão a Itacoatiara para prestigiar o II Festival da Canção do município, estão cobrando, agora publicamente, do superintendente Mariolino do TA, uma atitude contra os funcionários daquela Superintendência, Rui Brito, Lizardo e Leny.

Os três são acusados de um comportamento abaixo do sofrível, tendo mesmo a funcionária Leny agredido física e moralmente a bailarina Ana, protegida por Rui e Lizardo, ambos devidamente embriagados, durante a viagem num ônibus especial.

O superintendente Mariolino, também, viajava no ônibus mas não soube, ou não quis, exercer sua autoridade para coibir os excessos dos seus três funcionários. Isto lhe foi cobrado pelo Grupo de Dança e ele prometeu que, ontem, daria uma resposta, o que, também não fez. Os bailarinos estão levando o caso ao conhecimento público na esperança de que o sr. Mariolino tenha alguma resposta que explique a sua omissão.

Veículo: A Crítica

Data: 06/10/1986

Página: 05

Caderno/Seção: Cidade

Artistas denunciam direção do teatro

Sem querer revelar nomes para "evitar represálias" alguns artistas amazonenses que praticam balé, denunciaram ontem medidas arbitrárias da direção do Teatro Amazonas, que segundo afirmam estaria até mesmo ameaçando de espancamento quem não "concordar com todas as suas decisões".

Segundo os artistas, uma bailarina foi ameaçada e humilhada recentemente durante uma viagem para o município de Itacoatiara. "Depois que esse fato foi noticiado pelos jornais, a direção do teatro espalhou uma verdadeira onda de terror".

O grupo de artista contou que

durante a viagem para Itacoatiara, funcionários do Teatro Amazonas chegaram a utilizar faca como forma de ameaça, ironizando a situação ao afirmarem: "quem quer morrer pela arte".

Disseram ainda que estranham profundamente o comportamento da atual direção do Teatro Amazonas, "pois trata-se de pessoas que se dizem politizadas, já que são aliadas ao PCB e que estão apresentando um comportamento totalmente alheio a ideologia que costumam pregar. O que nós esperamos é ver essa situação resolvida para desenvolvermos com tranquilidade o nosso trabalho".

Veículo: A Crítica

Data: 23/10/1986

Página: 06

Caderno/Seção: FUM

Manaus começa a viver hoje as emoções do Festival Universitário

Depois de três meses de intenso trabalho chegou a hora de realizar o show que todos estão esperando com ansiedade: é o meu, o seu, o nosso V Festival Universitário de Música, que terá início hoje e vai até sábado, com duas limitatórias e a grande finalíssima, no Campus Universitário. Quinze músicas serão apresentadas em cada noite, que mais uma vez, reeditando os festivais anteriores, estarão sacudindo o grande público. Vamos lá. Chegou a hora de prestigiar aguardando os valores de nossos Estado e incentivar os nossos futuros artistas.

A partir de hoje, a população de Manaus vai poder participar de uma verdadeira Feira Cultural que reunirá músicos, escritores, atores, bailarinos e pessoas ligadas ao processo artístico no Amazonas. Essa "Feira" como é classificada pelos organizadores, é o V Festival Universitário de Música, com início marcado para as 19:00 horas todos os dias.

Durante os três dias o público vai conhecer o trabalho musical produzido por mais de 30 compositores, em sua maioria universitários, que foram classificados e



Os músicos já se reuniram, agora começa a fase eliminatória.

que estarão concorrendo a premiações, como ocorre em todos os festivais. No entanto, o Diretorio Central dos Estudantes, segundo seu presidente Francisco Decadato, deseja que este Festival seja um espaço para que o artista amazonense possa expressar seu talento. Vários grupos consagrados vão se apresentar, como Flash, Carrapicho e outros.

A Banda Impacto fará o acompanhamento de quase todas as

músicas concorrentes. Ainda na parte musical, vão se apresentar os vencedores dos Festivais de Itacoatiara, Parintins e Parque 10. O disco com o hino da União Nacional dos Estudantes será lançado no decorrer do festival.

No eixo de atrações está incluída a presença do cantor e compositor João Bosco, que vai se apresentar no encerramento do festival.

O festival terá, todos os dias, o



O Nucleo de Dança do Conservatório vai estar presente

termo previsto para as 2 ou 3 horas da madrugada.

ESTRUTURA

Os organizadores consideram que o Festival Universitário de Música já se tornou um dos eventos mais esperados, tanto pela comunidade estudantil como pela população, passando a ser importante para o Estado e, também, para o país, pois já é considerado

"o maior festival de música do Brasil".

Assim, preocupados em oferecer uma boa estrutura aos músicos e à segurança do público, é que os membros do DCE estão trabalhando, há três meses, em busca de apoio para a construção de todos os elementos indispensáveis à realização desse festival.

O presidente do DCE ressalta o

importante apoio da Kece Caldeirão de Comunicação e o patrocínio do Governo do Estado, Prefeitura Municipal, Emamtur, Brahma, Xerox, TV Lar - Yamaha, Marclay e Einstein.

Para apresentação dos artistas foi construído um palco com ampla dimensão, camarins, torres de iluminação e estrutura completa de som. Para o público, além do amplo espaço, foram construídas arquibancadas e instalado serviço médico, com ambulância, Corpo de Bombeiros, destacamento da Polícia Militar, e também inúmeras barracas que vão comercializar bebidas e comidas, além de uma área de camping que vai receber o público que deseja acampar no Campus Universitário, nos três dias de festival.

O festival hoje terá a seguinte programação: 19:00 - Conjunto Impacto, Torre Astral e Estado de Coma; 19:30 - Abertura, Apresentação do Coral Universitário e Núcleo Universitário de Dança (Nudac); 20:30 - 1ª Eliminatória (15 músicas); 22:30 - Show musical - Grupo Flash; 23:30 - Divulgação das cinco músicas classificadas e encerramento com o Conjunto Impacto.

Estes são os seres que

Veículo: A Crítica

Data: 31/10/1986

Página: 12

Caderno/Seção: Nacional

Balé Popular do Recife apresenta-se no Teatro

No encerramento da excursão que vem fazendo por diversas capitais brasileiras, o "Balé Popular do Recife", chegou ontem a Manaus para apresentar o espetáculo "Nordeste". A temporada será realizada de hoje a domingo, no Teatro Amazonas, no horário das 21 horas.

Intitulada de "Entradas e Bandeiras", a excursão que se iniciou no Teatro Nacional de Brasília, faz parte das comemorações do décimo aniversário de existência do balé. Até chegar a Manaus, o grupo se apresentou em Belém, Porto Velho, Rio Branco e Boa Vista.

O "Balé Popular do Recife" surgiu após a extinção do "Balé Armorial", movimento criado pelo escritor Arano Suassuna, em 1975. Seu primeiro trabalho, "Brincadeiras de um Circo em Decadência", já contava com a direção de André Luiz Madureira, ainda hoje o responsável pelas criações do grupo que se constitui no "primeiro resultado concreto nas pesquisas sobre os rituais do Nordeste, realizados através de contato direto com os grupos primitivos detentores dos passos, da música e dos segredos dos folguedos populares".

A partir do segundo trabalho, "Prosopeia... Um Ato de Guerreiro", o grupo tornou-se conhecido nacional e internacionalmente, tendo se apresentado em cidades como Tel Aviv, Jafa e Jerusalém e ainda representado o Brasil no "Festival de Expressão Ibérica", no Porto, após uma turnê pela Europa.

O mais recente espetáculo do grupo é "Oh! Linda, Linda", em homenagem à antiga capital do Recife, que completou 450 anos, sendo hoje cidade patrimônio cultural da humanidade. Atualmente o balé conta com 36 componentes, entre bailarinos, técnicos e pessoal de apoio; um figurino de 800 peças e mais adereços cênicos, cavalos e bois, representativos da cultura nordestina a ser mostrada ao Brasil.

Lançando-se com a intenção de tornar-se um balé de categoria nacional, com base na cultura popular brasileira, o grupo pretende realizar uma estréia simbólica no Parque Nacional do Xingu, "uma homenagem ao povo brasileiro, representado de maneira mais pura pela nossa comunidade indígena", como dizem os bailarinos.

Veículo: A Crítica

Data: 02/11/1986

Página: 08

Caderno/Seção: Cidade

Cidade tem nova opção com teatro do artista

Será inaugurada, no próximo dia cinco de novembro, às vinte horas, o Centro de Estudos e Pesquisas de Artes Cênicas do Amazonas "Teatro dos Artistas e dos Estudantes", da Secretaria de Estado da Educação e Cultura, através de sua Coordenadoria de Assuntos Culturais.

A obra foi executada pela Construtora Neves, sob direção do engenheiro Roberto Tavares, firma esta contratada pela Setras. O projeto arquitetônico inicial, foi elaborado pelo arquiteto Matuck Lopes, da Suplan, no ano de 1982; o projeto cenotécnico é do arquiteto do Itacem, Roberto Jorge da Silva, que esteve em Manaus em 1985, realizando todo um levantamento, que culminou com a proposta de um palco que mescla a mecânica convencional e o experimental; o acompanhamento do desenvolvimento e orientações foram prestados pela arquiteta Ednyra Assaf, que, sem dúvida, emprestou especial dedicação à obra, que representa um esforço de vida e persistência do artista e administrador cultural Sérgio Vieira Cardoso, que jamais esmoreceu diante das inúmeras dificuldades que a obra pôdeu ao curso de quatro anos de realização, cheios de interrupção, por diversos motivos, principalmente pela falta de recursos, finalmente sanada.

Participaram com recursos oriundos de convênios, o Governo do Estado, o Sedioc, Seplan, Funede, Setras, Itacem e do Ministério da Cultura. Um esforço do Governo Cebrat-Messigão. Como área física o espaço apresenta-se como o ideal destinado à formação de um público, que aprenda a gostar das produções locais. A conquista do público é a grande proposta do projeto, que também pretende mobilizar as produções locais, com estímulos.

O palco mede cerca de sessenta metros quadrados, possuindo todo um moderno sistema cenotécnico, com suspensão para cenários, duas rotundas, sendo uma negra e outra branca. O sistema de iluminação, montado por Diógenes Batista, possui trinta e seis refletores, ligados a uma mesa de luz, modelo GCB. O sistema de som apresenta quatro caixas, amplifier, mixer, toca-discos, deck e microfones, projeto executado por Fabio Tomassini, da Gradiente. As cadeiras são todas forradas, e pertenciam ao velho cinema Ipiranga, estando em boas condições; foram doadas pela CCE da Amazônia. O som também foi doado pela Importadora Oliveira. A Gradiente deu todo o apoio técnico à montagem do projeto, o toca-discos e duas caixas pela Styrofama. As tintas especiais para a forração, cadeiras e paredes do palco e mais 16 refletores complementares foram doados por T. Loureiro. Todos estes pedidos foram atendidos sob o amparo da Lei Sarney.

O Centro tem por finalidade manter e ministrar cursos livres de iniciação, capacitação e especialização nas áreas vinculadas às artes cênicas, preocupando-se essencialmente com a formação do ator e do bailarino, possibilitando ao educando o desenvolvimento de suas potencialidades culturais e interpretativas, o preparo para o exercício consciente da cidadania, de modo que possa reconhecer os valores existentes e avaliá-los, possibilitando ao jovem, o desenvolvimento como homem livre e criador, o pensamento reflexivo próprio, o espírito de pesquisa e construção, a imaginação e o senso de observação crítica. O Centro contará, a partir de janeiro de 1987, com um curso básico de iniciação à interpretação, curso de Pedagogia Teatral e diversos de extensão e especialização. A intenção é o aproveitamento

dos recursos humanos da terra, mesclados com outros que deverão vir através da Escola Martins Pena e Cenacem, do Itacem. Pretende-se iniciar com uma turma de quinze alunos para teatro e quinze para dança. Os cursos deverão ocorrer pela parte da manhã e da tarde reservando-se o espaço para espetáculos pela parte da noite. O Centro/Teatro desenvolverá sua própria programação de espetáculos, atendendo a todas as áreas de expressão; todas as quartas são **Musical**, as quintas são **Danças**; as sextas-feiras é dia de **Peça de Resistência**, dedicado ao teatro amador, seguindo-se debates com o público, aos sábados pela parte da tarde temos **Tarde Alegre**, destinado ao público infantil, a noite mais teatro, o domingo repete a mesma programação. Acreditamos que assim forme-se o hábito do público em prestigiar os espetáculos locais.

O espaço cultural também possui uma pequena Galeria de Arte, devendo ser instalado brevemente um banco de textos e uma pequena livraria. Ocasionalmente também poderá vir a funcionar como cinema. Quando se diz empenho de vida dedicado à obra, não se está apenas se prestando reconhecimento a um jovem consciencioso de seu papel, diante de um setor que se apresenta muito destruído e fracionado, com diversos interesses alheios à arte, dificultando os trabalhos e o desenvolvimento dos trabalhos, por questões de natureza política.

A Secretaria de Educação através de sua CXC, tem mantido regularidade num programa de arte-educação, que resultou em três mostras estudantis de artes cênicas, e que mobilizaram os jovens para a questão da auto-expressão, através do Teatro e da dança. Na mostra do ano passado participaram cerca de cinquenta trabalhos. Neste ano a 4ª Mostra deve começar imediatamente, com a participação dos grupos que já mostraram seus trabalhos e mantêm a regularidade das apresentações.

Confirmadas as participações de **Vida Cabocla**, direção de Pepê Fonná, pela U.E. Educandos, Grupo de Teatro Estudantil Tupinambá; **A Viagem de um Barquinho**, direção de Neusa Rita, pelos alunos da Escola Rui Araújo; o Grupo Amador e Preto da U.E. Japiim dirigido por Rosa Eurice, Lea Natividade e Chang Yin, apresentam **Cangão de Fogo**; o Espaço Teatral, do IEA, apresentará **O Semáforo**, direção de Jorge Jorjani; o **Pequeno Imortal** é o mais novo trabalho do Grupo Estudantil Jurupari, dirigido pelo competente Manoel Herculano; **A Menina que Vendia Flores**, é o trabalho dos alunos do Marquês de São Cruz; direção de Carlos Mateus; **A Menina que Perdeu o Gato** Equivalente Brincava Numa Terra-feita de Caravali, pelo Grupo Teatrando, direção de Ozi Cordeiro vem pela U.E. São Francisco; **Os Cigarros e os Fomigas** dos alunos do Artur Araújo, direção de Carlos Mateus; **Mãe D'Água** é o outro trabalho do grupo Amador e Preto; **Como Revistar um Marido Oscar**, é dos alunos do Solon de Lucena, direção de Carlos Mateus; de Cacau Piçarra vem **A Cuanhã** e o **padrasto**, direção de Dimas; de São Jorge vem o espetáculo **Jovens Acima de Tudo**, Jovens, direção e texto de Nélio Farias pelo Castelo Branco; **Miles ao Alto**, pelo Jaguaré, direção de Vivaldo Melo e **Paraná** direção de Rosa Cabral; e **Vira Rei Vira Sapo**, direção de Roberto Grujó, tudo pelo Benjamin Constant, e muitos outros que estão em preparação.

Este trabalho existe porque as pessoas querem realmente faz-lo, pois as condições de realização são reconhecidamente difíceis, e não tem como deixar de ser feito, pois há o esforço concentrado de alunos professores e dos artistas que estão integrados ao trabalho, o que representa uma grande luta, onde o mérito é dividido entre todos. Este ano teremos ainda a participação do grupo Cordas Soltas, conjunto de violões do Benjamin Constant, e dos diversos grupos de dança estudantil nos trabalhos de Edna Marti, Virginia Almeida Chan Jen Yin, Conceição Souza, Ana Lúcia Mendes, José Nogueira e Wilson Reis.

São quatro anos, de um trabalho que veio para ficar, pela garra e coragem desse núcleo de pessoas que integram a arte educação, o que há de ter mais respaldo, com a ampliação da Coordenadoria de Assuntos Culturais, que numa sala pequena e com um grupo de funcionários atarefados, sem as condições ideais para o desenvolvimento, realiza um trabalho com os pés no chão, os olhos no futuro, e a coerência de que é preciso melhorar mais e mais, para que o serviço cultural seja tomado como primordial nas escalas de avaliação das prioridades.

O tempo dará as convenientes e cabíveis respostas diante dos caminhos que foram abertos, e nada poderá turvá-los. O Centro/Teatro está pronto e um serviço iniciado, isto há de ser muito reflexionado, mesmo por todos aqueles que em todos os tempos postaram-se, contra algo que por si só fala, e só descer ou subir a rua Ramos Ferreira, n.º 1572, apenas com compromissos com a arte.

Os jovens deverão ocupar o espaço com arte e uma nova mentalidade há de surgir, em decorrência das funções educacionais do espaço, que em muito servirá aos artistas. A Secretária da Educação e Cultura, professora Francisca Matos, não poupará esforços para que fosse realizado; isto também deve ser ressaltado.

Há um trabalho concluído e que merece o maior respeito, por se tratar de uma obra voltada para a juventude. Algo simples e ao mesmo tempo incontestável, coisa de silencioso e construtivo. Vamos à cena imediatamente; estamos com quase noventa anos de atraso. O objetivo deste trabalho é apenas de arte.

TODAS AS SUA, CARRO

Pinte lá!

Pena que esse anúncio não seja a cores. Mas basta dar uma passadinha em T. Loureiro e escolher a melhor tonalidade para valorizar a sua casa, o seu automóvel ou o seu escritório. Além das melhores tintas para paredes e automotivas, T. Loureiro tem todos os apetrechos que você precisa para

Veículo: A Crítica

Data: 12/11/1986

Página: 03

Caderno/Seção: Cidade

Principiante aprende a dançar música moderna

O bailarino e coreógrafo Omar Cláudio, há três meses em Manaus, estará dando início a uma segunda oficina de Dança Moderna e Clássica para iniciantes e bailarinos, numa única turma com vagas limitadas. O curso será realizado a partir do dia 16, segunda-feira, de segunda a sexta-feira, das 10 às 11:30 horas, no Teatro Amazonas.

Com oito anos de formação profissional, Omar Cláudio veio de São Paulo, onde realizou várias coreografias, depois de haver passado por Buenos Aires. Na capital Argentina ele participou de espetáculos como "Hair", "Dona Flor e Seus Dois Maridos" e no filme "Tangos", do cineasta Fernando Solanes que foi detentor de 14 prêmios internacionais no ano passado. Sua formação foi feita com o bailarino Freddy Romero, integrante da companhia do coreógrafo norte-americano Alvin Alley, que muitas turnês já realizou ao Brasil.

Omar trabalhou também com o coreógrafo Oscar Araiz, um argentino que conquistou o Brasil durante os anos em que foi o diretor do Balé Corpo de Minas, apresentado em todo o mundo com os espetáculos "Maria, Maria" e "O Último Trem".

Companhia do teatro

Criar uma Companhia própria do Teatro Amazonas é, no momento, o principal projeto do bailarino Omar Cláudio. Para isso, ele espera no próximo ano criar uma escola profissional em Manaus. Nesses três meses entre os amazonenses, ele diz que somente conseguiu assistir alguns ensaios de grupos de dança locais. "Percebi que existe muita criatividade entre as pessoas que fazem dança, mas a técnica praticamente inexistente", diz ele. Esse é o principal motivo de sua permanência aqui: aproveitar o imenso campo e criar uma escola que seja permanente para bailarinos.

Como no outro curso que ministrou há menos de dois meses um curso de 30 dias para bailarinos e iniciantes também no Teatro Amazonas - Omar Cláudio utilizará, entre outras técnicas, a que foi criada pela bailarina norte-americana Martha Graham, exclusiva para o balé moderno que é a de criar energia corporal para o movimento por meio de contrações e alongamentos.

A oficina, que se inicia no dia 16 e vai até 5 de dezembro, é inteiramente grátis e as inscrições já estão abertas desde ontem na Secretaria da Superintendência de Teatro do Amazonas, das 9 às 19 horas, diariamente.

Anexo A – ID 0179

Veículo: A Crítica

Data: 18/11/1986

Página: 12

Caderno/Seção: Cidade

Bailarino ministra curso no Teatro

Baseado na técnica que desenvolveu ao longo de 8 anos como bailarino profissional, o também coreógrafo Omar Cláudio estará ministrando de 16 de novembro a 5 de dezembro, um curso intensivo de dança clássica e moderna para jovens bailarinos, iniciantes ou não. O patrocínio é da Superintendência de Teatro do Amazonas - STA e as aulas será realizadas de segunda à sexta-feira, das 10 às 11:30 horas, no Teatro Amazonas, com vagas limitadas. As inscrições devem ser feitas na Secretaria da STA ou pelo telefone 234-2776.

Omar vem de uma temporada de dois anos em São Paulo, depois de haver se formado em Buenos Aires, Argentina. Na capital paulista participou de várias companhias e acabou montando alguns trabalhos como coreógrafo. Na Argentina participou de peças de teatro, balés e filmes, sendo o seu último trabalho naquele País o longa-metragem de Fernando Solanes, "Tangos". Esse filme tomou parte de inúmeros festivais internacionais e recebeu por isso, 14 prêmios em vários países", comenta o bailarino.

Esse é o segundo curso que Omar Cláudio ministra nos três meses que está em Manaus. Depois desse período aqui, ele tem intenção de permanecer mais algum tempo para fundar uma escola permanente para a formação de bailarinos profissionais. Convidado pela STA para realizar os dois cursos, ele se integrou ao projeto de criar uma companhia própria do Teatro, um plano que ele pretende por em prática no início do próximo ano. Apesar de não haver estipulado um limite de idade para os alunos do curso, o bailarino diz ser mais aconselhável que sejam pessoas a partir dos 13 anos, o que pode facilitar o trabalho de direção, segundo explicou Omar Cláudio. As técnicas a serem utilizadas durante o curso serão baseadas nos métodos de Freddy Romero e Martha Graham, principalmente, os dois norte-americanos, com quem Omar teve oportunidade de estudar e completar sua formação tanto clássica quanto moderna.

Anexo A – ID 0180

Veículo: A Crítica

Data: 29/11/1986

Página: 12

Caderno/Seção: Cidade

Tupinambá de Dança no T. dos Artistas

O Teatro dos Artistas e dos Estudantes apresenta hoje, a partir das 18 horas, o grupo Tupinambá de Dança, da Unidade Educacional de Educandos, Estelita Tapajós, sob a direção de Virgínia Almeida, dando prosseguimento à 4.^a Mostra Estudantil de Artes Cênicas.

As apresentações são um prosseguimento da sexta-feira que teve como base uma programação voltada totalmente à regionalidade, quando o grupo estudantil do Cacau Pirêra, da escola João Bosco Ramos de Lima, sob a direção do artista Diniz Soares e texto do autor amazonense Francisco Carlos, fez sua primeira apresentação.

O grupo Cacau Pirêra foi fundado em 3 de agosto deste ano e esta é a sua primeira montagem. O texto, "A cunhantã e o padrasto", tem profundas relações com a realidade sócio-cultural da comunidade agrícola de Cacau Pirêra, pois narra a vida dos ribeirinhos e as enchentes, além das relações humanas na imensa solidão amazônica.

No elenco, os jovens Renato Lima, Francisco Miranda, Glória Martins, Eliângela Maués, Cláudia Cruz, Elza Sharames, Tânia Leão, Mauro Souza e Silva, Eliomar Maia, Célia Nascimento, Eley Dias, Marta Santos, Jóia Castro, Rosimary Brandão, Dora Leão e Vânia Carvalho.

A 4.^a Mostra é uma realização da SEDUC através da Coordenadoria de Assuntos Culturais, que também mostrará o grupo Amarelo e Preto de Teatro de Bonecos, com direção de Socorro Jezine, com as peças "A outra face do Natal", "A grande caçada", com alunos da U.E. Japiim, e o "Semideus", encenado pelo grupo Jaguarê e direção de Rosa Cabral do B. Constant e exto do estudante Gladston Silva.

Veículo: A Crítica

Data: 06/12/1986

Página: 08

Caderno/Seção: NI

Cinema no Palco nº 2 será espetáculo no TA



Um momento da coreografia do espetáculo

O Melhor do Cinema no Palco nº. 2, numa promoção do Stúdiom Roziman, será o grande acontecimento a ser mostrado ao público amazonense, a partir do próximo dia 12, com encerramento no dia 14, no Teatro, sempre às 20 horas, com a participação de mais de 300 figurantes e que terá também, como ponto alto, uma homenagem à Carmem Miranda.

A produção é do próprio Stúdiom Roziman, com pesquisa e texto de Joaquim Marinho, som de Cric Som, filmagem de Arte Vídeo, fotografia de Paulo Nascimento, iluminação de Ge-

raldo Cabral, participação especial de Lariranda, apresentação dos profissionais Fred Lobão e Zezinho (Grupo Carrapicho), Arnaldo Santos, Dudú Monteiro de Paula e direção de Roziman Montiverde.

O ESPETÁCULO

O Melhor do Cinema no Palco nº. 2 apresentará um espetáculo de dança moderna, tendo como temas de coreografias, as músicas dos filmes Rock IV, Perfection, Ritmo Quente, O Sol da Meia Noite, Chorur Line, Thriller,

Além da Cúpula do Trovão, Stallone Cobra, Os Caças Fantasma, O Tira da Pesada, Dois Pedicéis em Apuros, Carruagem de Lobo, Ramo II, 2001 uma Odisseia no Espaço, De Volta para o Futuro, Carmem Miranda em Holywood e Karatê Kid II.

Devido a grande procura de ingresso, que sempre gera em torno de um espetáculo dessa montagem, a diretoria Roziman Montiverde informou ontem que para facilitar a aquisição, os interessados devem se dirigir, antecipadamente, ao Stúdiom Roziman, na Avenida Epaminondas, 497, Centro.

Veículo: A Crítica

Data: 07/12/1986

Página: 06

Caderno/Seção: Cidade. Mostra Estudantil.

Consolidado movimento de arte da juventude

Encerra-se neste domingo a partir das 17 horas a Quarta Mostra Estudantil de Artes Cênicas, idealizada e produzida pela Secretaria de Educação e Cultura, num salão de sua Coordenadoria de Assuntos Culturais, que reuniu desde 17 de novembro, cerca de sessenta apresentações de quarenta grupos de teatro, dança e música, todos eles vindos das escolas da Rede Estadual de Ensino.

O local da grande mobilização foi o Teatro dos Artistas e dos Estudantes, porém inaugurado e com desafios importantes para vencer. O principal deles é a conquista do público, que costumadamente não frequenta as produções locais, por desconhecimento como espetáculo, ou mesmo por alienação televisiva, que faz gerar expectativas que não condizem com as imagens da zona.

Conquistar uma jovem plateia, significa algo de muito profundo, sob todos os aspectos, pois a partir daí, há a claríssima responsabilidade da influência na sua formação. O público formado é sempre o mesmo, em Manaus ou Amsterdam, é interpretável e por isto mesmo a sala foi frequentada por nada menos que mil e quinhentas pessoas, das diversas camadas da sociedade. Simplesmente a escola foi ao teatro, e isto é uma estratégia fundamental de ocupação e principalmente de educação.

Estimular a auto-conscientização foi o desafio desde o início da CAC/SEDUC,

que realizou durante quatro anos a grande mobilização da juventude da periferia man. distante, que transpôs todos os tipos de carências e principalmente a da oportunidade de auto-expressão num contexto social que lhe é reconhecidamente adverso. Ser jovem no Amazonas é nem sempre estar atento, com anti-corpos dispostos a fazer frente à síndrome dos vídeos clips, dos filmes da violência institucionalizada, e uma televisão raramente opinosa e corajosa quanto às possibilidades do sentido da observação crítica.

A escola e a família são compartimentos estanques dentro da organização da vida do jovem, que tem a fragmentação de todos os valores, vivenciada de modo dilacerante e indesejável.

Fala-se em grandes investimentos na educação, o que significa, que neste esquema se fortalecerá principalmente a vida do povo, uma vez que a cultura, seja tomada como processo indispensável à preservação do sentido que ainda resta como memória cultural.

O trabalho desenvolvido aconteceu a partir de um projeto de Política Cultural, que foi aprimorado pelo vivenciamento e prática de professores, alunos e artistas.

O primeiro espetáculo a ser exibido nesta mostra foi Vida Cabocla, texto, direção e preparação de Pepê Fonná, com alunos da Unidade de Educandos, apresentando-se a

dança regional do Jacuandê e a criação de Tefê com os alunos do Professor Nogueira Dô Marquês de Santa Cruz, São Raimundo, que denotavam o sentido político da Quarta Mostra.

O regionalismo como exercício de integrando e compreendido do universo. Devido a falta de textos mais acessíveis à realidade local e numa reação do precário, ao elitismo frugal precioso, surgiu a dramaturgia local, produzida sem pressões por jovens, que sem terem a técnica da carpintaria literária exigida, transgrediram e produziram trabalhos interessantes com Ciso de Terror, do jovem Nélio Farias, 20 anos, da escola Castelo Branco de São Jorge, que também escreveu o drama escolar, Jovens, acima de tudo jovens. O terror e a crítica da sala de aula tem muita coisa a ver. O Semeador de Jorge Joswiach, professor do IEA trouxe a questão da gênese, o fator da criação e da anti-criatura, em letra, que lembra os filmes de Spielberg, se feitos em Manaus, pelo grupo E.T. (Espaço Teatral). Paratista de Cláudio Silva, estudante, 20 anos, diretor de Rosa Central pelo Jaguarê, era uma denúncia contra a emissão do confronto nuclear, sob a visão de pessoas que vivem na realidade terceiro mundista. Movimento em Protesto, pelo Teatro do Bem Estar do Menor, de Ricardo Afrônio e Sorais Lima abertam as comportas da observação da própria situação sob o ângulo do não-cotidiano, aos alunos, o simplesmente foi o deslumbre do público. Um sonho que se

torreu realidade de Dulce Monteiro e Ruth Segundo e Amigo 1, pelo Preto e Branco mesclam as fantasias infantis da periferia com a nave da Xuxa e discutem as possibilidades de vencer e superar os obstáculos a partir da imaginação, de que a fraternidade é maior que a farsa cênica das eleições postas pela tv. Bólbis de Salto, A História de Ajuicaba textos e direção de Elias Monteiro também da Betânia, são produtos de uma dramaturgia, que sai para a fogueira e a pesquisa histórica amazônica, em trabalhos cheios de indagações sobre o mito da peba ou da farsa de Ajuicaba, tudo pelos jovens do Semente. Os maltrados sem Sucesso voltaram com mais força, que no ano passado, e mais irrevolventes, bregaram o teatro, curtindo com os sócios da dança e do cinema. O momento mais crítico, foi o da curtidia em cima dos Menados, o teatro veio a baixo; A Cunha e o Padrasto veio de Cauau-Pirera dirigida pelo talentoso Diniz Soares, com o difícil texto de Francisco Carlos, atravessando de balas rumo ao Teatro. Este fato é de maior significação local e quem sabe nacional, pois não existe caso igual de atravessar o rio para a cidade e fazer teatro com filhas de lavadores e pescadores. O Teatro de Bonecos teve o seu pijue interessante no trabalho de Socorro Jazine, que com alunos do Amarelo Caçada e A outra fase do nasal, também o Teatrôupe de Nélio Silva recebeu grande aplauso a partir da ideia da concentração mais intensa no recurso do boneco, em Marquinhos Frutufri; e o Improvisado da Oficina de Tes-

tro de Bonecos, dirigida por Neusa Rita do Mamulengo Alegria do Povo.

O teatro infantil revelou um grupo sensacional pelos valores individuais e pela maturidade precoce das alunas do Grupo do Rui, da Cachoeirinha, dirigidos por Neusa Rita. A estória da viagem de um barco de papel, adaptação do texto de Sylvia Ortloff foi a surpresa de estudantes, pois o público solicitou diversas vezes sua representação. São apenas garotas na idade do beijo e da descoberta. Resulta-se também a alegria da A Menina que perdeu, o Gato numa Terça-Feira de Carnaval, enquanto brincava o frevo, pelo Teatrôupe, encantou o público pelas cores e pela franquia quarentes das jovens alunas, promissoras pessoas de teatro, sob a direção da Oz Cordeiro. O porquinho Guloso direção e texto de Rosa Euzene, contou para as crianças a fábula antiga com todo a poesia de antes, o detalhe é que o espetáculo foi feito por crianças do primeiro grau.

A memória nordestina veio com toda a gana em A Chegada de Lampião no Inferno, de Leandro Filho, direção de estudantes Darivaldo Kid Mahal, que também é indistintivo, com os alunos do Fush Paulo Mourão, alcançando a atenção total do público, também a identificação com a situação, também O Pecado Imortal de Pedro Bloch, teve uma intensa revitalização pelo Jurupari, sob a direção de Manoel Herculanio pelo Alvorada, Perreão Fortaleza De como revilar um Marido Oscar, comédia de Ocas Clemba, direção de Carlos

matos também mereceu destaque no gênero.

A dança foi outro ponto fortíssimo a ser considerado pelas diversas tradições dos trabalhos; Yen Yin trabalha no Jurupari com 150 pessoas e tem dois grupos de estudos um com crianças e outro com adolescentes e o Segredo do muro, infantil e Cara a Cara tentação são sem dúvida as marcas do importante trabalho que desenvolve na dança educacional; Maria Mari costuma ensaiar na quadra da escola Diana Pinheiro, no Educandos, o grupo Coisinha Nossas, que tem no afro a grande tendência do trabalho, que busca sempre temas brasileiros populares, com as músicas de Luiz Caldas. Virginia Almeida também trabalha no Educandos, no Estênia Tapajós e apresentou um trabalho que marca pela guarda roupa muito bem trancado em número de jazz music, lembrando os músicos de Hollywood; Ronaldo Vargas e o Semente do Amanhã merecem o maior incentivo pois é um trabalho que se inicia e deve ter continuidade, pela tendência ao popular urbano manauara, Adauto Gil pelo Jurupari de dança, também apresentou com letra e inteligência, Concheio Souza também marcou presença e o Ballet dos Estudantes, resultante do Dança Encicla dirigido pela presidente e talentosa bailarina Ana Mendes, é o ensaio do espetáculo montado a partir de uma linha definida em uma de ponta, Coração de Estudante é um trabalho, que tende a se tornar um espetáculo autônomo e ampliado.

Anexo A – ID 0183

Veículo: A Crítica

Data: 07/12/1986

Página: 06

Caderno/Seção: Cidade

T. A. recebe balé da Escola Rezende



Bailarinos passeiam no centro antes da apresentação

A escola de ballet do professor José Rezende tem apresentação hoje e amanhã, às 9 horas, no Teatro Amazonas, do grupo de alunas em show que contará, também, com as apresentações dos bailarinos Carlos Louzada e Alice Colino.

A apresentação especial dos dois bailarinos encerrará o espetáculo a ser realizado pelas alunas do professor Rezende. Os dois já se apresentaram várias vezes ao público de Manaus, principalmente Louzada, que foi convidado cinco vezes para integrar essas apresentações.

LOUZADA

Carlos Louzada iniciou curso de ballet aos 13 anos e, após formar-se na Escola Municipal de São Paulo, depois de certo período transferiu-se para o Teatro Guaíra, permanecendo um ano em Curitiba.

Em seu trabalho no Brasil já fez apresentações ao lado de Mari- lia Franco, Márcia Gidalli; percorreu alguns países da Europa como: Inglaterra, Alemanha, Itália, Portugal, Finlândia.

Alice Colino formou-se como bailarina na Escola Municipal de São Paulo, permanecendo como primeira bailarina, logo a seguir, no México, onde viveu cinco anos. Também participou de uma tournée pela Europa em apresentações em Portugal, França e Londres. Fez até apresentações para a família real britânica.

Carlos Louzada considera o trabalho desenvolvido pelo professor José Rezende como importante, não só pelo pioneirismo em Manaus mas também por formar bailarinos que trabalham como profissionais em grandes centros como São Paulo e Rio de Janeiro.

— O importante é que José Rezende conseguiu formar um público, educar um público para o ballet, merecendo um voto de louvor por seu trabalho.

Alice Colino considera que Rezende contribui muito para a cultura do Estado, ao desenvolver a escola de ballet com atividades culturais, mantendo dois espetáculos anuais pelos alunos. Para ela, a realização desses espetáculos contribui para a formação de um público específico para a dança de ballet.

Veículo: A Crítica

Data: 20/12/1986

Página: 03

Caderno/Seção: Cidade

Teatro dos Artistas apresenta comédia

O Grupo Teatro e Dança Amarelo e Preto, estréia hoje, às 21 horas no Teatro dos Artistas e dos Estudantes, a comédia “Canção de Fogo”, escrita por Jairo de Lima e dirigida por Rosa Eunice. O grupo vem desenvolvendo atividade desde 1983, quando participou pela primeira vez da Mostra Estudantil de Artes Cênicas o “Que é que é?”.

A comédia “Canção de Fogo”, é o seguimento de todo um processo de amadurecimento, estudos e pesquisas, desenvolvido por um grupo de abnegados professores que compõe a equipe escola Djalma Batista, da Unidade Educacional do Japiim, tendo a frente Rosa Eunice de Oliveira, especialista em teatro e educação integrada, Léa Natividade, em música e Chang Yen Yin, em dança contemporânea.

O espetáculo fica em cartaz neste fim de semana, com estréia marcada para hoje, às 21 horas, apresentando-se de novo no mesmo horário no domingo. A comédia “Canção de Fogo” tem apoio da Secretaria de Educação e Cultura, através da Coordenadoria de Assuntos Culturais, Inacen e Ministério da Cultura. O grupo Amarelo e Preto está regularizado como sociedade civil de natureza cultural e educacional, tendo participado do edital de auxílio montagem.

1987

Veículo: A Crítica

Data: 05/01/1987

Página: 11

Caderno/Seção: Variedades

“Férias de Arte” opção livre e inteligente

No começo do ano, uma programação interessantíssima numa cidade, que se queixa sempre da falta de opções inteligentes para o público infantil e juvenil de Manaus. Férias para que te quero? É tempo de descobrir a criatividade e vivê-la aos extremos possíveis, na programação da Secretaria da Educação e Cultura, desenvolvida por sua Coordenadoria de Assuntos Culturais, que encontrou sua vocação de trabalho junto as escolas de periferia, o que ocasionou excelentes resultados, considerando-se a grande mobilização da juventude para a produção de cultura, sob as suas diversas formas de expressão, observando-se a carência de recursos técnicos, financeiros e principalmente de espaço. O desafio concretizou-se com o Centro de Estudos e Pesquisas de Artes Cênicas “Teatro dos Artistas e dos Estudantes”, inaugurado em novembro do ano passado. A opção livre das férias chama-se Feriarte, leia-se Férias de Arte, que durante trinta dias nas dependências do Centro, irá propiciar cursos de iniciação e especialização. Na primeira fase dos trabalhos teremos Iniciação a Dança, que apresentará Oficinas de expressão Corporal, e Clássico para iniciantes, dirigidos pela bailarina Ana Lúcia Mendes, que também coordena o Ballet dos Estudantes, um grupo permanente de alunas oriundas do projeto dança escola, que socializou a dança dentro dos ambientes educacionais. Toda a menina, pobre ou rica sonha em poder participar de um grupo de dança, que sempre esteve confinada às elites, que podem enviar suas filhas para as academias. A dança como fator de desenvolvimento das potencialidades das personalidades, que em mais de noventa por cento não tem poder aquisitivo, para manter qualquer atividade de arte em suas vidas.

A proposta do trabalho é, não segregar, não estabelecer parâmetros de seleção: Todos podem dançar. O trabalho de Ana Mendes irá até o dia 19 de janeiro. A parte de dança terá continuidade a partir do dia 20, com a bailarina e professora Edna Marta

Martí, especialista em Danças Populares e em Afro-Brasileira. Atualmente Marta Martí dirige o grupo Coisas Nossas, com alunas da escola Diana Pinheiro, no Bairro de Educandos. As aulas de dança serão sempre a partir das 9 da manhã, e a partir da tarde no horário das 16.

Uma mentalidade nova é o que se pretende imprimir às relações do jovem com a dança, sem que isto signifique tensões, formas de cerceamento, exclusão injustificável, enfim, práticas que determinem mais participações no movimento de transformação, que deixou de ser underground, para ser a grande legitimidade artística amazônica.

O teatro terá um importante trabalho de iniciação através do ator e diretor Vital Melo, que coordena as atividades do Teatro do Comerciário do Amazonas, o TECCOAM, que recentemente montou Pensão Liberdade.

O curso de iniciação terá abrangência nas áreas de interpretação, jogos de improvisação e criatividade, o auto-teatro, e as relações sócio-político-culturais da comunidade através do teatro.

A segunda oficina será ministrada pelo Professor e diretor Wagner Melo, licenciado pela UNIRIO, em Arte Cênicas. Um amazonense que viveu vários anos no Rio de Janeiro, tendo diversas participações em trabalhos importantes no teatro, cinema e televisão. Retornou a Manaus em oitenta e três, passando a trabalhar na CAC/Seuc, onde ministrou diversos cursos de Pedagogia Teatral, para professores e alunos. Recentemente retornou do Rio Branco, onde realizou curso de Teatro na Educação, sob os auspícios da Universidade Federal do Acre e do Inacen. Ele ministrará curso de Direção Teatral, para artistas e professores, que atuam nos grupos da rede estadual de ensino. Também poderão participar pessoas interessadas da comunidade. No programa estudos sobre aspectos de direção através dos tempos, a verdadeira função do diretor, e direção do ator. Um ponto importantíssimo a ser tra-

tado será a análise de textos. A liderança no teatro também será discutido, de modo que se aprimore o nível das organizações dos grupos. A cultura teatral também será enfocada na parte teórica do curso, que terá como textos básicos Mãe Coragem e seus Filhos, e Mahoganny, uma ópera, ambos trabalhos de Bertolt Brecht.

As vagas de cada atividade são limitadas ao número de vinte participações por cada curso, estando as inscrições abertas terça-feira pela parte da tarde, devendo serem feitas no próprio teatro, que fica na rua Ramos Ferreira nº. 1572, próximo a rua Major Gabriel. O Feriarte é uma programação que apresentará ainda uma pequena mostra de vídeos, com filmes sobre trabalhos teatrais e de dança. Na galeria do teatro teremos brevemente a exposição de Mário de Paula.

No palco a verdadeira sala de aula, o aproveitamento de recursos humanos de qualidade, filhos da terra, compreendedores da realidade local e por isto jamais impositores, e nem substituidores da capacidade de criar e participar do jovem amazonense. É fútil permitir e aceitar a estigma de que nossa gente é preguiçosa e incompetente. É deplorável a complacência diante de afirmações tão mesquinhas e próprias do processo de neo-colonização nacional, imposta as regiões através de padrões que principalmente aniquilam, a nossa identidade.

A educação tem na cultura o seu processo, e a partir desta idéia, uma imensa responsabilidade, no sentido de não permitir mais o esfalecimento, do que restou das cinzas de toda uma memória.

O Feriarte vem para ser a mobilização da juventude para a arte do teatro e da dança, como objetivos claríssimos de produzir e transformar, e não ser válvula de escape contra os interesses da arte. Um belo momento para se mudar a cidade, com artísticidade.

O Feriarte começa amanhã a partir das nove horas.

Anexo A – ID 0186

Veículo: A Crítica

Data: 10/01/1987

Página: 03

Caderno/Seção: Cidade

Abertura da Mostra foi deprimente

O que se viu no debate, na abertura da Mostra de Artes Cênicas, foi deprimente sob todos os aspectos. Após a apresentação de Pecado Imortal pelo Grupo Estudantil de Teatro e Dança "Jurupari", houve um verdadeiro massacre aos grupos, sem que sequer fosse analisado o espetáculo apresentado, que não era ruim.

Temos visto peças de teatro amador muito pobres, e para falar a verdade, pouco temos visto, disse Manoel Herculano da Silva, diretor do grupo.

"O grupo estudantil de teatro foi violentamente agredido, como se fosse o grande responsável por toda a inoperância e pela crise de representatividade que o teatro amador seguramente está vivendo. O grupo Jurupari foi submetido a uma sessão de interrogatório, no estilo stalinista, sobre como faziam seus trabalhos? Como viviam? Como comiam? Como escolhiam seus textos? Por que as meninas do ballet eram gordas? Por que o texto era tão velho? Por que eram estudantes? Por que trabalhavam com a Secretaria de Estado da Educação e Cultura? Por que não eram politizados? Como começaram? Se estavam atrelados ao governo? Por que existiam? Por que a periferia não foi ao Teatro Amazonas para vê-los, uma vez que o espetáculo era de graça? Talvez a estivesse a grande resposta; não foi divulgado."

Mesmo assim, os parentes e amigos, que puderam ir — observou —, estiveram no Teatro Amazonas, um espaço cultural que afugenta o povo e trata mal os estudantes, que no ano de 1983 foram expulsos no encerramento da Mostra de Artes Cênicas. As mostras estudantis foram atacadas; professores, alunos e artistas foram ofendidos. O trabalho que desenvolveram durante os quatro anos de construção do Espaço Cultural Jurupari, que funciona como galeria de arte, cinema, estúdio de dança, teatro de bonecos e teatro de corpo, foi amesquinhado em um total desrespeito aos estudantes.

A peça funcionou apenas como um instrumento, para que o movimento de teatro nas escolas fosse atacado, sem qualquer fundamentação pedagógica ou mesmo artística. Foi dito que não havia diferença entre os amadores e os estudantes. O grupo nem precisou responder; naquela noite de ódio às pessoas que fazem arte (com dignidade e respeito pelos colegas) havia estampado o preconceito a tudo que vem do bairro e o desconhecimento do significado da arte-educação, que mobiliza jovens, para que através da arte possam integrar-se socialmente, escapando da marginalização", sublinhou Manoel.

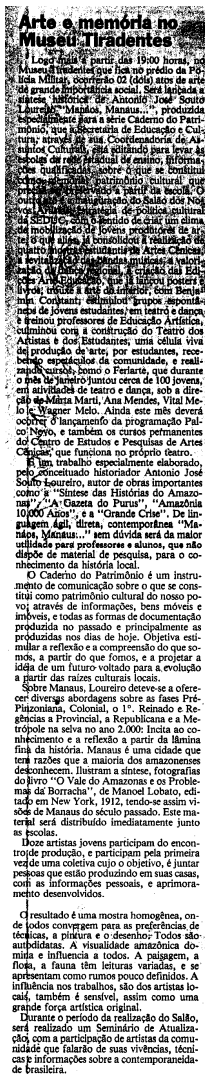
Anexo A – ID 0187

Veículo: A Crítica

Data: 15/02/1987

Página: 12

Caderno/Seção: Cidade



Anexo A – ID 0188

Veículo: NI (acho que é A Crítica)

Data: 20/04/1987

Página: NI

Caderno/Seção: NI (acervo Marta/ matéria incompleta)

Teatro dos Artistas está de palco novo

O Teatro dos Artistas e dos Estudantes intensifica nesta semana sua programação produzida pela Secretaria da Educação e Cultura, funcionando como um centro cultural de mobilização da juventude para atividades artísticas.

Nesta terça-feira a partir das 17 horas, começa o Palco Novo, a movimentação, que pretende reunir os educadores, alunos e artistas para uma profunda reflexão em torno dos trabalhos desenvolvidos nas escolas. Será ministrado um treinamento para a clientela, que estará participando dos espetáculos, e também para a comunidade. O treinamento será dado por Vital Melo, ator e diretor do teatro, com passagem pelo Tecoam, onde dirigiu "Pensão Liberdade", e mais recentemente "Mãos ao Alto", interpretado pelo Grupo Estudantil Jaquaretê, da Escola Benjamin Constant. Vital pretende desenvolver exercícios e abrir debates e sessões de criatividade coletiva.

Logo após o treinamento, que vai até o dia 24 de abril, serão exibidos espetáculos produzidos pela rede de ensino público. Na abertura do Palco Novo, será apresentada a excelente comédia de Jairo de Lima, "Canção de Fogo", dirigida pela professora Rosa Eunice, com os alunos da Unidade Japiim; seguem nos outros dias, "A chegada de Lampião no Inferno", (pelos alunos de São Jorge), direção de Darivaldo Oliveira; "O Barco de Papel" (pelos alunos da Cachoeirinha), direção da artista Neuzá Rita; "O Caso de Terror", dirigido por Nélio Farias; "Um show em preto e branco", com o grupo "Preto e Branco" (alunos da Betânia); "Paranéia", texto de Gladston Silva, com os alunos do colégio Benjamin Constant, direção da professora Rosa Cabral, e "Retrato do Brasil", (pelo Tecoam), direção de José Corrêa. Após os espetáculos deverão ocorrer debates e observações.

O Palco Novo é um exercício a partir da realidade, em que se processam as atividades artísticas nas escolas, que na maioria dos casos enfrentam muitas dificuldades políticas, para que professores e alunos, possam ter o reconhecimento de seus trabalhos.

O projeto Palco Novo deverá se estender pelo resto do ano, apresentando oficinas, e muitas atividades de redimensionamento das artes cênicas na educação. A abertura da programação deverá ter a presença do Secretário da Educação e Cultura, João Félix.

GALERIA

No hall do Teatro dos Artistas e dos Estudantes está a Galeria de Arte, que deverá ser oficialmente inaugurada em maio, com a exposição de Mário de Paula, estando desde já com a pauta em aberto para receber os artistas interessados em mostrar seus trabalhos. O detalhe é que a galeria possui molduras próprias, para receber os trabalhos sem que para tal o artista tenha que dispendir gastos, observadas as dimensões padrões, dos chassis com vidro.

OFICINAS

Também a partir desta terça já estão abertas as inscrições para os cursos permanentes de dança contemporânea, que deverá atender aos jovens em três boletins diferentes, sob a orien-

Veículo: Jornal do Comércio

Data: 10/05/1987

Página: 04-05

Caderno/Seção: Suplemento JC

Trajetória de um Artista

“Um bailarino, como um ginasta, tem que ter um desenvolvimento dirigido por mestres preparados. Manaus não tinha e nem tem academias capazes de fornecer conhecimento técnico a quem pretende ingressar nas fileiras das grandes companhias instaladas no Sul do País”



Grupo Dança & Cia, na montagem do espetáculo “Misagem” (1986)

A trajetória de um artista se mede por experiências, igno, pláticas e pelas conquistas que ele trouxe para chegar ao reconhecimento. Este é o ponto culminante de um artista.

do-se, muitas das vezes, do seu próprio mais vivo, das visões, e principalmente das propostas artísticas de determinados seres preocupados em ditar este segmento.

Paulo Barina, um bailarino de um teatro de um metro e oitenta, tem em seu currículo um pouco de todas estas coisas. Sua trajetória iniciou quando em 78 ingressou no Grupo Experimental de Teatro Regional (Batalha), dirigido por Francisco Pop, onde, um dia, foi proposto em transferir para a atuação técnica de seus alunos um pouco de dança e propôs o corpo inteiro para ser usado e utilizado.

Para isso é preciso que se tenha uma postura de comprometimento com a arte que abraça, desvincula-

Suplemento JC

das de fornecer conhecimento técnico a quem pretende ingressar nas fileiras das grandes companhias instaladas no Sul do País. Era preciso que se empilhasse o máximo, para poder ao menos se chamar bailarino e ter com esta intenção que Paulo e um grupo de presidentes à dança formaram uma espécie de academia, grupo que tinha como diretores a bailarina Conceição Souza, formada em dança no sul do Brasil. Conceição, pode ser hoje considerada a mentora da arte de bailarinos desta época, de onde saiu Paulo Barina, Ina Kolan e Jairo Soares. Os mesmos são consagrados hoje em companhias do sul.

Logo após o Dança Viva, Paulo foi convocado a participar de um projeto da Superintendência de Teatro do Amazonas (STA), que contratou bailarinos formando o Grupo Experimental de Dança do Teatro Amazonas, mantendo o repertório “Promessa de Sol”, que tinha como proposta primeira a divulgação da cultura indígena. Sucesso absoluto. Até então o Amazonas não tinha visto um trabalho em tão alto estilo como este apresentado pela nova arte de bailarinos da terra. Mérito deve ser dado apenas à gerência que foi levada a trabalho e aos seus componentes, que se desligaram de todas as dificuldades presentes e desenvolveram as coreografias com elegância e brilhantismo.

O que parecia ser o apoio da dança no Amazonas, transformou-se em mais um pseudoproblema por mais um dos inúmeros projetos artísticos, das figuras arrastadas, mas descompromissadas com o verdadeiro fim a que elas foram destinadas. Esta condição de descompromisso, aliás, tornou-se um caráter no movimento artístico do Amazonas. Figuras “colocadas” em postos para satisfazer acordos políticos não provocou um desenraizamento de cultura e de segmentos artísticos. Cuidado com o que acontece em 84, quando o Grupo Experimental de Dança do



Barina: “Escutando e forma”

Paulo Barina, controla o ritmo. Esta arte, quando feita por um bailarino, mostra a diferença de Paulo Barina, onde pela entrada quatro dias de viagem em jipes e ônibus, mais carona, mais passagens pagas, mais chopp, embora meio empoeirado em contemplação da estrada não obteve condições de trabalho.

Eni Caracas, nosso protagonista entrou em contato com dois artistas cariocenses, que antes tinha conhecido em Manaus, Diego Cene e Rudy Guerra, da Companhia Circense São Paulo. Os dois facilitaram e contribuíram para que Paulo Barina entrasse em contato com o Instituto Superior de Dança que estava promovendo o “Prêmio Encontro de Danças Coreográficas” em Caracas. Este encontro estava reunindo os grupos de dança da Venezuela em um único evento e tinha como programa a interligação de uma experiência teórica e prática, da técnica e linguagem abstrada, por cada um dos grupos inscritos para o evento. Foi durante este encontro que Paulo

passou ingressar no elenco da Companhia de Ballet Lina Pineda, onde participou de uma tournée pelo interior do Estado com o Grupo Dança, adaptação e coreografia de Adilson, direção artística de Chales Fernandes. Oito trabalhos foram apresentados com a direção de Susana Varanasi, onde Paulo integrou o primeiro elenco de Caracas e, para completar a viagem, participou do espetáculo de final de ano da Companhia de Ballet Lina Pineda, em Caracas. Foi o centro da dança, técnica e centro da dança, técnica e centro da dança, técnica e centro da dança. Vale a pena dizer que Paulo é, antes de tudo, um artista que acredita na cultura e que acredita no que faz acontecer, não apenas no palco, mas na vida cotidiana.

“Em 84, foi formado um grupo indígena, chamado grupo de teatro indígena. Pretendo mais que servir de ponte e alternar o que vem em Manaus e produzir artefatos no indígena, tendo como base as instituições de Caracas.”

Paulo Barina, em Caracas, encontrou algumas das técnicas de coreografia da Venezuela em aulas de dança com o mestre cultural Adilson Lemos, da Companhia de Dança do Sul do Brasil. Paulo Barina, onde pela entrada quatro dias de viagem em jipes e ônibus, mais carona, mais passagens pagas, mais chopp, embora meio empoeirado em contemplação da estrada não obteve condições de trabalho.

Eni Caracas, nosso protagonista entrou em contato com dois artistas cariocenses, que antes tinha conhecido em Manaus, Diego Cene e Rudy Guerra, da Companhia Circense São Paulo. Os dois facilitaram e contribuíram para que Paulo Barina entrasse em contato com o Instituto Superior de Dança que estava promovendo o “Prêmio Encontro de Danças Coreográficas” em Caracas. Este encontro estava reunindo os grupos de dança da Venezuela em um único evento e tinha como programa a interligação de uma experiência teórica e prática, da técnica e linguagem abstrada, por cada um dos grupos inscritos para o evento. Foi durante este encontro que Paulo

Eni Caracas, nosso protagonista entrou em contato com dois artistas cariocenses, que antes tinha conhecido em Manaus, Diego Cene e Rudy Guerra, da Companhia Circense São Paulo. Os dois facilitaram e contribuíram para que Paulo Barina entrasse em contato com o Instituto Superior de Dança que estava promovendo o “Prêmio Encontro de Danças Coreográficas” em Caracas. Este encontro estava reunindo os grupos de dança da Venezuela em um único evento e tinha como programa a interligação de uma experiência teórica e prática, da técnica e linguagem abstrada, por cada um dos grupos inscritos para o evento. Foi durante este encontro que Paulo

Eni Caracas, nosso protagonista entrou em contato com dois artistas cariocenses, que antes tinha conhecido em Manaus, Diego Cene e Rudy Guerra, da Companhia Circense São Paulo. Os dois facilitaram e contribuíram para que Paulo Barina entrasse em contato com o Instituto Superior de Dança que estava promovendo o “Prêmio Encontro de Danças Coreográficas” em Caracas. Este encontro estava reunindo os grupos de dança da Venezuela em um único evento e tinha como programa a interligação de uma experiência teórica e prática, da técnica e linguagem abstrada, por cada um dos grupos inscritos para o evento. Foi durante este encontro que Paulo

Veículo: A Crítica

Data: 16/05/1987

Página: 06

Caderno/Seção: Cidade

Curso de jazz será em Manaus

Será realizado de 18 a 31 de maio o curso intensivo de jazz técnico, do professor argentino Omar Claudio, que estudou dança no Teatro Municipal General San Martin na Argentina. O curso será realizado na Academia Export, nos horários das 14:00 às 16:00, de segunda a sexta-feira.

O curso objetiva mostrar as técnicas moderna em jazz. O professor Omar Claudio é um grande conhecedor dessa arte e além de ter estudado no Teatro Municipal San Martin, já participou de várias obras importantes; no Brasil, trabalhou na obra "Hair", no musical Dona Flor e seus Dois Maridos e do filme "Tango, o Exílio de Gardel. Ele está há dois anos no Rio de Janeiro e veio a Manaus para montar o grupo de Dança do Teatro Amazonas e antes de retornar ao Rio dará o curso para aqueles que desejarem tomar mais conhecimentos sobre dança moderna.

Veículo: A Crítica

Data: 06/06/1987

Página: 05

Caderno/Seção: Cidade

Apresentações de dança no interior

Como parte das festividades do centenário do Município de Barreirinha, hoje estarão se deslocando com destino aquela localidade dois grupos do Teatro Amazonas, para duas apresentações, sendo o primeiro Experimental de Danças e o outro o Auto da Barca do Inferno.

O grupo de dança apresentará danças contemporâneas, Afro-Brasileira e uma coreografia brejeira regional.

Dez bailarinos do Teatro Amazonas já foram deslocados para Barreirinha, para fazerem as apresentações, num estilo bem clássico, que muito vai agradar a comunidade do município. As apresentações serão na segunda e terça-feira à noite, de acordo com a programação elaborada pela Prefeitura do município.

Veículo: A Crítica

Data: 11/06/1987

Página: 10

Caderno/Seção: Cidade

Núcleo de Dança faz apresentação no ICHL

O Núcleo Universitário de Dança Contemporânea — Nudac, estará apresentando a partir das 17:30 horas de hoje, no Instituto de Ciências Humanas e Letras, no Campus Universitário, um trabalho denominado "Conversa", com música de Francisco Usua, trabalhada pela prof^a. Lia Sampaio que estruturou a improvisação desenvolvida pelo grupo.

Dividida em três partes, das quais participarão os 12 integrantes do núcleo, "Conversa" pressupõe a descoberta do objeto, a exploração do ambiente e de seus elementos cênicos; a descoberta e exploração de si mesmo, enquanto grupo, e a descoberta e exploração do outro, — alguém em que se descobre a existência de algo especial em comum.

A montagem coreográfica é da professora Lia Sampaio, do Departamento de Educação Artística e atual Diretora da Divisão de Atividades Artísticas do Setor de Artes da UA. Licenciada em dança pela Escola de Música e Arte Cênicas da Universidade Federal da Bahia, ela é responsável pelas disciplinas Prática da Dança, Seminário de Integração Artística, Música e Movimento e Iniciação à Dança.

CAMPUS DE ARTE

Criado em 1983 como um dos núcleos de atividades artísticas do Setor de Artes da UA, o Nudac — Núcleo Universitário de Dança Contemporânea reúne universitários de todas as áreas, interessados em vivenciar experiências nas artes

cênicas, especialmente na dança. "Não é objetivo do grupo formar dançarinos, — explica uma professora —, mas oferecer aos seus membros os instrumentos necessários para tomar consciência de seu corpo no processo de desenvolvimento integral de si mesmo e de sua relação com o mundo".

A apresentação de hoje, no ICHL, inaugura a participação do Nudac no Projeto Campos de Arte, que vem sendo desenvolvido pelo Setor de Artes sob a coordenação do Departamento de Difusão Cultural da Sub-Reitoria para Extensão da UA. O Projeto Campus de Arte foi criado com o objetivo de levar à comunidade universitária mostras da produção artística dos valores atuantes no Estado, particularmente na Universidade do Amazonas.

Através da Divisão de Produção de Eventos, — uma das três recentemente implantadas em sua estrutura —, o Setor de Artes da UA promoverá todas as quintas-feiras, a partir das 17:30 horas, uma série de espetáculos, exposições e oficinas, envolvendo não somente o trabalho de seus alunos e de seus núcleos de atividades, como também a produção de artistas da comunidade.

Os artistas ou grupos interessados em participar do Projeto Campus de Arte podem se dirigir à divisão de Produção de Eventos do Setor de Artes da UA, na Rua Ramos Ferreira, 1.036 (entre a Av. Getúlio Vargas e a Rua Tapajós), ou manter contato pelo telefone 234-4542.

Veículo: A Crítica

Data: 29/06/1987

Página: 03

Caderno/Seção: Cidade

Danças regionais no Teatro dos Artistas

Começa hoje às 19 horas a mostra de danças regionais, **Dançaestudantil**, no Teatro dos Artistas e dos Estudantes. Durante três dias se apresentarão no palco desta casa de espetáculos, vinte grupos estudantis, com trabalhos de pesquisa coreográfica a partir de livros e principalmente de informação popular.

O **Dançaestudantil** pretende educar e informar a respeito das manifestações regionais mais características, através da dança. No palco as danças assumem suas identidades e forças cênicas, com vitalidade original e grande empatia com o público, que se identifica totalmente com o verdadeiro teatro amazônico.

Nesta segunda, na abertura teremos a apresentação da Ciranda e da dança do Cacétinho, seguem-se as quadrilhas regionais, **Ianos no forró**, do Instituto de Educação do Amazonas, os **Marupiaras de Petrópolis**, da Escola Tiradentes, com direção de Adelson Rocha, os **Petroportelanos na roça**, da Escola Petronio Portela, direção de Manoel Herculano. As quadrilhas, que desenvolvem-se sobre a mesma base dramaturgica, onde se ressalta a questão agrária, a sociedade rural e suas desigualdades, a troca do casamento e a religiosidade hipócrita. Tudo com humor e despojamento por verdadeiros atores populares.

Amanhã teremos uma riquíssima amostragem de danças efetivamente amazônicas, o Barqueiro de Tefé, pela Unidade do bairro da Betânia, na coordenação da professora Maria do Carmo, o Poracé da Serafina, pela tradicional Escola Farias de Brito, dirigida pela professora Rosilene Bessa; a dança do Araruna, pela unidade do Japiim, dirigida pela professora Rosa Eunice, com a coordenação de Léa Natividade. Entremeadas teremos apresentação das danças do Maculé e Capoeira, pela Escola Fueth Paulo

Mourão, direção de Ronaldo Vargas; Afro-Brasileira, pela unidade de Aparecida, direção da professora Moema.

Na noite de encerramento teremos a apresentação do garrote Flor do Campo, desenvolvido por crianças do primeiro grau, da Escola Pe. Agostinho Martin, a Ciranda, pela Escola José Bentes Monteiro, seguindo-se a apresentação do bloco de danças desenvolvidas pela Unidade de São Raimundo, que realiza o Festival Marquesiano, sob a coordenação artística do Professor José Gomes Nogueira, que apresentará a dança do Jacundá, Ciranda de Tefé, Afro-Brasileira, seguindo-se a dança do Camaleão, e a dança da tribo dos Tucanos pesquisada e ensaiada pela professora Lhubiça com o apoio do professor Francisco Carlos.

No palco, com recursos de iluminação, as coreografias terão a ênfase aos seus pontos mais criativos e belos. O **Dançaestudantil** terá o enfoque didático, devendo ser documentado em vídeo e áudio. O movimento no sentido de fortalecer a expressão regional através das danças é algo especial, que se desenvolve objetivamente, através do programa de arte na educação desenvolvido pela Seduc, através da Coordenadoria de Assuntos Culturais, que estimula de modo permanente a mobilização do aluno para a participação em trabalhos voltados para o teatro e a dança.

O Teatro dos Artista e dos Estudantes desenvolve cursos de Dança contemporânea, a nível de iniciação com as professoras Edna Marta Marti, Ana Lucia Mendes e Eleus de Quevedo Cardoso, que atendem alunos e a comunidade nos horários de manhã e tarde. O ator e diretor Vital da Costa Melo desenvolve importante trabalho com crianças no curso de Iniciação às Práticas Teatrais. O **Dançaestudantil** tem entrada gratuita.

Anexo A – ID 0194

Veículo: A Crítica

Data: 17/07/1987

Página: 05

Caderno/Seção: Cidade

“Fragmentos” será atração no A. Braga

De 16 a 19 deste mês o Grupo Experimental em Dança do Teatro Amazonas estará fazendo apresentações no teatro “Alvaro Braga”, com o espetáculo “Fragmentos”, às 20:00 horas.

O trabalho dos artistas amazonenses é destinado à apresentação da versatilidade do grupo de danças, muito embora seja um grupo contemporâneo.

Doze artistas fazem parte do trabalho, que ainda conta com a participação especial do bailarino Francisco Rider. O estilo do trabalho abrange do clássico à dança atual, mas sempre dentro do estilo afro, como a dança do Mucamas, Guerreiro de Angola, Lágrimas do Sul, que questionam o racismo até à atualidade.

Na sua segunda parte, o espetáculo mostra a versatilidade com a terceira coreografia do tango, jazz e um pas-de-deux.

A terceira e última parte continua com o contemporâneo, que abrange quatro coreografias.

Para as apresentações, os ingressos já se encontram à venda por um preço bem simbólico com os bailarinos ou no setor de danças, no Teatro Amazonas e também nos dias de apresentações, na bilheteria do teatro, a partir das 18:00 horas.

Veículo: A Crítica

Data: 27/08/1987

Página: 05

Caderno/Seção: Variedades

“Danzaluz”: a arte Venezuela

*** Com estréia nacional confirmada para o próximo sábado, chega a Manaus o Ballet Contemporâneo da Venezuela — Danzaluz com duas apresentações, dia 29 e 30, no Novotel e na Sala João Donizete — Cecomiz.

*** O primeiro espetáculo acontecerá no Novotel na área da piscina, com um gigantesco palco armado exclusivamente para mostrar aos convidados especiais, este conceituado grupo internacional, aplaudido e reconhecido como um dos mais perfeitos do mundo.

*** Diante do vasto programa, constituído de dez quadros com coreografias de Marisol Ferrari, o público poderá usufruir de uma segunda apresentação, desta vez na Sala João Donizete — Cecomiz, dia 30, a partir das 21 horas. Esta é uma promoção do governo do Estado do Amazonas, embaixada da Venezuela e Novotel. Aos amantes da dança esta é uma oportunidade imperdível. Aguardem.

*** Comportando mais de quatrocentos funcionários, é compreensível para todos nós, a enorme tensão emocional que tomou conta dos que ali trabalham.

*** Várias soluções estão sendo cogitadas, inclusive a transferência de todos para o prédio do antigo Instituto Christus localizado à Joaquim Nabuco. Ou em último caso, como medida emergencial, a diretoria do órgão, teria levantado a possibilidade, mediante acordo da maioria, de férias antecipadas de 10 dias.

*** Segundo a empresa, a situação está cada vez mais difícil devido o tumulto gerado por determinados elementos da própria Cosama, que passando informações desencontradas, aumentam ainda mais o pânico. Esperamos que o problema tenha fim imediato, antes que crie proporções maiores.

da mostra, a casa de Adriano...
lis, e cuidada por Lais Wladimir...
das qualidades em...
ficadas e de extremo bom gosto.

Genete

A AMA — Assessoria de Marketing Associados revelou dados surpreendentes de sua última pesquisa sobre os preços dos carros novos no varejo.

*** Mesmo com a eliminação do compulsório e a redução do IPI, quando esperava-se que os preços para o consumidor caíssem 5%, a pesquisa aponta uma outra verdade: por incrível que pareça, houve uma alta de 6%.

Noite de lançamento na sociedade hebraica



Danzaluz, Ballet Contemporâneo da Venezuela faz estréia nacional sábado, no Novotel.

*** Foi iniciado na segunda passada, mais um curso de Cacá Bueno na arte de ensinar técnicas e o pisar leve no vai-e-vem das passarelas.

*** Com duas turmas, a tarde e à noite, no Rio Negro, dezenas de futuros manecos, curtem com o maior interesse as explicações dadas por este excelente profissional, que já mostrou à nossa sociedade com o show-desfile “Terra Brasilis”, o trabalho sério e competente por ele desenvolvido.

*** Confirmado: na próxima semana Manaus receberá importantes intelectuais deste País, na qualidade de representantes de suas unidades da Federação, no IV Encontro Nacional de Cultura, uma realização do governo do Estado, através da Seduc e do Conselho Estadual de Cultura.

*** No temário regional, o enfoque oportuno será sobre o Roraimazemismo.

Veículo: A Crítica

Data: 27/08/1987

Página: 05

Caderno/Seção: Cidade

Festividades culturais na “Semana da Pátria”

Dentro da programação geral da Semana do Amazonas e da Pátria será desenvolvido outro paralelo sob a coordenação da Superintendência Cultural do Amazonas, destino às comunidades, atingindo vários bairros de Manaus.

Constam de apresentação de peças teatrais, de filmes, exposições, corais, grupos de danças, escolas de samba e orquestras, devendo o programa ser iniciado na quarta-feira, dia 2, prosseguindo nos dias 3, 4 e 6 próximos.

No primeiro dia, na Praça da Saudade, será apresentado o teatro Mamulengo, com “Alegria do Povo”; filme “Independência ou Morte” no bairro do Parque 10; exposição Manaus Antiga — vulto histórico e noite de autógrafos, na Bola da Suframa; coral da 1ª Igreja Batista, no bairro “Cidade Nova”; grupo de dança da Fundação Universidade do Amazonas, no São José Operário; grupo de dança Gedam, na Compensa; e o filme “Os Inconfidentes”, no bairro da Alvorada.

No dia 3, quinta-feira os locais das apresentações são estes: Grupo de dança da FUA, na Praça da Saudade; exposição vultos históricos e Manaus Antiga, no Parque 10; teatro Mamulengo (“A alegria do povo”), na Bola da Suframa; teatro Grupo Origem com a peça “Joana D’Água”, na Cidade Nova; teatro Grupo Inde-

pendente com a peça “Auto da Barca do Inferno”, no São José Operário; a peça “Ajuricaba”, na Compensa; coral da 1ª Igreja Batista, no Alvorada.

Quinta-feira, dia 3, será dedicada para a apresentação das principais escolas de samba de Manaus conforme segue: Escola de Samba de Aparecida, na Praça da Saudade; Barcelândia, no Parque 10; Sem Compromisso, na Bola da Suframa; Mocidade Independente, na Cidade Nova; Andanças de Ciganos, no São José Operário; Vitória Régia, na Compensa; e finalmente Reino Unido, no Alvorada.

O último programa comunitário da Semana do Amazonas e da Pátria no domingo, dia 6, cujo horário é das 20 horas e 30 minutos, será o seguinte: Coral da 1ª Igreja Batista, na Praça da Saudade; grupo dança da FUA, no bairro do Parque 10; orquestra Jovem da Escola Técnica, na Bola da Suframa; exposição de vultos históricos, no bairro Cidade Nova; exposição Manaus Antiga, em São José Operário; teatro Mamulengo, com a peça “A Alegria do Povo”, na Compensa e banda do Comando Militar da Amazônia CMA, no bairro Alvorada.

Na noite do dia 5, haverá um “show” popular na Praça Heliodoro Balbi, bem como espetáculo pirotécnico, na Bola da Suframa às 20 horas.

Veículo: A Crítica

Data: 29/08/1987

Página: 05

Caderno/Seção: Cidade



Ballet da Venezuela em benefício da Apae

Com o patrocínio da primeira dama do Estado, senhora Tarcila Mendes, será realizado amanhã, domingo, no auditório do Cecomiz, uma grande apresentação do Ballet Contemporâneo da Venezuela, um dos mais importantes do mundo, no momento, com todo o lucro revertido em benefício da Apae. A promoção é o marco inicial de uma série de realizações de dona Tarcila Mendes, que está organizando a 9ª Feira da Bondade, como forma de ajudar a essa instituição.

A apresentação do Ballet Contemporâneo da Venezuela é um verdadeiro show, por tudo o que seus integrantes são capazes de mostrar em arte, poesia e equilíbrio cênico, o que o transformou num dos mais admirados e mais aplaudidos no momento.

A entrada será franca, mas espera-se dos pre-

sentes uma contribuição espontânea para a grande causa da Apae, cujas dificuldades para manter e educar centenas de crianças foram aumentadas na semana passada com o desastre do ônibus que conduzia dezenas de crianças, muitas das quais, sofreram problemas graves.

Para a senhora Tarcila Mendes, a apresentação do Ballet venezuelano será uma oportunidade da sociedade amazonense se deliciar com a mais pura arte, e ao mesmo tempo contribuir para a melhoria de vida de uma parcela da sociedade que mais precisa de ajuda.

Sobre a realização em si, ela garantiu que será o primeiro passo de uma série de promoções, cujo ponto maior será a 9ª Feira da Bondade, marcada para o mês de outubro e da qual todo o Estado, em todos os segmentos sociais e econômicos, vão participar.

Veículo: A Crítica

Data: 17/09/1987

Página: 05

Caderno/Seção: Variedades. Gente.

Mostra de dança no Teatro dos Artistas

☆☆☆ Esta é para todos aqueles ligados ao mundo da dança clássica, moderna e contemporânea, que no período de 21 a 26 deste mês, poderão assistir no Teatro dos Artistas e dos Estudantes, a Mostra Estudantil de Dança, que tem como finalidade, divulgar o trabalho que vem sendo estruturado, com muita dificuldade por um grupo de pessoas, que acreditam na proposta de desenvolvimento cultural neste setor, um tanto desacreditado pela grande maioria.

☆☆☆ Já asseguraram suas presenças, o Grupo Experimental de Dança, o Núcleo de Dança Contemporânea — NUDAC, o Ballet do Teatro dos Artistas, tendo na coordenação a bailarina Marta Marti.

☆☆☆ Sem dúvida, um bom momento, para se dançar e propor melhorias, mostrando o que está sendo feito em Manaus em matéria de dança, suas concepções, tendências e as difíceis questões para se desenvolver um trabalho em condições precárias.

Veículo: A Crítica

Data: 04/10/1987

Página: NI

Caderno/Seção: Última Página. Seduc presente.

Arte em educação para aprimorar nossa música

A Secretaria da Educação e Cultura a partir de seu projeto de Capacitação de Arte Educadores em educação musical, que objetiva propiciar a clientela que atua nas escolas públicas iniciação, aprimoramento e reciclagem; financia a realização de cursos arregimentados, pela Universidade do Amazonas/Setor de Artes, por ocasião da realização do Festival Norte de Música, um evento em lato senso, reunindo importantes músicos brasileiros, que entremearão suas apresentações com os cursos, que vão de 5 a 10 de outubro. Para a Seduc dirigida por João Félix, este trabalho "faz parte da estratégia de política cultural, da ação integrada com as instituições culturais, evitando o paralelismo de atividades e a pulverização dos recursos, na realidade muito poucos".

Os cursos — Serão ministrados gratuitamente para professores, os cursos de Iniciação Musical com a professora Edla Lacerda, de 10:00 às 12:00 horas, na sala 8, Oficina de Soprano I, com Santiago Andrés Aldano, de 8:00 às 10:00 horas, sala 3; Oficina de Soprano II, com Gustavo Gea, sala 5; Apreciação e Cultura Musical I, com Nivaldo Santiago, de 10:00 às 12:00 horas, sala 8, a parte segunda destes cursos será ministrada pela professora Socorro Santiago, no mesmo horário, na sala 2, todos no Setor de Artes, que fica na rua Ramos

Ferreira nº 1036; o Curso de Iniciação ministrado no Salão Nobre do Instituto de Educação do Amazonas no horário das 16:00 às 18:00 horas. A Seduc está investindo nos cursos cerca de cem mil cruzados, incluindo a remuneração dos professores.

Educação musical — Com a implantação do sistema estadual de Arte na Educação, que mantém permanentemente atividades de Teatro e Dança nas escolas da rede pública e no Teatro dos Artistas e dos Estudantes, que tem cinco cursos, com professoras pós-graduadas e instrutoras bailarinas, a Seduc pretende impulsionar a parte de Educação Musical, nas salas de aula. Além de desenvolver interessante trabalho com as bandas musicais das Escolas Benjamin Constant, Estelita Tapajós e Instituto de Educação, e de iniciar o reequipamento das fanfarras da rede pública de ensino, com intensa participação do alunado.

Arte na educação — Um processo novo aos poucos vai se implantando nas escolas da rede pública, objetivando o desenvolvimento da personalidade do aluno, diante do imenso universo de adversidades e profundos contrastes, representado pelo ambiente sócio-cultural amazonense, pleno de desi-

gualdade no acesso às informações culturais. É a Arte na Educação, que por sua vez não pode ser confundida com a anacrônica Educação Artística, inviável pela não qualificação do profissional, que era posto para apenas cobrir o espaço curricular, e também pela falta de identificação com escola por parte do profissional saído do curso de formação a realidade precária da escola pública.

A arte na educação não se constitui como matéria curricular. É uma atividade sócio-cultural que não premia ninguém com notas ou presenças, ou mesmo estabelece parâmetros de avaliação seletiva. Apenas motiva, mobiliza o interesse espontâneo. Não traz discursos pré-prontos sobre a arte popular, tampouco prega o sentimento da impotência diante da vida, e uma doentia expectativa diante da ação salvadora do Estado. O resultado pode ser conferido através de quatro mostras estudantis de artes cênicas, quatro de danças regionais, uma de dança contemporânea, e um Teatro dos Artistas e dos Estudantes, que mantêm um fluxo de 90% dos espetáculos classificados como oriundos da escola e da comunidade e cursos gratuitos de dança. Para a quinta mostra de artes cênicas, estão previstos cerca de quarenta espetáculos produzidos pela rede pública de ensino.

Veículo: A Crítica

Data: 05/11/1987

Página: 05

Caderno/Seção: Cidade

Grupo de Dança da UA faz nova apresentação

O Grupo Universitário de Dança Contemporânea do Núcleo de Atividades Artísticas do Setor de Artes da Universidade do Amazonas—Nudac, vai apresentar um espetáculo no Teatro dos Artistas e dos Estudantes, à rua Ramos Ferreira, sábado próximo, dia 7, às 21 horas (verão), com entrada grátis.

O espetáculo, intitulado "Ensaio I", será constituído por três segmentos coreográficos: "jogo de Dados", "Era uma vez uma arde" e "Homenagem a Villa Lobos", compostos de música erudita de Villa Lobos, popular de Milton Nascimento e Gilberto Gil, e poesia de Quintino Cunha, dos quais participarão, como dançarinos e cantores, os componentes do Nudac, com a participação do Grupo Dança Juventude.

Criado em 1983, o Nudac reúne universitários de todas as cênicas, interessados em participar de experiências nas artes ciências, especialmente a dança. O objetivo do grupo não é o de formar dançarinos, mas sim o de oferecer instrumentos para uma tomada de consciência do próprio corpo e sua importância no desenvolvimento pessoal e na relação com o mundo.

As coreografias do espetáculo a ser apresentado foram compostas pela professora Lia Sampaio, do Desenvolvimento de Educação Artística da Faculdade de Educação da UA, licenciada em dança pela Escola de Música e

Artes da Universidade Federal da Bahia-UFB.

Treinamento — Professores de língua e literatura inglesa da Universidade do Amazonas e das redes estadual e particular de ensino podem participar do Seminário sobre Preparação e Elaboração de Material Didático para cursos de inglês instrumental, que o Departamento de Línguas e Literaturas Estrangeiras da UA vai promover a partir da próxima segunda-feira, dia 9, até o dia 13, das 9 às 13 horas, no auditório Rio Solimões, no campus universitário.

As vagas são especialmente destinadas a professores dos três níveis de ensino, e as inscrições, isentas de taxa, poderão ser feitas até segunda-feira, pela manhã, na Secretaria do Departamento de Línguas e Literaturas Estrangeiras, no Instituto de Ciências Humanas e Letras, no campus, ou pelo telefone 237-8875.

Sob coordenação das professoras Ruth Bork e Marluce Ferreira Portuagals, o seminário tem como principal objetivo a atualização de professores da Universidade do Amazonas e a divulgação de uma abordagem instrumental para professores de 1º e 2º graus, visando a utilização de modernos recursos didáticos, metodologias e técnicas adequadas ao ensino da língua inglesa.

Anexo A – ID 0201

Veículo: A Crítica

Data: 16/11/1987

Página: 05

Caderno/Seção: Cidade

Curso da UA para “arte de lazer”

O Setor de Artes da Universidade do Amazonas estará realizando a partir de amanhã, até o dia 20, um curso intitulado “Arte de Dizer”, no horário de 19 às 21 horas para estudantes, professores e pessoas da comunidade que se interessem por exercícios de leitura e interpretação de textos, levando-se em conta estilos e gêneros. O valor das inscrições é de 200 cruzados, podendo os interessados dirigirem-se ao Setor de Artes, à rua Ramos Ferreira, n.º 1.036 — centro, fone: 234-4542 e procurar a professora Socorro Santiago, responsável pela Divisão de Cursos, no horário de 9 às 13 e 15 às 19 horas (horário de verão).

O curso terá carga horária de 10 horas e faz parte da programação de atividades de curta duração que a escola vem oferecendo à comunidade. Do conteúdo programático, constam: 1. — Noções de fisiologia da voz; o aparelho fonador; a respiração; 2. — Características do som; características da voz humana; 3. — Técnicas de relaxamento; 4. — Colocação e projeção da voz; 5. — Leitura e interpretação de textos.

Ainda no Setor de Artes, encontram-se abertas as inscrições para o Curso de “Música e Movimento” a ser ministrado pela prof.ª Lia Sampaio, com carga horária de 10 horas e 30 vagas. Os interessados devem dirigir-se ao Setor de Artes no mesmo horário anterior, onde será informado da data da realização. O curso desenvolverá exercícios com Artes Integradas visando a sua aplicação na escola de 1.º grau e do referido curso qualquer pessoa poderá participar.

Veículo: A Crítica

Data: 21/11/1987

Página: 08

Caderno/Seção: Colunismo Social. Am Ram!

Ballet e Jazz



••• Acontecerá o 1º. espetáculo anual de ballet clássico e de jazz dance da Academia de Ginástica e Dança Alane Braga, nos dias 29 e 30 do corrente, às 20:00 h, no Teatro do Cecomiz, coreografado e dirigido pelo prof. Lula Ventrice, que traz como atração, com o apoio do governador Amazonino Mendes, os bailarinos da Fundação Clóvis Salgado e da Companhia Internacional de Ballet de Belo Horizonte-MG, Renato Couto e Toni Souza. Ingressos na Academia à av. Djalma Batista, 1111-C.

Tema Título da 1ª. parte — SAPATINHO ENCANTADO;

Tema Título da 2ª. parte — CENAS DE BAR.

★ ★ ★

Veículo: A Crítica

Data: 22/11/1987

Página: 09

Caderno/Seção: Variedades. Colunismo Social. Gente.

Show de dança

*** Alane Braga, nos últimos preparativos para o espetáculo anual de ballet clássico e jazz, promovido por sua academia como forma de divulgar a performance dos jovens aprendizes.

*** “Sapatinho Encantado” e “Cenas de Bar”, coreografadas e dirigidas pelo professor Lula Ventrice, estarão com cenários montados nos próximos dias 29 e 30 deste mês, no palco do Cecomiz. Trazendo como atrações da Fundação Clóvis Salgado e da Companhia Internacional de Ballet de Belo Horizonte para abrilhantar ainda esta mostra de dança, os bailarinos Renato Couto e Toni Souza, proporcionando ao público amazonense um show dos mais aplaudidos. Vá e confira!

Veículo: A Crítica

Data: 28/11/1987

Página: 07

Caderno/Seção: Cidade

Maraná, sábado, 28 de novembro de 1987 28/11/87

Festi

Economiário produz

Teste Carlos Bruno
Foto: Paulo Santos



Grupo de Cidade maranhense 'Cidade Festeira'

Um mês de obra (1971, 1981, 1987), o grupo, formado por músicos locais, esteve no 11º Encontro Nacional da CEA, realizado em São Paulo, em 22 de novembro. O grupo de 22 integrantes, formado por músicos locais, esteve no 11º Encontro Nacional da CEA, realizado em São Paulo, em 22 de novembro. O grupo de 22 integrantes, formado por músicos locais, esteve no 11º Encontro Nacional da CEA, realizado em São Paulo, em 22 de novembro.

A imprensa local não possui, ao contrário, uma seção, por isso de difícil acesso à informação. A imprensa local não possui, ao contrário, uma seção, por isso de difícil acesso à informação. A imprensa local não possui, ao contrário, uma seção, por isso de difícil acesso à informação.

O festival de acordo com a direção de Sérgio Barros, presidente do Conselho Municipal de Cultura de Ananás, não é apenas uma atividade cultural, mas também uma oportunidade para a população local se aproximar da cultura nacional e internacional.

*Maraná, sábado, 28 de novembro de 1987
A Crítica - Cidade - pg. 07*

BIBLIOTECA PÚBLICA MARAÚZ - AMAZONAS

cultura no II Fenec

O Fenec teve lugar as FUNDIÇÕES MORAIS (que foram)



Um grupo de cinco compositores em ritmo afetuoso

Edson Elias de

*Maraná, sábado, 28 de novembro de 1987
A Crítica - Cidade - pg. 07*

Anexo A – ID 0205

Veículo: A Crítica

Data: 01/12/1987

Página: 06

Caderno/Seção: Cidade

Grupos estudantis farão amostra de arte cênica dia 5

No período de cinco a vinte de dezembro, ocorrerá a realização da **Quinta Mostra Estudantil de Artes Cênicas**, no Teatro dos Artistas e dos Estudantes, numa promoção da Secretaria da Educação e Cultura. Estarão envolvidos diretamente no trabalho, quarente e cinco grupos de teatro, dança e música popular, que funcionam nas escolas da rede pública de ensino, sob a orientação de professores de Educação Artística, artistas da comunidade e animadoras culturais. Esta Mostra Estudantil, não é mais um evento que caiu do céu, no vazio da observação do público, a quem verdadeiramente se destina, como entretenimento e envolvimento no trabalho destes, que ao largo de tudo vão assumindo o seu lugar e tomando conta do que ainda há de bom, se preservando e se entranhando pelas frestras da cidade. Este ano, é bom que se saiba os grupos receberam, como conquista de trabalho, auxílio em recursos e materiais, que a Seduc destinou especialmente para esta Quinta Mostra.

Desta vez o interior do Estado se faz presente com a participação de Parintins, Maués e Maracápurú, como decorrência do programa de capacitação de docentes e comunidade, realizado ao curso deste ano. No dia cinco haverá a abertura solene com a apresentação do Grupo Reta de Parintins, dirigido por José Camilo, que traz dois trabalhos em teatro, os infantis *Três Peregrinos*, de Stela Leonardos e texto marcante do autor amazonense Alfredo Fernandes. Um brinquedo igual a gente, havendo a confraternização de todos os grupos participantes. Segue-se no dia seis, *O Aprendiz de Feiticeiro* de Maria Clara Machado, que deverá vir a Manaus no período, o texto é apresentado pelo Grupo Jurupari de Teatro e Dança, por volta das 18 horas, a noite será apresentado o texto de Pepê Fonnã. A Lenda do Piui, com alunos de Educandos. Na segunda, dia sete, o Grupo de Danças, Sementes do Amanhã, dirigido por Ronaldo Vargas, com os alunos da Unidade de São Jorge, a coreografia *Uma noite Afro Brasileira*, seguindo-se a solenidade de encerramento do **Curso Especial de Dança Clássica, Moderna, Jazz e Contemporânea**, ministrado durante setembro, outubro e novembro pelo professor e bailarino Luiz Carlos Ventrice, que também apresentará coreografias especiais com as cinquenta participantes do trabalho realizado no Estúdio do Estudante. No dia oito é a vez da dança regional no trabalho da Unidade de São Raimundo, pesquisa e direção de José Nogueira, com *A Ciranda de Tefé* e *Dança do Jacundá* e o encerramento da **Oficina de Teatro e Fundamentos Básicos da produção**, ministrada pela atriz Neila Tavares, com o apoio de Nancy Kopscizinski e que reuniu em três turnos cerca de cem alunos, que vão apresentar o **happening**, Manaus, Manaus.

Anexo A – ID 0206

Veículo: A Crítica

Data: 04/12/1987

Página: N1

Caderno/Seção: Am Ram!



Patrícia Marques

estará nas piscinas mostrando a beleza da mulher amazonense

Arabel Queiróz a nossa modelo nota 10 estará desfilando hoje no Hotel Praia de Boa Vista, ela foi convidada pelo colunista Jean. A exposição "DEZ ANOS DE ARTE", de Edemberg Jr que aconteceria



Neyses, Adriana e Ana Lúcia

A Academia Equipe 2 do Prof. Arnaldo Peduto realizará nos dias 04, 05, 06 de dezembro às 21:00 horas (verão) no Tropical Hotel Manaus o show dos dez anos da academia. No dia 04 acontecerá um grande desfile show com mais de 50 manequins "A Moda através do Mundo" é o título do desfile. Nos dias 05 e 06 será a vez das alunas do jazz. Participarão as alunas, Sandra Reis, Patrícia Marques, Kelly Reis, Maria Paula Chiskaro, Debora Cotta e Lamisse Said.

Dia 12/12, Silver Night falta poucos dias para a grande festa de final de ano da geração jovem da cidade.

Dia 08.01.88 a Starship estará organizando um grande rebu para reinaugurar nova iluminação e muito mais som.

As mesas para a festa do dia 12/12 no Tropical estão à venda na Frustríssima, Oca Turismo e Morena Modas.

A palhoça do Magrelo lotada com a galera que foi torcer pelo Mengo: Spence, Belizardo, Lúcia Helena Eduardo Gomes e Ricardinho. Amanhã estaremos de volta.

Anexo A – ID 0207

Veículo: A Crítica

Data: 04/12/1987

Página: 07

Caderno/Seção: Variedades. Colunismo Social. Gente.

dezembro de 1987

04/12/1987



Equipe 2, no TH hoje

A escolha do mais belo

*** A escolha do Homem Manaus 87, que há alguns anos sob a coordenação de Boajam Holanda, elege o mais belo jovem amazonense, estará lotando as dependências do Atlético Rio Negro Clube, hoje a partir das 22:00 horas, com seus 18 concorrentes ao título, atijando com certeza a ala feminina presente.

*** Convidada especialmente para abrilhantar a festa, a Academia Roziman, dá um show de dança, além da apresentação do transformista Rosenberg Nunes. Na passarela, Ricardo Drumond, Marco Antônio Lima, Eduardo Villa Roca, Jorge Serfatti, Leonardo Fonseca, são alguns que estarão dando aquele realce, apresentando-se nos trajes a rigor e banho, quando será escolhido, o mais deslumbrante tipo masculino da cidade, ganhador de valiosos prêmios. Uma noite de Homem, que você não pode perder!



Leonardo disputa o Homem Manaus

Investimento à vista

*** Desembarcando hoje no Eduardo Gomes, o diretor-presidente da Jepime Indústria e Comércio de Móveis Ltda, Jesus Ramos Rodrigues, acompanhado do filho Francisco e do diretor regional de Fortaleza, Otávio Machado.

*** A viagem dos executivos à Manaus, tem como objetivo maior uma visita à filial da Jepime aqui instalada que possivelmente passará a estender seus serviços à toda região.

*** Ciceroneados por Antônio Toshio Yara, representante da empresa na city, o *weekend* dos visitantes será desfrutado entre as belezas naturais da nossa "tropicapital".

Arnaldo Peduto faz a festa

*** Desenvolvendo um admirável trabalho coreográfico, com sua Academia Equipe 2, Arnaldo Peduto, comemora seus 10 anos dedicados à dança moderna, com dois espetáculos a serem apresentados no Salão Amazonas do Tropical Hotel, a partir das 21:00 horas, começando hoje e encerrando suas apresentações neste domingo.

*** A abertura acontecerá com um *desfile-show*, intitulado "A-Made-Através do Mundo", contando com participação do seu dedicado grupo onde destacamos o talento de Patricia Marques, Ana Lúcia Ramam, Ana Isabela Brito, Cláudia e Lara Chave, Max Campbell, André Cruz, Tânia Moco e Rebeca Garcia.

*** E no sábado e domingo, o grupo Garra, dá um show de jazz com o espetáculo "Os gatos Ficção ou Realidade", para aqueles que apreciam e curtem a incrível linguagem da dança. Uma dica diferente para preencher sua agenda neste final de semana.

Veículo: A Crítica

Data: 13/12/1987

Página: 05

Caderno/Seção: Cidade

Mostra estudantil de arte cênica segue no Teatro do Estudante

A Quinta Mostra Estudantil de Artes Cênicas tem seguimento neste domingo, no Teatro dos Artistas e dos Estudantes, a partir das dezoito horas com a apresentação de cinco espetáculos, produzidos pelas escolas da rede pública de ensino, com o patrocínio da Secretaria da Educação e Cultura, que desenvolve permanentemente atividades com grupos estudantis durante o ano inteiro, culminando com as apresentações na comunidade e neste evento, que consegue mobilizar o interesse da juventude em torno da questão das artes cênicas como forma de expressão e desenvolvimento pessoal e descobertas das inúmeras possibilidades de intervir no desigual jogo de sobrevivência da inteligência frente às pressões econômicas e políticas.

Dança — Apresenta-se hoje o Grupo de Dança da Unidade Educacional de Educandos, dirigido pela professora de Dança pós-graduada pela Gama Filho do Rio de Janeiro em Dança Contemporânea, e trabalhando há cinco anos com jovens alunas, na Escola Estelita Tapajós. A professora Virginia Almeida, também treinadora da equipe amazonense de ginástica, faz de seu grupo um verdadeiro celeiro de valores novos, para esta modalidade esportiva. Há poucos dias, também, esteve participando do curso de reciclagem com o professor Luis Carlos Ventrice. Hoje, ela apresenta três novas coreografias sobre temas musicais de evocação nacional.

Em seguida é a vez do Grupo de Dança e Teatro Amarelo e Preto, que ontem apresentou sob a direção de Rosa Eunice, a peça infantil *A menina que vendia flores*, de Alexandre Santo e *A Bruxinha Dorotéia* esta em teatro de bonecos, com a direção de Socorro Jezine. Em Dança, seguramente, a Unidade Educacional de Japiim possui um dos mais capacitados grupos de professores, senão vejamos, hoje será apresentado *Saudades do Brasil*, uma idéia de Nely Alves, coreografada por Chang Yen Yin, também pós-graduada em Dança pela Universidade da Bahia e pela consagrada professora Alane Braga. Uma viagem musical e dançado nos ritmos inconstantes e criativos deste país. As passagens de contemporaneidade atualizadíssimas, no encaideamento das imagens postas de forma a criticar e avaliar este momento. O Grupo Amarelo e Preto tem presença em todas as mostras realizadas, com trabalhos marcados pelo bom gosto e criatividade.

Teatro — É tempo de estréia do Grupo da Unidade da Betânia, Armação Mix, dirigido pelo aluno Wellington Mania, que apresenta o trabalho de criação coletiva *Coração Abandono*, de temática social abordando as questões do subúrbio cultural, pleno de criatividade e de identidade mesmo face a alienação. Trabalhando ao lado de outro importante grupo, que é o Pirata, este Armação Mix vem pleno de juventude e irreverência, e prometendo conquistar a jovem platéia que se fará presente no TAE.

O Grupo Águas Negras, dirigido pelo professor Alfredo Farias, da Escola Pedro Silvestre da Unidade de São Raimundo, também participa com a dramatização de *Os Estatutos do Homem*, de Thiago de Melo.

Veículo: A Crítica

Data: 15/12/1987

Página: 05

Caderno/Seção: Cidade

Grupos de danças mostrarão a MPB

Na programação da Quinta Mostra Estudantil de Artes Cênicas, que a Secretaria da Educação e Cultura está promovendo no Teatro dos Artistas e dos Estudantes, teremos hoje a apresentação dos alunos do TAE — Centro de Estudos e Pesquisas de Artes Cênicas, que frequentam as cinco turmas do Curso Permanente de Dança, implantado em fase experimental neste ano e contando com a participação de cerca de oitenta alunos, frequentando gratuitamente nos turnos de aula.

As turmas da professora Edna Marta Marti apresentam a coreografia “O Sentido Negro”, uma pesquisa a respeito dos ritmos afro-brasileiros. As alunas da bailarina Ana Mendes apresentam coreografias sobre a “Música Popular Brasileira Contemporânea”, nas composições de Chico Buarque, Ivan Lins e outros.

O grupo infantil dirigido pela bailarina Eleusa de Quevedo Cardoso apresenta a coreografia “A Dança dos Meninos”, música de Milton Nascimento, que inspira-o seguimento dos movimentos, como brincadeiras que embalam o sonho.

Em seguida o grupo de dança da Escola Alda Barata, o Jazzdance, direção de Luzivane.

Veículo: A Crítica

Data: 18/12/1987

Página: 05

Caderno/Seção: Cidade

Grupo Massa leva peça para o TAE

O Grupo Massa retornando ao Teatro dos Artistas e dos Estudantes, na V Mostra Estudantil de Artes Cênicas, promovida pela Coordenadoria de Assuntos Culturais, da Seduc, apresenta hoje às 20 horas, o espetáculo “Quando a cabeça não pensa, o corpo não atua”.

Com texto e direção de Kid Mahall, o espetáculo, mesclado de drama e comédia, conta a história de uma família da classe média, que vive com dificuldades e enfrenta problemas de relacionamento. Trata-se de um texto baseado em histórias reais, do cotidiano, com elementos de fantasia.

Participam do elenco Rocky, Leonor, Manuela, Nélia, Rita de Cássia, Piorada I e Piorada II, Ednelson e Rosivaldo. As coreografias são feitas pelas bailarinas Andréia, Ângela e Elisângela.

1988

Veículo: A Crítica

Data: 17/01/1988

Página: 03

Caderno/Seção: Cidade

Feriarte faz sucesso no Teatro dos Artistas

No Teatro dos Artistas e dos Estudantes está acontecendo a programação de férias da Secretaria da Educação, o Feriarte, que ofereceu à comunidade cursos de dança e teatro nos três turnos de trabalho. As turmas de dança a cargo das bailarinas Ana Mendes e Eleusa de Quevedo excederam às vagas oferecidas, tamanha a demanda de jovens, que vieram de todos os lugares, inclusive do interior do Estado, para participar desta atividade aberta a pessoas que nunca tinham participado de cursos anteriores, ou que tivessem tido alguma iniciação. Ao todo participam cerca de sessenta jovens, que estão empolgadíssimos com as aulas ministradas.

O artista e animador cultural Vital Melo também tem um grande contingente de inscritos, cerca de cinquenta, apenas no horário da noite. As aulas e sessões de improviso, pesquisa e exercícios são sempre precedidas por vídeos onde são mostradas obras do teatro, que viraram filmes.

No final do Feriarte será mostrada a dramatização da obra de João Cabral de Melo Neto, Morte e Vida Severina, encenada na versão dos jovens que participam do curso. Do mesmo modo as turmas de dança mostrarão coreografias trabalhadas especialmente durante as aulas.

Veículo: A Crítica

Data: 17/01/1988

Página: 03

Caderno/Seção: Cidade

Setor de Artes da UA inscreve para cursos

Encontram-se abertas de 02 a 05 de fevereiro, no Setor de Artes da Universidade do Amazonas, na rua Ramos Ferreira, 1036, as inscrições para o período letivo dos cursos referentes ao ciclo preparatório correspondente às 4 primeiras séries do primeiro grau, podendo ser inscritas crianças com idade a partir de 06 anos. O ciclo preparatório, cujo valor da matrícula, por semestre é de Cr\$ 500,00, oferece as seguintes disciplinas em quatro níveis: Música e Movimento, Ate-

lier, Musicalização, Iniciação ao Instrumento, onde são oferecidas Piano, Violão Cordas, Coro Infantil.

O valor da inscrição para o ciclo fundamental é de Cr\$ 1.000,00 por semestre e as disciplinas disponíveis são: Atelier Fundamental, Instrumento Principal, com opção para piano, violão, cordas e sopros, instrumento complementar, apreciação musical, som e ritmo e coro de alunos.

Anexo A – ID 0213

Veículo: A Crítica

Data: 10/02/1988

Página: 03

Caderno/Seção: Cidade

Seduc promoverá curso de dança

A Secretaria de Educação e Cultura do Amazonas — Seduc — promoverá de 11 a 17 deste mês, no Teatro dos Artistas e dos Estudantes, das 9:00h à 12:00h, o Curso Intensivo de Jazz e Dança Contemporânea, sob o comando da bailarina e coreógrafa, Maíza Tempestta.

De acordo com o currículo da bailarina, o curso tem tudo para ser um sucesso. Maíza Tempestta participou da montagem do musical Chorus Line, tanto no Brasil como nos EUA. Foi assistente de Leni Dale, tendo participado como professora no Ballet Stagium, Joyce Ballet e Centro de Dança Halina Bitternacka, recebendo prêmios nos IV e V Encontro Nacional de Dança. Atualmente, Maíza Tempestta é diretora geral da Cia. de Jazz Brasil, em São Paulo. Estando no Amazonas pesquisando a lenda do guaraná, onde aproveitará o tema para montar uma peça em SP, a bailarina foi convidada pelo secretário João Félix para ministrar o curso.

As inscrições começarão hoje e poderão ser feitas no prédio da Seduc, sala 201, e no Teatro dos Artistas e dos Estudantes. As inscrições são grátis e obedecerão a ordem de chegada, pois há somente 40 vagas, que serão divididas em duas turmas.

Veículo: A Crítica

Data: 24/02/1988

Página: 07

Caderno/Seção: Variedades. Colunismo Social. Gente.

Dança

*** * Abertas desde ontem as matrículas dos Cursos Preparatórios de Teatro e Dança do Centro de Estudos e Pesquisas de Artes Cênicas, que funciona no Teatro dos Artistas e dos Estudantes.**

*** * Neste semestre estão sendo oferecidas quatro turmas de dança e três de teatro para crianças e adolescentes, sendo vinte vagas por turno, que vão funcionar de manhã, à tarde e a noite. Tudo gratuito.**

*** * A Seduc e o TAE estão com as inscrições abertas até a próxima sexta-feira.**

Veículo: A Crítica

Data: 04/03/1988

Página: 07

Caderno/Seção: Colunismo Social. Gente. Novos Cursos.

NOVOS CURSOS

*** A Seduc aposta firme na implantação dos Cursos Preparatórios de Teatro e Dança, do Teatro dos Artistas e dos Estudantes.

Para tal formou uma equipe de competência e de nível intelectual capaz de formular o sentido didático, que uma escola mesmo informal deve ter.

*** Em dança, uma equipe de nível universitário: Chang Yang Ying, Marta Marti, Virgínia Almeida Fleuzza de Quevedo e Alane Braga.

*** O teatro traz Wagner Melo, que é bacharel no ramo, Vital Melo, estudiosos e experimentalista, Neuza Rita, competente em pedagogia teatral.

*** Para mudar todo um processo errado, onde simplesmente os talentos são formados e ao mesmo tempo sofrem deturpação pela mesmicia doentia, faz-se necessário a escola.

*** Vale a comunidade apoiar. Os cursos são todos gratuitos, e começam a partir do dia 7 de março.

Anexo A – ID 0216

Veículo: A Crítica

Data: 16/03/1988

Página: 03

Caderno/Seção: Colunismo Social. Gil. Surge novo palco.



Surge novo palco

- Tem preview nesta sexta-feira a peça "Zaratustra", de Nietzsche, no teatro da Escola de Mineração.
- No elenco se apresentando nesse novo espaço cultural situado na Compensa (onde está instalada essa escola), Dory Carvalho vivendo Zaratustra, e a atriz ucraniana, Koia Refkalefsky. Ainda Tom Thompson, Almir Graça, David Almeida, e o adaptador dessa peça, Francisco Cardoso.
- A Superintendência de Teatro do Amazonas e a Escola Técnica de Mineração Prof. Gilberto Mestrinho, enviam convite para essa inauguração, com a presença do Madrigal Santiago e o Grupo Experimental de Dança do Teatro Amazonas na programação.

Anexo A – ID 0217

Veículo: A Crítica

Data: 07 ou 17 /03/1988

Página: 06

Caderno/Seção: Variedades



Está em franca ascensão o grupo infantil de dança moderna "Egítcio Naysen Espectron", dirigido pelo também dançarino e coreógrafo Bernard. O grupo está treinando arduamente para o 1º campeonato amazonense de dança moderna que será realizado no próximo mês de abril, na sede do São Raimundo Esporte Clube.

O "Egítcio Naysen" vem ganhando diversos concursos desde quando surgiu há cerca de um ano, e foi considerado pela crítica especializada o grupo de dança "revelação de 87". O grupo é formado pelos garotos Wallace (13 anos), Evandro (14), Cleilton (13), Charles (12 anos), Rôaulo e Arney, ambos de 13 anos.

Além de fazer shows constantemente em clubes, o "Egítcio Naysen Espectron" também faz shows a domicílio, tais como em festas particulares, casamentos e em aniversários e normalmente apresenta-se em cidades do interior. Para o período de férias, o Egítcio já tem agendados vários shows em Itacoatiara, Manacapuru, Tefé e Parintins, ainda este ano. O grupo de dança "Egítcio" nasceu de uma brincadeira no bairro de São Raimundo.

Mas agora a garotada está querendo levar a sério o trabalho, com grande senso de profissionalismo, assegura o coreógrafo Bernard.

Veículo: A Crítica

Data: 18 /03/1988

Página: 03

Caderno/Seção: Cidade



Teatro da Escola de Mineração inaugurado

Um novo espaço cultural surge em Manaus. É o teatro da Escola Técnica de Mineração Gilberto Mestrinho, que através de convênio firmado entre governo do Estado e Teatro Amazonas, passou a ser administrado pela Superintendência deste último, que hoje encontra-se em fase de restauração. O espetáculo de abertura aconteceu ontem, às 21 horas, com a apresentação de um clássico popular tocado pela Banda da Base Aérea seguida da participação do Madrigal do Teatro.

A atração maior da noite ficou por conta do Grupo Experimental do Teatro Amazonas, que sob a responsabilidade da coreógrafa Conceição Souza e coordenação de Wilson Real, apresentou a dança "Fragmentos" voltada para questionamento social em todos os aspectos, com uma passagem afro-brasileira, avaliando a África no período medieval até o "apartheid".

A partir de agora o teatro segue sua temporada normal de espetáculos, com espaço para os artistas locais e já com programação de peças nacionais.

Anexo A – ID 0219

Veículo: A Notícia

Data: 20 /03/1988

Página: 06

Caderno/Seção: Cidade

Madrigal Santiago apresenta "Cantos e passos da paixão"

Nos dias que antecedem a Semana Santa, exatamente a partir do dia 25 de março, no teatro da Escola de Mineração, av. Brasil, n.º 1102 - Compensa, o Madrigal Santiago apresenta o espetáculo "Cantos e Passos da Paixão", uma proposta à reflexão sobre o alto sentido dos fatos que constituem a Paixão de Cristo, na oportunidade em que se rememora a trajetória do Filho de Deus que se fez homem para redimir os pecados da humanidade, entregando-se ao sacrifício até a morte, e morte de cruz.

Inspirado em composições de autores do período colonial brasileiro, especialmente dedica-

das às cerimônias da Semana Santa, conforme o rito católico da época, este espetáculo cênico-musical será executado pelo Núcleo Universitário de Dança Contemporânea (Nudac), pelo Madrigal Santiago e mais artistas convidados, de acordo com um roteiro de autoria de Socorro Santiago envolvendo um texto de Elson Farias e a tradução e leitura dramática de textos bíblicos que serão cantados em latim, na seguinte sequência:

— Reflexão sobre o Filho de Deus que se fez homem para redimir a humanidade. Os homens agradecem e pedem perdão.

Veículo: A Crítica

Data: 25 /03/1988

Página: 03

Caderno/Seção: Cidade

Secretaria da Cultura agendou Dia do Teatro

A Secretaria de Educação e Cultura do Estado do Amazonas, através de sua Coordenadoria de Assuntos Culturais (CAC) já tem agendada para o próximo dia 27, Dia Internacional do Teatro, uma programação especial que será apresentada no Teatro dos Artistas e dos Estudantes, com início previsto para às 17:00 horas.

O Teatro dos Artistas e dos Estudantes que já realizou 300 sessões, somente no seu primeiro ano de atividades tem estado aberto para a apresentação de espetáculos amadores, estudantis e da comunidade em geral. Funcionando ligado à Secretaria de Educação e Cultura tem contribuído também como Centro de Estudos e Pesquisas de Artes Cênicas, contando com um Banco de Texto de autores brasileiros e internacionais.

Em vista disso, a única e verdadeira comemoração que pode ser feita no Dia Internacional do Teatro no Amazonas é a criação e implantação dos cursos preparatórios de Teatro e Dança, depois de alguns anos de ostracismo, papel que a Seduc vem executando com competência, através da Coordenadoria de Assuntos Culturais.

Com o sentido de formalizar o ensino destas duas áreas de expressão, a Seduc implantou dois cursos que contam com a participação de seis professores: 1) Balet, com Marta Marti, Alane Braga, Eleusa de Quevedo, Chang Yeng Ying; 2) Teatro, com Vital Melo e Wagner Melo.

Cerca de 200 alunos estão inscritos num total de seis turmas diárias, distribuídas nos horários matutino, vespertino e noturno.

Anexo A – ID 0221

Veículo: A Crítica

Data: 04 /04/1988

Página: 05

Caderno/Seção: Cidade

Dança é alternativa contra tóxicos e tem apoio da Seduc

Considerando principalmente que há muito por fazer no campo da dança no Amazonas, a professora Ana Mendes, bailarina há quase 10 anos, destacou a importância dessa arte que para muitos ainda é tabu, especialmente quando se trata de homens.

Desenvolvendo um trabalho junto as escolas estaduais com o apoio da Seduc, Ana Mendes disse que por enquanto as aulas estão suspensas mas que o campo da dança é uma experiência viável tanto para criança como para adolescentes por que acima de tudo o trabalho com a dança envolve tanto o aspecto físico como o psíquico.

Num período onde as drogas desempenham papel decisivo junto a juventude a dança é uma alternativa viável para retirar o jovem do ambiente vicioso tanto do álcool, do fumo como das drogas, por que a dança exige uma disciplina não só corporal como também psicológica, explica Ana Mendes.

Ela acredita que tanto a criança como o adolescente devem ser estimulados para essa arte, que, lamentavelmente, ainda é vista com certo preconceito, especialmente pelos pais, quando a criança ou o jovem — é homem. A idéia de que a dança está associada ao homossexualismo é falsa, segundo a professora. “Quando uma pessoa tem tendência homossexual, ela se manifesta mais cedo ou mais tarde. Não precisa necessariamente ser dançarino, para se transformar em homossexual”, argumenta.

Entretanto ela garante que 90% dos que frequentam as academias de dança em Manaus, são mulheres.

Na escola, por exemplo, a maioria dos alunos são mulheres, acrescenta ela, afirmando que a dança ganha muita importância num momento em que a juventude anda meio perdida, tornando-se então em mais uma ocupação para o jovem.

O gratificante da situação, de acordo com a bailarina, é que na arte de ensinar “passo o conhecimento para os alunos e tenho de volta o trabalho realizado no palco”.


Veículo: A Crítica

Data: 07/04/1988

Página: 09

Caderno/Seção: Colunismo Social. Gil.

Ballet Stagium



★ No pequeno teatro da Escola de Mineração (450 lugares), apresenta-se na próxima semana com dois espetáculos, dias 12 e 13, o **ballet Stagium**.

★ Trazendo em seu programa “Quadrilha” (baseado na obra do poeta Carlos Drummond de Andrade e música de Villa-Lobos) e “Que saudade, Elis” (**pot-pourri** de músicas interpretadas pela falecida cantora e coreografia de Décio Otero).

★ O conjunto está em **tourneé** pelos brasis e Manaus é a segunda capital onde se apresentará esse mais completo e aplaudido corpo de dança paulista.

Anexo A – ID 0223

Veículo: A Crítica

Data: 09/04/1988

Página: 07

Caderno/Seção: Variedades. Gente.



Cena do espetáculo — “Que saudade Elis”, que o Ballet Stagium apresenta nos próximos dias 12 e 13, no Teatro da Escola de Mineração. A direção artística é de Márika Gidali e as coreografias de Décio Otero. O Ballet Stagium, ausente dos palcos manauaras há alguns anos, volta “dançante”, inspirado em Elis Regina, com nove quadros que trazem uma visão nova da cantora: o seu lado contagiante. “Que saudade, Elis”, chega como uma forma de levar para o palco imagem leve e despretensiosa do grupo como um todo.

Veículo: A Crítica

Data: 11/04/1988

Página: 07

Caderno/Seção: Colunismo Social. Baby.



Arte em maiúsculas

- Amanhã e depois de amanhã, espetáculos imperdíveis estarão ocupando o palco do “Teatro Stagium” se encarregará da preciosidade a ser mostrada, com seu corpo de dança abrigando artistas tidos como dos mais competentes deste País.
- O programa está dividido em duas partes bem distintas e colocadas a toda uma platéia, em forma de quadros. O primeiro por exemplo, tem claras tendências românticas, uma vez que contará da obra de Carlos Drummond de Andrade, associada a peças de Villa Lobos. Coisa assim meio divinal.
- No segundo ato, faz-se justiça e presta-se uma homenagem a maior cantante brasileira de todos os tempos: o quadro tem o título QUE SAUDADES ELIS. Aí, num entra e sai de bailarinos em, cena, nove músicas imortalizadas na voz da “Pimentinha”, receberam coreografias de Décio Otero. “Maria-Maria”, “Agora Tá” e “Fascinação” (dentre outras) estarão em cena, fazendo muita gente molhar lencinhos de linho. Ora se.
- A direção do show tem a assinatura gabaritada de Marika Gidali e para quem não sabe, o teatro finca-se lá pelos lados da Compensa, recheado de satisfatório conforto.

Veículo: A Crítica

Data: 11/04/1988

Página: 05

Caderno/Seção: Cidade

Escola de mineração apresenta o Stagium



O Ballet Stagium estréia em Manaus na terça-feira

O Ballet Stagium, um dos mais importantes grupos privados de dança do país, estará se apresentando em Manaus nos próximos dias 12 e 13, às 21 horas, no Teatro da Escola Técnica de Mineração Professor Gilberto Mestrinho. Em seu programa deste ano, o grupo dirigido pelos bailarinos Márka Gidali e Décio Otero traz as coreografias "Quadrilha" e "Que Saudade, Elis", com as quais a companhia vai percorrer a maioria dos estados brasileiros numa grande turnê. Os ingressos para os dois dias de espetáculos podem ser adquiridos com antecedência na atual sede da Superintendência de Teatro do Amazonas, na rua Ramos Ferreira, 1786 ou na própria bilheteria do teatro, na avenida Brasil, 1102, na Compensa. Reservas podem ser feitas

pelos telefones 234-2109 e 238-4008.

Aclamado pela crítica e diversas vezes premiado em festivais de dança nacionais e internacionais, o Ballet Stagium é considerado atualmente como uma das instituições artístico-culturais mais estáveis do Brasil. Foi fundado em 1970 e nesses 18 anos a sua filosofia básica continua inalterada, conforme explica a diretora do grupo Márka Gidali no programa da companhia: "Num contexto onde a dança era quase que unicamente importada e destinada a uma elite cultural, nasceu o Stagium, que tomou para si a tarefa de divulgar e popularizar essa arte, buscando uma comunicação maior entre artista e público, combinando tendências universais com aspectos tipicamente brasileiros".

Veículo: A Crítica

Data: 22/04/1988

Página: 06

Caderno/Seção: Cidade

Grupo Carbono estréia no Projeto Expressão

Estréia, hoje, no teatro da Escola da Mineração Gilberto Mestrinho, a partir das 21 horas, o espetáculo “O Estandarte do Silêncio”, com o grupo mineiro Carbono Quatorze de Teatro, reunindo um encontro com escolas de dança, ficando em cartaz até o próximo sábado.

O espetáculo que compreende um trabalho coreógrafo de oito dançarinos e diálogos entre dois atores, Irineu Dias, que interpreta um palhaço, o personagem principal do espetáculo, e Kadim Penaverde — ator e diretor da peça, que interpreta a consciência do palhaço, que se concentra numa situação de intenso questionamento pessoal.

O “Estandarte do Silêncio” é uma reflexão e análise da existência humana a partir do ponto de vista de um palhaço que faz rir, mas não compreende o riso. Estes são os pontos de destaque do texto de Kadim.

Segundo Kadim, “o palhaço é a origem do teatro”. Ele reflete a platéia, com um texto poético que relaxa e envolve, explica o diretor e ator que fala um trecho do espetáculo: “O palhaço!

A soma do preço que pagamos para rirmos da nossa própria alma... É a vez do confronto no repique da bateria; num estrondo a platéia se encendeia nas fúrias dos leões, nas pernas lindas de uma bailarina, na voz vibrante de um apresentador que anuncia para a posteridade a figura do palhaço que passa por esta cidade, colhendo risos da eternidade!”, poetisa Penaverde.

“O Estandarte do Silêncio” faz parte do projeto Expressão Brasil desenvolvido pelo grupo, com o objetivo de levar o teatro ao maior número possível de pessoas, inclusive com a participação do público. Lembra que normalmente o público é arredio, em qualquer parte do País, mas avisa que a peça não é teatro de agressão, mas de participação.

O grupo está fazendo uma turnê pelo Brasil e já passou por várias capitais como Recife, Porto Alegre, Vitória, Goiás, etc. e com confirmações para apresentar o espetáculo em Buenos Aires, Portugal, Espanha e Marrocos. Os ingressos estão à disposição do público na bilheteria do teatro ao preço de Cz\$ 500,00.

Veículo: A Crítica

Data: 26/04/1988

Página: 06

Caderno/Seção: Cidade

Dança Amazonense faz 8 anos de fundação

A Dança Regional “Amazonense”, campeã do grupo “A” do 32º Festival Folclórico do Amazonas, comemora neste sábado oito anos de fundação, que serão comemorados com muita festa pelos dirigentes e brincantes no final da rua São Vicente de Paula, bairro de Educandos. Haverá a apresentação da Dança do Candomblé, quadrilha “Casamento na Marra”, apresentação das candidatas que concorrerão à rainha do grupo e a presença do canto Gilmar, que fará um show especial para a comunidade educandense.

Foi o que garantiu ontem o presidente da agremiação, jornalista Jéerson Aranha, lembrando que para encerrar com chave de ouro no domingo haverá um bingão de 20 bois que correrá na quadra de esporte professor “Carlos Mesquita”.

A dança regional “Amazonense” foi criada pela comunidade do bairro de Educandos e a cada ano que passa vem crescendo na sua categoria como um dos melhores grupos do festival e este ano disputa a categoria especial no dia 24 de junho (sábado) com as demais concorrentes.

As comemorações de aniversário do grupo começa na sexta-feira com uma apresentação especial do grupo e de algumas peças de sua indumentária para que a comunidade possa avaliar o trabalho sério que vem sendo desenvolvido pelo dirigentes da dança “Amazonense”.

Veículo: Jornal do Comércio

Data: 06/05/1988

Página: 19

Caderno/Seção: Momento



Palco sobre rodas no Compensa

O governador Amazonino Mendes, através da Superintendência de Teatro do Amazonas, está dando continuidade ao projeto Palco Sobre Rodas, que fará sua próxima apresentação no dia 06 do corrente no bairro da Compensa. O projeto tem o objetivo de levar os artistas a apresentarem em palco armado na carroceria de caminhão, nos bairros mais populosos e carentes da cidade, conforme informou Márlino Brito.

A Superintendência objetiva, mostra às comunidades aquilo que se produz no Estado em termos de artes, de uma forma que estas pessoas tenham acesso, além de tentar criar o hábito pelas artes.

O Projeto também está iniciando o trabalho de realização de cursos para artistas destes bairros, no que diz respeito às artes circenses. Já existe um trabalho piloto no bairro do Coroado, sendo realizado pela professora Socorro. Os bairros que já receberam o Palco Sobre Rodas foram: São José, Coroado, Educandos, Santa Luzia e Betânia.

No próximo dia 06 o projeto estará visitando o bairro da Compensa, nas proximidades da Feira do Bagaço, a partir das 19 horas. Na oportunidade se apresentarão os artistas Afonso Toscano, Lúcio Bahia, Pagode Popular, Grupo de dança Experimental do Teatro Amazonas, Palhaços (texto: Novas perspectivas do Circo) e uma peça teatral.

Anexo A – ID 0229

Veículo: A Crítica

Data: 08/05/1988

Página: NI

Caderno/Seção: Colunismo Social



- O grupo de dança da Steel Band que se apresenta nesta capital esta semana.

Veículo: A Crítica

Data: 10/05/1988

Página: 05

Caderno/Seção: Colunismo Social

Coreografia: prêmio US\$ 3,5 mil

- O cearense Cláudio Silva Bernardo dividiu com um suíço o primeiro prêmio de coreografia de Lausane (Suíça): arrebatando US\$ 3,5 mil. A competição foi dirigida pelo coreógrafo francês Maurice Bejart.

- Entre os onze membros do júri, Alvin Ailey (do Alvin Ailey American Dance Theater), Luís Arrieta (diretor do ballet de São Paulo), Peter Wrigh (diretor do

Royal Ballet de Londres), Oleg Vinogradov (diretor do Ballet de Kirov, de Leningrado).

- O prêmio especial conferido ao norte-americano John Mead, por sua coreografia “Homens e Mulheres: um nó-górdio”.

- Os cinco finalistas foram escolhidos entre 263 candidatos de 33 países. Terão suas obras incluídas no repertório do Ballet Bejart, de Lausane.

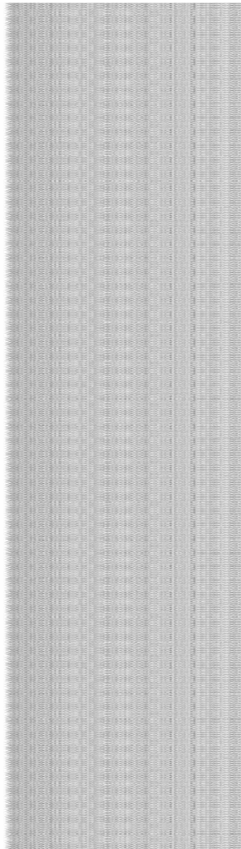
Anexo A – ID 0231

Veículo: A Crítica

Data: 10/05/1988

Página: 05

Caderno/Seção: Cidade



Veículo: Jornal do Comércio

Data: 12/05/1988

Página: 17

Caderno/Seção: Momento

“Missa Luba” será apresentado hoje

A partir das 21 horas de hoje, na escola de 1ª geração Professor Gilberto Mestrinho, será apresentado o espetáculo “Missa Luba”, promovido pela Superintendência do Teatro Amazonas, como uma reflexão sobre os 100 anos da abolição. A peça “Missa Luba” é de origem congoleza e será apresentada ao público pelo grupo de dança do Teatro Amazonas. Dando continuidade a sua programação cultural, amanhã, a partir das 20 horas, na feira-modelo da Compensa, será apresentado o projeto “Palco sobre Rodas”, que é uma atividade de

caráter estritamente popular, cujo objetivo é levar a cultura aos bairros, reunindo toda a produção artística da cidade.

Um espaço destinado à música também foi criado pela STA com objetivo de despertar o interesse pela música regional. A Superintendência informa que não é difícil o acesso dos artistas, basta dirigir-se à STA levando seus trabalhos que será agendado. Os ensaios estão sendo realizados das 15 às 18 horas, com a participação de um experiente grupo de músicos, que facilitará o trabalho de todos os artistas que queiram se apresentar.

Anexo A – ID 0233

Veículo: Amazonas em Tempo

Data: 12/05/1988

Página: 03

Caderno/Seção: Cidade

“Missa Luba” é arte

A Superintendência de Teatro do Amazonas, seguindo diretrizes do Governo Amazonino Mendes, fará apresentar hoje, a partir das 21:00 horas, no Teatro de Mineração Prof. Gilberto Mesquita, o espetáculo “Missa Luba”, como uma reflexão sobre os 100 anos de abolição.

A peça “Missa Luba” é de origem congolês e será apresentada pelo grupo de dança do Teatro Amazonas. Dando continuidade a sua programação, amanhã, a partir das 20:00 horas, será apresentado na Feira-Modelo (Compensa) o projeto “Palco Sobre Rodas”, uma atividade de caráter estritamente popular cujo objetivo é levar cultura aos bairros, num trabalho que reúne toda a produção cultural da cidade.

Um espaço destinado a música popular do Amazonas foi criado pela Superintendência, com o objetivo de despertar o interesse e criatividade de nossa música regional. Disse o superintendente Mariolino Brito que os músicos, cantores e compositores que queiram participar desse projeto, devem se dirigir à Superintendência de Teatro (Ramos Ferreira c/Emílio Moreira) levando seu trabalho que será agendado. Os enaios estão sendo realizados das 15 às 18 horas, com a participação de um experiente grupo de músicos acompanhantes para aperfeiçoar o trabalho dos participantes, inclusive na apresentação do espetáculo.

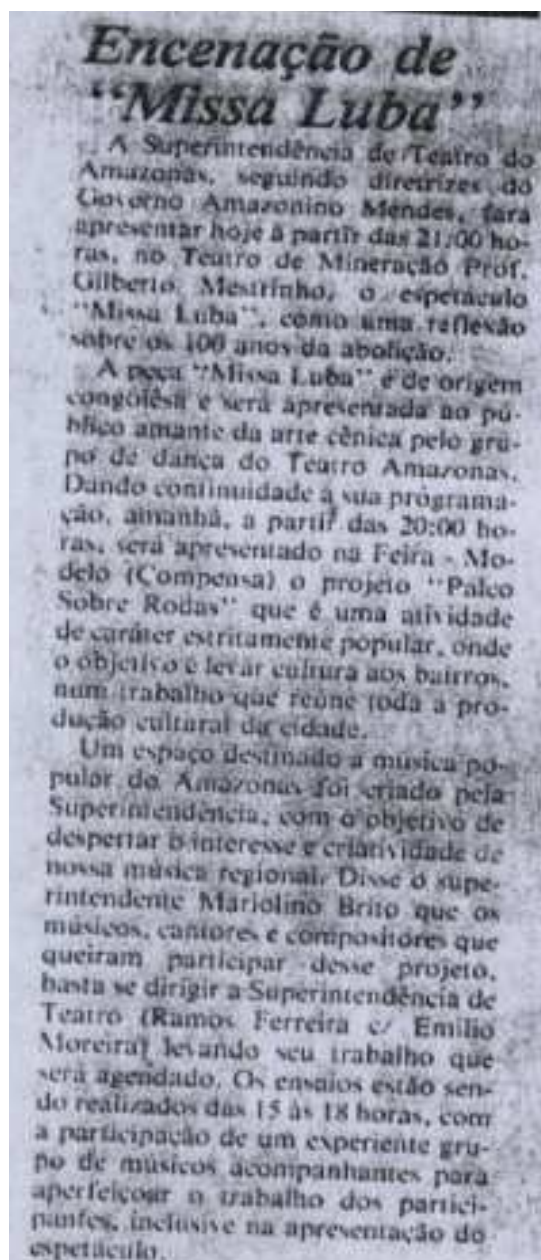
Anexo A – ID 0234

Veículo: A Notícia

Data: 12/05/1988

Página: 06

Caderno/Seção: Cidade



Veículo: A Notícia

Data: 12/05/1988

Página: 08

Caderno/Seção: Sociedade. Carlos Aguiar.

“*Missa Luba*”

★ Hoje às 21 Horas no Teatro de Mineração, acontece a estreia do espetáculo “Missa Luba” pelo Grupo Experimental de Dança do Teatro Amazonas.

★ A concepção coreográfica do espetáculo é de Wilson Real e a direção e coreografia foi assinada pela professora Conceição Souza.

★ Durante 50 minutos, os 10 bailarinos vão mostrar um trabalho que por certo será elogiado por todos. O espetáculo de hoje é para a imprensa e convidados especiais. No dia 14 entra em carreira normal no mesmo teatro, sempre às 21 horas. Vale a pena vocês agendarem.

Veículo: A Crítica

Data: 12/05/1988

Página: 06

Caderno/Seção: Cidade



Anexo A – ID 0237

Veículo: Jornal do Comércio

Data: 18/05/1988

Página: 19

Caderno/Seção: Momento. Acontece.

— ACONTECE



A Superintendência de Teatro do Amazonas, dando continuidade ao programa da música popular regional, estará apresentando, hoje, a partir das 20 horas, no Teatro de Mineração Prof. Gilberto Mestrinho, Compensa, a dupla Lúcio Bahia e Pereira. O projeto tem como objetivo despertar o interesse e criatividade de nossa música regional.

Na intensa programação da superintendência, estará sendo apresentado, no sábado, 21 e domingo, 22, naquele teatro, pelo Grupo Experimental de Dança do Teatro Amazonas, as peças "Missa Luba" e "Fragmentos", coreografados por Conceição Souza.

Nesta sexta-feira, 20, o projeto "Palco Sobre Rodas" será levado ao bairro Compensa (Feira-Modelo) onde será apresentado ao público, como inovação, a banda de violão do 7º Comar. Esse projeto é uma atividade de caráter estritamente popular sendo apresentado ao público palhaços, grupo de danças, cantores, visando levar aos bairros cultura, através da arte cênica.

Veículo: A Crítica

Data: 18/05/1988

Página: 05

Caderno/Seção: Cidade

Música popular no Teatro Oficina

A Superintendência do Teatro Amazonas, dando continuidade ao programa da música popular regional, estará apresentando hoje, a partir das 20 horas, no Teatro Oficina de Mineração Prof. Gilberto Mestrinho, na Compensa, a dupla Lócio Bähia e Pereira. O projeto tem como objetivo despertar o interesse e a criatividade de nossa música regional.

Na intensa programação da superintendência, estará sendo apresentado no sábado e domingo vindouro, naquele teatro, pelo grupo de dança do Teatro Amazonas, as peças "Missa Luba" e "Fragmentos".

Nesta sexta-feira próxima, o projeto "Palco Sobre Rodas" será levado ao bairro da Compensa (Feira-Modelo) onde será apresentada ao público, como inovação, a banda de música do 7º Comar. Esse projeto é uma atividade de caráter estritamente popular, sendo apresentados ao público, palhaços, grupo de dança e cantores, visando levar aos bairros, cultura através da arte cênica.

Veículo: Jornal do Comércio

Data: 20/05/1988

Página: 17

Caderno/Seção: Momento.

Zaratustra volta ao palco

"Zaratustra", obra do filósofo alemão Friedrich Nietzsche que foi adaptada para teatro por Francisco Cardoso, será reapresentada sábado e domingo, às 21 horas, no Teatro dos Artistas e dos Estudantes.

A peça foi apresentada anteriormente no teatro do Ceconomiz, na Escola de Mineração e no Sesc, no encontro de Agentes Culturais do Brasil e, depois de percorrer os palcos mais afastados será reapresentada no centro da cidade. Dori Carvalho, que na peça representa o Zaratustra, explica que esse espetáculo tem uma característica muito própria de ser um trabalho cuja exibição só pode ser feita num espaço que tenha as mínimas condições técnicas. "Não seria o caso de fazer apresentação, por exemplo, numa praça pública", explica, acrescentando que a proposta do grupo Origem é levá-lo a todos os teatros, e até mesmo em outros Estados já

tem apresentação marcada.

DESINTERESSE

Dori Carvalho observa que o público tem demonstrado um certo desinteresse pelo

espetáculo teatral. Os fatores que levam a isso diz ele, são econômicos e, principalmente, falta continuidade ao trabalho para criar no público o hábito de ir ao teatro. Ele aponta também como outra causa do

desinteresse a péssima qualidade da maioria dos espetáculos, que afasta o público dos palcos.

"Zaratustra é um trabalho feito com dignidade, sério, e as pessoas acabam perdendo um bom

espetáculo porque já cansaram de ver espetáculos mal feitos", lamenta Dori.

Além disso, a televisão — na opinião de Dori — acomoda o público como também "a conjuntura política faz com que as

pessoas percam o interesse por tudo ligem apenas na própria sobrevivência

ZARATUSTRA

Apesar de ser um romance escrito 1 um século, os erros que Zaratustra desenvolve o tori bastante atual. C explica Dori, "el representa os an os desejos e as v do homem do no tempo, que se de com a luta const. contra os poder ameagam sua c de ser humano. Até mesmo o cer procura reprodu realidade de Zar branco, limpo, c atores usando u figurino que no realça a limpide cenário e da pro Zaratustra. A adaptação e d ficam por conta Francisco Cardo no elenco, figur Carvalho (Zarat Almir Graça, D Almeida, Franc Cardoso, Tom T Coa Refkaletski



Anexo A – ID 0240

Veículo: A Crítica

Data: 27/05/1988

Página: 06

Caderno/Seção: Cidade

Coral Madrigal encena musical hoje e amanhã

O coral "Madrigal Santiago" promove hoje e amanhã, no Teatro da Escola de Mineração Gilberto Mestrinho, o espetáculo "Cantos e Passos da Paixão", com a participação do Núcleo Universitário de Dança Contemporânea.

A diretora do espetáculo, Socorro Santiago, explica que o evento está recebendo o apoio da Caixa Econômica Federal. "Este espetáculo cênico-musical é uma proposta à reflexão sobre o alto sentido dos fatos que constituem a paixão de Cristo, quando se rememora a vinda do Filho de Deus, que se fez homem para redimir os pecados da humanidade e morreu numa cruz.

O espetáculo foi inspirado em composições de autores — continua — do período colonial brasileiro, especialmente dedicados ao cerimonial da Semana Santa, conforme o rito da Igreja Católica na época. Os artistas convidados são Arliete Franco, Ana Lúcia Cruz, James Gomes de Araújo, João Gonçalves de Alencar e Maria Ermelinda Oliveira. O acompanhamento ao piano conta com a participação especial do maestro João Bosco da Silva Castro.

Veículo: A Crítica

Data: 30/05/1988

Página: 09

Caderno/Seção: Cultura

Curso de arte cênica no Espaço Cultural



Abrangendo aspectos técnicos das artes cênicas, está sendo realizado e vai até o dia 10 de junho, na Galeria de Artes do Espaço Cultural — Cine Qva-Non — cursos sobre maquilagem, expressão corporal e máscaras.

A promoção é da Cia. Vitória Régia e o objetivo é estimular pesquisa, criação e o conhecimento, a partir de materiais básicos com que trabalha o artista: as cores, as formas e o seu próprio corpo.

Os promotores das oficinas explicam que a maquilagem é uma arte que influencia a criatividade no trabalho do ator, do bailarino, etc. Um dos objetivos dessa oficina é estimular o artista de palco à criação e execução de sua própria maquilagem, a partir das relações entre uma personalidade existente.

Este trabalho consistirá também, em atividades que envolvam o corpo por completo, não separando o rosto como única zona de expressão.

A oficina expressão corporal, visa desenvolver a sensibilidade, a flexibilidade e ritmo de corpo num trabalho em conjunto com a consciência. As atividades serão divididas em duas fases: movimento conduzido e movimento livre.

Na oficina Máscaras, os trabalhos serão desenvolvidos com as diversas técnicas de confecção e utilização de máscaras e adereços cenográficos. Os participantes aprenderão todo o processo que transforma a matéria-prima em objetos artísticos, e o manuseio desses objetos como recursos cênicos.

Veículo: A Crítica

Data: 27/06/1988

Página: 09

Caderno/Seção: Cultura

No palco, a irreverência de Wagner Mello

Depois do Rio de Janeiro, São Paulo, Bogotá e Paris, o primeiro texto do ator e diretor amazonense Wagner Mello está sendo montado em Manaus pelo grupo Jurupari. "Minhas Noites de Rock", é um espetáculo que não se envergonha de ser amazonense. Irônico, irreverente, mordaz, alegre e divertido, Wagner Mello, fala da Copa, a euforia e o fracasso do Plano Cruzado, as eleições e a mentira que se entrelaçam em noites de rock.

"Minhas Noites de Rock" estreia dia 8 de julho, no auditório Manoel Amed, em Itacoatiara, retornando para Manaus, onde ficará em cartaz nos dias 14, 15 e 16, no Teatro Escola de Mineração, e nos dias 22, 23 e 24 de julho, no Teatro dos Artistas e dos Estudantes (rua Ramos Ferreira, s/nº), depois parte para Santarém, onde se apresentará nos dias 5, 6 e 7 de agosto.

O espetáculo é a história do Brasil, no período entre a Copa de 86, a euforia e fracasso do Plano Cruzado, as eleições e a Constituinte, refletida num conjunto de rock amazonsense, que soa com o sucesso no Sul. Tudo isso numa comédia irreverente e mordaz que não poupa ninguém da crítica de um tempo de mentira e corrupção.

Segundo Wagner Mello, um dia quando falarmos sobre este duro período que estamos vivendo, poderíamos dar um título: O período da mentira e da hipocrisia. "Este tema é meu favorito. Sempre foi. Do leseirol eu tirei mais a estrutura dramaturgica do que a ideologia. A linguagem das esquetes, o musical, o deboche, a chanchada, o rompimento com o idealismo sem abrir mão dele".

Quem é Wagner Mello — Wagner Mello é um amazonense conhecido nacionalmente por seus trabalhos tanto no teatro como no cinema, que em 58, rebelde sem causa, fã de James Dean, se mandou para Belém, onde viveu 5 anos e não assistiu a decadência da rica família. Viveu em pensões de estudantes, rompeu com as tradições das tradicionais famílias. Emigrou para o Rio



Grupo Jurupari volta com "Minhas Noites de Rock"

de Janeiro onde fez vestibular para jornalismo e teatro, dedicando-se mais tarde apenas ao teatro, formando-se em 67 no Curso de Direção do Conservatório Nacional de Teatro, atual Fiesferg. É, portanto, bacharel em Artes Cênicas. Teve sua primeira direção um mês depois no "Stanislaw Ponte Preta e Sexo Zangado de Max Frisch", onde dirigiu Adriana Pietto, a primeira grande estrela do cinema brasileiro, e Nella Tavares, hoje uma das mulheres intelectuais mais importantes do Brasil. Daí saiu feito cigano ou saltimbanco pelo mundo.

Em 70, retornou a Manaus contratado pela Fundação Cultural do Amazo-

nas, onde deu cursos de teatro e dirigiu três espetáculos. Em 72, viajou para a Colômbia em missão cultural do Itamarati, para lecionar Expressão Corporal e Pedagogia Teatral na Universidade da Colômbia.

Na volta, em 74, passou por Manaus e ministrou um curso de teatro e dirigiu dois espetáculos. Desses cursos e montagens, formou nomes, hoje consagrados, no teatro amazonsense como Beekinha, Barrote, Lena de Sá, Fábio Marques, Zé Correia e tantos outros.

Retornando ao Rio de Janeiro, uniu-se ao grupo Dzi Croquetes, composto basicamente por ex-companheiros do Conservatório Nacional de Teatro, e

com eles montou o texto de sua autoria e de Cláudio Tovar, "Romance", em que 75 foi levado a Paris, com sucesso de público e crítica. Depois veio a fase global, onde trabalhou na série "Aplausos", fazendo os visuais de "O Tesouro de Chica da Silva", "Só o Faraó tem Alma", os figurinos da abertura do programa "Cometa Loucura" e o especial de 81, de Roberto Carlos.

No cinema, fez "O Coronel e o Lobisomem", com o qual ganhou o prêmio de Melhor Cenógrafo do Ano. Para Renato Aragão fez os adereços do "Cangaceiro Trapalhão".

Em 82, na primeira esperança de democracia, voltou a Manaus para participar da nova administração e integrou-se à Seduc/CAC, onde implantou o Teatro Escola do Amazonas. Como dramaturgo escreveu 13 peças, além de um romance e vários livros de poesia.

Quem faz "Minhas Noites de Rock" — O elenco de "Minhas Noites de Rock" é formado por: Edgar Higno, Luiz (Lu) é crooner de rock, o músico, o músico. Participou como ator do espetáculo "Aprendiz de Feliteira" e "Formiguinha Fofoqueira". Francisca Golvim interpreta Siri, singaita engraçada que só serve para divertir os outros com tiradas inteligentes. Uma cabocinha amazonense. Made in Zona Franca. Rojê Ribamar — Ceté — é contra-regra do grupo, que às escondidas estuda bateria e acaba se tornando o oficial dos maltratados. Rebelo Júnior — Profeta — é o mais velho do grupo de rock "Os Maltratados sem Sucesso".

O grupo de Teatro e Dança "Jurupari" foi fundado pelos alunos da Escola de 1º e 2º Grau Petrônio Portela e participou de várias amostras de artes cênicas e já apresentaram famosos nomes no teatro brasileiro como Maria Clara Machado, no Teatro Amazonas.

O grupo convida ao público a morrer de rir de si mesmo e chorar de emoção e de vergonha de ser brasileiro, ao preço de Cz\$ 300,00.

Veículo: A Crítica

Data: 09/071988

Página: 03

Caderno/Seção: Cidade

Praça movimentada com 1ª Feirafro

Com o objetivo de chamar a atenção do público para a problemática do negro no Brasil foi dada continuidade ontem na Praça São Sebastião à 1ª Feirafro organizada pela Comissão Estadual de Programação do Centenário da Abolição — Procem.

Desde às 16 horas foram apresentadas exposições de documentos, fotos, umbanda, candomblé, artesanato, entre outras coisas. A partir das 20 horas foi a vez da apresentação dos grupos de dança Wilson Reis, Capoeira do Sesc, Grupo Canoeiros, o ballet Abolição e o cantor Lúcio Bahia.

Nos próximos dias serão apresentados o grupo de dança do Sesc, o ballet Fragmentos — Gedam, Grupo Teatral Ruy Brito, o coral do Sesc, Capoeira Acesa, ballet Missa Luba e o afoxé Malungo Dudu. Segundo a maioria das pessoas que participaram ontem da Feirafro, eventos como este já deveriam ter sido feitos há muito tempo para mostrar a importância do negro no Brasil. “O negro ainda é marginalizado pela sociedade e através de eventos como estes poderemos inculcar na cabeça das pessoas, principalmente das crianças, o respeito ao irmão de cor”, disse Ana Maciel.

Veículo: A Crítica

Data: 22/071988

Página: 07

Caderno/Seção: Colunismo Social. Gente.

Dança: informações e reciclagem

••• A Seduc promove logo mais no Teatro dos Artistas e dos Estudantes o Curso de Informações e Reciclagem em Dança, para professores e bailarinos com experiência de dois anos.

••• Paulo Henrique Torres, jovem bailarino amazonense, atualmente residindo no Rio de Janeiro, onde cursa a Escola Estadual Maria Olenewa, estando de passagem por aqui, propõe-se a repassar aos colegas as atualizações tão necessárias a um trabalho, que na verdade é bem complexo e abrangente.

••• O curso vai até quatro de agosto, sempre a partir das 14 horas.

Anexo A – ID 0245

Veículo: A Crítica

Data: 30/071988

Página: 03

Caderno/Seção: Cidade

Manhã Cultural na Praça da Polícia

Com o patrocínio da Superintendência Cultural do Amazonas, estará sendo realizado hoje na Praça Heliodoro Balbi (Praça da Polícia), o Projeto Manhã Cultural e Música Popular Internacional. O acontecimento visa a integração entre público e artista, abrindo um espaço para os novos talentos do Amazonas mostrarem suas artes.

A promoção de hoje, é a 8ª Manhã Cultural, que entre outras atrações, trará os trabalhos dos artistas plásticos Eliberto Barroncas, o melhor da música de Candinho e Inês, músicos manauaras da melhor qualidade, que farão um show ao vivo, mostrando suas composições antigas e recentes.

Ainda no programa de hoje, está incluído a apresentação do Grupo de Pagode Resto de Panela, e dos atores Celestino Neto e Germana, que farão performances em cima da poesia de nossos poetas. O Grupo de Dança Gedeam, estará mostrando uma coreografia especialmente criada para esta apresentação na Praça da Polícia.

No período da noite, no mesmo local, o público poderá assistir uma outra atração especial, dessa feita um concerto de música popular internacional, com a presença do cantor de música country Jack Tottle e da fiddle player Ruth Fox, através do convênio entre SCA/OCA Turismo, que darão a oportunidade aos amantes da música country de Manaus, a assistirem a um espetáculo inesquecível, pela versatilidade dos dois shows que são Jack e Ruth.

Veículo: A Crítica

Data: 31/071988

Página: 09

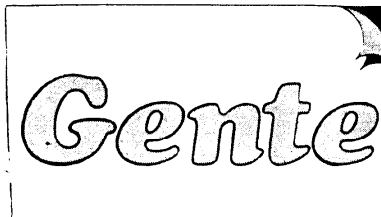
Caderno/Seção: Colunismo Social. Gente. Destaques.



Fauze Saliba, o mago da dança virá para temporada manauara

Exemplo a seguir

- Recife destinará 50% do ISS que arrecada junto à rede hoteleira ao Fundo de Incentivo ao Turismo da cidade. A medida, definida pelo prefeito Jarbas Vasconcelos deverá representar uma quantia estimada em Cr\$ 28 milhões até o final do ano. Em 1989, quando todos os recursos arrecadados à rede hoteleira serão carreados ao fundo, isso deverá representar um valor estimado em Cr\$ 400 milhões.
- A capital pernambucana quer aumentar o fluxo turístico, recuperando a sua antiga posição de 3º maior pólo receptivo do País, agora situado em 9º lugar.
- Está aí uma saudável medida a ser seguida pela administração municipal de Manaus, que ultimamente vem perdendo terreno como atração turística nacional.



Vistoria

- Dentro de um mês, a vistoria de veículos para fins de lação será obrigatória e realizada nas concessionárias autorizadas das marcas.
- A vistoria custará ao proprietário do veículo em torno de uma OIT. Vinte e sete dias de segurança dos veículos serão concedidos.

Destaques

- Em rápida temporada manauara a bonitíssima Joyce Valente. Veio especialmente para o nat do tio Simeão Sobre Araújo, acontecido na sexta-feira passada e comemorado apenas em família. Ela retorna ao Rio de Janeiro, onde mantém endereço fixo, amanhã.
- O secretário Euler Ribeiro é o aniversariante de hoje. A data será comemorada em grande estilo na próxima sexta-feira. Sua chicensa Ednéa já programando a badalação.
- Neise Saíd Valente foi violentamente acertada pelas setas certeiras do Cupido. A brilhante economista no entanto está mantendo o nome do seu love no maior segredo para poder curtir o romance longe de mentes e linguas farnas. Certíssima.
- Manasseh Barbosa e Alane Braga, através das suas moderníssimas academias estão trazendo para Manaus, Fauze Saliba, coreógrafo e bailarino, com trabalhos para a Rede Globo e Rede Manchete, vencedor do último Festival Dança e Dança no Circo Voador do Rio de Janeiro, e já participou de espetáculos com Lucinha Lins e Claudio Tovar. Ele virá fixar residência em Manaus para ministrar aulas nas Academias Hilt e Ariane Braga no período de 3 meses, para no final da temporada montar espetáculo musical com os alunos dos cursos. Aplausos para Manasseh e Alane pela brilhante idéia.
- A embaixadora Maristela

Veículo: A Crítica

Data: 28/081988

Página: 09

Caderno/Seção: Colunismo Social. Gil.

Espectáculo de dança: Shigayama

★ Periodicamente em **tourné** mundo afora, chega a esta capital para um espetáculo nesta noite no teatro de Mineração, com as benesses da Associação Cultural Nipo-Brasileira da Amazônia Ocidental e Fundação Cultural do Amazonas, das antiquíssimas companhias japonesas fundada no século XVII por Mansaku Shigayama. — A mais tradicional escola de dança do Japão.

★ Espectáculo de Dança Tradicional Japonesa por integrantes da Cia. Shigayama.

★ A promoção, inclui-se nas comemorações dos 80 anos de imigração japonesa no Brasil.

★ Detalhe: essa mesma companhia já esteve na Turquia e Iraque. Compondo seu elenco Akiko Shimizu e Keiko Okucho. A dança que interpretam está relacionada com o teatro Kabuki e Nô, realçando a liberdade de formas e expressões.

Veículo: A Crítica

Data: 28/081988

Página: 05

Caderno/Seção: Cidade

Teatro de Mineração apresenta a dança japonesa Shigayama

Como promoção da Fundação Cultural do Amazonas e Associação Cultural Nipo-Brasileira da Amazônia, estará se apresentando em Manaus, às 20h00 de amanhã, no Teatro da Escola Técnica de Mineração (Av. Brasil — Compensa), a Companhia Japonesa de Dança Shigayama, a mais antiga dentre as muitas escolas de dança tradicional do Japão. A promoção está incluída nas comemorações dos 80 anos de imigração japonesa no Brasil.

Fundada por Mansaku Shigayama, na era de Edo (século XVII), a Escola Shigayama de Dança é a mais antiga dentre as muitas escolas tradicionais do Japão. A sua característica mais importante é ser puramente artística, apresentando-se apenas em teatros.

Caracteriza-se essa escola pela conservação da tradição da antiga dança japonesa, em relação estreita com o teatro Kabuki e Nô, dentro de critérios amplos, nos quais se realça a liberdade de formas e de expressões, valores que procura conservar em toda a sua nobreza e dignidade, descrevendo ao mesmo tempo, todo realismo e psicologia dos personagens da obra.

Veículo: A Crítica

Data: 09/10/1988

Página: 03

Caderno/Seção: Cidade

Cultura artística na programação do Teatro

A Coordenadora da Superintendência do Teatro Amazonas, também está engajada na programação que objetiva levar cultura artística a todas as crianças carentes, através do projeto "Teatro sobre rodas, durante comemoração da Semana da Criança.

Para isto, a partir de ontem, às 18 horas no colégio Tomé de Medeiros Raposo, no conjunto Hiléia, foi aberta a semana da criança com uma programação bastante variada envolvendo grupo de capoeira "Mar Azul", teatro de bonecos com o mamulengueiro mestre Zé Inácio, grupo de dança do Teatro Amazonas, grupo de pagode do Morro, além da presença do mágico mirter Wal.

Para o dia 10, próxima segunda-feira, o Teatro sobre Rodas se dirigirá para a rua Ceará, bairro de Santa Lu-

zia, quando apresentara o magico Gilbardine e seu grupo circense. Na ocasião serão apresentados espetáculos de mágicas, malabarismo e show musical com palhaços.

Atendendo a solicitação no próximo dia 12 o teatro retornará à escola Tomé Medeiros de Raposo, levando palhaços, mágicos e outras atrações circense.

Ainda no dia 12, por volta das 17 horas o Teatro sobre Rodas deverá se apresentar na quadra do Grêmio Recreativo Escola de Samba do Reino Unido da Liberdade, com palhaços, mágicos, equilibristas, teatro com bonecos, além de contar com a participação dos valores artísticos da comunidade como a Bateria Mirim do Reino Unido.

Veículo: A Crítica

Data: 09/10/1988

Página: 03

Caderno/Seção: Cidade

Circo, música e dança na praça

Atração circense, música popular, grupos de danças e uma vasta distribuição de brindes, fizeram ontem de manhã a alegria da criançada na Praça da Polícia, como parte da programação da Semana da Criança, elaborada pela Superintendência Cultural do Amazonas (SCA).

A festa, que reuniu um grande número de crianças, teve como atração que mais agradou a garotada a apresentação da Associação Circense do Amazonas, tendo à frente o artista Gildardino e sua turma, com número de magia e ilusionismo, que provocaram espanto e alegria aos presentes.

Todas as crianças que participaram da programação receberam um número com direito a concorrerem a sorteios de brindes e dos livros "Sucuri-Juju", de Cacilda Barbosa, e do livro de Artur Engrácio "Outras Histórias do Submundo".

Além dos sorteios e apresentações circenses de dança, o SCA brindou a criançada com duas apresentações de dança. O grupo de dança do Teatro dos Artistas e dos Estudantes, sob a coordenação da professora Marta Marti, que coordenou também o Grupo Balé da Abolição, que apresentou

coreografia da dança da capoeira, homenagem a Xangô, Iemanjá e à Abolição, tendo em seu elenco os dançarinos Gilcy, Gilmara, Cleide, Patrícia, Jackeline, Micherlino, Francilene, Gilizete e Kid Manall.

A maioria das crianças, que pela primeira vez assistiam um espetáculo dessa natureza, mostrava-se encantadas com as cores e ritmos das danças. Como retribuição a oportunidade oferecida, aplaudiam com entusiasmo os grupos de dança, ao mesmo tempo em que tentavam imitar os passes das dançarinas.

Veículo: A Crítica

Data: 13/10/1988

Página: 03

Caderno/Seção: Cidade

Corpo de dança do TA sem apoio

A marginalização a que estão submetidos os bailarinos do corpo de dança do Teatro Amazonas foi denunciada ontem, na redação de *A Crítica*, através de uma nota, encaminhada ao superintendente.

O grupo exige condições para o trabalho que executa, tais como alimentação, através do convênio com a Escola de Mineração, manutenção do figurino, transporte para apresentações fora do espaço de trabalho e aparelhagem de som que permita a realização de um trabalho decente e ainda com possibilidades de reciclagem. Eles acusam a atual superintendência de vir negligenciando no que diz respeito ao apoio ao setor artístico. O grupo faz questão de ressaltar ser dispensável qualquer tentativa de elucidação da atual situação econômica do País e acrescenta que a remuneração recebida não corresponde nem de longe à prestação de serviços, uma vez que esta só cobre os gastos com o transporte.

Eles pleiteiam o Piso Nacional de Salários, além de verbas extras para aquisição de material permanente como discos e fitas. Os bailarinos chamam a atenção do governo para a falta de apoio à cultura no Estado e denunciam o total descaso da atual administração.

Veículo: A Crítica

Data: 17/10/1988

Página: 04

Caderno/Seção: Colunismo Social. Coisas dos Circuitos.

• Fauze Saliba, professor, coreógrafo e bailarino, da melhor qualidade, no próximo dia 19 inicia curso de dança e expressão corporal, especialmente para modelos e manequins. As aulas acontecerão nas academias Ifilt e Alane, de onde ele é professor.

Veículo: A Crítica

Data: 12/11/1988

Página: 05

Caderno/Seção: Cidade

Grupo de Parintins é atração para Manaus

José Tiago

O Grupo "Yauaca" está em Manaus, onde inicia suas atividades de Danças e Costumes indígenas no seu cotidiano. Encenados por atores nativos da Ilha Tupinambá (Parintins) dirigidos pela STA (Superintendência do Teatro Amazonas). Manoelino de Brito e com total apoio do prefeito de Parintins, Gláucio Gonçalves que se preocupa em mostrar um trabalho totalmente autêntico de Folclore de Parintins.

O Yauaca vai mostrar em 2 espetáculos em Manaus, sendo o primeiro no Tropical Hotel para turistas e governador para avaliação desse trabalho, já que o Grupo vai para o Canadá em nome do Amazonas. Em seguida o "Yauaca" faz apresentações para o público nas beiradas de Manaus.



Grupo parintinense apresenta o melhor do folclore

Roberto Zuazo viajou para o Canadá para acertar os últimos detalhes para a apresentação do Grupo durante 6 meses no exterior e a antropóloga Rita prepara o projeto com dados e pesquisas indígenas para encenações místicas.

O coreógrafo Wilson, da STA, continua os ensaios de Dança do Yauaca.

Veículo: A Crítica

Data: 03/12/1988

Página: 03

Caderno/Seção: Cidade

Mostra de arte encerra o curso

O Setor de Artes da Universidade do Amazonas encerrará na próxima terça-feira, dia 6, as atividades deste ano letivo, com a apresentação, às 19 horas, no teatro da Escola de Mineração, do espetáculo “As Artes de Clara Luz”, interpretado pelos alunos de Música e Movimento, Musicalização, Coro Infantil e Dança Juventude. Também está programada uma exposição, no hall do teatro, de trabalhos infantis realizados no atelier de artes plásticas do Setor de Artes da UA. A entrada será franca.

Nos dias 14 e 15 próximos, quarta e quinta-feira, haverá, ainda, a apresentação às 21 horas, no mesmo teatro, do Coral Universitário e Núcleo Universitário de Dança Contemporânea — Nudac, que farão a mostra do espetáculo “Festa de Brasil”. Para este espetáculo serão cobrados ingressos ao preço de Cz\$ 1.000,00.

Anexo A – ID 0255

Veículo: A Crítica

Data: 13/12/1988

Página: 11

Caderno/Seção: Cidade

Mostra de Artes Cênicas continua

Nesta terça-feira a 6ª Mostra Estudantil de Artes Cênicas, promovida pela Secretaria da Educação e Cultura prossegue com a apresentação, a partir das 18 horas, com a peça infantil Joanelha na Floresta Amarela Encantada Amazônica, texto e direção de Wellington Maria, pelo Grupo Armação Mix, da Unidade Educacional da Cachoeirinha, segue a apresentação do Grupo Miraquitã, do Centro Integrado de Educação Christus, Ciec, com a encenação poética Cantarim de Cantará baseado em Morte e Vida Severina, de João Cabral de Melo Neto, com direção de Luis VITALI. Encerrando a apresentação de hoje da 6ª Mostra, o Grupo Juru-pari de Teatro e Dança, apresenta Melodia Sentimental criação das coreografias e direção de Adalto Gil.

A 6ª Mostra Estudantil de Artes Cênicas e evento cultural onde são apresentados os trabalhos elaborados por alunos, professores e artistas da comunidade, e tem a proposta de política educativa e cultural de ser portal da descoberta das possibilidades artísticas de crianças e jovens adolescentes. As peças e danças que são apresentadas constituem com a nascente expressão de uma nova geração de pessoas interessadas nas artes cênicas.

A 6ª Mostra pretende também a formação de um novo público, o que vem se constituindo como um êxito comprovado, pela grande afluência na platéia do Teatro dos Artistas e dos Estudantes.

Amanhã serão apresentados Quem Matou o Leão, de Maria Clara Machado, do Grupo Pirata, direção de Elias Monteiro, pela Unidade Educacional da Betânia, o espetáculo de dança Brasil Cara a Cara, direção de Ana Mendes para a Unidade Educacional Parque Dez, Dulcinéia e o Vilão e Maroquinhas e Zé Meloso, pelo Grupo de Teatro e Dança Juru-pari, da U.E. Alvorada, e a encenação poética do Colégio N. Sra. Auxiliadora, Estrela da Vida Inteira, de Manoel Bandeira, com direção de Vládia Cantanhede.

A entrada é gratuita, sempre a partir das 18 horas.

Veículo: A Crítica

Data: 14/12/1988

Página: 03

Caderno/Seção: Cidade

Coral da UA com “Festa do Brasil”

O Coral Universitário e o Nudac — Núcleo Universitário de Dança Contemporânea apresentam-se hoje e amanhã, às 21 horas, no teatro da Escola de Mineração, na Compensa, em espetáculo denominado “Festa de Brasil”, que marcará o encerramento, este ano, das atividades do Setor de artes da UA. É uma oportunidade para que se possa rever ou conhecer o que a Universidade possui de melhor no campo artístico, o grupo vocal sob a regência do maestro Nivaldo Santiago, e o Nudac, sob a direção da coreógrafa Lia Sampaio. Vale a pena assistir à apresentação dos dois grupos.

Anexo A – ID 0257

Veículo: A Crítica

Data: 14/12/1988

Página: 05

Caderno/Seção: Colunismo Social

- Inaugura-se amanhã em fins de tarde nesta Verdecap o restaurante e american bar **Búfalo** do Jockey Club de São Paulo, agência Manaus. À Joaquim Nabuco.

- **Nas noites de 14 e 15 desta semana no Teatro da Mineração sob a regência do maestro Nivaldo Santiago juntamente com o Núcleo Universitário**

de Dança Contemporânea da UA, dirigido por Lia Sampaio, apresentação do espetáculo “Festa de Brasil”.

- Dos mais antigos conjuntos musicais destes brasis, Os Embaixadores, festejam no sábado véspera de Natal, os 21 anos de atividades com um rebu na Super Star. Com a presença do grupo Carrapicho.

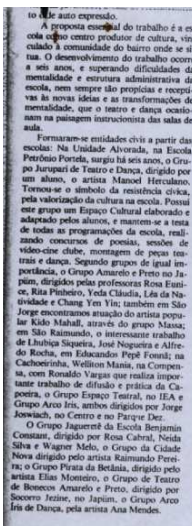
Anexo A – ID 0258

Veículo: A Crítica

Data: 19/12/1988

Página: 03

Caderno/Seção: Cidade



1989

Anexo A – ID 0259

Veículo: A Crítica

Data: 01/02/1989

Página: 05

Caderno/Seção: Cidade

Seduc realiza no TAE cursos de teatro de dança

A Secretaria da Educação e Cultura está realizando no Teatro dos Artistas e dos Estudantes uma das mais importantes mobilizações da infância e juventude. Trata-se da programação de cursos de férias, o Feriarte, que está oferecendo cursos de teatro e dança nos turnos de funcionamento daquele centro de estudo e pesquisas de artes cênicas.

Este é o terceiro ano de execução do Feriarte, que é uma proposta simplificada e viável de trazer a participação sadia e atuante de crianças e adolescentes em cursos livres de dança, para iniciantes e iniciados e do mesmo modo na área de teatro.

Com mais de 200 participantes inscritos, a Seduc, através de sua coordenação de Assuntos Culturais, teve que estender o Feriarte para escolas dos bairros da cidade como estratégia de utilização do espaço físico ocioso da escola durante as férias, e assim no bairro de São Jorge, na escola Fueth Paulo Mourão, os artistas Kid Mahall (teatro) e Ronaldo Vargas (capoeira) estão trabalhando com os alunos nos turnos da manhã e tarde. Na Betânia (escola Antônio Lucena Bittencourt), o artista popular Elias Monteiro está atuando com 60 jovens em teatro e dança; no bairro de Educandos, no Centro Interescolar J. G. Araújo, o artista Pepê Fonna atua com 50 crianças em atividades de animação que integram o teatro, música e artes plásticas; no Alvorada, na escola Petrônio Portella, Adalto Gil (bailarino) e Manuel Hercula (ator) ministram oficinas de sensibilização de dança e teatro, respectivamente; na sala do Espaço Cultural Jurupari e no centro do Colégio Estadual do Amazonas, pela manhã, trabalham os artistas Luís Vitali e Gegê Sadim, com uma oficina de iniciação teatral.

Pela primeira vez atingindo os bairros, o Feriarte vai alcançando o seu objetivo que é o de trazer à participação da comunidade estudantil, crianças e jovens para atividades que estimulam a auto-expressão e que sejam um portal para o despontar de novos talentos produtores de cultura, a partir da escola.

No TAE — A partir das 8 horas, o bailarino Adalto Gil recebe as crianças para a primeira turma do Teatro dos Artistas e dos Estudantes, que ganha um colorido especial com animação dos pequenos. As 9h30m, entra a segunda turma, e desta vez participam adolescentes, também na faixa de iniciação.

Anexo A – ID 0260

Veículo: A Crítica

Data: 02/03/1989

Página: 07

Caderno/Seção: Colunismo Social. Gente.

Começam a partir de hoje as aulas de Teatro e Dança dos cursos livres do Teatro dos Artistas e dos Estudantes, que a Secretaria de Educação e Cultura oferece gratuitamente a comunidade e alunos da rede de ensino público.

★ ★ ★ Atendendo nos três turnos, a Seduc apresenta um elenco de profissionais de experiência comprovada, em dança Chang Yan Yin, Marta Martí e Eleusa de Quevedo Cardoso, em teatro Wagner

Melo, Vital Melo e Jorge Joswiack.

★ ★ ★ Os cursos estão na faixa da iniciação, e trazem como inovação, a parte de teatro para a infância, dirigida por Joswiack, a iniciação teatral, por Vital Melo e interpretação por Wagner Melo.

★ ★ ★ Com mais de duzentos inscritos, os cursos do Teatro dos Artistas e dos Estudantes, representam uma iniciativa de sucesso comprovado, em dois anos de realização.

Veículo: A Crítica

Data: 22/03/1989

Página: 07

Caderno/Seção: Colunismo Social. Gente.

A Amazônia na ponta dos pés

*** O balé Stagium estreou ontem em São Paulo o espetáculo "Floresta do Amazonas", dirigido por Márka Gidali e Décio Otero.

*** E para representar as mudanças por que vem passando a Amazônia, o espetáculo não tem definido palco nem platéia. O cenário, assinado por Marcos Weinstock toma todo o teatro (TUCA), usando como fundo a música "Floresta do Amazonas" de

Villas-Lobos, com arranjos de Wagner Tiso.

*** São 12 bailarinos e cinquenta figurantes em cena, denunciando através de movimentos as transformações da Amazônia.

O Stagium, já tantas vezes aplaudido pelo público amazonense, bem poderia entrar na programação de reabertura do nosso Teatro Amazonas com este espetáculo. Fica a dica.

Veículo: A Crítica

Data: 07/05/1989

Página: 06

Caderno/Seção: Cidade

Grupos de danças no Teatro dos Artistas

Os grupos de dança Irmãos Cobra, Fera e da Academia Golfinho, estarão realizando, nos próximos dias 13 e 14 de maio, às 20 horas, no Teatro dos Artistas, apresentações de danças "black", "jazz" e "clássicas", em homenagem ao Dia das Mães.

Os ingressos poderão ser adquiridos no próprio Teatro dos Artistas ao preço de 2 cruzados e, conforme o professor de dança Almir Jackson, responsável pelo grupo da Academia Golfinho, a apresentação do pessoal promete ser um grande espetáculo, haja vista que os 60 participantes, sendo 40 do grupo Irmãos Cobra, 8 do Grupo Fera e 12 da Academia Golfinho, realizaram vários ensaios para que a apresentação sensibilize os presentes, principalmente as mães, que estarão sendo homenageadas pela passagem do seu dia.

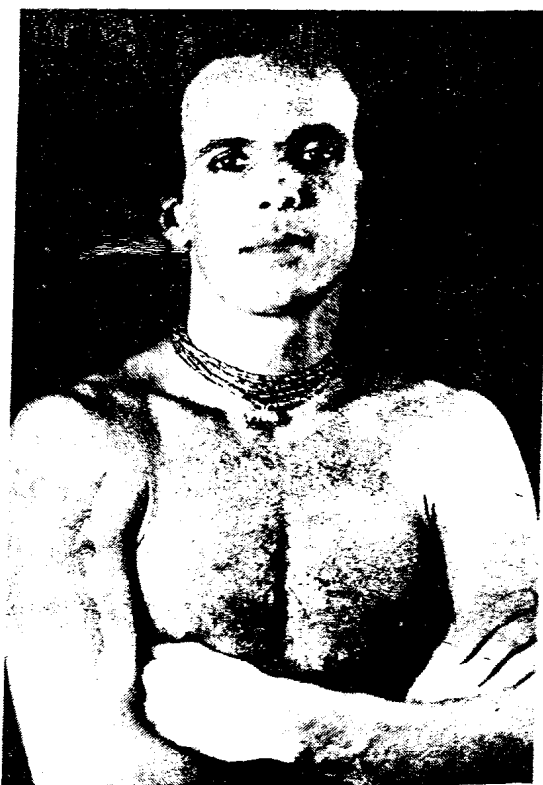
Anexo A – ID 0263

Veículo: A Crítica

Data: 20/05/1989

Página: 05

Caderno/Seção: Colunismo Social. Gil.



Ciro Barcellos, hoje no Teatro Cecomiz

O Teatro Cecomiz apresenta hoje o show de dança Bahkti, com os dançarinos Ciro Barcellos e Moacir Gomes. ★☆☆ Barcellos não poderia ser outro, senão o dançarino psicodélico da abertura do "Fantástico". ★☆☆ Para quem gosta de figurinos, uma surpresa: os dançarinos apresentam o espetáculo despidos. Ouriço geral!

Anexo A – ID 0264

Veículo: A Crítica

Data: 22/05/1989

Página: 07

Caderno/Seção: Especial. Sérgio Lopes.



Veículo: A Crítica

Data: 23/05/1989

Página: 06

Caderno/Seção: Cidade.

Espetáculo 'Repiquete' volta à cena em junho

O espetáculo Repiquete, texto de Francisco Carlos, com direção de Vital Melo, e apresentada pelo Grupo de Alunos do Teatro dos Artistas e dos Estudantes, com produção financiada e promovida pela Secretaria da Educação e Cultura, deve voltar no mês de junho, comemorando um ano de cartaz e mais de cinquenta apresentações, em escolas, comunidades, teatros e circuitos de arte, enfim onde houvesse um público ávido de arte e conhecimento de Amazônia, este trabalho foi levado.

A comemoração de seu primeiro ano, a partir de uma montagem estudantil, é algo inédito, considerando-se que espetáculos locais costumam estrear e sair de cartaz imediatamente, ou são feitos para exibição em festivais, sendo imediatamente desfeitos, após o retorno a Manaus.

Repiquete cumpriu o destino de uma filosofia de política cultural, que é a preservação e a continuidade da obra de arte, para o seu amadurecimento cênico. Uma postura que não reflete o oportunismo carreirista e imediatista, de tantas experiências, que no final das contas naufragam, porque não trazem nenhuma fundamentação profunda, que justifique a necessidade da montagem.

Para sua elaboração o diretor Vital Melo viajou com todo o elenco, até Parintins, e de lá até as localidades de cultivo de juta. Objetivando a compreensão da questão enfocada pelo espetáculo, que denuncia exploração do homem, que cultiva e sobrevive em condições miseráveis com sua família. A saga de Pedro Merda, Zita e Guiomar fazia sucesso tranquilamente em qualquer lugar onde o regionalismo amazônico fosse tratado com o devido respeito. Em Nova Iorque ou Paris o assunto do dia é a Amazônia de Chico Mendes, o ecologista barbaramente assassinado, e esta peça pelo tratamento cênico apurado teria aceitabilidade, e principalmente por se tratar de uma experiência

educacional e cultural, que faria o delírio de qualquer intelectual progressista, pois o setor da escola está dando a resposta cultural, contra o imobilismo e a morbididade, que caracterizam o movimento artístico local. A juventude popular desta cidade preocupada com a expressão cultural de sua terra, é um tanto e tanto a ser valorizado sob o ponto de vista político e cultural.

No elenco estão Leonor Marinho, Janicley Mendonça, Kid Mahall, Ivo Teixeira, Amarildo Amazonas e a participação de Gegê Sadim. Na equipe técnica pessoas da maior seriedade contribuíram, para a sua realização, o artista plástico Edgar Alecrim, fez a programação visual, a coreografia é da professora Chang Ying, as fotografias são de João Guilherme, a sonoplastia é de Hélio Marques, a iluminação e efeitos são de Diógenes Bataia, figurinos de Antonio Balalaia, o cenário foi elaborado pela carpintaria da Seduc.

A importância da Repiquete está no fato de sua contemporaneidade temática, abordada com a poesia de Francisco Carlos, um autor do moderno teatro regional amazônico, nascido nesta cidade e revelado em São Paulo, por grupos e diretores importantes como Antunes Filho.

O diretor Vital Melo traz em seu currículo trabalhos, Pensão Liberdade, encenada em oitenta e cinco pelo Teatro Comerciário, do Sesc, Pelo Telefone, com o Grupo Jaguretê, na Escola Benjamin Constant, Morte e Vida Severina, com os alunos do TAE, tendo ainda diversas participações como ator em diversos trabalhos. O diretor é um estudioso das diversas modernas da expressão teatral, sendo instrutor no curso livre, que o Teatro dos Artistas e dos Estudantes, oferece de Iniciação ao Teatro, pela Seduc. No momento está desenvolvendo a pesquisa para a montagem, de Poema do Barco do Encante, também de Francisco Carlos, com o elenco de alunos do TAE.

Anexo A – ID 0267

Veículo: A Crítica

Data: 25/05/1989

Página: 05

Caderno/Seção: Cidade.

Seduc promove jornada de cultura na escola

A Secretaria da Educação e Cultura promoverá a 1ª Jornada de Arte e Cultura, amanhã e depois no Teatro dos Artistas e dos Estudantes, nos horários das oito às doze das quinze às dezoito horas.

Elaborada a partir da proposta de trabalho do Secretário José Melo de Oliveira, essa jornada proporcionar a reflexão sobre as múltiplas dimensões da cultura na educação, e ainda propiciar estratégias de abertura de acesso à informação cultural amazônica, nacional e universal, através das linguagens artísticas e da disciplina Educação Artística, na escola. Objetiva discutir os caminhos da revitalização cultural de nossa identidade, enfatizando a importância da defesa da ecologia a partir do movimento cultural gerado a partir da escola. Sugerir a afirmação de conteúdos culturais amazônicos para a Educação Artística e também das linguagens.

A 1ª Jornada de Arte e Cultura da Rede Estadual de Ensino, pretende estabelecer estratégias de Animação Cultural, e ainda criticar de efetivamente realizar com maior intensidade através de sua Coordenadoria de Assuntos Culturais, para o apoio e produção, difusão e promoção cultural, na escola, o que é de estrita competência deste setor da Seduc; afirmando a importância da participação e da função do artista, como animador cultural, e ressaltando a vinculação indissociável entre a educação e a cultura.

São propostas de trabalho apresentadas pela Coordenadoria de Assuntos Culturais, a serem discutidas pelos participantes: A melhoria das condições de ensino da disciplina Educação Artística, com a formulação de programas, que tenham conteúdos regionalizados, refletindo os aspectos sócio culturais do Amazonas e da região, estimulando o jovem ao estudo análise e pesquisa, refletindo com clareza crítica sobre as vivências que acumula no dia-a-dia do bairro.

O reconhecimento da atividade de animação cultural, como forma de apoio ao ensino das linguagens artísticas, mobilização comunitária em torno da arte a partir da escola. O estabelecimento de estratégias de desenvolvimento das linguagens artísticas, através da animação cultural e educação artística. A Secretaria da Educação e Cultura pretende disseminar sua proposta filosófica de que a Escola é a casa da cultura, quanto ao seu espaço físico, constituindo-se como centro cultural de emanção do conhecimento e da produção artística popular, e que o professor de Educação Artística pode estar pronto para emergir a qualquer momento, o animador cultural, pronto para mobilizar o jovem e a criança popular em torno da imensa possibilidade de agir como criador da obra de arte, e que o aluno precisa ser tocado para refletir criticamente, e a se auto-expressar dentro da comunidade onde vive.

A animação cultural objetiva formar o grupo de jovens da escola em torno de atividades, referentes à danças folclóricas, grupos de teatro e dança, sociedades literárias e grupos de estudos.

Programação — Para o dia vinte e seis está prevista a participação do professor José Melo de Oliveira, sendo o tema abordado, "A realidade das atividades culturais e do ensino da arte na escola", com a participação dos professores Jorge Joswiack, "O Teatro com as Crianças"; Rosa Eunice Oliveira, "As atividades da Oficina de Arte numa escola de periferia - a cidade"; Wagner Melo, "O Teatro na Educação"; José Nogueira, "O Festival Marquêsiano"; Lúbia Siqueira e Wilson Reis, "O estudo e a pesquisa das danças regionais", e Wilson Reis; Roberto Bezerra, "Uma proposta de Educação Musical Popular"; Edna Marta Marti, Ana Mendes e Eleusa de Quevedo Cardoso, "A dança na Educação"; Representante do Curso de Educação Artística da Universidade do Amazonas, "O curso de Ed. Artística na U.A., e examinando a sessão matinal. Vital Melo, com "Teatro de Consciência Amazônica".

A tarde a 1ª Jornada, apresenta o seu painel temático, referente à questão cultural como um todo, nas palavras de Jorge Tuffino em "As múltiplas dimensões da cultura e da arte", onde discorrerá sobre a cultura, suas dimensões e manifestações, origens da cultura amazônica, o massacre e o legado; a cultura das elites e as dimensões culturais: a cultura e o homem do interior; a cultura, a constituinte e a constituição. Tendo fecho de Sérgio Vieira Cardoso, sobre "A importância e a função do Animador Cultural".

Veículo: A Crítica

Data: 06/06/1989

Página: 06

Caderno/Seção: Cidade

Bandas e dança no festival

Hoje, dentro da programação do II Festival Universitário de Cultura, iniciam-se as apresentações de bandas, corais e danças, no Teatro da Escola de Mineração, a partir das 20 h.

O espetáculo procurará mostrar o que existe de trabalho nesta área em Manaus. Participarão a banda da Escola Técnica Federal do Amazonas, o Grupo Juventude Nova, o Grupo Dablek, o Coral da Universidade do Amazonas e o Núcleo Universitário de Dança Contemporânea (Nudac).

A Banda da Escola Técnica, sob a regência do maestro Joaquim, foi criada em 84 e já se apresentou diversas vezes fora do Estado. Seu repertório vai do clássico ao popular.

Formado por jovens que acreditam na construção de um mundo novo, unido e que procuram, através das mais variadas atividades, levar essa mensagem, o Grupo Juventude Nova mostrará uma coreografia sobre a relação do homem com a natureza.

O Grupo Dablek, de alunos e ex-alunos do Colégio Marques de Santa Cruz, apresentará uma dança do folclore libanês.

Encerrando a programação do 1º dia, se apresentará o Coral da Universidade do Amazonas e o Nú-

cleo, com o tema "Festa de Israel Mestiço". Esses grupos, ligados ao Setor de Artes da Universidade, são integrados não só por pessoas ligadas diretamente ao meio universitário, como também por pessoas da sociedade. Esse trabalho tem sido desenvolvido procurando aproximar a Universidade da sociedade civil. "Festa de Brasil Mestiço" procura mostrar a influência do negro na formação da nossa cultura. A regência do coral é do maestro Nivaldo Santiago e a coordenação do Nudac é da profª Lia Sampaio.

Amanhã, na programação de bandas, corais e danças, estarão se apresentando a Orquestra Sinfônica Jovem do Amazonas, o Coral do Amazonas, o Grupo de Dança dos Estudantes de Educação Física da Universidade, o Grupo Novo Tempo, o Madrigal Santiago e o Grupo Experimental de Dança do Amazonas.

Exposições — Durante o período do Festival, estarão sendo mostradas exposições de artes plásticas, fotografia e poesia, na Pinacoteca do Estado, no prédio da Biblioteca Pública. A visitação ao público está aberta no horário das 8 h às 20 h, ininterruptamente.

Veículo: A Crítica

Data: 07/06/1989

Página: 05

Caderno/Seção: Cidade

Mostra de vídeos no programa do festival

Hoje a programação do II Festival Universitário de Cultura fica por conta da mostra de vídeos e da apresentação de bandas, corais e danças.

A mostra de vídeo acontecerá no auditório da Escola Técnica Federal do Amazonas, pela manhã, das 9h às 11h, e pela tarde, das 15 às 17h. Serão apresentados diversos trabalhos de autoria de Salete Lima, Tom Zé, Roberto Evangelista, Rogério Casado, Elaine Meneghini e outros. De temas diversos, os vídeos tratam sobre a cultura, a economia e a gente da Amazônia. "Juta", "A Dança das Tucandeiras", "A Lenda do Guaraná", "Patrimônio Histórico", "Balbina, no País da Impunidade", são alguns dos títulos a serem exibidos. Durante a apresentação os produtores presentes falarão a respeito do seu trabalho. A entrada é franca.

No Teatro da Escola de Mineração (av. Brasil, 1102, Compensa), se apresentará, a partir das 20h, bandas, corais e danças. No programa da noite, a Orquestra Sinfônica Jovem do Amazonas, o Coral do Amazonas, o Grupo de Dança dos Alunos de Educação Física da Universi-

dade, o Grupo Novo Tempo, o Madrigal Santiago e o Grupo Experimental de Dança do Amazonas.

A Orquestra Sinfônica Jovem do Amazonas tem quarenta componentes, com a idade entre 14 e 22 anos. A orquestra foi criada a um ano e seu regente é o maestro Dirson Costa, também regente do Coral do Amazonas. Um dos planos da orquestra é a realização de concertos em toda a periferia de Manaus.

O Grupo dos Estudantes de Educação Física da Universidade, coordenado pela professora Chang Yen Yun, apresentará uma coreografia com o tema "Caça Trans-fasmas". O grupo tem cerca de um ano de formado e procura levar a questão da dança e suas técnicas aos estudantes de Educação Física.

O Madrigal Santiago é um dos mais antigos grupos de canto coral de nossa cidade. Com um repertório variado e sob a regência do maestro Nivaldo Santiago, o Madrigal é considerado um dos melhores grupos da cidade. O maestro Nivaldo, além de regente do Madrigal, é também regente do Coral da Universidade do Amazonas.

Anexo A – ID 0270

Veículo: A Crítica

Data: 13/06/1989

Página: 07

Caderno/Seção: Colunismo Social. Gente.

*** O Centro de Estudos de Arte, leia-se Teatro dos Artistas e dos Estudantes, que presta sem dúvida, um essencial serviço de formação artística e em violão popular, teatro com as crianças e interpretação, dança, expressão e movimento, prepara e já abre inscrições para os cursos de férias, com adolescentes e infantes terribles, que vão ocorrer a casa de arte de toda uma novíssima geração de valorosos artistas.

*** Num país onde a arte é um luxo dos que podem pagar, a existência de trabalho assim é um avanço irreversível, e que deve ser consolidado cada vez mais. Sabe-se que está sendo criada a Associação dos Pais e Amigos do TAE, com finalidade de apoiar o trabalho de Wagner Mello, Jorge Joswiack, Marta Marti, Eleusa Cardoso, Chang Yen Yin, Vital Melo, sob a regência do Secretário José Melo de Oliveira, entusiasta deste trabalho, que representa a socialização da arte nesta cidade.

*** O TAE prepara ainda para este mês de junho a Sexta Mostra de Danças Regionais, bailados caboclos, e para julho, a grande mobilização cultural na Mostra Estudantil de Arte Jovem, que deverá juntar todas as escolas da rede estadual de ensino.

Veículo: A Crítica

Data: 17/06/1989

Página: 07

Caderno/Seção: Colunismo Social. Gente.

Festa cigana no TAE

**É tempo de prestigiar a dança contemporânea, que se apresenta hoje e amanhã no Teatro dos Artistas e dos Estudantes. Trata-se de "Ensaio Cigano", pelo Grupo Experimental de Dança — Gedan, dirigido pela professora, coreógrafa e bailarina Conceição Souza, com participação de Ana Cléia, Rai Ferreira, Marcis Vinicius, Ana Mendes, Tenório Cavalcante e a atuação marcante da diretora, que também dança as belíssimas coreografias do grupo.

** Falando de Amor e Camba são as partes exclusivas do Gedan, sendo que os alunos da Escola de Mineração entram no espetáculo com Mimos, Valsa Brilhante, Zoolook e Tango. Vale prestigiar, a partir das oito e trinta, com tickets na bilheteria.

** Uma referência válida ao teatrinho, que além de ser casa de ensino e iniciação, apresenta uma intensa programação de grupos locais. Se cabe algum elogio. Está feito.

Anexo A – ID 0272

Veículo: A Crítica

Data: 30/07/1989

Página: 03

Caderno/Seção: Cidade



Veículo: A Crítica

Data: 02/08/1989

Página: 06

Caderno/Seção: Cidade

Mais um dia de Cultura na pracinha

O Governo do Estado, através da Superintendência Cultural estará realizando no próximo sábado, dia 5 de agosto, a partir das 10 horas, na Praça da Polícia, mais uma "Manhã Cultural", a quinta deste ano, com música, dança, teatro, artes plásticas e literatura.

Entre as principais atrações estão o grupo de dança "Massa", coordenado e coreografado por Kid Mahal e o grupo de capoeira "Mar Azul", coordenado pelo professor Joãozinho, que apresentará os números "Maculelê" e "Samba de Roda".

Para a criançada, o grupo de teatro de fantoche "Alegria da Criança" promete muitas surpresas. As artes plásticas serão representadas pelo artista Edueloson que irá confeccionar seus trabalhos na própria Praça. A intérprete Jane, mostrará o que há de melhor na Música Popular Brasileira, com personalidade e criatividade.

Anexo A – ID 0274

Veículo: A Crítica

Data: 10/08/1989

Página: 10

Caderno/Seção: Variedades. Clube do Cricri. Luciete Batista

Clube do Cricri
Luciete Batista



Vamos todos dançar

- O Clube do Cricri traz na sua edição de domingo uma entrevista com o prefeito Artur Neto falando de sua vida como pai e de seus planos para as crianças de Manaus.
- A Seduc está com matrículas abertas para os cursos de dança e teatro infantil. Turmas à tarde e à noite. Teatro dos Artistas e dos Estudantes (Ramos Ferreira/Major Gabriel). Grátis. Vagas limitadas.
- A Secretaria de Saúde está realizando o Concurso de frases e desenhos contra o Câncer. Crianças e jovens entre 7 e 17 anos podem participar.
- Prêmios valiosíssimos como bilhete de ônibus, cartões de crédito e assinatura anual de revista. Em quadrinhos serão entregues aos vencedores.
- Inscreva-se e pegue o regulamento em sua escola (particular ou estadual) até 30 de agosto.
- Artefatos é o nome do show que o grupo de dança do Teatro dos Artistas e dos Estudantes vai apresentar amanhã e depois neste teatro a partir das 20:30 h.

Anexo A – ID 0275

Veículo: A Crítica

Data: 17/08/1989

Página: 05

Caderno/Seção: Cidade

Reapresentação do Núcleo de Dança

O Núcleo Universitário de Dança Contemporânea, após o seu regresso da Colômbia, onde realizou abundantemente o Festival de Confraternização, fará novamente um espetáculo em nossa Cidade no "Teatro de Linieração Gilberto Mestrinho", dia 19 de agosto, às 21 horas. Esta apresentação constará no seu programa de duas partes: 1ª Gritos, 2ª Festa de Brasil Mestiço, a finalidade deste espetáculo é angariar recursos para cobrir as despesas contraídas com a viagem para a Colômbia. A sociedade amazonense naturalmente se fará presente prestigiando e ajudando ao desenvolvimento das Artes no Amazonas.

Anexo A – ID 0276

Veículo: A Crítica

Data: 18/08/1989

Página: 07

Caderno/Seção: Colunismo Social. Gente.

*** Para amanhã, no Teatro de Mineração Gilberto Mestrinho: espetáculo do Núcleo Universitário de Dança Contemporânea. Dividida em duas partes, a apresentação constará de dois quadros — “Festa de Brasil Mestiço” e “Gritos”. *** Rita-Áttila Lins,

Veículo: A Crítica

Data: 15/09/1989

Página: 05

Caderno/Seção: Cidade

“Grupo Massa” no Teatro dos Artistas

Neste sábado e no domingo o **Grupo de Teatro e Dança Massa** se apresentará no Teatro dos Artistas e dos Estudantes, situado na rua Ramos Ferreira, horário das 20 às 22 horas. O **Grupo Massa** é formado por alunos do colégio Fueth Paulo Mourão (do bairro São Jorge, em Manaus). Composto por 20 dançarinos, o grupo já representou seu trabalho de dança — jazz térmico, estilo funk — na praça da Polícia e praça da Saudade, sob a direção de Kid Mahall e coordenação do professor Luís Carlos Nascimento. Após apresentação, o grupo participará do Fecani — 5º Festival da Canção de Itacoatiara de 28 a 31 de setembro.

A apresentação no Teatro dos Artistas contará com a participação do Grupo Ases do Break (da comunidade do bairro São Jorge). Os ingressos podem ser adquiridos antecipadamente pelo telefone 625-2545 (colégio Fueth) a NCz\$ 4,00.

Anexo A – ID 00278

Veículo: A Crítica

Data: 27/09/1989

Página: 07

Caderno/Seção: Colunismo Social. Gente. Destaques.

***** José Rezende, envia-nos
convite para o cocktail em
comemoração ao 14º. ano de sua
Academia de Ballet Clássico. Na
agenda para o próximo dia 30, às
21 horas. *** D. Zica e D.**

Veículo: A Crítica

Data: 10/10/1989

Página: 05

Caderno/Seção: Colunismo Social.

“Rastros” e “Ulysses” no teatro de Mineração



- Nesta semana, no teatro da escola de Mineração, o espetáculo “Rastros”, que teve **preview** em novembro de 86 no teatro São Pedro de Porto Alegre. No ano de 87, apresentou-se no **Salón de Danse** de Paris e na **October Gallery**, de Londres, além de haver integrado a **Semaine Musicale et Choreographique**, em Cassis.
- Após cumprir **tournee** por outras capitais brasileira, trás ao público desta capital o mesmo espetáculo às noites de 12 e 14 próximas; no referido palco, noites de 14 e 15, “Ulysses”.
- Rosito de Carmine e Valério César integram, unicamente os citados espetáculos coreografados por essa dupla festejadíssima mundo afora. A crítica especializada não tem poupado elogios a esses bailarinos que encerram nesta capital suas apresentações nestes brasis.

Veículo: A Crítica

Data: 11/10/1989

Página: 07

Caderno/Seção: Colunismo Social. Gil.

ção. Mas, imagino que nas novas oportunidades de investimento e de futuras gerações de produtos, especialmente na área de bens de consumo eletroeletrônicos, uma integração entre a política de microeletrônica necessária ao desenvolvimento da informática deve ser buscada de forma a associar a Zona Franca diretamente ao esforço de capacitação tecnológica nacional e fazê-la funcionar como um pólo gerador de divisas para o Brasil, encontrando ao mesmo tempo caminhos para multiplicar a sua riqueza e os seus empregos indispensáveis ao progresso daquela região do país".

• Está aí um candidato que merece nosso respeito e uma atenção mais concisa do eleitorado amazonense. Sua experiência e seu equilíbrio (especialmente no que nos toca de perto) valem que sopesemos seu nome quanto aos demais postulantes. Não compactua com lobbies que tentam nos prejudicar. Certo?

Meg Romaguera, promotora de vendas do GAS-Pan American Airways, circula entre nós.

- A presença dela nesta capital, a fim de ativar as agências de viagens no tocante a estimulação de passagens na rota Brasil-EUA.
- De hoje até sexta, Rosito Di Carmine e Valério Cesio, ministram no setor de artes da UA uma oficina de Revisão Técnica de Dança.
- Amanhã, palestra sobre Tendências da Dança Contemporânea, promovida por esses bailarinos argentinos que se encontram aqui na city, dirigida aos participantes do curso de Educação Artística da UA.



• Rebeca Garcia, linha de frente da geração descompromissada, sob o flash de Barros para a coluna.



• Valério Cesio, no quadro "Imagem" do ballet contemporâneo apresentando-se no teatro de Mineração, esta semana, "Ulysses", em foto de Mathias Cramer.

1

• Fundação Getúlio Vargas: — Nos últimos 10 anos calcula-se que o Brasil tenha sofrido uma sangria de US\$ 18,5 bilhões, conse-

quência do subfaturamento das exportações.

• Tal expressiva evasão através da adulteração de valores do comércio exterior. A fuga de divisas deverá atingir um considerável recorde este ano devido ao elevado âgio no mercado

2

• Em janeiro de 90 no Pavilhão de Congressos da Feira Internacional de Lisboa, dentro do Ano Europeu do Turismo, a Bolsa de Turismo da capital portuguesa.

• Na agenda de 10 a 14 desse mês do próximo ano, paralelamente ocorrerá seminário técnico com o tema "As novas tecnologias aplicadas no Turismo".

• O evento abriará, também, o II Fes-

Veículo: A Crítica

Data: 12/10/1989

Página: 05

Caderno/Seção: Cidade

“Mineração” apresenta “Rastros” e “Ulysses”

Dois grandes espetáculos de balé estão programados para se apresentarem nos dias 12, 13, 14 e 15 de outubro, às 21:00 horas, no Teatro de Mineração, localizado na Av. Brasil, com o apoio da Rede Calderaro de Comunicações (RCC). Trata-se do balé “Rastros” e “Ulysses”, interpretados pelo bailarino gaúcho Rosito de Carmine e coreografados pelo já conhecido internacionalmente Valério de Césio.

“Rastros” é um espetáculo de dança que põe em cena unicamente um intérprete, tomando-se desafio tanto para o coreógrafo quanto para o bailarino. Está dividido em duas partes bastantes distintas, a primeira das quais, “Rastros a céu aberto” é bem mais leve e aberta que a segunda, “Rastros baixo tecto”, que tem maior densidade coreográfica, como explica Valério de Césio, pelo desafio que apresenta ao bailarino.

Segundo Valério de Césio, “Rastros é uma renovação nos espetáculos coreográficos, ousados sem ser vaidoso, explorando suas responsabilidades ao máximo, mesmo quando nos excessos mostra garra e uma inventividade inusuais, especialmente no cuidadoso acabamento.

É bom lembrar que os dois espetáculos serão apresentados em dias alternados, ou seja, nos dias 12 e 14 apresentação de “Rastros” e nos dias 13 e 15 a mostra de “Ulysses”. Este último mostra através da dança a inquietude mitológica e a concepção contemporânea de um personagem clássico, através de uma criação coreográfica eclética. Uma verdadeira festa de significantes que recriam, sob novas óticas, o lendário aventureiro, personagem escravo de sua própria necessidade de desafios. Explica Valério de Césio, já que



Rosito de Carmine em “Ulysses”

foi montado para um único bailarino propõe a definitiva solidão do personagem e reduz as fortes presenças de suas andanças a fantasias e fantasmas, como habitante de um mundo interior no qual está colocada a maior acentuação dramática sendo este o âmbito de vivência e ação do protagonista.

A trilha sonora foi especialmente composta pelo premiadíssimo compositor gaúcho Geraldo Flach, também conhecido por suas parcerias com Ivan Lins e Nana Caymi. A ambientação foi criada por Antonio Castro, arquiteto conhecido pelo seu trabalho nas reestruturações dos teatros São Pedro de Porto Alegre, Municipal de São Paulo e José de Alencar de Fortaleza.

Veículo: A Crítica

Data: 05/11/1989

Página: 03

Caderno/Seção: Cidade

Coral da UA faz a Feira Cultural

O Coral da Universidade do Amazonas promove, no próximo dia 12, das 19 às 23 horas, no Clube dos Oficiais da Polícia Militar, avenida André Araújo (Aleixo) uma Feira Cultural em comemoração ao "Dia da Cultura", que ocorre neste domingo.

A Feira reunirá músicos e artistas amazonenses como Torrinho, Adelson Santos, Pojuçan Barcelos, Alcides Werk, Néllison Silva, Paulinho Kokay; os grupos Caneta Musard, Madrigal Santiago, Raízes Caboclas, além do Núcleo Universitário de Dança (Nudac) e do Coral Universitário. Os ingressos para essa promoção — ao preço de NCz\$ 20,00 — podem ser adquiridos no Setor de Artes, a rua Portuguesa (antiga Tapajós) no prédio onde funcionava a Faculdade de Educação.

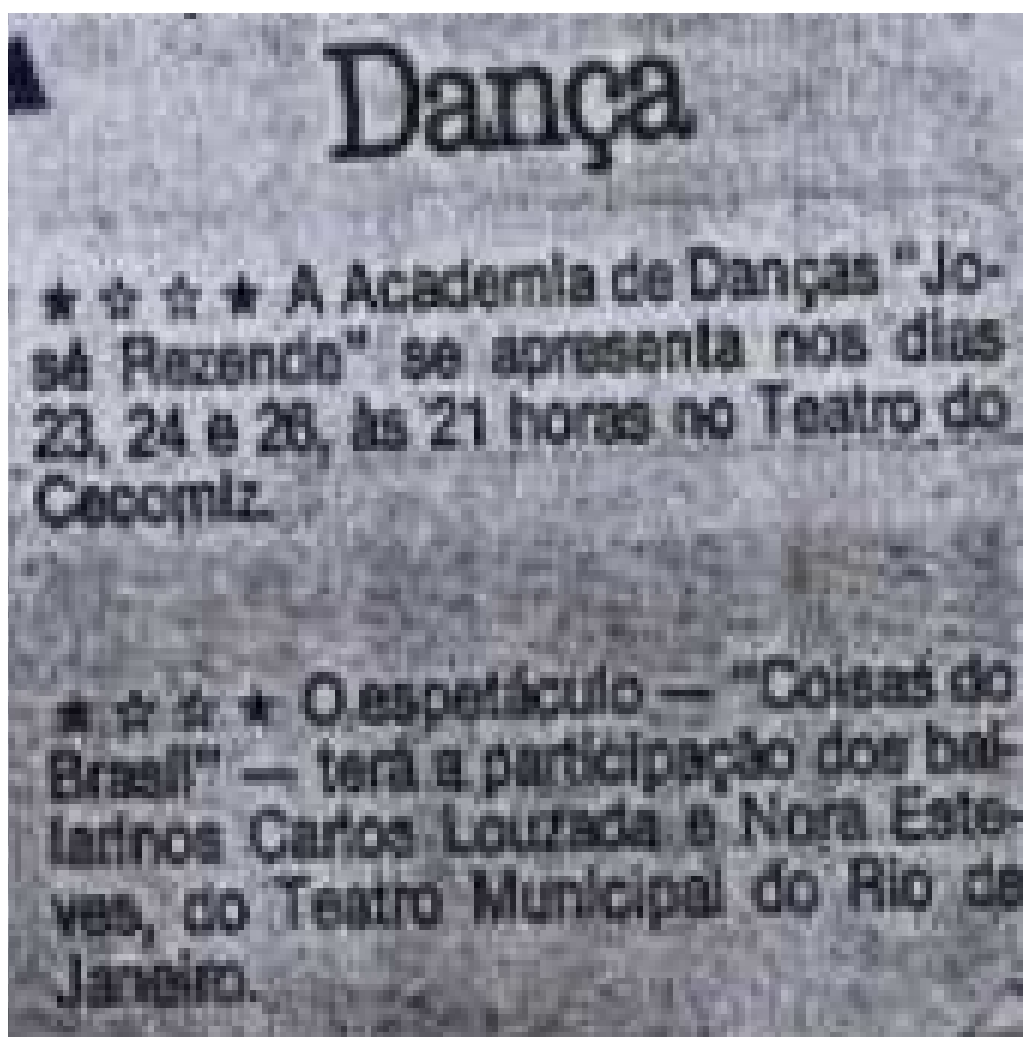
Sorteios de brindes e variados pratos típicos farão parte da Feira Cultural.

Veículo: A Crítica

Data: 22/11/1989

Página: 07

Caderno/Seção: Colunismo Social. Gente.



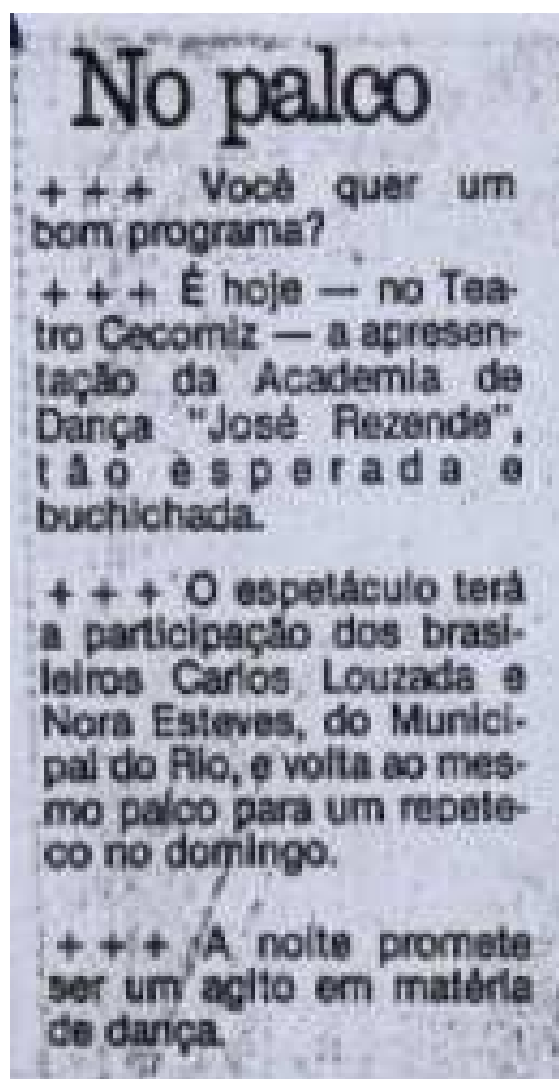
Anexo A – ID 0284

Veículo: A Crítica

Data: 24/11/1989

Página: 07

Caderno/Seção: Colunismo Social. Gente. No Palco



No palco

+++ Você quer um bom programa?

+++ É hoje — no Teatro Cecomiz — a apresentação da Academia de Dança "José Rezende", tão esperada e buchichada.

+++ O espetáculo terá a participação dos brasileiros Carlos Louzada e Nora Esteves, do Municipal do Rio, e volta ao mesmo palco para um repeteço no domingo.

+++ A noite promete ser um agito em matéria de dança.

Anexo A – ID 0285

Veículo: A Crítica

Data: 11/12/1989

Página: 03

Caderno/Seção: Cidade

Medicina promove Noite Cultural

O Diretório Acadêmico de Medicina e o Centro Acadêmico de Odontologia, promovem, no próximo dia 15 de dezembro, no restaurante da Faculdade de Ciências da Saúde (anexo do Hospital Universitário Getúlio Vargas), uma Noite Cultural. A intenção é reunir toda a comunidade acadêmica no último dia do ano letivo da Universidade do Amazonas.

Participam da Noite Cultural, o Núcleo de Dança Contemporânea da UA — Nudac, Paulo Graça, e Carlinos, tocando violão, entre outros convidados. Ao mesmo tempo, haverá exposição de pinturas, fotografias e poesia.

Veículo: A Crítica

Data: 11/12/1989

Página: 03

Caderno/Seção: Cidade

Mostra de Arte Cênica é sucesso na abertura

O sucesso vem no Teatro dos Artistas e danças, a Sétima Mostra Estudantil, de artes cênicas, com a apresentação do Coreto, da Unidade Educacional de São Jorge, sob a regência do professor Joswiach Jr., seguindo-se a peça infantil pelo Grupo de Teatro dos Artistas e dos Estudantes, sob a direção do professor Jorge Joswiach Jr., com o trabalho de fim de ano dos alunos do curso ministrado no período letivo, A Bruxinha, que era Boa, adaptada e criada pelo grupo, num exercício de criatividade coletiva, que resulta num espetáculo dinâmico e cheio de humor, baseado na obra da consagrada Maria Clara Machado. O professor Jorge Joswiach Jr. é especialista na técnica de teatro com as crianças, tendo ministrado diversos cursos, sendo titular do Centro de Estudos e Pesquisas do TAE, e considera sua experiência muito gratificante, e observa o êxito das crianças que participaram de seu curso, todas na faixa de sete a doze anos, e frequentando as séries do 1º grau, e com aproveitamento positivo em sala de aula. Ao todo trinta e cinco alunos participaram do curso que durou cinco meses de intenso trabalho.

A essência do texto de A Bruxinha que era Boa, de várias pesquisas e estudos feitos pelos alunos, que finalmente elegeram este trabalho por tratar de temas atualíssimos, próprios das vivências das crianças, que é o mesmo processo de descoberta do mundo, e enfrentando os conflitos originários de toda uma sociedade, que está invertendo valores do bem e do mal, consagrando a maldade, a falta de virtudes e a morte da ética. A Bruxinha é uma aventura infantil, num mundo de uma sociedade onde a maldade é o ponto de partida para toda a escalada do sucesso, surge uma garotinha que coloca em cheque-mate todo o sistema, onde um bicho maldoso manipula o jogo da maldade, oferecendo um prêmio especial à bruxinha, que mais se destaca por coisinhas ruins: Uma vassoura supersônica. Está claro que A Bruxinha que era Boa, jamais vai ganhar este prêmio, mas um outro bem maior, que é a destruição do Mago e de seu séquito.

Encerrando a programação deste domingo teremos a apresentação do grupo Junupari de Teatro e Dança, da U.E. Alvorada, Escola Petrólio Portela, com o espetáculo infantil juvenil, A Comédia sem Título, de Martins Pena, consagrado autor nacional, com uma obra inteira dedicada à crítica política e social do século dezanove. Sob a direção artística de Francisco Pinheiro e Ivo Teixeira, a comédia transpõe para os dias atuais, as crises matrimoniais típicas de um casal classe média no século passado, e a luta pela sobrevivência, encontros e desencontros, entremeados por uma crítica mordaz ao sistema político imperial, em seus vários estereótipos. O Grupo de Teatro e Dança Junupari está completando sete anos de existência, tendo participado de todas as mostras estudantis de arte cênicas destacando alguns dos principais trabalhos: Marquinhas, de João Piutti; o Fantasmilha, de Maria Miralva, de Maria Clara Machado; O Pecado Inconfessado, de Pedro Bloch; Minhas Noites de Rio, de autoria e direção de Wagner Melo, de vários outros trabalhos de teatro popular, já ministrados pelo grupo sob a orientação de Manoel Herculano da Silva. O Grupo Junupari tem como base a Escola Petrólio Portela, onde mantém em funciona-

mento um centro de atividades artísticas, com aulas de dança, teatro, sessões de vídeo-filmes e concursos culturais mobilizando a comunidade estudantil naquele bairro periférico. A contribuição do Grupo Junupari é considerada inestimável para os jovens, que são motivados a se envolverem nas suas atividades sócio culturais.

Promovida pela Secretaria da Educação e Cultura, através de sua Coordenadoria de Assuntos Culturais, órgão encarregado de proceder no âmbito das escolas da rede pública, o apoio à promoção, difusão, incentivo à produção artística, apoiando as atividades geradas pelos alunos em todas as frentes da expressão artística, a Sétima Mostra Estudantil de Artes Cênicas se constitui no movimento capaz de reunir em treze dias cinquenta e dois espetáculos estudantis e dois amadores, especialmente convidados.

Resulta a Sétima Mostra de um trabalho persistente, desenvolvido a longo prazo, com custos ínfimos e aproveitando como recursos humanos os professores de Educação Artística especializados nas linguagens de teatro e da dança, e os artistas populares, que atuam como animadores culturais verdadeiros educadores da realidade sócio político e cultural de comunidade paupérrimas, que ficam em todas as escolas públicas.

Atualmente a importância da Sétima Mostra transcende aos aspectos institucionais, pertence a seus realizadores, que são os alunos, professores e artistas, mobilizados numa cruzada silenciosa e objetiva, pelo sagrado direito de exercer a auto-expressão, o direito a descoberta da beleza, da poesia, da palavra sentida, da crítica consciente e dos valores da dignidade e do respeito social e da igualdade de todos perante as luzes de um palco iluminado, que nunca vai ter fim. Seus fazedores buscam a Sétima Mostra para alcançar um contato mais direto com a comunidade, envolvê-la, responsabilizá-la e sensibilizá-la para a importância de uma sociedade mais construtiva e voltada para a valorização da criatividade da juventude.

Este ano as unidades educacionais de Parintins, Itacoatiara, e Manacapuru se farão presentes, com seus alunos, apresentando espetáculos de conotação regionalizada, exaltando os valores e referências históricas de seus municípios. A programação de amanhã, dia onze, apresentará os trabalhos: Bento que Bento é o Frade, de Stela Carr, direção de Jorge Joswiach Jr., com os alunos do Grupo de Teatro Infantil do TAE; a dramatização do poema de Castro Alves, Nave Negro, pela Unidade de São Jorge, Escola Fúelh Paulo Mourão, direção do artista popular e ca-poerista Ronaldo Vargas, que dirige o grupo Sementes do Amanhã; em seguida o Grupo de Teatro da Escola Técnica Federal do Amazonas, dirigida pelo professor José Nogueira, com a performance teatral Asas da Liberdade, que apresenta colagens de poemas de Cassiano Ricardo, Thiago de Melo, Evandro Moraes e Toinho Alves, e encerrando a programação desta segunda, teremos: A chegada de Lampião no Inferno, baseada em caracteres criados por Leandro Filho, e adaptada e dirigida por Kid Mahal, com os alunos da escola Fúelh Paulo Mourão, da Unidade Educacional de São Jorge.

A entrada é gratuita, e os espetáculos começam rigorosamente às dez horas em ponto.

Veículo: A Crítica

Data: 12/12/1989

Página: 06

Caderno/Seção: Cidade

O Show Continua no Cine Guarany

Ontem, às 21 horas, no palco do Cine Teatro Guarany, realizou-se, com sucesso, a apresentação dos grupos de bailarinos profissionais e amadores, com "O Show Deve Continuar", sob a coordenação dos coreógrafos Rozimar Monteverde e Marcos Bonfim.

O espetáculo "O Show Deve Continuar", hoje e amanhã, por certo reunirá expressivo público, que o aplaudiu de pé, ontem, em sua primeira apresentação no Cine Guarany.

Os coordenadores do show de balé informam que, para as duas últimas apresentações, ainda há ingressos, que podem ser adquiridos na sede da Gold'Star, na avenida Getúlio Vargas.

Veículo: A Crítica

Data: 13/12/1989

Página: 05

Caderno/Seção: Colunismo Social. Gil.

★ ★ ★ Amaldo Peduto e a Academia Equipe II apresentam no ginásio do Ciec, às noites de 15 e 16 desta semana, o show “Mitos e Filmes de Hollywood” e “Memórias”, “Sangue de Pantera”, com coreografias premiadas no VII Festival Brasileiro de Dança em Joinville. Podem agendar e conferir os espetáculos com muito de jazz para agradar a gregos e troianos.

Anexo A – ID 0289

Veículo: A Crítica

Data: 13/12/1989

Página: 05

Caderno/Seção: Colunismo Social. Gil.



Anexo A – ID 0290

Veículo: A Crítica

Data: 15/12/1989

Página: 03

Caderno/Seção: Cidade

Coisas do Céu na Mostra Estudantil

A programação da Sétima Mostra Estudantil de Artes Cênicas, que a Secretaria da Educação e Cultura, está promovendo até o dia vinte e três, no Teatro dos Artistas e dos Estudantes, através de sua Coordenadoria de Assuntos Culturais, apresenta a partir das dezoito horas a peça infantil O Dragão Verde, de Maria Clara Machado, com direção de Raimundo Souza, pela Unidade Educacional da Cidade Nova, as coreografias de Chang Yen Yin, com o Grupo Infantil do TAE, Da Mãe Natureza, seguindo-se a apresentação de Coisas do Céu, Passaros de Papel, coreografias de Eleusa de Quevedo Cardoso e de Chang e Yen Yin, com o Grupo de Alunas de Iniciação a Dança do TAE; tendo no encerramento a estréia da peça juvenil Lição em Perequequê, de criação coletiva, direção de Kid Mahal, numa apresentação do Grupo Massa, da Unidade Educacional de São Jorge, Escola Fueth Paulo Mourão. A Sétima Mostra Estudantil de Artes Cênicas vem alcançando um público cada vez maior, que comparece aos espetáculos produzidos pelas escolas da rede pública de ensino. Objetiva este trabalho a conquista e a formação de um público jovem para o teatro e a dança, e a mobilização de alunos em torno do fazer artístico, o despertar da criatividade, do sentimento da beleza como ponto de partida para a transformação social.

Anexo A – ID 0291

Veículo: A Crítica

Data: 17/12/1989

Página: 05

Caderno/Seção: Cidade

Domingo cultural envolve desde a criança ao adulto

Neste domingo, depois de cumprir com o dever eleitoral, o público amante de teatro pode desfrutar, a partir das 17 horas até às 21 horas, de sessões contínuas de peças e shows musicais apresentados gratuitamente no Teatro dos Artistas e dos Estudantes, numa promoção do Governo do Estado através da Secretaria de Educação e Cultura.

O horário vespertino, dedicado às crianças, começa às 17 h, com a peça "Pluf, o Fantasma", de Maria Clara Machado, direção de Lara Reis e Marcos Apolo, interpretado pelo Grupo Uirapuru. Logo a seguir, às 18:30h, "Sonhos de Crianças", de Pedro Cavalcante.

À noite o espetáculo começa às 19:30, com a dança "Entregadores de Pizza" pelos alunos da Unidade Educacional da Compensa, dirigidos por Luis Carlos e Amarildo Nascimento. Prosseguindo, às 20:30h, com direção e coreografia de Conceição Souza, será apresentado a dança "Metáforas".

As 21 h, "Show de Mimica" (por uma cultura de paz), apresentado pelo Grupo Raízes, com direção de Márcio Bosco, encerrando a programação deste domingo.

Programa para segunda-feira — "Matizes e Ecologia" inicia às 18h a programação de segunda-feira (18). Tem direção e coreografia de Ana Mendes e participação dos alunos da Unidade Educacional de São Geraldo.

As 19h, o espetáculo fica por conta dos alunos da Unidade Educacional de Itacoatiara, com "Canta Amazonas". Encerrando a noite, a peça "Ainda Esperando Godot", de Cícero Moraes Neto e Henrique Villas Boas, com adaptação de Ivan Castilho e Artur Hidalgo e direção de Tiquinho.

Veículo: Amazonas em Tempo

Data: 19/12/1989

Página: 04

Caderno/Seção: Cultura. 3º Caderno.

Coisas no céu da 7^a mostra estudantil

A programação da Sétima Mostra Estudantil de Artes Cênicas, que a Secretaria da Educação e Cultura está promovendo até o dia vinte e três, no Teatro dos Artistas e dos Estudantes, através de sua Coordenadoria de Assuntos Culturais, apresenta, a partir das dezoito horas, a peça infantil *O Dragão Verde*, de Maria Clara Machado, com direção de Raimundo Souza, pela Unidade Educacional da Cidade Nova, as coreografias de Chang Yen Yin, com o Grupo Infantil do TAE, Da Mãe Natureza, seguindo-se a

apresentação de *Coisas no Céu, Pássaros de Papel*, coreografias de Eleusa de Quevedo Cardoso e de Chang e Yen Yin, com o Grupo de Alunas de Iniciação a Dança do TAE, tendo, no encerramento, a estréia da peça juvenil *Lição em Perequequé*, de criação coletiva, direção de Kid Mahal, numa apresentação do Grupo Massa, da Unidade Educacional de São Jorge, Escola Fuch Paulo Mourão. A Sétima Mostra Estudantil de Arte Cênicas vem alcançando um público cada vez maior, que comparece aos espetáculos produzidos pelas

escolas da rede pública de ensino. Objetiva este trabalho a conquista e a formação de um público jovem para o teatro e a dança e a mobilização de alunos em torno do fazer artístico, o despertar da criatividade, do sentimento da beleza como ponto de partida para a transformação social. Os trabalhos são totalmente elaborados por alunos, professores e artistas populares das comunidades. Sem o brilho dos paetês nem o luxo elitista, com a clareza de que tudo é necessariamente precário, para que a força criativa seja maior que a falta

de recursos e a falta de interesse e de apoio, que, infelizmente, ainda existem detectadas em algumas escolas, que teimam em tratar a arte de forma preconceituosa e arcaica, a Sétima Mostra é, antes de tudo, um movimento de resistência ao imobilismo cultural e ao distanciamento de nossas raízes de expressão artística. Não há, pois, como exigir, formatos do teatro clássico, profissional ou amador, no que diz respeito aos resultados estéticos apresentados. O jogo da descoberta do potencial artístico dos crianças, que vem da periferia da cidade, não envolve este código preconceituoso de valores: estamos diante do desafio entre a arte e a paupéria social. A entrada é gratuita.

Veículo: A Crítica

Data: 20/12/1989

Página: 05

Caderno/Seção: Cidade

Mostra Estudantil é sucesso garantido

Prosseguindo em sua vasta e variada programação, a "7ª. Mostra Estudantil de Artes Plásticas" já se encontra na segunda semana de absoluto sucesso de público. Composta de peças de teatro e danças modernas que são apresentadas diariamente no Teatro dos Artistas e dos Estudantes, esta promoção do Governo do Estado com apoio da Secretaria de Educação através da Coordenadoria de Assuntos Culturais, vem atingindo sua meta que é a de integrar público e artistas, estimulando os valores regionais.

A programação de ontem começou às 18h com a peça "Tortura de um coração", de Ariano Suassuna, com direção de Haroldo Maia e participação dos alunos da Unidade Educacional do Japiim. Em seguida, às 19h, será apresentada a dança moderna "Vida que te quero verde", com direção e coreografia de Ieda Cláudia Cunha e Rejane Vasconcelos.

Veículo: Amazonas em Tempo

Data: 20/12/1989

Página: 03

Caderno/Seção: Cidade. 2º Caderno.

“Jazz Dance” abre série de espetáculos de estudantes

Todos os dias, desde o dia 10 até 22 deste mês, inteiramente grátis, no Teatro dos Artistas e dos Estudantes os apreciadores de artes cênicas tem uma vasta e variada programação composta de 52 espetáculos entre peças teatrais e danças modernas. Tudo patrocinado pelo Governo do Estado, com promoção da Secretaria de Educação e Cultura e coordenação de Sérgio Cardoso, da Coordenadoria de Assuntos Culturais.

A programação de hoje começa às 17 horas e vai até às 21 horas, em sessões contínuas. “Jazz Dance” inicia o espetáculo com participação especial dos alunos da Unidade Educacional da Compensa, tendo na direção e coreografia a professora Conceição Souza.

Às 18 horas será apresentado a criação coletiva “Confusão no Varal”, com direção de Socorro

Jezine e participação dos alunos da escola Djalma Batista da Unidade Educacional do Japiim. Já às 19 horas “Os Palhaços da Alegria”, também criação coletiva, com direção de Marcos Apolo, interpretado pelo “Grupo Dom Quixote”.

Às 20 horas, sessão destinada à clientela juvenil e adulta, será apresentada a peça “A Idade do Sonho”, de Tônia Carvalho, direção de Raimundo Souza e participação dos alunos da Cidade Nova. Encerrando a noite “As Pastorinhas” estudo e pesquisas de Luzenita, Alzira Barroncas, Maria Ferreira e Ruth, com direção de Luzenita Melo.

Amanhã serão apresentados os seguintes espetáculos: a peça “Histórias ao Vento”, dança moderna “Sensual”, “Asas da Liberdade” e no “País dos Prequetes”.

Veículo: A Crítica

Data: 21/12/1989

Página: 03

Caderno/Seção: Cidade

Manhã cultural ficou para o próximo sábado

Devido às fortes chuvas que castigaram a capital amazonense no último sábado, foi adiado para este sábado, a partir das 10 horas na Praça Heliodoro Barbosa, a última Manhã Cultural do ano promovida pela Superintendência Cultural do Amazonas, com o objetivo de integrar povo e arte, dando oportunidade ao público de conhecer de perto os valores da terra, ao mesmo tempo em que aproxima o artista da platéia.

O show musical ficará por conta dos compositores e intérpretes Raulney e Carlinhos

Camelo, enquanto a parte de teatro ficará sob a responsabilidade do grupo teatral Pôrta Aberta, coordenado por Luiz Vitale. Paralelamente os artistas plásticos Domingos Rocha e Edgar Alecrim estarão realizando seus trabalhos artísticos na própria praça.

Em seguida estará se apresentando o grupo de dança Gedeam, sob a coordenação da professora Conceição Souza, apresentando dois espetáculos de dança moderna, um infantil e outro juvenil.

Veículo: A Notícia

Data: 21/12/1989

Página: 06

Caderno/Seção: Cidade

Nudac faz encerramento apoteótico

Um espetáculo dedicado à nova administração da Universidade do Amazonas, hoje, às 21 horas, na Escola de Mineração, marcará o encerramento das atividades do Núcleo Universitário de Dança Contemporânea - NUDAC, em 1989. Além de várias apresentações para a comunidade universitária, o NUDAC participou durante o ano de vários espetáculos públicos, com a Festa da Solidariedade, no Dia Mundial da AIDS, e o Festival de Confraternidade Amazônica, em Leticia (Colômbia).

Constam da programação de encerramento do ano, várias peças de autoria dos próprios integrantes do grupo, sob a orientação da coreógrafa Lia Sampaio, e coreografias sobre canções de Nando Carneiro, esboçando, desde já, a linha de trabalho a ser seguida no próximo ano.

Veículo: A Notícia

Data: 21/12/1989

Página: 06

Caderno/Seção: Cidade

Mostra de Artes Cênicas vai encerrar

Já está entrando nos últimos dias a apresentação da 7ª Mostra Estudantil de Artes Cênicas" promovida pelo Governo do estado através da secretaria de educação e Cultura, que apresenta diariamente no Teatro dos Artistas e dos Estudantes espetáculos de dança moderna e peças teatrais desenvolvidos pelos alunos de arte da rede estadual de ensino.

Mais da metade dos 53 espetáculos já foram apresenta

Veículo: A Notícia

Data: 21/12/1989

Página: 08

Caderno/Seção: Geral

Manhã Cultural encerra

Devido às fortes chuvas que castigaram a capital amazonense no último sábado, foi adiado para este sábado, dia 23, a partir das 10 horas na praça Heliodoro Balbi, última manhã cultural do ano promovida pela Superintendência Cultural do Amazonas, com o objetivo de integrar povo e arte, dando oportunidade ao público de conhecer de perto os valores da terra, ao mesmo tempo em que aproxima o artista da platéia.

O show musical ficará por conta dos compositores e intérpretes Raulney e Carlinhos Carneiro, enquanto a parte de teatro ficará sob a responsabilidade do grupo teatro Pombal, coordenado por Luiz Vitale. Paralelamente os artistas plásticos Domingos Rocha, Edgar Alecrim estarão realizando seus trabalhos artísticos na própria praça.

Em seguida estará se apresentando o grupo de dança Gedeam, sob a coordenação da professora Conceição Souza, apresentando dois espetáculos de dança moderna, um infantil e outro juvenil. Para animar a criançada, palhaços improvisarão shows com peças teatrais. Como já é de praxe, a Superintendência Cultural fará sorteios de livros e posters de poesias classificadas no último concurso realizado este ano em Itacoatiara.

Anexo A – ID 0299

Veículo: A Crítica

Data: 22/12/1989

Página: 06

Caderno/Seção: Cidade

Artes Cênicas encerra programação

Só tem hoje e amanhã de teatro grátis no Teatro dos Artistas e dos Estudantes. Esta promoção da Secretaria de Educação e Cultura através da Coordenação de Assuntos Culturais tem o patrocínio do governo do Estado que pretende assim propiciar o surgimento de novos talentos e estimular o gosto pela arte como forma de auto-expressão na infância e na juventude, afirma o secretário de Educação, José Melo.

Esta "7ª. Mostra Estudantil de Artes Cênicas", promovida pelo governo do Estado, está sendo apresentada diariamente desde o dia 10 deste mês, encerrando amanhã com cerca de 52 espetáculos diferentes que foram desenvolvidos durante o ano letivo nas escolas do ensino público do Estado.

Programa de hoje — A programação de hoje começa mais cedo, às 10h30min, com a peça de teatro infantil "A Menina sem Nome", de Guilherme Figueiredo, direção de Elias Monteiro e participação dos alunos da Unidade Educacional da Betânia.

Proseguindo, às 18h, será a vez da peça "Dona Patinha vai ser miss", de Artur Maia, encenada pelos alunos da Escola Benjamim Constant. Às 19h, será apresentada a dança "Mu-Danças" com direção e coreografia de Eleusa Cardoso, com participação do grupo do Teatro dos Artistas e dos Estudantes.

O espetáculo desta noite será encerrado com "Palco Brasil", de José Correa, direção de Augusto Marinho com participação da Unidade Educacional do Parque 10.

Programa do dia 23 — "Pânico" (L.D.S.) dança, e "Melodia Sentimental" dança, abrem a programação de hoje à noite, às 19 horas, com a direção Adalto Gi e participação dos alunos de arte da Escola E. Antônio Portela.

Anexo A – ID 0300

Veículo: A Notícia

Data: 22/12/1989

Página: 07

Caderno/Seção: Cidade

Espetáculos grátis para a população

Só tem hoje e amanhã de teatro grátis no Teatro dos Artistas e dos Estudantes. Esta promoção da Secretaria de Educação e Cultura através da Coodenação de Assuntos Culturais tem o patrocínio do Governo do Estado que pretende assim propiciar o surgimento de novos talentos e estimular o gosto pela arte como forma de auto-expressão na infância e na juventude, afirma o secretário de Educação, José Melo.

Esta "7ª Mostra Estudantil de Artes Cênicas" promovida pelo Governo do Estado, está sendo apresentada diariamente desde o dia 10 deste mês encerrando amanhã, com cerca de 52 espetáculos diferentes que foram desenvolvidos durante o ano letivo nas escolas de ensino público do Estado.

PROGRAMA DE HOJE

A programação de hoje começa mais cedo, às 16:30h, com a peça de teatro infantil "A Menina sem Nome" de Guilherme Figueiredo, direção de Elias Monteiro e participação dos alunos da Unidade Educacional da Betânia.

Prosseguindo, às 18h, será a vez da peça "Dona Patinha vai ser miss" de Artur Maia, encenada pelos alunos da Escola Benjamin Constant. Às 19h, será apresentado a dança "Mu-Danças" com direção e coreografia de Eleusa Cardoso, com participação do grupo do Teatro dos Artistas e dos Estudantes.

O espetáculo desta noite será encerrado com "Palco Brasil" de José Correa, direção de Augusto Marinho com participação da Unidade Educacional do Parque 10.

PROGRAMA DO DIA 23

"Pânico" (A.I.D.S.) dança, e "Melodia Sentimental" dança, abrem a programação de hoje à noite, às 19 horas tendo na direção Adalto Gil e participação dos alunos de arte da escola Petrólio Portela.

A partir das 20 horas será escolhida a rainha da "7ª Mostra Estudantil de Artes Cênicas".

Anexo A – ID 0301

Veículo: A Crítica

Data: 22/12/1989

Página: 11

Caderno/Seção: Cidade

Penúltimo dia da Mostra Estudantil

Hoje é o penúltimo dia da 7ª Mostra Estudantil de Artes Cênicas, que a Secretaria da Educação e Cultura está realizando no Teatro dos Artistas e dos Estudantes. Duas semanas intensas de apresentações, que se sucederam mobilizando a comunidade estudantil da rede estadual de ensino, em espetáculos de teatro, dança e música. No palco devem ter passado, quase mil artistas estudantis, na platéia, quase dois mil e quinhentos se revezaram em aplaudir os trabalhos que vem dos bairros da cidade.

Para o Secretário José Melo, titular da Educação e Cultura, a 7ª Mostra é um movimento de cultura popular da juventude e da infância, e a sua realização é um êxito de alunos, e professores artistas.

Na programação de hoje, a Unidade da Betânia, comparece com o Grupo Pirata, dirigido pelo artista e animador cultural Elias Monteiro, com o espetáculo infantil A Menina Sem Nome, adaptação da obra de Guilherme Figueiredo, com alunos da Escola Antonio Lucena Bittencourt.

O Grupo de Teatro e Dança Jagaretê, da Escola Benjamin Constant, Unidade Centro III, apresenta o espetáculo infantil dirigido pela professora Rosa Cabral, e cenografia de Wagner Melo, a peça infantil Dona Patinha vai ser Miss, de Artur Maia.

O Grupo Infantil de Dança do Teatro dos Artistas e dos Estudantes, dirigido pela professora Eleusa de Quevedo Cardoso, apresenta o espetáculo MUDanças, criado e montado a partir de canções populares e temas que refletem o momento político atual, tratando-se basicamente do direito da infância e da cultura, com cenografia de Sérgio Cardoso.

Amanhã ocorrerá o encerramento da 7ª Mostra, com a presença do secretário José Melo e de autoridades, e com a participação maciça de todos os grupos que se apresentaram, vivendo o momento de confraternização, sendo apresentado o Grupo de Teatro Dança Jurupari, com o Grupo de alunas iniciantes, as Fábricas, e com o Grupo de Bailarinos, o espetáculo Melodia Sentimental e Pânico.

A partir das 18 horas, com entrada

Veículo: A Notícia

Data: 22/12/1989

Página: 02

Caderno/Seção: Cultura. Teatro.

Teatro

Penúltimo dia da mostra estudantil

Hoje é o penúltimo dia da 7ª Mostra Estudantil de Artes Cênicas, que a Secretaria da Educação e Cultura está realizando no Teatro dos Artistas e dos Estudantes. Duas semanas intensas de apresentações, que se sucederam mobilizando a comunidade estudantil da rede estadual de ensino, em espetáculos de teatro, dança e música. No palco devem ter passado, quase mil artistas estudantis, na plateia, quase duas mil e quinhentos se revezaram em aplaudir os trabalhos que vêm dos bairros da cidade.

Para o secretário José Mello, titular da Educação e Cultura, a 7ª Mostra é um movimento de cultura popular da juventude e da infância, e a sua realização é um êxito de alunos, e professores e artistas.

Na programação de hoje, a Unidade da Betânia, comparece com o Grupo Pirata, dirigido pelo artista e animador cultural Elias Monteiro, com o espetáculo infantil. A Menina sem Nome, adaptação da obra de Guilherme Figueiredo, com alunos da Escola Antonio Lucena Bittencourt.

O Grupo de Teatro e Dança Jaguaré, da Escola Benjamin Constant, Unidade Centro III, apresenta o espetáculo infantil dirigido pela Professora Rosa Cabral, e cenografia de Wagner Mello, a peça infantil Dona Patinha vai ser Miss, de Artur Maia.

O Grupo Infantil de Dança do Teatro dos Artistas e dos Estudantes, dirigido pela professora Eleusa de Quevedo Cardoso, apresenta o espetáculo MUDanças, criado e montado a partir de canções populares e temas que refletem o momento político atual, tratando-se basicamente do direito da infância e da cultura, com cenografia de Sérgio Cardoso.

A Unidade Educacional de Ita-



A Bruxinha que era Boa de Maria Clara Machado, com o Grupo de Teatro Infantil do Teatro dos Artistas e dos Estudantes

coatiara se apresenta com o espetáculo Canta Amazonas, dirigido pela professora Betty, envolvendo teatro e dança.

Encerrando a programação teremos a apresentação dos alunos do Professor Jorge Joswiack, na peça Ainda Esperando Godot, com direção de Tuiquinho.

Amanhã ocorrerá o encerramento da 7ª Mostra, com a presença do Secretário José Mello e

de autoridades, e com a participação maciça de todos os grupos que se apresentaram, vivendo o momento de confraternização sendo apresentado o Grupo de Teatro e Dança Jurupari, com o Grupo de alunas iniciantes, em Fábricas, e com o Grupo de Bailarinos, o espetáculo Melodia Sentimental e Pânico.

A partir das 18 horas, com entrada franca.



A Comédia sem Título de Martins Pena, com o Grupo de Teatro de Dança Jurupari

Veículo: Amazonas em Tempo

Data: 22/12/1989

Página: 01

Caderno/Seção: Cultura em dia. 3º Caderno. George Cúrcio.

Texto: George Cúrcio

Esta em cartaz no Teatro dos Artistas e dos Estudantes (TAE), rua Ramos Ferreira, 1572, esquina com Major Gabriel, a 7.ª Mostra Estudantil de Artes Cênicas, numa promoção da Secretaria de Educação e Cultura (Seduc), que objetiva criar um movimento onde o aluno de 1.ª e 2.ª Graus tenha a oportunidade de exercitar a auto-expressão artística, através do teatro e da dança.

Aberta no dia 10 de dezembro, a Mostra conta, hoje, com mais de cinquenta trabalhos apresentados por professores, alunos e artistas da comunidade, ambos envolvidos num mútuo de interpretação, cenografia, figurinos, adereços, iluminação e som.

O objetivo da 7.ª Mostra é formar um público que se identifique com as expressões cênicas, as manifestações de arte e criatividade e que desperte a sensibilidade e a busca do prazer estético.

Com poucos recursos financeiros e dificuldades de materiais e os contratemos, a 7.ª Mostra Estudantil firma a estratégia de que trabalho e criatividade superam a precariedade. Sempre que as pessoas se associam em torno de um objetivo comum, reflete um elevado interesse comunitário, relembra o

assessor para Assuntos Culturais da Seduc, Sérgio Vieira Cardoso. Segundo ele, mesclar com trabalhos de eclosão artística, onde o jovem pisou no palco pela primeira vez, a voz, os gestos e os atos são os da descoberta de si próprio e de seu talento, como também de espetáculos mais elaborados.

A 7.ª Mostra expõe os dilemas da produção artística local, onde a formação, o aprimoramento e a reciclagem de artistas são fundamentais e necessários. Sem clima de ufanismos, sentencia Sérgio Cardoso, os grupos confraternizam-se, aplaudem-se e

trocam informações. É fácil observar que eles não cultuam a competitividade, acreditando que, neste momento, a solidariedade é o melhor caminho para construir uma nova geração de artistas, descartada da autoglia que destruiu — eletivamente — todas as organizações amadoras de arte cênicas no Amazonas, mais situado, em Manaus.

PALCO MONTADO

O Teatro dos Artistas e dos Estudantes, palco da Sétima Mostra, que funciona como escolinhas de teatro e dança, foi a unidade que mais trabalho mostrou ao

público, além de ser o único espaço cênico aberto permanentemente desde sua fundação em 5 de novembro de 86. Ao todo, foram apresentados, no Teatro dos Artistas, perto de 1.500 espetáculos estudantis, amadores e profissionais. É uma média de mais de um espetáculo por dia e, segundo Sérgio Cardoso, esta marca só foi possível porque as portas do Teatro estiveram sempre abertas para todo e qualquer espetáculo ligado às artes cênicas.

ESPETÁCULOS DE HOJE

A programação da Sétima Mostra para hoje é composta das seguintes peças:

A Menina Sem Nome, direção de Elias Monteiro, da Unidade da Betânia, escola Antônio Bittencourt; Dona Patinha Vai Ser Miss, direção da professora Rosa Cabral, da Unidade Centro 3 escola Benjamin Constant; Mu-Danças, direção e coreografia de Eleuza Cardoso, com alunos do grupo de dança do Teatro dos Artistas; Danças Folclóricas, do grupo Vinho de Itacoatiara. Encerrando a programação do dia, a Sétima Mostra de Teatro Estudantil traz o trabalho de Tiquinho com alunos do grupo de teatro do Teatro dos Artistas, intitulada Ainda Esperando Godot, que é uma adaptação sobre a análise elaborada por Samuel Beckett. Esta peça retrata a busca do ser humano consigo mesmo.



• Cenas da Comédia sem Título, de Martins Pena, com o grupo Jurupari

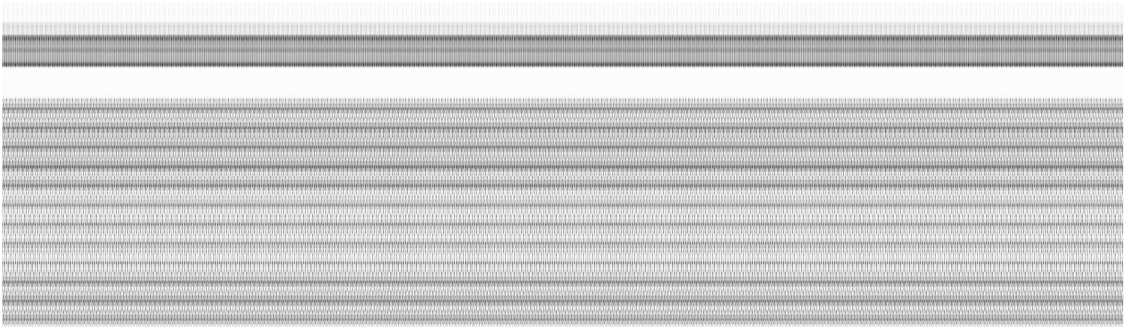
Anexo A – ID 0304

Veículo: A Crítica

Data: 23/12/1989

Página: 06

Caderno/Seção: Cidade



Veículo: Amazonas em Tempo

Data: 23/12/1989

Página: 02

Caderno/Seção: Cidade

Mostra Estudantil chega ao final hoje com danças

Depois de treze dias de atividades e com uma programação variada, termina hoje a 7.^a Mostra Estudantil de Artes Cênicas, promoção da Secretaria de Educação e Cultura através da Coordenação de Assuntos Culturais, com o patrocínio do Governo do Estado.

Com espetáculos apresentados diariamente no Teatro dos Artistas e dos Estudantes, a Mostra Estudantil de Artes Cênicas foi realizada pela sétima vez este ano, cumprindo assim seu maior objetivo que é o de estimular o gosto pela arte como forma de auto-expressão na infância e na juventude, além de proporcionar o surgimento de novos valores.

Desde o dia 10 deste mês foram apresentados cerca de 52 espetáculos diferentes, entre peças teatrais e danças modernas, que foram desenvolvidos durante todo o ano letivo de 89 pelos alunos das Unidades Educacionais e Escolas da rede de ensino público do Estado.

Apesar das imensas dificuldades para a elaboração dos trabalhos nas escolas, onde muitas vezes foi necessário superar obstáculos como o preconceito, que ainda existe contra as atividades artísticas, professores e alunos que atuam nesta área de Teatro e Dança, mostraram-se satisfeitos com os resultados da 7.^a Mostra, e com a importância que ela representou não apenas como fator de integração social, mas principalmente como mobilização para que o jo-

vem pudesse exercer o seu imenso potencial criativo de modo positivo, interferindo e desenvolvendo uma consciência de observação crítica, junto a todos os setores da vida.

Para o secretário da Educação e Cultura este trabalho foi considerado, como nos anos anteriores, vitorioso e refletiu plenamente a proposta do governo Amazonino Mendes de apoiar nas escolas, o surgimento de novos talentos e de propiciar o gosto e o interesse pela arte.

A Sétima Mostra ofereceu ao público amazonense, diariamente e de modo gratuito, espetáculos de Teatro Infantil, e dança resultantes de um trabalho desenvolvido, durante o ano letivo de 89, pelos Centros de Artes e Grupos de Teatro e Dança que funcionam como uma verdadeira tradição, pois reúnem normalmente Grupos Culturais Estudantis de alunos do 1.^o e 2.^o graus das Escolas da rede estadual de ensino.

Encerrando suas atividades deste ano a 7.^a Mostra Estudantil de Artes Cênicas oferecerá uma programação que apresentará, a partir das 19:00 horas as danças "Pânico" (A.I.D.S) e "Melodia Sentimental", tendo na direção Adalto Gil e participação dos alunos de arte da escola Petrônio Portela.

A partir das 20 horas será escolhida a rainha da "7.^a Mostra Estudantil de Artes Cênicas" e para encerrar a noite serão apresentados os shows "Os Maltratados sem Sucesso", "Mundico Siringuela" e o "Presidenciável".

Veículo: Amazonas em Tempo

Data: 23/12/1989

Página: 04

Caderno/Seção: Cultura. 3º Caderno. Sétima Mostra.

SÉTIMA MOSTRA

Apagar das Luzes

Neste sábado, encerra a 7.ª Mostra Estudantil de Artes Cênicas, que a Secretaria de Educação e Cultura está promovendo no Teatro dos Artistas e dos Estudantes, rua Ramos Ferreira, 1372. Durante quinze dias, cinquenta trabalhos produzidos por alunos, professores e artistas foram mostrados para um público constante, que lotou as dependências do teatrinho da rua Ramos Ferreira.

O êxito de todo este trabalho pertence aos jovens e crianças que estiveram participando, aos pais que apoiaram os seus filhos, e ao público que compareceu em massa ao teatro, declarou o Secretário da Educação e Cultura, José Melo de Oliveira, enfatizando o trabalho da equipe de professores, artistas técnicos, cenógrafos da Coordenadoria de Assuntos Culturais, sob a orientação de Sérgio Vieira Cardoso.

Na programação de hoje, a apresentação do Grupo de Dança da Escola Petrólio Portela no espetáculo Fábricas, coreografias de Adalto Gil. Encerrando, o Grupo de Teatro e Dança Jurupari apresenta o trabalho de dança contemporânea, Melodia Sentimental, uma evocação coreográfica ao amor em tempos pós-modernos e Pânico, onde serão mostradas as visões do preconceito, da dor e da esperança com relação à questão da Aids.



Comédia Sem Título, de Martins Pena, muito aplaudida.

A direção e as coreografias são de Adalto Gil. Logo após, haverá a escolha das Rainhas da 7.ª Mostra Estudantil, sendo uma pelos grupos infantis e outra, pelos adolescentes, dentre todos os grupos que participaram da 7.ª Mostra. Neste conagração, o que vai contar é o talento, uma vez que todos farão para o público trechos dos trabalhos em que participaram.

DESPEDIDA

A Sétima Mostra despede-se, afirmando o

movimento da cultura popular, de teatro e dança nas escolas públicas. Sem ufanismos institucionais, na certeza de que muito mais precisa ser feito pela cultura da cidade e de todo o estado. **A comunidade tem que se conscientizar de que a cultura é um direito de todos, e não uma benesse concedida a ungidos pelas trompas do apocalipse, de um parnasso elitista, que já chafurdou, explica Sérgio Cardoso. Esperar um movimento de expressão clássica, onde o pós-moderno já se foi com**

os anos oitenta, dentro de um evento de pura eclosão de valores, que vem dos subúrbios, é um ato de distanciamento da carência total, das crianças e dos jovens da cidade de Manaus. Do mesmo modo que é uma profunda burrice imaginar a juventude da periferia com head-phone na cabeça, ouvindo palavras numa língua distante daqui. A cultura não é propriedade do Estado, nem de áulicos, que fazem figurações em cargos públicos. A comunidade tem que cobrar o seu espaço e o seu direito à cultura, e que este lhe seja dado com clareza, e que nós, artistas, não permitamos mais que nos usem como álibi da impotência, da hipocrisia dos falsos apoios à cultura, desabafa Sérgio Cardoso. O movimento gerado pela Sétima Mostra, concluiu o artista, e coordenador de Assuntos Culturais, afirma uma relação madura e equilibrada para com a comunidade, que produz arte, apenas com a pretensão de agir na sociedade, com a auto-expressão de ideias, que, com certeza, foram valorizadas. É importante que o artista retome o sentimento de dignidade e de solidariedade e se organize, e que o artista não seja o lobo do próprio artista.

Veículo: A Notícia

Data: 27/12/1989

Página: 02

Caderno/Seção: Cultura

Encerrada a 7.^a Mostra Estudantil de Artes Cênicas

Sábado passado foi o encerramento da 7.^a Mostra Estudantil de Artes Cênicas, que a Secretaria da Educação e Cultura estava promovendo no Teatro dos Artistas e dos Estudantes.

Durante quinze dias, cinquenta trabalhos produzidos por alunos, professores e artistas foram mostrados para um público constante, que lotou as dependências do teatrinho da rua Ramos Ferreira.

O êxito de todo este trabalho pertence aos jovens e crianças, que estiveram participando, aos pais que apoiaram os seus filhos, e ao público que compareceu, declarou o Secretário da Educação e Cultura José Melo de Oliveira, enfatizando o trabalho da equipe de professores, artistas técnicos, cenotécnicos da Coordenadoria de Assuntos Culturais, sob a orientação de Sérgio Vieira Cardoso.

Encerrando o Grupo



de Teatro e Dança Jurupari, apresentou o trabalho de dança contemporânea, Melodia Sentimental, uma evocação coreográfica aos amores e tempos pós-modernos e Pânico, onde foram mostradas as visões do preconceito, da

dor e da esperança em relação a questão da AIDS.

A direção e as coreografias são de Adalto Gil.

Após o espetáculo realizou-se a escolha das Rainhas da 7.^a Mostra Estudantil, sendo uma

pelos grupos infantis e outra pelos adolescentes e dentre todos os grupos que participaram da 7.^a Mostra.

A Sétima Mostra se despede afirmando o movimento da cultura popular, de teatro e dança nas escolas públicas.